

ISSN 0100-1965 e-ISSN 1518-8353

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

v.52 n.1 janeiro/abril de 2023



Dossiê Internacional Arte da Bibliografia:
Bibliografia e Justiça Social



Ciência da Informação
v.52 n.1 jan./abr. 2023

ISSN 0100-1965 eISSN 1518-8353

**1º Periódico da Ciência da
Informação Trilíngue - PT / IN / ES**

*11st Trilingual journal of Information Science -
PT / IN / ES*

*1ª Revista de Ciencia
Información trilingüe - PT / IN / ES*

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict)

Diretoria

Tiago Emmanuel Nunes Braga

Coordenação-Geral de Pesquisa e Desenvolvimento de Novos Produtos (CGNP) (Substituto)

Cecilia Leite

Coordenação-Geral de Pesquisa e Manutenção de Produtos Consolidados (CGPC) (Substituto)

Washington Luís Ribeiro de Carvalho Segundo

Coordenação-Geral de Tecnologias de Informação e Informática (CGTI) (Substituto)

Milton Shintaku

Coordenação de Ensino e Pesquisa, Ciência e Tecnologia da Informação (COEPI)

Ricardo Pimenta

Coordenação de Planejamento, Acompanhamento e Avaliação (COPAV)

Henrique Denes

Coordenação de Administração (COADM)

Carlos André Amaral de Freitas

Divisão de Editoração Científica

Gustavo Silva Saldanha

Indexação

Ciência da Informação tem seus artigos indexados ou resumidos.

Indexador

- 1) [LISTA – Library, Information Science & Technology Abstracts](#)
- 2) [BRAPCI](#)
- 3) [BibCnrs](#)
- 4) [EBSCO Essentials](#)
- 5) [Academic Journals Database](#)
- 6) [CLASE](#)
- 7) [Diadorim](#)
- 8) [DOAJ – Diretório](#)
- 9) [PKP – Diretório](#)
- 10) [Sumários.org –Diretório](#)
- 11) [EZB – Electronic Journals Library – Diretório](#)
- 12) [Google Scholar – Diretório](#)
- 13) [Latindex – Diretório](#)
- 14) [LivRe Portal de periódicos](#)
- 15) [Portal CAPES – Portal de periódicos](#)
- 16) [Bielefeld Academic Search Engine \(BASE\) Repositório OAL, Motor de busca](#)
- 17) [E-Lis – Repositório temático](#)
- 18) [RIDI – Repositório temático](#)
- 19) [CAPES](#)
- 20) [SCIMAGO](#)
- 21) [CCUC](#)

Editada em janeiro de 2023.

Última edição em abril de 2024.

Publicada em setembro de 2023.

Ciência da Informação
v.52 n.1 jan./abr. 2023

ISSN 0100-1965 eISSN 1518-8353

1º Periódico da Ciência da
Informação Trilingue - PT / IN / ES

1st Trilingual journal of Information Science -
PT / IN / ES

1ª Revista de Ciencia
Información trilingüe - PT / IN / ES



2023 Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict)

Os autores e os editores convidados do Dossiê Internacional Bibliografia e Justiça Social são responsáveis pela apresentação dos fatos contidos e opiniões expressas nesta obra.

Equipe técnica

Editor Científico

Tiago Emmanuel Nunes Braga

Editores Científicos Convidados da revista *Ciência da Informação*

Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares

Marta Ligia Pomim Valentim

Editores Convidados responsáveis pelo processo de submissão, avaliação por pares e seleção dos artigos que compõem o Dossiê Internacional Bibliografia e Justiça Social

André Vieira de Freitas Araújo

Giulia Crippa

Gustavo Silva Saldanha

Luciana de Souza Gracioso

Zaira Regina Zafalon

Editor Executivo

Ramón Martins Sodoma da Fonseca

Editora Executiva assistente

Polyana Gentil Penna

Editores assistentes

Alexandre Ribeiro da Silva

Joana Gentil Penna

Bibliotecários – Normalizadores

Fernanda Percia França

Julia Rodrigues da Silva

Nicole Oliveira da Silva

Pedro Henrique Sousa Ferreira

Revisão gramatical

Fernanda Olivetto

Sarah Lindalva de França Heleno Pereira

Tradutores

Inglês:

Clemente Gentil Penna

Elisa da Silva Perfeito

Espanhol:

Sarah Lindalva de França Heleno Pereira

Diagramação

Dayane Jacob de Oliveira

Rodrigo Azevedo Moreira

Matheus Barbosa de Castro

Suporte Tecnológico

Mathews Lima de Alencar Filho

Projeto Gráfico

SEDIT

Capa

Rodrigo Azevedo Moreira

Arte da imagem: Rodrigo de Araújo (@cadavresexquis)

NOTAS DO EDITOR

Para baixar o PDF de cada artigo da revista *Ciência da Informação* a partir do seu smartphone ou tablet, escaneie o QR Code publicado em cada artigo da versão impressa.

Mais informações pelo telefone: (61) 3217-6231

Ciência da Informação/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – Vol. 1, n. 1 (1972) – Brasília: Ibict, 1972 –

Quadrimestral

Até o v. 20, 1991, publicada semestralmente. De 1972 a 1975 editada pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD).
ISSN impresso 0100-1965. eISSN 1518-8353.

1. Ciência da Informação – Periódicos I. Brasil, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. CDU 02(05)
CDD 020.5

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict)

Setor de Autarquias Sul (SAUS)
Quadra 05, Lote 06, Bloco H – 5º Andar
Cep: 70070-912 – Brasília, DF
Telefones: 55 (61) 3217-6360
55 (61) 3217-6350
www.ibict.br

Rua Lauro Muller, 455 - 4º Andar - Botafogo
Cep: 22290-160 – Rio de Janeiro, RJ
Telefones: 55 (21) 2275-0321
Fax: 55 (21) 2275-3590
<http://www.ibict.br/capacitacao-e-ensino/pos-graduacao-em-ciencia-da-informacao>
<http://www.ppgci.ufrj.br>

Conselho Editorial (março de 2021 a março de 2023)

Bianca Rihan Pinheiro Amorim

Doutora em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Rio de Janeiro, RJ – Brasil. Professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) – RJ - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/6519048390622308>

E-mail: bibirihan@gmail.com

Cláudio José Silva Ribeiro

Pós-Doutorado pela University of Twente (UT) - Holanda. Doutor em Ciências da Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) - RJ - Brasil. Professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) - Rio de Janeiro, RJ - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/1459853686434404>

E-mail: claudio.j.s.ribeiro@globo.com

Edivanio Duarte de Souza

Doutor em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – MG - Brasil. Professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – AL - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/5646522403599369>

<https://orcid.org/0000-0002-7461-828X>

E-mail: edivanioduarte@gmail.com

Gustavo Silva Saldanha

Pós-Doutorado pela Université Toulouse III Paul Sabatier (UPS) - França. Doutor Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Rio de Janeiro, RJ – Brasil. Pesquisador do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) - Brasil. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Rio de Janeiro, RJ – Brasil. Professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/614307990555041>

E-mail: gustavosaldanha@ibict.br

Hamilton Vieira de Oliveira

Pós-Doutorado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) – SP - Brasil. Doutor em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília (UnB) – DF - Brasil. Professor da Universidade Federal do Pará (UFPA) – PA - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/3172995771315859>

<https://orcid.org/0000-0002-6439-0058>

E-mail: hamilton@ufpa.br

Lena Vânia Ribeiro Pinheiro

Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - RJ - Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Rio de Janeiro, RJ - Brasil. Bolsa de produtividade de pesquisa do CNPq.

<http://lattes.cnpq.br/9613980184982976>

E-mail: lenavania@ibict.com.br

Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares

Pós-Doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – SC - Brasil. Pós-Doutorado pela Universitat Jaume I (UJI) - Espanha. Doutora em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília (UnB) - Brasília, DF - Brasil, em cotutela com a Université du Sud Toulon-Var (USTV) - França. Professora da Universidade de Brasília (UnB) - Brasília, DF - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/5541636086123721>

E-mail: lillian@alvarestech.com

Marcello Peixoto Bax

Pós-Doutorado pela Rensselaer Polytechnic Institute (RPI) - Estados Unidos. Doutor em Informática, Anal. Sistemas e Tratamento de Sinal pela Université Montpellier 2 - Sciences et Techniques (UM2) - França. Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – MG - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/1864473087690223>

E-mail: bax@eci.ufmg.br

Márcia Feijão de Figueiredo

Doutora em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Rio de Janeiro, RJ – Brasil. Professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) – RJ – Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/6986762652734445>

<https://orcid.org/0000-0002-2341-6637>

E-mail: marciaffigueiredo@gmail.com

Maria Cláudia Cabrini Grácio

Livre-docência pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) – SP - Brasil. Doutora em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – Campinas – SP - Brasil. Professora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) – Marília, SP - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/5170688300970006>

<https://orcid.org/0000-0002-8003-0386>

E-mail: cabrini@marilia.unesp.br

Maria Manuel Borges

Doutora Ciências Documentais, especialidade em Tecnologias de Informação e Comunicação pela Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras – Portugal. Professora da Universidade de Coimbra (UC) – Coimbra – Portugal.

<https://orcid.org/0000-0002-7755-6168>

<https://mariammanuelborges.weebly.com/>

<https://www.cienciavita.pt/portal/pt/821F-CED0-75EA>

<http://mariammanuelborges.weebly.com> (Pessoal)

E-mail: mmmb@fl.uc.pt ; mmmborges@gmail.com

Mariângela Spotti Lopes Fujita

Livre-docência pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) - SP - Brasil. Pós-Doutorado pela Universidad de Murcia (UM) - Espanha. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) - SP - Brasil. Professora Voluntária, na condição de docente permanente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) - Marília, SP – Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/6530346906709462>

<https://orcid.org/0000-0002-8239-7114>

E-mail: goldstar@flash.tv.br

Naira Christofolletti Silveira

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo (USP) – SP - Brasil.

Professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) – RJ - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/3661612581538948>

<https://orcid.org/0000-0002-0490-0052>

E-mail: naira.silveira@unirio.br

Raimundo Nonato Macedo dos Santos

Pós-Doutorado pela Universidad Carlos III de Madrid (UC3M) - Espanha. Doutor em Information Stratégique Et Critique Veille Technol pela Université Paul Cézanne Aix Marseille III (AixMarseille III) - França. Professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) - Recife, PE - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/2595121603577953>

<https://orcid.org/0000-0002-9208-3266>

E-mail: rnmacedo@uol.com.br

Tatiana de Almeida

Doutora em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Rio de Janeiro, RJ – Brasil. Professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) – RJ - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/8454243785833187>

E-mail: tatiana.almeida@unirio.br

Vinícios Souza de Menezes

Pós-Doutorado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) – Brasil e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Rio de Janeiro, RJ – Brasil. Doutor em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Rio de Janeiro, RJ – Brasil. Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS) – SE - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/1035639338519262>

E-mail: menezes.vinicios@gmail.com

AVALIADORES DESTE NÚMERO

Ana Célia Rodrigues

anyrodrigues@yahoo.com.br

Pós-Doutorado pela Universidade de São Paulo (2015) e pela Universidad Carlos III de Madrid, Espanha (2014).

Professora do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (PGCI/UFF).

<http://lattes.cnpq.br/6919374280380925>

Andre Vieira de Freitas Araujo

armarius.araujo@gmail.com

Doutor em Ciência da Informação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCI-ECA/USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. Professor do Departamento de Ciência e Gestão da Informação (DECIGI) e do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGGI) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná. Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-3003-7424>

<http://lattes.cnpq.br/7551780669212379>

Ariadne Chloe Furnival

chloe@ufscar.br

Doutorado em Política Científica e Tecnológica pela Universidade Estadual de Campinas (2001)

Professora Associada da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) no Departamento de Ciência da Informação no Centro de Educação e Ciências Humanas.

<http://lattes.cnpq.br/1291482506649810>

Carlos Henrique Juvêncio

carlosjuvencio@id.uff.br

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCINF) da Universidade de Brasília (UnB). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) e do Departamento de Ciência da Informação (GCI) da Universidade Federal Fluminense (UFF).

<http://lattes.cnpq.br/1646741868261976>

Henriette Ferreira Gomes

henriettefgomes@gmail.com

Doutorado em educação. Professora Titular do Instituto de Ciência da Informação (ICI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Docente do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da UFBA.

<http://lattes.cnpq.br/0013890432793373>

Igor Soares Amorim

amorim.igors@gmail.com

Doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor da Universidade Federal de Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/1626867737014170>

Luciana de Souza Gracioso

luciana@ufscar.br

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Professora do Departamento de Ciência da Informação (DCI) e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/4898201916360294>

<https://orcid.org/0000-0002-6320-4946>

Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda

mlmiranda@unirio.br

Pós-Doutorado pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil.

Professor Associado atuando nos Cursos de Bacharelado em Biblioteconomia nas modalidades presencial e a distância, Licenciatura em Biblioteconomia e no Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia - PPGB/ Mestrado Profissional em Biblioteconomia - MPB da UNIRIO.

<http://lattes.cnpq.br/8713013619609185>

Mariângela Spotti Lopes Spotti Lopes Fujita

mariangela.fujita@unesp.br

Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Brasil (1992)

Aposentada da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/6530346906709462>

Murilo Artur Araújo da Silveira

muriloas@gmail.com

Doutorado em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2016), com realização de estágio na Universidad Carlos III de Madrid.

Professor Adjunto na Universidade Federal de Pernambuco e Diretor do Centro de Artes e Comunicação.

<http://lattes.cnpq.br/2565474279842382>

Natália Bolfarini Tognoli

nataliabtnoli@yahoo.com.br

Doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/5668344562019395>

Paula Carina de Araújo

paulacarina@ufpr.br

Doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Docente do Departamento de Ciência e Gestão da Informação e do Programa de Pós-graduação em Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

<http://lattes.cnpq.br/9181524134984137>

Paula Regina Dal'Evedove

dalevedove@ufscar.br

Pós-doutorado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Brasil

Professora Adjunta III do Departamento de Ciência da Informação, Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, atuando no Curso de Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

<http://lattes.cnpq.br/1170937498266968>

Raphael Diego Greenhalgh

raphaelrdg@gmail.com

Pós-doutorado em Ciência da Informação (2020) pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Bibliotecário da Coleção de Obras Raras da Biblioteca Central da UnB.

<http://lattes.cnpq.br/4363292671692262>

Rosa Inês de Novais Cordeiro

Pós-doutorado no Instituto de Psicologia da UFRJ (2003).

Professora titular da Universidade Federal Fluminense (UFF) no Instituto de Arte e Comunicação Social, Departamento de Ciência da Informação.

<http://lattes.cnpq.br/7555772160147584>

Rodrigo de Sales

rodrigo.sales@ufsc.br

Pós-doutorado em Ciência da Informação (2023) pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict).

Professor associado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<http://lattes.cnpq.br/0144377022254487>

Rubens Silva

rubssilva@gmail.com

Doutor em Antropologia Social, com Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo - USP.

Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, vinculado ao Departamento de Antropologia e Arqueologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH.

<http://lattes.cnpq.br/9317111026989061>

Suellen Oliveira Milani

suellenmilani@id.uff.br

Pós-Doutorado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Brasil.

Professora Adjunta do Departamento de Ciência da Informação, atuando nos cursos de Graduação em Biblioteconomia e Documentação e Arquivologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense.

<http://lattes.cnpq.br/2821128318835622>

Vinícios Souza de Menezes

menezes.vinicios@gmail.com

Doutor em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) em convênio com a Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil. Professor Adjunto da Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/1035639338519262>

Ciência da Informação

Volume 52 - número 1 - jan./abr. 2023

Sumário

Table of Contents / Sumário

Editorial

Andre Vieira de Freitas Araujo
Giulia Crippa
Luciana de Souza Gracioso
Zaira Regina Zafalon

11

Artigos / Articles / Artículos

O documento como contexto: repensando a materialidade de um conteúdo e seus impactos na organização do conhecimento **30**

Documents as context: rethinking the materiality of content and its impacts on knowledge organization 140

El documento como contexto: repensar la materialidad de un contenido y sus repercusiones en la organización del conocimiento 261

José Augusto Chaves Guimarães

Bibliografia sobre Justiça Social: fontes sobre o tema em Biblioteconomia e Ciência da Informação **38**

Bibliography on social justice: sources on the topic in Library and Information Science 149

Bibliografía sobre justicia social: fuentes sobre el tema en Biblioteconomía y Documentación 270

Franciéle Carneiro Garcês da Silva

Dirnéle Carneiro Garcez

Gabriel de Melo Vieira

Priscila Rufino Fevrier

Ana Paula Meneses Alves

Mulheres escritoras em bibliografias brasileiras **49**

Women writers in brasiliana bibliographies 162

Mujeres escritoras en la bibliografía brasileña 238

Diná Marques Pereira Araújo

Fabricio José Nascimento da Silveira

O tráfico ilícito de bens culturais sob a ótica do banco de dados do iphan: uma análise dos bens culturais resgatados **66**

The illicit trafficking of cultural property from the iphan database: an analysis of the rescued cultural goods 180

El tráfico ilícito de bienes culturales, desde el punto de vista de la base de datos del iphan: el estudio de los bienes culturales que rescatan 302

Murilo Artur Araújo da Silveira

Daniela Eugênia Moura de Albuquerque

A contribuição de pessoas bibliófilas e bibliógrafas negras dos séculos XIX e XX para construção de uma Bibliografia Negra	77
<i>The contribution of 19th and 20th century black bibliophiles and bibliographers to the construction of a Black Bibliography</i>	192
<i>El aporte de bibliófilos y bibliógrafas negras de los siglos XIX y XX a la construcción de una Bibliografía Negra</i>	314
Franciéle Carneiro Garcês da Silva	
Dirnéle Carneiro Garcez	
Diná Marques Pereira Araújo	
Priscila Rufino Fevrier	
Gabriel de Melo Vieira	
Bibliografia selvagem: um estudo sobre a biblioteca do ailton krenak e seu catálogo colaborativo	90
<i>Wild bibliography: collaborative audiovisual catalog on teachings of Ailton Krenak</i>	205
<i>Bibliografía salvaje: un estudio sobre la biblioteca de Ailton Krenak y su catálogo colaborativo</i>	328
Nathália Lima Romeiro	
Bruno Almeida dos Santos	
O conhecimento alternativo da Biblioteca Universal Guei contra a injustiça epistêmica na literatura brasileira	104
<i>The alternative knowledge of the Biblioteca Universal Guei against epistemic injustice in Brazilian literature</i>	219
<i>El conocimiento alternativo de la Biblioteca Universal Guei contra la injusticia epistémica en la literatura brasileña</i>	342
Diogo Roberto da Silva Andrade	
Ana Paula Meneses Alves	
Franciéle Carneiro Garcês da Silva	
Arquivos Comunitários no contexto do Meio Técnico-Científico-Informacional: agentes de Globalização Solidária e inovação decolonial	115
<i>Community Archives in the context of the Technical-Scientific-Informational Environment: agents of Globalization in Solidarity and Decolonial Innovation</i>	232
<i>Los archivos comunitarios en el contexto del ambiente científico-técnico- informativo: agentes de la globalización solidaria y de la innovación decolonial</i>	355
Fernanda Parolo de Mattos Nogueira	
Luciana de Souza Gracioso	
Bibliografia na era digital: desafios para assegurar a democratização do acesso à informação	127
<i>Bibliography in the digital age: challenges to ensure the democratization of information access</i>	245
<i>La bibliografía en la era digital: retos para garantizar la democratización del acceso a la información</i>	369
Marcelo dos Santos	
Artigo de opinião/ Opinion article / Artículo de opinión	
LivrOnça: um conceito de livro na América Indígena	386
<i>BookOunce: a book concept in Indigenous America</i>	411
<i>LibrOnça: una concepción del libro en la América Indígena</i>	440
Vinícios Souza de Menezes	

Editorial

BIBLIOGRAFIA E JUSTIÇA SOCIAL¹

A palavra *bibliografia*, de origem grega, começou de fato a ser utilizada na época Moderna depois da publicação da obra *Bibliografia política* de Gabriel Naudé, em 1633. Se no mundo grego designava simplesmente o ato de escrever livros, a partir da Modernidade seu leque semântico tem se ampliado de maneira notável. De um lado, indica todo estudo que se ocupa do livro, em uma sobreposição com a história do mesmo, entendida como sua produção material, processos editoriais, circulação, mediação. Em um sentido mais tradicionalmente biblioteconômico e documentário, a palavra *bibliografia* designa o ato de produção de listas e catálogos mais ou menos detalhados, que permitem o acesso à imponente massa de livros através de sua descrição material (bibliografia “material”) e de conteúdos (bibliografia “intelectual”).

Em tempos tecnológicos, a Bibliografia expande seu alcance através do estudo sobre os mais diversos recursos informacionais produzidos muito além de um repertório constituído unicamente de livros ou revistas – impressos ou digitais que sejam –, para se confrontar com materiais digitais de caráter cada vez mais “híbridos” em sua textualidade escrita e audiovisual.

O que, de fato, se mantém no tempo, apesar das mutações de suportes e processos de produção, é o papel fundamental da Bibliografia: ela coloca-se na base de toda e qualquer possibilidade de produção de conhecimento científico, literário e artístico. Compete, *in primis*, à figura do bibliógrafo, do bibliotecário e do cientista da informação a elaboração de bibliografias consistentes que orientem tanto a composição de coleções de bibliotecas bem como de recursos informacionais confiáveis no âmbito das redes digitais, questão, essa última, que abre pautas novas para a reflexão, a pesquisa e a experimentação bibliográficas.

Um dos grandes questionamentos dos últimos anos diz respeito aos *biases* ideológicos embutidos nas próprias estruturas da organização do conhecimento, em que, cada vez mais, são detalhadas e contestadas as matrizes eurocêntricas, brancas e burguesas. Uma exigência/provocação global alcançou o campo da Bibliografia, baseado em duas questões. A primeira, que a impostação da Bibliografia tenha desenvolvido seus trabalhos a partir do princípio que os valores dessa sociedade branca e patriarcal eram superiores aos outros e que, por isso, deveriam ser difundidos, mesmo que com sua imposição violenta. A segunda é de natureza “demográfica”, pois os estudos foram confiados aos mesmos homens brancos, enquanto todas as outras realidades, quer se trate de diversidades étnicas e raciais, de gênero e de classe foram extremamente sub-representadas.

Esse mais que legítimo fenômeno contestatório tem se traduzido em pesquisas voltadas para pautas participativas dentro do campo da Bibliografia. Inevitavelmente, na medida em que, como dissemos, a Bibliografia orienta as próprias condições do conhecimento, suas estruturas etnocêntricas passam a ser desmanteladas² e reconstruídas através de trajetórias pautadas por questões de participação, acessibilidade e interculturalidade. Tudo isso tem se desenvolvido na base da chamada “justiça social”.

Não há, sobre esse termo, uma definição unívoca, na medida em que as posições ideológicas que buscam enquadrá-lo variam entre as demandas alavancadas pelos movimentos sociais radicais e as perspectivas neoliberais. O termo justiça social tem suas raízes na Revolução Francesa, enquanto o conceito a que ele se refere, ou seja, a ideia de que devemos aspirar e construir uma sociedade que garanta justiça para todos, já está presente em reflexões filosóficas muito mais antigas.

¹ A contribuição dos autores pode ser assim diferenciada: Andre Vieira de Freitas Araujo (UFPR) concepção, consolidação textual e revisão do editorial, ligeiras contribuições nos oito primeiros parágrafos e no último da introdução, além da apresentação do Fórum Internacional A Arte da Bibliografia; Luciana de Souza Gracioso (UFSCar) apresentação dos artigos e revisão do editorial; Zaira Regina Zafalon (UFSCar) apresentação dos artigos e do VIII Seminário Internacional A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social (UFSCar, 2021); Giulia Crippa (UNIBO) apresentação dos artigos e redação dos oito primeiros parágrafos e do último da introdução.

² O termo “desmantelar” atravessa os trabalhos da artista e acadêmica Grada Kilomba. Para ela, desmantelar as estruturas de poder também passa pela linguagem visual e semântica. “Normalizamos palavras e imagens que nos informam quem pode representar a condição humana e quem não pode. A linguagem também é transporte de violência, por isso precisamos criar novos formatos e narrativas. Essa desobediência poética é descolonizar.” (Kilomba, 2019).

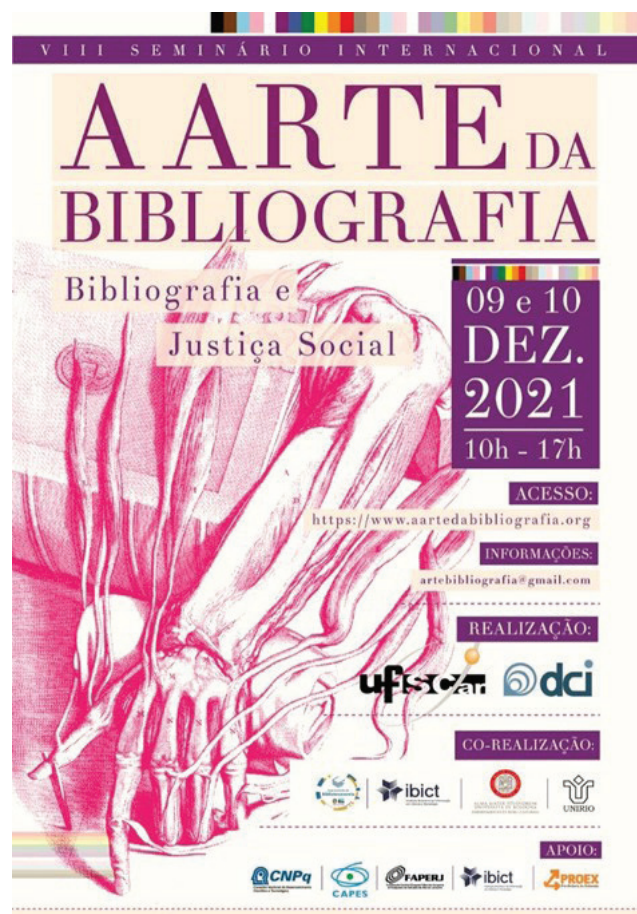
A justiça social lida com as dificuldades que a sociedade enfrenta em termos de emprego, educação, assistência médica e necessidades econômicas e adota soluções para resolvê-las. A justiça social, de acordo com uma visão moderna, seria o motor que levaria à “solução” dos problemas de uma sociedade. Cada pessoa precisa das outras para atender ao conjunto de necessidades que não poderia atender sozinha, mas principalmente, o estado de bem-estar social age por meio de suas instituições para essa finalidade, integrando-se às várias formações sociais (família, escola, associações etc.) e coordenando-as para resolver seus problemas. Trata-se, acima de tudo, da realização da plena liberdade dos indivíduos e do reconhecimento da plena dignidade à existência de todos os indivíduos, princípios que já marcaram o nascimento do *Welfare State*: a justiça social parte do pressuposto de que todos os seres humanos têm direitos iguais e de que a justiça implica igualdade e equidade, não apenas mantendo a ordem social, mas promovendo mudanças nas comunidades. Portanto, o Estado promove atividades que garantem as liberdades fundamentais, assegurando moradia digna, educação, assistência médica e tornando os direitos de pensamento, expressão, religião, associação, liberdade de movimento, igualdade de gênero e liberdade de orientação sexual acessíveis a todos. É tarefa do Estado implementar a justiça social removendo todos os impedimentos que dificultam o seu atendimento.

É nessa direção que propusemos, em 2021, o foco do Seminário Internacional A Arte da Bibliografia³ que teve como desafio, em sua oitava edição, refletir teorias e práticas bibliográficas capazes de maior inclusividade e epistemes não naturalizadas mas, sim, resultado de lutas e resistências que permitiram rasgar a hegemonia de uma Bibliografia e dos gestos bibliográficos oriundos do pensamento moderno Ocidental.

³ Evento internacional e itinerante concebido pelo Fórum Internacional A Arte da Bibliografia, constituído em 2014 por Andre Vieira de Freitas Araujo (à época da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, atualmente da Universidade Federal do Paraná, UFPR), Giulia Crippa (à época da Universidade de São Paulo, USP, atualmente da Universidade de Bolonha, UNIBO) e Gustavo Saldanha (do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, IBICT-UNIRIO).

O VIII Seminário Internacional A Arte da Bibliografia (Fig. 1) foi realizado nos dias 09 e 10 de dezembro de 2021 e organizado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com colaboração do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e da *Università di Bologna* (UNIBO), e teve como tema central **Bibliografia e Justiça Social**. A proposta para a realização do evento na UFSCar começou a ser gestada ainda durante a realização do V Seminário Internacional A Arte da Bibliografia, realizado em Recife, em 2018.

Figura 1 - Arte da divulgação do VIII Seminário Internacional A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social (UFSCar, 2021)



Fonte: Telescopium (2021)

Arte: Rodrigo de Araújo⁴

⁴ Os trabalhos de Rodrigo de Araujo podem ser acompanhados no instagram: @cadavrexquis.

Com a visão de que justiça social implica compreender e (re)dimensionar a perspectiva humana e sua relação com o mundo, a arte adotada na divulgação evoca a igualdade de direitos (marcada pela paleta de cores no cabeçalho) e a solidariedade coletiva necessária no fazer, pensar, criticar e ser da Bibliografia (contexto em que as cores apresentadas no cabeçalho se imiscuem com a mão).

Desta feita, o evento, que contou com a participação de mais de 300 pessoas, em modo remoto síncrono⁵, teve, ao longo de quatro sessões, 16 trabalhos apresentados, resultado de pesquisas de 30 pessoas autoras. Dentre os trabalhos apresentados figuraram pesquisas que trataram de pobreza, justiça social, povos tradicionais, autismo e cidadania, na Sessão 1; ensinamentos de Ailton Krenak, proposta de um devir-América bibliográfico, ética e política do bibliógrafo, e uma biobibliografia de Nicolas Roubakine, na Sessão 2; o ciberespaço, o jornal Lampião da Esquina, e o livro do artista, na Sessão 3; e, na Sessão 4, bibliografia negra, mulheres escritoras, bibliografia do folclore e coleção de Manfredo Settala. Além destas, aconteceram três sessões temáticas, organizadas em três eixos: [1] *Transgressões e Insurgências na Bibliografia*, no qual colaboraram Bruno Nathansohn, Johnny Passos e Franciéle Carneiro Garcês da Silva; [2] *O discurso e a prática bibliográfica e sua relação com a justiça social*, com Gustavo Silva Saldanha, Carlos Henrique Juvêncio da Silva e Lucia Sardo; e [3] *Migrações humanas e epistemicídios*, com Antón Castro Miguez e Fabrício José Nascimento da Silveira.

Além das sessões, também fizeram parte da programação as conferências de abertura, de encerramento e internacional. A Conferência de Abertura, intitulada *A educação das relações étnico-raciais no ensino de Ciências: construção de um campo?*, foi ministrada pelo Dr. Douglas Verrangia (UFSCar). Na Conferência de Encerramento, intitulada *Tessitura patrimonial e contextual do documento*, puderam ser discutidas as abordagens trazidas pelos pesquisadores Dr. José Augusto Chaves Guimarães (UNESP), com *O documento como contexto: repensando a materialidade de um conteúdo*, e Dr. Andre Viera de Freitas Araujo (UFPR), com *Dimensões críticas do patrimônio bibliográfico: sentidos, sistemas de valores e direitos culturais*. A Conferência Internacional, por sua vez, foi ministrada pela Dra. Giulia Crippa (UNIBO, Itália), e teve como título *Contar a história e a memória cultural: Public History e Bibliografia*.

⁵ Acesso às gravações das sessões do evento estão disponíveis no Canal do Youtube do DCI UFSCar - Departamento de Ciência da Informação: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLZg9nr4ZM8kcYBUQEGLqOCQCNTEwjw93->.

Assim, a práxis bibliográfica e seu exercício de transformação social, centro das discussões que começaram no VIII Seminário Internacional A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social, apresenta seus resultados neste Dossiê⁶.

O Dossiê inicia com um artigo que localiza o substrato e o fundamento para as atividades e os gestos bibliográficos: o documento. Em **O documento como contexto: repensando a materialidade de um conteúdo e seus impactos na organização do conhecimento**, José Augusto Chaves Guimarães discute a relação entre a memória da sociedade e seu registro, não obstante que estes se fazem necessários para acudir as limitações da memória humana, e propõe a (re)configuração do documento a partir de um olhar que remete ao seu caráter indicial, posto que, além de seu conteúdo, é evocado um contexto de produção e são agregados elementos relativos à sua proveniência, organicidade, autoria, bem como sua contextualização espaço-temporal.

Em seguida, apresenta o primoroso trabalho **Bibliografia sobre Justiça Social: fontes acerca tema em Biblioteconomia e Ciência da Informação**, relacionado à sistematização e discussão problematizada de fontes acerca da Bibliografia sobre Justiça Social, de autoria de Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Dirnéle Carneiro Garcez, Gabriel de Melo Vieira, Priscila Rufino Fevrie e Ana Paula Meneses Alves. Tal sistematização nos é apresentada em um momento decisivo para a configuração de agendas urgentes ao campo dos estudos informacionais. Desse modo, o trabalho desenvolvido e apresentado, demonstra a amplitude com que a justiça social pode ser contemplada pela Biblioteconomia e confirma a relevância de investimentos constantes em pesquisas desta natureza como estratégia de resistência contra ações epistemicidas.

Diná Marques Pereira Araújo e Fabrício José Nascimento da Silveira incitam, no texto **Mulheres escritoras em bibliografias brasileiras**, o debate sobre a presença de mulheres escritoras nessas bibliografias visando identificar silenciamentos que a escrita bibliográfica possibilita e que, de certa forma, se sintonizava com o imaginário europeu sobre o Brasil. No texto, a autora e o autor apontam produções autorais de mulheres em seis bibliografias de temática brasileira e indicam que textos de autoria feminina sobre o Brasil só começaram a aparecer na cena pública no Séc. XVIII, sendo publicados exclusivamente no continente europeu.

⁶ Este Dossiê demarca os 10 anos de existência do Fórum Internacional A Arte da Bibliografia.

O trabalho de autoria de Murilo Artur Araújo da Silveira e Daniela Eugênia Moura de Albuquerque, **O tráfico ilícito de bens culturais sob a ótica do banco de dados do IPHAN: uma análise dos bens culturais resgatados**, vasculha o banco de Dados de Bens Culturais Procurados para entender sua estrutura bibliográfica, onde por bibliografia entende-se exatamente aquele elemento que permite o acesso aos recursos informacionais, através do entendimento de como a informação é listada, categorizada e, por fim, como os objetos da lista são descritos: todas as competências que pertencem ao bibliógrafo-documentalista. Dentro de um dossiê dedicado à justiça social consideramos que as inquietações sobre o tráfico de bens culturais ilícitos de um país com um passado colonial bem estabelecem a necessidade de alicerces bibliográficos para as questões da injustiça “cultural”. A falta de uma sólida estrutura bibliográfica sobre tais bens representa uma limitação das garantias culturais, necessárias para a justiça social. Nesse caso, se propõe o Estado Nacional como sujeito que, em suas relações internas e externas, deve lidar com o valor simbólico de bens culturais na institucionalização de suas memórias culturais. Isso se torna justiça social na medida em que o banco de dados do IPHAN se dota de ferramentas bibliográfico-documentárias capazes de comprovar, confrontar e assumir a propriedade desses objetos.

No artigo **A contribuição de pessoas bibliófilas e bibliógrafas negras dos séculos XIX e XX para construção de uma Bibliografia Negra** as pessoas autoras Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Dirnéle Carneiro Garcez, Diná Marques Pereira Araújo, Priscila Rufino Fevrier, Gabriel de Melo Vieira, evidenciam, de modo contundente, o quanto que “as bibliografias podem auxiliar no enfrentamento a ações epistemicidas e memoricidas da população negra e afrodiaspórica”. Para além disto, as contribuições incontornáveis relacionadas às construções de gestos bibliográficos atrelados a experiências negras, de David Ruggles, Arthur Alfonso Schomburg, Daniel Alexander Payne Murray, Monroe Nathan Work e Dorothy Porter Wesley são devidamente trazidas ao texto, tornando-o um instrumento de justiça social e reparação epistêmica negra.

Ao desenvolver estudo sobre a Biblioteca do Ailton Krenak e seu catálogo colaborativo, Nathália Lima Romeiro e Bruno Almeida dos Santos, em **Bibliografia selvagem: um estudo sobre a biblioteca do Ailton Krenak e seu catálogo colaborativo**, avançam em uma discussão de fundo, que problematiza a colonialidade, a dependência epistêmica e as injustiças sociais produzidas sobre os saberes indígenas brasileiros.

A partir desse contexto, apresentam e analisam o quanto bibliografias e catálogos bibliográficos, podem ser atualmente operados, como ferramentas decoloniais. As pessoas autoras apresentam figuras da interface da Biblioteca, que por sua vez, fazem parte do projeto ‘Comunidade Selvagem’ dedicado à promoção de um ambiente digital educativo relacionado aos saberes indígenas brasileiros, que evidenciam a originalidade estética e epistêmica desta biblioteca oral.

O artigo **O conhecimento alternativo da Biblioteca Universal Guei contra a injustiça epistêmica na literatura brasileira**, de Diogo Roberto da Silva Andrade, Ana Paula Meneses Alves e Franciéle Carneiro Garcês da Silva, propõe um “salto” no tempo, recuperando a atuação do jornal *Lampião da Esquina*, principalmente de sua seção *Biblioteca Guei*. Trata-se de uma operação comercial voltada para o público LGBTQIA+ entre as décadas de 1970 e de 1980 que compõe o quebra-cabeça da literatura considerada “marginal” e, em geral, ausente dos espaços institucionais. Para os autores, “no contexto do sudeste brasileiro, o jornal carioca/paulista contribuiu para a agenda do livro e do leitor no contexto social e cultural” e o trabalho aqui proposto, através de uma clara contextualização teórica e de uma interessante seleção de resumos das obras promovidas, contribui não somente para a reparação de uma “injustiça epistêmica”, mas também para uma bibliografia mais inclusiva.

As autoras Fernanda Parolo de Mattos Nogueira e Luciana de Souza Gracioso, em **Arquivos Comunitários no contexto do Meio Técnico-Científico-Informacional: agentes de Globalização Solidária e inovação decolonial**, buscaram estabelecer relações teóricas que viabilizaram uma compreensão mais ampliada sobre o lugar e a função dos Arquivos Comunitários na sociedade. Especialmente recorrem ao contexto exposto em Milton Santos, do Meio Técnico-Científico-Informacional e situam tais Arquivos como agentes valiosos na constituição da Globalização Solidária, defendida pelo autor. O Arquivo Comunitário é reconhecido então, enquanto equipamento de informação-poder, e confirma-se como um agente indispensável para que memórias diversas e plurais possam compor o tecido social subsidiando seus processos de inovação.

Em **Bibliografia na era digital: desafios para assegurar a democratização do acesso à informação**, Marcelo dos Santos apresenta o vínculo da Bibliografia à mediação da informação quando traz à tona o uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs).

O pesquisador destaca o quanto ainda estão presentes barreiras de acessibilidade, quer seja física ou cognitiva, e usabilidade dos produtos ou sistemas de informação no que toca a democratização do acesso à informação em ambientes digitais modernos e aponta como desafios a compreensão da área e os contornos do objeto empírico do trabalho bibliográfico, e a identificação do potencial usuário, suas demandas informacionais e os contextos em que estas demandas surgem, ambos calcados na tríade usuário-conteúdo-contexto.

O dossiê é encerrado com um artigo de opinião de uma escrita requintada, em equilíbrio entre o filosofar agambeniano e o *cruzo* de Rufino, de autoria de Vinícios Menezes. **LivrOnça: um conceito de livro na América Indígena** explora o devir (do) livro nas Américas indígenas, em um processo de colonização por parte da autoridade bibliográfica. Após sua declinação da ontologia do livro de matriz Ocidental, Menezes explora o território gerado por essa ontologia, mapeando a existência do que foi designado como livro nas cosmovisões indígenas. Tais livros, porém, não estão, até hoje, incluídos no horizonte bibliográfico. Na medida em que o livro é vida, ele é sujeito e não mais objeto, resultando disso o paradoxo de uma bibliografia com um histórico de estruturar o conhecimento do “objeto” livro, obliterando, porém, a existência dos “sujeitos” livros, que pedem para serem incluídos no cânone bibliográfico. Afinal, como pergunta o autor, de maneira direta e singela, “o que é um livro?”.

Esclarecidos, assim, os percursos teórico-intelectuais que estruturam nossa proposta no entrelaçamento entre Bibliografia e Justiça Social, acreditamos que os resultados alcançados pelos pesquisadores que aceitaram o desafio nesse número da Revista Ciência da Informação se colocam como indicadores das tendências sobre o tema da Justiça Social no campo da Bibliografia, Biblioteconomia e da Ciência da Informação, constituindo um lastro sólido para futuras e necessárias reflexões.

REFERÊNCIAS

KILOMBA, Grada. Grada Kilomba: “O colonialismo é a política do medo. É criar corpos desviantes e dizer que nós temos que nos defender deles”. [Entrevista concedida a] Joana Oliveira, *El País*, São Paulo, set. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/19/cultura/1566230138_634355.html. Acesso em: 30 jul. 2023.

TELESCOPIUM. VIII A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021. Disponível em: <http://www.telescopium.ufscar.br/index.php/viii/>. Acesso em: 30 jul. 2023.

AGRADECIMENTOS

O Fórum Internacional A Arte da Bibliografia agradece aos docentes, pesquisadores e profissionais do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos (DCI-UFSCar) pela acolhida e colaboração na concepção, organização e realização do VIII Seminário Internacional A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social (UFSCar, 2021).

Andre Vieira de Freitas Araujo

Doutor em Ciência da Informação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCI-ECA/USP), São Paulo, São Paulo, Brasil.

Professor do Departamento de Ciência e Gestão da Informação (DECIGI) e do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGGI) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná. Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7551780669212379>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3003-7424>

E-mail: armarius.araujo@gmail.com

Luciana de Souza Gracioso

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Rio

de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Professora do

Departamento de Ciência da Informação (DCI) e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4898201916360294>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6320-4946>

E-mail: luciana@ufscar.br

Zaira Regina Zafalon

Doutora em Ciência da Informação pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, São Paulo, Brasil. Professora do Departamento de Ciência da Informação (DCI) e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1584935790390793>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4467-2138>
E-mail: zaira@ufscar.br

Giulia Crippa

Doutora em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. Professora do Departamento de Bens Culturais da Universidade de Bolonha (Itália) (UNIBO) e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2986616715435331>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6711-3144>
E-mail: giulia.crippa2@unibo.it

Editorial

BIBLIOGRAPHY AND SOCIAL JUSTICE¹

Word *bibliography*, of Greek origin, began to be used in the Modern era after the publication of work *Bibliographia politica* by Gabriel Naudé, in 1633. If in the Greek world it simply described the act of writing books, from Modernity, its semantic range has expanded remarkably. On the one hand, it indicates every study that addresses books, overlapping with their history, understood as their material production, editorial processes, circulation, mediation. In a more traditional library and documentary sense, the word *bibliography* designates the act of producing more or less detailed lists and catalogues, which allow access to the impressive mass of books by means of their material (“material” bibliography) and content description (“intellectual” bibliography).

In times of technology, Bibliography expands its reach by means of the study of the most diverse informational resources produced far beyond a repertoire consisting solely of books or magazines – be they printed or digital –, to confront digital materials of increasingly “hybrid” character in their written and audiovisual textuality.

What, in fact, remains over time, despite the mutations of production supports and processes, is the fundamental role of Bibliography: it places itself at the base of any and all possibility of producing scientific, literary and artistic knowledge. It is, *in primis*, the responsibility of bibliographers, librarians and information scientists to develop consistent bibliographies that guide both the composition of library collections as well as reliable informational resources within the scope of digital networks, an issue, the latter, which opens new space for reflection, research and bibliographic experimentation.

One of the major questions in recent years concerns the ideological biases embedded in the very structures of the organization of knowledge, in which Eurocentric, white, and bourgeois matrices are growingly detailed and challenged.

A global demand/provocation reached the field of Bibliography, based on two questions. The first, that the imposition of Bibliography has developed its works guided by the principle that the values of this white and patriarchal society were superior to others and that, therefore, they should be disseminated, even with such violent imposition. The second is of a “demographic” nature, as the studies were entrusted to the same white men, while all other realities, whether ethnic and racial, gender and class diversities were extremely underrepresented.

This more than legitimate contestation phenomenon has been translated into research focused on participatory agendas within the field of Bibliography. Inevitably, to the extent that, as we said, Bibliography guides the very conditions of knowledge, its ethnocentric structures start to be dismantled² and rebuilt through trajectories guided by matters of participation, accessibility and interculturality. All of this has developed on the basis of the so-called “social justice”.

There is no univocal definition of this term, as the ideological positions that seek to frame it vary between the demands leveraged by radical social movements and neoliberal perspectives. Term social justice is rooted in the French Revolution, while the concept it refers to, that is, the idea that we should aspire to build a society that guarantees justice for all, is already present in much older philosophical reflections.

Social justice deals with the difficulties faced by society in terms of employment, education, health care and economic needs, and adopts solutions to solve them. Social justice, according to a modern view, is the engine that would lead to the “solution” to a society’s problems. One person needs the other to meet the set of needs that they could not meet alone, but particularly, the social welfare state acts through its institutions for this purpose, integrating itself with the various social groups (family, school, associations etc.) and coordinating them to solve their problems.

¹ The contribution of the authors can be differentiated as follows: Andre Vieira de Freitas Araujo (UFPR) journal conception, text consolidation and review, slight contributions in the first eight and the last paragraph of the introduction, in addition to his presentation at The Art of Bibliography International Forum; Luciana de Souza Gracioso (UFSCar) presentation of papers and journal review; Zaira Regina Zafalon (UFSCar) presentation of papers and of the VIII Seminário Internacional A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social (UFSCar, 2021); Giulia Crippa (UNIBO) presentation of papers and writing of the first eight and the last paragraph of the introduction.

² Translation: Term “dismantling” runs through the work of artist and scholar Grada Kilomba. For her, dismantling power structures also involves visual and semantic language. “We normalize words and images that tell us who can represent the human condition and who cannot. Language is also a vehicle for violence, which is why we need to create new formats and narratives. This poetic disobedience is decolonizing.” (Kilomba, 2019, editorial translation).

It is, above all, the realization of the full freedom of individuals and the recognition of the full dignity of the existence of all individuals, principles that already marked the birth of the *Welfare State*: social justice is based on the assumption that all human beings have equal rights and that justice implies equality and equity, not just maintaining the social order, but promoting change in communities. Therefore, the State promotes activities that guarantee fundamental freedoms, ensuring decent housing, education, health care and making the rights of thought, expression, religion, association, freedom of movement, gender equality and freedom of sexual orientation accessible to all. It is the State's duty to implement social justice by removing all impediments that hinder its fulfillment.

It is in this direction that, in 2021, we proposed the main focus of The Art of Bibliography International Seminar³ which, in its eighth edition, had the challenge of reflecting bibliographic theories and practices capable of greater inclusiveness and non-naturalized epistemes but, rather, the result of struggles and resistances that allowed tearing up the hegemony of Bibliography and bibliographic gestures originating from modern Western thought.

The VIII Art of Bibliography International Seminar (Fig. 1) was held on December 9 and 10, 2021 and organized by the Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), in collaboration with the Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), the Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), the Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) and the *Università di Bologna* (UNIBO), and had as main theme **Bibliography and Social Justice**. The proposal for the event to be held at UFSCar was developed during the 5th The Art of Bibliography International Seminar, held in Recife, in 2018.

Figure 1 – Art advertising the VIII Seminário Internacional A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social (UFSCar, 2021)



Source: Telescopium (2021)

Art: Rodrigo de Araújo⁴

With the view that social justice implies understanding and (re)dimensioning the human perspective and its relationship with the world, the art adopted to advertise the event evokes equal rights (marked by the color palette in the header) and the collective solidarity necessary in Bibliography's very doing, thinking, criticizing and being (context in which the colors in the header intertwine with the hand).

³ An international and itinerant event devised by The Art of Bibliography International Forum, established in 2014 by Andre Vieira de Freitas Araujo (who was, at the time, at the Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, currently at the Universidade Federal do Paraná, UFPR, Giulia Crippa (at the time, at the Universidade de São Paulo, USP, currently at the Università di Bologna, UNIBO) and Gustavo Saldanha (at the Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia and the Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, IBICT-UNIRIO).

⁴ Rodrigo de Araújo's works can be found on instagram: @cadavresexquis.

This time, the event, which was attended by more than 300 people, in synchronous and remote mode⁵, had four sessions in which 16 papers, the research results of 30 authors, were presented. Among the papers presented were research addressing poverty, social justice, traditional peoples, autism and citizenship, in Session 1; teachings by Ailton Krenak, proposal of a bibliographic America to-be, the ethics and politics of the bibliographer, and biobibliography by Nicolas Roubakine, in Session 2; cyberspace, Lampião da Esquina newspaper, and the artist's book, in Session 3; and, in Session 4, black bibliography, women writers, folklore bibliography and Manfredo Setalá collection. In addition to these, three thematic sessions were held, organized into three axes: [1] *Transgressions e Insurgências in Bibliography*, in which Bruno Nathansohn, Johnny Passos and Franciéle Carneiro Garcês da Silva collaborated; [2] *Bibliographic discourse and practice and its relationship with social justice*, with Gustavo Silva Saldanha, Carlos Henrique Juvêncio da Silva and Lucia Sardo; and [3] *Human migrations and epistemicide*, with Antón Castro Miguez and Fabrício José Nascimento da Silveira.

In addition to the sessions, the opening, closing and international conferences were also part of the program. The Opening Conference, entitled *A educação das relações étnico-raciais no ensino de Ciências: construção de um campo?*, was delivered by Douglas Verrangia, PhD (UFSCar). At the Closing Conference, entitled *Tessitura patrimonial e contextual do documento*, the matters brought by researchers José Augusto Chaves Guimarães, PhD (UNESP), with *O documento como contexto: repensando a materialidade de um conteúdo*, and Andre Viera de Freitas Araujo, PhD (UFPR), with *Dimensões críticas do patrimônio bibliográfico: sentidos, sistemas de valores e direitos culturais*. The International Conference, in turn, was delivered by Giulia Crippa, PhD (UNIBO, Italy), and was entitled *Contar a história e a memória cultural: Public History e Bibliografia*.

Thus, the bibliographical praxis and its social transformation exercise, which was at the center of the discussions that began at the VIII Seminário Internacional A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social, shows its results in this Report⁶.

⁵ Access to session recordings is available on the DCI UFSCar - Department of Information Science's Youtube Channel: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLZg9nr4ZM8kcYBUQEGLqOCQCNTewjw93->.

⁶ This Report marks the 10th anniversary of The Art of Bibliography International Forum.

The Report opens with an article that locates the substratum and foundation for bibliographic activities and gestures: documents. In **Documents as context: rethinking the materiality of content and its impacts on knowledge organization**, Jose Augusto Chaves Guimarães discusses the relationship between society's memory and its record, despite the fact that these are necessary to address the limitations of human memory, and proposes the (re)configuration of documents from a point of view that refers to its indexical character, since, in addition to its content, a context of production is evoked and elements related to its origin, organicity, authorship are added, as well as its space-time context.

Then, it presents exquisite work **Bibliography on social justice: sources on the topic in Library and Information Science**, related to the systematization and problematized discussion of sources about the Bibliography on Social Justice, by Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Dirnéle Carneiro Garcez, Gabriel de Melo Vieira, Priscila Rufino Fevrie and Ana Paula Meneses Alves. Such systematization is presented to us at a decisive moment for the configuration of urgent agendas in informational studies. Thus, this paper demonstrates the extent to which social justice can be contemplated by Library Science and confirms the relevance of constant investments in research of this nature as a resistance strategy against epistemic actions.

Diná Marques Pereira Araújo and Fabrício José Nascimento da Silveira in text - **Women writers in brasiliana bibliographies**, ignite the debate on the presence of women writers in these bibliographies in order to identify the silencing enabled by bibliographic writing and that, in a way, tuned in with the European imagination about Brazil. In this text, the authors address productions authored by women in six bibliographies on brasiliana themes and indicate that texts written by female authors about Brazil only began to appear in the public sphere in the 19th century, and were published in Europe, exclusively.

The work authored by Murilo Artur Araújo da Silveira and Daniela Eugênia Moura de Albuquerque, **The illicit trafficking of cultural property from the IPHAN database: an analysis of the rescued cultural goods**, searches the Sought Cultural Goods Database to understand its bibliographic structure, where bibliography is understood as an element that allows access to informational resources, based on the

understanding of how information is listed, categorized and, finally, how the listed objects are described: all responsibilities that belong to the documentalist bibliographers. Within a report dedicated to social justice, we believe that concerns about the trafficking of illicit cultural property in a country with a colonial past clearly establish the need for bibliographic foundations for matters of “cultural” injustice. The lack of a solid bibliographic structure on such goods represents a limitation of cultural warrants, necessary for social justice. In this case, the National State is proposed as a subject that, in its internal and external relations, must deal with the symbolic value of cultural goods in the institutionalization of its cultural memories. This becomes social justice insofar as the IPHAN database is equipped with bibliographic-documentary tools capable of proving, confronting and assuming ownership of these objects.

In paper **The contribution of 19th and 20th century black bibliophiles and bibliographers to the construction of a Black Bibliography**, authors Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Dirnéle Carneiro Garcez, Diná Marques Pereira Araújo, Priscila Rufino Fevrier, Gabriel de Melo Vieira, show, in a strongly-worded manner, how much “bibliographies can help face the epistemic and memoricidal actions of the black and afrodiasporic population”. In addition, the unavoidable contributions related to the construction of bibliographic gestures linked to black experiences, by David Ruggles, Arthur Alfonso Schomburg, Daniel Alexander Payne Murray, Monroe Nathan Work and Dorothy Porter Wesley are duly addressed in the article, making it an instrument of social justice and black epistemic repairation.

In carrying out a study on the Ailton Krenak Library and its collaborative catalogue, Nathália Lima Romeiro and Bruno Almeida dos Santos, in **Wild bibliography: collaborative audiovisual catalog on teachings of Ailton Krenak**, advance in an in-depth discussion, which problematizes coloniality, epistemic dependence and social injustices produced on Brazilian indigenous knowledge. Within this context, they present and analyze how bibliographies and bibliographic catalogs can currently be operated as decolonial tools. The authors present figures from the Library’s interface, which, in turn, are part of the ‘Comunidade Selvagem’ project dedicated to promoting an educational digital environment related to Brazilian indigenous knowledge, which demonstrates the aesthetic and epistemic originality of this oral library.

Paper **The alternative knowledge of the Biblioteca Universal Guei against epistemic injustice in Brazilian literature**, by Diogo Roberto da Silva Andrade, Ana Paula Meneses Alves and Franciéle Carneiro Garcês da Silva, proposes a “leap” in time, rescuing the work of newspaper *Lampião da Esquina*, mainly that of its section *Biblioteca Guei*. It is a commercial operation aimed at the LGBTQIA+ community between the 1970s and 1980s that makes up the puzzle of literature that is “marginalized” and, in general, absent from the institutional spaces. For the authors, “in the context of southeastern Brazil, the Rio de Janeiro/São Paulo newspaper contributed to the book’s and the reader’s agenda in the social and cultural context” and the work proposed, through a clear theoretical contextualization and an interesting selection of abstracts of the promoted works, contributes not only to repairing an “epistemic injustice”, but also to a more inclusive bibliography.

Authors Fernanda Parolo de Mattos Nogueira and Luciana de Souza Gracioso, in **Community Archives in the context of the Technical-Scientific-Informational Environment: agents of Globalization in Solidarity and Decolonial Innovation**, sought to establish theoretical relationships that enabled a broader understanding of the place and role of Community Archives in society. They especially resort to the context exposed in Milton Santos, from the Technical-Scientific-Informational Environment, and place such Archives as valuable agents in the constitution of Solidarity Globalization, as advocated by the author. The Community Archive is recognized as an information-power equipment, and confirms itself as an indispensable agent so that diverse and plural memories can compose the social fabric, subsidizing its innovation processes.

In **Bibliography in the digital age: challenges to ensure the democratization of information access**, Marcelo dos Santos presents a link between Bibliography and the mediation of information when addressing the use of information and communication technologies (ICTs). The researcher highlights how much accessibility barriers are still present, be they physical or cognitive, and the usability of information products or systems in terms of the democratization of access to information in modern digital environments, and indicates as challenges the understanding of the field and the surroundings of the empirical object of the bibliographic work, and the identification of potential users, their informational demands and the contexts in which these demands arise, both based on the user-content-context triad.

The report closes with an exquisitely-written opinion article, in balance between Agamben's philosophizing and Rufino's *crossing*, authored by Vinícios Menezes. **LivrOnça: um conceito de livro na América Indígena** explores the rising (of) the book in the indigenous Americas, in a process of colonization by the bibliographic authority. After his declination of the ontology of the book of Western matrix, Menezes explores the territory generated by this ontology, mapping the existence of what was designated as a book in indigenous cosmovisions. Such books, however, are not, to this day, included on the bibliographic horizon. To the extent that book is life, it is a subject and no longer an object, resulting in the paradox of bibliography with a history of structuring knowledge of the book as an "object", obliterating, however, the existence of books as "subjects", which should be included in the bibliographical canon. After all, as the author asks, in a direct and simple manner, "what is a book?".

Once clarified the theoretical-intellectual pathways that underpin our proposal as Bibliography and Social Justice are intertwined, we believe that the results achieved by the researchers who accepted the challenge in this issue of Revista Ciência da Informação stand as indicators of trends on Social Justice in the field of Bibliography, Library Science and Information Science, constituting a solid basis for future and necessary reflections.

REFERENCES

KILOMBA, Grada. Grada Kilomba: "O colonialismo é a política do medo. É criar corpos desviantes e dizer que nós temos que nos defender deles". [Interview given to] Joana Oliveira, *El País*, São Paulo, Sept. 2019. Available at: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/19/cultura/1566230138_634355.html. Access on: Jul 30, 2023.

TELESCOPIUM. VIII A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021. Available at: <http://www.telescopium.ufscar.br/index.php/viii/viii>. Access on: Jul 30, 2023.

ACKNOWLEDGMENTS

The Art of Bibliography International Forum acknowledges the professors, researchers and professionals of the Departamento de Ciência da Informação of the Universidade Federal de São Carlos (DCI-UFSCar) for their warm welcome and collaboration in the conception, organization and holding of the VIII Seminário Internacional A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social (UFSCar, 2021).

Andre Vieira de Freitas Araujo

PhD in Information Science from the Escola de Comunicação e Artes of the Universidade de São Paulo (PPGCI-ECA/USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. Professor at the **Departamento de Ciência e Gestão da Informação** (DECIGI) and at the Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGGI) at the Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7551780669212379> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3003-7424> Email: armarius.araujo@gmail.com

Luciana de Souza Gracioso

PhD in Information Science from the Universidade Federal Fluminense (UFF) / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Professor at the Departamento de Ciência da Informação (DCI) and the Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) at the Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4898201916360294> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6320-4946> Email: luciana@ufscar.br

Zaira Regina Zafalon

PhD in Information Science from the School of Philosophy and Sciences of Universidade Federal de São Paulo "Júlio de Mesquita Filho", Marília, São Paulo, Brasil. Professor at the Departamento de Ciência da Informação (DCI) and the Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) at the Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1584935790390793> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4467-2138> Email: zaira@ufscar.br

Giulia Crippa

PhD in Social History from the Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas of the Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. Professor at the Department of Cultural Goods at the Università di Bologna (Italy) (UNIBO) and at the Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) at the Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2986616715435331>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6711-3144>
Email: giulia.crippa2@unibo.it

BIBLIOGRAFÍA Y JUSTICIA SOCIAL¹

La palabra *bibliografía*, de origen griego, comenzó a utilizarse en la Edad Moderna a partir de la publicación de la obra de Gabriel Naudé *Bibliographie politique* en 1633. Mientras que en el mundo griego se refería simplemente al acto de escribir libros, desde la Edad Moderna su abanico semántico se ha ampliado notablemente. Por un lado, indica cualquier estudio que se ocupe del libro, solapándose con su historia, entendida como su producción material, procesos editoriales, circulación, mediación. En un sentido más tradicionalmente bibliotecario y documental, la palabra *bibliografía* designa el acto de elaborar listas y catálogos más o menos detallados, que permiten acceder a la imponente masa de libros a través de su descripción material (bibliografía “material”) y de su contenido (bibliografía “intelectual”).

En tiempos tecnológicos, la Bibliografía amplía su alcance estudiando los más diversos recursos informativos producidos mucho más allá de un repertorio compuesto únicamente por libros o revistas -impresos o digitales- para enfrentarse a materiales digitales de carácter cada vez más “híbrido” en su textualidad escrita y audiovisual.

Lo que, de hecho, permanece en el tiempo, a pesar de los cambios en los medios y en los procesos de producción, es el papel fundamental de la Bibliografía: se sitúa en la base de todas y cada una de las posibilidades de producción de conocimiento científico, literario y artístico. *In primis*, el bibliógrafo, el bibliotecario y el científico de la información son responsables de la elaboración de bibliografías consistentes que orienten tanto la composición de los fondos bibliotecarios como los recursos de información fiables en el contexto de las redes digitales, cuestión esta última que abre nuevas pautas para la reflexión, la investigación y la experimentación bibliográficas.

Uno de los grandes interrogantes de los últimos años se refiere a los *biases* ideológicos incrustados en las propias estructuras de organización del conocimiento, en las que, cada vez más, se detallan y contestan matrices eurocéntricas, blancas y burguesas. Una demanda/provocación global ha llegado al campo de la Bibliografía, basada en dos cuestiones. La primera es que la imposición de la Bibliografía ha desarrollado su trabajo a partir del principio de que los valores de esta sociedad blanca y patriarcal eran superiores a los demás y que, por tanto, debían ser difundidos, incluso con su imposición violenta. La segunda es de carácter “demográfico”, ya que los estudios se confiaron a los mismos hombres blancos, mientras que todas las demás realidades, ya se tratara de diversidad étnica y racial, de género o de clase, estaban extremadamente infrarrepresentadas.

Este más que legítimo fenómeno contestatario se ha traducido en investigaciones orientadas a agendas participativas dentro del campo de la Bibliografía. Inevitablemente, en la medida en que, como hemos dicho, la Bibliografía orienta las propias condiciones del conocimiento, sus estructuras etnocéntricas comienzan a ser desmontadas² y reconstruidas a través de trayectorias guiadas por cuestiones de participación, accesibilidad e interculturalidad. Todo ello se ha desarrollado sobre la base de la llamada “justicia social”.

No existe una definición unívoca de este término, ya que las posiciones ideológicas que pretenden enmarcarlo varían entre las reivindicaciones impulsadas por los movimientos sociales radicales y las perspectivas neoliberales. El término justicia social hunde sus raíces en la Revolución Francesa, mientras que el concepto al que hace referencia, es decir, la idea de que debemos aspirar y construir una sociedad que garantice la justicia para todos, ya está presente en reflexiones filosóficas mucho más antiguas.

¹ La contribución de los autores se puede diferenciar de la siguiente manera: Andre Vieira de Freitas Araujo (UFPR) concepción, consolidación textual y revisión del editorial, ligeras contribuciones en los ocho primeros párrafos y el último de la introducción, además de la presentación del Fórum Internacional A Arte da Bibliografia; Luciana de Souza Gracioso (UFSCar) presentación de los artículos y revisión del editorial; Zaira Regina Zafalon (UFSCar) presentación de los artículos y del VIII Seminário Internacional A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social (UFSCar, 2021); Giulia Crippa (UNIBO) presentación de los artículos y redacción de los ocho primeros párrafos y del último de la introducción.

² Traducción: El término “desmantelamiento” recorre la obra de la artista y académica Grada Kilomba. Para ella, el desmantelamiento de las estructuras de poder también implica el lenguaje visual y semántico. “Normalizamos palabras e imágenes que nos informan de quién puede representar la condición humana y quién no. El lenguaje es también un transporte de violencia, por lo que necesitamos crear nuevos formatos y narrativas”. Esta desobediencia poética es descolonizadora”. (Kilomba, 2019, traducción editorial).

La justicia social aborda las dificultades a las que se enfrenta la sociedad en materia de empleo, educación, atención sanitaria y necesidades económicas y adopta soluciones para resolverlas. La justicia social, según una visión moderna, sería el motor que llevaría a la “solución” de los problemas de una sociedad. Cada persona necesita de los demás para satisfacer el conjunto de necesidades que no podría satisfacer por sí sola, pero, sobre todo, el Estado del bienestar actúa a través de sus instituciones con este fin, integrándose con las distintas formaciones sociales (familia, escuela, asociaciones, etc.) y coordinándolas para resolver sus problemas. Se trata, sobre todo, de la realización de la plena libertad de los individuos y del reconocimiento de la plena dignidad de la existencia de todos los individuos, principios que ya marcaron el nacimiento del Estado *Welfare State*: la justicia social parte de la base de que todos los seres humanos tienen los mismos derechos y que la justicia implica igualdad y equidad, no sólo manteniendo el orden social sino promoviendo cambios en las comunidades. Por ello, el Estado promueve actividades que garanticen las libertades fundamentales, asegurando una vivienda digna, educación, asistencia sanitaria y haciendo accesibles a todos los derechos de pensamiento, expresión, religión, asociación, libertad de circulación, igualdad de género y libertad de orientación sexual. Es tarea del Estado implementar la justicia social eliminando todos los impedimentos que dificulten su cumplimiento.

Es en esta dirección que propusimos, en 2021, el enfoque del Seminario Internacional El Arte de la Bibliografía³, que tuvo como desafío, en su octava edición, reflejar teorías y prácticas bibliográficas capaces de mayor inclusividad y epistemes no naturalizadas, sino fruto de luchas y resistencias que permitieron desgarrar la hegemonía de una Bibliografía y gestos bibliográficos provenientes del pensamiento occidental moderno.

³ Evento internacional e itinerante concebido por el Foro Internacional El Arte de la Bibliografía, constituido en 2014 por Andre Vieira de Freitas Araujo (entonces de la Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, actualmente de la Universidade Federal do Paraná, UFPR), Giulia Crippa (entonces de la Universidade de São Paulo, USP, actualmente de la Università di Bologna, UNIBO) y Gustavo Saldanha (del Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia y de la Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, IBICT-UNIRIO).

El VIII Seminário Internacional A Arte da Bibliografia (Fig. 1) se celebró los días 9 y 10 de diciembre de 2021 y fue organizado por la Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), en colaboración con el Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), la Universidade Federal de Rio de Janeiro (UFRJ), la Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) y la *Università di Bologna* (UNIBO), y tuvo como tema central **Bibliografia y Justicia Social**. La propuesta de realizar el evento en la UFSCar comenzó a gestarse durante el V Seminário Internacional A Arte da Bibliografia, realizado en Recife en 2018.

Figura 1 - Arte para el VIII Seminário Internacional A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social



Fuente: Telescopium (2021)

Arte: Rodrigo de Araújo⁴

⁴ El trabajo de Rodrigo de Araújo puede seguirse en instagram: @cadavresexquis.

Con la visión de que la justicia social implica comprender y (re)dimensionar la perspectiva humana y su relación con el mundo, la obra adoptada en la difusión evoca la igualdad de derechos (marcada por la paleta de colores de la cabecera) y la solidaridad colectiva necesaria en el hacer, pensar, criticar y ser de la Bibliografía (contexto en el que se entremezclan los colores presentados en la cabecera con la mano).

En esta ocasión, el evento, que contó con la participación de más de 300 personas, en modalidad sincrónica a distancia⁵, tuvo, a lo largo de cuatro sesiones, 16 trabajos presentados, resultado de las investigaciones de 30 autores. Los trabajos presentados incluyeron investigaciones sobre pobreza, justicia social, pueblos tradicionales, autismo y ciudadanía en la Sesión 1; las enseñanzas de Ailton Krenak, la propuesta de un devir-América bibliográfico, la ética y la política del bibliógrafo y una biobibliografía de Nicolas Roubakine, en la Sesión 2; el ciberespacio, el periódico *Lampião da Esquina* y el libro del artista, en la Sesión 3; y en la Sesión 4, la bibliografía negra, las escritoras, la bibliografía folclórica y la colección de Manfredo Setalá. Además de éstas, tuvieron lugar tres sesiones temáticas, organizadas en tresejes: [1] *Transgressões e Insurgências na Bibliografia*, en la que colaboraron Bruno Nathansohn, Johnny Passos y Franciéle Carneiro Garcês da Silva; [2] *O discurso e a prática bibliográfica e sua relação com a justiça social*, con Gustavo Silva Saldanha, Carlos Henrique Juvêncio da Silva y Lucia Sardo; y [3] *Migrações humanas y epistemicidios*, con Antón Castro Miguez y Fabrício José Nascimento da Silveira.

Además de las sesiones, también formaron parte del programa las conferencias de apertura, clausura e internacional. La Conferencia de Apertura, titulada *A educação das relações étnico-raciais no ensino de Ciências: construção de um campo?*, corrió a cargo del Dr. Douglas Verrangia (UFSCar). En la Conferencia de Clausura, titulada *Tessitura patrimonial e contextual do documento*, se pudieron debatir los enfoques aportados por los investigadores Dr. José Augusto Chaves Guimarães (UNESP), con *O documento como contexto: repensando a materialidade de um conteúdo*,

y Dr. Andre Viera de Freitas Araujo (UFPR), con *Dimensões críticas do patrimônio bibliográfico: sentidos, sistemas de valores e direitos culturais*. La Conferencia Internacional, por su parte, corrió a cargo de la Dra. Giulia Crippa (UNIBO, Italia), y se tituló *Contar a história e a memória cultural: Public History e Bibliografia*.

Así, la praxis bibliográfica y su ejercicio de transformación social, centro de las discusiones iniciadas en el VIII Seminário Internacional A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social, presenta sus resultados en este Dossier⁶.

El Dossier comienza con un artículo que localiza el sustrato y fundamento de las actividades y gestos bibliográficos: el documento. En **El documento como contexto: repensando la materialidad de un contenido y sus impactos en la organización del conocimiento**, José Augusto Chaves Guimarães discute la relación entre la memoria de la sociedad y su registro, sin perjuicio de que estos sean necesarios para hacer frente a las limitaciones de la memoria humana, y propone la (re)configuración del documento desde una óptica que remite a su carácter indicial, ya que, además de su contenido, se evoca un contexto de producción y se añaden elementos relacionados con su procedencia, organicidad, autoría, así como su contextualización espacio-temporal.

A continuación, se presenta el exquisito trabajo **Bibliografia sobre Justiça Social: fontes acerca tema em Biblioteconomia e Ciência da Informação**, relacionado con la sistematización y discusión problematizada de las fuentes de la Bibliografía sobre Justicia Social, de autoría de Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Dirnéle Carneiro Garcez, Gabriel de Melo Vieira, Priscila Rufino Fevrie y Ana Paula Meneses Alves. Esta sistematización se nos presenta en un momento decisivo para la configuración de agendas urgentes en el campo de los estudios de la información. Así, el trabajo desarrollado y presentado demuestra hasta qué punto la justicia social puede ser contemplada por la Bibliotecología y confirma la pertinencia de inversiones constantes en investigaciones de esta naturaleza como estrategia de resistencia frente a las acciones epistémicas.

⁵ El acceso a las grabaciones de las sesiones del evento están disponibles en el Canal Youtube del DCI UFSCar - Departamento de Ciencias de la Información: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLZg9nr4ZM8kcYBUQEGlQoCQCNTewjw93->.

⁶ Este Dossier marca el 10º aniversario del Foro Internacional El Arte de la Bibliografía.

Diná Marques Pereira Araújo y Fabrício José Nascimento da Silveira incitan en el texto **Mulheres escritoras em bibliografias brasileiras**, a un debate sobre la presencia de escritoras en estas bibliografías con el fin de identificar los silencios que la escritura bibliográfica posibilita y que, en cierto modo, estaban en sintonía con el imaginario europeo sobre Brasil. En el texto, el autor y la autora señalan producciones autorales femeninas en seis bibliografías de tema brasileño e indican que los textos de autoría femenina sobre Brasil sólo empezaron a aparecer en la escena pública en el siglo XVIII, siendo publicados exclusivamente en el continente europeo.

El trabajo de Murilo Artur Araújo da Silveira y Daniela Eugênia Moura de Albuquerque, **O tráfico ilícito de bens culturais sob a ótica do banco de dados do IPHAN: uma análise dos bens culturais resgatados**, recorre la base *Dados de Bens Culturais Procurados* para comprender su estructura bibliográfica, entendiendo por bibliografía exactamente el elemento que permite el acceso a los recursos informativos, a través de la comprensión de cómo se enumera la información, se categoriza y, finalmente, cómo se describen los objetos de la lista: todas ellas competencias propias del bibliógrafo-documentalista. Dentro de un dossier dedicado a la justicia social, consideramos que la preocupación por el tráfico de bienes culturales ilícitos procedentes de un país con un pasado colonial establece bien la necesidad de fundamentos bibliográficos para las cuestiones de injusticia “cultural”. La falta de un marco bibliográfico sólido sobre dichos bienes representa una limitación de las garantías culturales necesarias para la justicia social. En este caso, el Estado nación se propone como un sujeto que, en sus relaciones internas y externas, debe ocuparse del valor simbólico de los bienes culturales en la institucionalización de sus memorias culturales. Esto se convierte en justicia social en la medida en que la base de datos del IPHAN esté dotada de herramientas bibliográfico-documentales capaces de probar, confrontar y asumir la propiedad de estos objetos.

En el artículo **A contribuição de pessoas bibliófilas e bibliógrafas negras dos séculos XIX e XX para construção de uma Bibliografia Negra**, las personas autoras Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Dirnéle Carneiro Garcez, Diná Marques Pereira Araújo, Priscila Rufino Fevrier, Gabriel de Melo Vieira, muestran, de forma contundente, cuánto “las bibliografías pueden ayudar a enfrentar las acciones epistémicas y memorizadas de la población negra y afrodiáspora”.

Además, las ineludibles contribuciones relacionadas con la construcción de gestos bibliográficos vinculados a las experiencias negras, de David Ruggles, Arthur Alfonso Schomburg, Daniel Alexander Payne Murray, Monroe Nathan Work y Dorothy Porter Wesley, son debidamente aportadas al texto, convirtiéndolo en un instrumento de justicia social y reparación epistémica negra.

Al desarrollar un estudio sobre la Biblioteca de Ailton Krenak y su catálogo colaborativo, Nathália Lima Romeiro y Bruno Almeida dos Santos, en **Bibliografia selvagem: um estudo sobre a biblioteca do Ailton Krenak e seu catálogo colaborativo**, avanzan en una discusión de fondo que problematiza la colonialidad, la dependencia epistémica y las injusticias sociales producidas sobre el conocimiento indígena brasileño. A partir de este contexto, presentan y analizan cómo las bibliografías y los catálogos bibliográficos pueden funcionar actualmente como herramientas decoloniales. Los autores presentan figuras de la interfaz de la Biblioteca, que a su vez forman parte del proyecto “Comunidade Selvagem”, dedicado a promover un ambiente digital educativo relacionado con el conocimiento indígena brasileño, que destacan la originalidad estética y epistémica de esta biblioteca oral.

El artículo **O conhecimento alternativo da Biblioteca Universal Guei contra a injustiça epistêmica na literatura brasileira**, de Diogo Roberto da Silva Andrade, Ana Paula Meneses Alves y Franciéle Carneiro Garcês da Silva, propone un “salto” en el tiempo, recuperando la actuación del periódico *Lampião da Esquina*, especialmente su sección *Biblioteca Guei*. Se trata de una operación comercial dirigida al público LGBTQIA+ entre las décadas de 1970 y 1980 que conforma el puzzle de la literatura considerada “marginal” y, en general, ausente de los espacios institucionales. Para los autores, “en el contexto del sudeste brasileño, el periódico Carioca/ Paulista contribuyó a la agenda del libro y del lector en el contexto social y cultural” y el trabajo aquí propuesto, a través de una clara contextualización teórica y una interesante selección de resúmenes de las obras promovidas, contribuye no sólo a la reparación de una “injusticia epistémica”, sino también a una bibliografía más inclusiva.

Las autoras Fernanda Parolo de Mattos Nogueira y Luciana de Souza Gracioso, en **Arquivos Comunitários no contexto do Meio Técnico-Científico-Informacional: agentes de Globalização Solidária e inovação decolonial**, buscaron establecer relaciones teóricas que permitieran una comprensión más amplia del lugar y de la función de los Archivos Comunitarios en la sociedad. En particular, se basan en el contexto expuesto por Milton Santos, del Entorno Técnico-Científico-Informacional, y sitúan a dichos Archivos como agentes valiosos en la constitución de la Globalización Solidaria, defendida por el autor. El Archivo Comunitario se reconoce entonces como un equipamiento de información-poder, y se confirma como un agente indispensable para que memorias diversas y plurales puedan componer el tejido social, subsidiando sus procesos de innovación.

En **Bibliografia na era digital: desafios para assegurar a democratização do acesso à informação**, Marcelo dos Santos presenta el vínculo entre Bibliografía y mediación de la información al traer a colación el uso de las tecnologías de la información y la comunicación (TIC). El investigador destaca el grado en que aún están presentes las barreras de accesibilidad, ya sean físicas o cognitivas, y la usabilidad de los productos o sistemas de información con respecto a la democratización del acceso a la información en los modernos ambientes digitales y señala como desafíos la comprensión del área y los contornos del objeto empírico del trabajo bibliográfico, así como la identificación del usuario potencial, sus demandas informativas y los contextos en los que surgen estas demandas, ambos basados en la tríada usuario-contenido-contexto.

El dossier se cierra con un artículo de opinión de exquisita factura, en equilibrio entre el filosofar agambeniano y el *cruzo* de Rufino, a cargo de Vinícios Menezes. **LivrOnça: um conceito de livro na América Indígena** explora el devenir (del) libro en las Américas indígenas, en un proceso de colonización por la autoridad bibliográfica. Siguiendo su declinación de la ontología occidental del libro, Menezes explora el territorio generado por esta ontología, mapeando la existencia de lo que ha sido designado como libro en las cosmovisiones indígenas. Tales libros, sin embargo, no están, hasta hoy, incluidos en el horizonte bibliográfico. En la medida en que el libro es vida, es sujeto y deja de ser objeto, resultando en la paradoja de una bibliografía con una historia de estructuración del conocimiento del libro “objeto”, al mismo tiempo que oblitera la existencia de libros “sujetos”, que piden ser incluidos en el canon bibliográfico. Al fin y al cabo, como se pregunta el autor, de forma directa y sencilla, “¿qué es un libro?”.

Así, habiendo aclarado los caminos teóricos e intelectuales que estructuran nuestra propuesta en la imbricación entre Bibliografía y Justicia Social, creemos que los resultados alcanzados por los investigadores que aceptaron el desafío en este número de la Revista *Ciência da Informação* se erigen como indicadores de las tendencias sobre el tema de la Justicia Social en el campo de la Bibliografía, Bibliotecología y Ciencia de la Información, constituyendo un sólido lastre para futuras y necesarias reflexiones.

REFERENCIAS

KILOMBA, Grada. Grada Kilomba: “O colonialismo é a política do medo. É criar corpos desviantes e dizer que nós temos que nos defender deles”. [Entrevista concedida a] Joana Oliveira, *El País*, São Paulo, set. 2019. Disponible en: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/19/cultura/1566230138_634355.html. Acceso en: 30 jul. 2023.

TELESCOPIUM. VIII A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021. Disponible en: <http://www.telescopium.ufscar.br/index.php/viii/>. Acceso en: 30 jul. 2023.

AGRADECIMIENTOS

El Fórum Internacional A Arte da Bibliografia agradece a los profesores, investigadores y profesionales del Departamento de Ciência da Informação de la Universidade Federal de São Carlos (DCI-UFSCar) por su acogida y colaboración en la concepción, organización y realización del VIII Seminario Internacional A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social (UFSCar, 2021).

André Vieira de Freitas Araujo

Doctor en Ciência da Informação por la Escola de Comunicações e Artes de la Universidade de São Paulo (PPGCI-ECA/USP), São Paulo, São Paulo, Brasil.
Profesor del Departamento de Ciência e Gestão da Informação (DECIGI) y del Programa de Posgrado en Gestão da Informação (PPGGI) de la Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná. Brasil.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7551780669212379>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3003-7424>
Correo electrónico: armarius.araujo@gmail.com

Luciana de Souza Gracioso

Doctora en Ciência da Informação por la Universidade Federal Fluminense (UFF)/ Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
Profesora del Departamento de Ciência da Informação (DCI) y del Programa de Posgrado en Ciência da Informação (PPGCI) de la Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4898201916360294>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6320-4946>
Correo electrónico: luciana@ufscar.br

Zaira Regina Zafalon

Doctora en Ciência da Informação por la Faculdade de Filosofia e Ciências de la Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, São Paulo, Brasil.
Profesora del Departamento de Ciência da Informação (DCI) y del Programa de Posgrado en Ciência da Informação (PPGCI) de la Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1584935790390793>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4467-2138>
Correo electrónico: zaira@ufscar.br

Giulia Crippa

Doctora en História Social por la Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de la Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, São Paulo, Brasil.
Profesora del Departamento de Bens Culturais de la Universidade de Bolonha (Itália) (UNIBO) y del Programa de Posgrado en Ciência da Informação (PPGCI) de la Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2986616715435331>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6711-3144>
Correo electrónico: giulia.crippa2@unibo.it

Artigos
Versão original

Articles / Artículos

Original version / Versión original

O documento como contexto: repensando a materialidade de um conteúdo e seus impactos na organização do conhecimento

José Augusto Chaves Guimarães

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo

Professor Titular do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista Júlio de

Mesquita Filho (UNESP). Marília, São Paulo, Brasil.

E-mail: chaves.guimaraes@unesp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6380929054652063>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0310-2331>

Data de submissão: 03/10/2022. Data de aprovação: 27/02/2023. Data de publicação: 22/09/2023

RESUMO

A organização, a recuperação, a preservação e a disponibilização da memória da sociedade, em suas mais diversas facetas, sempre permearam os saberes e os fazeres da humanidade, que buscou construir, ao longo do tempo, artefatos que pudessem ir além das limitações da memória humana, de modo a abrigar um cada vez maior volume de dados, informações e conhecimentos. Contudo, é, notadamente, a partir do século XIX, com a explosão informacional, que a preocupação com a organização do conhecimento registrado em documentos e institucionalmente preservados se intensifica. A vista disso, discute-se o caráter inicial - ou testemunhal - do documento, não apenas relativamente a seu conteúdo, mas, e, principalmente, como fruto de um contexto de produção, aspecto que impactará sua organização. Nesse sentido, analisam-se as novas configurações do conteúdo documental – cerne da organização do conhecimento – que vai além do assunto para agregar elementos relativos à sua proveniência, organicidade, autoria, bem como sua contextualização espaço-temporal.

Palavras-chave: documento; organização do conhecimento.

INTRODUÇÃO

Um aspecto que sempre permeou os saberes e os fazeres da humanidade reside na organização, na recuperação, na preservação e na disponibilização da memória da sociedade em suas mais diversas facetas. Para tanto, essa sociedade buscou construir, ao longo do tempo, artefatos que pudessem ir além das limitações da memória humana, de modo a abrigar um cada vez maior volume de dados, de informações e de conhecimentos.

Assim, na Antiguidade, as inscrições rupestres nas cavernas e as placas de argila descritivas de papiros e pergaminhos em palácios mesopotâmicos, bem como o sistema de classificação de Calímaco, em Alexandria, foram importantes marcos dessa trajetória de registro e representação, que, na Idade Média, evidenciou-se nas glosas e nas marcações marginais dos monges copistas, por exemplo. Tal aspecto, por sua vez, foi amplamente potenciado com a invenção dos tipos móveis, por Gutenberg, o que possibilitou a multiplicação dos registros do conhecimento e, por conseguinte, sua mais ampla divulgação.

Com o humanismo dos séculos XVII e XVIII, essa preocupação se acentua e se sofisticava por meio da *Encyclopédie* de Diderot e D'Alembert, da Classificação dos Seres Vivos de Lineu, dos primeiros periódicos e das concordâncias bíblicas de Alexander Cruden.

Mas é notadamente no século XIX, com a explosão informacional, que a preocupação com a organização do conhecimento registrado em documentos e institucionalmente preservados se intensifica, seja com o *Répertoire Bibliographique Universel* de Paul Otlet, seja com a Classificação Decimal de Dewey, entre outras iniciativas.

Com Otlet, especificamente, tem-se uma preocupação mais efetiva com o uso das tecnologias de comunicação então disponíveis a serviço da organização do conhecimento, aspecto que se efetivou mais notadamente após a Segunda Guerra Mundial quando Vannevar Bush, ao criar o Memex, procurou dotar a humanidade e “memórias auxiliares” que pudessem servir de extensões mais amplas, abrangentes e potentes da memória humana - o computador – que, no final do século XX, passou a estar a serviço de uma grande rede de interconexão dos cidadãos, propiciando não apenas grande capacidade de armazenamento, mas, principalmente, mais ampla e rápida possibilidade de comunicação, de transmissão e de interconexão.

E, com isso, deparamo-nos, mais notadamente no presente século, com o fenômeno – e desafio – dos dados, estruturados ou não, gerados em grande volume, em rápido e contínuo crescimento que caracterizam o *Big data*. Se tal desafio foi, desde logo, objeto de preocupação das ciências biológicas e das ciências exatas, hoje é uma realidade das ciências humanas e das sociais, com as denominadas *Humanidades digitais*, trazendo novas perspectivas de acesso, armazenamento, organização e disseminação da informação em instituições voltadas à preservação da memória da sociedade, como arquivos, bibliotecas e museus.

Todo esse intrincado contexto traz consigo a necessidade de se refletir mais detidamente sobre o documento e sobre os desafios e perspectivas que se colocam para fins da organização do conhecimento neles registrado.

À vista disso, o presente trabalho, partindo da noção de informação como coisa (Buckland, 1991), discute o caráter indicial – ou testemunhal – do documento, não apenas relativamente a seu conteúdo, mas, principalmente, como fruto de um contexto de produção, aspecto que impactará sua organização. Nesse sentido, analisam-se as novas configurações do conteúdo documental – cerne da organização do conhecimento – que vai além do assunto para agregar elementos relativos à sua proveniência, organicidade, autoria, bem como sua contextualização espaço-temporal.

O DOCUMENTO COMO FOCO

O conceito de documento constitui elemento central na Ciência da Informação, pois é tão somente a partir dele que se pode pensar nos processos que incidem sobre a informação e que integram o objeto de estudo da referida ciência. Para tanto, resgatam-se as palavras seminais de Borko (1968, p. 3, tradução nossa)¹, para quem a:

Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação, e os meios de processamento da informação, visando à acessibilidade e à usabilidade ótimas.

Devemos nos recordar que é tão somente a partir do documento, entendido em uma concepção ampla, que se pode efetivamente perceber essa informação e tudo o que a ela pode ser aplicado.

Para tanto, considerando inclusive o contexto atual do universo informacional, é necessário ter em conta que a organização, a recuperação, a preservação e a disponibilização da memória da sociedade encontram exequibilidade a partir do conceito de documento que, por sua vez, pressupõe materialidade, socialização, intencionalidade e conteúdo cognoscível.

¹ Original: “Information science is that discipline that investigates the properties and behavior of information, the forces governing the flow of information, and all the means of processing information for optimum accessibility and usability” (Borko, 1968, p. 3)

Foi mais especificamente a partir da obra seminal *Qu'est-ce que la documentation*, de autoria de Suzanne Briet (1951), em uma verticalização do *Traité de documentation*, de Paul Otlet (1934), que o documento pôde ser objeto de análise em si mesmo, como que em uma experiência *in vitro*. Para a referida autora, o documento constitui, por um lado, um elemento de prova que dá suporte a um fato e, por outro, uma representação concreta de um fenômeno físico, intelectual ou simbólico, que é conservado no espaço e no tempo, como subsídio à memória da humanidade.

Briet (1951, p. 7, tradução nossa)² vê no documento uma “[...] base de conhecimento fixada materialmente e suscetível de ser utilizada [...]”, aspecto que se completa com a visão de Buckland (2017) para quem o termo documento corresponde a conhecimento registrado cujo conteúdo deve ser compreendido a partir do contexto social de seu produtor cotejado com o contexto social do usuário.

Em virtude de sua tangibilidade, o documento, para Buckland (1991), constitui uma informação coisificada, que fornece o ponto de partida para que se desenvolva a denominada informação como processo que resultará em uma informação como conhecimento. A materialidade do documento, embora essencial, não lhe é suficiente para gerar informação e, posteriormente, conhecimento, pois essa materialidade necessita estar clara e intencionalmente inserida em um contexto social, o que pressupõe sua disponibilização e seu uso coletivo.

Como destacam Smit e Barreto (2002), essa socialização necessita de um processo de institucionalização do documento, para que a informação nele contida possa ter portabilidade no espaço e a permanência no tempo. Tem-se, pois, um processo de gestão institucional dos saberes (Fernandes, 1995) a cargo de instituições coletoras de cultura (Homulos, 1990).

Pelo fato de poder ser posteriormente institucionalizado para uso social, o documento, em especial na Ciência da Informação, pressupõe intencionalidade, o que se manifesta desde o momento de se registrar um conhecimento com o claro intuito de transmiti-lo.

A respeito da intencionalidade, Briet (1951) coteja o fenômeno de uma estrela visível no céu e a sua documentação por meio de uma fotografia no acervo de um arquivo ou de uma biblioteca; ou ainda a distinção entre uma pedra em um rio e a sua função como documento quando abrigada em um museu de Geologia, por exemplo. Nas referidas situações, tem-se a clara intenção de se registrar algo e preservá-lo para a posteridade, bem como torná-lo disponível à sociedade como subsídio à construção de um conhecimento.

E é exatamente na dimensão do conhecimento que Barité (2001) destaca a necessidade de o documento possuir um conteúdo cognoscível, sem o que não se efetiva a ação comunicativa que ele pressupõe ao ser socializado.

O conteúdo constitui, para fins de construção de um conhecimento, a essência de um documento, pois é a partir dele que se identifica, representa e transmite uma informação, fruto de um conhecimento anterior que foi ali registrado. Esse conteúdo, por sua vez, manifesta-se em distintas perspectivas – ou camadas – seja a perspectiva do autor (o que ele buscou transmitir no documento), do usuário (o que ele busca recuperar no documento), seja do sistema, aqui incluindo-se a atuação dos profissionais da informação (o que foi captado e representado para fins de disseminação). Desse modo, o conteúdo documental em si mesmo pode ser abordado em três perspectivas, como destaca Gil Leiva (2008) e Sousa e Fujita (2014). Na perspectiva do autor, tem-se o que é abordado no documento (Lancaster, 1991; Soergel, 1985), na perspectiva do usuário, o reconhecimento do conteúdo do documento leva em consideração as possíveis necessidades de informação da comunidade usuária (Albrechtsen, 1993; Fidel, 1994); e, na perspectiva do sistema ou do domínio, leva-se em conta não apenas as duas anteriores, como também o contexto do documento e da instituição que o abriga (Mai, 2005).

² Original: “[...] toute base de connaissance fixée matériellement et susceptible d’être utilisée pour consultation, étude ou preuve [...]” (Briet, 1951, p. 7).

É importante destacar, especialmente na perspectiva voltada para o domínio, que o conteúdo de um documento vai muito além do assunto em si, como durante muito tempo se pensou, para incorporar todo um contexto de autoria (e das comunidades epistêmicas que a ela subjazem) e o *aboutness* (acerca de que trata o documento em diferentes níveis de especificidade) e os *meanings* (a que visa e a que se presta esse documento) (Beghtol, 1986). A Arquivística traz importante contribuição para essa reflexão ao abordar, na diplomática arquivística (ou diplomática contemporânea), a estrutura documental como algo caracterizador de um dado conteúdo e evidenciador de uma função a ser cumprida. Tem-se, pois, o conteúdo documental como evidenciador de um contexto de produção. A esse respeito, destaca Tognoli (2013) que:

a Diplomática do documento contemporâneo não se limita mais ao estabelecimento das características de autenticidade e/ou falsidade documental, encontrando uma nova finalidade no campo dos estudos arquivísticos, ao propor a observação do contexto de criação dos documentos, a partir de uma análise da parte para o todo. (Tognoli, 2013, p. 113)

Indo além, Tognoli, Schmidt e Guimarães (2022) destacam a centralidade do contexto no que tange à documentação arquivística e seus impactos na organização do conhecimento nessa área. No entanto, o contexto de produção não é exclusividade da Arquivística, uma vez que, na Biblioteconomia, ele igualmente tem importância, visto que autor e editor, enquanto responsáveis pela produção de um documento para fins de pesquisa, são elementos contextuais importantes para a confiabilidade ou não do conteúdo expresso no documento.

Essa dimensão de domínio, por sua vez, pressupõe que se considerem aspectos relativos à proveniência do documento (de onde provém?), à organicidade (como se articula com seus congêneres?), ao objetivo (com que intuito/ finalidade?) e à confiabilidade da informação nele contida (especialmente em tempos de *fake news* quando se tem uma informação não confiável, mas com características e atributos que lhe imputam um aparente caráter de confiabilidade).

Ademais, como destacado por Guimarães (2017), o documento, enquanto tal, atua como representante – ou resultado – de uma configuração espaço-temporal – sem o que perde muito de seu sentido.

Considerando, pois, essa complexidade que cada vez mais circunda o conceito de documento, cabe agora averiguar que tipos de impactos ele traz para a organização do conhecimento.

IMPACTOS NA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Enquanto disciplina nominada como tal, a Organização do Conhecimento (OC), de acordo com Dahlberg (1993), remonta à obra *A organização do conhecimento e o sistema das ciências*, de Evelyn Bliss (1929), ainda que a preocupação em organizar o conhecimento produzido pelo homem acompanhe a história da humanidade desde a Antiguidade, passando pelas categorias aristotélicas, pelo Trivium e o Quadrivium caracterizadores do ensino das artes liberais na Idade Média, pela *Encyclopédie* de Diderot e D'Alembert durante o Iluminismo, pela Classificação dos seres vivos de Lineu, e, notadamente, a partir do século XIX, com os sistemas de organização do conhecimento para fins documentais, com os trabalhos de Dewey, Otlet, La Fontaine e Ranganathan, entre outros (San Segundo, 1996). Essa trajetória, por sua vez, reflete uma cronologia definida por Pombo (1998), como organização dos saberes, dos seres e dos documentos.

No decorrer das três últimas décadas, e, em especial, a partir da criação da International Society for Knowledge Organization (ISKO), em 1989, que conferiu a essa área de conhecimento um *status* eminentemente científico, a organização do conhecimento vem se situando “[...] na encruzilhada de ciências como a psicologia, a epistemologia, a ciência da informação, a ciência da comunicação, a linguística, a matemática, a lógica e a ciência da computação [...]” (Garcia Marco, 1997, p. 211). Nesse contexto, a área se depara com os desafios de um mundo em que a produção e conhecimento cresce de forma exponencial sem que o acesso a ela ocorra na mesma medida (Jaenecke, 1994).

Tendo como pressuposto que o conhecimento se constrói a partir da análise e articulação de informações em um dado contexto, informações essas que foram previamente registradas e socializadas (documentadas), coletadas, preservadas, organizadas e disponibilizadas, a OC atua como elemento de mediação em um *continuum* de processos que vão desde a produção até o uso e apropriação de um conhecimento previamente produzido para fins de geração de um novo conhecimento, aspecto que se realiza em uma dinâmica helicoidal (e não cíclica) (Guimarães, 2008). Desse modo, a OC busca extrair e organizar conteúdos documentais que refletem um conhecimento que é orgânico, manifestado por uma forma específica, articulando estrutura, conteúdo e com natureza eminentemente contextual.

Esse conhecimento socializado, por sua vez, só faz sentido se entendido como parte de um conjunto e em intrínseca relação com seus congêneres. Sua materialização (registro) vai além de uma mera forma para refletir uma lógica de estruturação de conteúdos que possa servir a fins específicos. A credibilidade e o valor testemunhal de seu conteúdo dependem de aspectos formais, e cada forma serve especificamente à materialização de determinados conteúdos. Sua gênese é sempre contextual e só faz sentido dentro do contexto. Assim, a OC atua para que o conhecimento possa ser acessado, estabelecendo, como já mencionado, uma ponte entre a produção e o uso/apropriação desse conhecimento, o que se realiza por meio de sistemas de conceitos que são criados para fins científicos, funcionais ou de documentação (pesquisa) e apresenta uma natureza artificial, provisória e determinista (Barité, 2001).

Partindo dessa concepção social, materializada e cíclica de conhecimento, que se efetiva no documento, observa-se que o foco investigativo recai sobre a busca pela compreensão, organização e representação desse conhecimento, de tal forma que possa torná-lo disponível e acessível a um número maior de pessoas.

Tem-se, no caso, aquilo que Dahlberg (1993, p. 214) denomina como “[...] conhecimento em ação [...]”, ou seja, algo acerca do qual existe um certo consenso social, um conhecimento registrado e socializado, cuja organização e representação será desenvolvida de modo que, a partir dele, possa ser gerado novo conhecimento.

Em suma, pode-se dizer que a OC tem por objetivo preservar e promover o acesso ao conhecimento, valendo-se de instrumentos, que são os sistemas de organização de conhecimento (normas de descrição, esquemas de classificação, taxonomias, tesouros, ontologias, tipologias documentais, vocabulários controlados etc), para a realização de processos, a partir de procedimentos sistematizados (identificação, análise diplomática, classificação, descrição, indexação etc) os quais, por sua vez, geram produtos, ou seja, representações que podem ser consideradas como “substitutos do conhecimento” (*surrogates of knowledge*), tais como quadros de classificação, tabelas de temporalidade, índices, notações, descritores, catálogos, inventários, entre outros. (Olson, 2002).

Nesse contexto, especial menção merece a perspectiva cultural da OC que, norteadas por uma tônica sociocognitiva, vem ganhando destaque, notadamente no contexto da ISKO, em temas como: Comunidades discursivas, Garantia/Hospitalidade cultural; Poder de nomear; Multiculturalismo e Multilinguismo, Ética transcultural de mediação, Preconceitos, Domínios inter e transdisciplinares, Interoperabilidade cultural, Valores éticos em OC etc. (Beghtol, 2002; Berman, 1993; Dahlberg, 1992; García Gutiérrez, 2002; Guimarães, 2006; Hudon, 1997; Olson, 2002; Pinho, 2006). Essa perspectiva, por sua vez, nos alerta para os vieses culturais.

Esses vieses, quando negativos (*biases*) pautam-se em atitudes, crenças ou sentimentos que resultam em um tratamento injusto (segregação) de algo ou alguém por conta de suas características ou de sua identidade e compreendem, entre outros aspectos, o preconceito (atitude, crença ou sentimento construído sem conhecimento, reflexão ou raciocínio prévio, baseado em ideias anteriores e não fundamentadas) e o proselitismo (preocupação em converter pessoas – muitas vezes de forma sub reptícia – para um ponto de vista diferente do que ela originalmente possui) (Milani, 2015).

Os vieses na OC são inerentes aos seus procedimentos, instrumentos e produtos, pois esses estão sempre comprometidos com uma determinada visão de mundo e com a assunção de um conjunto de valores e de crenças. Dessa forma, estão presentes no autor, no indexador / classificador, no idealizador do SOC, no ambiente e no usuário. Ademais, evidenciam-se no espaço e no tempo, porque atitudes hoje inaceitáveis podem já ter sido consideradas como valores morais em outras épocas, assim como virtudes em um dado contexto social podem ser vistas como pecados em outro contexto.

Dotados de natureza eminentemente espaço-temporal, os vieses da OC, como destaca Guimarães (2017) articulam-se nas dimensões conceitual e terminológica.

Na dimensão conceitual, os vieses, mais especialmente na representação do conhecimento, manifestam-se quando um dado conceito se ressignifica ao longo do tempo e/ou no espaço enquanto o termo que o representa permanece o mesmo. A título de exemplo, pode-se citar o termo casamento que, ao longo do tempo, abrange diferentes concepções, desde a união exclusivamente entre um homem e uma mulher até, em nossos dias, a união entre homem e mulher, entre mulher e mulher e entre homem e homem. Tem-se, ainda, na dimensão espacial, o conceito de poligamia que, na maioria das sociedades, é visto como um comportamento moralmente inaceitável ao passo que em outras é uma prática social.

Na dimensão terminológica, por sua vez, tem-se um conceito que se mantém inalterado enquanto sua representação terminológica se altera no tempo e/ou no espaço ao longo do tempo. Por exemplo, tem-se, no tempo, a trajetória percorrida pelos termos: idiotas; deficientes mentais; pessoas com deficiências mentais; e pessoas portadoras de necessidades especiais, que foi se alterando para se referir ao mesmo grupo de pessoas, na maioria das vezes, por conta de uma preocupação com o politicamente correto e para propiciar uma abordagem mais inclusiva e respeitosa. No âmbito do espaço, observa-se, por exemplo, que os termos aipim, no sul do Brasil e no Rio de Janeiro, mandioca, em São Paulo, e macaxeira, no Nordeste do Brasil, são designativos de um mesmo tubérculo comestível.

Relativamente à preocupação com o mencionado politicamente correto, há de se ter um certo cuidado para que não se gerem termos metafóricos, artificiais ou mesmo incongruentes, como nos exemplos fornecidos por Guimarães (2017): *Esthetically challenged* (para pessoas feias); *African-American* (para cidadãos negros, pois a África não abriga, originalmente, apenas essa etnia); *Person of size* (para pessoas obesas), e, no extremo, *Hymenally challenged* (para mulheres estupradas).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documento, em uma crescente complexidade, por conta de suas diferentes perspectivas de produção, de apresentação e de disseminação, mais especialmente em tempos de forte presença tecnológica, traz consigo preocupações que devem ser levadas em consideração pela OC na atualidade, notadamente em tempos em que forma e conteúdo não podem mais ser tratados como dimensões estanques e isoladas.

Desse modo, esforços devem ser direcionados para que se evite a recuperação de “lixo informacional” (e aqui a questão da precisão na representação deve ser objeto de séria reflexão), para que se desenvolvam ferramentas cada vez mais amigáveis – e interoperáveis – para garantir rapidez na recuperação, mas com garantia de confiabilidade e de autenticidade dos registros em ambiente digital (especialmente em tempos de *big data* e permeados por *disinformation*, *misinformation* e *malinformation*); e, mais especialmente, para que se evitem vieses na representação, tais como proselitismos, dominações culturais, preconceitos, censura muitas vezes inerentes ao poder de nomear (Guimarães, 2006; Olson 2002) de modo que se possa promover uma ética transcultural de mediação (Garcia Gutiérrez, 2002) com garantia cultural (Beghtol, 2002). Em outras palavras, necessário se torna refletir sobre o complexo e difícil poder que a sociedade outorga aos responsáveis pela organização e representação do conhecimento para que aí atuem em seu nome, poder esse que deve refletir-se em representações que propiciem a inclusão e o diálogo entre diferentes comunidades usuárias, a partir de representações que reflitam – ou ao menos que não ocultem ou se oponham a – valores intrínsecos das diferentes comunidades.

Observa-se, pois, que o conceito de documento se expande em suas modalidades, e forma e conteúdo deixam de ser instâncias distintas para integrarem-se em um espectro mais amplo e coeso e, como consequência, passa a incluir, em distintas unidades de informação, elementos de proveniência, organicidade, autoria, fiabilidade e contextualização espaço-temporal.

ALEA JACTA EST!

REFERÊNCIAS

- ALBRECHTSEN, H. Subject analysis and indexing: from automated indexing to dominion analysis. *The Indexer: the international journal of indexing*, [s. l.], v. 18, n. 4, p. 219-224, Oct. 1993.
- BARITÉ, M. Organización del conocimiento: un nuevo marco teórico-conceptual en Bibliotecología y Documentación. In: CARRARA, K. (org.). *Educação, Universidade e Pesquisa*. Marília: Unesp-Marília-Publicações; São Paulo: FAPESP, 2001. p. 35-60.
- BEGHTOL, Claire. Bibliographic classification theory and text linguistics: aboutness analysis, intertextuality and the cognitive act of classifying documents. *Journal of Documentation*, Bingley, v. 42, n. 2, p. 84-113, June 1986.
- BEGHTOL, C. A proposed ethical warrant for global knowledge representation and organization systems. *Journal of Documentation*, Bingley, v. 58, n. 5, p. 507-532, Oct. 2002.
- BERMAN, S. *Prejudices and antipathies: a tract on the LC subject heads concerning people*. 2. ed. Jefferson (NC); London: McFarland, 1993.
- BLISS, H. E. *The organization of knowledge and the system of the sciences*. New York: Henry Holt and Company, 1929.
- BORKO, H. Information Science: What is it? *American Documentation*, v. 19, n. 1, p. 3-5, Jan. 1968.
- BRIET, S. *Qu'est-ce que la documentation?* Paris: Éditions Documentaires Industrielles et Techniques, 1951.
- BUCKLAND. M. K. Document theory. In: Encyclopedia of knowledge organization. [S. l.]: ISKO, 2017. Disponível em: <https://www.isko.org/cyclo/document>. Acesso em: 5 set. 2022.
- BUCKLAND. M. K. Information as thing. *Journal of the American Society for Information Science*, [s. l.], v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991.
- DAHLBERG, I. Ethics and knowledge organization: in memory of Dr. S. R. Ranganathan in his centenary year. *International Classification*, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 1-2, 1992.
- DAHLBERG, I. Knowledge organization: its scopes and possibilities. *Knowledge organization*, [s. l.] v. 20, n. 4, p. 211-222, 1993.
- FERNANDES, G. C. O objeto de estudo da Ciência da Informação. *Informare*, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 25-30, 1995.
- FIDEL, R. User-oriented indexing. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 45, p. 572-576, 1994.
- GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Knowledge organization from a “culture of the border” towards a transcultural ethics of mediation. In: LÓPEZ-HUERTAS, M. M. (ed.). *Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century*. Würzburg: ERGON, 2002. p. 516-522.

- GARCIA MARCO, F. J. Avances en Organización del Conocimiento en España: los II Encuentros sobre Organización del Conocimiento en sistemas de información y documentación. In: GARCIA MARCO, F. J. (coord.). *Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación 2*. Actas del II Encuentro de ISKO-España, 1995, Getafe. Zaragoza: Librería General, 1997.
- GIL LEIVA, I. *Manual de indización: teoría y práctica*. Gijón: Trea, 2008.
- GUIMARÃES, J. A. C. Slanted knowledge organization as a new ethical perspective. In: ANDERSEN, J.; SKOUVIG, L. (org.). *The organization of knowledge: caught between global structures and local meaning*. Bingley: Emerald, 2017, p. 87-102.
- GUIMARÃES, J. A. C. Aspectos éticos em organização e representação do conhecimento: uma reflexão preliminar. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; ORRICO, E. G. D. (org.). *Políticas de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento*. Natal: EdUFRN, 2006. p. 237-264.
- GUIMARÃES, J. A. C. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 77-99, 2008.
- HOMULOS, P. Museums to libraries: a family of collecting institutions. *Art Libraries Journal*, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 11-13, 1990.
- HUDON, M. Multilingual thesaurus construction: integrating the views of different cultures in one gateway to knowledge and concepts. *Knowledge Organization*, [s. l.], v. 24, n. 2, p. 84-91, 1997.
- JAENECKE, P. To what end knowledge organization? *Knowledge Organization*, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 3-11, 1994.
- LANCASTER, F. W. *Indexing and abstracting in theory and practice*. Londres: The Library Association, 1991.
- MAI, Jens-Erik. Analysis in indexing: document and domain centered approaches. *Information Processing and Management*, [s. l.], v. 41, n. 3, p. 599-611, May 2005.
- MILANI, S. O. Biases na representação de assunto: uma perspectiva a partir da literatura internacional de Biblioteconomia e Ciência da Informação. *Brazilian journal of information science*, [s. l.], v. 9, p. 1, 2015.
- OLSON, H. *The power to name: locating the limits of subject representation in libraries*. Dordrecht: Kluwer, 2002.
- OTLET, P. *Traité de documentation: le livre sur le livre*. Bruxelles: Mundaneum, 1934.
- PINHO, F. A. *Aspectos éticos em representação do conhecimento: em busca do diálogo entre Antonio García Gutiérrez, Michèle Hudon e Clare Beghtol*. Marília: UNESP, 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93693/pinho_fa_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 5 set. 2022.
- POMBO, O. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa*, n. 2, p. 19-33, 1998.
- SAN SEGUNDO, R. Sistemas de organización del conocimiento: la organización del conocimiento en las bibliotecas españolas. Madrid: *Boletín Oficial del Estado*: Universidad Carlos III de Madrid, 1996.
- SMIT, J. W.; BARRETO, A. A. Ciência da informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIM, M. L. (org.). *Formação do profissional da informação*. São Paulo: Polis, 2002. p. 9-23.
- SOERGEL, D. *Organizing information: principles of data base and retrieval systems*. New York: Academic Press, 1985.
- SOUSA, B. P. de; FUJITA, M. S. L. Análise de assunto no processo de indexação: um percurso entre teoria e norma. *Informação & Sociedade: Estudos*, [s. l.], v. 24, n. 1, p. 19-34, jan./abr. 2014.
- TOGNOLI, N. B. *A construção teórica da Diplomática: em busca de uma sistematização de seus marcos teóricos como subsídio aos estudos*. Marília, UNESP, 2013. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103383/tognoli_nb_dr_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 5 set. 2022.
- TOGNOLI, N. B.; SCHMIDT, C.; GUIMARÃES, J. A. C. Context as a core concept in archival knowledge organization. In: LYKKE, M.; SVARRE, T.; HAYNES, D.; SKOV, M.; THELLEFSEN, M.; MARTÍNEZ-ÁVILA, D. (ed.). *Knowledge organization across disciplines, domains, services, and technologies*. Baden-Baden: Ergon, 2022. p. 273-284.

Bibliografia sobre Justiça Social: fontes acerca tema em Biblioteconomia e Ciência da Informação

Franciéle Carneiro Garcês da Silva

Doutora em Ciência da Informação pela Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGInfo/UDESC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2805777083019311>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2828-416X>

E-mail: francielegarces1987@gmail.com

Dirnéle Carneiro Garcez

Doutoranda em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/86557224715647>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3061-9352>

E-mail: dirnele.garcez@yahoo.com.br

Gabriel de Melo Vieira

Mestrando em Gestão da Informação no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGInfo), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4210297769033841>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6003-5369>

E-mail: b.i.1@hotmail.com

Priscila Rufino Fevrier

Doutoranda em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT/UF RJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1804754081319302>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3641-5200>

E-mail: priscila.fevrier@gmail.com

Ana Paula Meneses Alves

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e em Ciências Sociais pela Universidade de Granada (UGR - Espanha). Professora Adjunta da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2434972394883934>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1137-2139>

E-mail: apmeneses@gmail.com

Submetido 31/08/2022. Aprovado em: 01/03/2023. Publicado em: 22/09/2023.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi organizar uma bibliografia seletiva a respeito de justiça social em Biblioteconomia e Ciência da Informação, entre 1960 a 2020. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, descritiva e quali-quantitativa. Foram adotados os conceitos de Dias e Pires (2005) para classificação de bibliografias e uma busca de documentos em bases de dados nacionais e internacionais visando localizar documentos que versassem sobre o tema justiça social em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Após refinamento dos dados, os resultados foram apresentados em uma bibliografia, na forma de lista seletiva de documentos, de apresentação sinalética, de abrangência internacional, de assunto especializado, retrospectiva, de arranjo alfabético e sistemático, em três categorias: formação para justiça social, bibliotecas para justiça social e atuação bibliotecária para a justiça social.

Palavras-chave: bibliografia; justiça social; produção científica; biblioteconomia e ciência da informação.

INTRODUÇÃO

A falta de informação disponibilizada em caráter de equidade entre diferentes grupos sociais e raciais é refletida nos processos de decisões, modo de agir, acesso a direitos, bens e serviços afetando o bem-estar e qualidade de vida desses sujeitos (Medeiros; Presser, 2020).

Para que se consiga atender às necessidades informacionais de forma equitativa, a conduta adotada é aquela direcionada com base nas justiças social e informacional, ambos campos de estudos da Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI). A justiça social “fornece um mecanismo para a educação em BCI¹ para examinar e abordar a diversidade em um sentido amplo, garantindo a inclusão de todos os tipos de grupos diversamente rotulados” (Bonicci *et al.*, 2012, p. 125). Ademais, a justiça social visa ir além de oportunidades iguais para todos, lutando pelo desenvolvimento pleno de estruturas e sistemas que possibilitem ações mais justas e menos restritivas. Dessa forma, possibilita aos sujeitos não só “aprender uns com os outros e serem capazes de criar novos conhecimentos, mas também compartilhar esses conhecimentos para o benefício da humanidade” (Britz; Ponelis, 2012, p. 472). Complementarmente, a estrutura da justiça informacional atua na distribuição justa de informações buscando o “tratamento justo de pessoas e comunidades como fontes e também sujeitos de informação” (Mathiesen, 2015, p. 18).

Assim, a partir de tais compreensões, a presente pesquisa tem como objetivo organizar uma bibliografia seletiva sobre justiça social dentro do campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação (BCI), no período de 1960 a 2020, baseada nos conceitos de Dias e Pires (2005) para classificação de bibliografias² e, deste modo, apresentar uma lista de fontes e das abordagens de pesquisas sobre justiça social no campo.

Como procedimentos metodológicos, realizou-se um estudo bibliográfico, descritivo e quali-quantitativo. Para a recuperação dos documentos relevantes à proposta, buscou-se pelos termos/estratégias “justiça social”, “bibliografia AND justiça social” e “Informação AND justiça social” nos idiomas português, espanhol e inglês em bases de dados nacionais e internacionais que abordam estudos informacionais, a saber: *Journal Storage* (JSTOR), *Web of Science* (WoS), *Library, Information Science & Technology Abstracts* (LISTA) e Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci).

¹ Significa Biblioteconomia e Ciência da Informação.

² Dias e Pires (2005, p. 70) classificam as bibliografias a partir de suas tipologias e características. Para tanto estabelecem 07 tipologias, com suas respectivas características, a saber: natureza do material (características - primária, secundária, exaustiva ou seletiva); âmbito geográfico (características - nacional, internacional ou regional); assunto (características - geral ou especializada); arranjo (características - sistemática, cronológica ou alfabética); período de tempo (características - retrospectiva, corrente ou periódica); apresentação das informações (características - sinalética, analítica ou crítica) e manuseio do documento (características - primária ou secundária).

A seleção das bases de dados esteve ancorada na relevância das mesmas para a área de BCI, em âmbito nacional e internacional. Optamos por adotar na busca o termo bibliografia para também incluir a descoberta de outras possíveis bibliografias sobre a temática. Realizamos as pesquisas nos campos de busca simples com os termos indicados acima e seus correspondentes nas línguas principais das bases. Após a coleta e análise dos dados foi organizada a bibliografia seletiva sobre justiça social, apresentada como Apêndice 1.

DA (IN)JUSTIÇA EPISTÊMICA À JUSTIÇA SOCIAL NA BIBLIOGRAFIA

A injustiça epistêmica utiliza dos fenômenos mentais para agir, distorcer e limitar “o conhecimento que os indivíduos têm, tanto da realidade político-social circundante quanto de si próprios” (Dalaqua, 2020, p. 214). Castro (2020) apoiada pelas inferências de Miranda Fricker afirma que as consequências dessa forma de injustiça afetam não só o sujeito injustiçado, mas, também, a prática ou o sistema epistêmico como um todo.

Nos meandros da teoria da injustiça epistêmica, a filósofa Miranda Fricker estabeleceu que a injustiça epistêmica se refere ao “mal causado a alguém em sua capacidade enquanto um sujeito conhecedor e, assim, em uma capacidade essencial para o valor humano” (Fricker, 2007, p. 5, tradução nossa)³. Se aprofunda pela ocorrência de injustiças com grupos estruturalmente marginalizados que são “injustificados em sua capacidade de conhecedores” (Ottinger, 2017, p. 42). É, portanto, uma exclusão que enseja na capacidade de sujeitos ou grupos participarem ativamente da construção, disseminação e preservação do conhecimento em sociedade (Fricker, 2007; Gabriel; Santos, 2020; Silva; Garcez; Silva, 2022).

Quando a pessoa não é reconhecida como um ser capaz de fornecer informações, ela não se percebe confiante em obter e transmitir conhecimentos, sendo essa forma de injustiça intimamente epistêmica, uma vez que “oferecemos testemunho fazendo afirmações; as afirmações são entendidas como expressão de conhecimento; e a vítima da injustiça epistêmica não é reconhecida como capaz de expressar (e talvez possuir) conhecimento” (Hookway, 2010, p. 153).

Miranda Fricker (2007) discorre sobre a dualidade da injustiça epistêmica, sendo essa vinculada à injustiça testemunhal e injustiça hermenêutica. A injustiça testemunhal “[...] é causada pelo preconceito na economia da credibilidade” (Fricker, 2007, p. 1, tradução nossa)⁴, quando há falta de confiabilidade ao que foi anunciado pelo locutor gerando um julgamento preconceituoso por parte ouvinte; já a injustiça hermenêutica “[...] é causada por preconceitos estruturais na economia dos recursos hermenêuticos coletivos” (Fricker, 2007, p. 1, tradução nossa)⁵, ocorre antes das atividades comunicativas entre os sujeitos, uma vez que o sujeito hermeneuticamente marginalizado se encontra em desvantagem quando não consegue as ferramentas para dar sentido a sua experiência social (Fricker, 2013).

Para além dos conceitos supra-apresentados, Patin *et al.* (2021, p. 1308) nomeiam outras duas injustiças epistêmicas que ocorrem em nosso campo, a saber: a injustiça curricular, “[...] acontece quando os recursos físicos não estão disponíveis para ajudar a sustentar o crescimento epistêmico”; e a injustiça participativa que se relaciona com “a exclusão da participação de cada um em seu próprio desenvolvimento epistemológico” (Patin *et al.*, 2021, p. 1308).

³ Original: “[...] any epistemic injustice wrongs someone in their capacity as a subject of knowledge, and thus in a capacity essential to human value” (Fricker, 2007, p. 5)

⁴ Original: “[...] is caused by prejudice in the economy of credibility” (Fricker, 2007, p. 1).

⁵ Original: “[...] is caused by structural prejudice in the economy of collective hermeneutical resources.” (Fricker, 2007, p. 1)

O trabalho de pessoas profissionais da informação (arquivistas, bibliotecárias, preservacionistas digitais, cientistas da informação) traz “consequências reais para as pessoas marginalizadas porque quem é lembrado e como eles são lembrados dita quem recebe a violência perpetrada contra eles” (Jules, 2016, p. 1).

O campo biblioteconômico - informacional é demarcado por uma história de civilidade, neutralidade e silêncio como armas para a marginalização. Tais instrumentos de poder e controle se entremeiam no campo por esferas como: a) *cursos de graduação* que tornam invisíveis estudantes e docentes pertencentes a grupos colocados às margens e suas demandas por currículos mais justos e representativos; b) *corpo docente* com ausência de professoras e professores de outros pertencimentos étnico-raciais que não o branco; c) *programas de pós-graduação* , cujo controle para ingresso está atrelado a processos de exclusão social e racial, dentre outros. Nesse sentido, a universidade e o campo incorporam desigualdades e exclusões de forma estrutural e estruturadora das relações, epistemes e de sua práxis (Gibson, 2019; Silva; Silva, 2022).

No que concerne à neutralidade profissional, historicamente ela é vista como um valor presente na profissão e nas bibliotecas. É compreendida como a posição de ficar imparcial e não apoiar ou oferecer suporte a nenhum dos lados em situações de conflito, desacordo ou guerra. Os valores da neutralidade profissional estão ligados à defesa da supremacia racial branca e, portanto, contribuem para a privação de direitos a comunidades marginalizadas (Chiu; Ettarh; Ferretti, 2021).

Dessa forma, as bibliotecas e unidades de informação para além de serem espaços brancos (Honma, 2021), se transformam também em espaços epistemicidas. Quando nos referimos ao epistemicídio ou assassinato do saber, compreendemos que “o privilégio epistemológico que a ciência moderna concede a si mesma é [...] o resultado da destruição de todos os conhecimentos alternativos que poderiam eventualmente questionar tal privilégio” (Santos, 2016, p. 152-153).

Para reverter esse cenário, compreendemos a importância dos profissionais assumirem a responsabilidade profissional para com a justiça social, a equidade na representatividade do acervo, serviços e produtos para comunidades marginalizadas e com os valores democráticos da profissão bibliotecária. Para Dadlani e Todd (2015, p. 333) é dever da biblioteca, enquanto unidade de informação, expressar todos os princípios de justiça social, uma vez que esta é construída com a participação de todos os indivíduos, organização ou sistemas ao qual pertence. Mathiesen (2015) advoga na mesma perspectiva, e defende que o ponto principal não é se os profissionais da informação serão neutros, mas se essa neutralidade por eles assumida acolhe esses valores da justiça social ou não. Destaca que esses valores são atingidos quando “os profissionais da informação fornecem o mesmo nível de serviço a pessoas cujas crenças discordam violentamente e àquelas com quem concordam” (Mathiesen, 2015, p. 5-6).

A justiça social e a liberdade humana no fluxo global de conhecimento não devem ser embasadas e apresentadas tendo como ponto de vista apenas uma nação ou grupo dominante, mas sim na pluralidade epistêmica oriunda de diversos grupos espalhados ao redor do globo (Britz; Ponelis, 2012). A inclusão dessa pluralidade irá permitir que ocorra a reparação epistêmica de saberes historicamente silenciados, apagados ou excluídos dos acervos das bibliotecas, ao mesmo tempo em que propõe novas perspectivas de ler e olhar o mundo por meio de outras lentes teóricas. Uma das formas dessa reparação é a divulgação de fontes de informação que discutem estas temáticas. Neste caso, optamos pelas bibliografias, exatamente por uma de suas funções ser recuperar informações necessárias para o conhecimento e composição de trabalhos científicos, técnicos ou culturais (Dias; Pires, 2005), deste modo, podendo contribuir contra ações epistemicidas e apoiando a divulgação da bibliografia vinculada à justiça social que se dedica refletir o pensamento sobre e por grupos marginalizados nas sociedades, como veremos a seguir.

A INSURGÊNCIA DE UMA BIBLIOGRAFIA SOBRE JUSTIÇA SOCIAL NO CAMPO BIBLIOTECÔNICO- INFORMACIONAL: RESULTADOS

O termo bibliografia pode se referir a “um produto, uma atividade, um campo disciplinar” (Lara, 2018, p. 128). Em nossa pesquisa adotamos a perspectiva de um produto, a partir do qual podemos “inventariar a produção intelectual humana, produção essa expressa em diferentes livros e manuscritos espalhados por diferentes bibliotecas” (Araújo, 2014, p. 100). Diferentes autores apresentam suas percepções sobre as tipologias e classificações de bibliografias. Dias e Pires (2005, p. 70) consideram que a bibliografia é uma “lista completa ou seletiva de documentos sobre um assunto determinado”, e dentro desta interpretação podem ser classificadas a partir das seguintes tipologias: natureza do material, âmbito geográfico, assunto, arranjo, período, apresentação das informações e manuseio do documento. Foi com base nestas tipologias que organizamos a bibliografia sobre justiça social na BCI: trata-se de bibliografia na forma de lista seletiva de documentos, de apresentação sinalética, de abrangência internacional, com assunto especializado, temporalidade retrospectiva e arranjo alfabético e sistemáticos, em três categorias, descritas a seguir.

Após as buscas nas bases selecionadas foram recuperados 342 documentos, dos quais, após o refinamento e a retirada de duplicidades, resultou em 180 materiais. Para fins de recorte, e enquanto arranjo sistemático da bibliografia, empregamos três categorias para apresentar algumas abordagens de estudos em justiça social no campo, sendo elas: a) formação para justiça social: 14 documentos, b) bibliotecas para a justiça social: 41 documentos e, c) atuação bibliotecária para a justiça social: 35 documentos.

A categoria *Formação para justiça social* compreende diferentes abordagens teórico-pedagógicas sobre os estudos de justiça social em BCI, que abrangem aspectos como sua inserção no currículo dos cursos, assim como ações de ensino-aprendizagem no âmbito da prática profissional, como a criação de programas de Competência em Informação que também tenham enfoques em justiça social. A segunda categoria, *Bibliotecas para a justiça social*, volta-se ao papel e as ações que diferentes tipologias de bibliotecas, com destaque para as bibliotecas públicas, têm tido em seus territórios e com suas comunidades. Neste ponto, foram congregados ações para grupos em vulnerabilidade social e prestação de serviços informacionais que atendam necessidades específicas das comunidades. A última categoria delimitada, *Atuação bibliotecária para a justiça social*, volta-se para a agenda e o papel da pessoa bibliotecária, no seu cerne profissional voltado à justiça social, suas necessidades e práticas advindas de mudanças de posturas e conhecimentos adquiridos sobre a temática, lutas e *advocacy*. O contexto dessa categoria envolve a prática profissional e sua responsabilidade social, suas ações para compreender o seu fazer e papel na sociedade e a compreensão da não neutralidade da profissão.

No que concerne à categoria *Formação para justiça social*, foram recuperados 14 documentos. Nestes, as abordagens pesquisadas eram assuntos como currículos de pós-graduação e a inserção da diversidade (Alajmi; Alshammari, 2020), Justiça social como ferramenta de transformação do currículo, da formação bibliotecária e cultura em BCI (Cooke; Sweeney; Noble, 2016), Justiça Social, diversidade e currículo da BCI (Kumasi; Manlove, 2015), Ecologia indígena na educação em BCI (Roy, 2015), Programa de Competência em Informação, justiça social e agência estudantil (Gregory; Higgins, 2017), raça, etnia e diversidade na classificação e organização da informação (Adler; Harper, 2018), a alfabetização informacional (Pegues, 2018), dentre outros temas.

Sobre a categoria de *Bibliotecas para justiça social*, a pesquisa retornou 41 resultados. As abordagens de pesquisa se vincularam a temas, tais como justiça social, bibliotecas públicas e necessidades informacionais da população LGBTQIA+ (Vincent, 2015), sistema de bibliotecas públicas, serviços e materiais para população LGBTQIA+, via análise da teoria da interseccionalidade (Hicks; Kerrigan, 2020), a avaliação de personagens e de cenários que refletem identidades LGBT na ficção nas plataformas de aquisição de bibliotecas Coutts 'OASIS e Smashwords (Sandy; Brendler; Kohn, 2017), bibliotecas públicas e as experiências de pessoas havaianas em livros infantis ilustrados (Zettervall, 2012), leitura recreativa, alfabetização, bibliotecas e justiça social (Dewan, 2016), justiça informacional, bibliotecas e serviços informacionais (Mathiesen, 2015), descolonização do desenvolvimento de coleções em bibliotecas (Blume; Roylance, 2020), bibliotecas públicas e o apoio às empresas de comunidades rurais (Mehra; Bishop; Partee II, 2017), a relação entre serviços de biblioteca e grupos vulneráveis (Tello, 2008), o racismo e a cultura da branquitude em bibliotecas acadêmicas nos serviços públicos de espaço, pessoal e prestação de serviços de referência (Brook; Ellenwood; Lazzaro, 2015), dentre outras.

Por fim, na categoria de *Atuação bibliotecária para a justiça social* foram recuperados 35 documentos. Alguns dos assuntos abordados foram desracialização dos esquemas de classificação da atuação bibliotecária (Furner, 2007), estratégias de recrutamento e retenção de sujeitos de grupos subrepresentados na profissão bibliotecária (Harper, 2020), catalogação crítica orientada para justiça social (Watson, 2020), bibliotecários com deficiência, barreiras, enfrentamentos a estereótipos no trabalho (Oud, 2019), a promoção da igualdade das minorias sexuais por meio da ação comunitária e da criação de consciência social (Mehra; Braquet, 2007), a agenda de justiça social e a diversidade racial e étnica nas bibliotecas acadêmicas do futuro (Morales; Knowles; Bourg, 2014), as competências práticas e generalizáveis do bibliotecário de referência em prol do engajamento cívico e da

justiça social (Brunvand, 2020), neutralidade política do profissional bibliotecário (Cheshire; Stout, 2020), a biblioteconomia prisional e o paradigma da liberdade intelectual e da justiça social (Šimunić; Tanacković; Badurina, 2016), as percepções dos docentes sobre o ensino da alfabetização informacional (Dawes, 2019), dentre outros.

CONCLUSÕES

A proposta deste trabalho foi organizar uma bibliografia seletiva a respeito de justiça social em Biblioteconomia e Ciência da Informação, no período de 1960 a 2020. Para tanto, realizamos buscas de documentos em bases de dados nacionais e internacionais, com critérios definidos, para localizar documentos que versassem sobre o tema. Foram recuperados 342 documentos, dos quais, após refinamento e retirada de duplicidades, resultou em 180 materiais que utilizamos para a organização da bibliografia.

Com relação à classificação de bibliografias, adotamos as tipologias de Dias e Pires (2005) e organizamos os resultados em uma bibliografia, na forma de lista seletiva de documentos, de apresentação sinalética, de abrangência internacional, de assunto especializado, retrospectiva, de arranjo alfabético e, também, sistemáticos, devido a três categorias que adotamos para melhor descrever algumas abordagens de estudos em justiça social no campo: a) formação para justiça social: 14 documentos, b) bibliotecas para a justiça social: 41 documentos e, c) atuação bibliotecária para a justiça social: 35 documentos. Por fim, destacamos que conforme apresentado nos resultados e na bibliografia, consideramos que há amplitude nas pesquisas em justiça social no campo biblioteconômico-informacional, bem como reiteramos que as bibliografias, neste contexto, podem contribuir para o conhecimento e disseminação de estudos sobre justiça social, contribuindo contra ações epistemicidas e apoiando a divulgação do pensamento sobre e por grupos marginalizados nas sociedades.

REFERÊNCIAS

- ADLER, Melissa; HARPER, Lindsey M. Race and Ethnicity in Classification Systems: Teaching Knowledge Organization from a Social Justice Perspective. *Library Trends*, Champaign, v. 67, n. 1, p. 52-73, 2018. DOI 10.1353/LIB.2018.0025
- ALAJMI, Bibi M.; ALSHAMMARI, Israa. Strands of diversity in Library and Information Science graduate curricula. *Malaysian Journal of Library & Information Science*, Kuala Lumpur, v. 25, n. 1, p. 103-121, Apr. 2020.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. *Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível*. Brasília, DF: Briquet de Lemos; São Paulo: ABRINFO, 2014.
- BLUME, Rachel; ROYLANCE, Alisson. Decolonization in collection development: Developing an authentic authorship workflow. *The Journal of Academic Librarianship*, [s. l.], v. 46, n. 5, p. 1-7, Sept. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.acalib.2020.102175>
- BONICCI, Laurie J. *et al.* Physiological access as a social justice type in LIS Curricula. *Journal of Education for Library and Information Science*, [s. l.], v. 53, n. 2, p. 115-129, Apr. 2012. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23249103>. Acesso em: 10 set. 2021.
- BRITZ, Johannes J.; PONELIS, Shana. Social justice and the international flow of knowledge with specific reference to African scholars. *Aslib Proceedings: New Information Perspectives*, [s. l.], v. 64, n. 5, p. 462-477, Sept. 2012. DOI 10.1108/00012531211263094.
- BROOK, Freeda; ELLENWOOD, Dave; LAZZARO, Althea Eannace. In pursuit of antiracist social justice: denaturalizing whiteness in the academic library. *Library Trends*, Champaign, v. 64, n. 2, p. 246-284, 2015.
- BRUNVAND, Amy. Researching bears ears: reference practice for civic engagement. *Reference Services Review*, Bingley, v. 48, n. 1, p. 49-61, Feb. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1108/RSR-09-2019-0061>
- CASTRO, Flávia Rodrigues de. *Refúgio e injustiça epistêmica: uma análise a partir do Brasil*. 2020. 251 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- CHESHIRE, Kelsey; STOUT, Jennifer. The moral arc of the library: what are our duties and limitations after 45? *Reference Services Review*, Bingley, v. 48, n. 2, p. 219-225, Apr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1108/RSR-10-2019-0074>
- CHIU, Anastasia; ETTARH, Fobazi M.; FERRETTI, Jennifer A. Not the shark, but the water: How neutrality and vocational awe intertwine to uphold white supremacy. In: LEUNG, Sofia Y.; LOPEZ-MCKNIGHT, Jorge R. (ed.). *Knowledge justice: disrupting library and information studies through critical race theory*. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology, 2021.
- COOKE, Nicole A.; SWEENEY, Miriam E.; NOBLE, Safiya U. Social justice as topic and tool: an attempt to transform an LIS curriculum and culture. *The Library Quarterly*, Chicago, v. 86, n. 1, p. 107-124, Jan. 2016. DOI 10.1086/684147.
- DADLANI, Punit; TODD, Ross J. Information technology and school libraries: a social justice perspective. *Library Trends*, Champaign, v. 64, n. 2, p. 329-359, 2015.
- DALACQUA, Gustavo Hessmann. Liberdade democrática como desenvolvimento de si, resistência à opressão e à injustiça epistêmica. *Trans/Form/Ação: Revista de Filosofia*, Marília, v. 43, n. 3, p. 213-234, jul./set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2020.v43n3.14.p213>
- DAWES, Lorna. Through faculty's eyes: Teaching threshold concepts and the framework. *Portal: Libraries and the academy*, Baltimore, v. 19, n. 1, p. 127-153, Jan. 2019. DOI 10.1353/PLA.2019.0007
- DEWAN, Pauline. Economic well-being and social justice through pleasure reading. *New Library World*, Bingley, v. 117, n. 9/10, p. 557-567, Oct. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1108/NLW-03-2016-0019>
- DIAS, Maria Matilde Kronka; PIRES, Daniela. *Fontes de informação: um manual para cursos de graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação*. São Carlos: EdUFSCar, 2005.
- FRICKER, Miranda. *Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- FRICKER, Miranda. Epistemic justice as a condition of political freedom? *Synthese*, Dordrecht, v. 190, n. 7, p. 1317-1332, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11229-012-0227-3>
- FURNER, Jonathan. Dewey Deracialized: A critical race-theoretic perspective. *Knowledge Organization*, Wurzburg, v. 34, n. 3, p. 144-168, 2007. Disponível em: https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/0943-7444-2007-3-144.pdf?download_full_pdf=1. Acesso em: 10 set. 2021.
- GABRIEL, Alice de Barros; SANTOS, Breno Ricardo Guimarães. A injustiça epistêmica na violência obstétrica. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 2, e60012, 2020.
- GIBSON, Amelia N. Civility and structural precarity for faculty of color in LIS. *Journal of Education for Library and Information Science*, [s. l.], v. 60, n. 3, p. 215-222, July 2019. DOI 10.3138/jelis.2019-0006.
- GREGORY, Lua; HIGGINS, Shana. Reorienting an information literacy program toward social justice: mapping the core values of librarianship to the ACRL Framework. *Communications in Information Literacy*, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 42-54, 2017. DOI 10.15760/comminfolit.2017.11.1.46

- HARPER, Lindsey. Recruitment and retention strategies of LIS students and professionals from underrepresented groups in the United States. *Library Management*, [s. l.], v. 41 n. 2/3, p. 67-77, Feb. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1108/LM-07-2019-0044>
- HICKS, Pete; KERRIGAN, Páraic. An intersectional quantitative content analysis of the LGBTQ+ catalogue in Irish public libraries. *Journal of Librarianship and Information Science*, [s. l.], v. 52, n. 4, p. 1028-1041, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/0961000619898212>
- HONMA, Todd. Introduction to part I. In: LEUNG, Sofia Y.; LOPEZ-MCKNIGHT, Jorge R. (ed.). *Knowledge justice: disrupting library and information studies through critical race theory*. Cambridge, MA: MIT Press, 2021.
- HOOKWAY, Christopher. Some varieties of epistemic injustice: reflections on Fricker. *Episteme*, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 151-163, June 2010. DOI: <https://doi.org/10.3366/E1742360010000882>.
- JULES, Bergis. Confronting Our Failure of Care Around the Legacies of Marginalized People in the Archives. *On Archivy*, Nov. 11, 2016. Disponível em: <https://medium.com/on-archivy/confronting-our-failure-of-care-around-the-legacies-of-marginalized-people-in-the-archives-dc4180397280>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- KUMASI, Kafi D.; MANLOVE, Nichole. Finding “diversity levers” in the core library and information science curriculum: a social justice imperative. *Library Trends*, Champaign, v. 64, n. 2, p. 415-443, 2015.
- LARA, Marilda Lopes Ginez de. Conceito de bibliografia, ou conceitos de bibliografia? *Informação & Informação*, Londrina, v. 23, n. 2, p. 127-151, maio/ago. 2018.
- MATHIESEN, Kay. Informational justice: a conceptual framework for social justice in library and information services. *Library Trends*, Champaign, v. 64, n. 2, p. 198-225, 2015.
- MEDEIROS, Felipe Gabriel Gomes; PRESSER, Nadi Helena. Informação e inclusão social: perspectivas possíveis. *Ciência da Informação em Revista*, Maceió, v. 7, n. 1, p. 19-33, jan./abr. 2020.
- MEHRA, Bharat; BISHOP, Bradley W. de; PARTEE II, Robert P. How do public libraries assist small businesses in rural communities? an exploratory qualitative study in Tennessee. *Libri*, [s. l.], v. 67, n. 4, p. 245-260, 2017. DOI 10.1515/libri-2017-0042
- MEHRA, Bharat; BRAQUET, Donna. Library and information science professionals as community action researchers in an academic setting: top ten directions to further institutional change for people of diverse sexual orientations and gender identities. *Library Trends*, Champaign, v. 56, n. 2, p. 542-565, 2007.
- MORALES, Myrna; KNOWLES, Em Claire; BOURG, Chris. Diversity, social justice, and the future of libraries. *Portal: Libraries and the Academy*, Baltimore, v. 14, n. 3, p. 439-451, July 2014.
- OTTINGER, Gwen. Making sense of citizen science: stories as a hermeneutic resource. *Energy Research & Social Science*, [s. l.], v. 31, p. 41-49, Sept. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.erss.2017.06.014>
- LOUD, Joanne. Systemic workplace barriers for academic librarians with disabilities. *College & Research Libraries*, Chicago, v. 80, n. 2, p. 169-194, 2019. DOI <https://doi.org/10.5860/crl.80.2.169>
- PATIN, Beth; SEBASTIAN, Melinda; YEON, Jieun; BERTOLINI, Danielle; GRIMM, Alexandra. Interrupting epistemicide: a practical framework for naming, identifying, and ending epistemic injustice in the information professions. *Journal of the Association for Information Science and Technology*, [s. l.], v. 72, n. 10, p. 1306-1318, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1002/asi.24479>.
- PEGUES, Conrad R. Engendering social justice in first year information literacy classes. *Communications in Information Literacy*, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 193-202, 2018. DOI 10.15760/comminfolit.2018.12.2.8
- ROY, Lorie. Advancing an indigenous ecology within LIS Education. *Library Trends*, Champaign, v. 64, n. 2, p. 384-414, 2015.
- SANDY, Heather Moulaison; BRENDLER, Beth M.; KOHN, Karen. Intersectionality in LGBT fiction: a comparison of a traditional library vendor and a nontraditional eBook platform. *Journal of Documentation*, [s. l.], v. 73, n. 3, p. 432-450, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1108/JD-07-2016-0092>
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologies of the South: justice against epistemicide*. [New York]: Routledge, 2016.
- SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SILVA, Rubens Alves da. Conhecimento das margens: da injustiça epistêmica à valorização do conhecimento negro em Biblioteconomia e Ciência da Informação. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v. 27, n. 1, p. 1-19, 2022.
- SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; SILVA, Rubens Alves da. Da ausência à evidência: notas teórico-críticas sobre o princípio da ausência, epistemicídio e reparação epistêmica em bibliotecas e biblioteconomia. *INCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação, Ribeirão Preto*, v. 13, n. 1, p. 47-72, jul. 2022.
- ŠIMUNIĆ, Zrinka; TANACKOVIĆ, Sanjica Faletar; BADURINA, Boris. Library services for incarcerated persons: a survey of recent trends and challenges in prison libraries in Croatia. *Journal of Librarianship and Information Science*, London, v. 48, n. 1, p. 72-89, Mar. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1177/0961000614538481>
- TELLO, Felipe Meneses. Library services for vulnerable groups: the view in IFLA and other associations guidelines. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 18, n. 1, 2008.

VINCENT, John. Why do we need to bother? public library services for LGBTQI people. *Library Trends*, Champaign, v. 64, n. 2, p. 285-298, 2015.

WATSON, Brian M. "There was Sex but no Sexuality:" critical cataloging and the classification of asexuality in LCSH. *Cataloging & Classification Quarterly*, [s. l.], v. 58, n. 6, p. 1-19, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/01639374.2020.1796876>.

ZETTERVALL, Sara. Through a distant lens: visions of native Hawaiians in children's picture books. *Progressive Librarian*, New York, n. 40, p. 109-124, 2012.

APÊNDICE 1 – Tabela com a bibliografia sobre justiça social por categorias

CATEGORIA	REFERÊNCIAS
Formação para justiça social (14)	BONNICI, Laurie J. et al. Physiological access as a social justice type in LIS curricula. <i>Journal of Education for Library and Information Science</i> , [s. l.], v. 53, n. 2, p. 115-129, Apr. 2012. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/23249103 . Acesso em: 10 set. 2021.
	YUKAWA, Joyce. Preparing for complexity and wicked problems through transformational learning approaches. <i>Journal of Education for Library and Information Science</i> , [s. l.], v. 56, n. 2, p. 158-168, 2015. DOI 10.12783/issn.2328-2967/56/2/6
	JONES, Rhiannon. Social justice in library science programs: A content analysis approach. <i>Journal of Librarianship and Information Science</i> , London, v. 52, n. 4, p. 1102-1109, 2020.
	KUMASI, Kafi D.; MANLOVE, Nichole L. Finding "diversity levers" in the core library and information science curriculum: A social justice imperative. <i>Library Trends</i> , Champaign, v. 64, n. 2, p. 415-443, 2015.
	COOKE, Nicole A.; SWEENEY, Miriam E.; NOBLE, Safiya Umoja. Social justice as topic and tool: An attempt to transform an LIS curriculum and culture. <i>The Library Quarterly</i> , Chicago, v. 86, n. 1, p. 107-124, Jan. 2016.
	GREGORY, Lua; HIGGINS, Shana. Reorienting an information literacy program toward social justice: Mapping the core values of librarianship to the ACRL framework. <i>Communications in Information Literacy</i> , [s. l.], v. 11, n. 1, p. 42-54, 2017. DOI 10.15760/comminfolit.2017.11.1.46
	PEGUES, Conrad R. Engendering Social Justice in First Year Information Literacy Classes. <i>Communications in Information Literacy</i> , [s. l.], v. 12, n. 2, p. 193-202, 2018. DOI 10.15760/comminfolit.2018.12.2.8
	BAREFOOT, Maria R. Identifying information need through storytelling. <i>Reference Services Review</i> , [s. l.], v. 46, n. 2, p. 251-263, 2018. DOI: https://doi.org/10.1108/RSR-02-2018-0009 .
	BRANCH, Nicole A. Illuminating Social Justice in the Framework: Transformative Methodology, Concept Mapping and Learning Outcomes Development for Critical Information Literacy. <i>Communications in Information Literacy</i> , [s. l.], v. 13, n. 1, p. 4-22, 2019. DOI 10.15760/comminfolit.2019.13.1.2
	ROY, Lorie. Advancing an indigenous ecology within LIS education. <i>Library Trends</i> , Champaign, v. 64, n. 2, p. 384-414, 2015.
	ALAJMI, Bibi M.; ALSHAMMARI, Israa. Strands of diversity in Library and Information Science graduate curricula. <i>Malaysian Journal of Library & Information Science</i> , Kuala Lumpur, v. 25, n. 1, p. 103-120, 2020.
	GOHR, Michelle; NOVA, Vitalina A. Student trauma experiences, library instruction and existence under the 45th. <i>Reference Services Review</i> , [s. l.], v. 48, n. 1, p. 183-199, 2020. DOI 10.1108/rsr-09-2019-0062
	ADLER, Melissa; HARPER, Lindsey M. Race and ethnicity in classification systems: teaching knowledge organization from a social justice perspective. <i>Library Trends</i> , Champaign, v. 67, n. 1, p. 52-73, 2018. DOI 10.1353/LIB.2018.0025
	RIoux, Kevin. Metatheory in library and information science: a nascent social justice approach. <i>Journal of Education for Library and Information Science</i> , [s. l.], v. 51, n. 1, p. 9-17, 2010. DOI 10.2307/20720477

Bibliotecas para a justiça social (41)	JAEGER, Paul T. <i>et al.</i> Library research and what libraries actually do now: Education, inclusion, social services, public spaces, digital literacy, social justice, human rights, and other community needs. <i>The Library Quarterly</i> , Chicago, v. 84, n. 4, p. 491-493, 2014.
	WESTBROOK, Lynn. Understanding crisis information needs in context: The case of intimate partner violence survivors. <i>The Library Quarterly</i> , Chicago, v. 78, n. 3, p. 237-261, 2008.
	TELLO, Felipe M. Bibliotecas y justicia social. <i>Revista Folha de Rosto</i> , Juazeiro do Norte, v. 6, n. 3, p. 54-77, 2020.
	DADLANI, Punit; TODD, Ross J. Social justice as strategy: Connecting school libraries, collaboration, and IT. <i>The Library Quarterly</i> , Chicago, v. 86, n. 1, p. 43-75, 2016.
	ZETTERVALL, Sara. Through a Distant Lens: Visions of Native Hawaiians in Children's Picture Books. <i>Progressive Librarian</i> , New York, n. 40, p. 109-124, 2012.
	BOSSALLER, Jenny S. <i>et al.</i> Learning about social justice through experiential learning abroad. <i>Reference and User Services Quarterly</i> , Chicago, v. 54, n. 3, p. 6-11, 2015.
	DEWAN, Pauline. Economic well-being and social justice through pleasure reading. <i>New Library World</i> , v. 117, n. 9/10, p. 557-567, 2016. DOI: https://doi.org/10.1108/NLW-03-2016-0019
	DADLANI, Punit; TODD, Ross J. Information technology and school libraries: A social justice perspective. <i>Library Trends</i> , Champaign, v. 64, n. 2, p. 329-359, 2015.
	BROOK, Freeda; ELLENWOOD, Dave; LAZZARO, Althea Eannace. In pursuit of antiracist social justice: Denaturalizing whiteness in the academic library. <i>Library Trends</i> , Champaign, v. 64, n. 2, p. 246-284, 2015.
	MATHIESEN, Kay. Informational justice: A conceptual framework for social justice in library and information services. <i>Library Trends</i> , Champaign, v. 64, n. 2, p. 198-225, 2015.
	BLUME, Rachel; ROYLANCE, Allyson. Decolonization in collection development: Developing an authentic authorship workflow. <i>The Journal of Academic Librarianship</i> , [s. l.], v. 46, n. 5, p. 102175, Sept. 2020. DOI: https://doi.org/10.1016/j.acalib.2020.102175
	JAEGER, Paul T.; SARIN, Lindsay C. The politically engaged public library: Admitting and embracing the political nature of libraries and their goals. <i>Public Library Quarterly</i> , [s. l.], v. 35, n. 4, p. 325-330, 2016. DOI: https://doi.org/10.1080/01616846.2016.1245005
	MERLO-VEGA, José Antonio; CHU, Clara M. Out of necessity comes unbridled imagination for survival: Contributive justice in Spanish libraries during economic crisis. <i>Library Trends</i> , Champaign, v. 64, n. 2, p. 299-328, 2015.
	GEROLAMI, Natasha. The library assemblage: creative institutions in an information society. <i>Journal of Documentation</i> , [s. l.], v. 71, n. 1, p. 165-174, 2015. DOI: https://doi.org/10.1108/JD-09-2013-0120
	SOGLASNOVA, Lana; HANSON, Mary. Socially responsive design and evaluation of a workers' compensation thesaurus for a community organization with selective application of cognitive work analysis: A case study. <i>Cataloging & Classification Quarterly</i> , [s. l.], v. 53, n. 8, p. 905-926, 2015. DOI: https://doi.org/10.1080/01639374.2015.1044632
	FIEDLER, Brittany Paloma; MITOLA, Rosan; CHENG, James. Responding to hate: how national and local incidents sparked action at the UNLV University Libraries. <i>Reference Services Review</i> , [s. l.], p. 1-28, 2020. DOI: https://doi.org/10.1108/RSR-09-2019-0071
	SAMEK, Toni. Reflection on Risk in the Endeavours of Librarianship and Human Rights. <i>Türk Kütüphaneciliği</i> , [s. l.], v. 32, n. 1, p. 19-25, 2018. DOI: 10.24146/tkd.2018.28
	DOUGLASS, Kimberly; MEHRA, Bharat. A four frames analysis to address the information challenges of families of children with ADHD: Actions for Public Libraries to Address Embedded Power Imbalances. <i>Libri</i> , [s. l.], v. 66, n. 1, p. 59-71, 2016. DOI: 10.1515/libri-2015-0078
	BANGANI, Siviwe; CHIZWINA, Sabelo; MOYO, Mathew. An analysis of interlibrary loan services: a case study of a university in South Africa. <i>Information Discovery and Delivery</i> , [s. l.], v. 46, n. 1, p. 26-37, 2018. DOI: https://doi.org/10.1108/DD-08-2017-0059
	SPARANESSE, Ann C. Service to the labor community: a public library perspective. <i>Library Trends</i> , Champaign, v. 51, n. 1, p. 19-35, 2002.
	SANDY, Heather Moulaison; BRENDLER, Beth M.; KOHN, Karen. Intersectionality in LGBT fiction: A comparison of a traditional library vendor and a nontraditional eBook platform. <i>Journal of Documentation</i> , [s. l.], v. 73, n. 3, p. 432-450, 2017. DOI: https://doi.org/10.1108/JD-07-2016-0092
	VINCENT, John. Why do we need to bother? Public library services for LGBTQI people. <i>Library Trends</i> , Champaign, v. 64, n. 2, p. 285-298, 2015.
	HICKS, Pete; KERRIGAN, Páirc. An intersectional quantitative content analysis of the LGBTQ+ catalogue in Irish public libraries. <i>Journal of Librarianship and Information Science</i> , London, v. 52, n. 4, p. 1028-1041, 2020. DOI: https://doi.org/10.1177/0961000619898212
	HOFFMANN, Debra; WALLACE, Amy. Intentional informationists: Re-envisioning information literacy and re-designing instructional programs around faculty librarians' strengths as campus connectors, information professionals, and course designers. <i>The Journal of Academic Librarianship</i> , [s. l.], v. 39, p. 546-551, 2013. DOI: http://dx.doi.org/10.1016/j.acalib.2013.06.004
	NEWMAN, Jess; BONEFAS, Suzanne; TRENTHEM, Wendy. Creating capacity for digital projects: a case study in identifying and building upon strengths. <i>Digital Library Perspectives</i> , [s. l.], v. 34, n. 1, p. 9-19, 2018. DOI: https://doi.org/10.1108/DLP-08-2017-0026
	RISAM, Roopika; SNOW, Justin; EDWARDS, Susan. Building an ethical digital humanities community: Librarian, faculty, and student collaboration. <i>College & Undergraduate Libraries</i> , [s. l.], v. 24, n. 2-4, p. 337-349, 2017. DOI: https://doi.org/10.1080/10691316.2017.1337530
	BARR-WALKER, Jill; SHARIFI, Claire. Critical librarianship in health sciences libraries: an introduction. <i>Journal of the Medical Library Association</i> , [s. l.], v. 107, n. 2, p. 258-264, Apr. 2019. DOI: 10.5195/jmla.2019.620
	FOSTER, Makiba J. Navigating library collections, black culture, and current events. <i>Library Trends</i> , Champaign, v. 67, n. 1, p. 8-22, 2018.
	MARCELLA, Rita; CHOWDHURY, Gobinda. Eradicating information poverty: An agenda for research. <i>Journal of Librarianship and Information Science</i> , [s. l.], v. 52, n. 2, p. 366-381, 2020. DOI: https://doi.org/10.1177/0961000618804589
	KRUTKOWSKI, Sebastian; TAYLOR-HARMAN, Sarah; GUPTA, Kat. De-biasing on university campuses in the age of misinformation. <i>Reference Services Review</i> , [s. l.], v. 48, n. 1, p. 113-128, 2020. DOI: https://doi.org/10.1108/RSR-10-2019-0075
	RAJU, Reggie <i>et al.</i> An authentic flip subscription model for Africa: Library as publisher service. <i>Library Management</i> , [s. l.], v. 41, n. 6/7, p. 369-381, 2020. DOI: 10.1108/LM-03-2020-0054
	BUSCHMAN, John; WARNER, Dorothy A. On community, justice, and libraries. <i>The Library Quarterly</i> , Chicago, v. 86, n. 1, p. 1-15, 2016.
	PEEKHAUS, Wilhelm. Seed libraries: Sowing the seeds for community and public library resilience. <i>The Library Quarterly</i> , Chicago, v. 88, n. 3, p. 271-285, 2018.
	ARROYO-RAMIREZ, Elvia <i>et al.</i> The reach of a long-arm stapler: Calling in microaggressions in the LIS field through zine work. <i>Library Trends</i> , Champaign, v. 67, n. 1, p. 107-130, 2018.
	MEHRA, Bharat; GRAY, LaVerne. An "owning up" of white-IST trends in LIS to further real transformations. <i>The Library Quarterly</i> , Chicago, v. 90, n. 2, p. 189-239, 2020. DOI: 10.1086/707674
	JOHNSON, Hayley. #NoDAPL: Social media, empowerment, and civic participation at Standing Rock. <i>Library Trends</i> , Champaign, v. 66, n. 2, p. 155-175, 2017.
	STRANGER-JOHANNESSEN, Espen; ASSELIN, Marlene; DOIRON, Ray. New perspectives on community library development in Africa. <i>New Library World</i> , [s. l.], v. 116, n. 1/2, p. 79-93, 2015. DOI: https://doi.org/10.1108/NLW-05-2014-0063
	FOURIE, Ina; MEYER, Anika. Role of libraries in developing an informed and educated nation. <i>Library Hi Tech</i> , [s. l.], v. 34, n. 3, p. 422-432, 2016. DOI: https://doi.org/10.1108/LHT-01-2016-0009
	PIKIĆ, Aleksandra; BARBARIĆ, Ana. Public Libraries in the Eyes of the LGBTQ Community: the case of Croatia. <i>Public Library Quarterly</i> , [s. l.], v. 39, n. 2, p. 115-139, 2020. DOI: https://doi.org/10.1080/01616846.2019.1621735
	TELLO, Felipe Meneses. Servicios bibliotecarios para grupos vulnerables: la perspectiva en las directrices de la ifla y otras asociaciones. <i>Informação & Sociedade: Estudos</i> , João Pessoa, v. 18, n. 1, p. 45-66, 2008.
	MEHRA, Bharat; BISHOP, Bradley Wade; PARTEE II, Robert P. How do public libraries assist small businesses in rural communities? An exploratory qualitative study in Tennessee. <i>Libri</i> , [s. l.], v. 67, n. 4, p. 245-260, 2017. DOI: 10.1515/libri-2017-0042

Atuação bibliotecária para a justiça social (35)	MARIEN, Stacey (Ed.). <i>Library Technical Services: adapting to a changing environment</i> . West Lafayette: Purdue University Press Book Previews, v. 57, 2020.
	THARANI, Karim. Just KOS! Enriching Digital Collections with Hypertexts to Enhance Accessibility of Non-Western Knowledge Materials in Libraries. <i>Knowledge Organization</i> , Würzburg, v. 47, n. 3, p. 220-230, 2020.
	JAEGER, Paul T. <i>et al.</i> The virtuous circle revisited: Injecting diversity, inclusion, rights, justice, and equity into LIS from education to advocacy. <i>The Library Quarterly</i> , Chicago, v. 85, n. 2, p. 150-171, 2015.
	MOREILLON, Judi. Digital storytelling based on the association for library service to children competencies: a learning activity to promote values associated with social justice. <i>Public Library Quarterly</i> , [s. l.], v. 34, n. 3, p. 212-229, July 2015. DOI 10.1080/01616846.2015.1069676
	UNDERWOOD, Janice <i>et al.</i> Culturally relevant booktalking: using a mixed reality simulation with preservice school librarians. <i>School Libraries Worldwide</i> , [s. l.], v. 21, n. 1, p. 91-107, Jan. 2015. DOI 10.14265.21.1.006
	FARRELL, Maggie. Leadership and social justice. <i>Journal of Library Administration</i> , [s. l.], v. 56, n. 6, p. 722-730, 2016. DOI: https://doi.org/10.1080/01930826.2016.1199147
	MARTIN, Elaine Russo. Social justice and the medical librarian. <i>Journal of the Medical Library Association</i> , [s. l.], v. 107, n. 3, p. 291-303, 2019. DOI 10.5195/jmla.2019.712
	BATTISTA, Andrew <i>et al.</i> Seeking social justice in the ACRL Framework. <i>Communications in Information Literacy</i> , [s. l.], v. 9, n. 2, p. 111-125, 2015. DOI 10.15760/comminfolit.2015.9.2.188
	MORALES, Myrna; KNOWLES, Em Claire; BOURG, Chris. Diversity, social justice, and the future of libraries. <i>Portal: Libraries and the Academy</i> , Baltimore, v. 14, n. 3, p. 439-451, 2014.
	SAUNDERS, Laura. Connecting information literacy and social justice: why and how. <i>Communications in Information Literacy</i> , [s. l.], v. 11, n. 1, p. 55-75, July 2017. DOI 10.15760/comminfolit.2017.11.1.47
	OLIPHANT, Tami. Social justice research in library and information sciences: A case for discourse analysis. <i>Library Trends</i> , Champaign, v. 64, n. 2, p. 226-245, 2015.
	MARTIN, Elaine Russo. Democratic librarianship: the role of the medical library in promoting democracy and social justice. <i>Journal of the Medical Library Association</i> , [s. l.], v. 108, n. 1, p. 131-136, 2020. DOI 10.5195/jmla.2020.852
	SEIFERLE-VALENCIA, Marco. It's Not (Just) About the Cost: Academic Libraries and Intentionally Engaged OER for Social Justice. <i>Library Trends</i> , Champaign, v. 69, n. 2, p. 469-487, 2020.
	MONTAGUE, Rae-Anne. Mix it up! A blending of community informatics and youth services librarianship to further social justice in library and information science education. <i>Library Trends</i> , Champaign, v. 64, n. 2, p. 444-457, 2015.
	POGGIALI, Jennifer. Incorporating ethical consumption into electronic device acquisition: a proposal. <i>Portal: Libraries and the Academy</i> , Baltimore, v. 16, n. 3, p. 581-597, 2016.
	SHEFFIELD, Rebecca T. More than acid-free folders: Extending the concept of preservation to include the stewardship of unexplored histories. <i>Library Trends</i> , Champaign, v. 64, n. 3, p. 572-584, 2016.
	BRUNVAND, Amy. Researching Bears Ears: reference practice for civic engagement. <i>Reference Services Review</i> , [s. l.], v. 48, n. 1, p. 49-61, 2020. DOI: https://doi.org/10.1108/RSR-09-2019-0061
	LAWRENCE, E. E. On the problem of oppressive tastes in the public library. <i>Journal of Documentation</i> , [s. l.], v. 76, n. 5, p. 1091-1107, 2020. DOI: https://doi.org/10.1108/JD-01-2020-0002
	CHESHIRE, Kelsey; STOUT, Jennifer. The moral arc of the library: what are our duties and limitations after 45? <i>Reference Services Review</i> , Bingley, v. 48, n. 2, p. 219-225, 2020. DOI: https://doi.org/10.1108/RSR-10-2019-0074
	MEHRA, Bharat; BRAQUET, Donna. Library and information science professionals as community action researchers in an academic setting: Top ten directions to further institutional change for people of diverse sexual orientations and gender identities. <i>Library Trends</i> , Champaign, v. 56, n. 2, p. 542-565, 2007.
	LAWRENCE, E. E. The trouble with diverse books, part I: on the limits of conceptual analysis for political negotiation in Library & Information Science. <i>Journal of Documentation</i> , [s. l.], v. 76, n. 6, p. 1473-1491, 2020. DOI: https://doi.org/10.1108/JD-04-2020-0057
	LAWRENCE, E. E. The trouble with diverse books, part II: an informational pragmatic analysis. <i>Journal of Documentation</i> , [s. l.], v. 77, n. 1, p. 181-197, 2021. DOI: https://doi.org/10.1108/JD-06-2020-0112
	KERSLAKE, Evelyn. Book Review: Women and librarianship: a review article. <i>Journal of Librarianship and Information Science</i> , [s. l.], v. 34, n. 1, p. 53-56, 2002. DOI: https://doi.org/10.1177/096100060203400106
	PERRY, Gerald Jerry. The activist health sciences librarian. <i>Journal of the Medical Library Association</i> , [s. l.], v. 108, n. 1, p. 5-16, 2020. DOI 10.5195/jmla.2020.859
	WIDDERSHEIM, Michael M. Governance, legitimization, commons: a public sphere framework and research agenda for the public library sector. <i>Libri</i> , [s. l.], v. 65, n. 4, p. 237-245, 2015. DOI: https://doi.org/10.1515/libri-2015-0043
	THACKER, Mara L.; LAUT, Julie R. A collaborative approach to undergraduate engagement. <i>Portal: Libraries and the Academy</i> , Baltimore, v. 18, n. 2, p. 283-300, 2018.
	ŠIMUNIĆ, Zrinka; TANACKOVIĆ, Sanjica Feletar; BADURINA, Boris. Library services for incarcerated persons: a survey of recent trends and challenges in prison libraries in Croatia. <i>Journal of Librarianship and Information Science</i> , [s. l.], v. 48, n. 1, p. 72-89, 2016. DOI: https://doi.org/10.1177/0961000614538481
	ODD, Joanne. Systemic workplace barriers for academic librarians with disabilities. <i>College & Research Libraries</i> , [s. l.], v. 80, n. 2, p. 169-194, 2019. DOI: https://doi.org/10.5860/crl.80.2.169
	DAWES, Lorna. Through faculty's eyes: Teaching threshold concepts and the framework. <i>Portal: Libraries and the Academy</i> , Baltimore, v. 19, n. 1, p. 127-153, 2019.
	CAIDI, Nadia; GHADDAR, J. J.; ALLARD, Danielle. Negotiating borders: librarianship and twenty-first-century politics. <i>The Library Quarterly</i> , Chicago, v. 87, n. 4, p. 391-409, 2017.
	WATSON, Brian M. "There was Sex but no Sexuality*": Critical Cataloging and the Classification of Asexuality in LCSH. <i>Cataloging and Classification Quarterly</i> , Cambridge, UK, v. 58, n. 6-7, p. 547-565, 2020. DOI 10.1080/01639374.2020.1796876
	KITZIE, Vanessa L. <i>et al.</i> Using the World Café Methodology to support community-centric research and practice in library and information science. <i>Library & Information Science Research</i> , [s. l.], v. 42, n. 4, p. 101050, 2020. DOI: https://doi.org/10.1016/j.lisr.2020.101050
	PHILLIPS, Margaret; EIFLER, David; PAGE, Tiffany Linton. Democratizing the union at UC Berkeley: Lecturers and librarians in solidarity. <i>Library Trends</i> , Champaign, v. 68, n. 2, p. 343-367, 2019.
	HARPER, Lindsey M. Recruitment and retention strategies of LIS students and professionals from underrepresented groups in the United States. <i>Library Management</i> , [s. l.], v. 41, n. 2/3, p. 67-77, 2020. DOI: https://doi.org/10.1108/LM-07-2019-0044
	FURNER, Jonathan. Dewey deracialized: A critical race-theoretic perspective. <i>Knowledge Organization</i> , Würzburg, v. 34, n. 3, p. 144-168, 2007.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 pela concessão de bolsas de pesquisa para as pessoas autoras.

Mulheres escritoras em bibliografias brasileiras

Diná Marques Pereira Araújo

Doutoranda em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Bibliotecária-documentalista da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/5368871997608892>

E-mail: librario2017@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8251-255X>

Fabricio José Nascimento da Silveira

Doutor em Ciência da Informação pelo (PPGCI/UFMG).

Professor do curso de graduação em Biblioteconomia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação (ECI/UFMG). Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/8840124188505402>

E-mail: fabrisilveira@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0446-3913>

Data de submissão: 28/02/2023. Data de aprovação: 05/03/2023. Data de aprovação: 22/09/2023.

RESUMO

O presente artigo sintetiza parte das discussões desenvolvidas em uma pesquisa de doutoramento que se inscreve no campo dos estudos histórico-bibliográficos, cujos objetos de análise são bibliografias de temática brasileira. O propósito é investigar a presença de mulheres escritoras nessas bibliografias visando identificar silenciamentos que a escrita bibliográfica possibilita. Em face disso, defende-se que pesquisar a memória escrita a partir das brasileiras oportuniza trazer à cena mulheres que têm sido apagadas da historiografia e da memória bibliográfica, resgatando suas histórias e produções sobre o Brasil. Em sua dimensão teórica, o trabalho dialoga com perspectivas multidisciplinares, as quais abrangem estudos sobre a Bibliografia e a História Cultural das Mulheres. Em termos metodológicos, trata-se de uma análise bibliográfico-documental centrada em identificar mulheres escritoras. Por se tratar de uma pesquisa em curso, os resultados consistem na apresentação das bibliografias selecionadas, do levantamento dos dados referentes ao quantitativo de mulheres escritoras e em reflexões iniciais acerca desses marcadores quali-quantitativos.

Palavras-Chave: bibliografia; bibliografia brasileira; história cultural das mulheres; mulheres escritoras.

INTRODUÇÃO

No início do século XX, em uma Inglaterra misógina que não aceitava mulheres nas universidades e nem no mercado de trabalho, cujo contexto de baixa instrução e submissão à dominação masculina alimentava, entre outros aspectos, a exclusão cultural das mulheres, Virginia Woolf proferiu, no ano de 1928, duas palestras para a sociedade das artes nas quais refletia sobre sua procura por mulheres escritoras nas bibliotecas da Inglaterra e sobre sua indignação com o diminuto número de textos de autoria feminina. As palestras, publicadas como ensaio no ano seguinte, receberam o nome de *A room of one's own*. Destacando as condições sociais que estruturavam a exclusão da mulher do circuito da cultura escrita, Woolf demarcava, sobretudo, que a história das mulheres precisava ser reescrita, razão pela qual acenou para o seguinte questionamento: “por que não acrescentar um suplemento à história? chamando-o, é claro, por algum nome discreto, de forma que as mulheres pudessem ali aparecer sem impropriedade?” (Woolf, 1985, p. 19). Como pode ser percebido, as provocações da romancista inglesa enfatizam sua aguçada ironia analítica diante de um sistema que insistia em inferiorizar o lugar, o pensamento, a vida, o corpo e a escrita da mulher.

Ao evocar as palestras de Virgínia Woolf publicadas há quase um século, o presente trabalho, que se inscreve no campo dos estudos histórico-bibliográficos, estabelece como propósito analisar a presença de escritoras em bibliografias de temática brasileira tendo-se em vista: (a) mapear bibliografias dedicadas à temática brasileira que repertoriavam documentos gráficos antigos¹; (b) identificar e quantificar, nas bibliografias selecionadas, escritoras e obras por elas publicadas; (c) identificar características da escrita bibliográfica e o lugar destinado às escritoras nas bibliografias selecionadas; (d) demonstrar de que forma as bibliografias brasileiras operam e articulam a presença de mulheres escritoras.

Além de demarcar a relevância dos estudos histórico-bibliográficos para os campos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, assinala-se que a pesquisa sobre escritoras e bibliografias brasileiras pode ser capaz de revelar silenciamentos que a escrita bibliográfica possibilita, oportunizando trazer à cena mulheres que têm sido apagadas da historiografia sobre a cultura escrita no e referente ao Brasil. De forma correlata, entende-se que o trabalho em curso pode ser capaz de fomentar novas investigações acerca da formação, salvaguarda e divulgação dos acervos bibliográficos de memória no país.

Em face disso, ao tensionar a escrita bibliográfica a partir da problematização da presença de mulheres escritoras em bibliografias brasileira, este artigo acena para um ato político a partir do qual se compromete em ler as bibliografias não apenas pelo que elas repertoriavam, “[...] mas [pelo] que falta e o que deveria estar [...]” (Duarte, 2011, p. 241) em suas linhas e entrelinhas. Por conseguinte, a pesquisa a seguir desenvolvida constitui-se em uma tentativa de refletir, entre outros pontos, sobre a escrita bibliográfica enquanto possibilidade de reconstituição histórica da escrita feminina.

MARCO TEÓRICO-CONCEITUAL

Para a concretização das proposições acima delineadas, buscou-se estabelecer um diálogo teórico-conceitual com autoras e autores que discutem tanto a História Cultural das Mulheres quanto os fundamentos da Bibliografia e a especificidade das bibliografias brasileiras. Conforme se evidenciará, nosso estudo compreende a Bibliografia como disciplina, mas, também, como ferramenta capaz de anunciar os modos e estratégias por meio dos quais o conhecimento é construído, organizado e difundido em cada sociedade, lançando luzes sobre as injunções de forças responsáveis por dar visibilidade a certas obras e autores(as), ao mesmo tempo que outros(as) são apagados(as) e silenciados(as).

¹ Para a pesquisa foi definido que os documentos gráficos antigos são aqueles que datam de mais de 100 anos de publicação.

Dinâmicas e relações de poderes denunciadas há longo tempo por historiadoras e historiadores que investigam o lugar atribuído e ocupado pelas mulheres no contexto da cultura escrita (Algranti, 2004; Duby; Perrot, 1993, 1995; Perrot, 1988, 2007; Scott, 2011).

MULHERES E CULTURA ESCRITA

Em vários de seus escritos, Michelle Perrot (1988, 2007) manifesta que a história das mulheres é atravessada por silêncios e esquecimentos milenares. De acordo com essa autora, a invisibilidade da mulher dá-se, primeiramente, pela condição social a qual foi destinada: à reclusão do espaço familiar, longe da vida pública. A isso se soma o fato de que a transição para o espaço público – do lar de seus pais para um novo lar –, impôs às mulheres o uso do sobrenome do homem: “[...] os homens são indivíduos, pessoas, trazem sobrenomes que são transmitidos. Alguns são ‘grandes’, ‘grandes homens’. As mulheres não têm sobrenome, têm apenas um nome. Aparecem sem nitidez, na penumbra dos grupos obscuros” (Perrot, 2007, p. 17).

De forma correlata, “o silêncio das fontes” configura-se em outro fator de apagamento das mulheres na História. Seja porque elas, devido a um grande conjunto de condicionantes sócio-históricas, deixam poucos registros, posto que, no geral, a atenção que observadores e cronistas, em sua grande maioria masculinos, “[...] dispensam às mulheres é reduzida ou ditada por estereótipos” (Perrot, 2007, p. 17). Por conseguinte, essa obscuridade das mulheres corporifica-se na “[...] dissimetria sexual das fontes, variável e desigual segundo as épocas” (Perrot, 2007, p. 17) nas quais as obras produzidas por mulheres são “[...] imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas” (Perrot, 2007, p. 17). Não sem razão, a História Cultural das Mulheres só começou a se desenvolver tardiamente, primeiro:

[...] na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos nos anos 1960 e na França uma década depois. Diferentes fatores imbricados – científicos, sociológicos, políticos – concorreram para a emergência do objeto “mulher”, nas ciências humanas em geral e na história em particular (Perrot, 2007, p. 19).

Esse advento desencadeou uma grande produção sobre as mulheres em diversas áreas do conhecimento. Assim, “[...] das mulheres, muito se fala. Sem parar, de maneira obsessiva. Para dizer o que elas são ou o que elas deveriam fazer” (Perrot, 2007, p. 22). Não obstante, é preciso demarcar que “essas mulheres faladas” correspondem, em sua maioria, à mulher branca, europeia, anglo-saxá e norte-americana. Discurso hegemônico que, paradoxalmente, elege a imagem de um sujeito feminino universal, silenciando outras tantas vozes como as das mulheres negras, latinas, indígenas, aborígenes etc. Não por acaso, um grande contingente de textos sobre as mulheres prioriza personagens célebres, agenciando uma narrativa unívoca e linear.

Entretanto, a história das mulheres “[...] não requer somente uma narrativa linear, mas [sim] um relato mais complexo, que leve em conta, ao mesmo tempo, a posição variável das mulheres na história, o movimento feminista e a disciplina da história” (Scott, 2011, p. 67). O que implica dizer que, para Scott (2011), a história das mulheres investiga o próprio modo como o termo “história” foi estabelecido e, por isso:

Questiona a prioridade relativa dada à “história do homem”, em oposição à “história da mulher”, expondo a hierarquia implícita em muitos relatos históricos. E, mais fundamentalmente, desafia tanto a competência de qualquer reivindicação da história de fazer um relato completo quanto à perfeição e à presença intrínseca do objeto da história – o Homem universal (Scott, 2011, p. 80).

À vista disso, Scott (2011) e Perrot (2007) entendem que a história das mulheres se ocupa (ou deveria se ocupar) da afirmação da distinção da cultura das mulheres, posto ser “[...] um campo inevitavelmente político” (Scott, 2011, p. 98). Marcador epistêmico também observado na maioria das produções dedicadas a refletir sobre a presença e a importância das mulheres no contexto da cultura escrita no Brasil.

MULHERES E CULTURA ESCRITA NO BRASIL

Conforme anunciado anteriormente, a historiografia sobre as mulheres no Brasil não se apresenta de modo divergente àquela produzida no norte global². Isso certamente decorre dos processos de colonização, mas, também, do fato de a história da mulher brasileira ser narrada por vozes majoritariamente masculinas e submetida, quase sempre, ao crivo de instituições e dispositivos de conhecimento geridos por homens. Não é de se surpreender, portanto, que até o séc. XIX, textos de religiosos, viajantes e governantes coloniais associavam as mulheres brasileiras ao pecado da carne e pouco ou quase nada se falava dela(s) como pessoa(s) pública(s) ou mesmo como produtora(s) de saberes “lógico-rationais”. Indubitavelmente, isso tem relação direta com a condição da mulher colonial que estava, quase sempre:

[...] submetida no interior de uma família patriarcal, em que o poder de chefia está totalmente concentrado na figura do pai, o senhor de engenho, detentor de uma autoridade absoluta sobre a esposa e os filhos (Bauer, 2001, p. 121).

Condicionantes que se mantiveram praticamente inalterados mesmo após a chegada da Família Real em terras brasileiras. Embora a vinda dos reis portugueses tenha conferido ares de sofisticação à nova sede da Corte, foram os homens que continuaram a escrever sobre e para as mulheres. Só para citarmos um exemplo, Jean-Baptiste Debret juntamente com o Conde de Suzannet encontraram espaço para publicar sobre a educação da mulher e seus afazeres no interior da família. Ao lado desses, podemos referenciar outros tantos textos de viajantes que relatam cenas e constroem pontos de vista específicos capazes de agenciarem a história e a representação das mulheres no Brasil, como é o caso das seguintes obras:

- *Voyage à la Cochinchine* (Barrow, 1807), com o capítulo *Les femmes à Rio de Janeiro*;
- *Les femmes et les mœurs du Brésil* (Expilly, 1863);
- *Voyage d'une femme* (Verdier, 1882);

² A expressão “norte global” é usada em todo o artigo tendo como referência Santos (2022).

- *Voyage et découvertes outre-mer au XIX^e siècle* (Mangrin, 1863), com o capítulo *Vengeance de femme; Les femmes de Parahiba*, de Taunay.

Soma-se a essas o *Diccionario Biographico de Brasileiros celebres nas letras, artes, politica, filantropia, guerra, diplomacia, industria, ciencias e caridade*, de autoria de Manuel Francisco Dias da Silva que reuniu 103 biografias desses “brasileiros célebres”, de 1500 até 1871. Negligenciando nomes de mulheres, esse autor reafirma que o lugar de honra na cultura escrita no Brasil oitocentista era totalmente ocupado por homens.

Posteriormente, em 1878, Joaquim Manoel de Macedo – professor no colégio D. Pedro II – publicou pela Garnier, no Rio de Janeiro, o livro *Mulheres celebres*, obra que reúne a biografia de mulheres europeias e foi organizada com o objetivo de ser uma espécie de manual para professores (Macedo, 1878). A intenção do autor era, pois, produzir perfis biográficos adaptados à instrução primária de meninas da Corte que tinham o privilégio de frequentar a instituição. Com esse livro, as meninas seriam iniciadas nos hábitos de leitura e poderiam encontrar referências para se tornarem, também elas, mulheres “célebres”. Contudo, o que sobressai na obra de Joaquim Manuel de Macedo é o tom moralista, modelar e obsequioso de sua publicação. Mais um dos muitos textos sobre mulheres escrito a partir da perspectiva da dominação masculina³.

À profusão de textos escritos por homens se contrapõe, até as primeiras décadas do séc. XX, a escassez de obras de autoria de mulheres,

³ Referência à obra de Pierre Bourdieu “A dominação masculina”, para quem os privilégios do homem em relação às mulheres fomentam relações de dominação e injustiças resultantes “[...] daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado, de uma língua (ou uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, de falar ou de agir)” (Bourdieu, 2012, p. 7-8).

especialmente de textos sobre o Brasil. Razão pela qual não devemos negligenciar que a história das mulheres e da literatura feminina no país têm:

[...] uma fisionomia própria [...] decorrente da situação da mulher, das suas raízes históricas [...] a mulher vem tradicionalmente de uma servidão absoluta através do tempo e a mulher brasileira mais do que outras mulheres do mundo [...] quando as mulheres do mundo já se comunicavam, através, por exemplo, das cartas, as correspondências das mulheres de salões, a mulher brasileira estava fechada em casa, vivendo a vida das senhoras das fazendas, da senhora da casa-grande [...] viviam aprisionadas, não sabiam ler, não sabiam nem sequer escrever, não sabiam coisa nenhuma. Elas [...] viviam numa servidão mais terrível do que as mulheres dos outros países, inclusive da Europa [*sic*] (Telles, 1997, p. 57).

Diagnóstico que pode ser complementado pela seguinte constatação: apesar da presença de escritoras ser observada no país “desde o século XVIII, a produção das primeiras escritoras foi sistematicamente deixada de lado pela crítica e pelos historiadores, chegando em muitos casos a desaparecer, como se nunca tivesse um dia existido” (Duarte, 2020, p. 333). Complementando sua argumentação, nossa interlocutora acrescenta: até “[...] as últimas décadas do século XIX, a publicação de uma obra de autoria feminina costumava ser recebida com desconfiança, descaso ou, na melhor das hipóteses, com certa condescendência pelo público leitor masculino” (Duarte, 2020, p. 333). Não é sem razão, pois, que Marina Colasanti (1997) depreende que a literatura feminina só começou a ser percebida por aqui na segunda metade do século XIX, imbuída por um pensamento libertário que as mulheres começam a afirmar. Nesse cenário:

Reunidas ao redor das revistas para mulheres, como O Jornal das Senhoras, O Sexo Feminino, Jornal das Damas, e A Mensageira, as escritoras visavam não apenas abrigar e desenvolver a mão-de-obra literária feminina, como lutar pela libertação dos escravos, por melhor educação e pelos direitos das mulheres [*sic*] (Colasanti, 1997, p. 38).

Mesmo em face disso, nas últimas décadas do século XIX e ainda nos primeiros anos do século XX:

[...] causava comoção uma mulher manifestar o desejo

de fazer um curso superior. E a publicação de uma obra costumava ser recebida com desconfiança, descaso ou, na melhor das hipóteses, com condescendência. Afinal, era só uma mulher escrevendo. Por isso, para realizar o desejo de publicar seus trabalhos, muitas usaram pseudônimos, o anonimato, ou se juntaram para criar jornais e revistas que muitas vezes atravessaram os limites de suas cidades, de seus estados, e se converteram em verdadeiras redes intercambiantes de informações e cultura (Duarte, 2011, p. 234-235).

Não obstante, em sua *História da Literatura Brasileira*, Silvio Romero cita apenas sete mulheres (Ângela do Amaral Rangel, Beatriz Francisca de Assis Brandão, Delfina da Cunha, Nísia Floresta, Narcisa Amália, Maria Firmina dos Reis e Jesuína Serra). De igual modo, Sacramento Blake, no *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, citou “pouco mais de cinquenta escritoras, para trezentos anos de literatura” (Pereira, 1954, p. 19).

Mas há a obra *Mulheres ilustres do Brasil*, publicada em 1899 e escrita por Inês Sabino (1835-1911). Esse livro “[...] foi pioneiro no resgate de mulheres que tiveram atuação significativa na sociedade brasileira” (Duarte, 2011, p. 238), especialmente por ser uma mulher falando sobre textos femininos. Nele são mencionadas 52 escritoras, prefigurando a “[...] tendência de uma crítica feminista interessada no estabelecimento de uma tradição literária escrita por mulheres” (Araújo, 2000, p. 14), o que contribui de modo significativo para a história da escrita feminina brasileira e, também, para a reescrita da história cultural das mulheres no país.

Correlacionado a esse esforço de mapear escritoras no Brasil, na década de 1980, um grupo de pesquisadoras se reuniu para identificar e resgatar escritoras brasileiras do passado. De acordo com Duarte (2011), os maiores desafios do projeto se deram em decorrência da escassez de informações sobre essas mulheres e as obras publicadas por elas devido à fragmentação de dados que se observa nos acervos antigos no Brasil (organização, localização, conservação, sistemas integrados, entre outros). Apesar disso, o resultado do projeto foi a publicação em dois volumes de *Escritoras brasileiras do século XIX* (Muzart, 2000), compilação que comprova a existência

de “[...] tantas mulheres atuantes e produtivas, apesar de serem hoje desconhecidas e estarem ausentes da história literária nacional.” (Duarte, 2011, p. 241).

Ampliando essa observação, Duarte (2011, p. 237) enfatiza que as contribuições do projeto podem ser verificadas, ainda, em outras duas perspectivas complementares: i) naquilo que concerne à “construção de uma história das mentalidades femininas e uma nova história das letras em nosso país”; e, ii) na promoção do renascimento de algumas escritoras no âmbito da cena literária nacional, a saber: Nísia Floresta (1810-1885), Emília Freitas (1855-1908), Maria Firmina dos Reis (1825-1917), Adélia Fonseca (1827-1920), Adelaide de Castro Guimarães (1854-1940), Violante de Bivar Velasco (1817-1875), Inês Sabino (1835-1911), só para citar algumas. A partir disso, podemos ratificar que a historiografia das escritoras no Brasil revela um longo e sistemático processo de invisibilização e muitos casos de apagamento da memória e das obras de escritoras, artifício de poder responsável por mantê-las, por longa data, nas margens do cânone literário e da cultura escrita nacional. Objetivando problematizar esse quadro, discutimos nas próximas seções como a escrita bibliográfica colaborou com essa dominação masculina ao não conferir visibilidade à escrita de autoria feminina em bibliografias brasileiras.

BIBLIOGRAFIA

Para Alfredo Serrai (2001), a Bibliografia é a mãe de todas as disciplinas que se ocupam em organizar e em estruturar as comunicações escritas, sejam do passado, sejam de hoje. Nesse sentido, inscrevem-se no campo da Bibliografia ciências e técnicas como a Paleografia, Arquivística, Diplomática, Documentação, Informática, Bibliologia, Biblioteconomia, Catalogação, Enciclopedística, Erudição Literária e Biográfica, entre outras. Modalidade ampla de compreensão que alude duplo sentido para a Bibliografia: i) trata-se de uma metadisciplina que engloba todas as disciplinas acima relacionadas; ii) diz respeito a um fazer repertorial vinculado à produção de listagens de informações sobre os documentos (Blum, 2007).

Enquanto disciplina, a Bibliografia acena para formas e ferramentas específicas de compreensão do conhecimento socialmente construído, a partir das

quais extrai de outras disciplinas elementos substanciais que são devolvidos a essas mesmas disciplinas após rigorosas validações teórico-metodológicas (Araújo; Araújo; Crippa, 2023). Ainda do ponto de vista disciplinar, a tradição bibliográfica e a agenda de pesquisa em Bibliografia⁴ têm demonstrado a preocupação de retirá-la dos limites de práticas que, em certa medida, reduziram a riqueza simbólica historicamente a ela associada. (Araújo; Crippa; Saldanha, 2015).

Com relação ao seu segundo sentido, eminentemente vinculado à Cultura Escrita, a Bibliografia ganha acentuado interesse a partir dos sub-ramos denominados Bibliografia Repertorial e Bibliografia Material. O primeiro, dedicado à produção de listagens de informações sobre os documentos, diz respeito ao estudo das práticas e vestígios da cultura libraria⁵ situados em tempo e espaços específicos.

4 Menção aos estudos mobilizados e desenvolvidos a partir do Seminário Internacional A Arte da Bibliografia, criado em 2014 pelos pesquisadores André Vieira de Freitas Araújo (UFPR), Giulia Crippa (Universidade de Bolonha) e Gustavo Silva Saldanha (IBICT-UNIRIO). Tomando como horizonte estruturante das discussões questões históricas e contemporâneas da disciplina Bibliografia, os encontros, interdisciplinares em sua essência, têm se dedicado a pensar os livros, os documentos gráficos, a informação e a cultura bibliográfica a partir de novas abordagens científicas e tecnológicas. Todas as edições do fórum geraram a publicação de dossiers científicos em revistas da área da Ciência da Informação e podem ser acessados via web.

5 A cultura libraria compreende todo o universo de produção e usos do livro em suas mais diversas manifestações materiais, técnicas, conceituais e culturais. Diretamente oposto aos documentos de caráter arquivístico, o librario compreende um conceito ampliado do livro, não restrito exclusivamente ao código ou ao texto, mas abrangendo também, sobretudo, as artes gráficas. Conforme Araújo (2014, p. 208), libraria “é uma expressão latina que significa ‘relativo aos livros’, ‘de livros’, ‘próprio dos livros’, ‘que se relaciona com o livro’. Compreende tudo o que é relativo aos livros, o que trata sobre livro, o que é o livro.”. Também está relacionada ao local onde o livro era produzido (taller librario) e às práticas e às técnicas que o materializam e, ainda, ao local de guarda dos livros – a biblioteca física (Araújo, 2017).

Nesse sentido, é possível indicarmos que as bibliografias repertoriais são estruturas indiciais que desempenham a função de mediar os documentos que repertoriam para os mais diversos públicos sem negligenciar os usos e modos de apropriação desses mesmos documentos na longa trajetória da história do livro e da escrita.

Por sua vez, a Bibliografia Material dá-se a ver, segundo Kirsop (2002) e Araújo e Reis (2016), como o estudo material dos textos, tendo por objetivo a realização de uma análise arqueológica dos documentos gráficos. Trata-se de um ramo antigo do campo bibliográfico fundamentado pela tradição bibliofílica francesa e alemã, sobretudo, ao longo do séc. XVIII. Nele a materialidade dos textos exerce influência tanto na compreensão da trajetória dos documentos em diferentes contextos, quanto na produção de chaves interpretativas centradas em desvelar os possíveis sentidos que os leitores atribuem ao texto em função de sua materialidade e formas documentais (Chartier, 1998; McKenzie, 2018). Não sem razão os métodos analíticos empregados pela Bibliografia Material são constantemente associados ao paradigma indiciário de (Ginzburg, 2011). Sobre essa afirmativa, Crippa (2010) esclarece que:

[...] o olhar de escolas históricas voltadas para uma pesquisa indiciária, como propõe Carlo Ginzburg, ou para os estudos de uma História Cultural, como no caso de Chartier, Darnton ou Burke, *apresentam perspectivas renovadas em estudos históricos sobre as atividades bibliográficas e de catalogação*, propondo abordagens inéditas de análise dos sistemas de produção, seleção, organização e mediação cultural de objetos já amplamente estudados: os livros, as coleções, os registros materiais que, em algum momento, se tornaram dignos de serem preservados e disseminados para a constituição da ciência moderna (Crippa, 2010, p. 15-16, grifo nosso).

Essas perspectivas renovadas que são enunciadas pela autora incidem, também, nas atividades conjuntas de coleta da documentação e organização das informações a ela atribuída (Bálsamo, 1998), mesmo que a Bibliografia mantenha seu fundamento básico, qual seja: mapear e selecionar textos úteis para os leitores.

À vista disso, a escrita bibliográfica é tratada aqui como o eixo omnidirecional e fundamental para a compreensão e problematização das escolhas e estratégias que modulam a produção de repertórios temáticos. Isso ficará mais evidente na próxima seção, a qual aborda a produção de documentos gráficos dedicados ao tema das Américas e seu posterior desdobramento em bibliografias brasileiras.

DOCUMENTOS GRÁFICOS SOBRE AS AMÉRICAS

Em decorrência das demandas de produção e circulação de impressos no Oitocentos, a Bibliofilia inglesa e norte-americana, tal como aconteceu em outros países europeus, adotou práticas e usos próprios para a reconfiguração e a afirmação do colecionismo de documentos gráficos com vistas à manutenção de seu caráter de distinção. Isso pode ser observado, por exemplo, a partir da obra de John Carter (1905-1975), *Taste and technique in book collecting*, na qual são sistematizadas e apresentadas práticas culturais fomentadas pela Bibliofilia em países de língua inglesa naquele momento histórico específico (Carter, 1948).

De modo geral, a partir do século XIX, é possível identificarmos três grandes práticas vinculadas ao colecionismo na Europa e nos Estados Unidos, a saber: i) a ampliação da produção e da oferta de impressos (livros, opúsculos, jornais, almanaques, guias, entre outros) para o grande público com objetivo de constituição de coleções pessoais não mais destinadas exclusivamente ao bibliófilo rico; ii) a apropriação, adaptação e ampliação dos critérios de raridade documental veiculados nas bibliografias do século XVIII; e iii) maior especialização das tipologias temáticas e documentais das Bibliografias de Livros Raros a fim de promover a Bibliofilia dos ricos, aquela tradicionalmente forjada na distinção. Foi vinculada a essas práticas que a produção comercial da Maggs Bros ganhou acentuado destaque.

Fundada por Uriah Maggs (1828-1913), a Maggs emergiu como livraria de livros antigos e raros em Londres, no ano de 1853, dedicada a atender às demandas da Bibliofilia do século XIX. Após a saída de Uriah do comando da loja, seus quatro filhos deram continuidade ao comércio antiquário de documentos gráficos, alterando o nome do empreendimento para Maggs Bros (Maggs Bros, 2021). Ativa até nossos dias, a livraria já publicou mais de 1.480 bibliografias temáticas de documentos raros (livros, opúsculos, cartas, mapas, obras de arte sobre papel e outros documentos gráficos – manuscritos e impressos), as quais demonstram não somente a capacidade de identificar, recolher e comercializar objetos raros como, também, o domínio da escrita técnica de Bibliografia de Documentos Raros e sua segmentação por grandes áreas temáticas de interesse do comércio bibliofílico.

Dentre as bibliografias da Maggs Bros (2021), a de número 546, publicada em 1930 com o título *Bibliotheca Brasiliensis*, foi consagrada aos impressos e manuscritos temáticos sobre o Brasil. Essa publicação, que compõe uma série de produções de bibliografias temáticas sobre regiões exploradas pelo norte global desde os séculos XV, movimentou o comércio antiquário no século XIX e início do XX.

Em termos de uma abordagem mais pormenorizada, esse número 546 apresenta como elemento decorativo da primeira e última pastas de sua encadernação uma xilogravura da caravela do explorador e navegador italiano Cristóvão Colombo (1451-1506) representando sua chegada ao Novo Mundo. Trata-se da reprodução de uma das gravuras que ilustravam as cartas de Colombo, as quais começaram a circular em formato manuscrito e impresso no final do século XV em muitos países da Europa. Isso se justifica porque:

A descoberta de um novo mundo além mar fez, entre tantas coisas, correr muita pena sobre papel [...] estes textos destinavam-se a leitores europeus que os buscavam avidamente, desejosos de conhecer as maravilhas vistas e as aventuras vividas por seus conterrâneos em terras tão misteriosas (Abreu, 2006, p. 227).

Em sua intencional conexão de Colombo (Americana) com o tema Brasileira, o catálogo 546 (*Bibliotheca Brasiliensis*) da Maggs Bros (2021) divulga a segunda carta do explorador apresentando a notícia bibliográfica seguida dos elementos condicionantes (materialidade, escassez, proveniência e discurso) e os qualitativos de sua raridade (com destaque para a unicidade do documento). Incluída em uma edição comemorativa impressa em 1494, essa segunda carta de Colombo exalta dois grandes feitos ocorridos no ano de 1492 e atribuídos ao Rei da Espanha, Fernando II de Aragão (1452-1516), quais sejam: a reconquista de Granada (antes ocupada pelos Mouros) e a chegada de Cristóvão Colombo ao Novo Mundo.

O incunábulo é constituído por duas partes. A primeira, *In laudem serenissimi Ferninandi Hispaniar regis* (Figura 1) (Verardus, 1494), pode ser caracterizada como um drama escrito por Carlo Verardi [Carolus Marcellinus Verardus] (1440-1500). A outra é justamente a Segunda carta de Colombo, *De insulis nuper in mari indico repertis*, a qual foi ilustrada com um conjunto de xilogravuras (Figura 2) (Verardus, 1494).

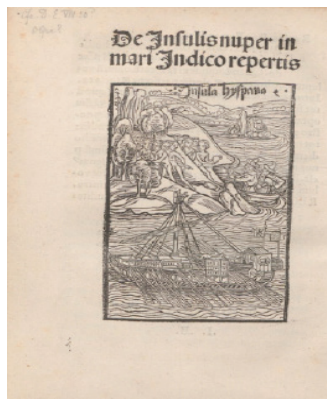
Conforme mencionado anteriormente, as cartas impressas de Colombo despertaram o desejo de posse de grandes colecionadores. Dentre os tipógrafos que as publicaram, destaca-se o alemão Johann Bergmann von Olpe (1455-1532), que possuía uma tipografia na Basileia (Suiça). As gravuras aqui apresentadas, contudo, não foram produzidas para a publicação de Bergmann von Olpe, elas já circulavam em outras edições, inclusive figurando como ilustrações da primeira carta impressa de Colombo (1493), *De insulis inventis* (Figuras 2), também um produto da tipografia de Johann Bergmann von Olpe.

Figura 1 – *In laudem serenissimi Ferdinandi Hispaniar regis*

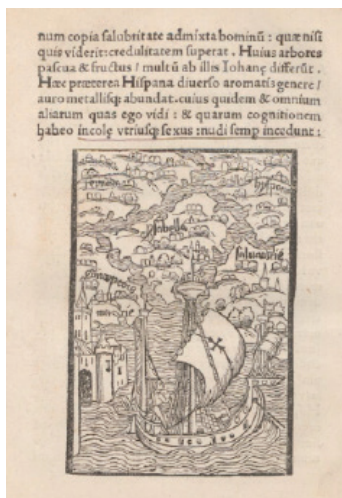
a)



b)



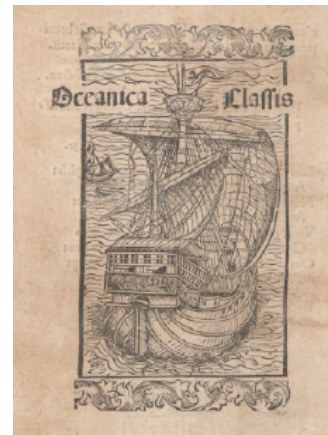
c)



d)



e)

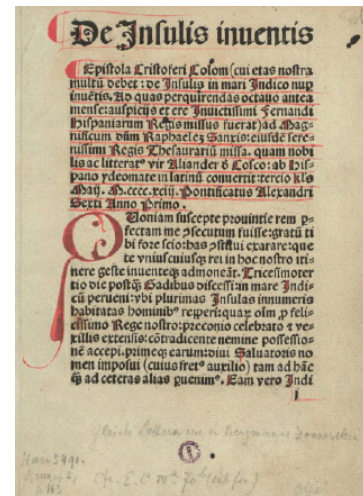


a) Página de rosto

b)-e) Xilogravuras

Fonte: Verardus, 1494.

Figura 2 – Incunábulo da primeira carta de Colombo, *De insulis inventis*



Fonte: Colombo, 1493.

Essa Figura 2 representa a folha de rosto do referido impresso. Trata-se de um incunábulo e pela composição da página percebe-se que a construção tipográfica adotava ainda a *mise-en-page* dos manuscritos. O impresso é composto por dois bifólios e possui quatro xilogravuras impressas nos fólhos: 1v, 2v, 4r, 6v.

São as mesmas ilustrações que citamos anteriormente. Ultrapassa o escopo deste artigo identificar quais das gravuras são primeiras, segundas ou terceiras impressões, ou mesmo quais são réplicas ou cópias de matriz xilográfica. Contudo, interessa-nos chamar a atenção para a presença dessas ilustrações em publicações distintas como forma de demarcar a crescente valorização de textos (palavras e imagens manuscritas ou impressas) sobre o Novo Mundo.

Inscrita nesse plano de interesses, a segunda carta de Colombo citada anteriormente constitui-se na segunda notícia bibliográfica referenciada pela *Bibliotheca Brasiliensis* da Maggs Bros (2021). Indicativo de que, tal como em outros momentos históricos, as bibliografias continuavam a exercer a função de organizar e divulgar informações sobre documentos de diferentes naturezas produzidos em contextos distintos e com temáticas multivariadas. Esse também é o caso das Bibliografias Brasileiras, foco da próxima seção.

BIBLIOGRAFIAS BRASILIANAS

Os documentos produzidos sobre o Novo Mundo estavam em sintonia com o imaginário europeu acerca do Brasil, o que despertava a atenção, o fascínio e o desejo de bibliófilos de grande parte do norte global, os quais tinham nas viagens de exploração e de investigação científica um polo gerador de novos itens colecionáveis. Viagens que, em sua maioria:

[...] Eram promovidas pelas grandes nações europeias e tinham como principais objetivos realizar trabalhos cartográficos, estudar fauna e flora, realizar observações astronômicas e meteorológicas, assim como calcular longitudes (Duarte, 2013, p. 284).

Nesse cenário, a prática de se organizar informações sobre o Novo Mundo em materiais bibliográficos passou a ser comum entre colecionadores, governantes e estudiosos. Como consequência, a temática americana foi introduzida nos grandes repertórios bibliográficos, mesmo não constituindo, em um primeiro momento, bibliografias exclusivas sobre as Américas.

Em face disso, desde o Séc. XV, é possível identificarmos bibliografias que arrolam documentos gráficos sobre as Américas, de modo geral, e o Brasil em particular. Citamos como exemplo a obra do livreiro francês Guillaume-François DeBure (1732-1782) – *Bibliographie instructive* ou *Traité de la connoissance des livres rares et singuliers* (1763-1768) –, na qual, dentre seus 7 volumes e suplemento, os documentos raros sobre o Brasil aparecem: a) no Tomo 2: na classe V (*História*), seção VI, parte II (*História Moderna*), dentro de *História da América ou das Índias ocidentais*; e b) no Tomo 5: na classe *História*, seção II (*Geografia*), parte II (*Viagens e Relatos*), parte VIII (*Grandes viagens*), na parte III (*História*).

Essa *Bibliographie instructive* não faz referência direta ao Brasil, mas inscreve o país em temas (do geral ao específico). Atualmente, pode-se perceber que muitos livros arrolados pelo repertório contêm relatos sobre o Brasil, mas que não foram, naquele momento, indiciados por DeBure (1763-1768).

De forma correlata, no Séc. XIX, Brunet (1860, 1865) incluiu em seu monumental repertório bibliográfico, *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*, vários documentos gráficos relacionados ao Brasil, repertoriando seções específicas sobre o país e a temática, mas dentro e/ou associado a outros assuntos. Por exemplo, podemos citar o caso da classe Histoire:

- *Histoire*, subdivisão *Voyages*, subseção *Voyages en Asie, en Afrique et en Amérique*, na qual o Brasil está dentro da arte *Voyages en Afrique et en Amérique*.

- *Histoire*, subdivisão *Voyages*, subseção *Amérique méridionale ou centrale*, na qual constam notícias bibliográficas de documentos que têm em comum relatos de viagens de uma mesma região geográfica. Nessa subseção, há uma divisão específica para “i. Brésil; Guyane” (Brunet, 1860, v. 6, p. 1118).

A questão levantada aqui diz respeito à indicialização de livros de brasileira em bibliografias da Bibliofilia, prática recorrente nos Sécs. XVIII e XIX, contudo, sem a produção de uma bibliografia específica sobre o Brasil. Essa produção particularizada se dará ainda no Séc. XIX impulsionada por novas incursões da cultura bibliofílica interessadas em garantir seu lugar de distinção, demandando a produção de bibliografias cada vez mais especializadas. Como exemplo disso citamos as seguintes obras de temática Americana que também arrolam impressos e manuscritos sobre o Brasil:

- *A bibliographical and historical essay on the Dutch Books*, Georg Michael Asher (1827-1905);
- *Bibliografia degli scritti italiani i stampati in Italia, sopra Cristoforo Colombo*, Giuseppe Fumagalli (1863-1939);
- *Bibliophile americana*, Charles Chadenat, (1859-1938);
- *Bibliotheca americana*, Charles Leclerc (1843-1889);
- *Bibliotheca americana*, Henry Harsisse (1829-1910);
- *Bibliotheca americana*, John Russel Smith (1810-1894);
- *Bibliotheca americana*, Joseph Sabin (1821-1881);
- *Bibliotheca lusitana*, Barbosa Machado (1682-1772);
- *Diccionario bibliographico portuguez*, Innocencio Francisco da Silva (1810-1876);
- *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*, Jacques-Charles Brunet (1780-1867);

Trésor de livres rares et précieux, Johann Georg Theodor Graesse (1814-1885).

No Séc. XIX, notadamente na Europa e na América do Norte, além do crescimento de publicações gráficas, observamos um aprimoramento teórico-metodológico na produção de bibliografias, com destaque para as bibliografias especializadas como as nacionais (Reyes Gomez, 2010). Nesse cenário, a produção de bibliografias específicas de livros raros amplia seu escopo para além da Bibliofilia, posto atender, também, às demandas da Biblioteconomia e da Documentação. Conjunturas que nos permitem destacar dois contextos relevantes para se pensar o surgimento das Bibliografias Brasileiras no Séc. XIX, a saber: i) fatores associados ao imperialismo europeu com as explorações de países fora da Europa a partir das quais a ocupação e a exploração associava-se à produção (por artistas, cientistas, militares, escritores) de relatos de viagens, inventários da fauna, flora, costumes materializados em edições destinadas a colecionadores e a governantes; e ii) fatores associados ao fazer bibliográfico, que se torna cada vez mais especializado em função da produção de bibliografias nacionais.

Naquilo que nos interessa aqui, de acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, a palavra brasileira apareceu pela primeira vez em um dicionário da língua portuguesa no ano de 1863. Houaiss definiu “brasileira” como uma “[...] coleção de estudos, livros, publicações, filmes, músicas, material visual etc. sobre o Brasil” (Houaiss; Villar; Franco, 2004, p. 508). A palavra é formada pela junção de “Brasil” com o sufixo “ana”. Esse sufixo tem a função de distinguir na língua portuguesa alguns grupos como os substantivos “[...] designativos de danças, coleções, coisas típicas dos referentes de nomes próprios (que potencializam milhares de nomes próprios antroponímicos ou toponímicos) como: americana, brasileira, camiliana, camoniana, franciscana, mexicana, pernambucana etc. (Houaiss; Villar; Franco, 2004, p. 198).

A partir do exposto, consideramos que “Brasileira” é o nome dado ao conjunto de objetos que, por possuírem características materiais e discursivas relativas ao Brasil, são ou podem ser constituintes ou indicarem pertencer a uma “coleção” consagrada ou relativa a esse tema.

Dentre as possibilidades tipológicas de e para a formação dessas coleções, há objetos das artes plásticas, artefatos arqueológicos, esculturas, pinturas e o universo dos documentos gráficos.

Tendo em vista a influência das bibliografias na definição da raridade e na formação de coleções bibliográficas raras (Araújo; Reis; Silveira, 2018), faz-se necessário destacar a herança da bibliofilia na formação de coleções de livros raros de temática Brasileira. Razão pela qual evocamos Rubens Borba de Moraes, tanto em decorrência de seu papel enquanto bibliógrafo, quanto por suas contribuições para o estabelecimento de conceitos relacionados ao campo da Bibliofilia, da Bibliografia e da Biblioteconomia no Brasil. Dito isso, Moraes (2005, p. 176) defende que, em sentido amplo, Brasileira refere-se a “[...] todos os livros que tratam do Brasil”. Entretanto, propõe uma divisão restritiva para se pensar coleções bibliográficas sobre o Brasil. Assim, o bibliófilo classificou os livros impressos fora do Brasil como Brasileiras e os livros impressos em terras brasileiras após a autorização para a instalação de casas tipográficas na colônia como Brasileenses. Desse modo, Rubens Borba de Moraes indica que:

Ao primeiro grupo pertencem os livros sobre o Brasil, impressos entre 1504 (data do primeiro livro sobre o Brasil) e 1900. Pertencem igualmente à Brasileira, os livros escritos por brasileiros durante o período colonial (das primeiras manifestações literárias até 1808 [...]).

Ao segundo grupo pertencem os livros impressos no Brasil, de 1808 até nossos dias (Moraes, 2005, p. 176).

Os critérios, definições e recortes apresentados por Moraes foram formulados levando-se em consideração a prática bibliofílica, o que torna explícita sua filiação à Teoria e aos *axiomas* da Raridade⁶.

6 Conforme apontado por Araújo e Silveira (2018), os axiomas da raridade foram estabelecidos por Johannis Vogt (1695-1764), polímata e livreiro alemão que publicou, em 1732, a obra *Catalogus historicus-criticus librorum rariorum* no qual apresenta – além dos livros para serem comercializados – uma seção denominada *Axiomata historico-critica de raritate librorum*, um paratexto em que são apresentados os fundamentos compilados por ele para definir o livro raro, os quais foram estruturados em axiomas gerais e axiomas específicos. Isso posto, a difusão e a aceitação dos axiomas da raridade no contexto do colecionismo librário do Séc. XVIII

Razão pela qual, ao recolher e repertoriar documentos sobre o Brasil, esse autor definiu que o principal marco do processo de seleção consistiria em repertoriar livros e documentos procurados “[...] pelos colecionadores. Se um livro não é procurado pelos bibliófilos, nada vale como objeto de coleção” (Moraes, 2005, p. 183). Não é, pois, de modo inocente que ele transpõe essa mesma lógica para a definição do conceito de Brasileira:

A única restrição que se faz nessa massa considerável de papel impresso e de papel ilustrado (sem falar em manuscritos) é que não se considera Brasileira o que não é procurado por bibliófilos. A mesma distinção é feita em bibliofilia para assuntos semelhantes, tais como Americana, Orientalia, Judaica, etc. (Moraes, 2005, p. 176).

Moraes (2005) retoma, pois, a herança da bibliofilia para sustentar a construção do termo Brasileira. Não obstante, sem desconsiderar o legado da cultura bibliofílica, as coleções brasileiras extrapolaram esse universo muito em consequência da ação de instituições culturais, de ensino e de pesquisa que, a partir de distintos objetivos, custodiam acervos de Brasileira. Com isso, independente do recorte estabelecido (temático e/ou temporal, por exemplo), uma coleção Brasileira pode se manifestar enquanto (a) uma coleção de objetos gráficos físicos (uma biblioteca ou uma coleção editorial); (b) uma coleção digital (a partir de acervos físicos existentes ou formada por imagens natos digitais); (c) uma biblioteca sem muros, como são as bibliografias brasileiras; entre tantas outras manifestações gráficas.

Diante do exposto, a investigação por bibliografias de temática brasileira constituiu-se no primeiro passo do levantamento de dados, seguido da identificação de mulheres escritoras nesses repertórios. Ações realizadas conforme os procedimentos metodológicos descritos a seguir.

“fez com que, gradativamente, o conceito de livro raro passasse a ser demarcado simbólica, social e economicamente por meio de um sistema que determinava a raridade a partir de: a) níveis; b) elementos condicionantes (materialidade, escassez, proveniência, discurso); c) qualitativos; e d) da Teoria da Raridade (um livro só é raro se for procurado por um bibliófilo)” (Araújo; Silveira, 2018, p. 83).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa bibliográfica e documental aqui realizada teve por foco identificar produções autorais de mulheres em 6 (seis) bibliografias de temática brasileira, as quais foram identificadas a partir do levantamento bibliográfico sobre o tema. Após a identificação das bibliografias, adotou-se os seguintes critérios de seleção de escritoras: (a) textos de autoria feminina; e (b) textos que passaram por processos editoriais. Pelo exposto, não foram selecionados documentos autógrafos ou mesmo textos manuscritos.

Quanto às traduções, as mulheres tradutoras foram inseridas – inclusive mulheres tradutoras de textos de autoria masculina. Foram incluídos, ainda, textos de mulheres traduzidos por homens, uma vez que o texto original é de autoria feminina.

RESULTADOS PRELIMINARES

A partir do levantamento das bibliografias referenciais na temática brasileira⁷, a identificação de mulheres escritoras se deu a partir das seguintes obras:

- *Annaes da imprensa nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1822* (Cabral, 1881);
- *Bibliografia brasileira do período colonial* (Moraes, 1969);
- *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro* (Camargo; Moraes, 1993);
- *Bibliographia brasiliana* (Moraes, 2010);
- *Bibliographie brésilienne* (Garraux, 1898);
- *Bibliotheca brasiliense* (Rodrigues, 1907).

⁷ A realização desse levantamento levou em consideração os seguintes critérios: i) selecionar bibliografias especializadas na temática brasileira que repertoriavam documentos, manuscritos ou impressos, produzidos no exterior ou no Brasil; ii) não selecionar bibliografias que repertoriavam temas muito verticalizados, ou seja, centradas em uma única temática como as bibliografias dedicadas exclusivamente a referenciar textos literários; iii) não selecionar bibliografias que envolvam temas relacionados ao Brasil, mas que estão inseridas em uma temática mais ampla, por exemplo, a *Bibliotheca americana*, de Joseph Sabin –, dado que, apesar de ser uma bibliografia que referencia textos sobre o Brasil, engloba documentos de todas as Américas; e, iv) Inventários e catálogos, manuscritos ou impressos, que atenderem aos critérios acima podem ser selecionados para a pesquisa.

Os resultados iniciais da pesquisa, descritos na Tabela 1, apresentam o levantamento de dados realizados nas 6 (seis) bibliografias acima listadas e indicam os números totais do levantamento realizado. Nessa tabela, os dados referentes ao recorte temporal, notícias bibliográficas de autoria feminina e mulheres escritoras foram segmentadas por bibliografia. Para a apresentação dos dados, as seis bibliografias foram organizadas por ordem alfabética do(s) seu(s) respectivo(s) autor(es).

Tabela 1 – Identificação de mulheres escritoras em Bibliografias Brasileira

n°	Autoria da bibliografia/ano de publicação	TÍTULO	Recorte temporal	Notícias bibliográficas	Notícias bibliográficas de autoria feminina	Mulheres escritoras
1	CABRAL, 1881	Annaes da Imprensa Nacional	1808-1822	1250	4	4
2	CAMARGO; MORAES, 1993	Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro	1808-1822	644	3	2
3	GARRAUX, 1898	Bibliographie brésilienne	1500-1898	1561	11	10
4	MORAES, 1969	Bibliografia brasileira do período colonial	1601-1822	765	9	3
5	MORAES, 2010	Bibliographia brasiliana	1504-1925	3349	48	27
6	RODRIGUES, 1907	Bibliotheca brasiliense	1492-1822	2646	6	5
		Total		10215	81	51

Fonte: Os autores, 2023.

O recorte temporal de cada bibliografia corresponde às datas iniciais e finais indicadas pelo(s) autor(es). No texto de apresentação da bibliografia de Moraes (2010), é indicado que a data final de cobertura é o ano de 1900, contudo, identificamos um texto de autoria feminina datado de 1925, por esse motivo a indicação do recorte temporal atribuído àquela Bibliografia na Tabela 1 não corresponde à datação indicada pelo autor.

Avançando na análise dos dados já levantados, foi possível identificar que há mulheres e textos que se repetem nas bibliografias consultadas. Desse modo, do quantitativo de 81 notícias bibliográficas, foram subtraídos 18 itens (por serem textos citados em mais de uma bibliografia), assim, o quantitativo final da conta de 63 notícias bibliográficas. O mesmo procedimento foi realizado com o quantitativo de mulheres escritoras, conforme indicado na Tabela 2:

Tabela 2 – Mulheres e textos nas Bibliografias Brasileira selecionadas

Categoria	Total 1	Repetições nas bibliografias	Total 2
notícias bibliográficas	81	18	63
mulheres escritoras	51	16	35

Fonte: Os autores, 2023.

A Tabela 3 apresenta tanto o quantitativo de escritoras por século, quanto o número de edições no período, além dos locais de publicações e nacionalidade de cada autora.

Tabela 3 – Escritoras, edições, local de publicação, nacionalidade

século	autoras	edições	período	Local de Publicação	Nacionalidade da autora
XVIII	6	12	1727-1793	Leipzig, Lisboa, Londres, Paris, Portugal	Brasil, França, Inglaterra, Portugal
XIX	28	50	1805-1897	Amsterdan, Anvers, Berlim, Boston, Evreux (França), La Flèche (França), Lisboa, Londres, Nova York, Paris, Praga, Rio de Janeiro (Brasil), Tours (França), Viena	Alemanha, Austria, Bélgica, Brasil, França, Holanda, Portugal
XX	1	1	1925	Paris	França
Total	35	63			

Fonte: Os autores, 2023.

A identificação de escritoras foi dificultada por diversos fatores associados à escrita bibliográfica, tais como a grafia dos nomes das escritoras, a omissão do nome das escritoras e a própria diferença de grafia do nome em cada bibliografia. A quantificação das escritoras foi possível após detalhada conferência e tabulação de dados para excluir duplicidades ou erros de contagem.

No que se refere à escrita bibliográfica, é possível assinalar que, para além das variedades na grafia dos nomes das escritoras, a própria composição das entradas (notícia bibliográfica e notícia literária) apresenta diferenças entre as bibliografias, contudo, para a maioria das escritoras as entradas

não apresentam notícia literária. Um contraponto importante a esse fato, o qual, em certa medida, demarca a dimensão do apagamento que este artigo busca destacar, refere-se à constatação de que, em grande parte, as escritoras que possuem notícias literárias são aquelas que publicam com seus esposos. Ainda sobre o modo como as bibliografias articulam as informações referentes às escritoras, todas as 6 (seis) obras analisadas evocam a teoria da raridade e esse discurso reverbera nas citações e notas elaboradas para cada escritora. Avancamos nessa discussão nas considerações a seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados levantados, foi possível observar que textos de autoria feminina sobre o Brasil só começaram a aparecer na cena pública no Séc. XVIII, sendo publicados exclusivamente no continente europeu. A maior concentração de escritoras e de edições se dá no Séc. XIX, possivelmente em consequência das viagens imperialistas do norte global, dos novos modos de produção industrial do livro, da maior presença das mulheres na sociedade e de um avanço em sua escolarização. Ademais, há que se indicar que a presença de mulheres escritoras brasileiras foi registrada apenas nos Sécs. XVIII e XIX. Em seu conjunto, os dados aqui apurados podem nos ajudar a responder às seguintes questões específicas: quem são essas mulheres? Quais fatores contribuíram para que elas fossem noticiadas nas bibliografias brasileiras pesquisadas?

Os desdobramentos impulsionados por essas questões, ainda em processo de desenvolvimento, serão apresentados em resultados de pesquisas futuros. Para o momento, e retomando as provocações de Virgínia Woolf, indicamos que os esforços para responder a essas questões pretendem “[...] acrescentar um suplemento à história [...]” (Woolf, 1985, p. 19) das mulheres escritoras a partir das bibliografias brasileiras por meio da investigação sobre as condições histórico-bibliográficas e os

fatores de ordem social, político e cultural que viabilizaram a citação de cada uma dessas mulheres nas bibliografias estudadas, indagando, ainda, por que muitas dessas mulheres foram/são silenciadas da memória bibliográfica nacional?

Assim observado, as formulações teóricas, os marcadores históricos e os resultados aqui apresentados reforçam uma constatação importante: o diminuto quantitativo de escritoras repertoriadas nas bibliografias analisadas comprovam que as mulheres foram postas à margem dos domínios da cultura letrada, sendo amplamente invisibilizadas no plano da escrita bibliográfica. No entanto, a verticalização da pesquisa (etapa ainda em curso), ao se deter sobre os aspectos que viabilizaram às escritoras aqui identificadas escaparem a esse processo de apagamento, certamente nos auxiliará a reposicionar a história dessas mulheres no cenário da memória escrita nacional e, também, referendar a necessidade de problematizarmos os critérios de formação, salvaguarda e divulgação das coleções brasileiras existentes no país. Com isso, talvez consigamos fazer justiça à história das mulheres garantindo que elas possam “[...] ali permanecer sem impropriedade [...]” como queria Virgínia Woolf (1985, p. 19).

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Escrever e pensar sobre o Novo Mundo: escrever e pensar no Novo Mundo. In: DUTRA, Eliana Regina de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XIX*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 227-258.

ALGRANTI, Leila Mezan. *Livros de devoção, atos de censura: ensaios de história do livro e da leitura na América Portuguesa (1750-1821)*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2004.

ARAUJO, Andre Vieira de Freitas; ARAÚJO, Diná Marques Pereira; CRIPPA, Giulia. *Panorama de la Historia del Libro y la Bibliografía*. Colômbia: Ediciones Uniandes, 2023. (no prelo).

ARAUJO, Andre Vieira de Freitas; CRIPPA, Giulia; SALDANHA, Gustavo. Em busca da Bibliografia: sobre o I Seminário Internacional ‘A Arte da Bibliografia’. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, [s. l.], v. 11, n. especial, 2015. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/529>. Acesso em: 17 set. 2021.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira. *Bibliofilia e livros raros na perspectiva histórico-cultural: uma abordagem crítica às visões instituídas na biblioteconomia e ciência da informação brasileira*. Orientador: Alcenir Soares Reis. 2017. 214 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira. Tipologia do livro. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 15, n. 23, p. 208-228, out. 2014. ISSN 2237-8871. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2014v15n23p208>. Acesso em: 24 jun. 2017.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliotecas, Bibliofilia e Bibliografia: alguns apontamentos. *Revista de Ciência da Informação e Documentação*, [s. l.], v. 7, n. esp, p. 183-201, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/118770>. Acesso em: 2 set. 2019.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares; SILVEIRA, Fabricio José Nascimento da. Bibliofilia, bibliografias e a construção do sistema axiológico da raridade. *Informação & Informação (Online)*, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 38-57, 2018.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira; SILVEIRA, SILVEIRA, Fabricio José Nascimento da. O Livro Raro na Biblioteconomia Brasileira: influências, impactos e delimitações dos discursos da Bibliofilia nas práticas profissionais e institucionais. In: *Seminário Internacional Cultura Escrita no Mundo Moderno*, 2019, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2019. v. 1, p. 80-87. Disponível em: https://iluminuras.art.br/docs/Anais_SICEMM.pdf. Acesso em: 2 dez. 2022.

ARAÚJO, Nara. Do vazio e do silêncio. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*, v. 1. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

BALSAMO, Luigi. *La bibliografía: historia de una tradición*. Espanha: Ediciones Trea, 1998.

BARROW, John. *Voyage à la Cochinchine par les îles de Madère, de Ténériffe et du Cap Verd, le Brésil et l'île de Java?*. Paris: [s. n.], 1807. 2 v.

BAUER, Carlos. *Breve história da mulher no mundo ocidental*. São Paulo: Pulsar, 2001.

BLUM, Rudolf. *Bibliografía: indagine diacroniche sul termine e sul concetto*. Milano: Sylvestre Bonnard, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRUNET, Jacques-Charles. *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*. Paris: Librairie de Firmin-Didot et Cie, 1860-1865. 6 v.

CABRAL, Alfredo do Valle. *Annaes da imprensa nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1822*. Rio de Janeiro: Na Typographia Nacional, 1881.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro: 1808-1822*. São Paulo: EDUSP: Kosmos, 1993. 2 v.

CARTER, John. *Taste and technique in book-collecting: a study of recent developments in Great Britain and the United States*. Cambridge: University Press, 1948.

CHARTIER, Roger; LEBRUN, Jean. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

COLASANTI, Marina. Por que nos perguntam se existimos. In: SHARPE, Peggy. (org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997. p. 33-42.

COLOMBO, Cristoforo. *Epistola de insulis nuper inventis*. Basel: Michael Furter? für Johann Bergmann von Olpe: Jacob Wolff von Pforzheim? für Johann Bergmann von Olpe. Universitätsbibliothek Basel, [10] Bl. : Ill.; 4°, AN V 57, apr. 1493. DOI: <https://doi.org/10.3931/e-rara-15171>.

CRIPPA, Giulia. Entre ciência e humanidades: o problema da ordem da memória da/para a Ciência da Informação. *Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*. Rio de Janeiro: IBICT, 2010. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/xi/enancibXI/paper/view/40>. Acesso em: 17 set. 2021.

DEBURE, Guillaume-François. *Bibliographie instructive: ou, Traité de la connoissance des livres rares et singuliers*. Paris: Guillaume-François De Bure le Jeune. 1763-1768. 7 v.

DUARTE, Constância de Lima. Arquivo de mulheres e mulheres arquivadas: histórias de uma história mal contada. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. (org.) *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 234-241.

DUARTE, Constância de Lima. E a literatura mineira se amplia. *Revista da Academia Mineira de Letras*. Belo Horizonte, ano 99, v. 80, p. 333-337, 2020. ISSN 1982-6680.

DUARTE, Regina Horta. Panoramas litorâneos, fronteiras e interiores brasileiros: Mello Leitão e os itinerários viajantes. In: DUTRA, Eliana Regina de Freitas (org.). *O Brasil em dois tempos: história, pensamento social e tempo presente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 279-297.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1993-1995. 5 v.

EXPILLY, Charles. *Les femmes et les mœurs du Brésil*. Paris: Charlier et Huillery, Éditeurs. 1863.

GARRAUX, Anatole Louis. *Bibliographie brésilienne: catalogue des ouvrages français & latins relatifs au Brésil 1500-1898*. Paris: Chadenat; Jablonski, Vogt et Cie, 1898.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 143-179.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2004.

KIRSOP, W. Bibliographie matérielle. In: FOUCHÉ, P.; PÉCHOIN, P.; SHUWER, P. *Dictionnaire encyclopédique du livre*. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 2002, v. 1, p. 275-276.

MACEDO, Joaquim Manoel de. *Mulheres celebres*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, Livreiro Editor, 1878.

MAGGS BROS. *Rare books and manuscripts*. Londres: [s. n.], 2021. Disponível em: <https://www.maggs.com/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

MANGRIN, Arthur. *Voyages et découvertes outre-mer au XIX^e siècle*. Tours: Ad Mame et Cie, Imprimeurs-Libraires, 1863.

MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a sociologia dos textos*. São Paulo: EDUSP, 2018.

MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia brasileira do período colonial: catálogo comentado das obras dos autores nascidos no Brasil e publicados antes de 1808*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.

MORAES, Rubens Borba de. *Bibliographia brasiliana: livros raros sobre o Brasil publicados desde 1504 até 1900 e obras de autores brasileiros no período colonial*. 1. ed. São Paulo: EDUSP: FAPESP, 2010.

MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz: prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras, antigas ou modernas*. 4. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

MUZART, Zahide Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. 2. ed. rev. Florianópolis, SC: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2000.

PEREIRA, Lúcia Miguel. As mulheres na literatura brasileira. *Revista Anhemê*, São Paulo, ano 5, v. 17, n. 49, dez. 1954.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

REYES GÓMEZ, Fermin. *Manual de bibliografia*. Madrid: Castalia Instrumenta, 2010.

RODRIGUES, J. C. *Biblioteca brasilienses: catálogo anotado dos livros sobre o Brasil e de alguns autographos e manuscritos pertencentes a J. C. Rodrigues [...]*. Rio de Janeiro: Typografia do 'Jornal do Comercio' de Rodrigues e C., 1907.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Descolonizar: abrindo a história do presente*. São Paulo: Boitempo, 2022.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 65-98.

SERRAI, Alfredo. *II cemento dela bibliografia*. Milano: Sylvestre Bonnard, 2001.

TELLES, Lygia Fagundes. A mulher escritora e o feminismo no Brasil. In: SHARPE, Peggy. (org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997. p. 57-63.

VERARDUS, Carolus. *Historia Baetica*: De insulis nuper in mare Indico repertis. Basel: Johann Bergmann von Olpe. Universitätsbibliothek Basel, [38] Bl. : Ill.; 4°, AN V 76:2, 1494. DOI: <https://doi.org/10.3931/e-rara-10932>.

VERDIER, Marthe. *Sur les rives de l'Amazone*: Voyage d'une femme. Paris: Librairie CH, Delagrave. 1882.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

O tráfico ilícito de bens culturais sob a ótica do banco de dados do IPHAN: uma análise dos bens culturais resgatados

Murilo Artur Araújo da Silveira

Doutorado em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2016), com realização de estágio sanduíche na Universidad Carlos III de Madrid. Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Departamento de Ciência da Informação.

<http://lattes.cnpq.br/2565474279842382>

<https://orcid.org/0000-0002-9708-6001>

Email: muriloas@gmail.com

Daniela Eugênia Moura de Albuquerque

Doutoranda em Ciência da Informação pela UFPE. Universidade Federal de Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/5755649500317881>

<https://orcid.org/0000-0002-1136-8965>

Email: danielaeugenia@outlook.com

Submetido em: 19/08/2022. Aprovado em: 03/02/2023. Publicado em: 22/09/2023.

RESUMO

Objetivo: este estudo se propõe a analisar os bens culturais resgatados do Banco de Dados de Bens Culturais Procurados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, considerando suas implicações, acesso e relevância no combate ao tráfico ilícito de bens culturais no Brasil. **Método:** caráter exploratório segundo os objetivos, documental conforme os procedimentos e a técnica de análise documental para a coleta e descrição dos dados. O *corpus* da pesquisa compreende 131 bens culturais resgatados consultados no Banco de Dados de Bens Culturais Procurados do Iphan. **Resultado:** o banco de dados apresentou falta de padronização na identificação dos bens culturais, um índice baixo de bens resgatados comparado ao total de bens procurados, sendo a última inserção em 2015 e uma alta ocorrência de campos essenciais não preenchidos como autoria, título e época/período. **Conclusões:** apesar dos resultados demonstrarem uma defasagem na manutenção do banco de dados, e da necessidade de haver um engajamento de forma mais ativa no quesito cooperativo não somente para o público específico como colecionadores e compradores de objetos antigos, foi possível concluir um vasto campo de pesquisas e descobertas que podem ser fundamentais no combate ao tráfico ilícito de bens culturais sob a ótica dos bens resgatados.

Palavras-chave: banco de dados de bens culturais procurados; IPHAN; bens resgatados; tráfico ilícito de bens culturais; patrimônio cultural.

INTRODUÇÃO

O Tráfico Ilícito de Bens Culturais, mais conhecido como TIBC, não é uma pauta recente. Na Antiguidade, as práticas de saque como referência de uma cultura de conquista marcada pela identificação cultural e territorial dos bens, eram vistas como lícitas durante a guerra. Um exemplo foi o saque feito ao Partenon, em Atenas (480 a. C.), na qual a Grécia ainda requisita a devolução dos bens extraviados que estão sob a guarda do Museu Britânico (SOARES, 2018).

Discutir o TIBC é remeter à problemática do colecionismo, uma vez que boa parte dos infratores são colecionadores, revestindo-se de um conjunto de práticas cotidianas e intrínsecas a qualquer ser humano: o ato de colecionar itens. A ideia de patrimônio não concebida, isolada e sistematicamente, é sustentada por um conjunto de bens que podem ter finalidades distintas, como o prazer de acumular, de obter ganho financeiro, de decoração como símbolo de poder, dentre outras.

Gonçalves (2009) afirma que o resultado dessa atividade de colecionismo se configura na constituição de um patrimônio, e de que é preciso refletir sobre as coleções como construção identitária, e não focar, somente, nos valores estéticos e técnicos.

Os bens culturais são parte de uma herança coletiva, formada por sujeitos coletivos que por meio dos discursos inseridos nos bens criam e recriam relações sociais, valores e significados. A concepção de um patrimônio coletivo, advém do sentimento de perda, principalmente após a destruição massiva de bens culturais, como os que ocorreram durante a Segunda Guerra Mundial. Assim, inicia-se uma necessidade urgente em elaborar meios protetivos para o patrimônio cultural. Em escala mundial, tem-se como referência a Convenção da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) de 1970, que criou medidas que viessem assegurar a proteção dos bens culturais.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) fundado em 1937 dentre as suas missões principais, pode-se destacar a de preservação, conservação, salvaguarda e monitoramento do patrimônio cultural (IPHAN, 2014). No intuito de zelar por essas missões e presenciando inúmeras perdas de bens culturais, o IPHAN desenvolveu o Banco de Dados de Bens Procurados (BCP) no combate ao TIBC, que tem por objetivo de ser um banco cooperativo, que atue em prol tanto da divulgação quanto de ser uma ferramenta fundamental para encontrar os bens culturais procurados (IPHAN, 2014).

A tarefa principal desse artigo não é cobrir o tema em toda a sua amplitude, mas de situar o assunto dentro da perspectiva dos bens resgatados e analisar esses bens considerando suas implicações, acesso e relevância no combate ao tráfico ilícito de bens culturais no Brasil. Assim, o objetivo da pesquisa é analisar as descrições dos bens culturais brasileiros encontrados presentes no Banco de Dados de Bens Procurados (BCP) do IPHAN, de 1990 aos dias atuais (IPHAN, 2014).

A justificativa central para a realização da pesquisa se concentra, essencialmente, na discussão sobre os bens culturais brasileiros e as perdas patrimoniais decorrentes do tráfico ilícito. Tal problemática repercute na forma como o Estado brasileiro lida com essa situação, como também os registros dos ilícitos são realizados. Logo, a discussão se concentra na relação entre os bens culturais e os processos de patrimonialização no país.

Nesse passo, o trabalho iniciou percorrendo brevemente sobre o TIBC no país, elencando os meios de extravio, exemplos de instituições renomadas que não escaparam de ações criminosas, bem como as principais medidas legais de proteção aos bens culturais como as Convenções de Haia (1954), da Unesco (1970), Unidroit (1995) e o Decreto-Lei n. 25/1937 (BRASIL, 1937).

BREVE ABORDAGEM SOBRE O TRÁFICO ILÍCITO DE BENS CULTURAIS NO BRASIL

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, Galeria Thomas Cohn, Estação Pinacoteca, Itamaraty, Museu Chácara do Céu, Museu do Ipiranga, Biblioteca Mário de Andrade e Universidade Federal do Rio de Janeiro são instituições renomadas que foram alvo do Tráfico Ilícito de Bens Culturais. Diante desses exemplos, vale observar que os bens, em sua maioria, são de museus, de locais religiosos, de galerias, de bibliotecas e até de residências particulares.

Os dois meios mais conhecidos e divulgados no país de extravio de bens culturais são o furto e roubo, embora boa parte das manchetes de jornais tratem como sinônimos, cabe ressaltar que são infrações penais totalmente distintas com base no Código Penal Brasileiro. Apesar do furto e roubo, existem outros meios de extravio pouco debatidos que também são responsáveis pelo TIBC, que segundo Soares (2020) são:

- 1) Escavações ilícitas de objetos arqueológicos, incluindo escavações subaquáticas;
- 2) Remoção de bens culturais durante conflitos armados ou ocupação militar;
- 3) Exportação e importação ilícitas de bens culturais;
- 4) Transferência ilegal de propriedade de bens culturais;
- 5) Produção, comércio e uso de documentação falsificada;
- 6) Tráfego de propriedades culturais falsas ou forjadas;
- 7) Conspiração/participação em um grupo criminoso organizado;
- 8) Lavagem/branqueamento, conforme referido no artigo 6 da Convenção de Crime Organizado, de bens culturais traficados, e da Lei 9.605/98 (BRASIL, 1998).

Nesse caminho, Christofolletti (2017) a fim de compreender a motivação da ação dos criminosos nessa modalidade de tráfico, elaborou três níveis de satisfação e finalidades: 1) ganância de colecionadores para decorarem suas residências; 2) venda por meio de lavagem de dinheiro; e 3) *artnapping*, uma modalidade de roubo e revenda para as próprias seguradoras. O autor apresenta de acordo com os três níveis que as ações ilegais são fomentadas por indivíduos que detêm do conhecimento acerca dos bens que deseja subtrair, e não somente por estímulo financeiro, como também pelo prazer de adquirir um bem com um valor inestimável.

No Brasil não existem normativas voltadas para o TIBC. Enquanto isso, as medidas protetivas ficam a cargo da Convenção da Unesco de 1970. Vale destacar que o Brasil é membro da Unesco desde 1972, diferentemente do Chile que se tornou membro em 2014 e conta com políticas públicas direcionadas ao combate do TIBC. A respeito disso, o diplomata João Batista Lanari Bo faz uma crítica cirúrgica, pois devido a deficiência de legislações específicas, a evasão do nosso espólio cultural se torna cada vez mais ameaçado de novas práticas ilícitas:

Sabemos que a jurisdição sobre o tráfico tem ampliado sua atuação, sobretudo nos países onde a prática tem se intensificado. Mas, e no Brasil, como o país lida jurídica e politicamente com o tráfico ilícito de obras de arte e bens culturais? [O] aprofundamento nas discussões sugere que o Brasil ainda está muito atrasado no quesito legislação específica, a despeito de possuir uma das mais progressistas legislações sobre o patrimônio do mundo, pois não possui legislação própria para a temática “tráfico de obras de arte”, embora seja signatário de diversas convenções sobre o assunto e pratique a cooperação internacional conforme propugna a convenção de Haia, obtendo sucesso em algumas operações de resgate, repatriação e mapeamento (BO, 2003, p. 47).

A Convenção da Unesco de 1970 é o mecanismo legal basilar utilizado no Brasil para o combate ao TIBC, que tem o seu foco na proibição da importação, exportação e transferência de propriedade ilícita de bens culturais, que é uma das causas principais no enfraquecimento do patrimônio cultural. As funções dessa Convenção mencionadas no art. 5 se constituem em:

- a) contribuir para a preparação de projetos de leis e regulamentos destinados a assegurar a proteção ao patrimônio cultural, e particularmente a prevenção da importação, exportação e transferência de propriedade ilícitas de bens culturais importantes;
- b) estabelecer e manter em dia, com base em um inventário nacional de bens sob proteção, uma lista de bens culturais públicos e privados importantes, cuja exportação constituiria empobrecimento do patrimônio cultural nacional;
- c) promover o desenvolvimento ou a criação das instituições científicas e técnicas (museus, bibliotecas, arquivos, laboratórios, oficinas etc.) necessárias para assegurar a preservação e a boa apresentação dos bens culturais;
- d) organizar a supervisão das escavações arqueológicas, assegurar a preservação in situ de certos bens culturais, e proteger certas áreas reservadas para futuras pesquisas arqueológicas;
- e) estabelecer, com destino aos interessados (administradores de museus, colecionadores, antiquários etc.), normas em conformidade com os princípios éticos enunciados na presente Convenção, e tomar medidas para assegurar o respeito a essas normas;

f) tomar medidas de caráter educacional para estimular e desenvolver o respeito ao patrimônio cultural de todos os Estados e difundir amplamente o conhecimento das disposições da presente Convenção;

g) cuidar para que seja dada a publicidade apropriada aos casos de desaparecimento de um bem cultural. (UNESCO, 1972, grifo nosso).

A Convenção de Haia de 1954, foi criada para fins de conflitos armados ou guerra declarada, na qual sua missão é na proteção, salvaguarda, respeito e identificação dos bens culturais (BRASIL, 1958). Como divisor de águas a Convenção de Unidroit de 1995, empenhou suas medidas legais estritamente na restituição de bens culturais roubados e retorno de bens culturais retirados do território de um estado contratante.

Nessa mesma Convenção há possibilidade de indenização para os indivíduos que venham a devolver o bem, desde que comprove que era um bem roubado, e ter agido com zelo e responsabilidade no ato de adquirir o bem (RESOLUÇÃO [...], 2000).

No âmbito nacional ainda não existe uma lei específica para o TIBC, como já comentado anteriormente, mas há uma diversidade de aparatos legais no tocante à proteção do patrimônio, como o Decreto-Lei nº 25/1937 (BRASIL, 1937), direcionado aos bens de natureza móvel. O quadro 1 abrange doze legislações nacionais que giram em torno das questões de proteção aos bens culturais:

Quadro 1 – Principais medidas legais nacionais relacionadas aos bens culturais

LEGISLAÇÃO	EMENTA
Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937	Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.
Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940	Código Penal Parte Geral.
Decreto-Lei nº 3.866, de 29 de novembro de 1941	Dispõe sobre tombamento de bens no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961	Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.
Lei nº 4.845, de 19 de novembro de 1965	Proíbe a saída, para o exterior, de obras de arte e ofícios produzidos no país, até o fim do período monárquico.
Lei nº 5.471, de 9 de julho de 1968	Dispõe sobre a exportação de livros antigos e conjuntos bibliográficos brasileiros.
Decreto-Legislativo nº 71, de 28 de novembro de 1972	Aprova o texto da convenção sobre as medidas a serem adotadas para proibir e impedir a importação e transferência de propriedade dos bens culturais.
Decreto nº 72.312, de 31 de maio de 1973	Promulga a Convenção sobre as Medidas a serem Adotadas para Proibir e impedir a Importação, Exportação e Transporte e Transferência de Propriedade Ilícitas dos Bens Culturais.
Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009	Institui o estatuto de museus e dá outras providências.
Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009	Cria o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM.
Lei nº 12.840, de 9 de julho de 2013	Dispõe sobre a destinação dos bens de valor cultural, artístico ou histórico aos museus, nas hipóteses que descreve.
Decreto nº 8.124, de 17 de outubro de 2013	Regulamenta dispositivos da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, e da Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM.

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Segundo o jornal Estadão em uma matéria em 2007, o Brasil liderava a quarta posição do mundo em roubos de obras culturais (BRASIL [...], 2007). A realidade atual não é diferente, pois o país oscila entre a 8ª e 10ª posição na lista dos países em que TIBC afeta na economia, sendo a terceira modalidade de tráfico mais lucrativa, movimentando mais de seis bilhões de dólares (CHRISTOFOLETTI, 2021). Dados alarmantes que apresentam deficiências latentes nas medidas e ações de segurança dos bens culturais, gerando perdas irreparáveis para o patrimônio cultural do país. No limiar desse tema os fatores que estão do lado oposto no combate ao TIBC podem ser um furto que não é denunciado, escassez de especialistas em bens culturais, falta de fiscalização facilitando o uso de documentações falsas como também exportação e importação ilícitas, medidas protetivas específicas, ausência de informações relevantes na identificação dos bens nos sítios eletrônicos, e, principalmente, a não inclusão da sociedade como protagonista na proteção efetiva do patrimônio.

METODOLOGIA

A pesquisa segundo os objetivos é de caráter exploratório, na qual “[...] visa prover o pesquisador de maior conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa em perspectiva” (MATTAR, 2001, p. 13). Para o aprofundamento da compreensão do objeto de pesquisa, utilizou a análise documental. O estudo foi desenvolvido a partir de duas etapas descritas a seguir:

ETAPA 1: LEVANTAMENTO DE DADOS

Buscas no Banco de Dados de Bens Culturais Procurados¹: para a coleta de dados no BCP, a estratégia de busca adotada foi por meio do campo “Resgatados”, sem delimitação temporal e abrangendo todos os estados e municípios brasileiros (figura 1). O levantamento de dados foi realizado nos dias 28 e 29 de junho de 2022. Todos os bens resgatados recuperados no BCP foram considerados, não necessitando de critérios para a seleção dos registros.

Figura 1 – Página de pesquisa dos bens resgatados no BCP

Banco de Dados de Bens Culturais Procurados

Fonte: Site oficial do BCP (IPHAN, 2014).

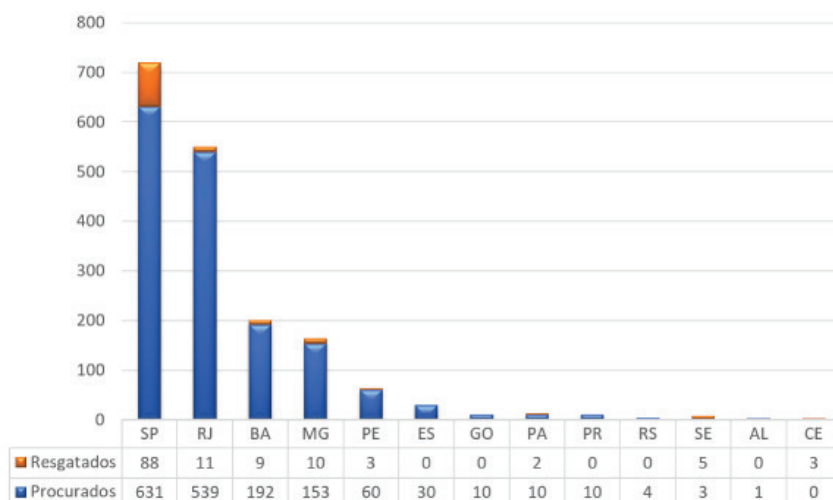
ETAPA 2: ANÁLISE DOS DADOS

Definição do universo da pesquisa: foram 131 bens culturais recuperados no BCP. Durante a coleta, optou-se pelo recurso do software *Microsoft Excel*, contendo: Unidade Federativa (UF), nº BPC, nome do objeto, ano do resgate/UF (o estado do país que foi encontrado o bem cultural), época/período e observações (ausência de fotografia, informações adicionais e erros de digitação no ano de resgate).

Identificação e análise dos bens resgatados: na análise foi possível estabelecer categoriais a fim de condensar, representar, interpretar e ultrapassar as incertezas das relações na expressão da descrição das informações. O primeiro passo consistiu na realização de uma listagem completa da quantidade tanto dos bens resgatados quanto dos procurados que cada estado contém (gráfico 1) no dia 24 de junho de 2022. O segundo passo se deu a partir de uma análise item por item unicamente dos estados que tiveram bens resgatados, a fim de obter dados estatísticos para ilustrar o panorama desses bens em suas tipologias, épocas, estado e ano de resgate. Por fim, o último passo, sendo um dos mais cruciais, foi de elucidar as implicações, o acesso e a relevância que esses dados representam no combate ao tráfico ilícito de bens culturais.

¹ Site: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/219>.

Gráfico 1 – Distribuição dos estados por bens culturais procurados e/ou resgatados do BCP



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Os estados: Acre, Amazonas, Amapá, Distrito Federal, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima, Santa Catarina e Tocantins, não tiveram nenhum bem cultural procurado e/ou recuperado no BCP.

BENS RESGATADOS DO BANCO DE DADOS DE BENS CULTURAIS PROCURADOS

O nível alarmante de casos envolvendo bens culturais tombados sendo alvo de ações ilegais no Brasil gerou uma preocupação, principalmente, de cunho prático. O IPHAN com a sua missão norteadora de preservar o patrimônio cultural e de garantir o cumprimento dos mecanismos legais criou em 1997, durante a campanha *Luta Contra o Tráfico Ilícito de Bens Culturais*, o Banco de Dados de Bens Culturais Procurados (BCP) que só foi disponível na Internet no ano seguinte em parceria com a Polícia Federal (PF), a Interpol e a Receita Federal (IPHAN, 2014).

De acordo com a autarquia federal o BCP tem o objetivo de divulgar os bens culturais procurados, desde que sejam tombados, sob os aparatos legais como: a) art. 155 do Código Penal²; b) art. 180 do Decreto-Lei n. 2.484/1940³; c) art. 62, da Lei n. 9.605/1998⁴. O público-alvo são os colecionadores e compradores de objetos antigos. O site ainda apresenta informações sobre o cadastramento para negociantes de obras de artes e agentes de leilão, além de apontar casos de desaparecimento de bens culturais nos países da América Latina como: Colômbia, Bolívia e Chile (IPHAN, 2014).

A estrutura do sistema informatizado de consulta pública é composta por sete campos para os bens procurados e onze para os resgatados (gráfico 1).

² Art. 155. Subtrair, para si ou para outrem, coisa alheia móvel (BRASIL, 1940).

³ Art. 180. Adquirir, receber, transportar, conduzir ou ocultar, em proveito próprio ou alheio, coisa que sabe ser produto de crime, ou influir para que terceiro, de boa-fé, a adquira, receba ou oculte (BRASIL, 1940).

⁴ Art. 62. Destruir, inutilizar ou deteriorar:

I - bem especialmente protegido por lei, ato administrativo ou decisão judicial;

II - arquivo, registro, museu, biblioteca, pinacoteca, instalação científica ou similar protegido por lei, ato administrativo ou decisão judicial (BRASIL, 1998).

O BCP fornece três tipos de buscas: procurados, resgatados ou ambos, incluindo a escolha do idioma (inglês ou português). Ao se fazer uma pesquisa, o(s) resultado(s) se configuram em formato de listagem na ordem crescente do número de BCP (Nº BCP). A imagem 2 demonstra um fragmento de quatro dos sete bens culturais resgatados no Rio de Janeiro (RJ). Os critérios de pesquisa foram: Situação “Resgatados”, UF “RJ” e Município “todos”.

Figura 2 – Fragmento do resultado de pesquisa de bens culturais resgatados no BCP

Nº BCP	Nome do objeto	Título	UF	Município	Situação	Fotografia
9	CASITÇAL (LITÚRGICO)		RJ	Rio de Janeiro	Resgatado	 Resgatado detalhes
20	VASO		RJ	Rio de Janeiro	Resgatado	 Resgatado detalhes
28	VASO		RJ	Rio de Janeiro	Resgatado	 Resgatado detalhes
90	CRUCIFIXO		RJ	Rio de Janeiro	Resgatado	 Resgatado detalhes

Fonte: Site oficial do BCP (IPHAN, 2014).

De acordo com a imagem 2, o banco de dados é composto por oito campos, sendo: Nº BCP, Nome do objeto, Título, UF, Município, Situação, Fotografia e detalhes. Diante do exposto, podemos destacar que: 1) há uma padronização no campo “Nome do objeto”, na qual as palavras estão todas em caixa alta; 2) geralmente o campo “Título” não é preenchido; 3) os campos “Município” e “Situação”, seguem uma padronização iniciando por letras maiúsculas; 4) o campo “Fotografia” pode não apresentar imagens e possui uma marca por cima da imagem sinalizando a situação do bem cultural; e 5) o campo “etalhes” chama atenção pela sua cor, e devido as breves informações, é um dos campos mais importantes do BCP, pois quando selecionado, apresenta campos de identificação, dimensões, denúncia (bens procurados) e resgate (bens resgatados), como mostra a figura 3.

Figura 3 – Ficha de catalogação de bens resgatados no BCP

Identificação

Situação: Resgatado

Número BCP: 1103

Nome do Objeto: CALDEIRINHA COM HISSOPE

Título:

Autoria:

Época/Período: 1725

Material: PRATA

UF: BA

Município: Salvador

Dimensões

Altura(cm): 21,50

Largura(cm):

Comprimento(cm):

Profundidade(cm):

Dímetro(cm): 21,00

Circunferência(cm):

Peso(g): 3100,00

Resgate

UF: RJ

Data: 24/02/2015



Fonte: Site oficial do BCP (IPHAN, 2014).

Ao clicar no campo “detalhes”, nota-se três divisões, a saber, identificação, dimensões e resgate com seus respectivos campos que sinalizam informações mais específicas do bem cultural (figura 3), sem apresentarem uma padronização no preenchimento dos campos. A pesquisa foi baseada no projeto de normalização de identificação de objetos culturais reconhecido internacionalmente, o *Object ID*⁵, como ponto de referência para analisar os campos adotados pelo IPHAN no BCP. Os campos do *Object ID* são: 1) Tipo de objeto; 2) Materiais e técnicas; 3) Medição; 4) Inscrições e marcações; 5) Características distintas; 6) Título; 7) Sujeito; 8) Data ou período; 9) Criador (ICOM, 1999, tradução nossa).⁶

O *International Council of Museums* (ICOM) disponibiliza uma Lista de Controle da Norma *Object ID* em dezessete idiomas, em que atribui quatro categorias para identificar objetos arqueológicos, culturais ou artísticos, a saber: 1) Tire fotografias; 2) Responda estas questões (de acordo com os nove campos já descritos no parágrafo anterior); 3) Escreva uma breve descrição; 4) Proteja as informações.

⁵ Site: https://icom.museum/wp-content/uploads/2020/12/ObjectID_portuguese.pdf.

⁶ Original: “Type of object; Materials and techniques; Measurement; Inscriptions and markings; distinguishing features; Title; Subject; Date or period; Maker.” (ICOM, 1999).

O BCP carece de ações voltadas para terceira e quarta categoria, incluindo somente na Situação “Procurados” o campo “Denúncia”, na qual é onde encontra-se a participação da sociedade em geral com o banco de dados, podendo fazer a denúncia via mensagem de texto, mas devido à ausência e a falta de padronização das informações nos demais campos, torna-se inviável alcançar um bom número de denúncias.

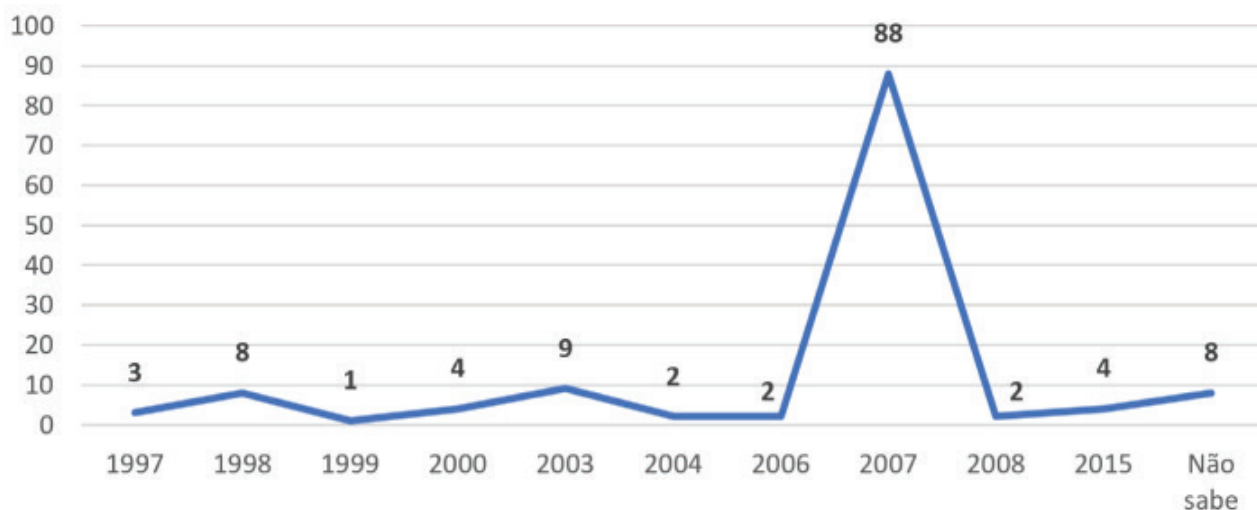
Conforme a imagem 3 percebe-se sete campos não preenchidos, o que em certa medida mostra que não adianta ter campos tão essenciais que contribuem no combate ao tráfico ilícito, se há uma discrepância acentuada nos seus preenchimentos, evidenciando uma revisitação e atualização no BCP. Diante disso, dos 131 bens resgatados, foram identificados campos vazios, sendo: 30 para “Título”, 58 para “Autoria”, 13 para “Material”, 8 para “Data” e 7 para “Época/Período”. Os campos que representam as dimensões tiveram grande defasagem, como o “Peso (g)”, em que 129 bens culturais não tiveram esse campo preenchido.

Os bens culturais N° BCP: 997, 998, 1002, 1003 e 1157, receberam uma padronização “NÃO IDENTIFICADA” para o campo “Autoria”, porém não foi aplicado nos demais. O N° BCP 622 no campo “Época/Período” foi preenchido como “SEM IDENTIFICAÇÃO”. Diante do exposto, há falta/aplicação de políticas normativas na inserção dos dados para cada bem, a fim de facilitar a cooperação internacional, o inventário de um acervo, como também o combate ao TIBC, mesmo os bens já sendo resgatados.

Apesar da pesquisa não atuar em cima dos bens procurados, foi realizada uma sondagem nos 1.643 bens procurados, em que foi possível corroborar a falta de uso, principalmente, dos campos “Autoria”, “Título” e os que compõem as dimensões, o que pode dificultar a recuperação, localização e rastreamento dos bens e as possíveis denúncias.

No gráfico 2 tem-se as variações temporais do ano de resgate dos bens culturais no BCP de 1997 a 2015.

Gráfico 2 – Distribuição temporal do ano de resgate no BCP



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

O ano de 1997 inicia com três bens recuperados de adoração religiosa do século XVIII e XIX pertencentes ao estado da Bahia. Em 1998 há um aumento considerável que revela oito bens recuperados do estado do Rio de Janeiro, sendo todos arte sacra do século XVIII e XIX. Cabe destacar, que foi no ano de 1998 que o BCP foi lançado na Internet, já evidenciando o emprego dessa ferramenta prática no combate ao TIBC. No ano de 1999 apenas um único bem foi resgatado, uma pia batismal no estado de São Paulo sem data ou período.

A partir do ano 2000 o número de bens resgatados cresceu até 2003, no qual os estados de Minas Gerais e Sergipe tiveram seus bens devolvidos, todos de ordem religiosa: santo, palma de altar, calvário, Nossa Senhora e anjo tocheiro. Os anos de 2004 a 2006 apresentaram uma estabilidade, a região Nordeste teve seu destaque nos estados de Pernambuco e Sergipe, respectivamente, como foi nos anos anteriores, a natureza dos bens também faz parte da arte sacra.

O ano de 2007 foi o divisor de águas em resgatar outros tipos de bens culturais fora da arte sacra. Apesar de obter um índice inesperado de 88 bens culturais resgatados, mostrando a alta discrepância com os demais anos, foram resgatadas 79 cédulas e 5 medalhas, devido ao furto no Museu do Estado de São Paulo de mais 600 cédulas, moedas e medalhas. Contudo, o ano de 2007 não representa somente São Paulo, foram coletados outros estados como o Rio de Janeiro e o Ceará.

Encerrando a análise temporal, após o ano de 2007 houve uma queda brusca, em que somente no ano de 2008 dois bens foram resgatados. Os dois bens foram pinturas localizadas no estado de São Paulo de Pablo Picasso⁷ e Cândido Portinari, O Retrato de Suzane Bloch e O Lavrador de Café, respectivamente. Por fim, o ano de 2015 trouxe novamente bens da arte sacra dos estados do Rio de Janeiro, Pernambuco e São Paulo.

Dos oito bens que não tiveram seus anos de resgate indexados no BCP, dois⁸ apresentaram no campo “Data” a descrição “01/01/1”, o que aparenta um erro de digitação.

Os dados demonstram que a BCP possui índices ainda baixos de bens resgatados, fragilidades operacionais e de que existe defasagem nas informações para cada bem cultural. Portanto, isso resulta na ausência de uma fiscalização e de ações por parte da própria autarquia responsável em tornar essa base mais conhecida, eficiente e significativa para a sociedade, corroborando com a pesquisa que Perrein (2016, p. 70) realizou sobre as bases de dados que atuam no combate ao TIBC, quando a pesquisadora afirma que “Com uma ação de documentação bem realizada se potencializa a possibilidade de encontrar um bem desaparecido, enquanto a falta de informações pode resultar muito provavelmente na perda definitiva das peças”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse texto, partiu-se do pressuposto que a temática do Tráfico Ilícito de Bens Culturais nunca está fadada ao esgotamento, uma vez que essa modalidade de tráfico está entre as mais lucrativas do mundo. Os inúmeros casos de extravio de bens culturais revelam, principalmente, a fragilidade que ainda existe nas medidas protetivas, pois enquanto há um enriquecimento em cima das ações ilegais do outro lado há um empobrecimento do nosso patrimônio cultural.

Ao trabalhar na vertente dos bens resgatados do Banco de Dados de Bens Culturais Procurados do IPHAN, notou-se que esses bens são objetos de alta relevância no campo científico e de que suas implicações estão na inviabilidade de informações sistematizadas, devido à ausência de campos considerados essenciais na identificação de um objeto, assim como a escassez de uma manutenção periódica no banco de dados.

⁷ Existe ainda um livro de Pablo Picasso intitulado Toros de 1960 como bens procurados, sendo o único livro registrado no banco de dados (Nº BCP 1236).

⁸ Vasos localizados no Rio de Janeiro com o Nº BCP 28 e 36.

No tocante ao acesso, o BCP mesmo sendo um sítio eletrônico disponível para qualquer indivíduo, não apresenta uma mobilização eficaz para que a população a partir do que está sendo divulgado dos bens resgatados possa cooperar no banco de dados para auxiliar na busca dos bens procurados. O acesso continua mais restrito aos colecionadores, compradores de objetos antigos, agentes de leilão e negociantes de obras de arte.

Para tanto, a pesquisa também compreendeu que antes de qualquer normativa em prol do combate ao TIBC, é necessário que a sociedade participe disso, se identifique com os bens culturais, a fim de preservá-lo, de criar laços de pertencimento identitário, trazendo-os cada vez mais perto desse constante perigo que o nosso patrimônio está enfrentando. Sem o trabalho cooperativo torna-se impossível tirar o nosso país da vulnerabilidade do Tráfico Ilícito de Bens Culturais, isso não exclui as atividades operacionais do banco de dados.

REFERÊNCIAS

- BO, J. B. L. *Proteção do patrimônio na UNESCO: ações e significados*. Brasília, DF: UNESCO, 2003.
- BRASIL. *É o quarto do mundo em roubo de obras culturais. Estadão*. [s. l.], 20 dez. 2007. versão online. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-e-o-quarto-do-mundo-em-roubo-de-obras-culturais,99038>. Acesso em: 6 jul. 2022.
- BRASIL. *Decreto 44.851 de 11 de novembro de 1958*. Promulga a Convenção e Protocolo para Proteção de Bens Culturais em Caso de Conflito Armado. Haia, 1954. 16 p. Disponível em: https://en.unesco.org/sites/default/files/brazil_decreto_44851_11_11_1958_por_orof.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.
- BRASIL. *Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937*. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1937. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_no_25_de_30_de_novembro_de_1937.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.
- BRASIL. *Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940*. Código penal. Brasília, DF: Presidência da República, 1940. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm. Acesso em: 3 jul. 2022.
- BRASIL. *Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998*. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm. Acesso em: 3 jul. 2022.
- CHRISTOFOLETTI, R. Brasil e Itália nas rotas do tráfico ilícito de bens culturais. *Revista Casa D'Italia*, Juiz de Fora, ano 2, n. 10, 2021. Disponível em: <https://casaditaliajf.com.br/2021/04/27/revista-casaditalia-brasil-e-italia-nas-rotas-do-trafico-ilicito-de-bens-culturais/>. Acesso em: 7 jul. 2022.
- CHRISTOFOLETTI, R. O tráfico ilícito de bens culturais e a repatriação como reparação histórica. In: CHRISTOFOLETTI, R. (org.). *Bens culturais e relações internacionais: o patrimônio como espelho do soft power*. Santos, SP: Ed. Universitária Leopoldianum, 2017. p. 113-131. Disponível em: <https://www.ufjf.br/lapa/files/2008/08/Bens-Culturais-e-Rela%C3%A7%C3%B5es-Internacionais-Pref%C3%A1cio-e-Introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2022.
- GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 25-33.
- ICOM. International Council of Museums. *Object Identification (Object ID) is an internationally recognized documentation standard conceived to identify and record cultural goods*. Paris: J. Paul Getty Trust, 1999. Disponível em: <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/objectid/>. Acesso em: 3 jul. 2022.
- IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Bens Culturais Procurados*. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1020#:~:text=Neste%20campo%2C%20o%20Iphan%20utiliza,Interpol%20e%20da%20Receita%20Federal>. Acesso em: 3 jul. 2022.
- MATTAR, F. N. *Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução, análise*. São Paulo: Atlas, 2001.
- PERREIN, I. S. *Tráfico Ilícito de Bens Culturais e bases de dados: um desafio para a documentação museológica na relação entre museus e instituições de preservação e segurança*. 2016. 177 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2016. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/17645/1/2016_IaraSilvaPerrein_tcc.pdf. Acesso em: 6 jul. 2022.
- RESOLUÇÃO da Assembleia da República n.º 34/2000. Convenção do Unidroit sobre Bens Culturais Roubados ou Ilicitamente Exportados, assinada em Roma em 24 de Junho de 1995. Lisboa: Assembleia da República, 2000. 14 p. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Convencao_unidroit_bens_roubados_ou_licitamente_exportados_1995.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

SOARES, A. D. *Direito Internacional do Patrimônio Cultural: o tráfico ilícito de bens culturais*. Fortaleza: IBDCult, 2018.

SOARES, A. D. *O Brasil e o Tráfico Ilícito de Bens Culturais*. [Rio de Janeiro: UERJ], 2020. 1 vídeo (1h 40 min). Publicado pelo canal NEPEDI UERJ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EavUIBK9a0>. Acesso em: 7 jul. 2022.

UNESCO. *Convenção relativa às medidas a serem adotadas para proibir e impedir a importação, exportação e transferência de propriedades ilícitas dos bens culturais*. Paris, 12-14 de novembro de 1970. [Brasília, DF]: Senado Federal, 1972. 10 p. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/unesco_convencao.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

A contribuição de pessoas bibliófilas e bibliógrafas negras dos séculos XIX e XX para construção de uma Bibliografia Negra

Franciéle Carneiro Garcês da Silva

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGInfo/UDESC).

<https://orcid.org/0000-0002-2828-416X>

Dirnéle Carneiro Garcez

Doutoranda em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<https://orcid.org/0000-0002-3061-9352>

Diná Marques Pereira Araújo

Bibliotecária-documentalista na Universidade Federal de Minas Gerais. Doutoranda em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

<https://orcid.org/0000-0001-8251-255X>

Priscila Rufino Fevrier

Doutoranda em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT-UFRJ).

<https://orcid.org/0000-0003-3641-5200>

Gabriel de Melo Vieira

Mestrando em Gestão da Informação, na Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGInfo/UDESC).

<https://orcid.org/0000-0001-6003-5369>

Submetido em: 31/08/2022. Aprovado em: 24/02/2023. Publicado em: 22/09/2023.

RESUMO

Este artigo aborda a contribuição de pessoas bibliófilas e bibliógrafas negras na coleta, preservação, organização e disponibilização de recursos informacionais sobre e para a população negra, africana e da diáspora nos séculos XIX e XX no contexto estadunidense. Em seu desenvolvimento, reflete sobre a bibliografia e bibliofilia na constituição de acervos, as coleções especiais negras e a Bibliografia Negra para justiça social no contexto segregacionista, apresentando as estratégias para acesso à informação, ao livro e à biblioteca pela comunidade negra. Por fim, apresenta a contribuição de cinco personagens principais, a saber: o colecionador David Ruggles, o bibliófilo Arthur Alfonso Schomburg e os bibliógrafos Daniel Alexander Payne Murray, Monroe Nathan Work e Dorothy Porter Wesley. Suas contribuições em documentar a história, vida e experiências negras, africanas e da diáspora, bem como na construção de coleções, centros e bibliotecas negras, até hoje servem de fontes de informação para reparação epistêmica e histórica dessas populações.

Palavras-chave: bibliografia negra; coleções negras; história negra; justiça social; bibliofilia; Estados Unidos da América.

INTRODUÇÃO

A era segregacionista estadunidense foi um período de privação do acesso a direitos civis e informação à população negra por intermédio de leis discriminatórias existentes entre 1870 e 1960, que tinham como base a legislação usada durante o processo de escravidão nos Estados Unidos da América (EUA). A segregação racial foi implementada inicialmente pelos Estados do Sul e depois se espalhou por todo solo estadunidense, via Leis de Jim Crow, as quais foram elaboradas visando manter a hierarquia racial existente no país após o fim da Guerra Civil.

Os Black Codes [códigos negros] institucionalizaram a negação de direitos da população negra estadunidense no que concerne ao direito ao voto, proibição de possuir bens e propriedades, gerir negócios, casar-se com pessoas brancas (casamentos interraciais), negava o acesso e uso de espaços comuns, como hotéis, cinemas, escolas, bibliotecas, assim como perpetuava essa separação entre brancos e negros, via marginalização econômica, política e educacional destes últimos (Blackmore, 2020). Consequentemente, tal período contribuiu para a exclusão informacional de grupos negros e não-brancos desprovido-os de elementos que possibilitassem transformar suas realidades sociais por intermédio das escolas, universidades e bibliotecas (Cresswell, 1996; Cutter, 2011; Poole, 2018; Wiegand; Wiegand, 2018).

Com o passar dos anos foram aprovadas emendas constitucionais com vistas à garantia de liberdade e direitos civis às pessoas negras. Entretanto, permanecia a dificuldade de acesso à informação sobre as história e cultura afrodiaspóricas. Dentre os motivos estava a localização das bibliotecas, as quais ficavam em zonas frequentadas por brancos, o que impedia as pessoas negras de acessarem os espaços, serviços e acervos das mesmas. Ademais, as bibliotecas segregadas exclusivas para pessoas negras continham acervos limitados e estruturas físicas frágeis, o que restringia o conhecimento adquirido, via materiais do acervo e aos serviços destinados à comunidade.

Por fim, as coleções, materiais e registros informacionais sobre a história negra escritos por e para pessoas negras em bibliotecas públicas, municipais e universitárias estavam aquém do ideal para atendê-las. Assim, à época, havia a necessidade de estabelecer bibliografias que documentassem a experiência e a contribuição da população negra, africana e da diáspora na construção dos Estados Unidos da América (Porter, 1969a; Jones, 1971; Wiegand, 2017).

Conforme os escritos de Dorothy Porter (1969a, 1969b), uma das iniciativas usadas para preencher a lacuna informacional da referida população esteve na criação de sociedades literárias negras, e com elas, a de bibliotecas circulantes e salas de leitura. Dentre o período de 1828 e 1846, foram organizadas 45 sociedades literárias em cidades do Leste, a partir de iniciativas individuais ou coletivas de sujeitos negros. Para fins de recorte, esta pesquisa circunscreverá ao período segregacionista antes da instauração do movimento dos direitos civis estabelecido na década de 1960. Assim, buscamos investigar a contribuição de pessoas bibliófilas e bibliógrafas negras dos séculos XIX e XX na coleta, organização, preservação e disponibilização de informações sobre, para e da população afro-americana, africana e da diáspora quando as bibliotecas falharam em fazer este papel.

Metodologicamente, trata-se de um estudo bibliográfico e documental que se ocupou de recuperar informações sobre esses sujeitos, pessoas bibliófilas e bibliógrafas negras na produção científica da Biblioteconomia Negra Americana publicada em forma de livros, capítulos, artigos e bibliografias no período de 1830 a 1960. Para tanto, este artigo está elaborado em seis partes, a saber: a introdução com objetivo geral da pesquisa, para o qual sucedeu uma introdução à Bibliografia e Bibliofilia na constituição de acervos, a conceituação da bibliografia negra e seu papel para a justiça social e reparação epistêmica, as coleções especiais negras e, por fim, apresenta as colaborações de pessoas bibliófilas e bibliógrafas na criação das atuais coleções, centros e bibliotecas que atualmente conhecemos. O artigo é concluído com as considerações finais do estudo.

BIBLIOGRAFIA E BIBLIOFILIA NA CONSTITUIÇÃO DE ACERVOS

O colecionismo da cultura escrita desde a Antiguidade, Período Medieval, Período Moderno e Contemporâneo pode ser entendido como a arte e a ciência do amor aos livros – tradicionalmente chamado de Bibliofilia (biblio + philie). A longa história da Bibliofilia relata que o amor aos documentos gráficos atravessa tanto os desejos da posse frívola por documentos gráficos, até a ostentação de grandes bibliotecas patrimoniais com a presença de personagens que marcam um território da cultura letrada para poucos iniciados. A Bibliofilia é, sobretudo, uma prática sociocultural (Sordet, 2002) que abrange uma ampla gama de sensibilidades em torno do colecionismo de textos. Estes podem ser material e formalmente chamados de livros, opúsculo, folhetos, folhas volantes. E, ainda, caracterizados como ordinários, antigos, raros, preciosos e curiosos. Os objetos de Bibliofilia são escolhidos por diversos valores: dos utilitários, aos desejos de posse pela erudição, posse para afirmar distinção social-patrimonial, posse associada à disfunção do amor ao objeto gráfico, que é a Bibliomania. Uma abordagem associada ao colecionismo de objetos que pode ser aplicada aos estudos do colecionismo bibliográficos estão presentes em Baudrillard (1969, 2009), contudo, não será foco da presente abordagem.

Nos muitos cenários, temporais e culturais, nucleados pela Bibliofilia e pela Bibliografia, a pessoa bibliófila e a pessoa bibliógrafa são os atores que constituem uma identidade bibliográfica, materializada na forma de uma biblioteca, a partir das narrativas textuais (palavras-imagens) dos temas que lhe são estimados. Na longa duração da história dos textos e de suas materialidades, a Bibliofilia foi essencial para selecionar, colher e preservar os textos reconhecidos como especiais e, por isso, o desejo enquanto memória que precisa ser mantida ‘para sempre’.

Em termos de constituição de uma coleção particular, a seleção de documentos, na Bibliofilia, foi e é atravessada por teias socioculturais que influenciam sua formação, tais como: (a) a relevância dada ao texto pelo tema que aborda, que, por sua vez, relaciona-se aos valores sociais, políticos e econômicos que condicionam quais os discursos são reconhecidos enquanto válidos e representantes do conhecimento de determinada sociedade; (b) a rede de produção e circulação de textos – dos suportes (pergaminhos, papéis, couros, telas digitais), às técnicas de impressão, ao mercado do livro.

Nesse cenário de valores para a constituição de coleções particulares a Bibliografia está presente, quer seja na sua face mais recorrente que é a repertorial, como fonte de informação, mas também enquanto ciência dedicada à organização técnica-formal e definição temática-conceitual das coleções.

A presença de coleções particulares formadas por pessoas bibliófilas é frequente na história das bibliotecas – universitárias e públicas, particulares ou privadas – onde tais coleções irão compor os acervos de memória e poderão ser identificadas como coleções especiais por ser originada de uma coleção pessoal, pela temática que aborda e pelas trajetórias sociais, políticas e culturais que permitiram sua chegada até uma instituição, com fins de memória e identidade. A partir desta perspectiva, inicialmente, é possível considerar que a Bibliofilia ajudou a preservar textos referentes aos discursos hegemônicos e dominantes na cultura escrita. Enquanto uma das grandes contribuições da Bibliofilia, sobretudo, em suas diversas manifestações, haja vista o império da raridade¹ definindo o universo do documento gráfico que deveria ser colecionado, a Bibliofilia contribui para a preservação de documentos gráficos representativos da cultural do norte global. Entretanto, a Bibliofilia também contou com pessoas que definiram como tema de suas coleções os discursos não validados por sua sociedade e que contribuíram e contribuem para a constituição de coleções que se

¹ A discussão da raridade não é foco do presente artigo, sobre a raridade, ver: Viardot (1983, 1986, 2008). Sobre teoria da raridade, elementos condicionantes da raridade e qualitativos da raridade, ver: Araújo, Silveira e Reis (2018).

metamorfosaram em acervos de memória na atualidade. Contudo, a grande maioria das coleções de livros curiosos, raros, antigos, exóticos reúnem, sobretudo, o documento gráfico que se convencionou chamar especial, devido às características citadas acima quando de sua formação, mas, também, porque refletem, reforçam e delimitam um discurso que se impõe como majoritário para determinada área. Mas qual contexto e quais atores escolhem os textos que compõem os acervos para a memória? Em que medida o questionamento e o enfrentamento de um sistema bibliofílico e bibliográfico majoritariamente colonizador pode resultar em iniciativas e trajetórias perenes de constituição de acervos das memórias múltiplas? A imposição de uma cultura em detrimento de outra é evidente quando se trata, por exemplo, da constituição de coleções e de repertórios bibliográficos sobre a história e cultura negras – que quase sempre refletem o discurso do explorador e ainda o silenciamento de documentos quando da elaboração de bibliografias.

Nesse sentido, enfocamos a seguir na constituição da Bibliografia Negra direcionada a suprir as lacunas históricas com relação à contribuição negra na construção das diversas áreas do conhecimento e no mundo que vivemos, assim como reparar as violências e injustiças epistêmicas incutidas ao conhecimento negro engendradas pelo discurso colonizador.

BIBLIOGRAFIA NEGRA PARA JUSTIÇA SOCIAL E REPAÇÃO EPISTÊMICA NEGRA

Quando abordamos a justiça social, estamos pressupondo tratamento e distribuição justos de recursos e bens epistêmicos (informação, educação e conhecimento) para todas as pessoas, orientados por valores como ética, solidariedade, cuidado e respeito mútuo entre os sujeitos (Brownlee *et al.*, 2012; Mathiesen, 2016; Mehra, 2015; Silva; Garcez; Silva, 2022).

Conceitualmente, a justiça social se refere à capacidade dos sujeitos participarem como pares dentro da sociedade (Fraser, 2008). Dessa forma, partimos do entendimento de que para se obter justiça social por intermédio da bibliografia é preciso superar o princípio da ausência (Kilomba, 2020) aplicado sobre o conhecimento negro, africano e de outros grupos étnico-raciais colocados às margens dentro das bibliotecas, acervos e demais espaços informacionais. Ou seja, que as informações contidas em diversos suportes sobre a construção de ser uma pessoa negra na sociedade estadunidense e em outros lugares do globo, assim como todos os processos históricos, culturais, políticos e educacionais de grupos étnico-racialmente marginalizados estejam visíveis, equitativamente representados e acessíveis para todas as pessoas.

As bibliografias podem auxiliar no enfrentamento a ações epistemicidas e memoricidas da população negra e afrodiaspórica (Missiatto, 2021; Patin *et al.*, 2020; Silva; Garcez; Silva, 2022) e promover a Bibliografia Negra atendendo aos princípios da justiça social e suas esferas (social, racial, ecológica, de gênero e informacional) (Silva *et al.*, 2021a), sobretudo ao enfocar o pensamento e legado ancestral de, sobre e por grupos étnico-raciais aviltados pelos processos coloniais e capitalistas, e pela centralidade da raça nas sociedades ocidentais.

No que se relaciona ao conceito Bibliografia Negra, este se refere à reunião, produção, organização, representação e disponibilização de documentos que retratam a experiência e vida negra sob a ótica da e sobre a população africana, negra e da diáspora africana, via bibliografia. Para além da reparação epistêmica e histórica, a Bibliografia Negra serve para denunciar a luta contra o apartheid epistêmico (Rabaka, 2010), possibilitado pela segregação intelectual de conhecimentos oriundos de grupos étnico-raciais historicamente excluídos, especialmente aqueles situados fora dos muros das universidades (Silva; Silva, 2022).

No contexto segregacionista estadunidense, a produção de uma bibliografia negra teve papel fundamental na constituição de acervos – que demonstra, sobretudo, o engajamento pela reparação epistêmica negra (Silva; Garcez; Silva, 2022), E Agenciamentos de pessoas bibliógrafas e bibliófilas negras que atuaram na evidência de memórias silenciadas e apagadas.

Antes de apresentarmos tais atores, iremos contextualizar as coleções negras especiais como parte da Biblioteconomia de Livros Raros, as quais foram construídas com o intuito de preservar o legado ancestral negro para as gerações futuras.

COLEÇÕES NEGRAS ESPECIAIS

A Biblioteconomia de Livros Raros, tradicional vertente da Biblioteconomia, teve suas práticas formalmente instituídas em países do hemisfério norte, sobretudo na Europa. Sua destacada ocorrência em países de língua inglesa não significa que demais culturas não se dedicaram ou mesmo não adotaram a expressão “Biblioteconomia de Livros Raros” para delimitar o vasto horizonte de práticas com os acervos bibliográficos antigos e raros.

É possível considerar que as práticas bibliográficas praticadas nas bibliotecas de ordens religiosas do medievo são heranças das formas de se privilegiar a preciosidade e a antiguidade de alguns documentos gráficos em comparação a outros e, por isso, deixaram como legado para a era moderna alguns dos modos de se reverenciar as raridades.

No mundo europeu, as práticas bibliográficas fundadas de Conrad Gesner (1516-1565), Gabriel Naudé (1600-1653), bibliógrafos dos séculos XVI e XVII, dentre outros, contribuíram para o estabelecimento dos pilares necessários para a formação da “biblioteca ideal”. Ideal atravessado pelo colecionismo librário, que, em grande medida, se entrelaçou com as práticas das bibliotecas universitárias e públicas ao longo de suas histórias.

Todo esse cenário, culminou na constituição de uma face da Biblioteconomia voltada para os documentos gráficos antigos, preciosos, raros e especiais.

Na Inglaterra, por exemplo, quando da aquisição da biblioteca Bodleiana² pela Universidade de Oxford, surgiu a necessidade de estabelecer práticas biblioteconômicas para os livros raros de bibliotecas particulares, que eram doados para a instituição. O bibliotecário inglês Bulkeley Bandinel (1761-1861) dedicou seu trabalho às coleções especiais e livros raros daquela universidade, quando no século XVIII criou o Auctarium na Bodleian destinado à guarda de livros de perfil especial. De acordo com Feather (1982), Bandinel:

[...] considerava como os mais excelentes da biblioteca: manuscritos iluminados, incunábulo, belas impressões, grandes cópias em papel, editiones principes dos clássicos Aldinos, Elsevier e encadernações de luxo. [...] Na tentativa de reproduzir, em grande escala, as atuais modas bibliofílicas, Bandinel involuntariamente criou a ideia da Biblioteconomia de Livros Raros como é agora entendido: o lugar especial e o tratamento de forma arbitrária de categorias predeterminadas de livros (Feather, 1982, p. 32, tradução nossa)³.

O ‘lugar especial’ para preservação dos documentos gráficos impostos como merecedores de memória tinha em conta sua raridade indissociada dos discursos, também, impostos como hegemônicos.

Nos séculos seguintes, XIX e XX, teóricos anglo-americanos permaneceram usando a expressão Biblioteconomia de Livros Raros e Coleções Especiais⁴, dentre eles Berger (2014), Cave (1976), Galbraith e Smith (2012) e Traister (2003).

² Sir Thomas Bodley (1545-1613) “doou sua coleção de livros à Universidade de Oxford.” (Burke, 2003, p. 66).

³ Original: “[...] regarded as the Library’s choicest books: illuminated manuscripts, incunabula, fine printing, large paper copies, editiones principes of the classics, Aldines, Elzeviers, and fine bindings [...] In attempting to reproduce, on a grand scale, the current bibliophilic fashions, Bandinel had unintentionally created the idea of rare-book librarianship as it is now understood: the special housing and treatment of arbitrarily predetermined categories of books” (Feather, 1982, p. 32).

⁴ Rare Book Librarianship and Special Collections.

As práticas biblioteconômicas com coleções especiais em outros continentes e países nestes dois séculos também tiveram práticas locais importantes, mas de um modo geral, constantemente influenciadas e balizadas pelo modelo normativo-arbitrário europeu de raridade libraria⁵.

As nomeações atribuídas para esses acervos antigos e raros apresentam variações que matizam entre Biblioteca Histórica, Biblioteca Patrimonial, Coleções Especiais, Fundos Antigos, Obras Raras, Sala do Tesouro, Livros Antigos, Coleção Patrimonial, dentre outros, sendo mais recorrente a expressão Coleções Especiais. Estas coleções em bibliotecas se distinguem das coleções correntes – aquelas com acervo destinado ao empréstimo domiciliar e consulta local.

Uma coleção especial pode conter livro antigos, livros raros e livros contemporâneos. É o escopo determinado para sua formação que indicará se ela será integralmente constituída por livros raros, ou mesmo se terá um recorte temporal específico como, por exemplo, conter apenas livros impressos em Pernambuco nos primeiros cinquenta anos do século XX.

Quanto ao histórico de formação de uma coleção especial, mais precisamente sobre sua proveniência enquanto coleção, tal coleção pode ter sido construída por uma pessoa bibliófila e em determinado momento ter sido incorporada a um acervo de uma biblioteca pública, como é o caso do Schomburg Center for Research in Black Culture⁶ originado da coleção pessoal do bibliófilo e bibliotecário, Arturo Alfonso Schomburg, que posteriormente foi adquirida pela Biblioteca Pública de Nova York; ou ainda ser uma coleção especial que foi desenvolvida pela própria instituição para reunir e preservar livros antigos e atuais que tratam sobre determinado tema, como a história da ciência, por exemplo.

Há vários outros exemplos, mas o que queremos enfatizar é que as coleções especiais são múltiplas em características documentais, proveniência e escopo. Elas podem conter apenas uma tipologia documental, como também podem ser híbridas – formadas tanto por documentos bibliográficos quanto arquivísticos. Ainda quanto às suas características documentais, se assim for pré-determinado, coleções especiais poderão conter tipologias temáticas, gêneros e categorias que se mesclam para compô-la. Como exemplos de tais elementos, podemos citar: livros raros da área de ciências médicas, livros antigos da área de ciências jurídicas, livros de artista produzidos no México, entre outros.

Não é do escopo do presente artigo⁷ conceituar os gêneros e as categorias dos documentos gráficos inclusos em coleções especiais, tais como: raro⁸, antigo⁹, exótico e inusitado.

A partir de Araújo e Reis (2017) e Sordet (2002) compreendemos que, no colecionismo bibliográfico, os adjetivos “exótico” e “inusitado” estão dentro das manifestações da raridade bibliofílica.

Enfim, com diretrizes para sua formação (tipologias documentais, gêneros/categorias, recorte temporal, língua(s), cobertura temática, dentre outros), as coleções especiais refletem os significados particulares (dentro da Bibliofilia ou em instituições públicas) do que determinada comunidade decidiu guardar no passado e no presente, para o presente e o futuro, pela importância daquilo que os documentos da coleção possui, contém e representa.

Para além das discussões de memória e raridade, as coleções especiais se distinguem das coleções correntes “por sua constituição temática, finalidade, características materiais e significados patrimoniais para a instituição que as preservam” (Araújo; Reis, 2016, p. 184).

⁷ Em outra oportunidade, iremos aprofundar o debate sobre tais adjetivos e seus atravessamentos e apagamentos em relação às coleções negras especiais.

⁸ Sobre livro raro ver: Pinheiro (1989), Rodrigues (2011) e Sant’ana (1996).

⁹ Sobre livro antigo, ver: Pedraza Garcia, Clemente San Román e Reyes Gómez (2003).

⁵ Discussões sobre a raridade na Biblioteconomia brasileira podem ser consultadas em Araújo e Reis (2016, 2017).

⁶ O Centro pode ser acessado em: <https://www.nypl.org/about/locations/schomburg>. Acesso em: 10 fev. 2023.

Ademais dos modelos de gerenciamento dessas coleções especiais, o importante em destacar aqui é que o modelo conceitual que fundamenta a sua formação, de modo geral, são os preceitos da cultura colonizadora, branca e europeia.

Tal modelo, que reflete a própria estrutura social de exclusão da cultura negra, compromete as memórias negras, pois elas, ao se transformarem em texto material, acabam não atendendo às ordens arbitradas para compor as coleções ditas especiais. Nesse sentido, há acervos de memória que possuem documentos gráficos que materializam, em grande medida, textos que preservam o olhar e as vozes do colonizador, mas não a cultura negra. A partir da década de 1960, o cenário de formação de coleções negras especiais estadunidenses tem um aumento associado às necessidades do ensino (médio e superior). As coleções negras (Black collections) são fontes de pesquisa que “contêm uma riqueza de conhecimento que apoia, aumenta e inspira não apenas os estudos negros, mas potencialmente também qualquer investigação pertencente a pessoas da diáspora africana” (Bledsoe, 2018, online, tradução nossa)¹⁰.

O aumento na elaboração de coleções negras se deve também às pessoas bibliógrafas e bibliófilas negras nos séculos XIX e XX a serem destacadas no presente artigo. Ao realizar um levantamento sobre coleções negras especiais em universidades e faculdades estadunidenses, Smith (1974) aponta que apesar de serem essenciais para preservação da história da cultura negra e da qualidade de seus profissionais e dos serviços que ofereciam, haviam dificuldades para a formação e desenvolvimento dessas coleções: (a) escassos recursos financeiros para a sua manutenção (ao contrário do que ocorria com as coleções especiais monumentalizadas e não sucateadas pela segregação social); (b) identificação de documentos gráficos produzidos por pessoas negras: pela escassez de sua produção, pela preservação de documentos antigos e pela escassez de bibliografias que reúnam estes documentos; (c) necessidade de pessoas bibliotecárias negras

envolvidas e interessadas em preservar a memória da cultura negra; (d) necessidade de controle bibliográfico da produção. Tais Coleções Negras Especiais não são exclusivamente de caráter bibliográfico, mas incluem documentos arquivísticos e itens que compõem a memorabilia negra mundial, especialmente no que se refere às materialidades da experiência negra.

Tais coleções se tornaram instrumentos no confronto às perspectivas hegemônicas na medida em que combatem ao princípio da ausência tornando visíveis e acessíveis ao público essas coleções e recursos informacionais disponíveis para consulta e pesquisa pelas comunidades (Kilomba, 2020; Silva; Garcez; Silva, 2022). Ademais, configuram táticas de resistência negra em bibliotecas e na Bibliografia por evidenciar registros e a representação do conhecimento negro ao longo da histórica mundial.

A seguir, apresentaremos algumas pessoas bibliófilas e bibliógrafas responsáveis pela construção de coleções, bibliografias e bibliotecas que configuram, o que entendemos neste texto, a Bibliografia Negra.

PESSOAS BIBLIÓFILAS E BIBLIÓGRAFAS NEGRAS DO SÉCULO XIX E XX E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A COMUNIDADE NEGRA

Nessa seção, retomamos o enfoque sobre para a construção de um legado ancestral negro elaborado por pessoas bibliófilas e bibliógrafas negras. Durante o período segregacionista nos Estados Unidos da América (EUA), enfoque delimitado por esta pesquisa, encontramos pessoas negras bibliófilas, bibliógrafas e colecionadoras que colaboraram para a coleta, organização e produção de bibliografias as quais contribuíram para o conhecimento sobre a história e experiência negra e afrodiaspórica nos EUA e no mundo.

¹⁰ Original: “They contain a wealth of knowledge that supports, augments, and inspires not only Black Studies, but potentially also any investigation pertaining to people of the African diáspora” (Bledsoe, 2018, online).

Nesse cenário, a formação de bibliotecas – com paredes e sem paredes¹¹ – sobre a população negra teve como percursores atores basilares, dentre os quais, destacamos a seguir, por ordem cronológica, uma breve explanação sobre a contribuição de cada um deles.

a) 1830 – David Ruggles (1810-1849) foi abolicionista radical negro, jornalista, panfleteiro e impressor, considerado o primeiro colecionador de livros sobre comunidade negra e afrodiáspórica. O abolicionismo radical de Ruggles englobou diferentes correntes de ativismo, como religião evangélica, temperança, educação, migração negra para o Canadá, oposição à American Colonization Society, legislação antiescravagista e defesa de direitos civis negros melhorados com uma defesa mais conflituosa de escravizados fugitivos em oposição aos comerciantes de escravizados (Hodges, 2010). Em seu ativismo antiescravista escreveu centenas de cartas para jornais abolicionistas, publicou cinco panfletos de sua autoria e editou a primeira revista afro-americana, a *Mirror of Freedom*. Foi Ruggles o primeiro negro estadunidense que teve sua própria marca e publicou seu próprio panfleto em 1834, uma conquista que ilumina a autonomia que pessoas negras encontraram no mundo da impressão. No ano de 1830, criou a primeira livraria e biblioteca itinerante para disponibilizar livros e publicações sobre e da população negra, antiescravidão e a anticolonização para leitores da comunidade negra de Nova York. Para mantê-la em crescimento cobrava uma taxa de vinte e cinco centavos por mês pelo aluguel dos seus livros. Ele também fazia trabalhos de impressão, impressão de cartas, emoldurava fotos, fazia composição de cartas e livros encadernados. Alguns anos depois, Ruggles forneceu uma sala de leitura para pessoas negras e outras não-brancas que foram excluídas por causa de sua cor de instituições literárias, palestras e salas de leitura fornecidas principalmente para pessoas brancas.

¹¹ As bibliotecas com paredes, aquelas físicas (o espaço físico); e bibliotecas sem paredes: as bibliografias, a constituição ideal de textos sobre determinado tema (Chartier, 1998).

Ruggles estava convencido de que tal sala atendia as necessidades da população negra e para aquisição do que chamou de virtude moral adquirida por observação, leitura e reflexão. Ruggles também esperava que a sala se tornasse um “centro de atração literária para jovens” sedentos por informação e conhecimento, e por isso considerava como os serviços mais importantes da sala o acesso aos principais jornais diários e antiescravidão, folhetos e outros jornais diários ao alcance do público negro (Porter, 1943, 1969b; Hodges, 2010).

b) 1871 – Daniel Alexander Payne Murray (1852-1925) foi bibliógrafo, historiador e bibliotecário¹² da Library of Congress entre 1871 e 1923, e um dos primeiros afro-americanos a ser contratado como funcionário da referida biblioteca. Em 1900, foi publicada a *Preliminary List of Books and Pamphlets by Negro Authors for Paris Exposition and Library of Congress* escrita por Daniel Murray, considerada a primeira bibliografia de literatura afro-americana da Library of Congress. A compilação de Murray consistia em uma lista de títulos, incluindo obras de Frederick Douglass, W. E. B. Du Bois, Paul L. Dunbar, Sojourner Truth, Booker T. Washington, Phyllis Wheatley e muitos outros, cobrindo tópicos que vão desde a história africana, a população africana, a história dos negros na América, narrativas de escravizados, sermões, a história da igreja negra e poesia. Além de escrever sobre a história, vida e realizações literárias da população negra americana, Murray atuou politicamente – junto a líderes como W. E. B. Du Bois – contra as teorias eugenistas propagadas à época, as quais defendiam a suposta inferioridade racial negra e alegavam que pessoas negras não haviam realizado contribuições para a ciência.

¹² Murray não recebeu educação formal em uma escola de Biblioteconomia para atuar como bibliotecário. Recebeu este título por ter sido mentorado pelo bibliotecário da Library of Congress, Rand Spofford, que tornou Murray seu bibliotecário assistente. Assim, o treinou e o incentivou a aprender as práticas dos bibliotecários da Instituição (Cole, 2021).

Pensando em confrontar tal perspectiva e colaborar para o conhecimento produzido por negros, Murray se concentrou na elaboração da sua principal contribuição: a *Murray's Historical and Biographical Encyclopedia of the Colored Race Throughout the World* (Murray, 1912), com 153 páginas, continha 250 retratos biográficos, além de reunir panfletos, sinopses de romances e composições musicais. Apesar de todos seus esforços, não conseguiu apoio financeiro e nem editorial para publicar sua enciclopédia multivolumes, e até hoje poucas pessoas conhecem sua realização como bibliógrafo de uma das principais bibliografias da história negra afro-americana (Cole, 2021; Harris Jr, 1976; Walker, 2005).

- c) 1900 – Monroe Nathan Work (1866-1945) foi bibliógrafo e sociólogo negro que atuou produzindo artigos sobre a vida e experiência negra na América do Norte, assim como as instituições e costumes africanos. Descendente de pessoas escravizadas, produziu sobre o problema racial e suas consequências. Sua primeira publicação foi *The Negro and Crime in Chicago*, fruto de seu trabalho de conclusão na Universidade de Chicago, publicado em 1900 no *The American Journal of Sociology*.¹³ Outra publicação de destaque é o *The Negro Year Book*, a qual continha compilação de informações econômicas, sociais e histórias sobre a população negra na América do Norte. Como editor, Work publicou a primeira edição desta obra de forma gratuita em 1912, pela Tuskegee University. Após o interesse da população, as edições posteriores passaram a ser comercializadas por 25 centavos. O propósito desta bibliografia era atender à demanda de todas as partes dos EUA e do mundo por informações precisas e concisas a respeito da história e do progresso da população negra americana e da diáspora africana. Dentro do *Negro Year Book* existe uma seção intitulada *A select bibliography of the negro*, contendo 408 referências classificadas.

¹³ Publicado sob o título: *Crime among the Negroes of Chicago: a social study*.

Além de panfletos, contém uma lista de artigos e publicações de vários tipos, classificadas e organizadas de forma sistemática para facilitar a consulta e atender às necessidades das pessoas interessadas. Durante seus mais de 40 anos de publicação, o *Negro Year Book* só não foi editado em 1920/21, 1923/24, 1927/28, 1929/30, 1933-36, 1939-46 e 1948-51. Para além dessa bibliografia, o trabalho de Work produziu a *Bibliography of the Negro in Africa and America* publicada em 1928 com mais de 17 mil entradas, as quais incluíam diversos itens raros. Seu objetivo era fornecer um guia preciso e abrangente para os títulos e autores dos livros, panfletos e artigos mais valiosos de periódicos sobre a comunidade negra na África e na América. Esse trabalho iniciou de forma despretensiosa em 1905, quando Work se interessou pelo estudo da África e, para auxiliar na sistematização das informações coletadas, passou a fazer uma bibliografia das referências. Ele percebeu que a Library of Congress tinha cartões sobre a África que podiam ser adquiridos e, depois do sucesso do *Negro Year Book*, houve demanda crescente por mais material bibliográfico para o estudo da história e experiência negra e afrodiaspórica por pessoas interessadas nesses assuntos. Em 1921, a Carnegie Corporation, de Nova York, concedeu uma bolsa para pesquisa ao Departamento de Registros e Pesquisa, do Tuskegee Institute, onde Work era diretor. Essa bolsa o permitiu começar a compilar uma bibliografia sobre a população negra de maneira mais ampla. Desse trabalho, nasceu a primeira edição da bibliografia *Bibliography of the Negro in Africa and America* inicialmente constituída de mais de 3 mil referências relacionadas à população negra e afrodiaspórica nos EUA. Posteriormente, da parceria entre Phelps-Stokes Fund e do Tuskegee Institute, Work teve a oportunidade de ir à Europa consultar autoridades em línguas e culturas africanas e coletar referências para a bibliografia. Adicionou mais de 40.000 títulos das publicações em diferentes línguas publicadas antes de 1928.

Em suma, sua constituição contém classificação por assuntos que cobrem todas as fases da vida e história negras, com assuntos tão importantes e diversificados como: Civilizações Africanas, Missões Cristãs na África, o status do Escravizado nos EUA, a moderna Ku-Klux-Klan, Sociedades Secretas Negras nos EUA, Mulheres Negras nos EUA, Condições Atuais do Negro na América do Sul. Além disso, contém uma série de entradas de mapas, atlas e manuscritos relacionados ao início da história da África (Carter, 2010; Guzman, 1949; Work, 1900, 1919, 1928, 1929).

d) 1925 – Arthur Alfonso Schomburg (1874-1938) foi bibliófilo negro, curador e historiador autodidata, formou uma das mais notáveis coleções de materiais informacionais relativos à história, cultura experiências afro-americanas, da diáspora africana e da África: o Schomburg Center for Research in Black Culture, hoje parte da Biblioteca Pública de Nova York e transformado em Patrimônio Histórico Nacional dos EUA em 2017. Quando foi criado por Schomburg em 1925 era chamado de Division of Negro Literature, History and Prints, na localizada na 135th Street Branch Library, e tinha o intuito de preencher as lacunas e atender as necessidades de informação da comunidade. O Centro foi desenvolvido em torno da sua biblioteca pessoal, a qual em 1926 foi comprada pela Carnegie Corporation e doada à Biblioteca Pública de Nova Iorque (New York Public Library, 2021; Porter, 1969a; Sinette, 2000).

e) 1945 – Dorothy Burnet Porter Wesley (1905-1995) foi colecionadora, bibliógrafa e bibliotecária negra da Howard University desde o ano de 1928 com reconhecida contribuição para a construção do Moorland-Spangarn Research Center. Devido ao seu trabalho de mais de 40 anos, Dorothy Porter Wesley elaborou uma das mais abrangentes coleções negras da história e memorabilia da população negra, africana e afrodiaspórica. Com relação às bibliografias, Dorothy Porter

Wesley elaborou *The Negro in the United States: a selected bibliography* contendo 1.781 referências produzidas por pessoas negras e distribuídas em 40 assuntos, em ordem alfabética. Conforme Wesley, havia um crescente interesse pela história e cultura negra, manifestada pela inserção dessas nos cursos, disciplinas, faculdades e currículos universitários, o que gerou uma demanda por listas de livros que podem ser usados para apoiar tais estudos. Por isso, a *The Negro* foi uma bibliografia elaborada para atender às necessidades atuais de estudantes, docentes, pessoas bibliotecários, pesquisadoras e do público em geral para orientação introdutória aos Estudos Negros e da Diáspora Africana nos EUA. Enquanto uma bibliografia seletiva e não exaustiva, contém entre os temas abordados a pessoa negra urbana, as relações étnico-raciais, as práticas discriminatórias em todas as áreas e os esforços para obter liberdade política e econômica, bem como a educação e a história cultural negra, a vida religiosa negra, as condições sociais em que vivia a população negra, e seu passado histórico. Além disso, estão incluídos trabalhos que retratam a vida de pessoas negras proeminentes – abolicionistas, escravizadas fugitivas, educadoras, líderes dos direitos civis, cientistas, jornalistas, líderes religiosas, artistas, atletas e figuras literárias. Elaborou ainda a *Early American Negro Writings: A Bibliographical Study* (Porter, 1945) e *Afro-braziliana: a working bibliography* (Porter, 1978), todas compiladas buscando evidenciar as experiências, vida e obras de pessoas negras dos EUA e da diáspora africana (Porter, 1938, 1945, 1970, 1978; Silva *et al.*, 2021b, 2021c).

A formação de bibliotecas e a elaboração de bibliografias atravessam o engajamento desses atores na constituição da bibliografia negra. Destacamos, assim, a atuação deles, calcada na formação científica e nos estudos históricos e sociológicos, enquanto ações de resgate e de justiça social para a história, cultura e experiência da população negra estadunidense e mundial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bibliografias, enquanto instrumentos de apoio para formação de acervos, repertoriam (idealmente) tudo o que se deseja identificar sobre determinado tema. Contudo, não deixam de ser reféns do que a cultura escrita permitiu que permanecesse para a memória. Assim, a produção bibliográfica de temas que não interessam ao status quo, quase que em sua totalidade, é passível de silenciamentos e apagamentos das narrativas de grupos marginalizados.

O presente resgate sobre os atores e contextos que contribuíram para a construção da Bibliografia Negra no contexto estadunidense visou destacar também a formação e a disponibilização de acesso aos textos da experiência, história e cultura negras. Pelo exposto, percebe-se que a Bibliografia Negra teve fases complementares e indissociáveis de desenvolvimento: uma voltada para a produção de repertórios bibliográficos, e outra dedicada à formação de coleções, inclusive, dentre elas, coleções bibliográficas especiais e documentos raros. Essas duas fases envolvem Bibliografia, Bibliofilia e Biblioteconomia na constituição da memória escrita da população negra e nas possibilidades de construção de identidades bibliográficas das culturas e experiências negras a partir da cultura escrita.

A importância dos estudos e da produção de bibliografias negras, no Brasil, é ainda uma lacuna, está em fase de construção, com muitos desafios a serem vencidos e com possibilidade de construção de novas narrativas sobre o passado da cultura negra afro-brasileira.

O presente estudo é, também, uma iniciativa de resgate das histórias das Coleções Negras Especiais estadunidenses para se pensar, sobretudo, o que são as Coleções Negras Especiais no Brasil, enquanto uma possibilidade de resgate da cultura negra brasileira.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliografias setecentistas e os conceitos de livro raro. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 22, p. 168-184, jul. 2017. Edição especial. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/3239>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliotecas, bibliofilia e bibliografia: alguns apontamentos. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 7, p. 183-201, 2016. Edição especial. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v7iespp183-201>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliofilia e livros raros: uma abordagem histórico-cultural. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 19., 2018. Londrina. *Anais [...]* Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2018. p. 6172-6191.
- BAUDRILLARD, Jean. La morale des objets. *Communications*, Paris, v. 13, n. 1, 1969, p. 23-50. Disponível em: https://monoskop.org/images/7/70/Moles_Baudrillard_Boudon_van_Lier_Wahl_Morin_Les_objets.pdf. Acesso em: 26 ago. 2022.
- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BLACKMORE, Erin. As leis Jim Crow criaram ‘escravatura com outro nome’. *National Geographic*, [s. l.: s. n.], 2020.
- BLEDSON, Kara. What Dorothy Porter’s life meant for black studies. *JSTOR Daily*, New York, Aug. 22, 2018. Disponível em: <https://daily.jstor.org/what-dorothy-porters-life-meant-for-black-studies/>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- BERGER, Sidney E. *Rare books and special collections*. Chicago: American Library Association, 2014. 537 p.
- BROWNE, Joanne; SCHOLLS, Laura; FARRELL, Ann; DAVIS, Julie; COOK, Donna. Learning to lead: a social justice perspective on understanding elementary teacher leadership in Papua New Guinea. *Australian Journal of Teacher Education*, Perth, v. 37, n. 4, p. 18-35, Apr. 2012.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. v. 1.
- CAVE, Roderick. *Rare book librarianship*. London: Clive Bingley, 1976. 168 p.
- CARTER, Vivian L. Unsung Hero: Monroe Nathan Work (Theologian, social scientist, and crusader for social justice and civil rights). *Journal of Health Care for the Poor and Underserved*, Washington, v. 21, n. 3, p. 3-5, Aug. 2010.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2. ed. Brasília, DF: Editora UnB, 1998. 111 p.

- COLE, John. Daniel Murray: A collector's legacy. In: *Library of Congress: collection african american perspectives: materials selected from the rare book collection*. Washington, DC: Library of Congress, 2021.
- CRESSWELL, Stephen. The last days of Jim Crow in southern libraries. *Libraries & Culture*, Austin, v. 31, n. 3/4, p. 557-573, 1996.
- CUTTER, Jamie Irene. *Getting by at the Benjamin Mays Black Branch: library access for african americans in Jim Crow South Carolina, 1940-1971*. Master's Theses (Master of Library and Information Science) – San José State University, San José, 2011.
- FEATHER, J. The rare-book librarian and bibliographical scholarship. *Journal of librarianship*, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 30-44, Jan. 1982. DOI: <https://doi.org/10.1177/096100068201400103>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- FRASER, Nancy. *Scales of Justice: reimagining political space in a globalizing world*. Cambridge: Polity Press, 2008.
- GALBRAITH, Steven K.; SMITH, Geoffrey D. *Rare book librarianship: an introduction and guide*. Santa Barbara: Libraries Unlimited, 2012. 185 p.
- GUZMAN, Jessie P. Monroe Nathan work and his contributions: background and preparation for life's career. *The Journal of Negro History*, Chicago, v. 34, n. 4, p. 428-461, Oct. 1949.
- HARRIS JR, Robert L. Daniel Murray and The Encyclopedia of the Colored Race. *Phylon*, Atlanta, v. 37, n. 3, p. 270-282, July/Sempr. 1976. DOI: <https://doi.org/10.2307/274456>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- HODGES, Graham Russell Gao. *David Ruggles: a radical black abolitionist and the underground railroad in New York City*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2010.
- JONES, Clara Stanton. Interview. Detroit's Top Librarian. *EBONY*, Detroit, v. 27, n. 1, p. 115-118, Nov. 1971.
- KILOMBA, Grada. Prefácio. In: FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu, 2020.
- MATHIESEN, Kay. Human Rights without Cultural Imperialism. In: JAEGER, Paul (ed.). *Perspectives on Libraries as Institutions of Human Rights and Social Justice*. West Yorkshire: Emerald Publishing, Feb. 2016. p. 265-286.
- MEHRA, Bharat. Social justice in library and information science and services. *Library Trends*, Illinois, v. 64, n. 2, p. 179-197, 2015.
- MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 13, n. 24, p. 252-273, jan./jul. 2021.
- MURRAY, Daniel P. (ed.). *Murray's Historical and Biographical Encyclopedia of the Colored Race Throughout the World*. Chicago, Washington: World's Cyclopedia Company, 1912.
- NEW YORK PUBLIC LIBRARY. *Schomburg Center for Research in Black Culture*. New York: The New York Public Library, 2021.
- PATIN, Beth; SEBASTIAN, Melinda; YEON, Jieun; BERTOLINI, Danielle. Toward epistemic justice: an approach for conceptualizing epistemicide in the information professions. *ASIS&T: Proceedings of the Association for Information Science and Technology*, Leesburg, v.57, n. 1, e242, Oct. 2020. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/pra2.242>.
- PEDRAZA GARCIA, Manuel José; CLEMENTE SAN ROMÁN, Yolanda; REYES GÓMEZ, Fermín de los. *El libro antiguo*. Madrid: Síntesis, 2003. 478 p.
- PINHEIRO, Ana Virginia Teixeira da Paz. *Que é livro raro? Uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica*. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1989.
- POOLE, Alex H. "Could my dark hands break through the dark shadow?": gender, Jim Crow, and librarianship during the Long Freedom Struggle, 1935-1955. *The Library Quarterly: Information, Community, Policy*, Chicago, v. 88, n. 4, p. 348-374, Oct. 2018.
- PORTER, Dorothy B. *Afro-Braziliana: a working bibliography*. Boston: G. K. Hall, 1978.
- PORTER, Dorothy B. A library on the Negro. *The American Scholar*, Cambridge, v. 7, n. 1, p. 115-117, 1938.
- PORTER, Dorothy B. David Ruggles, an Apostle of Human Rights. *The Journal of Negro History*, Chicago, v. 28, n. 1, p. 23-50, Jan., 1943.
- PORTER, Dorothy B. Documentation on the Afro-American: familiar and less familiar sources. *African Studies Review*, New York, v. 12, n. 3, p. 293-303, Dec. 1969a.
- PORTER, Dorothy B. Early American Negro Writings: a bibliographical study. *The Papers of the Bibliographical Society of America*, Chicago, v. 39, n. 3, p. 192-268, July/Sept. 1945.
- PORTER, Dorothy B. *The Negro in the United States*. Washington, DC: Library of Congress, 1970.
- PORTER, Dorothy B. *The African Collection at Howard University*. *African Studies Bulletin*, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 17-21, 1969b.
- RABAKA, Reiland. *Against Epistemic Apartheid*. W. E. B. Du Bois and the disciplinary decadence of sociology. Lanham: Lexington Book, 2010.
- RODRIGUES, Márcia Carvalho. O que é livro raro? *ComCiência: revista eletrônica de jornalismo científico*, Campinas, n. 127, abr. 2011.
- SANT'ANA, Rizio Bruno. Como definir obras raras: critérios na biblioteca Mário de Andrade. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, n. 54, p. 231-252, jan./dez. 1996.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; SILVA, Rubens Alves da. Da ausência à evidência: notas teórico-críticas sobre o princípio da ausência, epistemicídio e reparação epistêmica em bibliotecas e biblioteconomia. *INCID: Revista de Documentação e Ciência da Informação*, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 47-72, jul. 2022.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SILVA, Rubens Alves da. Conhecimento das margens: da injustiça epistêmica à valorização do conhecimento negro em biblioteconomia e ciência da informação. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v. 27, n. 1, p. 1-19, 2022.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; ROMEIRO, Nathália Lima; FEVRIER, Priscila Rufino; ALVES, Ana Paula Meneses. Justiça para quem? justiça social, informacional, racial e de gênero em bibliotecas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: IBICT/UFRJ/ANCIB, 2021a. p. 1-16.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; ARAUJO, Diná M. Pereira; VIEIRA, Gabriel M. A contribuição de pessoas bibliófilas e bibliógrafas negras dos séculos XIX e XX para construção de uma bibliografia negra. In: A ARTE DA BIBLIOGRAFIA: BIBLIOGRAFIA E JUSTIÇA SOCIAL, 8., 2021, São Carlos. *Anais [...]*. São Carlos: UFSCar, 2021b. p. 1-8.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SALES, Rodrigo de; SALDANHA, Gustavo Silva. Dorothy Porter Wesley e a organização do conhecimento negro na coleção especial Moorland-Spingarn Research Center. *Liinc em revista*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 1-23, nov. 2021c.

SINETTE, Elinor Des Verney. *Arthur Alfonso Schomburg: black bibliophile & collector*. Detroit: Wayne State University Press, 2000. 276 p.

SMITH, Jessie Carney. Special collections of black literature in the traditionally black college. *College & Research Libraries*, Chicago, v. 35, n. 5, p. 322-335, Sept. 1974.

SORDET, Yann. Bibliophilie. In: FOUCHÉ, Pascal; PÉCHOIN, Pascal; SHUWER, Philippe. (dir.). *Dictionnaire encyclopédique du livre*. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 2002. p. 281-286.

TRAISTER, Daniel. Rare book. In: *Encyclopedia of Information and Library Science*. Abingdon: Routledge, 2003. 538 p.

VIARDOT, Jean. Le livre rare: collectionneurs et marchands spécialisés de Naudé à Nodier. *Bulletin du bibliophile*, n. 2, 1983, p. 157-173.

VIARDOT, Jean. Livres rares et pratiques bibliophiliques. In: CHARTIER, R.; MARTIN, Henri-Jean. (dir.). *Histoire de l'édition française: le livre triomphant 1660-1830*. Paris: Promodis, 1986. p. 583-614. v. 2.

VIARDOT, Jean. Un épisode du collectionnisme fait de livre au XVIII^e siècle: le Musaeum Typographicum ou le goût des raretés superlatives. *Littératures classiques*, v. 2, n. 66, p. 161-178, 2008.

WIEGAND, Wayne A. "Any Ideas?": The American Library Association and the desegregation of public libraries in the American South. *Libraries: culture, history, and society*, Pennsylvania, v. 1, n. 1, p. 1-22, Mar. 2017.

WIEGAND, Wayne A.; WIEGAND, Shirley A. *The desegregation of public libraries in the Jim Crow South: civil rights and local activism*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2018.

WALKER, Billie E. Daniel Alexander Payne Murray (1852-1925): forgotten librarian, bibliographer, and historian. *Libraries & Culture, Austin*, v. 40, n. 1, p. 25-37, 2005.

WORK, Monroe N. Crime among the negroes of Chicago: a social study. *American Journal of Sociology*, Chicago, v. 6, n. 2, p. 204-223, Sept. 1900.

WORK, Monroe N. (ed.). *The Negro Year Book*. Alabama: Tuskegee Institute: the negro year book publishing company, 1919.

WORK, Monroe N. (ed.). *A Bibliography of the Negro in Africa and America*. New York: The H. W. Wilson Company, 1928.

WORK, Monroe N. A Bibliography of the Negro in Africa and America: review by Monroe N. Work and Monroe N. Work. *Africa: Journal of the International African Institute*, Cambridge, v. 2, n. 1, p. 81-83, Jan. 1929.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de Doutorado às pessoas autoras – Código de Financiamento 001.

Bibliografia selvagem: um estudo sobre a biblioteca do Ailton Krenak e seu catálogo colaborativo

Nathália Lima Romeiro

Doutoranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da (UFMG). Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/8114379946904948>

E-mail: ntromeiro91@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6274-4836>

Bruno Almeida dos Santos

Doutorando em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia.

Bibliotecário do Museu das Favelas, São Paulo, São Paulo, Brasil.

E-mail: bruno.bas18@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5026835394804711>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8735-3321>

Data de submissão :31/08/2022. Data de aprovação: 01/03/2023. Data de publicação: 22/09/2023.

RESUMO

Objetivo: Apresentar o catálogo virtual audiovisual da Biblioteca do Ailton Krenak, que se constitui a partir da contribuição voluntária e colaborativa de integrantes para compartilhamento de saberes e filosofias indígenas popularizadas nas falas de Ailton Krenak, um importante líder indígena, ambientalista, filósofo, pensador e escritor brasileiro. **Método:** A pesquisa é qualitativa, de caráter exploratório e descritivo na qual foi realizado um mapeamento da Biblioteca do Ailton Krenak e de seu Catálogo Colaborativo em agosto de 2021, atualizado em fevereiro de 2023. **Resultado:** A Biblioteca do Ailton possui um catálogo colaborativo com cerca de 331 fontes de informação, sendo a maioria de material audiovisual, livros, matérias e artigos produzidos por Ailton Krenak ou com sua participação. **Conclusões:** O estudo evidencia a importância da Biblioteca do Ailton Krenak e seu catálogo colaborativo como importante fonte de informação e de educação que contribui para a emancipação dos sujeitos por meio da descolonização de saberes, assim como viabiliza a promoção da justiça social através da disseminação da cultura indígena brasileira.

Palavras-Chave: biblioteca do Ailton Krenak; catálogo colaborativo; descolonização de saberes; povos tradicionais brasileiros; saberes indígenas.

INTRODUÇÃO

A oralidade enquanto expressão comunicativa ocupa um lugar central no tempo e espaço marcando diversas sociedades que focaram os seus conhecimentos e o desenvolvimento das suas experiências na fala. Foi por meio da tradição da oralidade que a cultura e a memória social ancestral de muitos povos não foram extintas, como os saberes indígenas brasileiros, por exemplo, que têm como uma das suas fontes de informação os sujeitos participantes de sua comunidade, responsáveis por transmitir a sabedoria de seu povo de geração para geração (Barbosa; Mezacasa; Fagundes, 2018; Thompson, 1992).

O desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação facilitou os registros da oralidade para preservação e para compartilhamento de conhecimento. Assim, o material audiovisual viabiliza o registro, preservação e compartilhamento de saberes oralizados, possibilitando a salvaguarda desses conhecimentos e minimizando a perda semiótica da expressão cultural e filosófica indígena desses documentos.

Com base nisso, este estudo tem o objetivo de apresentar a Biblioteca do Ailton Krenak, uma biblioteca virtual, e exposição do Catálogo Colaborativo audiovisual com contribuição voluntária para compartilhamento de saberes e filosofias indígenas popularizadas nas falas de Ailton Krenak, um importante líder indígena, ambientalista filósofo, pensador e escritor brasileiro. Além disso, serão descritas as atividades da comunidade selvagem, grupo idealizador do projeto.

Acreditamos que estudos sobre fontes de informação, como a Biblioteca do Ailton Krenak e seu Catálogo Colaborativo, contribuem significativamente para a reparação da dívida histórica que o Estado brasileiro tem com seus povos originários e oferece uma perspectiva decolonial de comunicação dos saberes indígenas, que podem ser entendidos, portanto, como uma estratégia para promoção da justiça social.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, nela realizamos uma análise de conteúdo da Biblioteca do Ailton Krenak, seu Catálogo Colaborativo como aporte interpretativo dos dados. Além disso, o estudo evidencia a importância dessa biblioteca como espaço de informação, promoção de justiça social e de preservação da oralidade de Ailton Krenak nas mais diversas participações em programas, eventos, livros, textos, entrevistas, palestras, entre outras formas de comunicação.

METODOLOGIA DA PESQUISA

O estudo apresenta abordagem qualitativa, pois tem uma preocupação voltada para aspectos da realidade que não podem ser quantificados “[...] centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais [...] a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes [...]” (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 32). A fim de explicar e proporcionar maior entendimento de um determinado fato e descrever as características de determinadas populações ou fenômenos, a pesquisa é caracterizada como exploratória e descritiva.

O mapeamento dos materiais foi realizado em agosto de 2021 e atualizado em fevereiro de 2023. Foram descritas e analisadas as categorias: *Título, data do material, temáticas principais, hashtags, o que nasceu a partir deste documento? onde aconteceu? Quais recursos de acessibilidade são disponíveis neste material? Quem organizou a fala ou a publicação do material? Quem registrou esse material? Tipo de material e link para acesso*; criadas por pessoas idealizadoras e demais membros do projeto.

COLONIALIDADE, DEPENDÊNCIA EPISTÊMICA E JUSTIÇA SOCIAL SOBRE SABERES INDÍGENAS BRASILEIROS

É necessário, antes de nos aprofundarmos sobre os conceitos que serão discutidos nessa seção, readequar a narrativa histórica em dois aspectos: o primeiro é que a ciência não é justa por si só e para discuti-la com intuito de promover justiça social é necessário que se compreenda as relações de poder envolvidas no processo de produção e de disseminação, seja qual for o tempo e espaço em que a pesquisa tenha sido produzida (Lorde, 2019; Mathiesen, 2015). O segundo aspecto é que a orientação do mundo tal como a modernidade nos apresenta precisa ser renomeada a partir do entendimento de que a colonização foi uma estratégia perversa para invenção e apropriação do ‘novo’ mundo ocidental.

A marcação negritada do dia 22 de abril no calendário brasileiro não se trata de uma referência à descoberta, mas sim à colonização dos povos que viviam em um longo processo de exploração territorial e de recursos naturais. Foi a partir da primeira tentativa de globalização que as grandes navegações e expansões marítimas marcaram a ruptura com a idade média e deram início ao que foi chamado de modernidade, que em outras palavras significa o período no qual se expandiu a colonização nas Américas (Abya Yala), África (Alkebulan) e Ásia, encomendada por sociedades europeias em crise com o ‘novo’ e em ascensão sistema econômico capitalista.

De acordo com Walter Mignolo (2017), a Modernidade

Apareceu primeiro como uma colonização dupla, do tempo e do espaço. Estou também argumentando que a colonização do espaço e do tempo são os dois pilares da civilização ocidental. A colonização do tempo foi criada pela invenção renascentista da Idade Média, e a colonização do espaço foi criada pela colonização e conquista do Novo Mundo. No entanto, a modernidade veio junto com a colonialidade: a América não era uma entidade existente para ser descoberta. Foi inventada, mapeada, apropriada e explorada sob a bandeira da missão cristã (Mignolo, 2017, p. 4).

O autor complementa que a partir da expansão marítima no século XV, com pretensão de explorar o Novo Mundo (nome dado a terras ocidentais que atualmente compreende o continente americano), uma nova orientação econômica global começou a se desenvolver: “[...] um mundo policêntrico e interconectado pelo mesmo tipo de economia [...]” (Mignolo, 2017, p. 4), capitalista. Ainda que no início não houvesse total ideia do que poderia ser feito no território invadido, não havia pretensão de ser algo a beneficiar os povos originários que aqui viviam.

No Brasil, a invasão foi realizada sob tamanha violência que até hoje é possível perceber a herança da exploração colonial na formação básica, como na divulgação da falsa ideia difundida em livros didáticos de que o Brasil foi descoberto e não invadido (Isaac; Rodrigues, 2017). Bittar e Ferreira Júnior (2018, p. 16) complementam ao explicar que a “colonização e catequese são dois processos históricos que não se separam e foi nesse processo que as primeiras práticas escolares nasceram no Brasil [...]”. Além disso, a catequização e aculturação dos povos originários foi agenciada por intermédio da reprodução da tradição literária, das leis, da moral e de costumes de Portugal, em detrimento da cultura local, impactando na cultura epistêmica, no ensino superior e na formação da comunidade intelectual brasileira.

Com o intuito de apresentar uma contra narrativa à hegemonia eurocentrada, Aníbal Quijano (2009) propõe uma reinterpretação das sociedades ao fundamentar uma teoria social capaz de explicar os processos de violência experienciados na constituição territorial das Américas, denominada colonialidade do ser, saber e poder. Para o autor, a colonialidade

[...] é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjectivos, da existência social quotidiana e da escala societal. Origina-se e mundializa-se a partir da América (Quijano, 2009, p. 73).

A colonialidade foi gradualmente implementada por meio de estratégias que se desenvolveram nas quais eram fortalecidos pactos civilizatórios disfarçados de progresso econômico, como a catequização, a formação escolar, o estímulo ao matrimônio, à monogamia e à herança. Quijano (2009) argumenta que desde o princípio da colonização da América houve resistência contra o modo eurocentrista de produzir conhecimento. Entretanto, na esfera acadêmica, essa resistência começou a ser mais visível somente após a Segunda Guerra Mundial, possivelmente devido à fragilidade econômica e social que atravessavam os países envolvidos na guerra.

Quijano apresenta que a colonialidade operada no campo do saber se estabelece na priorização do conhecimento produzido por pessoas pertencentes a um grupo específico – majoritariamente branco. Grupo que por meios perversos privilegia e sedimenta teorias com intenção de explicar o mundo sob um único ponto de vista. Criando, dessa forma, dinâmicas de dependência para reforçar o privilégio europeu na esfera intelectual (Silva, 2020). Essa relação de dependência pode ser exemplificada se compararmos os saberes produzidos por pesquisadores europeus nos currículos universitários de diferentes campos do saber com os produzidos por sujeitos não brancos que tenham sobrevivido aos efeitos da colonização. Em complemento a essa ideia, a Doutora em Ciência da Informação Franciéle Carneiro Garcês da Silva reforça que a colonialidade.

[...] [a]ncora-se no conceito de raça utilizado como justificativa pelo sistema religioso, científico e capitalista [...] para produzir a hierarquização e classificação de pessoas em grupos étnico-raciais e sociais, algo que embora não se sustente cientificamente, ainda perdura até hoje no imaginário social. (Silva, 2020, p. 123)

Ao denunciar o racismo epistêmico nas estruturas de conhecimento, Silva (2020) atribui à branquitude a responsabilidade por essa dinâmica pelo fato de pessoas brancas não renunciarem a seus privilégios e assim reconfigurar o *status quo*.

A autora evidencia os efeitos da colonização no roubo de riquezas naturais e materiais dos territórios colonizados, no atroz processo de escravização de pessoas indígenas e negras e no apagamento das epistemes oriundas de povos não brancos, impondo uma explicação sobre o mundo propositalmente universalizada e injusta.

Uma das formas de resistência à colonialidade que se estabeleceu no âmbito acadêmico foi a popularização dos estudos decoloniais, que de acordo com Silva (2020, p. 123) “[...] busca dissolver estruturas de dominação e exploração que constituem a colonialidade [...]” uma vez que são definidos por Quintero, Figueira e Elizalde (2019) citado por Silva (2020, p. 123) como “[...] um conjunto heterogêneo de contribuições teóricas e investigativas sobre a colonialidade [...]”.

Em complemento ao pensamento de Silva (2020), Natalia Duque Cardona (2020) também critica o cartesianismo da ciência moderna ao reforçar a importância da contextualização intercultural na formação acadêmica. Com isso, fica cada vez mais palpável a promoção da justiça epistêmica aos saberes negligenciados, como foi o caso das populações negras e indígenas na história brasileira. Ademais, Franciéle Carneiro Garcês da Silva (2020) explica como a colonialidade do saber opera na Biblioteconomia reproduzindo o que a autora nomeia como uma dependência epistêmica das perspectivas ‘euro-norte-americanizadas’, perpetuando-se sob os pilares da branquitude, ideal que pode ser compreendido como uma estrutura que mantém o monopólio do pensamento branco nos ambientes acadêmico, social, político e jurídico.

Reconhecemos que, mesmo tendo desenvolvido uma vasta argumentação sobre a colonialidade na dimensão da raça em contraposição à classe, a teoria de Quijano (2010) não insere os efeitos da colonialidade de gênero no debate.

Consideramos essa uma fragilidade na obra do autor posto que as relações de gênero, sobretudo por meio da exploração de mulheres para fins de procriação e o extermínio de pessoas dissidentes da heteronormatividade foram tecnologias utilizadas para colonizar o território conforme explicaram María Lugones (2020) e de Rita Segato (2021).

Estudiosa e crítica da obra de Quijano (2000), María Lugones (2020) problematiza a construção social dos gêneros binários como fixos e produtores de significados. Segundo a autora, a colonização foi fundamentalmente violenta para mulheres, sobretudo na imposição da obediência a quem detinha seu pátrio poder (pai, marido, ou representante homem mais velho da família), na qual a ‘vocação’ para a maternidade foi naturalizada. Além disso, Lugones (2020) explica que, na conjuntura colonialismo-patriarcado, as mulheres não disputam o controle do acesso ao sexo. Assim, as diferenças entre gêneros foram “[...] pensadas nos mesmos termos em que a sociedade entende a biologia reprodutiva [...]” (Lugones, 2020, p. 69). Essa ideia é fundamental para compreender não só a opressão das mulheres como a violência contra a população LGBTQIAP+ que essencialmente disside do viés biológico reprodutivo no sistema colonial moderno.

Rita Segato (2021), leitora de Quijano e Lugones, discute os impactos da colonialidade no Brasil de maneira multidimensional contemplando as categorias: epistêmica, de gênero e sexualidade, relações étnico-raciais (pretos, indígenas e mestiços), na mídia, na moral cristã e no cárcere. A autora considera a colonialidade como uma perturbação e patologia, além de caracterizar o ‘olhar pornográfico do colonizador’ como algo que contamina as relações sociais nas aldeias por inserir nelas a moral civilizatória europeia.

Assim como Lugones (2020), Segato (2021) reforça a crítica à colonialidade ao apresentar o feminicídio como uma barbárie influenciada pelo sistema colonial moderno.

Segundo a autora (Segato, 2021, p. 89), “[...] a crueldade contra as mulheres aumenta à medida que a modernidade e o mercado se expandem [...]” formando acordos políticos inspirados nos modelos dos colonizadores e criando, dessa maneira, um Estado extremamente falho no tocante à proteção da cultura e das comunidades indígenas.

Em concordância com o pensamento de Lugones (2020) e Segato (2021), consideramos a violência doméstica um efeito da colonialidade. As autoras pontuam que este tipo de violência foi tornando-se cotidiano à medida que a colonização ampliou sua ocupação no território das Américas. Em contrapartida, Segato (2021) reconhece que havia no contexto de algumas comunidades indígenas dinâmicas desproporcionais nas relações de gênero. Segato (2021) chamou essas dinâmicas de patriarcado comunitário de baixa intensidade nas quais se percebem hierarquias de poder e exclusão. Entretanto, essa modalidade de patriarcado não se compara às dimensões do patriarcado colonial-moderno de alta intensidade, uma vez que entende o último oriundo do sistema capitalista e o capitalismo não fazia parte das relações econômicas dos povos originários latino-americanos (Segato, 2021).

É inegável a necessidade de ampliação do debate a respeito da cultura e do pensamento indígena. Uma das estratégias para extinguir o preconceito e preservar os saberes das populações indígenas brasileiras é oferecer, em perspectiva reparadora, a justiça social ao que antes fora negligenciado. Sabemos que é irreparável o genocídio ao qual as populações indígenas foram submetidas, entretanto, é possível preservar o conhecimento registrado, assim como é possível ampliar a rede de colaboração e proteção dos povos indígenas brasileiros, objetivo da Biblioteca do Ailton Krenak, que é objeto desta investigação.

Na próxima seção, a bibliografia e os catálogos bibliográficos serão apresentados como uma ferramenta decolonial que preserva o conhecimento registrado, reúne e organiza os saberes de Ailton Krenak, uma das principais lideranças indígenas da atualidade, no qual nos inspiramos para a realização deste trabalho.

BIBLIOGRAFIA E OS CATÁLOGOS BIBLIOGRÁFICOS COMO FERRAMENTAS DECOLONIAL

Considerada fonte de informação secundária, a bibliografia citada pela primeira vez nos estudos de Gabriel Naudé (1633) tem sua história marcada por uma função institucional precisa que foi desenvolvida em um sistema de difusão cultural marcado pelo pensamento colonial, ao qual pertencia 'o mundo dos livros'. Para Nogueira (2016), a bibliografia, desde os seus primórdios, tem uma função instrumental de organizar a informação por meio de catálogos bibliográficos e documentais.

Segundo Balsamo (1998), a bibliografia também atua como uma intermediária entre a produção de livros e o público de potenciais leitores, expressando-se em múltiplos planos e pode servir tanto ao campo da pesquisa quanto ao comércio de livros. De acordo com Malclès (1967), uma bibliografia ou catálogo bibliográfico é um instrumento para o trabalho intelectual, com o objetivo de organizar, de preservar e de promover o acesso a registros de obras publicadas de diferentes autorias, países e temáticas.

Para Paul Otlet (2018), a bibliografia é concebida como um instrumento de descrição e classificação de diversos documentos como livros, periódicos e artigos de revistas, por exemplo. Na visão de Souza (2016), a bibliografia é uma ferramenta de registros de fontes de informação de todo um país ou de um determinado tema, diferente de um catálogo bibliográfico que é voltado para o acervo de uma instituição.

Em complemento a isso, Mey (1995) estabelece que os catálogos bibliográficos surgiram em diferentes momentos históricos das bibliotecas e são considerados uma das ferramentas mais antigas da história para descrever e organizar a informação. Assim, percebemos que muitas concepções que abordam ideias e funções relacionados aos catálogos de bibliotecas determinam o desenvolvimento e o uso dos catálogos na atualidade (Bastos, 2013).

Na visão de Shera e Egan (1969), os catálogos bibliográficos, que começaram como simples inventários, sempre participaram da evolução das bibliotecas e estiveram presentes em seu contexto histórico. Figueiredo (1996) também considera que os catálogos têm uma existência secular. Entretanto, foi somente em 1990 que se teve uma preocupação em avaliá-los como instrumentos de buscas bibliográficas (Romeiro; Santos, 2020).

No que se refere aos catálogos manuais, destacamos que eles eram utilizados na maioria das bibliotecas nos formatos livros e/ou de fichas. Sua função principal era atender a atividades de organização do acervo "[...] como os boletins de aquisição da biblioteca, o catálogo acumulado em forma de livro e o catálogo de folhas soltas" (Bastos, 2013, p. 40). Para Sousa e Fujita (2012), estes catálogos nasceram com intuito de fazer o armazenamento e registro de informações de documentos existentes em um acervo de uma biblioteca, porém, com o aumento da produção de materiais impressos, o foco destes catálogos passou a ser a recuperação de informação.

Com o passar do tempo, os catálogos manuais foram automatizados, passando do formato manual para *on-line*, neste último, os usuários tiveram a possibilidade de "[...] ampliar suas buscas através do número de chamadas de classificação, descritores de assuntos adicionados às entradas do catálogo e abreviações de títulos de periódicos, por exemplo" (Bastos, 2013, p. 64). A literatura mais especializada chamou este tipo de catálogo de OPAC (*Online Public Access Catalog*), em relação aos catálogos impressos, esses oferecem vantagens para o acesso de informação, como a aceleração no processo de busca e de recuperação da informação, uma maior probabilidade de padronização das informações, entre outros fatores (Araújo; Oliveira, 2005).

Estudiosos como Sousa e Fujita (2012) e Rubi (2008) lembram que a automatização dos catálogos das bibliotecas possibilitou muitas melhorias como a integração das funções bibliotecárias de consulta, empréstimo individual, empréstimo entre bibliotecas, processamento técnico, recuperação de informação, realização de pesquisas por autor, assunto e título de forma dinâmica e rápida.

Contudo, mesmo trazendo muitos avanços para as bibliotecas, os catálogos bibliográficos na sua forma *on-line* – assim como as bibliografias – ainda continuam focando em determinadas produções do conhecimento relacionadas com a escrita e com o conhecimento colonial. Por essa razão, é necessário pensar em outros caminhos para a bibliografia e os catálogos bibliográficos nos quais seja possível contemplar saberes e fontes de informação diferentes das impostas.

A Biblioteconomia e a Ciência da Informação precisam repensar quais as fontes de informação estão sendo descritas, registradas e classificadas em nossas bibliografias e catálogos bibliográficos e o porquê existe uma ausência de estudos sobre determinadas fontes de informação, como as produzidas pelas comunidades subalternizadas ameríndias, africanas e periféricas. Dessa maneira, cientistas podem trazer aos seus campos de estudo outros saberes importantes para a construção do conhecimento que foram invisibilizados por um modelo de poder, tal como fora explicado na seção anterior. Com isso, profissionais da informação deveriam contra posicionar-se à exploração colonial, de forma a refletir a relação entre sujeitos nas posições de dominação e subordinação; questionando a percepção da Europa como ideal de modelo civilizatório e como referência científica hegemônica, central na produção, circulação e disseminação de informação, saberes e do conhecimento (Quijano, 2014).

Pensar em catálogos bibliográficos e bibliografias com outros formatos e com outros saberes só será uma realidade possível quando a Biblioteconomia e a Ciência da Informação se colocarem ‘na encruzilhada’ no enfrentamento às práticas hegemônicas. Assim, talvez se constitua uma via argumentativa capaz de descolonizar suas fontes, práticas, unidades e saberes, posto que o monopólio sobre determinados conhecimentos possibilita a construção de uma narrativa singular e exclui outros conhecimentos e outras formas de interpretar o mundo, desautorizando, dessa maneira, a construção de uma epistemologia periférica do Ocidente.

A natureza colonial do saber está corporificada na geografia do conhecimento, na qual conceitos como razão, verdade e ciência se tornam atributos desejáveis nas zonas metropolitanas. Isso faz com que as informações e saberes vindos das colônias e de seus habitantes sejam classificadas como populares, leigos, naturais, de ignorância e até mesmo ‘sem lei’ (Alves, 2020). Por isso, Biblioteconomia e Ciência da Informação devem se perguntar a quem seus instrumentos de organização e recuperação de informação estão servindo e, ainda, quais saberes estão de fora do debate.

Questionamentos como os aqui levantados podem ser o ponto de partida para descolonizar as nossas bibliografias e nossos catálogos bibliográficos por meio do reconhecimento daquilo que fora invisibilizado. Assim, será possível criar estratégias para a visibilidade e promoção do conhecimento de saberes historicamente subalternizados. A seguir, serão apresentados os resultados da pesquisa.

A BIBLIOTECA DE AILTON KRENAK E A PRESERVAÇÃO DO CONHECIMENTO INDÍGENA DA COMUNIDADE SELVAGEM

A Biblioteca do Ailton Krenak é uma iniciativa da Comunidade Selvagem e seu objetivo principal é catalogar, organizar e possibilitar o acesso às falas do líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor Ailton Krenak (Freire, 2021). A biblioteca virtual do Ailton Krenak foi inaugurada no dia 11 de junho de 2021, é organizada, atualizada e aprimorada por cerca de 19 voluntários, além de contar com a colaboração de usuários que, por meio de um formulário eletrônico podem indicar:

[...] vídeos do YouTube, entrevistas, matérias ou artigos assinados pelo pensador indígena para que sejam incluídos na biblioteca. Mas, antes de fazer sua contribuição, é importante pesquisar os conteúdos disponíveis para evitar duplicidade (Nunes, 2021, *online*).

Na página inicial da biblioteca virtual, encontramos uma arquitetura simples e colorida. Ela também orienta a navegação pelo site através das categorias: *como pesquisar, como indicar novos materiais para a biblioteca, os registros das falas de Ailton Krenak e o grupo de voluntários da comunidade Selvagem*, tal como representado na *figura 1* (Freire, 2021).

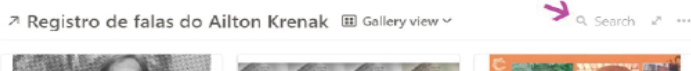
Figura 1 – Página inicial da Biblioteca do Ailton Krenak

Biblioteca do Ailton Krenak

Uma iniciativa da comunidade Selvagem para catalogar, organizar e acessibilizar as falas do Ailton Krenak.

Como pesquisar:

- No botão de busca, acima dos vídeos, você pode pesquisar por assunto, participantes ou nome evento.



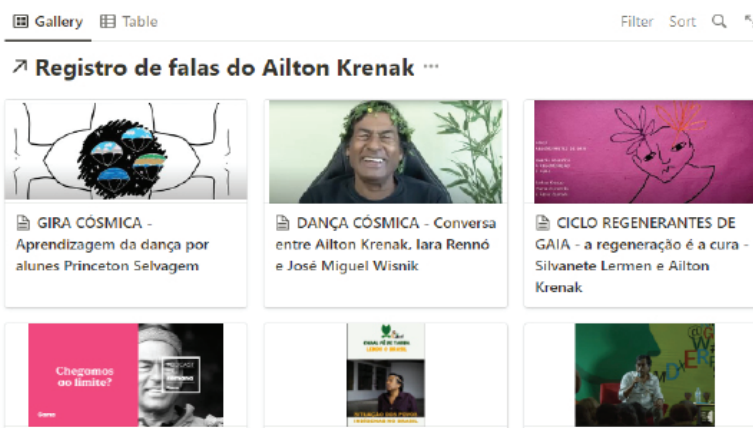
- Clicando na miniatura do material escolhido, você poderá ver o conteúdo completo da fala e as

Fonte: Freire, 2021.

Figura 2 – Como indicar materiais para a biblioteca

Como indicar novos materiais para a biblioteca:

Neste formulário você pode indicar vídeos de YouTube, entrevistas, matérias ou artigos do Krenak para que sejam disponibilizados aqui na biblioteca. Antes de enviar, pra ajudar na organização, te pedimos para pesquisar se o material que você quer indicar já está cadastrado para não termos duplicidade ;)



Fonte: Freire, 2021.

No tópico intitulado *como pesquisar*, encontramos o passo a passo para realizar uma pesquisa no catálogo da biblioteca. No subtítulo *como indicar novos materiais para biblioteca* (figura 2), você encontra indicações para envio de materiais ao acervo a partir de um formulário. No campo *registros das falas de Ailton Krenak*, encontramos o acervo da biblioteca disposto em formato de tabela no qual estão registrados cerca 331 fontes de informação, sendo a maioria audiovisual, mas também existe livros, matérias e artigos com presença ou produção de Ailton Krenak. Por fim, é possível consultar nome dos voluntários no projeto clicando em *grupo de voluntários da comunidade Selvagem* (Freire, 2021).

A catalogação dos vídeos e de outras fontes de informação segue a seguinte ordem: **título da fonte de informação** destacado em negrito, **data do material**, **onde aconteceu**, **temáticas principais**, **que outras pessoas participam**, **hashtags**, **tipo de material**, **quem organizou a fala ou publicação do material**, **quem registrou**, **quais os recursos de acessibilidade disponíveis** e o que nasceu a partir deste material, como mostramos na figura 3 (Freire, 2021).

Figura 3 – Representação de um conteúdo catalogado na Biblioteca do Ailton Krenak

GIRA CÓSMICA - Aprendizagem da dança por alunes Princeton Selvagem

Data do material	July 1, 2022
URL Link	https://www.youtube.com/watch?v=fW5JP-a_3XM
Onde aconteceu	Youtube
Temáticas principais	Povos Originários
Que outras pesso...	Anna Dantes Iara Rennó José Miguel Wisnik Pedro Meira Monteiro
Hashtags	#danca #Arte #plantas
Tipo de material	Video

Fonte: Freire, 2021.

A Biblioteca do Ailton Krenak conta com um acervo de 331 materiais audiovisuais indexados. A equipe responsável pelo projeto é interdisciplinar, entretanto, cabe destacar que não há nenhum profissional ou pesquisador de Biblioteconomia ou Ciência da Informação envolvidos (Freire, 2021). Os materiais são catalogados por meio de um formulário via *google forms* e, posteriormente, após avaliação da equipe, os conteúdos aprovados são inseridos no catálogo. Identificamos esta iniciativa como um representativo espaço de informação para oralidade, apesar do pouco tempo de existência (criada em 2021). Além disso, pode ser considerada uma estratégia decolonial de compartilhamento dos saberes, tal como apontado por Quijano (2009), Mignolo (2017) e Silva (2020), pois permite a ruptura da hegemonia científica e amplia o acesso aos saberes e à cultura das comunidades indígenas brasileiras.

Foram encontrados na página dessa biblioteca virtual mais 150 horas de falas de Ailton Krenak registradas desde 2012 e disponibilizadas por meio de *links* que nos levam ao endereço do vídeo indicado.

Além desses materiais, a biblioteca também reúne artigos, entrevistas escritas e outras comunicações em que Ailton Krenak esteve presente. Nesse sentido, para além de uma fonte de informação focada na oralidade, o acervo também reúne conteúdos de diferentes naturezas, tornando, assim, tal acervo uma biobibliografia da obra de Krenak.

Para organização do acervo bibliográfico, foram utilizadas as seguintes categorias: título, data do material, temáticas principais, *hashtags*, o que nasceu a partir deste documento? onde aconteceu? Quais recursos de acessibilidade são disponíveis neste material? Quem organizou a fala ou a publicação do material? Quem registrou esse material? Tipo de material e *link* para acesso. A partir desta categorização, compreendemos que a forma como o conhecimento está organizado obedece a uma estrutura de pensamento que identifica e descreve o documento, como na *figura 4*.

Figura 4 – Representação das categorias ‘temáticas principais’ e ‘hashtags’

Registro de falas do Ailton Krenak

Qual o título do material?	Data do ...	Temáticas principais	Hashtags
Caso Dom e Bruno: 'Brasil está desgove	June 14, 2022	Ética e Sociedade	#denúncias #governobolso
#31 Água, meio ambiente, vida, com Ai	April 1, 2022	Meio ambiente	#watu #cultura #ciclodan
Sem Estúdio entrevista - Ailton Krenak	October 8, 202	Meio ambiente	#futurodomioambiente #p
Ciclo Pororoca V - Festival Artes Verten	February 18, 20	Meio ambiente	#agua #pororoca #movin
[DIÁLOGO] "Ecologia do desastre", os t	March 22, 2022	Meio ambiente	#territoriosindigenas #ecosi
PAISAGEM CRITICA NHEERY-MAMAÊ	March 20, 2022	Meio ambiente	#floresta #nheery #cultur
Ailton Krenak: "Humanidade vive divór	March 29, 2022	Meio ambiente	#pandemia #ideiasparaadia
20ª FIL Projeto Utopia: "Meio Ambien	August 25, 202	Meio ambiente	relaçacomaterra terraorga
Conferência Magna de Abertura com A	November 3, 2	Meio ambiente	#biodiversidade #povosdafi
Conferência Cátedra CALAS - IEAT : Pro	November 16,	Meio ambiente	#desenvolvimentosustentavel
CONEXÃO AO VIVO com AILTON KREN	February 17, 20	Meio ambiente	#natureza #humanidade
Diálogos do Terra Madre Brasil – Deba	November 21,	Meio ambiente	#sociedade #meioambiente

Fonte: Freire, 2021.

Nota-se que em algumas categorias fica difícil de identificar o propósito do campo, tal como ocorre nas categorias *temáticas principais* e *hashtags*, duas categorias referentes à representação temática de documentos (Freire, 2021). Traduzindo para a linguagem biblioteconômica-informacional essas categorias correspondem às atividades de classificação (mediante um sistema de organização do conhecimento estruturado) e indexação (etiquetagem, considerando o ambiente digital).

Entretanto, percebe-se um equívoco, pois a representação temática não ocorreu mediante um sistema preestabelecido. Quanto à etiquetagem realizada por meio das *hashtags*, estas representam a classificação da pessoa colaboradora ao indicar um arquivo ao acervo. A este tipo de etiqueta chamamos de *folksonomia*, ou classificação do povo, na qual é a pessoa usuária quem classifica o assunto do documento em questão.

A biblioteca faz parte de um projeto chamado 'Comunidade Selvagem' que se trata de um ambiente digital educativo que inclui livros, grupos de leitura, vídeos, minicursos e palestras sobre literatura, filosofia e demais saberes indígenas brasileiros. Cabe destacar o quanto o projeto avançou desde que o tornamos objeto de investigação no seminário *Arte da Bibliografia* em 2021 (Seminário ..., 2021). Estudamos o projeto desde agosto de 2021 e, um ano depois, foi possível observar mudanças significativas não só no acervo da biblioteca selvagem que antes tinha 190 e agora tem 331 materiais no acervo, como também na ampliação de comunicações entre a comunidade selvagem e o público tal como representado na *figura 5* (Selvagem ..., 2018).

Figura 5 – Comunidade Selvagem



Fonte: Selvagem ..., 2018.

Cada uma das imagens representadas na figura 5 indica um determinado tipo de conteúdo promovido pela comunidade selvagem, correspondendo ao ciclo selvagem, como chamam as pessoas idealizadoras. O *ciclo dos sonhos* corresponde a um grupo de estudos sobre sonhos na perspectiva filosófica indígena brasileira. O *ciclo regenerantes de Gaia* tem como objetivo refletir sobre o cuidado com o planeta Gaia (Planeta Terra). De acordo com a descrição da página, esse ciclo é direcionado a quem deseja abrir uma janela “nesta matriz chamada de humanidade e pesquisar formas de se tornar regenerante de Gaia” (Selvagem ..., 2018, *online*).

O *ciclo mulheres plantas e curas* tem o propósito de refletir sobre a *mulheridade* e sua relação entre as plantas e a cura.

É um espaço onde aprender, dialogar e compartilhar saberes entre mulheres é fundamental para estabelecer conexões entre elas e para além das comunidades, o que torna, sobremaneira, este espaço um espaço de reflexão sobre colonialidade e gênero, tal como nos apresentou Lugones (2020) e Segato (2021). O *ciclo de memórias ancestrais* tem como propósito principal o compartilhamento de saberes e tradições das comunidades, tornando seus saberes visíveis e rompendo com a dependência epistêmica, conforme explicou Silva (2020). Os encontros desse ciclo específico estão programados para o ano de 2023, a partir disso, notamos que os diálogos seguem sendo organizados e continuados na comunidade selvagem, proporcionando, assim, uma formação continuada para o público.

No ícone *cadernos*, foram encontradas todas as publicações bibliográficas do acervo em três idiomas (português, inglês e francês), o que consideramos importante para ampliar a visibilidade dessas produções. Nessa seção, encontramos publicações de diversas autoras e autores indígenas. Nesse sentido, o que começou com o propósito de reunir a produção de um único líder se ampliou e hoje visibiliza outras personalidades da literatura e filosofia indígena brasileira. A seção *feche os olhos e veja*, que ainda está em elaboração, trata-se de conteúdos em áudio a serem disponibilizados na plataforma *Spotify* (Selvagem ..., 2018).

Flecha selvagem corresponde a uma série de histórias indígenas promovidas pela comunidade selvagem e disponibilizadas no *Youtube*. A proposta da divulgação deste conteúdo é ampliar as formas de conexão a partir da literatura e oralidade indígena (Selvagem ..., 2018). De acordo com a descrição da página, “a Flecha abre caminho para que sejam feitas novas perguntas”, é destinada ao público geral e também é “um convite para que escolas, universidades, pontos de cultura e projetos comunitários de educação acessem narrativas mais pluriversais” (Selvagem ..., 2018, *online*).

No ícone *canal do Youtube*, somos direcionados ao canal da comunidade nesta plataforma, no qual há todas as comunicações promovidas pela comunidade selvagem. Em *Nhe'ery/ guarani* que significa ‘onde os espíritos se banham’, é possível acompanhar a narrativa do líder e cineasta Carlos Papá da etnia Guarani Mbya pela mata atlântica em que foram traduzidas diversas terminologias indígenas para o português. Além disso, comunica saberes para o bem-viver (Selvagem ..., 2018).

O ícone *Shuba Hiwea*, conhecido como escola viva, versa sobre os saberes do pajé e educador acreano Dua Base sobre a cultura Huni Kuin, incluindo histórias, medicina, música e espiritualidade (Selvagem ..., 2018). Além deste, também representam o conhecimento de comunidades específicas os ícones *Apne Ixkot Hâmipak* – Escola floresta Maxakali; *Mbya Arandu Porã* – Ponto de cultura Guarani; *Bahserikowi* – medicina indígena Tukano.

Ademais, ressalta-se que é possível contribuir para a manutenção das escolas vivas indígenas clicando no *link colaborar*, no qual são arrecadadas doações para a causa (Selvagem ..., 2018).

No ícone, *tripulação* é descrita toda a rede de colaboradoras e colaboradores da comunidade selvagem e da Biblioteca do Ailton Krenak. O ícone *comunidade* indica formas de colaborar para a ampliação do acervo da biblioteca do Ailton krenak. No ícone *mapa* de navegação, é possível consultar os relatórios das ações do grupo nos anos anteriores, trazendo, dessa forma, amplo acesso à informação e divulgação das ações para viabilização do projeto (Selvagem ..., 2018). No ícone de *livros*, é possível comprar os livros produzidos pelo projeto. Por fim, após descrevermos a Biblioteca do Ailton Krenak, seu acervo e seu Catálogo Colaborativo, assim como a estrutura do site no qual ela está localizada, ressaltamos a sua importância da iniciativa como espaço de informação sobre saberes dos povos originários, principalmente àqueles produzidos e disseminados pela oralidade (Selvagem ..., 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como propósito apresentar novas formas de construção de bibliografias e de bibliotecas como no caso da Biblioteca do Ailton Krenak, seu acervo e catálogo. Fontes de informação que foram reunidas de forma voluntária e colaborativa e apresentam, em sua maioria, materiais audiovisuais da oralidade do ambientalista, filósofo, poeta e escritor Ailton Krenak, importante pensador e liderança dos povos indígenas.

Acreditamos que estudos como esses são fundamentais para dar visibilidade aos saberes dos povos tradicionais e refletir sobre os efeitos da colonização na produção de conhecimento. Ademais, esse tipo de estudo amplia os horizontes para a elaboração de estratégias de compartilhamento de saberes historicamente subalternizados com vistas a alcançar a justiça social para as comunidades envolvidas.

Entendemos que a organização e compartilhamento dos conteúdos aqui apresentados podem ser uma estratégia para romper a dependência epistêmica presente nos fazeres científicos e profissionais, além de ser uma estratégia para promoção da justiça social em relação à intelectualidade de pessoas indígenas brasileiras.

REFERÊNCIAS

ALVES, U. S. *Por uma biblioteconomia decolonial*. São Paulo: CRB8, 2020. Disponível em: <https://crb8.org.br/oldsite/por-uma-biblioteconomia-decolonial/>. Acesso em: 11 ago. 2022.

ARAÚJO, E. A.; OLIVEIRA, M. A produção de conhecimentos e a origem das bibliotecas. In: OLIVEIRA, M. (coord). *Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 29-43.

BALSAMO, L. Ayer y hoy de la bibliografía. In: BALSAMO, Luigi. *La bibliografía: historia de una tradición*. Gijón: Trea, 1998. (Biblioteconomía y Administración Cultural, 20). p. 11-16.

BARBOSA, J. M. A.; MEZACASA, R.; FAGUNDES, M. G. B. A oralidade como fonte para a escrita das Histórias Indígenas. *Tellus*, Campo Grande, MS, ano 18, n. 37, p. 121-145, set./dez. 2018.

BASTOS, F. M. *A interação do usuário com catálogos bibliográficos on-line: investigação a partir da Teoria Fundamentada*. 2013. 255 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus Marília, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2013.

BITTAR, M.; FERREIRA JUNIOR, A. A pedagogia brasileira nos primeiros tempos da colonização: escolas de ler e escrever, teatro, música e ensino de artes mecânicas. *Revista IRICE*, n. 32, p. 13-38, 2017.

CARDONA, N. D. La subordinación en la ciencia ¿una consecuencia de la cohesión social? Ideas para observar la Bibliotecología e Ciencia de la Información. In: CARDONA, N. D.; SILVA, F. C. G. (org.). *Epistemologías latino-americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação: contribuições da Colômbia e do Brasil*. Florianópolis: Rocha gráfica e editora, 2020. p. 25-44.

FIGUEIREDO, N. M. *Textos avançados em referência & informação*. São Paulo: Editora Polis; APB, 1996.

FREIRE, B. (coord.). *Biblioteca do Ailton Krenak*. 2021. Disponível em: <https://www.notion.so/Biblioteca-do-Ailton-Krenak-cd46ab5c7c4448ffb311f3c9ef833d9>.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ISAAC, P. A. M.; RODRIGUES, S. F. P. Educação escolar indígena: impactos e novas formas de colonização. *Revista Cocar*, Belém, v. 11, n. 22, p. 60-86, jul./dez. 2017.

LORDE, A. *Irmã outsider: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LUGONES, M. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, H. B. (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 53-83.

MALCLÈS, L. *La bibliographie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.

MATHIESEN, K. Informational Justice: A Conceptual Framework for Social Justice in Library and Information Services. *Library Trends*, v. 64, n. 2, p. 198-225, 2015.

MEY, E. S. *Introdução à catalogação*. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista brasileira de ciências sociais* [online], v. 32, n. 94, e329402, jun. 2017. ISSN 1806-9053. DOI 10.17666/329402/2017.

NAUDÉ, G. *Bibliographia politica*. Venise: F. Baba, 1633.

NOGUEIRA, W. A. “O livro como uma força na História”: a bibliografia como fonte de informação e método de pesquisa. *Revista Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 7, n. esp., p. 152-164, ago. 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/118779>. Acesso em: 11 ago. 2022.

NUNES, M. Biblioteca Ailton Krenak: “uma biblioteca irreverente, que fala, que não pede silêncio”, celebra o pensador indígena. *Conexão Planeta*. jun. 2021. Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/biblioteca-ailton-krenak-uma-biblioteca-irreverente-que-fala-que-nao-pede-silencio-celebra-o-pensador-indigena/>. Acesso em: 16 ago. 2022.

OTLET, P. *Tratado de Documentação: o livro sobre o livro teoria e prática*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2018. 700 p.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S.;

MENESES, M. P. (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Edições Almedina SA, jan. 2009. p. 73-117.

QUIJANO, A. “Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina”. In: LANDER, E. (comp.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 201-246.

QUIJANO, A. La tensión del pensamiento latinoamericano [1987]. In: QUIJANO, A. *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014. p. 697-704.

ROMEIRO, N. L.; SANTOS, B. A. Bibliografia lilás: Lesboteca e a construção de um catálogo bibliográfico para visibilidade lésbica. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, v. 25, n. esp., p. 01-22, 2020. ISSN 1518-2924. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2020.e73458>.

RUBI, M. P. *Política de indexação para construção de catálogos coletivos em bibliotecas universitárias*. 2008. 166 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

SEGATO, R. *Crítica da colonialidade em oito ensaios*; e uma antropologia por demanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SELVAGEM – CICLO DE ESTUDOS SOBRE A VIDA. *Selvagem em ciclo*. 2018. Disponível em: <https://selvagemciclo.com.br/>. Acesso em: 8 jan. 2022.

SOUSA, B. P.; FUJITA, M. S. L. Do catálogo impresso ao on-line: algumas considerações e desafios para o bibliotecário. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 59-75, jan./jun. 2012.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL A ARTE DA BIBLIOGRAFIA, 8, 2021. São Carlos. *Anais [...]*. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2021. Tema: Bibliografia e Justiça Social. Disponível em: <http://www.telescopium.ufscar.br/index.php/viii/viii/schedConf/presentations>. Acesso em: 8 jan. 2023.

SHERA, J. H.; EGAN, M. E. *Catálogo sistemático: princípios básicos e utilização*. Brasília: Ed. UnB, 1969.

SILVA, F. C. G. Colonialidade do saber e dependência epistêmica na Biblioteconomia: reflexões necessárias. In: CARDONA, N. D.; SILVA, F. C. G (org.). *Epistemologias latino-americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação: contribuições da Colômbia e do Brasil*. Florianópolis: Rocha gráfica e editora, 2020. p. 119-202.

SOUZA, W. E. R. O catálogo editorial e a bibliografia como fontes de pesquisa: avanços e desafios na era digital. In *CID: Revista Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 7, n. esp., p. 202-223, ago. 2016. DOI 10.11606/issn.2178-2075.v7iespp202-223.

O conhecimento alternativo da Biblioteca Universal Guei contra a injustiça epistêmica na literatura brasileira

Diogo Roberto da Silva Andrade

Mestrando em Gestão da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGInfo) no Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2588351371083404>

E-mail: didts@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8392-4481>

Ana Paula Meneses Alves

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e em Ciências Sociais pela Universidade de Granada (UGR - Espanha), Granada, Andaluzia no sul, Espanha. Professora Adjunta da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2434972394883934>

E-mail: apmeneses@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1137-2139>

Franciéle Carneiro Garcês da Silva

Professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGInfo/UDESC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2805777083019311>

E-mail: francielegarces1987@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2828-416X>

Data de submissão :31/08/2022. Data de aprovação: 01/03/2023. Data de publicação: 22/09/2023.

RESUMO

As injustiças permeiam o cenário literário, tanto de acervos públicos quanto dos catálogos de grandes editoras, o que evidencia posturas de segregação de sujeitos que são postos às margens do social, a saber: mulheres cisgênero e transgênero, negros, indígenas, pessoas com deficiências, sujeitos que se reconhecem como Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais, *Queer*, Intersexuais, Assexuais e outros mais (LGBTQIA+) etc. Isto posto, este artigo parte do seguinte questionamento: *a Biblioteca Universal Guei contribuiu ativamente para o combate à injustiça epistêmica no cenário da mediação de literatura brasileira?* Como objetivo geral, visa investigar a atuação do jornal *Lampião da Esquina* na ruptura do tecido social e cultural e, sobretudo, averiguar a contribuição da seção *Biblioteca Universal Guei* relacionando as Humanidades com uma atuação da bibliografia comercial pela justiça epistêmica. Fundamenta-se na abordagem sobre injustiça epistêmica e suas esferas (injustiça testemunhal, hermenêutica, curricular e participativa) e a relação dessas com a Bibliografia, Biblioteconomia e Ciência da Informação. Por fim, os resultados apresentam, nas páginas do *Lampião da Esquina*, periódico alternativo nacional voltado para o público gay, vendido em bancas de revista e por meio de caixa-postal em nível nacional, o confronto às lógicas injustiças e excludentes propagadas por violência simbólica e epistêmica.

Palavras-chave: epistemologia; injustiça epistêmica; literatura homoerótica; literatura nacional; biblioteca universal Guei.

INTRODUÇÃO

A segregação literária ocorre em um plano normativo que contribui na obstrução e na invisibilidade do Outro em âmbito social e cultural. Visto que a literatura marginal – neste estudo se diz daquela voltada para sujeitos não heterossexuais – ao longo dos tempos ora é dada por lasciva (erótica-sexual), ora é dada por ‘baixa literatura’ (subcultural) (Kothe, 1985; Silva, 2008, 2012). Assim, para a concepção deste artigo, questiona-se: *a Biblioteca Universal Guei contribuiu ativamente para o combate à injustiça epistêmica no cenário da mediação de literatura brasileira?*

Conceitualmente, a injustiça epistêmica pode ser compreendida como “um conceito moral, bem como um conceito epistêmico. É o tipo de injustiça que ocorre quando o direito de alguém saber é violado”, conforme infere Coady (2010, p. 105, tradução nossa). Nesse sentido, é um “[...] mal feito a alguém especificamente em sua capacidade de conhecedor [...]” (Fricker 2007, p. 5, tradução nossa), ou seja, um desequilíbrio que afeta as capacidades, que são valores essenciais aos seres humanos. A injustiça epistêmica refreia um sujeito ou comunidade, impedindo-o de expressar seus conhecimentos de forma tácita ou explícita, trazendo consequências psicológicas danosas aos sujeitos, obstruindo seu desenvolvimento “de modo que uma pessoa pode ser, literalmente, impedida de se tornar quem ele é” (Fricker 2007, p. 5, tradução nossa). Por isso, este conceito de injustiça se refere à distribuição injusta de bens epistêmicos, como educação e informação, por intermédio de ações discriminatórias ou excludentes (Coady, 2010; Fricker, 2007; Silva; Silva, 2022).

As injustiças que permeiam o cenário literário, tanto de acervos públicos quanto dos catálogos de grandes editoras, evidenciam posturas de segregação de sujeitos que são postos às margens do social, a saber: mulheres cisgênero e transgênero, negros; indígenas, pessoas com deficiências, sujeitos que se reconhecem como Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais, *Queer*, Intersexuais, Assexuais e outros mais (LGBTQIA+) etc.

Nas unidades de informação, como as bibliotecas nacionais, públicas, especializadas, escolares, especiais, comunitárias, entre outras, ocorre um tipo comum de censura assinalado por Vergueiro (1989): a autocensura. Essa prática evidencia a posição política das pessoas bibliotecárias frente à formação de acervo e/ou na manutenção de uma unidade de informação (Vergueiro, 1989).

Além do normativo social e cultural que atua como bastião na prática e no cotidiano das bibliotecas, a autocensura parte do “[...] próprio profissional bibliotecário que, sem o saber, realiza autopolicamento para evitar prováveis polêmicas” (Vergueiro, 1989, p. 59). Ainda, caso a ação regular executada pela pessoa bibliotecária se faz consciente e espontaneamente, a censura é uma prática declarada, haja vista que são diversas as possibilidades de sistemas de regulação – como os sistemas de poder (Igreja e Estado). No seio da discussão apresentada neste estudo, é proposta a heteronormatividade como um fundamento censor nas ações e nas tomadas de decisão da pessoa bibliotecária nas unidades de informação.

Nos campos de pesquisa, ensino e extensão da Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) contemporâneos, são evidenciadas lacunas oriundas de estruturas sociais. Os arranjos mantenedores do normativo/heteronormativo podem remeter, por exemplo, às perspectivas teóricas do norte global (Carneiro, 2005; Silva; Garcez; Silva, 2022), ao que se propõe como normal ao se designar sujeitos e corpos (Foucault, 2020; Louro, 2019) e aos regimes de informação (González de Gómez, 2012). Estas e outras reflexões reforçam e sustentam os discursos hegemônicos, matriciais, éticos, políticos, econômicos, sociais e culturais. As estruturas exemplificadas também nutrem e mantêm o imaginário social, irrompendo em cerceamentos. Estes arcabouços atuam epistemologicamente e empiricamente sobre os sujeitos, promovendo o ‘princípio da ausência’ (Kilomba, 2020) – “quando algo que existe é tornado invisível ou tratado como se não existisse” (Silva; Garcez; Silva, 2022, p. 2).

Nas reflexões sobre gêneros e sexualidades em BCI, autores como Ishimoto, Garcia e Sousa (2018) traçam um perfil transgressor e provocativo sobre a *práxis* normativa do silenciamento, da invisibilidade e da inexistência da literatura não-heterossexual nas unidades de informação. Segundo os autores, as obras voltadas para o público LGBTQIA+ ocupam dois lugares nos acervos das unidades de informação:

- a) uma primeira circunstância se trata dos lugares de silêncio, quando não são adquiridas ou mediadas as literaturas que atendem aos interagentes que se identificam como LGBTQIA+. Este cerceamento faz um paralelo com Vergueiro (1989) que destaca três tipos de censura (legal ou governamental; pressão individual ou de grupo; e a autocensura).
- b) a outra circunstância testemunhada é o lugar do poder, em que o discurso normativo gera uma “[...] ausência e impossibilidade de falar sobre, inscreve a presença de discursos médico-religioso que impõem uma matriz heterossexual, considerada normal, saudável, aos sujeitos” (Ishimoto; Garcia; Sousa, 2018, p. 365). Esta condição pode ser localizada na tríplice *foucaultiana* que versa sobre o poder, o saber e o prazer.

Prosseguindo, notoriamente os enunciados supracitados e observados nas bibliotecas e acervos dão corpo às injustiças epistêmicas, pois desapropriam saberes entendidos como periféricos por intermédio da opressão, a qual incide apagando e invisibilizando as epistemes dos grupos sociais e étnico-raciais oprimidos na medida em que destrói suas linguagens e conhecimentos coletivos (Patin *et al.*, 2020; Silva; Garcez; Silva, 2022).

Quando Silva (2008) aponta a necessidade do *desejo gay*, invisível na literatura canônica brasileira, ele evoca lugares sociais não ocupados por LGBTQIA+, que sustenta o ‘não lugar’. Pois, os sujeitos não heterossexuais são dados como excêntricos, rechaçados culturalmente, até mesmo ‘expatriados’ do *lôcus* identitário, social e cultural.

Isso ocorre em virtude de firmar uma matriz moralista em que padroniza o homem, heterossexual, cisgênero, de raças e etnias nortenhãs/europeias e pertencente à alta classe social como uma baliza, ao passo que se solidifica a anulação do Outro. O Outro é representado/configurado por todos os sujeitos e corpos que não se equivalem ao ideário criado e sustentado por órgão de poder (reiterando os exemplos: a Igreja, o Estado e o Militarismo).

A configuração do Outro pode ser vista na performance sociocultural do que se considera ser as mulheres, que são dispostas como uma imagem contrária e binária ao que se define por homem, macho e masculino. Os sujeitos LGBTQIA+ são dispostos margeando o binário macho/fêmea, homem/mulher, masculino/feminino, são sujeitos em trânsito localizando os espectros de forma determinada, fluida ou não-binária.

Em uma análise profunda da matriz hetéro-macho, podem ser observadas questões do lugar de homens negros, indígenas, orientais, vieses geracionais, tópicos sobre classes sociais e, também, indagações de culturas do sul e decoloniais. Contudo, são questões interseccionais que não irão ser aprofundadas na proposta deste estudo.

Retomando, no âmbito das injustiças epistêmicas, o que se pode observar é que, em BCI, a colonialidade, as formas de domínio, violências e injustiças são objetos de estudos da contemporaneidade.

As injustiças epistêmicas se desdobram, pelo menos, em quatro facetas, a saber: a) *injustiça testemunhal*, quando se atribui baixo nível de credibilidade a quem emite a mensagem devido a um preconceito; b) *injustiça hermenêutica*, anterior à testemunhal, refere-se à lacuna interpretativa nos sujeitos que os impede de interpretar as suas experiências por não possuir ferramentas para tal. Complementarmente, Correia (2021, p. 5) infere que a injustiça hermenêutica “[...] consiste na incapacidade do falante de comunicar sua experiência, uma vez que lhe faltam, no contexto histórico-social, os conceitos e elementos necessários para dar sentido a sua vivência”.

Promove, como resultado, “[...] desvantagem cognitiva e uma marginalização (hermenêutica) dos grupos, que terminam por participar de forma desigual das práticas que constroem os significados sociais e entendimentos coletivos” (Correia, 2021, p. 5); c) *injustiça curricular*, que se refere à ausência de recursos físicos para incitar o desenvolvimento epistêmico dos sujeitos e, por fim; d) *injustiça participativa*, ocorre quando excluem os sujeitos dos processos participativos de construção de seu desenvolvimento epistemológico (Fricker, 2007; Patin, 2019; Patin *et al.*, 2020, 2021a, 2021b; Patin; Sebastian, 2021; Silva *et al.*, 2021; Silva; Garcez; Silva, 2022). Todas elas podem agir de forma independente ou conjunta, a depender do contexto e das comunidades onde tais injustiças são aplicadas.

Consumar um campo participativo da BCI e que se advogue por causas humanistas é uma proposta educativa dialógica. A libertação *freiriana* compreende os sujeitos e seus costumes na busca por conhecimento, transpondo a tradição moralista na costura de lugares equitativos. Entretanto, nem todos os povos, grupos sociais e étnico-raciais possuem o acesso justo às informações e à possibilidade de construção por via educativa e emancipatória dos sujeitos.

Segundo Silva e Silva (2022) e Silva, Garcez e Silva (2022, p. 6), em BCI, ocorrem alguns fenômenos de violência simbólica e epistêmica contra os sujeitos e povos, dentre os quais podemos citar o epistemicídio, que se refere ao ato de “[...] silenciar, aniquilar, [...], desvalorizar, expropriar um sistema de conhecimento [...]”, via somatório de diversas injustiças como as supracitadas, as quais incorrem, muitas vezes, na *morte* de conhecimentos por lógicas opressoras, coloniais e racistas (Patin, 2019; Patin *et al.*, 2020). Apesar disso, há insurgência de movimentos contra-hegemônicos que revertem a lógica opressora executando táticas de resistência e agenciamentos para preservar seus legados, culturas, histórias e memórias.

Neste aspecto, será observada a atuação de uma bibliografia nascida em um bojo político autoritário – entre as décadas de 1970 e 1980 –, que subverteu a cultura e rompeu o dogmático nacional, permitindo que os sujeitos aos quais buscavam aproximar tivessem um conteúdo literário que permitisse a identificação, tratando principalmente – e não somente – do homem gay brasileiro.

Associa-se as injustiças epistêmicas aos recursos e aos serviços da informação, pois é observado que insumos fundamentais são execrados social e culturalmente quando se trata de LGBTQIA+, como: as memórias (poder), o conhecimento (saber) e a fruição (prazer) (Campello, 2019; Foucault, 2020). Ou seja, a bibliografia contida no *Lampião da Esquina* registra nacionalmente a literatura desviante e marginal, possibilitando a formação do conhecimento e a experiência das práticas. Assim, na perspectiva social, o essencial é dado por Foucault (2020) como a superação do moralismo e hipocrisias. Em BCI, “o desejo que as sociedades demonstrem de preservar sua memória é a questão do poder, da necessidade que os diversos grupos sociais têm de obter a coesão social que permitirá o alcance de seus objetivos e a manutenção de seus interesses” (Campello, 2019, p. 22-23), ainda que diversas subjetividades sejam colocadas à margem do social.

Isso posto, como objetivo busca-se investigar a atuação do jornal *Lampião da Esquina* na ruptura do tecido social e cultural e, sobretudo, averiguar a contribuição da seção *Biblioteca Universal Guei* relacionando as Humanidades com uma atuação da bibliografia comercial pela justiça epistêmica.

Os fatores intrínsecos e extrínsecos da bibliografia situam-se como justificativa desta investigação, tendo os sujeitos das margens e a literatura *feita por, sobre e para* as pessoas não-heterossexuais, como o interesse maior desta investigação nos campos da BCI, focando nos estudos bibliográficos. Este trabalho reforça a necessidade dialética em que se apontam contradições teórico-práticas nos fundamentos da BCI.

Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada e de abordagem qualitativa que segundo Silva e Menezes (2005, p. 20) “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito [...]”. Quanto aos procedimentos, refere-se a uma pesquisa experimental: “quando se determina um objeto de estudo, selecionam-se as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo, definem-se as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto” (Silva; Menezes, 2005, p. 21).

Do ponto de vista dos objetivos, discorre como uma pesquisa explicativa, uma vez que “além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja por meio da aplicação do método experimental/matemático, seja por meio da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos” (Severino, 2017, p. 125).

O método de Análise de Conteúdo é adotado, uma vez que buscou-se analisar o produto de um jornal, segundo Valentim (2005, p. 119), “após a Segunda Guerra Mundial, vários estudos aplicaram a análise de conteúdo com o objetivo de verificar a influência de determinadas ideologias veiculadas em jornais”. Combina-se esse método à abordagem qualitativa, quanto aos símbolos e signos a serem analisados documentalmente.

Buscou-se nos exemplares do *Lampião da Esquina* – 41 números publicados originalmente entre 1978 e 1981 – a informação a comunicação sobre a *Biblioteca Universal Guei*. Analisou-se a abordagem de enunciação da bibliografia comercial analítica (Figura 1) na proposta de compreender como a seção colabora para a justiça epistêmica.

Biblioteca Universal Gueli

Estes livros fazem de você: suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentas. Leia-os

CORRO
Sandro Searcy
 127 páginas, Cr\$ 140,00

A história de Corro, um inventivo e ambicioso Canadense, começa pelo encontro com o velho Searcy, do seu escritório em Paris. Primeiro Melchior faz o velho narrar, em seguida se muda para o presente em 1972. Tradução de Gueli.

TESSA, A GATA
Camunda Rios
 122 páginas, Cr\$ 140,00

Uma história de amor, mistério, suspense e ação, não é senão um grande romance Canadense. Uma romanço de suspense, que abrange 15 páginas finais em um romance duro, e que prende o leitor da primeira à última página.

NACABIA
Camunda Rios
 200 páginas, Cr\$ 200,00

Uma nova continuação na obra de Camunda Rios: mistério, suspense e romance, através das investigações habituais, mas sempre com muita importância de caráter e ação, não linear. A autora escreve, aqui, mais um romance de suspense.

TERAPIA OCUPACIONAL: MÊS EXPERIÊNCIAS
Orestes Ideles de Melo
 99 páginas, Cr\$ 100,00

Vivência de uma mulher que desde os 13 de idade começou a trabalhar em uma instituição e dominou assuntos, descobertos, através de sua profissão, um mundo repleto de complexidade e riqueza.

SEXO E PODER
Valter Azeite
 128 páginas, Cr\$ 130,00

Uma história de amor, mistério, suspense e ação, não é senão um grande romance Canadense. Uma romanço de suspense, que abrange 15 páginas finais em um romance duro, e que prende o leitor da primeira à última página.

Maria Rita Ruck, Gláucia Martins, Flávio Aguiar e outros contam histórias em relação misto sexo e poder. Dado debruça sobre a homossexualidade e a repressão, com o pessoal do grupo Somo, de São Paulo.

TOKEREM AMO
Thery Papp
 108 páginas, Cr\$ 120,00

Uma história de amor, mistério, suspense e ação, não é senão um grande romance Canadense. Uma romanço de suspense, que abrange 15 páginas finais em um romance duro, e que prende o leitor da primeira à última página.

AMETA
Darcy Pontes
 108 páginas, Cr\$ 120,00

"Darcy Pontes faz uma história de amor, mistério, suspense e ação, não é senão um grande romance Canadense. Uma romanço de suspense, que abrange 15 páginas finais em um romance duro, e que prende o leitor da primeira à última página."

CRESCIDA E ESPANTANS
Darcy Pontes
 108 páginas, Cr\$ 120,00

Uma história de amor, mistério, suspense e ação, não é senão um grande romance Canadense. Uma romanço de suspense, que abrange 15 páginas finais em um romance duro, e que prende o leitor da primeira à última página."

NO PAÍS DAS SOMBRAS
Aguiar Searcy
 99 páginas, Cr\$ 120,00

Dado debruça sobre a homossexualidade e a repressão, com o pessoal do grupo Somo, de São Paulo. Uma história de amor, mistério, suspense e ação, não é senão um grande romance Canadense. Uma romanço de suspense, que abrange 15 páginas finais em um romance duro, e que prende o leitor da primeira à última página."

PRIMEIRA CARTA aos ANDRÓGINOS
Aguiar Searcy
 124 páginas, Cr\$ 120,00

A única maneira de obter a igualdade e a prosperidade, uma relação amorosa, é através da homossexualidade, com o pessoal do grupo Somo, de São Paulo.

MULHERES DA VIDA
Valter Azeite
 128 páginas, Cr\$ 130,00

Uma história de amor, mistério, suspense e ação, não é senão um grande romance Canadense. Uma romanço de suspense, que abrange 15 páginas finais em um romance duro, e que prende o leitor da primeira à última página."

O CRIME ANTES DA TESTA
Aguiar Searcy
 99 páginas, Cr\$ 120,00

Uma história de amor, mistério, suspense e ação, não é senão um grande romance Canadense. Uma romanço de suspense, que abrange 15 páginas finais em um romance duro, e que prende o leitor da primeira à última página."

TESTAMENTO DE JONATAS DE NADABO E APOSTOLOS
José Roberto Freitas
 248 páginas, Cr\$ 120,00

Uma história de amor, mistério, suspense e ação, não é senão um grande romance Canadense. Uma romanço de suspense, que abrange 15 páginas finais em um romance duro, e que prende o leitor da primeira à última página."

QUEDA DE BRASCO
Valter Azeite
 128 páginas, Cr\$ 130,00

Uma história de amor, mistério, suspense e ação, não é senão um grande romance Canadense. Uma romanço de suspense, que abrange 15 páginas finais em um romance duro, e que prende o leitor da primeira à última página."

OS SOUTEIREIS
Camunda Rios
 127 páginas, Cr\$ 140,00

Uma história de amor, mistério, suspense e ação, não é senão um grande romance Canadense. Uma romanço de suspense, que abrange 15 páginas finais em um romance duro, e que prende o leitor da primeira à última página."

AT GUEIRA DA MINHA VIDA
Camunda Rios
 127 páginas, Cr\$ 140,00

Uma história de amor, mistério, suspense e ação, não é senão um grande romance Canadense. Uma romanço de suspense, que abrange 15 páginas finais em um romance duro, e que prende o leitor da primeira à última página."

EXTRA/LÂMPADA
Camunda Rios
 127 páginas, Cr\$ 140,00

Uma história de amor, mistério, suspense e ação, não é senão um grande romance Canadense. Uma romanço de suspense, que abrange 15 páginas finais em um romance duro, e que prende o leitor da primeira à última página."

EXTRA/LÂMPADA
Camunda Rios
 127 páginas, Cr\$ 140,00

Uma história de amor, mistério, suspense e ação, não é senão um grande romance Canadense. Uma romanço de suspense, que abrange 15 páginas finais em um romance duro, e que prende o leitor da primeira à última página."

Uma história de amor, mistério, suspense e ação, não é senão um grande romance Canadense. Uma romanço de suspense, que abrange 15 páginas finais em um romance duro, e que prende o leitor da primeira à última página."

LÂMPADA em Espinha

Página

Ci.Inf., Brasília, DF, v.52 n.1, p.104-114, jan./abr. 2023

Para que os objetivos fossem atingidos, optou-se pela análise de conteúdo, que segundo Severino (2017, p. 122), “Trata-se de se compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações”. Dessa forma, na etapa de:

- a) pré-análise – foi realizado o escrutínio e leitura dos materiais verificando as linguagens textuais e imagéticas do *Lampião da Esquina*;
- b) exploração – foram selecionados os resumos que acompanham as entradas dos catálogos, assim como os subtextos que indicam a seção da *Biblioteca Universal Guei*, no intuito de compreender o “conteúdo das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca do significado das mensagens” etc. (Severino, 2017, p. 123); e, por fim;
- c) categorização – foram elencados textos que pudessem representar os lugares sociais, políticos e culturais da literatura mediada pelo *Lampião da Esquina*.

O *corpus* – a *Biblioteca Universal Guei* – desta pesquisa buscou evidenciar o trabalho mediador pragmático, crítico e social da bibliografia recortada, que, segundo Hjørland (2017), devem ser designações exitosas de uma pessoa bibliotecária. E à *justiça hermenêutica*, que busca preencher as lacunas quanto às experiências e a identidade, passíveis de acesso e possibilitando interpretações humanistas, neste caso, dos interagentes LGBTQIA+ que se apropriam de uma literatura marginalizada.

Para melhor localizar a pessoa leitora, expõe-se que o *Lampião da Esquina* foi um periódico alternativo nacional voltado para o público gay, vendido em bancas de revista e por meio de caixa-postal em nível nacional. O jornal surge na década de 1970 no Brasil, tendo como seu corpo editorial homens que atuavam como artistas plásticos, escritores e jornalistas.

Durante o período que o jornal foi comercializado, suas seções e colunas versaram sobre o cotidiano não-heterossexual de sua época, afastando do estilo de folhetim de fofocas e *status* social para um lugar de reflexão crítica. “As múltiplas vozes que ecoam em *Lampião* constroem, a cada edição, a possibilidade de novo lugares de enunciação para o homossexual, além de novos sentidos em seus discursos” (Simões Júnior, 2013, p. 73).

O *Lampião da Esquina* teve edições com tiragem entre 10 e 20 mil exemplares. Facchini e Simões (2009 *apud* Coelho, 2014, p. 82) diz que “o encerramento das atividades do *Lampião* antecipou um final de um ciclo que, como a redemocratização, liquidou com a imprensa alternativa e permitiu que seus temas fossem reabsorvidos pela grande imprensa”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na perspectiva de se alcançar os objetivos propostos por este artigo, arrola-se nesta seção os resultados obtidos, aspectos notados durante a pesquisa e possíveis inferências naturais da análise de dados.

Infer-se que a principal ação/abordagem de comunicação da *Biblioteca Universal Guei* trata-se do *slogan*: “Estes livros falam de você: suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os” (Biblioteca..., 1980, p. 17). O subtítulo, ou enunciação da bibliografia, anuncia ao interagente um *lôcus*, uma identidade, uma corrente literária – portanto um lugar de lazer e erudição – evocando a desobstrução sociocultural dos sujeitos à margem.

Foi observado que este *slogan* antecedeu o nome oficial da bibliografia (Figura 2), ocorrendo na edição Extra 1 (publicada em dezembro de 1979) e nas edições 17 a 20 (publicadas entre outubro de 1979 e janeiro de 1980).

Figura 2 – Seção bibliográfica (*Biblioteca Universal Guei*)

Estes livros falam de você
Suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os

TEOREMAMBO Darcy Penteado 108 páginas, Cr\$ 120,00 Um Papai Noel muito louco, uma bichinha sorveteira, uma fada madrinha designada, a história do bofe a prazo fixo: muito humor e <i>non sense</i> no novo livro do autor de <i>A Meta</i> e <i>Crescilda e Espartanos</i>. Ilustrações do autor. A META Darcy Penteado 99 páginas, Cr\$ 120,00 "Darcy Penteado ilumina detalhes do queto que a maioria gostaria que o homossexual fosse desconhecido" (Léo Gilson Ribeiro). O livro de estréia de um escritor que é também um ativista em favor dos grupos estigmatizados. CRESCILDA E ESPARTANOS Darcy Penteado 189 páginas, Cr\$ 160,00 "Um livro como este, que fala tudo aberto e desafiadamente, possui a dignidade bem mais culturalmente verdadeira de resistir aos barbaros preconceitos" (Paulo Hecker Filho). Duas novelas e cinco contos, do total <i>non sense</i> ao realismo poético. NO PAÍS DAS SOMBRAS Agulnaldo Silva 37 páginas, Cr\$ 120,00 Dois soldados portugueses vivem um grande amor em pleno Brasil colonial: envolvidos numa conspiração forjada, acabam na fogueira. A história, recitada a partir de 1968, faz um levantamento de quatro séculos de repressão.	REPÚBLICA DOS ASSASSINOS Agulnaldo Silva 137 páginas, Cr\$ 150,00 Bichas, piranhas e pivetes enfrentam o Esquadrão da Morte (e vencem!) A incrível história de um dos períodos mais conturbados da vida brasileira. De 1969 a 1975, tendo como pano de fundo os cenários do submundo carcerário. PRIMEIRA CARTA AOS ANDROGÍNOS Agulnaldo Silva 134 páginas, Cr\$ 120,00 "A única maneira de obter a igualdade e o progresso nos relacionamentos humanos e amorosos: consiste na expressão franca da natureza bissexual de todo homem e mulher". Um romance que é, também, um estudo sobre a sexualidade. O CRIME ANTES DA FESTA Agulnaldo Silva 136 páginas, Cr\$ 100,00 Através da história de Angela Diniz e seus amigos, que ele trata como se fosse ficção, o autor interpreta e esclarece todas as conotações de um instante dramático de nossa alta sociedade. Um livro contra o machismo e a opressão. TESTAMENTO DE JONATAS DEIXADO A DAVI Iolo Shirley Trevisan 139 páginas, Cr\$ 120,00 Uma viagem do autor em busca de si mesmo. Anos de estréia, de solidão e fome reunidos num livro escrito com suor e sangue. Nestes contos, a história de uma ge-	ração cujos sonhos foram queimados lentamente em praça pública QUEDA DE BRAÇO Vários autores 302 páginas, Cr\$ 150,00 Uma antologia do conto marginal, reunindo os autores que os editores têm medo de publicar. Gente finíssima: Benício Medeiros, Fernando Tatagiba, Glauco Mattoso, Júlio César Monteiro Martins, Nilton Maciel, Luiz Fernando Emediano, Paulo Augusto e Reinoldo Arem, entre outros. OS SOLTEIROS Gasparino Dumas 213 páginas, Cr\$ 140,00 Um livro que se dispõe a esmiuçar o mundo dos homossexuais e tudo o que os tolhe: a incompreensão que os cerca, o medo. Escrito sem meias palavras, ele vai buscar a linguagem dos seus personagens lá onde o autor os encontrou. O FANTASMA DE CANTERVILLE Oscar Wilde De Profunda e Balade do Cárcere de Reading: dois dos mais patéticos depoimentos pessoais da literatura universal, juntos num livro que também reúne algumas das histórias mais espirituosas e brilhantes do autor. Um livro raro. SHIRLEY Leopoldo Serra 93 páginas, Cr\$ 110,00 A história de amor entre um travesti da noite paulista e um operário de Cubatão.	Waldie/ Shirley é um personagem que aceita enfrentar todas as humilhações para ser fiel ao seu desejo. Dois seres humanos, coarçados pela opressão, brigam pela vida. RELATÓRIO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA Michel Bon e Antoine d'Arc 381 páginas, Cr\$ 400,00 Mil homossexuais respondem a um questionário: são homens que se atraem, se amam, se invejam, se unem para o melhor e o pior, conhecem as alegrias e os tormentos do amor e querem integrar-se numa sociedade que ainda os difama, lança-os na prisão ou os destinha. COXAS Roberto Piva 70 páginas, Cr\$ 85,00 Sex fiction & Delirios de um poeta inquietante: personam para o Marquês de Sade, Bar Cezaro d'Oro, Antino e Adriano e outros poemas. As ilustrações são de Maty Viati. ***** Escolha os que você quer ler e faça o seu pedido pelo reembolso postal à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. Caixa Postal 41031, CEP 20.000, Rio de Janeiro — RJ. Você só pagará quando receber o aviso do correio.

LAMPIÃO da Esquina Página 8

Fonte: Seção do *Lampião da Esquina* (Estes..., 1979, p. 9).

Outros *slogans* foram utilizados em espaços comerciais do *Lampião da Esquina* — não propriamente na bibliografia comercial analítica — tais como:

- “Leia agora!”, *slogan*: “Se você é definido como um lixo nos compêndidos [*sic*] de História, ou nas teorias dos intelectuais da moda, leia estes livros. Seus autores têm algo a lhe dizer” (Leia..., 1978, p. 15);
- “Sem essa de amor maldito”, *slogan*: “Oscar Wilde estava certo no seu tempo. Mas as coisas mudaram, e estes autores mostram por que [*sic*]. Leia e aprenda: o ex-amor maldito agora é uma boa” (Sem..., 1978, p. 6).

Nesses *slogans* é possível analisar a busca pela participação ativa no processo de construção de conhecimento da população LGBTQIA+, inclusive, contraponto à *injustiça participativa* em uma sociedade excludente de povos e grupos de seu processo de constituição quando não seguem a norma vigente para ser considerado ‘ser humano’.

Compreende-se também a existência de ressignificação de *ser* e *estar* no mundo, como uma pessoa fora da lógica normativa também pode ser percebida nesses *slogans*, inclusive com o uso das palavras ‘lixo’ ou ‘amor maldito’ como forma de chamar a atenção para o direito de ser e existir como sujeito em sociedades desiguais e injustas com pessoas LGBTQIA+. Esses são confrontos à *injustiça testemunhal* e à *hermenêutica*, haja vista que, como sujeitos desacreditados nas sociedades, suas vozes não costumam ser ouvidas por aqueles que estão no poder e tomam decisões que irão incidir sobre suas vidas.

Portanto, entre pessoas, personagens, páginas e propostas de transcender o normativo imposto em fins de 1970, no contexto do sudeste brasileiro, o jornal carioca/paulista contribuiu para a agenda do livro e do leitor no contexto social e cultural. Por meio da *Biblioteca Universal Guei*, o capital cultural e a memória do livro, das pessoas e das comunidades representadas, literalmente e/ou intelectualmente, foram preservadas em forma de uma bibliografia.

A comunidade LGBTQIA+ possui, dessa forma, registros para resgatar estes livros como formador social e objeto de memória: “Para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância. É preciso que ele conserve uma força a fim de poder posteriormente fazer impressão” (Davallon, 1999 *apud* Simões Júnior, 2013, p. 52). Assim, o jornal coloca na trama social uma linha auspiciosa, ultrapassando os limites impostos pelas censuras e pela regra do normal, permitindo que a margem tenha conhecimento e domínio.

Além disso, a relação com o rompimento da *injustiça hermenêutica* se dá na oportunidade de transgressão dos sistemas e matrizes que mantêm experiências inviabilizadas (Correia, 2021). A exclusão praticada social e culturalmente em prol da hegemonia dominante é destituída pelo jornal e, a partir desta investida, a literatura nacional toma novos contornos. A partir dessa percepção, infere-se que a revisão identitária (Silva, 2008), que marcou a literatura não-heterossexual brasileira nos anos de 1990, possa ter tido certa influência pela bibliografia proposta pelo *Lampião da Esquina*.

Temas, como primeiro amor, primeiro beijo, primeira transa, sair do armário sem conflito podem ser notados nos resumos dos livros mediados pela *Biblioteca Universal Guei*. Ilustra-se como exemplo da existência de romance LGBTQIA+:

SILVA, Aguinaldo. **No país das sombras** [: novela]. [Rio de Janeiro]: [Civilização Brasileira, 1979]. 97 p.
Dois soldados portugueses vivem um grande amor e pleno Brasil colonial; envolvidos numa conspiração forjada, acabam na forca. A história, recontada a partir de 1968, faz um levantamento de quatro séculos de repressão.

RIOS, Cassandra. **Tessa, a gata** [: romance]. [Rio de Janeiro]: [Record, 1979]. 122 p.
Uma história de crime, mistério, suspense e amor, mas o amor segundo a versão Cassandra Rios. Um romance de suspense, que alterna passagens líricas com um realismo cruel, e que prende o leitor da primeira à última página.

Outros livros mediados representam os sujeitos não heterossexuais em categorias literárias específicas, tais como a personagem, o espaço e os motivos (Silva, 2008). Estas categorias auxiliam na democratização literária, não anexando a literatura das margens em lugares ficcionais ou ilusórios, configurando uma aproximação identitária dos sujeitos, como:

PENTEADO, Darcy. **A meta**. [s. l.]: [s. n.]. 99 p.
“Darcy Penteado ilumina detalhes do gueto que a maioria gostaria que o homossexual fosse circunscrito” (Leo Gilson Ribeiro). O livro de estreia [sic] de um escritor que é também um ativista em favor dos grupos estigmatizados.

SERRAN, Leopoldo. **Shirley**. [s. l.]: [s. n.]. 95 p.
A história de amor entre um travesti da noite paulista e um operário de Cubatão. Waldir/Shirley é um personagem que aceita enfrentar todas as humilhações para ser fiel no seu desejo. Dois seres humanos, coisificados pela opressão, brigam pela vida.

TREVISAN, João Silvério. **Testamento de Jônatas deixado a Davi, contos**. [São Paulo]: [Brasiliense, 1976]. [150 p].
Uma viagem o autor em busca de si mesmo. Anos de estrada, de solidão e fome resumidos num livro escrito com suor e sangue. Nestes contos, a história de uma geração cujos sonhos foram queimados lentamente em praça pública.

Como proposto pela filosofia *foucaultiana*, o objetivo deve vislumbrar a superação do moralismo. Quando a literatura LGTBQIA+ é revelada pelo jornal, socializa-se um rol de autores e títulos que contribuem para a formação de acervos, pois as bibliografias e listas de livros recomendados “[...] tanto nacionais como de assunto, podem também servir como instrumentos auxiliares à seleção, principalmente para a seleção retrospectiva” (Vergueiro, 1989, p. 50). Ou seja, a contribuição dada para a visibilidade de sujeitos LGBTQIA+ pelo *Lampião da Esquina* e a sua *Biblioteca Universal Guei* podem e devem ser recursos epistemológicos em unidades de informação e pode servir de base para pesquisas e ações em BCI.

Outra questão a ser levantada é da necessidade de retomada do paradigma bibliográfico, que não devem ser substituídos por estudos de usuários. Hjørland (2017, *online*, tradução nossa) propõe que:

O paradigma bibliográfico não implica necessariamente uma descrição positivista dos documentos, mas pode implicar uma consideração do que os documentos podem fazer e como a Biblioteconomia e a Ciência da Informação podem apoiar os documentos na realização de tarefas importantes, ou seja, uma perspectiva crítica e pragmática.

Na contemporaneidade, esse aspecto de descrição, anúncio e salvaguarda da memória da literatura LGBTQIA+ tem um forte apelo sendo realizada, por exemplo, pela página *The Asexuality and Aromanticism Bibliography*. Trata-se de um serviço de informação digital voltado para a recuperação da informação sobre produções que visem pesquisas teóricas sobre pessoas aromânticas e assexuais (The Asexuality, 2022). Dessa forma, amplia-se estudos sobre as sexualidades e as dissidências das orientações para além das normas heterossexistas e românticas. Por fim, o conjunto de injustiças epistêmicas não deixam de existir, mesmo porque a bibliografia aqui tratada está localizada em um nicho social, seletivo e marginal. Contudo, é notório que “a imprensa [...] é um mecanismo crucial para efetivar a difusão de ideias políticas” (Coelho, 2014, p. 30). Apropria-se academicamente do conteúdo documental, bibliográfico, literário e jornalístico do *Lampião da Esquina*, que colaborou para inscrever na história nacional brasileira o Outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação proposta neste artigo parte de questionamentos humanistas à luz da BCI. O *Lampião da Esquina*, atuando como veículo de imprensa das margens, comunica e informa aos sujeitos não heterossexuais da sociedade brasileira a existência de uma literatura identitária por meio da mediação literária da *Biblioteca Universal Guei*. Dessa maneira, o silêncio e a invisibilidade provocados e mantidos pelos sistemas de poder passam por um momento de ruptura, pois, ainda que este jornal tenha circulado em um nicho particular, ele promoveu a existência dos sujeitos LGBTQIA+ na sociedade, na cultura e na economia.

No que toca à injustiça epistêmica (*testemunhal, hermenêutica, curricular e participativa*), o *Lampião da Esquina* promove a representatividade ao promover a literatura do Outro quando as obras selecionadas possuem temáticas que aproximam das narrativas canônicas da literatura brasileira, a literatura das margens mediada pela bibliografia permite a enunciação dos sujeitos não heterossexuais e a aproximação destes sujeitos representados como pertencentes no eixo literário. Ou seja, o jornal atende às necessidades de leitura, de lazer e de informação de sujeitos LGBTQIA+ de forma pública.

Na BCI, as injustiças epistêmicas podem se amenizadas a partir do ponto em que a pessoa bibliotecária e/ou o(a) cientista da informação compreenda que o papel que executa é uma posição política. Um movimento auspicioso seria atentar para uma formação de acervo heterogêneo e representativo, buscando evidenciar identidades plurais, uma vez que literatura é um veículo formador. Aqui aponta-se uma questão futura sobre os impactos da educação e formação profissional nos cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação; no que tange à atuação crítica de um profissional das áreas, os cursos ofertam um olhar não hegemônico sobre as formações de acervo? E quanto às rupturas com o colonial e o patriarcado, uma vez que as áreas são multidisciplinares? São questões como estas que fazem o rompimento de paradigmas e da rigidez normativa de uma área que visa, sobretudo, as necessidades informacionais da pessoa humana. Por fim, é observado que a bibliografia do *Lampião da Esquina* demonstra socialmente que é possível falar *de, sobre e para* as diversidades. Logo, as unidades de informação deveriam refletir de forma holística em seus sujeitos (atores, mediadores e receptores) e na literatura que apoia as diversidades e as complexidades, afastando o fazer bibliotecário e informacional de dogmas e questões que provoquem silêncios, invisibilidades e memoricídio¹.

¹ Memoricídio se refere ao assassinato da memória de povos não hegemônicos, realizado de forma intencional com vistas a eliminar o patrimônio tangível e simbólico que representa a luta e resistência de povos negros e outros povos colonizados (Báez, 2010; Missiatto, 2021). Os efeitos negativos que recaem sobre os acervos, a salvaguarda, os recursos e serviços informacionais em uma unidade de informação quando aplicados pelo epistemicídio interrompem a memória local, institucional, tradicional etc. Trata-se de uma outra dimensão de apagamento, segregação, exclusão e invisibilidade aplicada pelos agentes de poder sobre sujeitos e corpos que não se inseriram na heteronormatividade (Silva; Garcez; Silva, 2022).

REFERÊNCIAS

- BÁEZ, Fernando. *A história da destruição cultural da América Latina: da conquista à globalização*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2010.
- BIBLIOTECA Universal Guei. Lâmpião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 2, n. 21, fev. 1980. *Biblioteca Universal Guei*, p. 17.
- CAMPELLO, Bernadete. Introdução ao controle bibliográfico. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2019.
- CARNEIRO, Sueli Aparecida. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- COADY, David. Two Concepts of Epistemic Injustice. *Episteme*, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 101-113, 2010. DOI 10.3366/E1742360010000845.
- COELHO, Vinicius Bernardes Gonçalves. *Lâmpião da Esquina: um porta voz dos homossexuais (1978-1981)*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.
- CORREIA, Ellen Cristina Rodrigues. Injustiça epistêmica e questões de gênero: o caso da injustiça hermenêutica na distinção entre homoafetividade e heterossexualidade. *Revista Opinião Filosófica*, v. 12, 2021. DOI: <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v12.1028>. Disponível em: <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/1028/826>. Acesso em: 05 ago. 2022.
- ESTES LIVROS FALAM DE VOCÊ. *Lâmpião da esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 17, p. 9, out. 1979. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/21-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-17-OUTUBRO-1979.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- FRICKER, Miranda. *Epistemic injustice: power & the ethics of knowing*. Oxford, England: Oxford University Press, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198237907.001.0001>.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2020.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Regime de informação: construção de um conceito. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 22, n. 03, p. 43-60, set./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/14376>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- HJØRLAND, Birger. Library and information science (LIS). In: International Society for Knowledge Organization [ISKO]. *Encyclopedia of knowledge organization*. Toronto: ISKO, 2017. Disponível em: <https://www.isko.org/cyclo/lis>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- ISHIMOTO, Adonai Takeshi; GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão. Nas estantes das bibliotecas, gêneros e silêncios. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 351-366, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/714>. Acesso em: 05 ago. 2022.
- KILOMBA, Grada. Fanon, existência, ausência: Prefácio. In: FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- KOTHE, Flávio René. *O herói*. São Paulo: Ática, 1985.
- LEIA agora! *Lâmpião da esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 15, jun./jul. 1978. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/06-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-02-JUNHO-JULHO-1978.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 13, n. 24, p. 252-273, jan./jul. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/20210>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- PATIN, Beth. *Ending Epistemicide: Amplifying Knowledge Systems in Academia*. Syracuse NY: SU Inclusive Teaching Workshop, Syracuse University, Aug. 2019.
- PATIN, Beth; SEBASTIAN, Melinda; YEON, Jieun; BERTOLINI, Danielle. Toward epistemic justice: an approach for conceptualizing epistemicide in the information professions. *ASIS&T: Proceedings of the association for information science and technology*, [s. l.], v. 57, n. 1, e242, 2020. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/pra2.242>.
- PATIN, Beth; SEBASTIAN, Melinda. Ep-i-what? Using The Force to Understand Epistemicide. *Information Matters*, [s. l.], v. 1, n. 11, 2021. Disponível em: <https://informationmatters.org/2021/11/ep-i-whatusing-the-force-to-understand-epistemicide/>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- PATIN, Beth; SEBASTIAN, Melinda; YEON, Jieun; BERTOLINI, Danielle; GRIMM, Alexandra. Interrupting epistemicide: a practical framework for naming, identifying, and ending epistemic injustice in the information professions. *Journal of the Association for Information Science and Technology*, [s. l.], v. 72, n. 10, p. 1306-1318, 2021a. DOI: <https://doi.org/10.1002/asi.24479>.
- PATIN, Beth; OLIPHANT, Tami; ALLARD, Danielle; GRAY, LaVerne; CLARKE, Rachel Ivy; TACHEVA, Jasmina; LAR-SON, Kayla. At the margins of epistemology: amplifying alternative ways of knowing in Library and Information Science. *ASIS&T: Proceedings of the association for information science and technology*, [s. l.], v. 58, n. 1, p. 630-633, 2021b.

SEM ESSA DE AMOR MALDITO! *Lampião da esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, p. 6, out. 1978. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/09-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-05-OUTUBRO-1978.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. Especulações sobre uma história da literatura brasileira de temática gay. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da (org.). *Aspectos da literatura gay*. João Pessoa: Autor Associado: Editora Universitária/UFPB, 2008.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos. *Leitura*, Maceió, v. 1, n. 49, p. 83-108, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/946>. Acesso em: 05 ago. 2022.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Eстера Muszkat. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SILVA, Rubens Alves da. Conhecimento das margens: da injustiça epistêmica à valorização do conhecimento negro em Biblioteconomia e Ciência da Informação. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1885>. Acesso em: 05 ago. 2022.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da.; SILVA, Rubens Alves da. Da ausência à evidência: notas teórico-críticas sobre o princípio da ausência, epistemicídio e reparação epistêmica em bibliotecas e biblioteconomia. *INCID: Revista de Documentação e Ciência da Informação*, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 47-72, mar./ago. 2022.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnele Carneiro; ROMEIRO, Nathália Lima; FEVRIER, Priscila Rufino; ALVES, Ana Paula Meneses. Justiça para quem? justiça social, informacional, racial e de gênero em bibliotecas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: PPGCI/IBICT/UFRJ, 2021. p. 1-16.

SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. *...E Havia um lampião na esquina*: memórias identidades e discursos homossexuais no Brasil, do fim da ditadura (1978-1980). 2. ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

THE ASEXUALITY and Aromanticism Bibliography. *About the Asexuality and Aromanticism Bibliography*. Toronto: University of Toronto, 2022. Disponível em: <https://acearobiblio.com/about/>. Acesso em: 14 fev. 2023.

VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. Análise de conteúdo. In: VALENTIM, Marta Lúcia Pomim (org.). *Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação*. São Paulo: Editora Polis, 2005. p. 119-134.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. *Desenvolvimento de coleções*. São Paulo: Editora Polis: APB, 1989.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de Doutorado às pessoas autoras – Código de Financiamento 001. Agradecemos ao Programa de Bolsas de Monitoria (PROMOP) de Pós-Graduação do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGCIInfo) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Agradecemos à Escola de Ciência de Informação (ECI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Agradecemos ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI).

Arquivos Comunitários no contexto do Meio Técnico-Científico-Informacional: agentes de Globalização Solidária e inovação decolonial

Fernanda Parolo de Mattos Nogueira

Mestrado em Ciência da Informação, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil.

Professora substituta, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas, Brasil.

Lattes: (<http://lattes.cnpq.br/3259942368161595>)

E-mail: fernandap.m.nogueira@gmail.com

Luciana de Souza Gracioso

Doutora em Ciência da Informação (UFF/IBICT)

Professora Associada do Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil.

Lattes: (<http://lattes.cnpq.br/4898201916360294>)

E-mail: luciana@ufscar.br

Submetido em: 01/09/2023. Aprovado em: 01/03/2023. Publicado em: 22/09/2023.

RESUMO

O presente artigo objetiva, a partir do contexto do Meio Técnico-Científico-Informacional, discorrer acerca do Arquivo Comunitário enquanto unidade cultural e inovação de caráter inclusivo e decolonial. Caracteriza-se como uma pesquisa básica, voltada ao desenvolvimento e aprofundamento do conhecimento, de base exploratória qualitativa, centrada exclusivamente no desenvolvimento de uma revisão de literatura narrativa, tendo em vista a natureza dos assuntos que necessariamente precisariam ser estudados e relacionados. Ao defender um cenário de Globalização Solidária, ressaltam-se os Arquivos Comunitários como potentes agentes, considerando que salvaguardam a diversidade de memórias, buscando a maior representatividade dos grupos sociais. Ao articularem informação, cultura, memória e inovação, são capazes de contribuir no desenvolvimento solidário da sociedade. Deste modo, Arquivos Comunitários, enquanto agentes de Globalização Solidária e de inovação decolonial, podem ser otimizados a partir de preceitos e orientações da Organização das Nações Unidas, em especial, objetivando atender aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Admite-se que a Ciência da Informação e a Arquivologia em um movimento interdisciplinar nos estudos informacionais são a força necessária para a articulação e diálogo entre os elementos mencionados, visando resguardar os princípios de humanidade, ética, inclusão, respeito e decolonialidade.

Palavras-chave: arquivos comunitários; meio técnico-científico-informacional; inovação decolonial; globalização solidária; ciência da informação.

INTRODUÇÃO

Parte-se do entendimento de que o contexto atual pode ser caracterizado enquanto Meio Técnico-Científico-Informacional, expressão esta cunhada pelo geógrafo e sociólogo brasileiro Milton Santos (1994) para compreender os fluxos dos espaços, as configurações geográficas, os desenvolvimentos tecnológicos e os modos de vida. Neste contexto de entendimento, em que se converge técnica, ciência e informação em prol do progresso tecnológico e social, há que se repousar os olhares para as questões perpendiculares ao processo de inovação.

Big Data, Internet das Coisas, Inteligência Artificial são alguns dos termos, por exemplo, que se destacam na representação social atual, que assume os dados, a informação e as tecnologias como insumos do processo de inovação e progresso da humanidade. No entanto, a inovação, apesar de ser uma alternativa perspicaz que busca a solução de problemas, pode estar envolta de objetivos parciais que não trazem benefícios para a sociedade como um todo. Admitindo o poder da inovação para a transformação ampla e efetiva da sociedade, entende-se que esta deva ser um processo que carregue os princípios da ética, do respeito, da inclusão e da decolonialidade.

Estudos recentes na Ciência da Informação e Arquivologia abordam a vertente decolonial, reiterando a necessidade do olhar crítico e ético em relação à produção e à disseminação do conhecimento. Nesse sentido, Pedro Diaz (2021), ao apontar que, historicamente, muitas narrativas de populações subjugadas foram apagadas e violadas, reitera que a imaginação arquivística é um apelo para que nossa sociedade preste atenção aos movimentos contemporâneos que buscam encontrar respostas do passado. Dessa forma, segundo o autor, “os arquivos são locais de esperança e aspiração, mas, além disso, os arquivos também são locais de luta política” (Diaz, 2021, p. 10, tradução nossa)¹.

Assumindo sua postura política e ética, os Arquivos Comunitários são elementos poderosos de representatividade dos diversos grupos sociais, com suas narrativas plurais, indo na contramão do que Adichie (2019), intitula como ‘o perigo de uma história única’. Segundo a autora:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (Adichie, 2019, p. 32).

A fim de contribuir no processo de empoderamento e humanização da sociedade, este artigo apresenta os Arquivos Comunitários como relevantes agentes no Meio Técnico-Científico-Informacional, atuando enquanto equipamentos de resistência contra a ‘Globalização Perversa’. Essa discussão possui o objetivo de tentar visualizar uma outra inovação: decolonial, e uma outra globalização: solidária.

RELACIONANDO OS CONCEITOS

Com a pretensão de desenvolver uma discussão teórica acerca da relação entre os conceitos supracitados, visualiza-se como imprescindível apresentá-los para posteriormente relacioná-los em sua qualidade interdisciplinar. A figura 1 expressa o movimento circular realizado no presente artigo, relacionando os diferentes conceitos, seguida da apresentação aprofundada destes.

¹ Original: “The archives are sites of hope and aspiration but beyond this, the archives are also sites of political struggle” (Diaz, 2021, p. 10).

Figura 1 - Relação entre os conceitos



Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL COMO O CONTEXTO ATUAL

Nesta pesquisa, utiliza-se, como ponto de partida, a compreensão das relações contemporâneas a partir da noção do Meio Técnico-Científico-Informacional, proposta por Milton Santos (1994), relacionando Técnica, Ciência e Informação ao espaço geográfico e com o processo de globalização. Na perspectiva de Santos (1994), o espaço geográfico é misto, configurando-se como um híbrido entre social e físico, entre um sistema de objetos e um sistema de ações, sofrendo transformações ao longo do tempo. Entender este espaço, do modo como é proposto pelo autor, auxilia-nos a compreender as relações entre objetos, técnicas e pessoas. Dessa forma, segundo o geógrafo, a evolução das técnicas perpassou por três momentos ao longo da história: Meio Natural, Meio Técnico e Meio Técnico-Científico-Informacional (Santos, 1994).

O Meio Natural remete a um período da história em que a atividade humana se encontrava em harmonia com a natureza, em que “[...] o homem escolhia da natureza aquilo que era fundamental ao exercício da vida e valorizava diferentemente essas condições naturais, as quais, sem grande modificação, constituíam a base material da existência do grupo” (Santos, 1994, p. 70). O Meio Técnico caracteriza-se pela junção entre o espaço natural e artificial, em que há a significativa substituição de objetos naturais por objetos técnicos, podendo ser exemplificado pelo uso de máquinas e novas tecnologias para as atividades humanas, possuindo como momentos representantes, a Primeira Revolução Industrial e a Segunda Revolução Industrial (Santos, 1994). O Meio-Técnico encadeou o advento do meio no qual vivemos na atualidade: o Meio Técnico-Científico-Informacional, em que estão presentes o sistema capitalista e o processo de globalização, pautados em ciência, técnica e informação (Santos, 1994).

Ainda segundo o autor

O meio geográfico em via de constituição (ou de reconstituição) tem uma substância científico-tecnológico informacional. Não é nem meio natural, nem meio técnico. A ciência, a tecnologia e a informação estão na base mesma de todas as formas de utilização e funcionamento do espaço [...]. A informação tanto está presente nas coisas como é necessária à ação realizada sobre essas coisas. Os espaços assim requalificados atendem sobretudo a interesses dos atores hegemônicos da economia e da sociedade, e assim são incorporados plenamente às correntes de globalização (Santos, 1994, p. 24).

Nesse sentido, a informação é usada como mais um instrumento de manutenção do poder e de perpetuação de desigualdades sociais, ou como reforça Freire (2006, p. 58) “[...] a globalização representa a materialização de um paradigma que toma corpo a partir do momento em que um novo insumo assume papel de ‘fator-chave’ no desenvolvimento das forças produtivas: a informação”.

Santos (2000) aponta para um cenário de Globalização Perversa, sustentada por um sistema capitalista voraz, em que, de modo não intencional - ou intencional - acaba por, ao globalizar, padronizar as pessoas, monopolizando a informação, a cultura, os pensamentos e os desejos, modelando seres humanos cada vez mais consumidores e menos cidadãos. Outra crítica, sobre esta conjuntura, seria o fortalecimento de hierarquias e polarizações, potencializado por um ambiente de consumo pelo consumo, que são “[...] a fonte de novos totalitarismos, mais facilmente aceitos graças à confusão dos espíritos que se instalam” (Santos, 2000, p. 19). Santos (1994) sinaliza que o processo de globalização unificou as coisas, no entanto, não uniu as pessoas e, assim, ao invés de nos tornarmos unidos, tornamo-nos uniformizados, e ainda que “todos os lugares são mundiais, mas não há um espaço mundial. Quem se globaliza mesmo são as pessoas [...]” (Santos, 1994, p. 13).

Ainda segundo o autor, a globalização é apresentada como uma fábula, que, ao ser percebida pelos grupos colocados à margem da sociedade, é desmitificada. Dessa forma, na “[...] cidade atual a força [...] é dos ‘lentos’, [pois não] comungam com as imagens, frequentemente pré-fabricadas, [...] [que são distantes da realidade e assim] [...] acabam por descobrir as fabulações” (Santos, 1994, p. 41). Tais grupos, com suas resistências, podem ser exemplificados como: mulheres, negras e negros, indígenas, a comunidade LGBTQIA+, entre outros, que, ao reivindicarem seus espaços e falas, fazem com que a sociedade se torne cada vez mais diversificada, plural e pacífica.

Nesse sentido, Milton Santos (2002) apresenta um cenário virtuoso e democrático, que intitula como Globalização Solidária, um modelo de sociedade globalizada, respeitando as diferenças e singularidades de identidades individuais e de grupos, embasado nos valores de cidadania e solidariedade. Nas palavras do geógrafo

Um mundo solidário produzirá muitos empregos, ampliando um intercâmbio pacífico entre os povos e eliminando a belicosidade do processo competitivo, que todos os dias reduz a mão-de-obra. É possível pensar na realização de um mundo de bem-estar, onde os homens serão mais felizes, um outro tipo de globalização (Santos, 2002, p. 80).

Não obstante, o Regime de Informação confirma-se como noção complementar a compreensão destes fenômenos e de suas relações. Segundo González de Gómez (2012), seria o modo informacional dominante em determinada sociedade, relacionado a aspectos como política, informação e poder. A autora indica que “[...] pareceria ser uma ferramenta interessante para situar e analisar as relações de uma pluralidade de atores, práticas e recursos, à luz da transversalidade específica das ações, meios e efeitos de informação [...]” (González De Gómez, 2012, p. 43). Ainda nas palavras de González de Gómez (2012, p. 43) seria “[...] como um plexo de relações e agências, um regime de informação está exposto a certas possibilidades e condições culturais, políticas e econômicas, que nele se expressam e nele se constituem”.

Dessa forma, defende-se que o rol de atores envolvidos em um Regime de Informação no contexto do Meio Técnico-Científico-Informacional seja plural e diversificado, a fim de propiciar que a inovação seja decolonial. Assim, enfatiza-se que o entendimento alcançado, a partir do exposto, é o de que é imprescindível que se admita e se valorize os conhecimentos plurais para fins sociais, ao invés de supervalorizar os dados e informações como mecanismos econômicos apenas. Uma vez que Burke (2016) nos diz que estamos ‘afogando em informação’ e ‘famintos por conhecimento’, para não nos afogarmos em dados e nos alimentarmos de conhecimentos, há a necessidade de assumir uma postura emancipatória.

INFORMAÇÃO E INOVAÇÃO DECOLONIAL COMO CAMINHO

Inovar requer rever posturas, paradigmas e crenças, sendo uma atitude pautada em imaginação, criatividade, cooperação, em que relacionam diversos atores: as pessoas, as empresas, as instituições de pesquisa e ensino, a ciência, dados, informação e conhecimento, as tecnologias, sem olvidar da característica humana a que está vinculada. Deve ser inclusiva e destinada para todas e todos, para que não se torne mais um mecanismo de controle e colonização e para que a sociedade seja inovadora e mais sábia juntas, como um todo.

Dados, informação e conhecimento são os insumos necessários para que a inovação possa ocorrer no âmbito das organizações, empresas, instituições e governos. Inovar é para além de pensar uma ideia nova, aplicar esta buscando resultados que transformem, recriem e melhorem a qualidade de vida da sociedade, envolvendo um rol de segmentos sociais, sendo que “[...] as relações entre ciência, tecnologia e desenvolvimento são interativas, [...] tendo as pessoas como principal força propulsora de um ciclo virtuoso, a pesquisa como base, a inovação como vetor e o desenvolvimento como consequência” (Audy, 2017, p. 75).

A fim de garantir que princípios éticos e humanos sejam respeitados no processo de inovação, as unidades culturais, dentre elas, os arquivos, as bibliotecas e os museus atuam como agentes essenciais nesse processo ao proporcionarem um movimento de organização, disseminação, acesso, uso e democratização da informação. Acerca dessa temática, Freitas e Silva (2016) indicam que uma maior preocupação com o acesso à informação foi intensificada após a valorização da informação como insumo para o desenvolvimento da sociedade e a partir da expansão das Tecnologias de Informação e Comunicação, fatores que reforçaram a noção da informação como um direito do indivíduo, estando as suas necessidades informacionais no centro.

Discorrer acerca de inovação, suscita não só pensar em dados, em informação e em conhecimento, mas trazer outros aspectos pertinentes como: redes colaborativas, gestão da inovação e *crowdsourcing*. Para que a inovação ocorra, é necessário se pensar na formação de uma rede colaborativa que propicie o engajamento de atores, a troca de conhecimentos e experiências. Segundo Alves e Paixão (2017, p. 464) “[...] a ideia é que estas redes ao cruzarem inovação, e aprendizado, ao ambiente de pessoas dispostas a compartilhar conhecimento, efetiva-se então um processo de fusão do conhecimento”.

A gestão da inovação aparece como uma forma de atuar no desenvolvimento, na implementação, no gerenciamento e na avaliação das condições, quer sejam ambientais, quer sejam culturais, de estímulo à inovação, consistindo em um conjunto de atividades, processo e ações que permitem que a inovação seja contínua (Stefanovitz; Nagano, 2009). A gestão da inovação, seja no âmbito das organizações, seja mais amplo, como das cidades, requer a articulação e diálogo constante dos variados atores. Para que uma região se desenvolva de modo mais inteligente e humano, a inovação deve articular ciência, tecnologia e sociedade, respeitando princípios éticos e os direitos humanos, além de valorizar o conhecimento a nível coletivo, da comunidade local e interdisciplinar.

Dessa forma, “[...] as nações mais inovadoras são aquelas em que o cruzamento dos diferentes saberes é incentivado e alimentado por um sistema de inovação em que a interdisciplinaridade é privilegiada” (Reis; Pinheiro; Cardoso, 2017, p. 15).

Em um ecossistema de inovação, é importante atentar-se aos dados, às informações e aos conhecimentos expressos pela população, prerrogativa essa que embasa o conceito de *Crowdsourcing*. De acordo com Chieh Lu, Gracioso e Amaral (2018), esse termo expressa “[...] a ‘fonte da multidão’ – ou seja, *crowdsourcing* designa uma prática que utiliza da inteligência coletiva para gerar inovação (aberta ou social)” (Lu; Gracioso; Amaral, 2018, p. 2910).

Desse modo, há uma maior e mais efetiva participação da sociedade na construção de sua região, possibilitada pelo uso das tecnologias digitais e da valorização do ciclo dado-informação-conhecimento para a tomada de decisão e desenvolvimento tanto municipal, quanto estadual e nacional. Nesse sentido, os lugares são o palco da inovação, sendo que “As cidades são as plataformas para mudanças globais e locais no século XXI. Paisagens urbanas são os espaços de convergência de economias, culturas, sistemas políticos e ecológicos” (Un Habitat, 2016, p. 161, tradução nossa)².

Apesar dos aspectos positivos da inovação e do desenvolvimento tecnológico, seria leviano se não apontássemos as dificuldades e exclusões que estão envoltas neste processo. Inicialmente, parte-se do argumento de Partridge (2004), que indica haver na contemporaneidade um ‘Fosso digital’, ou seja, a desigualdade digital é apenas uma das expressões da desigualdade social. O autor esclarece que o ‘digital divide’, estando a sociedade cada vez mais dividida entre os que estão ‘ricos’ em informações e os ‘pobres’ em informações. Rampazzo e Vasconcellos (2019, p. 29) salientam que “[...] este é o lado fragmentador e desigual da globalização, já que não se dissemina de maneira homogênea e igualitária pelo mundo. As cidades em tempos de globalização são caracterizadas por diversos contrastes sociais”.

² Original: “Cities are the platforms for global and local changes in the 21st century. Urban landscapes are the convergence areas of economies, cultures, political and ecological systems.” (Un Habitat, 2016, p. 161, our translation).

Salienta-se que a sofisticação das tecnologias não são garantias de geração de conhecimento, por isso a tecnologia deve ser vista como um meio e não como um fim, como uma possibilidade de maior inclusão e de democratização.

A inovação ainda não está em um momento ideal de inclusão e equidade, uma vez que esse processo pode vir a ser colonial, influenciado por vezes a preceitos neoliberais. Embasado nesse argumento, apresentamos as ideias de Jimenez e Roberts (2019), que sinalizam para uma outra inovação, pautada no conceito andino *Buen Vivir* (Viver bem), uma alternativa de inovação pautada na solidariedade e comunidade. Tendo em vista que as realidades e culturas são variadas e distintas no mundo, defende-se neste artigo que o processo de inovação igualmente variado e diverso, uma vez que, segundo Jimenez e Roberts (2019), modelos de inovação do Norte Global acabam sendo frequentemente reproduzidos acriticamente no Sul Global, silenciando, involuntariamente, os saberes locais e valores culturais.

Considerando que a inovação, bem como a maior parte dos processos, não é neutra, pode acabar sendo utilizada para a manutenção de hierarquias e grupos de poder, como apontam Jimenez e Roberts (2019) indicando que estudos em Ciência e Tecnologia demonstram que tal processo reflete valores políticos e ideológicos dominantes, individualistas e neoliberais. Desse modo, apresentam que

[...] seguindo o paradigma *Buen Vivir*, a inovação assume uma forma coletiva que apoiaria o respeito mútuo um pelo outro e pelo mundo natural. Processos coletivos seriam valorizados e a inovação estaria efetivamente beneficiando os bens comuns, em vez dos indivíduos. (Jimenez; Roberts, 2019, p. 187, tradução nossa)³.

³ Original: “[...] following the *Buen Vivir* paradigm, innovation takes a collective form that supports mutual respect for each other and the natural world. Collective processes would be valued and innovation would be effectively benefiting common goods, instead of individuals.” (Jimenez; Roberts, 2019, p. 187).

Ademais, deixam o questionamento: “[...] em um mundo cada vez mais desigual, com enormes riscos ambientais e ecológicos, uma ‘Outra inovação é possível?’” (Jimenez; Roberts, 2019, p. 187, tradução nossa)⁴. Frente ao exposto, é válido defender que uma outra inovação é possível e, considerando os propósitos do presente estudo, isto se daria principalmente com o auxílio de unidades culturais, especialmente arquivos e Arquivos Comunitários.

ARQUIVOS COMUNITÁRIOS COMO AGENTES DE INOVAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO SOLIDÁRIAS

Segundo Caldas (2008), unidades culturais são espaços de produção, organização e disseminação da informação e do conhecimento, atuando diretamente na economia, na política e na cultura do local onde está inserida, sendo que “[...] as unidades culturais (UCs) alcançam uma grande repercussão nas suas localidades e fazem do conhecimento o diferencial para o crescimento da esfera cultural nas suas comunidades” (Caldas, 2008, p. 59). Dentre as várias unidades culturais, neste artigo, destacou-se o arquivo como um agente de desenvolvimento científico, tecnológico e cultural, atuante na minimização dos efeitos negativos das desigualdades, justamente por proporcionarem o acesso à ‘informação rica’ em contrapartida à ‘informação pobre’ (Partridge, 2004). São equipamentos de informação-poder, importantes para a salvaguarda da memória, para a transparência da gestão pública, para o fortalecimento da cidadania, estratégicos para o processo de inovação e principalmente são ferramentas de inclusão social e incorporação de várias vozes no registro da história da humanidade.

Atualmente, os arquivos apresentam algumas tipologias: públicos ou privados, pertencentes a uma organização, pessoa ou família, municipais, estaduais ou federais, e ainda podem ser comunitários.

Neste artigo, cabe especial interesse aos arquivos públicos, por contemplarem os documentos com informações sobre a memória coletiva e sobre a gestão pública, e os Arquivos Comunitários, por englobarem e representarem as vozes de diversos grupos sociais. Bellotto (2004) apresenta que os arquivos, além de zelarem pelo patrimônio documental, proporcionam que os documentos arquivísticos sejam usados com fins científicos, sociais e culturais. Caldas (2011, p. 57) reforça esse argumento ao indicar que “[...] os arquivos redimensionam seus espaços estruturais em condicionantes paralelos do ambiente político, econômico e social das comunidades e traduzem a sociedade e sua esfera orgânica de atuação informacional”. Oliveira (2019) indica que os arquivos públicos são relevantes no planejamento e gestão das cidades, atribuindo a estas maior inteligência, uma vez que possibilitam o acesso e uso da informação.

Não obstante ao propósito do arquivo de salvaguardar a memória e disseminar a informação, com a finalidade de ouvir e registrar diferentes vozes e com o objetivo de reparação histórica, os Arquivos Comunitários transversalizam diversos aspectos: comunidade, valor do local, identidade, práticas independentes, autonomia, valorização da memória de diferentes grupos sociais, justiça social, documentar para salvaguardar, decolonialidade, poder e política, movimentos sociais, entre outros.

No Arquivo Comunitário, a comunidade é quem controla a narrativa, uma vez que as ações de registrar, organizar e disseminar a informação são realizadas coletivamente. Tal comportamento se mostra como uma atividade de salvaguarda da memória e do patrimônio cultural, além de garantir a representatividade do grupo social, sendo relevante o “[...] ativismo arquivístico, que vê a produção de história como uma prática participativa, uma forma de atividade cultural e política” (Gilliland; Flinn, 2013, p. 9, tradução nossa)⁵.

⁴ Original: “[...] in an increasingly unequal world, with enormous environmental and ecological risks, is ‘Another innovation possible?’” (Jimenez; Roberts, 2019, p. 187).

⁵ Original: “[...] archival activism, which sees the production of history as a participatory practice, a form of cultural and political activity” (Gilliland; Flinn, 2013, p. 9).

Não obstante, nesta pesquisa, defende-se que os arquivos e a salvaguarda da memória devem refletir o povo como um todo e em todas as suas formas, consubstanciando o que DeMarco (2016) defende ao expressar que os arquivos devem ser refletidos para o povo e pelo povo. Dessa forma, a participação cidadã é essencial, em parceria com arquivistas para a salvaguarda das memórias dos grupos sociais, fortalecendo-os, sendo que, conforme aponta Poole (2020, p. 668, tradução nossa)⁶ “[...] o trabalho de informação dos arquivos comunitários afirma a natureza politizada do lugar e do espaço”.

Acompanhando um movimento global de fortalecimento da memória de grupos historicamente *periferizados*, como mulheres, negras e negros, indígenas, a comunidade LGBTQIA+, entre outros, há no Brasil iniciativas de arquivamento comunitário, que podem ser observadas, dentre tantos espaços, na literatura em Ciência da Informação, por exemplo, em estudos situados nos Grupos de Trabalho (GT) 9 ‘Museu, Patrimônio e Informação’ e 10 ‘Informação e Memória’, do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Enancib, *online*). No bojo desses GT, são indicadas experiências salutares de Arquivos Comunitários, abordando a resistência, decolonialidade, inclusão e democratização da informação.

Em suma, os arquivos são potenciais equipamentos de inovação e vão além, por serem unidades culturais podem garantir que a inovação seja decolonial, que as histórias e memórias, ao serem registradas, sejam respeitadas e protegidas. São capazes de articular atores, temáticas e objetivos diversos, fomentando a criatividade e a solidariedade. Arquivos Comunitários, democráticos e vivos são o caminho para uma sociedade mais pacífica, sendo os elementos necessários para se alcançar a Globalização Solidária.

OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL COMO O NORTE

Considerando que os arquivos são unidades culturais imprescindíveis para a inteligência das sociedades e instrumentos de cidadania, memória e informação, configuram equipamentos estratégicos de inovação com viés comunitário, inclusivo e decolonial. Para assumir esse papel no âmbito do Meio Técnico-Científico-Informacional, visando o cenário de Globalização Solidária, em que a inovação seja democrática e decolonializada, é necessário que se embase em valores, ideias, diretrizes e políticas que podem ajudar a reger as suas ações, como a Agenda 2030, com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS).

A Agenda 2030 foi criada em 2015 e configura-se como um plano de ação da Organização das Nações Unidas (ONU) para a concretização dos ODS nos 15 anos subsequentes. São ao todo 17 objetivos acrescidos de 169 metas, englobando diferentes áreas de atuação de modo equilibrado e integrado, como econômica, social e ambiental (ONU, [201-]). A Figura 2 ilustra os ODS:

⁶ Original: “[...] the informational work carried out by community archives affirms the politicized nature of place and space” (Poole, 2020, p. 668).

Figura 2 – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável



Fonte: ONU, [201-].

Destaca-se, nessa conjuntura, segundo Vitoriano (2021), o objetivo 4) Educação de Qualidade, que pode incorporar o arquivo colocando-o como instrumento educativo em instâncias formais e não formais; o objetivo 9) Indústria, Inovação e Infraestrutura, em que podemos pensar que o arquivo é um agente de inovação, sendo “[...] impossível falar de desenvolvimento sem falar em dados, informação e conhecimento, especialmente na inovação” (Vitoriano, 2021, p. 353); o objetivo 10) Redução das desigualdades, que coloca essa instituição de informação como pilar para o acesso à informação de qualidade e confiável; o objetivo 12) Consumo e Produção Responsáveis, espaço este que o arquivo se reforça por sua capacidade de informação e memória, auxiliando na melhoria de serviços e produtos (Vitoriano, 2021). Ademais, segundo a autora, relaciona-se ao objetivo 11) Cidades e Comunidades Sustentáveis e o Objetivo 16) Paz, Justiça e Instituições Eficazes, em que se pode destacar o arquivo como agente na ampliação da recuperação e acesso democrático à informação e para a promoção da paz, por isso a necessidade de fortalecimento dessas unidades.

Ao colocar o arquivo em pertinência com os ODS, destaca-se a relevância destes para o desenvolvimento humano e sustentável da sociedade, como também uma “[...] nova abordagem dos arquivos, enquanto instituição de preservação e acesso à informação, numa perspectiva de atuação integrada aos diversos temas da sociedade” (Vitoriano, 2021, p. 353). Com isso, podemos inferir que Arquivos e Arquivos Comunitários fortalecidos, embasados em políticas públicas, inspirados em atender os ODS e Agenda 2030, por exemplo, podem se tornar agentes de construção e reconstrução da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visualiza-se que ideias e práticas inovadoras, que igualmente respeitam a memória e história de um povo, são potencialmente positivas para a melhoria da qualidade de vida da população. Uma vez que a informação se mostra como a base para que o processo de inovação ocorra, o Arquivo Comunitário enquanto equipamento de informação-poder é agente imprescindível para a garantia de princípios de representatividade dos diversos grupos sociais, de salvaguarda da memória e de cidadania.

Admitindo que o arquivo é uma unidade cultural essencial para o processo de inovação, pois não existe inovação sem informação e memória, acredita-se que a presença de arquivos nas comunidades, cidades, estados e países são imprescindíveis para o desenvolvimento socialmente sustentável. Essa presença deve ser garantida por meio de um esforço de diversos atores sociais, por exemplo, governos, sociedade civil e iniciativa privada, utilizando de ferramentas como leis, políticas públicas, práticas cidadãs, arquivamento comunitário, e diretrizes internacionais como os ODS, que devem sempre respeitar as necessidades e saberes locais.

Trabalhar de modo transversal com os diferentes conceitos que foram trazidos neste estudo se mostrou como uma tentativa de alcançar um cenário de instituições fortes, capazes de agirem e garantirem que a inovação seja constante e, para além disso, seja social, democrática e decolonial, para que possamos viver de fato o cenário de Globalização Solidária. Se ansiamos um mundo que tem como pilar a solidariedade, em que o ciclo dado-informação-conhecimento seja para fortalecer a cidadania e não para reforçar grupos de poder, é necessário se pensar em uma maior cooperação dos atores sociais, com uma postura amistosa e decolonial.

A Ciência da Informação, em sua qualidade interdisciplinar, pode funcionar como um vetor, uma força que una e possibilite cooperar os diversos atores sociais no sentido de garantir a informação para transformação, a informação para inovação, a informação para a decolonialidade. O resultado será um Meio Técnico-Científico-Informacional em consonância com uma Globalização Solidária, um mundo em que informação não desinforme, em que a ciência não seja desacreditada por pós-verdades, que algoritmos não reproduzam preconceitos humanos, que a tecnologia não exclua, mas inclua, que haja a promoção da paz, a redução da pobreza e da desigualdade social, que haja mais equidade e respeito.

Considerando que os Arquivos Comunitários são ferramentas de informação-transformação, que com os ODS podem ser potencializados enquanto instituições de promoção da paz, precisam de uma base acadêmico-científica para o seu desenvolvimento. Pensando nesse fator, reitera-se que os estudos oriundos da Ciência da Informação e da Arquivologia são a força necessária para a concretização do arquivo como instrumento de Globalização Solidária e de inovação decolonial no Meio Técnico-Científico-Informacional. Este artigo se faz no escopo da Ciência da Informação e abarca a contribuição de um rol de campos do saber, discutindo de modo inter, multi e transdisciplinar a temática de pesquisa, colocando como pontos de aproximação entre as áreas: informação, inovação e arquivo. A proximidade com a Arquivologia é evidente, por isso se teve a preocupação de adentrar no universo arquivístico a fim de compreender o papel do Arquivo Comunitário na atualidade.

Assim, não seria plausível tentar interpretar e compreender a sociedade atual sem se debruçar sobre o papel do ciclo dado-informação-conhecimento, sobre o processo de inovação e seus limites e sobre a importância dos Arquivos Comunitários enquanto unidades culturais promotoras da paz. Se o espaço é caracterizado por ser um Meio Técnico-Científico-Informacional e a sociedade vive um cenário de capitalismo feroz, neoliberalismo e Globalização Perversa, quais seriam os atores capazes de reversão? Compete a nós, seres humanos, desvencilhamo-nos da postura narcisista e antropocêntrica e nos assumirmos enquanto outros atores em um espaço que engloba todos os seres vivos, atitude esta que irá reforçar um maior cuidado e harmonia com a natureza. Além disso, cabe a nós restituir os valores de solidariedade e coletividade, transformando nosso meio com base em informação de qualidade, respeito à diversidade cultural e com uma inovação decolonial.

Unidades culturais, em especial os Arquivos Comunitários, são uma alternativa virtuosa para o alcance de um cenário de Globalização Solidária, de cidades inteligentes e humanas, de Inovação *Buen Vivir* e seria positivo se fossem valorizados como agentes potencializadores do bem-estar coletivo e da paz, uma vez que são instituições de informação e esta é assumida como catalisadora do desenvolvimento econômico, cultural e social. O equipamento Arquivo Comunitário pode ajudar na minimização dos efeitos negativos da Globalização Perversa e na democratização da informação, na salvaguarda da memória de diversos povos e para o processo de inovação decolonial.

Partir de premissas que podem soar utópicas, como a Globalização Solidária, podem nos inspirar a buscarmos a concretização de um espaço ideal em que desenvolvimento e inovação estejam em consonância com a ética e a humanidade. O respeito à diversidade dos locais e das identidades culturais em um mundo globalizado pode ser o primeiro passo para a transformação da utopia em realidade. Para finalizar, reitera-se a imprescindibilidade de um pensamento e atitude inter, multi e transdisciplinar, baseado em cooperação e solidariedade, buscando uma sociedade de união e equidade, cujos resultados observaremos ao longo do tempo, nas vozes plurais de nossas crianças.

A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora. Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância. O eco da vida-liberdade (Evaristo, 2017, p. 24-25).

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. *O perigo de uma história única*. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALVES, M.; PAIXÃO, A. Modelos de gestão do conhecimento em redes de inovação colaborativa. In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON TECHNOLOGICAL INNOVATION, 8., 2017, Aracaju. *Anais [...]*. Aracaju, 2017. p. 461-469. Disponível em: <http://www.api.org.br/conferences/index.php/ISTI2017/ISTI2017/paper/viewFile/233/184>. Acesso em: 12 maio 2020.
- AUDY, J. A inovação, o desenvolvimento e o papel da Universidade. *Estudos Avançados*, [s. l.], v. 31, n. 90, p. 75-87, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142017000200075&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 4 abr. 2020.
- BELLOTTO, H. L. *Arquivos permanentes*: tratamento documental. Rio de Janeiro: FGV editora, 2004.
- BURKE, P. *O que é a história do conhecimento?* Tradução: Claudia Freire. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- CALDAS, R. F. *Unidades Culturais em Cidades Inteligentes*: proposta de modelo de práticas organizacionais baseado em casos europeus. Orientador: João Álvaro Brandão Soares de Carvalho. 2008. 400 f. Tese (Doutorado na Área Tecnologia e Sistemas de Informação) - Universidade do Minho, Portugal, 2008. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8858>. Acesso em: 24 out. 2019.
- CALDAS, R. F. Bibliotecas, arquivos e museus como centros de referência na dimensão cultural das comunidades. *Informação e Sociedade*: Estudos, João Pessoa, v. 21, n. 3, p. 57-69, set./dez. 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/72651>. Acesso em: 24 out. 2019.
- DEMARCO, C. Community and Cultural Chronicles: Archives Reflected for the People by the People. *The iJournal*: Graduate Student Journal of the Faculty of Information, [s. l.], v. 1, n. 1, 2016.
- DIAZ, P. Critical archives for decolonial literacies: Cultural trauma, biography art and neo-documentalism. *The International Review of Information Ethics*, Edmonton, Canada, v. 30, n. 1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.29173/iriet390>.
- ENANCIB. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. *Coordenações e Ementas de GT*. Online. Disponível em: <https://ancib.org/coordenacoes-e-ementas-de-gt/>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- EVARISTO, C. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- FREIRE, I. M. Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local. *Ciência da informação*, Brasília, v. 35, n. 2, p. 58-67, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ci/v35n2/a07v35n2.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2021.

FREITAS, M. C.; SILVA, C. G. O novo e o atual na Arquivística internacional: a desmaterialização, a interoperabilidade, a organização e o uso da informação em evidência (2011-2016). In: ENCONTRO NACIONAL DE ARQUIVOS MUNICIPAIS, 12., 2016, Castelo Branco. *Anais* [...]. Castelo Branco. 2016. Disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/36480/1/Art_01_BAD_2016.pdf. Acesso em: 15 dez. 2020.

GILLILAND, A.; FLINN, A. Community archives: What are we really talking about? In: CIRN PRATO COMMUNITY INFORMATICS CONFERENCE, 2013, Prato, Itália. *Anais* [...]. Prato, Itália, 2013. Disponível em: https://www.monash.edu/__data/assets/pdf_file/0007/920626/gilliland_flinn_keynote.pdf. Acesso em: 15 dez. 2020.

GONZALÉZ DE GÓMEZ, M. N. Regime de informação: construção de um conceito. *Informação e Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 43-60, set./dez. 2012. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2015/12/pdf_3c42553162_0000011948.pdf. Acesso em: 30 nov. 2020

JIMENEZ, A.; ROBERTS, T. Decolonising Neo-Liberal Innovation: Using the Andean Philosophy of 'Buen Vivir' to Reimagine Innovation Hubs. *International Conference on Social Implications of Computers in Developing Countries*, Springer, Cham, v. 552, apr. 2019.

LU, Y. C.; GRACIOSO, L. S.; AMARAL, R. M. Crowdsourcing como recurso de produção do conhecimento e da inovação: uma análise sobre seu uso potencial em bibliotecas universitárias. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. *Anais* [...]. Londrina: UEL, 2018. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/view/1102/1598. Acesso em: 12 maio 2020.

OLIVEIRA, T. A. *Arquivos públicos como centros informacionais no contexto de cidades inteligentes ibero-americanas*. 228 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Marília, São Paulo. 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/182298>. Acesso em: 30 nov. 2019.

ONU. A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. *Plataforma Agenda 2030*. [201-]. Disponível em: <http://www.agenda2030.org/sobre/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

PARTRIDGE, H. L. Developing a human perspective to the digital divide in the smart city. 2004. In: AUSTRALIAN LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION BIENNIAL CONFERENCE, 2004, Queensland Australia. *Proceedings* [...]. Brisbane, Australia, 2004.

POOLE, A. H. The information work of community archives: a systematic literature review. *Journal of Documentation*, [s. l.], v. 76, n. 3, p. 657-687, 2020. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JD-07-2019-0140/full/html>. Acesso em: 15 dez. 2020

RAMPAZZO, R. F. P.; VASCONCELOS, F. N. Cidades inteligentes e (quase) humanas. *Revista Políticas Públicas e Cidades*, Belo Horizonte, v. 8, n. 4, p. 27-39, 2019. Disponível em: <https://rppc.emnuvens.com.br/RPPC/article/view/359>. Acesso em: 12 maio 2020.

REIS, R. C.; PINHEIRO, M. M. K.; CARDOSO, A. M. P. Inovação na economia do conhecimento: uma perspectiva interdisciplinar. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. *Anais* [...]. Marília: UNESP, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/104566>. Acesso em: 22 jun. 2020

SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 30 ed. São Paulo: Record Editora, 2000.

SANTOS, M. *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo: PubliFolha, 2002.

STEFANOVITZ, J.; NAGANO, M. S. Gestão da inovação: proposta de síntese conceitual. In: ENCONTRO DA ANPAD, 33., 2009, São Paulo. *Anais* [...]. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/GCT643.pdf>. Acesso em: 12 maio 2020.

UN HABITAT. *World cities report 2016 Urbanization and Development: emerging futures*. 2016. Disponível em: <https://wcr.unhabitat.org/wpcontent/uploads/sites/16/2016/05/WCR-%20Full-Report-2016.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2020.

VITORIANO, M. C. C. P. Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e Políticas Arquivísticas: o papel dos arquivos municipais na Agenda 2030. *RICI: Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, v. 14, n. 1, p. 349-361, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/153366>. Acesso em: 20 mar. 2021.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Bibliografia na era digital: desafios para assegurar a democratização do acesso à informação

Marcelo dos Santos

Doutor em Engenharia Elétrica – Sistemas Eletrônicos, Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (EP/USP), São Paulo, SP, Brasil.

Professor Doutor, Departamento de Informação e Cultura da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (CBD-ECA/USP), São Paulo, SP, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5722744510274635>

E-mail: mar.santos@usp.br

Submetido em: 19/08/2022. Aprovado em: 03/01/2023. Publicado em: 22/09/2023.

RESUMO

Introdução: A Bibliografia tem função de mediação, a qual é de extrema importância para assegurar acesso, apropriação e uso da informação. Contudo, mesmo nos dias atuais, marcados pelo intenso uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs), a democratização do acesso à informação ainda encontra barreiras em termos de acessibilidade (física e cognitiva) e usabilidade dos produtos ou sistemas de informação. **Objetivos:** Com atenção aos princípios da Bibliografia, pretendeu-se refletir sobre os desafios presentes no trabalho bibliográfico para promover a democratização do acesso à informação em ambientes digitais modernos. **Metodologia:** Trata-se de pesquisa de natureza exploratória, baseada em levantamentos bibliográficos, análise dos achados presentes nestes levantamentos e elaboração de uma breve sistematização. **Resultados:** Tomando como objeto empírico a inclusão social, vista como um passo em direção à concretização da justiça social, dois desafios se destacaram. O primeiro se relaciona com a compreensão da área e contornos do objeto empírico do trabalho bibliográfico. E o segundo consiste na identificação do potencial usuário, suas demandas informacionais e os contextos em que estas demandas surgem, de modo a prover acessibilidade e usabilidade, na tríade usuário-conteúdo-contexto, apoiando-se nas facilidades que o ambiente digital oferece. **Conclusões:** Os princípios da Bibliografia constituem pilares importantes, para a democratização do acesso à informação. Todavia, frente ao amplo uso das TICs, os mesmos princípios que orientam o trabalho bibliográfico precisam ser repensados, à luz dos potenciais usuários dos produtos e serviços de informação, suas necessidades e respectivos contextos de uso. Ao mesmo tempo, no âmbito das TICs, entende-se que tais produtos e serviços devem ser concebidos como parte de uma rede integrada a outros serviços/produtos de informação.

Palavras-chave: bibliografia; usuário da Informação; acessibilidade informacional; era digital.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea tem se beneficiado de diversas evoluções tecnológicas advindas de variados desenvolvimentos científicos, dentre os quais estão as tecnologias de informação e comunicação (TICs). Nesse sentido, observa-se que tais desenvolvimentos têm propiciado avanços em diferentes áreas. Além disso, os mesmos desenvolvimentos têm transformado o cotidiano das pessoas, inclusive no que se refere às relações sociais. Em parte, isto se deve ao amplo uso de equipamentos digitais, os quais também têm favorecido aumentos em termos de volume, velocidade e variedade com que informações – e, consequentemente, conhecimentos – são produzidas e compartilhadas diariamente nos diferentes espaços sociais.

Uma das potenciais aplicações da informação é no desenvolvimento intelectual das pessoas. Esta mesma aplicação também permite qualificar a informação como instrumento que auxilia e viabiliza práticas de inclusão, por exemplo, aquelas desenvolvidas com o intuito de assegurar a justiça social. Com isto, nota-se que, dentre outros aspectos, a informação

[...] possibilita ao cidadão a ampliação do conhecimento, produção de conteúdo, identidade cultural e organização de ideias que inevitavelmente resultam em profundas mudanças na forma de pensar, estudar, trabalhar e se comunicar. Todo cidadão é merecedor de um nível de participação e apropriação do sentido da informação, dentro de uma linha de ação individual ou coletiva, que o torne mais informado na sociedade na qual está inserido (Targino; Torres; Alves, 2012, p. 35).

Observa-se, portanto, que a democratização do acesso à informação é algo extremamente valioso e necessário, sobretudo nos dias atuais. Nesse sentido, considerando uma das perspectivas da Bibliografia, a qual a relaciona com atividades inerentes ao “[...] tratamento documental [...] do ponto de vista de sua descrição, classificação, circulação e mediação” (Araújo, 2015, p. 119), no presente estudo, como objetivo, pretendeu-se refletir sobre os desafios inerentes ao trabalho bibliográfico, com vistas a promover a democratização do acesso à informação em ambientes digitais modernos.

Para tanto, partiu-se do pressuposto que os princípios da Bibliografia podem ser (re)visitados e (re)pensados à luz das características dos atuais ambientes digitais de informação, considerando o acesso e uso da informação pelo grande público (especialmente, o “cidadão comum”) em atividades do cotidiano. Isto, em certa medida, se deve ao fato de que a produção, organização, distribuição e consumo de informação nestes ambientes possuem dinâmicas próprias, uma vez que os contextos de uso e usuários¹ são diversificados. Portanto, é algo que sugere considerar múltiplas variáveis – culturais, econômicas e cognitivas, por exemplo.

Dentre os aspectos iniciais que nortearam o desenvolvimento deste estudo, estão: (1) a função mediadora da Bibliografia, nas visões de Araújo (2015) e Lara (2018); e (2) as observações de Alentejo (2015) e Lara (2018) quanto às práticas do trabalho bibliográfico na atualidade, frente às facilidades oferecidas pelas TICs.

Quanto ao primeiro aspecto, Lara (2018) explicitou que:

[a] bibliografia seria, primeiramente, um instrumento ou veículo de informação que desempenha uma função positiva ou negativa, conforme a intenção de fazer circular ou restringir o uso dos livros (a mediação positiva ou a mediação negativa). (Lara, 2018, p. 132).

Adicionalmente, no segundo aspecto, observa-se que a informação disponibilizada em ambientes digitais é algo que ainda precisa ser melhor investigado, considerando as dinâmicas envolvidas nos processos de produção, intermediação e uso desta informação. Pois, de uma forma geral,

[a] World Wide Web ou WWW ou Web tem se apresentado como espaço a ser explorado considerando a atratividade entre as dimensões subjetiva e social de informação, sobretudo no tocante às novas formas de interação e intervenção proporcionadas por esse ambiente digital e em rede (Rabello, 2017, p. 104).

¹ Neste estudo, optou-se por utilizar o termo “usuário da informação” (ou simplesmente “usuário”) para manter compatibilidade com a terminologia presente na maior parte da literatura utilizada.

Portanto, conjectura-se que boa parte dos princípios utilizados no trabalho bibliográfico podem contribuir para superar desafios inerentes à democratização do acesso à informação em ambientes digitais, uma vez que a

Web se apresenta como um espaço virtual que permite distintas formas de inter-relação de conteúdos, de fluxos de informação, em canais ou fontes de informações em justaposição mediante interconectividade hipertextual (Rabello, 2017, p. 104).

Se, por um lado, apesar do amplo uso das TICs no cotidiano, observa-se restrições quanto ao acesso e uso destas, por outro, identifica-se oportunidades para que tais tecnologias sejam mais utilizadas em atividades de mapeamento e representação de saberes e conhecimento, promovendo a integração e a interoperação de fontes de informação em áreas sensíveis, como é o caso da justiça social.

METODOLOGIA

O presente estudo é caracterizado como pesquisa qualitativa (Minayo, 2002), de natureza exploratória (Dencker; Viá, 2001), baseada em levantamentos bibliográficos, com análise dos achados presentes nestes levantamentos e elaboração de uma breve sistematização dos desafios ora identificados.

Em termos de documentos consultados e estudados, foram utilizados livros, publicações em periódicos especializados, legislação, normas técnicas, manuais e anais de eventos científicos para, primeiramente, familiarizar-se com o objeto teórico do estudo (Bibliografia), bem como com os conceitos associados aos ambientes informacionais digitais contemporâneos. Dessa forma, o processo de busca e seleção da literatura consultada e estudada foi subsidiado por descritores (em português e equivalentes em inglês e espanhol) como: Bibliografia, acessibilidade informacional, usuário da informação, justiça social, inclusão social, democratização do acesso à informação, evolução da Web, bibliotecas digitais e ambientes digitais de informação.

As buscas foram realizadas por meio de ferramentas como portal de Periódicos CAPES, Scopus, Base de Dados de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), portal Scielo, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo e Web of Science, dentre outras. Por adotar conceitos amplamente utilizados em Biblioteconomia e Ciência da Informação, não foi utilizado um recorte temporal nestes levantamentos, privilegiando trabalhos de pesquisadores nacionais, incluindo obras de referência nas temáticas que permeiam este estudo.

Quanto à estrutura e organização do presente estudo, as reflexões aqui desenvolvidas partiram de uma visão geral do trabalho bibliográfico; seguiram com as características da World Wide Web (WWW), relacionando as evoluções desta com as das bibliotecas; passaram pelos conceitos de usuário da informação, acessibilidade e usabilidade, para enquadrar os desafios da democratização do acesso em relação ao potencial usuário dos produtos e serviços de informação; e, por fim, foram apresentadas algumas considerações sobre estes desafios, tomando com objeto empírico a inclusão social, vista como uma das etapas para subsidiar práticas de justiça social.

UMA VISÃO GERAL DO TRABALHO BIBLIOGRÁFICO

Embora muito importante para se compreender as características e origem dos fundamentos científicos que norteiam o trabalho bibliográfico, não se pretendeu, neste estudo, apresentar um histórico da Bibliografia. Trabalhos como os de Balsamo (1998), Alentejo (2015), Araújo (2015), Ortega e Carvalho (2017) e Lara (2018), dentre outros, apresentam importantes registros acerca da história e evolução da Bibliografia, qualificando-a como uma ciência, a qual não se limita à oferta de um produto.

A figura 1 – apresentada por Alentejo (2015), com base em trabalhos de Walter W. Greg, Theodore D. N. Besterman, Louise N. Malclès, Laura M. de Figueiredo e Lélia G. C. da Cunha – expõe alguns dos cenários (na forma de linha do tempo) em que o trabalho bibliográfico evoluiu, indicando os tipos de bibliografias e as épocas. Evidencia-se, neste caso, que o trabalho bibliográfico pode ser adaptado aos contextos sociais e tecnologias próprios de cada época.

Em termos de produtos ou sistemas/serviços oriundos do trabalho bibliográfico, Ortega e Carvalho (2017) elencaram:

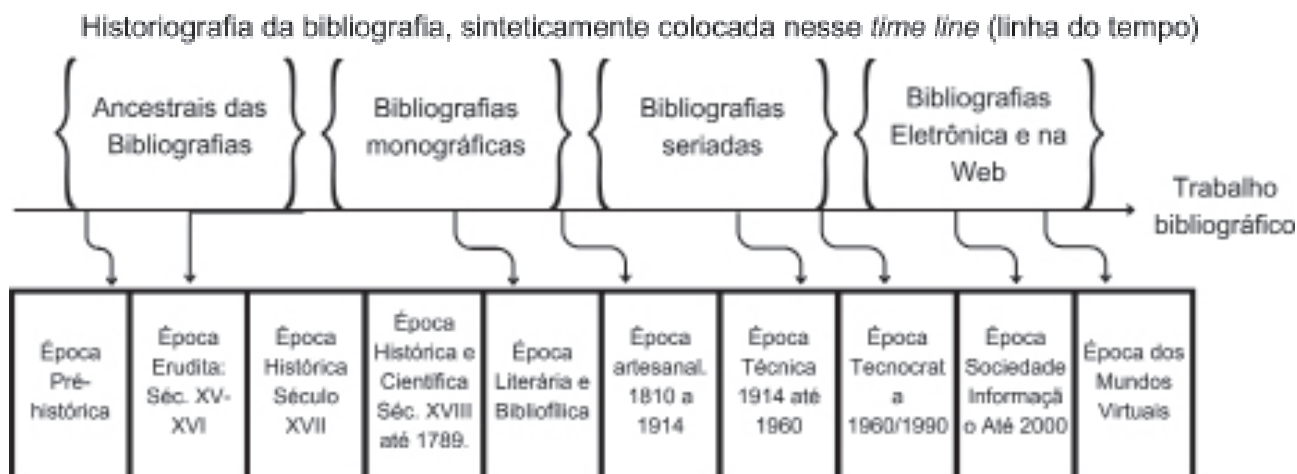
[...] bibliografias nacionais; bases de dados especializadas; bases de dados cadastrais (eventos, especialistas, outros); catálogos comerciais (de livrarias, por ex.); sistemas de informação ao cidadão; bases de dados bibliométricas; sistemas de produção de revistas eletrônicas; e portais de informação da Internet. (Ortega; Carvalho, 2017, p. 38).

Tais produtos ou sistemas/serviços têm como insumo a informação contida em documentos que passaram por seleção, organização, armazenamento e disponibilização, usualmente, com base no potencial usuário e com o intuito de suprir necessidades informacionais deste.

Apesar de oferecer variadas contribuições ao tratamento documental, amparada em fundamentos teóricos e metodológicos, observa-se que “Bibliografia é um termo polissêmico utilizado para nomear um produto, uma atividade, um campo disciplinar” (Lara, 2018, p. 128). Isto ratifica a dificuldade de se estabelecer consensos acerca deste termo, conforme apresentou Araújo (2015) e, nesta linha, o mesmo autor (Araújo, 2015) destacou duas interfaces (ou esferas): (1) a bibliotecária e (2) a material. Sendo que a primeira tem enfoque nos processos documentários (produção, seleção, organização, acesso e mediação) e a segunda privilegia a materialidade (física) do documento (tradicionalmente, remetendo ao livro).

Figura 1 – *Timeline* da evolução da Bibliografia

Historiografia da Bibliografia



Fonte: Alentejo (2015, p. 44).

Ainda sobre a caracterização da Bibliografia, Lara (2018), com base em um trabalho de Luigi Balsamo, destacou a dimensão cultural da Bibliografia, a qual é desenvolvida em atividades de difusão da cultura. Isto ocorre porque listas, bibliografias e repertórios também são vistos como instrumentos de mediação (Araújo, 2015; Lara, 2018), uma vez que os mesmos viabilizam transmissão cultural e documental, dentre outras possibilidades. Adicionalmente, observa-se que tais instrumentos são usualmente caracterizados por manter um “índice”, o qual registra e identifica os diversos trabalhos. Logo, são instrumentos que divulgam o que se conhece e existe sobre determinado assunto, em dada época, e possibilitam acesso aos trabalhos selecionados.

Nesse sentido, também, se visualiza nos mesmos instrumentos as funções de memória e de difusão cultural. Algo que os tornam produtos/sistemas/serviços de interesse público. Assim, para melhor aproveitamento destes instrumentos em ambientes digitais, bem como integração e interoperação destes com outros serviços, um dos desafios contemporâneos é o de viabilizar a utilização destes por públicos distintos e em contextos variados, ao mesmo tempo em que se respeita, dentre outros aspectos, duas das máximas de Ranganathan, lembradas por Lara (2018): (1) “todo leitor tem seu livro” (Lara, 2018, p. 146) e (2) “todo livro tem seu leitor” (Lara, 2018, p. 146).

A este respeito, Lara (2018) explicitou a necessidade de se “estabelecer a relação documentos-públicos, o que demanda identificar elos de significação por meio dos quais as trocas entre emissão e recepção possam acontecer com mais acuidade” (Lara, 2018, p. 146). Trata-se de algo que as TICs e as versões mais recentes da Web (por exemplo, a Web 4.0) podem auxiliar, com base em elementos associados à identidade do usuário, contexto de uso, ubiquidade e conectividade dos sistemas/serviços de informação, para minimizar os impactos de que “nem tudo o que existe em coleções (e/ou acervos) serve para todos(as)”.

Para tanto, uma conjectura é a de que, quando personalizado em função de usuário e contexto, os atendimentos às demandas das comunidades servidas por este produto ou serviço/sistema podem ser ampliados. O que, em certa medida, exige considerar os atributos de forma, conteúdo, acessibilidade e usabilidade dos produtos ou sistemas/serviços de informação oriundos do trabalho bibliográfico.

Considerando o trabalho bibliográfico “[...] aquele que se ocupa de referenciar o conhecimento produzido por meio de sistemas, serviços e demais ações que possibilitem o uso qualificado da informação” (Ortega; Carvalho, 2017, p. 43), frente à ampla utilização das TICs em práticas de produção, transmissão e consumo de informação, também vislumbra-se contribuições da Bibliografia na implementação de produtos/sistemas/serviços de informação em ambientes digitais e destinados ao cidadão comum (por exemplo, os serviços governamentais).

Logo, especificamente em atividades de inclusão social, observa-se que, idealmente, se faz necessário ter à disposição informações diversificadas e completas. Pois, na visão de Relinda Kohler, “[u]ma bibliografia nacional geral pobre dá idéia de uma produção intelectual também pobre, já que aquela reflete o estado da cultura do povo que representa” (Kohler, 1977, p. 188).

E, no caso da inclusão social, a falta de acesso a conteúdos informacionais, em decorrência de um trabalho bibliográfico “inadequado” ou “incompleto”, constitui uma barreira para se materializar a referida inclusão, com vistas a concretizar práticas de justiça social.

A WORLD WIDE WEB E BIBLIOTECAS NOS DIAS ATUAIS

Trazendo a questão do acesso à informação para os dias atuais, na linha da conectividade e trabalho em redes, Alentejo (2015) apontou a necessidade de as inscrições presentes em um instrumento local (por exemplo, o catálogo de biblioteca) servirem como nós de uma teia de conectividade de diversos ambientes (Amazon, WorldCat, Google, PubMed etc) com os acervos de bibliotecas, por exemplo. Pois,

[...] no ambiente da informação em rede, o controle bibliográfico não pode continuar a ser visto como sendo limitado a catálogos de bibliotecas ou aos serviços de resumos e índices. Isso sugere que no contexto do trabalho bibliográfico, os serviços e produtos bibliográficos passaram a abarcar temas que são de interesse ao campo da Bibliografia, tais como: sistemas de informação federados; busca federada; sistema de coleta de metadados [...] e inteligência coletiva [...], preservação digital [...] e arquitetura da informação [...] (Alentejo, 2015, p. 30).

Contemporaneamente, observa-se um estreitamento de laços do humano com o digital, o qual é amparado na natureza onipresente da Internet. Em parte, isto oferece a sensação de “sempre conectado” (*always-on*) e tem promovido mudanças nas formas de acesso, uso, interação e compartilhamento de informações. Inclusive, esta sensação tem induzido à pouca diferenciação entre “online” e “local”. Assim, tem-se a oferta de serviços de comunicação digital em redes móveis mais velozes (por exemplo, 5G) e capazes de suportar diversos serviços que as tecnologias anteriores não suportavam. Contudo, o acesso e uso destes serviços ainda estão restritos a uma parcela da população, principalmente, em função de custos.

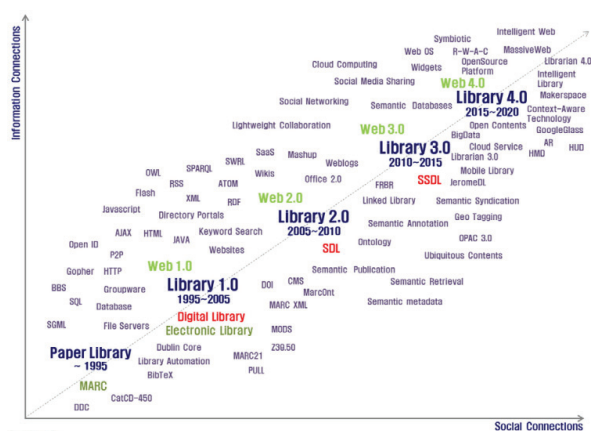
De uma forma bem sintética, a evolução da WWW é caracterizada por quatro momentos (Noh, 2015): Web 1.0 (unidimensional ou de compartilhamento; Web da leitura; páginas pessoais e websites são exemplos de alguns serviços), Web 2.0 (participação de usuários ou interação destes; Web social; Web da leitura e escrita; redes sociais online, blogs e Wikis, como exemplos de serviços), Web 3.0 (Web semântica ou de imersão; possibilita leitura, escrita e execução de tarefas; integração com serviços

variados, entrega de serviços personalizados e maior interação entre usuários e equipamentos, incluindo plataformas de grandes companhias, como Google e Amazon) e Web 4.0 (Web inteligente; com agentes próprios para leitura, escrita, execução e cooperação; intenção de ofertar somente a informação necessária em um dado momento). Esta evolução, de acordo com Patel (2013) e Noh (2015), com ônus e bônus, caminha para uma relação cada vez mais estreita de usuários (pessoas) com as TICs.

Acompanhando as evoluções da Web, frente ao volume e novas dinâmicas de produção, circulação, disponibilização e acesso à informação, os instrumentos e estratégias utilizados na recuperação de informação também passaram por aperfeiçoamentos (Noh, 2015). Por exemplo, dos diretórios (pastas) e arquivos, advindos da era do computador pessoal e Web 1.0, passou-se à busca baseada em palavras-chaves; na Web 2.0 (Web social), surgiu o conceito de etiquetagem (*tagging* ou “tagueamento”); na Web 3.0 (Web semântica), empreendeu-se esforços para desenvolver buscas com base em linguagem natural (advinda do processamento de linguagem natural), tanto que se popularizaram equipamentos como a Alexa da Amazon; na Web 4.0 (Web inteligente), o esforço está concentrado nos processos de inferência, aprimorando produtos e serviços desenvolvidos na versão anterior da Web.

Estas evoluções também são sentidas e influenciam diferentes dispositivos de informação – como é o caso de bibliotecas (públicas, comunitárias, temáticas, especializadas etc.), museus, arquivos e serviços de informação ao cidadão – e exigem repensar a oferta de produtos e serviços de informação, o que também implica considerar outras variáveis da contemporaneidade no tratamento documentário, cuja base é a Bibliografia. Logo, na linha do que Alentejo (2015) e Lara (2018) mencionaram sobre a ressignificação do trabalho bibliográfico na era digital, entende-se que é igualmente necessário observar o que Noh (2015) expôs (figura 2) sobre a evolução das bibliotecas nesta era. Pois, à medida em que as conexões sociais aumentam, também ampliam-se as conexões informacionais, demandando instrumentos próprios para organização e recuperação da informação.

Figura 2 - Processo de desenvolvimento da Biblioteca 4.0



Fonte: Noh (2015, p. 795).

A visão de Noh (2015) sobre o processo de evolução do que se denominou Biblioteca 4.0 evidencia, em dada medida, diversos protocolos e estratégias para organizar, recuperar, distribuir e prover acesso à informação. Outro aspecto para ser observado neste cenário é o da interoperabilidade, uma vez que as conexões – informacionais e sociais – cresceram e têm crescido substancialmente, o que também tende a influenciar os trabalhos bibliográficos.

USUÁRIOS, ACESSIBILIDADE E USABILIDADE

Quando se aborda o conceito de sistema/serviço de informação, na visão de Rabello e González de Gómez (2017), o mesmo é entendido como

[...] o ordenamento lógico de informação com vistas a atender às necessidades de determinada comunidade. Sistemas dessa natureza geralmente estão estruturados em subsistemas, por meio dos quais tornam possíveis, após armazenamento de informação, os processos de organização, disseminação, acesso e recuperação (Rabello; González De Gómez, 2017, p. 26).

Na mesma linha, anteriormente, Fujino (2000) considerou serviço de informação como “[...] o conjunto de atividades sistemáticas, cujo objetivo é possibilitar ao usuário, o acesso às fontes de informação, para atender a necessidades específicas” (Fujino, 2000, p. 48), sendo necessário também avaliar os contextos de produção e uso da informação.

Isto corrobora o que, bem antes, Foskett (1969) apresentou como função social de um serviço de informação: “investigar o que se conhece acerca de determinado assunto e proporcionar ao consulente tanta informação quanto seja necessária, a fim de preencher uma lacuna em seu conhecimento” (Foskett, 1969, p. 15). Tal tarefa tem relação com o trabalho bibliográfico, uma vez que

[...] instituições como biblioteca, museu, arquivo, centro de documentação e unidades informacionais afins podem ser considerados sistemas infraordenados por subsistemas, como acervos, coleções, fundos arquivísticos, exposições museais; estes, por sua vez, têm sua operacionalização quando infraordenados por subsistemas tecnológicos, como bases de dados, catálogos, bibliografias, índices, dentre outros instrumentos para organização e recuperação da informação (Rabello; González De Gómez, 2017, p. 27).

De certa maneira, no preparo e disponibilização de serviços/sistemas de informação, observa-se as figuras dos produtores, intermediadores e consumidores de informação. Assim, com atenção aos “consumidores”, também identificados como usuários, ressalta-se que

[o] usuário é um elemento fundamental de todos os sistemas de informação, pois a única justificativa das atividades destes sistemas é a transferência de informações entre dois ou mais interlocutores distantes no espaço e no tempo (Guinchat; Menou, 1994, p. 481).

Assim, neste trabalho, também compreendeu-se que “[o] usuário deve ser a base da orientação e da concepção das unidades e dos sistemas de informação, a serem definidos em função de suas características, de suas atitudes, de suas necessidades e de suas demandas” (Guinchat; Menou, 1994, p. 482), o que também impacta na implementação dos subsistemas tecnológicos elencados por Rabello e González de Gómez (2017).

De modo similar, Sanz Casado (1994) considerou usuário da informação o indivíduo (pessoa) que apresenta necessidade de informação para desenvolver suas tarefas. Contudo, nos dias atuais e com as evoluções das TICs, como é o caso das tecnologias de processamento de linguagem natural e robôs conversadores (*chatbots*), vislumbra-se usuários humanos e não-humanos.

Trata-se de uma situação que aponta para a necessidade de se dedicar alguma atenção à compreensão das interações que determinados algoritmos computacionais fazem em buscas, análises e inferências sobre determinados conteúdos informacionais, tanto em páginas, quanto em bases de dados em geral.

Dada a importância que a figura do usuário tem no desenvolvimento de produtos ou serviços/sistemas de informação, surgiram os estudos de usuários, vistos como

[...] investigações que se fazem para saber o que os indivíduos precisam em matéria de informação, ou então, para saber se as necessidades de informação por parte dos usuários de uma biblioteca ou de um centro de informação estão sendo satisfeitas de maneira adequada (Figueiredo, 1994, p. 7).

Para tanto, existem diversas abordagens, conforme Rabello (2013; 2017) e González-Teruel (2005; 2017) apresentaram.

De modo complementar, considerando que os ambientes informacionais mimetizam espaços de trocas simbólicas, as condições de acesso e uso – respectivamente, acessibilidade e usabilidade – devem ser avaliadas na implementação destes ambientes, com base nas características das comunidades de usuários a que os produtos ou serviços/sistemas de informação se destinam. Assim, particularmente, na era digital, o pleno uso de ambientes informacionais digitais, por parte de grupos heterogêneos de usuários, depende da compreensão das variáveis presentes na tríade “usuário-conteúdo-contexto” apresentada por Morville e Rosenfeld (2006) na perspectiva da Arquitetura da Informação. Uma vez que, de um modo geral, esta tríade busca prover melhores condições de acesso e uso dos serviços/sistemas de informação.

Particularmente, no contexto brasileiro e de acordo com o inciso I do artigo 3º da Lei nº 13.146 (Brasil, 2015), acessibilidade é definida como

[...] possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (Brasil, 2015, p. 1).

Pode-se notar que a referida Lei, apesar de ser muito importante, trata da acessibilidade do ponto de vista físico, visando fazer o usuário “chegar” até os serviços. A mesma Lei também elenca um conjunto de barreiras e aborda tecnologias assistivas, incluindo orientações para comunicação e princípios de desenho universal. A exemplo disso, a Norma Brasileira (NBR) 9050, da ABNT (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2015), também trata da acessibilidade física em edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos, incluindo a exposição de parâmetros antropométricos. Em parte, estes princípios cooperam para a criação de condições de uso, as quais ainda não são de todo suficientes para o pleno uso dos serviços de informação.

A este respeito, observa-se que não basta o usuário ter acesso físico ou conseguir “chegar” até o produto ou serviço/sistema de informação para usá-lo plenamente. Além de o ambiente oferecer acessibilidade, respeitando-se as capacidades e limitações de cada pessoa, espera-se que, de modo particular no caso de produtos ou serviços/sistemas de informação, o usuário possa efetivamente se apropriar dos conteúdos informacionais disponibilizados. Isto, considerando-se a já mencionada tríade “usuário-conteúdo-contexto” exposta por Morville e Rosenfeld (2006), também exige observar a forma de apresentação dos conteúdos informacionais, bem como as interações que os usuários estabelecem com estes conteúdos.

Destarte, entende-se que, na disponibilização de produtos ou serviços/sistemas de informação resultantes de trabalho bibliográfico, também cabe considerar o que Fujino (2017) apresentou sobre acessibilidade, quando a autora refletiu acerca dos desafios para estudos de usuários no contexto da Lei de Acesso à Informação (LAI). Uma vez que,

[...] na Ciência da Informação, a acessibilidade informacional depende do conhecimento das necessidades de informação do potencial usuário, além dos aspectos que envolvem a infraestrutura para acesso e divulgação, condições fundamentais para o desenvolvimento de mediações que viabilizem o acesso cognitivo e apropriação das informações pelo usuário (Fujino, 2017, p. 237).

Quanto à usabilidade, dito de uma forma bem direta e com base na NBR 9241-11, cujo enfoque é no uso de computadores ou sistemas computacionais, este termo se refere à “[m]edida na qual um produto pode ser usado por usuários específicos para alcançar objetivos específicos com eficácia, eficiência e satisfação em um contexto específico de uso” (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 3). Tal definição reúne alguns elementos importantes: um produto ou sistema utilizado num dado contexto, com objetivos pré-definidos; destinação, tem-se algum resultado, o qual é comparado com os referidos objetivos, extraindo-se algumas medidas em termos de eficácia, eficiência e satisfação.

Ainda, de acordo com a NBR 9241-11,

[a] ISO 9241-11 enfatiza que a usabilidade dos computadores é dependente do contexto de uso e que o nível de usabilidade alcançado dependerá das circunstâncias específicas nas quais o produto é usado. O contexto de uso consiste de usuários, tarefas, equipamentos (*hardware*, *software* e materiais), e do ambiente físico e social, pois todos esses podem influenciar a usabilidade de um produto dentro de um sistema de trabalho. As medidas de desempenho e satisfação do usuário avaliam o sistema de trabalho como um todo, e, quando um produto é o foco de interesse, estas medidas fornecem informações sobre a usabilidade daquele produto no contexto particular de uso proporcionado pelo restante do sistema de trabalho.

Os efeitos das mudanças em outros componentes do sistema de trabalho, tal como: tempo de treinamento do usuário ou melhoria de iluminação, podem também ser medidos pelo desempenho e satisfação do usuário (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 2).

A este respeito, cabe destacar algumas definições expostas nesta norma e que podem servir para se pensar o trabalho bibliográfico. Para começar, a menção ao “contexto específico de uso” que, segundo esta norma, é visto como: “[u]suários, tarefas, equipamento (*hardware*, *software* e materiais), e o ambiente físico e social no qual um produto é usado” (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 3). A norma segue explicitando que usuário é a “[p]essoa que interage com o produto” (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 3). Por outro lado, a norma também apresenta a definição de algo difícil de mensurar: satisfação. De acordo com a NBR 9241-11, este conceito (satisfação) é definido como “[a]usência do desconforto e presença de atitudes positivas para com o uso de um produto” (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 3). Embora sejam parâmetros, por vezes, abstratos e difíceis de serem estimados, de alguma maneira, entende-se que é preciso observá-los, ao menos em termos de estratégias para oferta de acesso e apresentação de conteúdos considerados sensíveis (por exemplo, conteúdos especializados e/ou de natureza sigilosa).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenvolvimento do presente estudo teve como base a democratização do acesso à informação na contemporaneidade, em ambientes informacionais modernos. Para tanto, privilegiou-se as condições de “[...] produção e difusão de documentos(instrumentos) de registro, organização, representação, acesso e mediação da cultura escrita” (Araújo, 2015, p. 120) em ambientes digitais, os quais têm presença constante no cotidiano das pessoas.

Como resultados, ou desafios para serem superados, destacam-se:

- conhecer e compreender o objeto empírico, sobre o qual os trabalhos bibliográficos serão desenvolvidos;
- identificar o potencial usuário dos produtos/serviços do trabalho bibliográfico, suas demandas informacionais e os contextos em que estas demandas surgem, de modo a prover acessibilidade e usabilidade, apoiando-se nas facilidades que o ambiente digital oferece;
- oferecer instrumentos para acesso e uso da informação, os quais possam ser utilizados por públicos distintos e em contextos variados;
- disponibilizar interface digital ao usuário da informação, com base nos princípios da Web 4.0, respeitando-se a tríade “usuário-conteúdo-contexto” (Morville; Rosenfeld, 2006);
- considerar os registros presentes em instrumentos locais (por exemplo, o catálogo da biblioteca) como nós de uma teia de conectividade de diversos ambientes com acervos de bibliotecas, a exemplo do que Alentejo (2015) destacou;
- observar princípios de interoperabilidade (Andrade; Lara, 2018) de sistemas de informação, visando assegurar a conectividade de diferentes ambientes informacionais.

A título de exemplo, tomando como objeto empírico a inclusão social, vista como um dos meios para concretização da justiça social, em termos de “dar a cada um o que lhe é devido” (Barzotto, 2003, *online*), se faz necessário: (1) “[...] considerar o tipo de relação social que a justiça social se propõe a regular” (Barzotto, 2003, *online*); (2) “[...] determinar qual é o bem buscado pela justiça social” (Barzotto, 2003, *online*); (3) “[...] qual é o tipo de atividade em que a justiça social é aplicada” (Barzotto, 2003, *online*); e (4) “[...] explorar como se manifestam na espécie justiça social, os elementos do gênero justiça: alteridade, dever, adequação” (Barzotto, 2003, *online*).

Estas quatro etapas exemplificam um contexto em que os trabalhos bibliográficos podem ser desenvolvidos, uma vez que, conforme Ortega e Carvalho (2017),

[...] considerando as práticas seculares de produção de repertórios bibliográficos e aquelas realizadas em bibliotecas, podemos dizer que conteúdos selecionados, descritos e ordenados segundo interesses previamente identificados se mostraram socialmente relevantes, conduzindo a composições disciplinares próprias (Ortega; Carvalho, 2017, p. 38-39).

De posse de conhecimentos acerca do objeto empírico sobre o qual os trabalhos bibliográficos serão desenvolvidos, na sequência, se faz necessário, identificar os potenciais usuários (ou comunidades), uma vez que

[...] a Informação, vista como instrumento para Inclusão Social, só tem sentido se puder contribuir para empoderar cidadãos na construção de uma sociedade em que comunicação, educação e cultura tenham como base o respeito à[s] diferença[s] e a igualdade de oportunidades para todos (Fujino, 2017, p. 238).

Neste ponto, fica evidente a preocupação em assegurar acessibilidade (física e cognitiva) aos conteúdos, bem como a usabilidade destes. Contudo, em produtos ou sistemas/serviços de informação destinados ao grande público e disponibilizados em ambientes digitais, as TICs oferecem algumas possibilidades, como: oferta de interface adequada para interações usuário-sistema, baseada no contexto de usuários (aplicações baseadas em contexto ou *context aware applications*); processamento de linguagem natural, incluindo robôs conversadores (*chatbots*); padrões para interoperabilidade e intercâmbio de informações; apresentação de informações multimídia (textos, sons, imagens e vídeos, por exemplo); e interações com outras comunidades de usuários (incluindo especialistas ou *gatekeepers* (Kremer, 1981).

Trabalhos como os de Alentejo (2015) e Lara (2018) apresentam reflexões importantes e necessárias para se (re)pensar o trabalho bibliográfico em ambientes digitais, sobretudo no que concerne à democratização do acesso à informação.

Pois, apesar dos substanciais avanços científicos e tecnológicos, há muitas pessoas que necessitam do acesso à informação para o exercício de suas cidadanias, outras têm dificuldade para utilizar os produtos/serviços/sistemas de informação atuais, devido ao custo das TICs, complexidade da interface disponibilizada aos usuários e pouca aderência às atividades/necessidades de seus cotidianos.

Quanto aos produtos ou sistemas/serviços de informação provenientes do trabalho bibliográfico, na era digital, subsistem a importância e o desafio de harmonizar as necessidades dos usuários, com o que é oferecido por estes produtos/sistemas/serviços, incluindo as tarefas de cada usuário, com o intuito de enriquecer experiências, nos moldes do que Shneiderman (2006) propõe na perspectiva da usabilidade destes ambientes, visto que as TICs “[...] são mais apreciadas quando os usuários têm a sensação de segurança, domínio e realização.” (Shneiderman, 2006, p. 13). Algo que também pode ser estendido aos produtos do trabalho bibliográfico, observando as respectivas particularidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contemporaneamente, percebe-se que a oferta de informações na era digital, de forma democrática e inclusiva, traz consigo uma série de desafios a serem superados. Com base no objetivo deste trabalho, aportes teóricos estudados e resultados obtidos, pode-se concluir que a Bibliografia representa uma importante área de pesquisa na atualidade, cujos princípios subsidiam o planejamento e a oferta de produtos e/ou sistemas/serviços de informação integrados a outros produtos/sistemas/serviços, tornando-os mais adequados às comunidades de usuários, sobretudo em práticas de inclusão social.

Tendo em vista que, à medida em que as conexões sociais aumentam e, portanto, se tem mais conexões informacionais, percebe-se a necessidade de instrumentos próprios para organização e recuperação da informação, os quais devem ser adequados a estas conexões. Isto também é sentido em diferentes dispositivos de informação – como é o caso de bibliotecas (públicas, comunitárias, temáticas, especializadas etc.), museus, arquivos e serviços de informação ao cidadão.

Neste caso, portanto, se faz necessário repensar a oferta de produtos e serviços de informação, o que implica também considerar outras variáveis da contemporaneidade no tratamento documentário, cuja base é a Bibliografia.

Dentre as limitações da pesquisa, destaca-se a ausência de estudos de usuários da informação inseridos em práticas de justiça social, considerando-se as especificidades e contextos destas práticas. Outra limitação diz respeito à escassez de instrumentos para avaliação da oferta de informações nas referidas práticas desenvolvidas em diferentes grupos sociais.

Em termos de novas pesquisas, dentre outras, vislumbra-se a necessidade de ampliar investigações sobre Bibliografia na era digital, a partir da proposição e implementação de estratégias que promovam a interoperabilidade de sistemas/serviços de informação em ambientes digitais, com acervos de unidades de informação (por exemplo, bibliotecas, arquivos, museus e serviços de informação ao cidadão). Outra possibilidade de pesquisa resvala sobre a possibilidade de utilizar trabalhos ou princípios bibliográficos para alimentar bases dados por ferramentas de respostas automáticas, baseadas em inteligência artificial.

REFERÊNCIAS

- ALENTEJO, E. S. Bibliografia: caminhos da história contada e da história vivida. *Informação & Informação*, Londrina, v. 20, n. 2, p. 20-62, 2015. DOI 10.5433/1981-8920.2015v20n2p20. Acesso em: 5 ago. 2022.
- ANDRADE, J.; LARA, M. L. G. Interoperabilidade e mapeamentos entre sistemas de organização do conhecimento: Bioportal do National Center for Biomedical Ontology-NCBO. *Revista de Saúde Digital e Tecnologias Educacionais [online]*, v. 3, p. 43-61, 2018. Edição especial. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/resdite/article/view/39704>. Acesso em: 5 ago. 2022.
- ARAUJO, A. V. F. Pioneirismo bibliográfico em um polímata do séc. XVI: Conrad Gesner. *Informação & Informação*, Londrina, v. 20, n. 2, p. 118-142, 2015. DOI 10.5433/1981-8920.2015v20n2p118. Acesso em: 1 ago. 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). *Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos* (NBR 9050:2015). Rio de Janeiro: ABNT, 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). *Requisitos ergonômicos para trabalho de escritórios com computadores*: parte 11 - Orientações sobre usabilidade. (NBR 9241-11:2002). Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

BALSAMO, L. *La bibliografía*: historia de una tradición. Madri: Trea, 1998. 214 p.

BARZOTTO, L. F. Justiça social: gênese, estrutura e aplicação de um conceito. *Revista Jurídica Virtual*, Brasília, DF, v. 5, n. 48, maio 2003. 21 p. Disponível em: <https://revistajuridica.presidencia.gov.br/index.php/saj/article/view/747/738>. Acesso em: 6 ago. 2022.

BRASIL. *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 1 ago. 2022.

DENCKER, A. F. M.; VIÁ, S. C. *Pesquisa empírica em ciências humanas*: com ênfase em comunicação. São Paulo: Futura, 2001.

FIGUEIREDO, N. M. *Estudos de uso e usuários da informação*. Brasília, DF: IBICT, 1994.

FOSKETT, D. J. *Serviço de informação em bibliotecas*. Tradução: Antônio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo: Polígono, 1969. 160 p.

FUJINO, A. *Serviços de informação no processo de cooperação universidade-empresa*: proposta de um modelo de mediação institucional para micro e pequenas empresas. 2000. 272 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) -- Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

FUJINO, A. Acessibilidade informacional de pcd no contexto da lei de acesso à informação: desafios para estudo de usuários. *Informação em Pauta*, Fortaleza, v. 2, p. 237-257, out. 2017. Edição especial. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/41406>. Acesso em: 13 ago. 2021.

GONZÁLEZ-TERUEL, A. *Los estudios de necesidades y usos de la información*: fundamentos y perspectivas actuales. Gijón: Ediciones Trea, 2005. 181 p.

GONZÁLEZ-TERUEL, A. Referentes teóricos y dimensiones aplicadas en el estudio del usuario de la información. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; RABELLO, R. (org.) *Información: agentes e intermediação*. Brasília, DF: IBICT, 2017. p. 153-194.

GUINCHAT, C.; MENOU, M. *Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação*. 2. ed. rev. e aum. por Marie-France Blanquet. Tradução: Miriam Vieira da Cunha. Brasília, DF: IBICT, 1994. 540 p.

KOHLER, R. Bibliografia nacional: uma co-responsabilidade da classe bibliotecária. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 185-195, set. 1977. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/71968>. Acesso em: 14 ago. 2022.

KREMER, J. M. Os gatekeepers na engenharia. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 10, n. 1, p. 19-33, 1981. DOI 10.18225/ci.inf.v10i1.158. Acesso em: 13 ago. 2022.

LARA, M. L. G. Conceito de bibliografia, ou conceitos de bibliografia?. *Informação & Informação*, Londrina, v. 23, n. 2, p. 127-151, maio/ago. 2018. DOI 10.5433/1981-8920.2018v23n2p127. Acesso em: 1 ago. 2022.

MINAYO, M. C. S. Capítulo 1 - Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. *et al.* (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-29.

MORVILLE, P.; ROSENFELD, L. *Information Architecture for the World Wide Web*: designing large-scale web sites. 3rd. ed. Sebastopol, CA: O'Reilly, 2006.

NOH, Y. Imagining Library 4.0: Creating a Model for Future Libraries. *The Journal of Academic Librarianship*, Ann Arbor, v. 41, n. 6, pp. 786-797, Nov. 2015.

ORTEGA, C. D.; CARVALHO, M. C. O papel da bibliografia na construção do conhecimento em Ciência da Informação: o caso da Escola de Ciência da Informação da UFMG. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 22, p. 36-64, jul. 2017. Edição especial. DOI 10.1590/1981-5344/3232. Acesso em: 4 ago. 2022.

PATEL, K. Incremental Journey for World Wide Web: Introduced with Web 1.0 to Recent Web 5.0 - A Survey Paper. *International Journal of Advanced Research in Computer Science and Software Engineering*, [s. l.], v. 3, n. 10, pp. 410-417, Oct. 2013.

RABELLO, R. Leituras sobre usuário e uso de informação na ciência da informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 18, n. 4, p. 152-184, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/35796>. Acesso em: 10 ago. 2022.

RABELLO, R. Sujeito e agência informacional: comportamento, prática e ação. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; RABELLO, R. (org.). *Informação: agentes e intermediação*. Brasília, DF: IBICT, 2017. p. 101-152.

RABELLO, R.; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Agentes, intermediações e institucionalidades: apontamentos acerca de um mosaico interpretativo no campo informacional. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; RABELLO, R. (org.) *Informação: agentes e intermediação*. Brasília, DF: IBICT, p. 21-40, 2017.

SANZ CASADO, E. *Manual de estudios de usuarios*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Pirâmide, 1994. 279 p.

SHNEIDERMAN, B. *O laptop de Leonardo*: como o novo Renascimento já está mudando sua vida. Tradução: Vera Whately. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

TARGINO, M. G.; TORRES, N. H.; ALVES, C. A. Informação e cidadania: relação construída via biblioterapia no âmbito da biblioteca pública. *CRB8 Digital*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 33-40, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/10106>. Acesso em: 18 ago. 2022.

Artigos
Versão inglês

Articles / Artículos

English version / Versión inglesa

Documents as context: rethinking the materiality of content and its impacts on knowledge organization

José Augusto Chaves Guimarães

PhD in Communication Sciences from the Universidade de São Paulo

Professor at the Departamento de Ciência da Informação at the Universidade Estadual Paulista Júlio de

Mesquita Filho (UNESP), Marília, São Paulo, Brasil.

E-mail: chaves.guimaraes@unesp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6380929054652063>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0310-2331>

Submission date: 03/10/2022. Approval date: 27/02/2023. Publication date: 22/09/2023

ABSTRACT

Organizing, recovering, preserving and making society's memory available, in its most diverse aspects, has always permeated the knowledge and actions of humanity, which, over time, sought to build artifacts that could go beyond the limitations of human memory, in order to host an ever-increasing volume of data, information and knowledge. However, it was from the 19th century, after the information explosion, that the concern with organizing knowledge recorded in institutionally preserved documents intensified. In view of this, the indexical - or testimonial - character of documents is discussed, not only regarding their content, but, and, mainly, as a result of production, an aspect that will impact their organization. In this sense, the new configurations of documentary content – the core of knowledge organization – are analyzed, which go beyond this subject to add elements related to its provenance, organicity, authorship, as well as its space-time context.

Keywords: documents; knowledge organization.

INTRODUCTION

An aspect that has always permeated humanity's knowledge and practices lies within organizing, recovering, preserving and making society's memory available in its most diverse aspects. Over time, society sought to build artifacts that could go beyond the limitations of human memory, in order to host an ever-increasing volume of data, information and knowledge.

Thus, in Ancient Times, rock inscriptions in caves and descriptive clay tablets made of papyrus and parchment in Mesopotamian palaces, as well as the classification system of Callimachus, in Alexandria, were important milestones in this record and representation trajectory, which, in the Middle Ages, is evidenced in the glosses and in the marginal markings of copyist monks, for example.

In turn, this aspect was greatly enhanced as the movable type was invested by Gutenberg, enabling the multiplication of knowledge records and, therefore, their wider dissemination.

Because of humanism in the 17th and 18th centuries, this concern became more pronounced and sophisticated by means of Encyclopédie by Diderot and D'Alembert, the Classification of Living Things by Linnaeus, the first periodicals and the biblical concordances by Alexander Cruden.

But it was notably in the 19th century, with the information explosion, that the concern with knowledge organization recorded in institutionally preserved documents intensified, whether with Répertoire Bibliographique Universel by Paul Otlet, or with the Dewey Decimal Classification, among other initiatives.

Particularly, Otlet raised more effective concern with the adoption of communication technologies that were at the service of knowledge organization, an aspect that became more notably effective after the Second World War when Vannevar Bush, who created the Memex, sought to provide humanity with “auxiliary memories” that could serve as broader, more comprehensive and more powerful extensions of human memory - the computer – which became part of a large network of interconnected citizens at the end of the 20th century, providing not only large storage capacity, but, above all, wider and faster communication, transmission and interconnection possibilities.

And, with that, more notably in this century, we are faced with the phenomenon – and challenge – of data, structured or not, that is generated in large volumes, in rapid and continuous growth characterizing *Big data*. If such a challenge was cause for concern to the biological and physical sciences, today it is a reality for the humanities and social sciences, with the so-called *Digital Humanities*, bringing new perspectives for access, storage, organization and dissemination of information in institutions dedicated to the preservation of society’s memory, such as archives, libraries and museums.

All this intricate context brings with it the need to reflect more closely on documents and on the challenges and perspectives that arise for the purposes of organizing the knowledge recorded in them.

In view of this, this work, starting from the notion of information as a thing (Buckland, 1991), discusses the indexical – or testimonial – character of documents, not only regarding their content, but, mainly, as a result of a production context, an aspect that will impact their organization. In this sense, the new configurations of documentary content – the core of knowledge organization – are analyzed, which go beyond the subject to add elements related to its provenance, organicity, authorship, as well as its space-time context.

DOCUMENTS AS A FOCUS

The concept of document constitutes a central element in Information Science, because only when based on such concept can one think about the processes that affect information and that are part of the object of study of such science. To this end, the inspiring words of Borko (1968, p. 3, tradução nossa)¹ are rescued, for whom:

Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação, e os significados do processamento da informação, visando a acessibilidade e a usabilidade ótima.

We must remember that only documents, understood in its broad conception, allow one to effectively perceive this information and everything that can be applied to it.

To this end, considering the current context of the information universe, one must take into account that organizing, recovering, preserving and making society’s memory available is feasible under the concept of document which, in turn, presupposes materiality, socialization, intentionality and knowable content.

It was more specifically from original work *Qu’est-ce que la documentation*, authored by Suzanne Briet (1951), in a verticalization of *Traité de documentation*, by Paul Otlet (1934), that documents could be the object of analysis themselves, as if in an *in vitro* experiment. For the author, documents constitute, on the one hand, an element of evidence that supports a fact and, on the other hand, a concrete representation of a physical, intellectual or symbolic phenomenon, which is conserved in space and time, as subsidy to the memory of humanity.

Briet (1951, p. 7, tradução nossa)² sees documents as “[...] base de conhecimento fixada materialmente e suscetível de ser utilizada [...]”, an aspect that is complemented by the vision of Buckland (2017) for whom term document corresponds to recorded knowledge, the content of which must be understood from the social context of its producer compared to the social context of its user.

Due to their tangibility, documents, for Buckland (1991), constitute objectified information, which provides the starting point for the development of the so-called information as a process that will result in information as knowledge. The materiality of documents, although essential, is not enough to generate information and, subsequently, knowledge, as this materiality must be clearly and intentionally placed in a social context, which presupposes that it will be made available and collectively used.

As highlighted by Smit and Barreto (2002), such socialization needs documents to undergo a process of institutionalization, so that the information contained therein can be portable in space and time. This results in a process of institutional management of knowledge (Fernandes, 1995), the responsibility of which is that of cultural institutions (Homulos, 1990).

As they can later be institutionalized for social use, documents, especially in Information Science, presuppose intentionality, which manifests itself from the moment knowledge is recorded with the clear intention of transmitting it. With regard to intentionality, Briet (1951) compares the phenomenon of a star visible in the sky to its documentation represented by a photograph in an archive or library collection; or a stone in a river to its function as a document when housed in a geology museum, for example. In these situations, there is a clear intention of recording something and preserving it for posterity, as well as making it available to society as a subsidy for the construction of knowledge.

And it is particularly in the dimension of knowledge that Barité (2001) emphasizes the need for documents to have cognizable content, without which the communicative action that it presupposes when socialized is not effective.

Content represents, for the purpose of building knowledge, the essence of a document, since it is based on content that information is identified, represented and transmitted, resulting from previous knowledge that was recorded there.

In turn, such content manifests itself in different perspectives – or layers – whether the perspective of the author (what they sought to convey in the document), of the user (what they seek to recover in the document), or of the system, including the work of information professionals (what was captured and represented for dissemination purposes). Thus, the documentary content itself can be approached from three perspectives, as highlighted by Gil Leiva (2008) and Sousa and Fujita (2014). From the author's perspective, which focuses on what is discussed in the document (Lancaster, 1991; Soergel, 1985), from the user's perspective, the recognition of the document's content takes into account the possible information needs of the users (Albrechtsen, 1993; Fidel, 1994); and, from the perspective of the system or domain, which takes into account not only the two previous contexts, but also that of the document and the institution that houses it (Mai, 2005).

It should be noted, especially from a domain-oriented perspective, that a document's content goes far beyond the subject itself, as it was thought of for a long time, to incorporate an entire context of authorship (and the epistemic communities that underlie it). and *aboutness* (about what the document addresses at different levels of specificity) and the *meanings* (what the document aims at and what it serves) (Beghtol, 1986). Archival Science brings an important contribution to this reflection by approaching, in archival diplomatics (or contemporary diplomatics), documentary structure as something that characterizes a given content and evidences a purpose to be achieved. Thus, documentary content serves as evidence of a production context. In this regard, Tognoli (2013) highlights that:

a Diplomática do documento contemporâneo não se limita mais ao estabelecimento das características de autenticidade e/ou falsidade documental, encontrando uma nova finalidade no campo dos estudos arquivísticos, ao propor a observação do contexto de criação dos documentos, a partir de uma análise da parte para o todo. (Tognoli, 2013, p. 113)³

Going further, Tognoli, Schmidt and Guimarães (2022) highlight the centrality of context with regard to archival documentation and its impacts on knowledge organization in this field. However, the production context is not exclusive to Archival Science, since, in Library Science, it is equally important, given that author and editor, while responsible for the production of a document for research purposes, are important contextual elements for the reliability or otherwise of the content expressed in the document.

In turn, this domain dimension presupposes that the aspects related to the source of the document (where does it come from?), organicity (how does it articulate with its counterparts?), purpose (what is its purpose/goal?) and reliability of the information contained therein (especially in times of *fake news* when unreliable information arises, but with characteristics and attributes that impute an apparent character of reliability) should be considered. Moreover, as highlighted by Guimarães (2017), documents, as such, act as a representative – or result – of a space-time configuration – without which it loses much of its meaning.

Considering, therefore, the complexity that increasingly surrounds the concept of document, it is now necessary to investigate the impacts it brings to knowledge organization.

IMPACTS ON KNOWLEDGE ORGANIZATION

As a subject named as such, Knowledge Organization (KO), according to Dahlberg (1993), dates back to work *The organization of knowledge and the system of the sciences*, by Evelyn Bliss (1929), even though the concern with organizing knowledge produced by man has been following the history of humanity since Ancient Times, through the Aristotelian categories, the Trivium and the Quadrivium characterizing liberal arts teaching in the Middle Ages, the Encyclopédie of Diderot and D' Alembert during the Enlightenment, through the Classification of Living Things by Linnaeus,

and, notably, from the 19th century, through systems for organizing knowledge for documentary purposes, based on the work of Dewey, Otlet, La Fontaine and Ranganathan, among others (San Segundo, 1996). In turn, this trajectory reflects a chronology defined by Pombo (1998), as the organization of knowledge, things and documents.

Over the last three decades, and, in particular, since the creation of the International Society for Knowledge Organization (ISKO), in 1989, which provided this field of knowledge an eminently scientific status, knowledge organization has been “[...] na encruzilhada de ciências como a psicologia, a epistemologia, a ciência da informação, a ciência da comunicação, a linguística, a matemática, a lógica e a ciência da computação [...]” (Garcia Marco, 1997, p. 211)⁴. In this context, this field is faced with the challenges of a world in which production and knowledge grow exponentially while access to it does not grow to the same extent (Jaenecke, 1994).

Assuming that knowledge is built from the analysis and articulation of information in a given context, information that was previously recorded and socialized (documented), collected, preserved, organized and made available, KO acts as mediator in a *continuum* of processes ranging from production to the use and appropriation of previously produced knowledge for the purpose of generating new knowledge, an aspect that takes place in a helical (rather than cyclical) dynamics (Guimarães, 2008). This way, KO seeks to extract and organize documentary content which reflects knowledge that is organic, manifested by a specific form, articulating structure, content and with an eminently contextual nature.

This socialized knowledge, in turn, only makes sense if understood as part of a set and in an intrinsic relationship with its counterparts. Its materialization (record) goes beyond a mere form to reflect content structuring logic that can serve specific purposes. The credibility and testimonial value of its content depend on formal aspects, and each form serves specifically to materialize certain contents. Its genesis is always contextual and only makes sense within the context.

Thus, KO acts so that knowledge can be accessed, establishing, as already mentioned, a link between the production and the use/appropriation of this knowledge, which takes place by means of systems of concepts that are created for scientific, functional or documentation (research) purposes and has an artificial, provisional and deterministic nature (Barité, 2001).

Based on this social, materialized and cyclical conception of knowledge, which takes effect in documents, it is observed that the investigative focus lies with the search for understanding, organizing and representing this knowledge, in such a way that it can make it available and accessible to a larger number of people. In this case, one can see what Dahlberg (1993, p. 214)⁵ calls “[...] conhecimento em ação [...]”, that is, something about which there is a certain social consensus, a recorded and socialized knowledge, the organization and representation of which will be developed so that, from it, new knowledge can be generated.

In short, it can be said that KO aims to preserve and promote access to knowledge, making use of instruments, which are knowledge organization systems (description standards, classification schemes, taxonomies, thesauri, ontologies, documental typologies, controlled vocabularies, etc), for carrying out processes, based on systematized procedures (identification, diplomatic analysis, classification, description, indexing, etc.) which, in turn, generate products, that is, representations that can be considered *surrogates of knowledge*, such as classification notations, temporality tables, indexes, notations, descriptors, catalogues, inventories, among others. (Olson, 2002).

In this context, one must highlight the cultural perspective of KO which, guided by a socio-cognitive tone, has been gaining prominence, notably in the context of ISKO, in topics such as: Discursive Communities, Cultural Assurance / Hospitality; Power to name; Multiculturalism and Multilingualism, Transcultural Ethics of Mediation, Prejudices, Inter and Transdisciplinary Domains, Cultural Interoperability, Ethical Values in KO, etc. (Beghtol, 2002; Berman, 1993; Dahlberg, 1992; García Gutiérrez, 2002; Guimarães, 2006; Hudon, 1997; Olson, 2002; Pinho, 2006).

This perspective, in turn, calls our attention to cultural biases. These *biases*, when negative, are based on attitudes, beliefs or feelings that result in the unfair treatment (segregation) of something or someone because of their characteristics or identity and include, among other aspects, prejudice (attitude, belief or feeling constructed without prior knowledge, reflection or reasoning, based on previous and unsubstantiated ideas) and proselytism (concern in converting people – often surreptitiously – to a point of view that is different from the one they originally have) (Milani, 2015).

The biases in KO are inherent to its procedures, instruments and products, as they are always committed to a certain worldview and to the assumption of a set of values and beliefs. Thus, they are present in authors, indexers/classifiers, in the KO creator, in the environment and users. Furthermore, they are clear in space and time because attitudes that are unacceptable today may already have been considered moral values in other times, just as virtues in a given social context may be seen as sins in another context.

Endowed with an eminently space-time nature, the biases of KO, as highlighted by Guimarães (2017) are articulated in conceptual and terminological dimensions.

In the conceptual dimension, biases, particularly in the representation of knowledge, are manifested when a given concept is re-signified over time and/or in space while the term that represents it remains the same. As an example, one can mention the term marriage which, over time, encompasses different conceptions, from the union exclusively between a man and a woman to, in our days, the union between man and woman, between woman and woman and between man and man. In the spatial dimension, one also has the concept of polygamy which, in most societies, is seen as morally unacceptable, while in others, it is a social practice.

In the terminological dimension, in turn, a concept remains unchanged while its terminological representation changes over time and/or space over time. For example, over time, these terms were used: idiots; mentally-ill; people with mental disabilities; and people with special needs, and people started adopting these new terms to refer to the same group of people, most of the time, out of a concern for political correctness and to provide a more inclusive and respectful approach. In terms of space, it is observed, for example, that terms “aipim”, in southern Brazil and Rio de Janeiro, “mandioca”, in São Paulo, and “macaxeira”, in Northeast Brazil, are all used to designate the same edible tuber (cassava).

Regarding the aforementioned political correctness, care must be taken not to generate metaphorical, artificial or even incongruous terms, as in the examples provided by Guimarães (2017): *Aesthetically challenged* (for ugly people); *African-American* (for black citizens, as Africa was not originally home to just this ethnic group); *Person of size* (for obese people), and, at the extreme, *Hymenally challenged* (for raped women).

FINAL CONSIDERATIONS

Documents, in an increasing complexity, due to their different perspectives of production, presentation and dissemination, particularly in times of strong technological presence, give rise to concerns that must be taken into account by KO nowadays, notably in times in which form and content can no longer be treated as watertight and isolated dimensions.

This way, efforts must be directed towards avoiding the recovery of “informational garbage” (and here, accuracy in representation must be the object of serious reflection), so that increasingly friendly – and interoperable – tools are developed to ensure their speedy recovery, but with ensured reliability and authenticity of records in a digital environment (especially in times of *big data* and permeated by *disinformation misinformation and malinformation*);

and, further, to avoid biases in representation, such as proselytism, cultural domination, prejudice, censorship often inherent to the power to name (Guimarães, 2006; Olson 2002) so that transcultural ethics of mediation (García Gutiérrez, 2002) with cultural warrant can be promoted (Beghtol, 2002). In other words, it becomes necessary to reflect on the complex and difficult power that society grants to those responsible for the organization and representation of knowledge so that they act on its behalf, a power that must be reflected in representations that encourage inclusion and dialogue between different user communities, based on representations that reflect – or at least do not hide or oppose – the intrinsic values of the different communities.

It is observed, therefore, that the concept of document expands in its modalities, and form and content are no longer distinct instances to be integrated into a broader and more cohesive spectrum and, consequently, it starts to include, in different units of information, elements of provenance, organicity, authorship, reliability and space-time contextualization.

ALEA JACTA EST!

REFERENCES

- ALBRECHTSEN, H. Subject analysis and indexing: from automated indexing to dominion analysis. *The Indexer: the international journal of indexing*, [s. l.], v. 18, n. 4, p. 219-224, Oct. 1993.
- BARITÉ, M. Organización del conocimiento: un nuevo marco teórico-conceptual en Bibliotecología y Documentación. In: CARRARA, K. (org.). *Educação, Universidade e Pesquisa*. Marília: Unesp-Marília-Publicações; São Paulo: FAPESP, 2001. p. 35-60.
- BEGHTOL, Claire. Bibliographic classification theory and text linguistics: aboutness analysis, intertextuality and the cognitive act of classifying documents. *Journal of Documentation*, Bingley, v. 42, n. 2, p. 84-113, June 1986.
- BEGHTOL, C. A proposed ethical warrant for global knowledge representation and organization systems. *Journal of Documentation*, Bingley, v. 58, n. 5, p. 507-532, Oct. 2002.
- BERMAN, S. *Prejudices and antipathies: a tract on the LC subject heads concerning people*. 2. ed. Jefferson (NC); London: McFarland, 1993.
- BLISS, H. E. *The organization of knowledge and the system of the sciences*. New York: Henry Holt and Company, 1929.
- BORKO, H. Information Science: What is it? *American Documentation*, v. 19, n. 1, p. 3-5, Jan. 1968.
- BRIET, S. *Qu'est-ce que la documentation?* Paris: Éditions Documentaires Industrielles et Techniques, 1951.
- BUCKLAND, M. K. Document theory. In: Encyclopedia of knowledge organization. [S. l.]: ISKO, 2017. Available at: <https://www.isko.org/cyclo/document>. Access on: 5 Sept. 2022.
- BUCKLAND, M. K. Information as thing. *Journal of the American Society for Information Science*, [s. l.], v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991.
- DAHLBERG, I. Ethics and knowledge organization: in memory of Dr. S. R. Ranganathan in his centenary year. *International Classification*, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 1-2, 1992.
- DAHLBERG, I. Knowledge organization: its scopes and possibilities. *Knowledge organization*, [s. l.] v. 20, n. 4, p. 211-222, 1993.
- FERNANDES, G. C. O objeto de estudo da Ciência da Informação. *Informare*, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 25-30, 1995.
- FIDEL, R. User-oriented indexing. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 45, p. 572-576, 1994.
- GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Knowledge organization from a "culture of the border" towards a transcultural ethics of mediation. In: LÓPEZ-HUERTAS, M. M. (ed.). *Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century*. Würzburg: ERGON, 2002. p. 516-522.
- GARCIA MARCO, F. J. Avances en Organización del Conocimiento en España: los II Encuentros sobre Organización del Conocimiento en sistemas de información y documentación. In: GARCIA MARCO, F. J. (coord.). *Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación 2*. Actas del II Encuentro de ISKO-España, 1995, Getafe. Zaragoza: Librería General, 1997.
- GIL LEIVA, I. *Manual de indización: teoría y práctica*. Gijón: Trea, 2008.
- GUIMARÃES, J. A. C. Slanted knowledge organization as a new ethical perspective. In: ANDERSEN, J.; SKOUVIG, L. (org.). *The organization of knowledge: caught between global structures and local meaning*. Bingley: Emerald, 2017, p. 87-102.
- GUIMARÃES, J. A. C. Aspectos éticos em organização e representação do conhecimento: uma reflexão preliminar. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; ORRICO, E. G. D. (org.). *Políticas de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento*. Natal: EdUFRN, 2006. p. 237-264.
- GUIMARÃES, J. A. C. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 77-99, 2008.
- HOMULOS, P. Museums to libraries: a family of collectinmg institutions. *Art Libraries Journal*, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 11-13, 1990.
- HUDON, M. Multilingual thesaurus construction: integrating the views of different cultures in one gateway to knowledge and concepts. *Knowledge Organization*, [s. l.], v. 24, n. 2, p. 84-91, 1997.
- JAENECKE, P. To what end knowledge organization? *Knowledge Organization*, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 3-11, 1994.
- LANCASTER, F. W. *Indexing and abstracting in theory and practice*. Londres: The Library Association, 1991.
- MAI, Jens-Erik. Analysis in indexing: document and domain centered approaches. *Information Processing and Management*, [s. l.], v. 41, n. 3, p. 599-611, May 2005.
- MILANI, S. O. Biases na representação de assunto: uma perspectiva a partir da literatura internacional de Biblioteconomia e Ciência da Informação. *Brazilian journal of information science*, [s. l.], v. 9, p. 1, 2015.
- OLSON, H. *The power to name: locating the limits os subject representation in libraries*. Dordrecht: Kluwer, 2002.
- OTLET, P. *Traité de documentation: le livre sur le livre*. Bruxelles: Mundaneum, 1934.
- PINHO, F. A. *Aspectos éticos em representação do conhecimento: em busca do diálogo entre Antonio García Gutiérrez, Michèle Hudon e Clare Beghtol*. Marília: UNESP, 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Available at: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93693/pinho_fa_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Access on: 5 Sept. 2022.
- POMBO, O. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa*, n. 2, p. 19-33, 1998.

SAN SEGUNDO, R. Sistemas de organización del conocimiento: la organización del conocimiento en las bibliotecas españolas. Madrid: *Boletín Oficial del Estado*: Universidad Carlos III de Madrid, 1996.

SMIT, J. W.; BARRETO, A. A. Ciência da informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIM, M. L. (org.). *Formação do profissional da informação*. São Paulo: Polis, 2002. p. 9-23.

SOERGEL, D. *Organizing information*: principles of data base and retrieval systems. New York: Academic Press, 1985.

SOUSA, B. P. de; FUJITA, M. S. L. Análise de assunto no processo de indexação: um percurso entre teoria e norma. *Informação & Sociedade: Estudos*, [s. l.], v. 24, n. 1, p. 19-34, jan./abr. 2014.

TOGNOLI, N. B. *A construção teórica da Diplomática*: em busca de uma sistematização de seus marcos teóricos como subsídio aos estudos. Marília, UNESP, 2013. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Available at: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103383/tognoli_nb_dr_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Access on: 5 Sept. 2022.

TOGNOLI, N. B.; SCHMIDT, C.; GUIMARÃES, J. A. C. Context as a core concept in archival knowledge organization. In: LYKKE, M.; SVARRE, T.; HAYNES, D.; SKOV, M.; THELLEFSEN, M.; MARTÍNEZ-ÁVILA, D. (ed.). *Knowledge organization across disciplines, domains, services, and technologies*. Baden-Baden: Ergon, 2022. p. 273-284.

ENDNOTES

¹ Original: “Information science is that discipline that investigates the properties and behavior of information, the forces governing the flow of information, and all the means of processing information for optimum accessibility and usability” (Borko, 1968, p. 3)

² Original: “[...] toute base de connaissance fixée matériellement et susceptible d’être utilisée pour consultation, étude ou preuve [...]” (Briet, 1951, p. 7).

³ Translation: “contemporary document Diplomats is no longer limited to establishing the characteristics of document authenticity and/or fraud, finding a new purpose in archival studies, by proposing the observation of the context in which documents were created, based on a part-to-whole analysis” (Tognoli, 2013, p. 113, editorial translation).

⁴ Translation: “[...] at the crossroads of sciences such as psychology, epistemology, information science, communication science, linguistics, mathematics, logic and computer science [...]” (Garcia Marco, 1997, p. 211, editorial translation).

⁵ Translation: “[...] knowledge in action [...]” (Dahlberg, 1993, p. 214, editorial translation).

Bibliography on social justice: sources on the topic in Library and Information Science

Franciële Carneiro Garcês da Silva

PhD in Information Science from the Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil.

Collaborating professor in the Graduate Program in Information Management, at the Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGInfo/UDESC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2805777083019311>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2828-416X>

E-mail: francielegarces1987@gmail.com

Dirnéle Carneiro Garcez

PhD student in Information Science at the Graduate Program in Information Science at the Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8655722474715647>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3061-9352>

E-mail: dirnele.garcez@yahoo.com.br

Gabriel de Melo Vieira

Master's student in Information Management at the Graduate Program in Information Management (PPGInfo), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4210297769033841>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6003-5369>

E-mail: b.i.1@hotmail.com

Priscila Rufino Fevrier

PhD student in Information Science at the Graduate program in Information Science at the Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT/UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1804754081319302>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3641-5200>

E-mail: priscila.fevrier@gmail.com

Ana Paula Meneses Alves

PhD in Information Science from the Universidade Estadual Paulista (UNESP) and in Social Sciences from the Universidade de Granada (UGR - Espanha), Granada, Andaluzia do Sul, Espanha. Assistant professor of the Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2434972394883934>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1137-2139>

E-mail: apmeneses@gmail.com

Submetido 31/08/2022. Aprovado em: 01/03/2023. Publicado em: 22/09/2023.

ABSTRACT

This research aimed to compile a selective bibliography on social justice in Library Science and Information Science from 1960 to 2020. To that end, the study conducts bibliographic, descriptive, and qualitative-quantitative research using the classification concepts proposed by Dias and Pires (2005) to locate documents in national and international databases on social justice in Library Science and Information Science. After refining the data, the results were presented in a bibliography, in the form of a selective list of documents, with signal presentation, international coverage, specialized subject, retrospective focus, alphabetical and systematic arrangement, divided into three categories: education for social justice, libraries for social justice, and librarian practice aimed at social justice.

Keywords: bibliography; social justice; scientific production; library and information science.

INTRODUCTION

The lack of equitable information availability for different social and racial groups influences decision-making processes, behavior, and access to rights, goods, and services, affecting these individuals' well-being and quality of life.

In order to meet informational needs equitably, it is necessary to adopt conduct based on social and informational justice, both fields of study within LIS¹. Social justice “fornece um mecanismo para a educação em BCI para examinar e abordar a diversidade em um sentido amplo, garantindo a inclusão de todos os tipos de grupos diversamente rotulados” (Bonicci et al., 2012, p. 125)². Moreover, fighting for social justice goes beyond seeking equal opportunities for all but strives to fully develop structures and systems that enable more just and less restrictive actions. Thus, it enables individuals not only to “aprender uns com os outros e serem capazes de criar novos conhecimentos, mas também compartilhar esses conhecimentos para o benefício da humanidade” (Britz; Ponelis, 2012, p. 472)³. Additionally, the structure of informational justice operates in the fair distribution of information, seeking the “tratamento justo de pessoas e comunidades como fontes e também sujeitos de informação” (Mathiesen, 2015, p. 18)⁴.

This paper will compile a selective bibliography on social justice within the Library Science and Information Science (LSIS) field from 1960 to 2020, based on Dias and Pires' (2005) concepts for classifying bibliographies⁵. The primary purpose is to present a list of sources and research approaches on social justice in LSIS.

A bibliographic, descriptive, and qualitative-quantitative study was conducted to achieve this goal. Relevant documents were retrieved surveying the keywords/entries “social justice,” “bibliography AND social justice,” and “Information AND social justice” in Portuguese, Spanish, and English.

The survey was performed in national and international databases that address information studies, namely: Journal Storage (JSTOR), Web of Science (WoS), Library, Information Science & Technology Abstracts (LISTA), and Periódicos em Ciência da Informação database (BRAPCI). The survey selected the databases based on their relevance to the LSIS field, both nationally and internationally. The search term “bibliography” was included to find possible existing bibliographies on the subject. We conducted searches in the simple search fields using the terms mentioned above and their equivalents in the main languages of the databases. After collecting and analyzing the data, a selective bibliography on social justice was compiled and presented as Appendix 1.

FROM EPISTEMIC (IN)JUSTICE TO SOCIAL JUSTICE IN THE BIBLIOGRAPHY

“Epistemic injustice leverages mental phenomena to act, distort, and limit ‘o conhecimento que os indivíduos têm, tanto da realidade político-social circundante quanto de si próprios’ (Dalaqua, 2020, p. 214)⁶. Drawing on Miranda Fricker's insights, Castro (2020) contends that this form of injustice has repercussions that extend beyond the individual who is victimized, affecting both the person and the broader practice or epistemic system as a whole.

In her epistemic injustice theory, philosopher Miranda Fricker established that epistemic injustice involves “mal causado a alguém em sua capacidade enquanto um sujeito conhecedor e, assim, em uma capacidade essencial para o valor humano” (Fricker, 2007, p. 5, tradução nossa)⁷. Such harm deepens with the occurrence of injustices with structurally marginalized groups who are “injustificados em sua capacidade de conhecedores” (Ottinger, 2017, p. 42)⁸. It is, therefore, an exclusion that hinders the ability of individuals or groups to actively participate in the construction, dissemination, and preservation of knowledge in society (Fricker, 2007; Gabriel; Santos, 2020; Silva; Garcez; Silva, 2022).

When a person is not recognized as capable of providing information, they do not feel confident in obtaining and transmitting knowledge, and this form of injustice is fundamentally epistemic since “we offer testimony by making assertions; assertions are understood as expressing knowledge; and the victim of epistemic injustice is not recognized as able to express (and perhaps possess) knowledge.” (Hookway, 2010, P. 153)⁹.

Miranda Fricker (2007) discusses the duality of epistemic injustice, which is linked to testimonial and hermeneutical injustice. Testimonial injustice “[...] é causada pelo preconceito na economia da credibilidade” (Fricker, 2007, p. 1, tradução nossa)¹⁰ when a lack of reliability in what the speaker declares leads to a biased judgment by the listener. Hermeneutical injustice, on the other hand, “[...] é causada por preconceitos estruturais na economia dos recursos hermenêuticos coletivos” (Fricker, 2007, p. 1, tradução nossa)¹¹, which occurs prior to communicative activities between subjects since the hermeneutically marginalized subject is at a disadvantage because they do not have the tools to give meaning to their social experience (Fricker, 2013).

In addition to the concepts presented above, Patin et al. (2021, p. 1308)¹² identify two more epistemic injustices that occur in our field, namely: curricular injustice, which “[...] acontece quando os recursos físicos não estão disponíveis para ajudar a sustentar o crescimento epistêmico”; and participatory injustice, related to the “the exclusion of one’s participation in their own epistemological development” (Patin et al., 2021, p. 1308)¹³.

The work of information professionals (archivists, librarians, digital preservationists, information scientists) has “consequências reais para as pessoas marginalizadas porque quem é lembrado e como eles são lembrados dita quem recebe a violência perpetrada contra eles” (Jules, 2016, p. 1)¹⁴.

A history of using civility, neutrality, and silence as tools for marginalization characterizes the library and information sciences fields..

These instruments of power and control permeate the field in spheres such as: a) undergraduate courses that render invisible students and teachers belonging to marginalized groups and their demands for fairer and more representative curricula; b) faculty with a lack of teachers from different ethnic-racial backgrounds other than white; c) graduate programs whose admission control is coupled to processes of social and racial exclusion, among others problems. In this sense, the university and the field incorporate inequalities and exclusions of relations, epistemes, and practices in ways that are both structural and structuring. (Gibson, 2019; Silva; Silva, 2022).

Professional neutrality has historically been seen as a value in the profession and in libraries that is understood as being impartial and not supporting or favoring any side in conflict, disagreement, or war. The values of professional neutrality are linked to the defense of white racial supremacy and therefore contribute to depriving marginalized communities of their rights (Chiu; Ettarh; Ferretti, 2021).

Thus, libraries and information units, in addition to being white spaces (Honma, 2021), also become places of epistemicide. When referring to epistemicide or knowledge assassination, we understand that “o privilégio epistemológico que a ciência moderna concede a si mesma é [...] o resultado da destruição de todos os conhecimentos alternativos que poderiam eventualmente questionar tal privilégio” (Santos, 2016, p. 152-153)¹⁵. To reverse this situation, we understand that social justice, equity in the representativeness of collections, services, and offering of products for marginalized communities, and the democratic values of the librarian profession are of the utmost importance. According to Dadlani and Todd (2015, p. 333), it is the library’s duty, as an information unit, to embody the principles of social justice, since libraries are a collective construction of all the individuals, organizations, or systems to which they belong. Mathiesen (2015) advocates the same perspective and argues that the main point is not whether information professionals can be neutral, but whether their assumed neutrality embraces the values of social justice.

He emphasizes that these values are only achieved when “os profissionais da informação fornecem o mesmo nível de serviço a pessoas cujas crenças discordam violentamente e àquelas com quem concordam” (Mathiesen, 2015, p. 5-6)¹⁶.

Social justice and human freedom in the global flow of knowledge should not be based and presented considering only one nation or dominant group but rather on the epistemic plurality derived from various groups scattered around the globe (Britz; Ponelis, 2012). The inclusion of this plurality will allow for the epistemic reparation of historically silenced, erased, or excluded knowledge from library collections while proposing new perspectives to read and perceive the world through different theoretical lenses. One way to achieve this reparation is by disseminating information sources that explore these issues. For that, we opt for bibliographies precisely because one of their functions is to retrieve necessary information for the production of knowledge and composition of scientific, technical, or cultural works (Dias; Pires, 2005), thus, working against epistemicide and supporting the dissemination of the bibliography related to social justice, which is dedicated to reflecting the thinking about and by marginalized groups in societies, as we will see next.

THE INSURGENCY OF A BIBLIOGRAPHY ON SOCIAL JUSTICE IN THE LIBRARIAN-INFORMATIONAL FIELD: RESULTS

A bibliography refers to “um produto, uma atividade, um campo disciplinar” (Lara, 2018, p. 128)¹⁷. In our research, we adopted the perspective of a product, through which we can “inventariar a produção intelectual humana, produção essa expressa em diferentes livros e manuscritos espalhados por diferentes bibliotecas” (Araújo, 2014, p. 100)¹⁸. Different authors present their views on the typologies and classifications of bibliographies.

Dias and Pires (2005, p. 70)¹⁹ consider that bibliography is a “lista completa ou seletiva de documentos sobre um assunto determinado” that can be classified according to the following typologies: nature of the material, geographic scope, subject, arrangement, period, presentation of information, and document handling. Based on these typologies, we organized a bibliography on social justice in Library and Information Science (LIS): it consists of a selective list of documents with a sign presentation, international scope, specialized subject, retrospective temporality, and alphabetical and systematic arrangement, divided into three categories, as described below.

After conducting searches in the selected databases, we retrieved 342 documents, which, after refinement and removal of duplicates, resulted in 180 materials. For a systematic arrangement of the bibliography, we used three categories to present some approaches to social justice studies in the field, namely: a) education for social justice: 14 documents; b) libraries for social justice: 41 documents; and c) librarian action for social justice: 35 documents.

The Education for Social Justice category encompasses different theoretical-pedagogical approaches to social justice studies in LIS, covering aspects such as its integration into the curriculum of courses and teaching-learning actions within the professional practice, such as the creation of Information Literacy programs with a focus on social justice. The second category, Libraries for Social Justice, focuses on the role and actions of different types of libraries, particularly public libraries, in their territories and communities. In this latter case, we addressed initiatives aimed at vulnerable groups and informational services that meet the specific needs of their communities. The last delimited category, Librarian Action for Social Justice, centers on the agenda and role of the librarian, with a focus on social justice, their needs, and practices resulting from changes in attitudes and knowledge acquired on the subject, struggles, and advocacy.

The context of this category involves professional practice and social responsibility, the librarian's actions to understand their role in society, and the understanding of the non-neutrality of the profession.

The Education for Social Justice category has 14 documents. The research approach for these documents involved topics such as higher education curricula and integration of diversity (Alajmi; Alshammari, 2020), Social Justice as a tool for transforming the curriculum, librarian education, and culture in LIS (Cooke; Sweeney; Noble, 2016), Social Justice, diversity, and LIS curriculum (Kumasi; Manlove, 2015), Indigenous ecology in LIS education (Roy, 2015), Information Literacy program, social justice, and student agency (Gregory; Higgins, 2017), race, ethnicity, and diversity in information classification and organization (Adler; Harper, 2018), information literacy (Pegues, 2018), among other topics.

In the category of Libraries for social justice, the research returned 41 results. The research approaches were related to themes such as social justice, public libraries, and informational needs of the LGBTQIA+ population (Vincent, 2015), public library systems, services, and materials for the LGBTQIA+ population through the analysis of intersectionality theory (Hicks; Kerrigan, 2020), the evaluation of characters and settings reflecting LGBT identities in fiction on Coutts 'OASIS and Smashwords library acquisition platforms (Sandy; Brendler; Kohn, 2017), public libraries and the experiences of Hawaiian people in illustrated children's books (Zettervall, 2012), recreational reading, literacy, libraries and social justice (Dewan, 2016), informational justice, libraries and informational services (Mathiesen, 2015), decolonization of collection development in libraries (Blume; Roylance, 2020), public libraries and support for businesses in rural communities (Mehra; Bishop; Partee, 2017), the relationship between library services and vulnerable groups (Tello, 2008), racism and white culture in academic libraries within public space, staff, and reference service provision (Brook; Ellenwood; Lazzaro, 2015), among others.

Lastly, in the category of Librarian performance for social justice, 35 documents were found. Some of the topics addressed were the deracialization of classification schemes in librarian performance (Furner, 2007), recruitment and retention strategies of individuals from underrepresented groups in the librarian profession (Harper, 2020), critical cataloging focused on social justice (Watson, 2020), librarians with disabilities, barriers, and confronting stereotypes in the workplace (Oud, 2019), promotion of sexual minority equality through community action and raising social awareness (Mehra; Braquet, 2007), social justice agenda, and racial and ethnic diversity in the academic libraries of the future (Morales; Knowles; Bourg, 2014), practical and generalizable skills of reference librarians for promotion of civic engagement and social justice (Brunvand, 2020), political neutrality of librarian professionals (Cheshire; Stout, 2020), prison librarianship and the paradigm of intellectual freedom and social justice (Šimunić; Tanacković; Badurina, 2016), teacher perceptions about information literacy education (Dawes, 2019), among others.

CONCLUSION

This study sought to organize a selective bibliography on social justice in Library and Information Science from 1960 to 2020. To that end, we surveyed documents in national and international databases using defined criteria to find documents related to the topic. The search retrieved 342 documents, and after refinement and removing duplicates, we selected 180 entries organized as a bibliography.

Regarding the classification of bibliographies, we adopted the typologies of Dias and Pires (2005). We organized the results in a bibliography of a selective list of documents with signage presentation, international scope, specialized subject, retrospective arrangement, alphabetical, and also systematic, due to the three categories adopted in the investigation for better describing some approaches of studies on social justice in the field: a) education for social justice: 14 documents,

b) libraries for social justice: 41 documents, and c) librarian initiatives for social justice: 35 documents. In conclusion, we highlight that, as shown in the results and bibliography, there is a breadth of research on social justice in the library information field. We reiterate that the bibliographies in this context may contribute to knowledge production and dissemination of studies on social justice, fight instances of epistemicide, and support the dissemination of knowledge about and produced by marginalized social groups.

BIBLIOGRAPHY

ADLER, Melissa; HARPER, Lindsey M. Race and Ethnicity in Classification Systems: Teaching Knowledge Organization from a Social Justice Perspective. *Library Trends*, Illinois, v. 67, n. 1, p. 52-73, 2018. DOI 10.1353/LIB.2018.0025.

ALAJMI, Bibi M.; ALSHAMMARI, Israa. Strands of diversity in Library and Information Science graduate curricula. *Malaysian Journal of Library & Information Science*, [s. l], v. 25 n. 1, p. 103-121, Apr. 2020.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. *Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível*. Brasília: Briquet de Lemos; São Paulo: ABRINFO, 2014.

BLUME, Rachel; ROYLANCE, Alisson. Decolonization in collection development: Developing an authentic authorship workflow. *The Journal of Academic Librarianship*, [s. l], v. 46, n. 5, p. 1-7, Sept. 2020. DOI 10.1016/j.acalib.2020.102175.

BRUNVAND, Amy. Researching bears ears: reference practice for civic engagement. *Reference Services Review*, [s. l], v. 48, n. 1, p. 49-61, Feb. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1108/RSR-09-2019-0061>.

BONICCI, Laurie J. et. al. Physiological access as a social justice type in LIS Curricula. *Journal of Education for Library and Information Science*, [s. l], v. 53, n. 2, p. 115-129, Apr. 2012. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23249103>. Accessed on 10 Set. 2021.

BROOK, Freeda; ELLENWOOD, Dave; LAZZARO, Althea Eannace. In pursuit of antiracist social justice: denaturalizing whiteness in the academic library. *Library Trends*, Illinois, v. 64, n. 2, p. 246-284, 2015.

BRITZ, Johannes J.; PONELIS, Shana. Social justice and the international flow of knowledge with specific reference to African scholars. *Aslib Proceedings: New Information Perspectives*, [s. l], v. 64, n. 5, p. 462-477, Sept. 2012. DOI 10.1108/00012531211263094.

CASTRO, Flávia Rodrigues de. *Refúgio e injustiça epistêmica: uma análise a partir do Brasil*. 2020. 251 p. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

CHESHIRE, Kelsey; STOUT, Jennifer. The moral arc of the library: what are our duties and limitations after 45? *Reference Services Review*, [s. l], v. 48, n. 2, p. 219-225, Apr. 2020.

CHIU, Anastasia; ETTARH, Fobazi M.; FERRETTI, Jennifer A. Not the shark, but the water: How neutrality and vocational awe intertwine to uphold white supremacy. In: LEUNG, Sofia Y.; LOPEZ-MCKNIGHT, Jorge R (ed.). *Knowledge justice: disrupting library and information studies through critical race theory*. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology, 2021.

COOKE, Nicole A., SWEENEY, Miriam E., NOBLE, Safiya U. Social justice as topic and tool: an attempt to transform an LIS curriculum and culture. *The Library Quarterly*, Illinois, v. 86, n. 1, p. 107-124, Jan. 2016. DOI 10.1086/684147.

DAWES, Lorna. Through faculty's eyes: Teaching threshold concepts and the framework. *Portal: Libraries and the academy*, [s. l], v. 19, n. 1, p. 127-153, Jan. 2019.

DADLANI, Punit; TODD, Ross J. Information technology and school libraries: a social justice perspective. *Library Trends*, Illinois, v. 64, n. 2, p. 329-359, 2015.

DALAUQUA, Gustavo Hessmann. Liberdade democrática como desenvolvimento de si, resistência à opressão e à injustiça epistêmica. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 43, n. 3, p. 213-234, jul./set. 2020.

DEWAN, Pauline. Economic well-being and social justice through pleasure reading. *New Library World*, Bingley, v. 117, n. 9/10, p. 557-567, Oct. 2016.

DIAS, Maria Matilde Kronka. PIRES, Daniela. *Fontes de informação: um manual para cursos de graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação*. São Carlos: EdUFSCar, 2005.

FRICKER, Miranda. *Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

FRICKER, Miranda. Epistemic justice as a condition of political freedom? *Synthese*, [s. l], v. 190, n. 7, p. 1317-1332, May 2013.

FURNER, Jonathan. Dewey Deracialized: A critical race-theoretic perspective. *Knowledge Organization*, [s. l], v. 34, n. 3, p. 144-168, 2007.

GABRIEL, Alice de Barros; SANTOS, Breno Ricardo Guimarães. A injustiça epistêmica na violência obstétrica. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 2, e60012, 2020.

GIBSON, Amelia N. Civility and structural precarity for faculty of color in LIS. *Journal of Education for Library and Information Science*, [s. l], v. 60, n. 3, p. 215-222, Jul. 2019. DOI 10.3138/jelis.2019-0006.

- GREGORY, Lua; HIGGINS, Shana. Reorienting an information literacy program toward social justice: mapping the core values of librarianship to the ACRL Framework. *Communications in Information Literacy*, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 42-54, 2017.
- HARPER, Lindsey. Recruitment and retention strategies of LIS students and professionals from underrepresented groups in the United States. *Library Management*, [s. l.], v. 41 n. 2/3, p. 67-77, Feb. 2020.
- HICKS, Pete; KERRIGAN, Páraic. An intersectional quantitative content analysis of the LGBTQ+ catalogue in Irish public libraries. *Journal of Librarianship and Information Science*, [s. l.], v. 52, n. 4, p. 1028-1041, 2020.
- HOOKWAY, Christopher. Some varieties of epistemic injustice: reflections on Fricker. *Episteme*, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 151-163, Jun. 2010. DOI: <https://doi.org/10.3366/E1742360010000882>.
- HONMA, Todd. Introduction to part I. In: LEUNG, Sofia Y.; LOPEZ-MCKNIGHT, Jorge R (ed.). *Knowledge justice: disrupting library and information studies through critical race theory*. Cambridge, MA: MIT Press, 2021.
- JULES, Bergis. Confronting Our Failure of Care Around the Legacies of Marginalized People in the Archives. *On Archivy*, [s. l.], nov. 11, 2016. Disponível em: <https://medium.com/on-archivy/confronting-our-failure-of-care-around-the-legacies-of-marginalized-people-in-the-archives-dc4180397280>. Accessed on 10 June 2022.
- KUMASI, Kafi D.; MANLOVE, Nichole. Finding “diversity levers” in the core library and information science curriculum: a social justice imperative. *Library Trends*, Illinois, v. 64, n. 2, p. 415-443, 2015.
- LARA, Marilda Lopes Ginez de. Conceito de bibliografia, ou conceitos de bibliografia? *Informação & informação*, Londrina, v. 23, n. 2, p. 127-151, maio/ago. 2018.
- MATHIESEN, Kay. Informational justice: a conceptual framework for social justice in library and information services. *Library Trends*, Illinois, v. 64, n. 2, p. 198-225, 2015.
- MEDEIROS, Felipe Gabriel Gomes; PRESSER, Nadi Helena. Informação e inclusão social: perspectivas possíveis. *Ciência da Informação em Revista*, Maceió, v. 7, n. 1, p. 19-33, jan./abr. 2020.
- MEHRA, Bharat; BRAQUET, Donna. Library and information science professionals as community action researchers in an academic setting: top ten directions to further institutional change for people of diverse sexual orientations and gender identities. *Library Trends*, Illinois, v. 56, n. 2, p. 542-565, 2007.
- MEHRA, Barat; BISHOP, Bradley W. de; PARTEE, Robert P. How do public libraries assist small businesses in rural communities? an exploratory qualitative study in Tennessee. *Libri*, [s. l.], v. 67, n. 4, p. 245-260, 2017. DOI 10.1515/libri-2017-0042.
- MORALES, Myrna; KNOWLES, Em Claire; BOURG, Chris. Diversity, social justice, and the future of libraries. *Portal: Libraries and the Academy*, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 439-451, Jul. 2014.
- LOUD, Joanne. Systemic Workplace barriers for academic librarians with disabilities. *College & Research Libraries*, [s. l.], v. 80, n. 2, p. 169-194, 2019.
- OTTINGER, Gwen. Making sense of citizen science: stories as a hermeneutic resource. *Energy Research & Social Science*, [s. l.], v. 31, p. 41-49, Sept. 2017.
- PATIN, Beth; SEBASTIAN, Melinda; YEON, Jieun; Bertolini, Danielle; GRIMM, Alexandra. Interrupting epistemicide: a practical framework for naming, identifying, and ending epistemic injustice in the information professions. *Journal of the Association for Information Science and Technology*, [s. l.], v. 72, n. 10, p. 1306-1318, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1002/asi.24479>.
- PEGUES, Conrad R. Engendering social justice in first year information literacy classes. *Communications in Information Literacy*, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 193-202, 2018.
- ROY, Lorie. Advancing an indigenous ecology within LIS Education. *Library Trends*, Illinois, v. 64, n. 2, p. 384-414, 2015.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologies of the South: justice against epistemicide*. [New York]: Routledge, 2016.
- SANDY, Heather Moulaison; BRENDLER, Beth M.; KOHN, Karen. Intersectionality in LGBT fiction: a comparison of a traditional library vendor and a nontraditional eBook platform. *Journal of Documentation*, [s. l.], v. 73, n. 3, p. 432-450, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1108/JD-07-2016-0092>.
- ŠIMUNIĆ, Zrinka; TANACKOVIĆ, Sanjica Faletar; BADURINA, Boris. Library services for incarcerated persons: a survey of recent trends and challenges in prison libraries in Croatia. *Journal of Librarianship and Information Science*, [s. l.], v. 48, n. 1, p. 72-89, Mar. 2016.
- SILVA, Franciele Carneiro Garcês da; SILVA, Rubens Alves da. Da ausência à evidência: notas teórico-críticas sobre o princípio da ausência, epistemicídio e reparação epistêmica em bibliotecas e biblioteconomia. *INICID: Revista de Documentação e Ciência da Informação*, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 47-72, jul. 2022.
- SILVA, Franciele Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SILVA, Rubens Alves da. Conhecimento das margens: da injustiça epistêmica à valorização do conhecimento negro em biblioteconomia e ciência da informação. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v. 27, n. 1, p. 1-19, 2022.
- TELLO, Felipe Meneses. Library services for vulnerable groups: the view in IFLA and other associations guidelines. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 18, n. 1, 2008.
- VINCENT, John. Why do we need to bother? public library services for LGBTQI people. *Library Trends*, Illinois, v. 64, n. 2, p. 285-298, 2015.

WATSON, Brian M. "There was Sex but no Sexuality:" critical cataloging and the classification of asexuality in LCSH. *Cataloging & Classification Quarterly*, [s. l.], v. 58, n. 6, p. 1-19, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/01639374.2020.1796876>.

ZETTERVALL, Sara. Through a distant lens: visions of native Hawaiians in children's picture books. *Progressive Librarian*, New York, n. 40, p 109-124, 2012.

APPENDIX 1 – Table with the bibliography on social justice by categories

CATEGORY	REFERENCES
Education for Social Justice (14)	BONNICI, Laurie J. <i>et al.</i> Physiological access as a social justice type in LIS curricula. <i>Journal of Education for Library and Information Science</i> , [s. l.], v. 53, n. 2, p. 115-129, Apr. 2012.
	YUKAWA, Joyce. Preparing for complexity and wicked problems through transformational learning approaches. <i>Journal of Education for Library and Information Science</i> , [s. l.], v. 6, n. 2, p. 158-168, 2015.
	JONES, Rhiannon. Social justice in library science programs: A content analysis approach. <i>Journal of Librarianship and Information Science</i> , [s. l.], v. 52, n. 4, p. 1102-1109, 2020.
	KUMASI, Kafi D.; MANLOVE, Nichole L. Finding “diversity levers” in the core library and information science curriculum: A social justice imperative. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 64, n. 2, p. 415-443, 2015.
	COOKE, Nicole A.; SWEENEY, Miriam E.; NOBLE, Safiya Umoja. Social justice as topic and tool: An attempt to transform an LIS curriculum and culture. <i>The Library Quarterly</i> , Illinois, v. 86, n. 1, p. 107-124, Jan. 2016.
	GREGORY, Lua; HIGGINS, Shana. Reorienting an information literacy program toward social justice: Mapping the core values of librarianship to the ACRL framework. <i>Communications in Information Literacy</i> , [s. l.], v. 11, n. 1, p. 42-54, 2017.
	PEGUES, Conrad R. Engendering Social Justice in First Year Information Literacy Classes. <i>Communications in Information Literacy</i> , [s. l.], v. 12, n. 2, p. 193-202, 2018.
	BAREFOOT, Maria R. Identifying information need through storytelling. <i>Reference Services Review</i> , [s. l.], v. 46, n. 2, p. 251-263, 2018. DOI: https://doi.org/10.1108/RSR-02-2018-0009 .
	BRANCH, Nicole A. Illuminating Social Justice in the Framework: Transformative Methodology, Concept Mapping and Learning Outcomes Development for Critical Information Literacy. <i>Communications in Information Literacy</i> , [s. l.], v. 13, n. 1, p. 4-22, 2019.
	ROY, Loriene. Advancing an indigenous ecology within LIS education. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 64, n. 2, p. 384-414, 2015.
	ALAJMI, Bibi M.; ALSHAMMARI, Israa. Strands of diversity in Library and Information Science graduate curricula. <i>Malaysian Journal of Library & Information Science</i> , Illinois, v. 25, n. 1, p. 103-120, 2020.
	GOHR, Michelle; NOVA, Vitalina A. Student trauma experiences, library instruction and existence under the 45th. <i>Reference Services Review</i> , [s. l.], v. 48, n. 1, p. 183-199, 2020.
	ADLER, Melissa; HARPER, Lindsey M. Race and ethnicity in classification systems: Teaching knowledge organization from a social justice perspective. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 67, n. 1, p. 52-73, 2018.
	RIOUX, Kevin. Metatheory in library and information science: A nascent social justice approach. <i>Journal of Education for Library and Information Science</i> , v. 51, n. 1, p. 9-17, 2010.

CATEGORY	REFERENCES
Libraries for Social Justice (41)	JAEGER, Paul T. <i>et al.</i> Library research and what libraries actually do now: Education, inclusion, social services, public spaces, digital literacy, social justice, human rights, and other community needs. <i>The Library Quarterly</i> , Illinois, v. 84, n. 4, p. 491-493, 2014.
	WESTBROOK, Lynn. Understanding crisis information needs in context: The case of intimate partner violence survivors. <i>The Library Quarterly</i> , Illinois, v. 78, n. 3, p. 237-261, 2008.
	TELLO, Felipe M. Bibliotecas y justicia social. <i>Revista Folha de Rosto</i> , Juazeiro do Norte, v. 6, n. 3, p. 54-77, 2020.
	DADLANI, Punit; TODD, Ross J. Social justice as strategy: Connecting school libraries, collaboration, and IT. <i>The Library Quarterly</i> , Illinois, v. 86, n. 1, p. 43-75, 2016.
	ZETTERVALL, Sara. Through a Distant Lens: Visions of Native Hawaiians in Children's Picture Books. <i>Progressive Librarian</i> , New York, n. 40, p. 109-124, 2012.
	BOSSALLER, Jenny S. <i>et al.</i> Learning about social justice through experiential learning abroad. <i>Reference and User Services Quarterly</i> , [s. l.], v. 54, n. 3, p. 6-11, 2015.
	DEWAN, Pauline. Economic well-being and social justice through pleasure reading. <i>New Library World</i> , v. 117, n. 9/10, p. 557-567, 2016. DOI: https://doi.org/10.1108/NLW-03-2016-0019 .
	DADLANI, Punit; TODD, Ross J. Information technology and school libraries: A social justice perspective. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 64, n. 2, p. 329-359, 2015.
	BROOK, Freeda; ELLENWOOD, Dave; LAZZARO, Althea Eannace. In pursuit of antiracist social justice: Denaturalizing whiteness in the academic library. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 64, n. 2, p. 246-284, 2015.
	MATHIESEN, Kay. Informational justice: A conceptual framework for social justice in library and information services. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 64, n. 2, p. 198-225, 2015.
	BLUME, Rachel; ROYLANCE, Allyson. Decolonization in collection development: Developing an authentic authorship workflow. <i>The Journal of Academic Librarianship</i> , [s. l.], v. 46, n. 5, p. 102175, Sept. 2020.
	JAEGER, Paul T.; SARIN, Lindsay C. The politically engaged public library: Admitting and embracing the political nature of libraries and their goals. <i>Public Library Quarterly</i> , [s. l.], v. 35, n. 4, p. 325-330, 2016.
	MERLO-VEGA, José Antonio; CHU, Clara M. Out of necessity comes unbridled imagination for survival: Contributive justice in Spanish libraries during economic crisis. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 64, n. 2, p. 299-328, 2015.
	GEROLAMI, Natasha. The library assemblage: creative institutions in an information society. <i>Journal of Documentation</i> , [s. l.], v. 71, n. 1, p. 165-174, 2015.
	SOGLASNOVA, Lana; HANSON, Mary. Socially responsive design and evaluation of a workers' compensation thesaurus for a community organization with selective application of cognitive work analysis: A case study. <i>Cataloging & Classification Quarterly</i> , [s. l.], v. 53, n. 8, p. 905-926, 2015.
	FIEDLER, Brittany Paloma; MITOLA, Rosan; CHENG, James. Responding to hate: how national and local incidents sparked action at the UNLV University Libraries. <i>Reference Services Review</i> , [s. l.], p. 1-28, 2020.
	SAMEK, Toni. Reflection on Risk in the Endeavours of Librarianship and Human Rights. <i>Türk Kütüphaneciliği</i> , [s. l.], v. 32, n. 1, p. 19-25, 2018.
	DOUGLASS, Kimberly; MEHRA, Bharat. A four frames analysis to address the information challenges of families of children with ADHD: Actions for Public Libraries to Address Embedded Power Imbalances. <i>Libri</i> , [s. l.], v. 66, n. 1, p. 59-71, 2016.
	BANGANI, Siviwe; CHIZWINA, Sabelo; MOYO, Mathew. An analysis of interlibrary loan services: a case study of a university in South Africa. <i>Information Discovery and Delivery</i> , [s. l.], v. 46, n. 1, p. 26-37, 2018. DOI: https://doi.org/10.1108/IDD-08-2017-0059 .
	SPARANESSE, Ann C. Service to the labor community: a public library perspective. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 51, n. 1, p. 19-35, 2002.
	SANDY, Heather Moulaison; BRENDLER, Beth M.; KOHN, Karen. Intersectionality in LGBT fiction: A comparison of a traditional library vendor and a nontraditional eBook platform. <i>Journal of Documentation</i> , [s. l.], v. 73, n. 3, p. 432-450, 2017. DOI: https://doi.org/10.1108/JD-07-2016-0092 .
	VINCENT, John. Why do we need to bother? Public library services for LGBTQI people. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 64, n. 2, p. 285-298, 2015.
	HICKS, Pete; KERRIGAN, Pádraic. An intersectional quantitative content analysis of the LGBTQ+ catalogue in Irish public libraries. <i>Journal of Librarianship and Information Science</i> , [s. l.], v. 52, n. 4, p. 1028-1041, 2020.
	HOFFMANN, Debra; WALLACE, Amy. Intentional informationists: Re-envisioning information literacy and re-designing instructional programs around faculty librarians' strengths as campus connectors, and course designers. <i>The Journal of Academic Librarianship</i> , [s. l.], v. 39, p. 546-551, 2013.
	NEWMAN, Jess; BONEFAS, Suzanne; TRENTHEM, Wendy. Creating capacity for digital projects: a case study in identifying and building upon strengths. <i>Digital Library Perspectives</i> , [s. l.], v. 34, n. 1, p. 9-19, 2018. DOI: https://doi.org/10.1108/DLP-08-2017-0026 .
	RISAM, Roopika; SNOW, Justin; EDWARDS, Susan. Building an ethical digital humanities community: Librarian, faculty, and student collaboration. <i>College & Undergraduate Libraries</i> , [s. l.], v. 24, n. 2-4, p. 337-349, 2017.
	BARR-WALKER, Jill; SHARIFI, Claire. Critical librarianship in health sciences libraries: an introduction. <i>Journal of the Medical Library Association</i> , [s. l.], v. 107, n. 2, p. 258-264, Apr. 2019.
	FOSTER, Makiba J. Navigating library collections, black culture, and current events. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 67, n. 1, p. 8-22, 2018.
	MARCELLA, Rita; CHOWDHURY, Gobinda. Eradicating information poverty: An agenda for research. <i>Journal of Librarianship and Information Science</i> , [s. l.], v. 52, n. 2, p. 366-381, 2020.
	KRUTKOWSKI, Sebastian; TAYLOR-HARMAN, Sarah; GUPTA, Kat. De-biasing on university campuses in the age of misinformation. <i>Reference Services Review</i> , [s. l.], v. 48, n. 1, p. 113-128, 2020. DOI: https://doi.org/10.1108/RSR-10-2019-0075 .
	RAJU, Reggie <i>et al.</i> An authentic flip subscription model for Africa: Library as publisher service. <i>Library Management</i> , [s. l.], v. 41, n. 6/7, p. 369-381, 2020.
	BUSCHMAN, John; WARNER, Dorothy A. On community, justice, and libraries. <i>The Library Quarterly</i> , Illinois, v. 86, n. 1, p. 1-15, 2016.
	PEEKHAUS, Wilhelm. Seed libraries: Sowing the seeds for community and public library resilience. <i>The Library Quarterly</i> , Illinois, v. 88, n. 3, p. 271-285, 2018.
	ARROYO-RAMIREZ, Elvia <i>et al.</i> The reach of a long-arm stapler: Calling in microaggressions in the LIS field through zine work. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 67, n. 1, p. 107-130, 2018.
	MEHRA, Bharat; GRAY, LaVerne. An "owning up" of white-IST trends in LIS to further real transformations. <i>The Library Quarterly</i> , Illinois, v. 90, n. 2, p. 189-239, 2020.
	JOHNSON, Hayley. #NoDAPL: Social media, empowerment, and civic participation at Standing Rock. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 66, n. 2, p. 155-175, 2017.
	STRANGER-JOHANNESSEN, Espen; ASSELIN, Marlene; DOIRON, Ray. New perspectives on community library development in Africa. <i>New Library World</i> , [s. l.], v. 116, n. 1/2, p. 79-93, 2015. DOI: https://doi.org/10.1108/NLW-05-2014-0063 .
	FOURIE, Ina; MEYER, Anika. Role of libraries in developing an informed and educated nation. <i>Library Hi Tech</i> , [s. l.], v. 34, n. 3, p. 422-432, 2016. DOI: https://doi.org/10.1108/LHT-01-2016-0009 .
	PIKIĆ, Aleksandra; BARBARIĆ, Ana. Public Libraries in the Eyes of the LGBTIQ Community: the case of Croatia. <i>Public Library Quarterly</i> , [s. l.], v. 39, n. 2, p. 115-139, 2020.
	TELLO, Felipe Meneses. Servicios bibliotecarios para grupos vulnerables: la perspectiva en las directrices de la ifla y otras asociaciones. <i>Informação & Sociedade: Estudos</i> , João Pessoa, v. 18, n. 1, p. 45-66, 2008.
	MEHRA, Bharat; BISHOP, Bradley Wade; PARTEE II, Robert P. How do public libraries assist small businesses in rural communities? An exploratory qualitative study in Tennessee. <i>Libri</i> , [s. l.], v. 67, n. 4, p. 245-260, 2017.

CATEGORY	REFERENCES
Librarian Initiatives for Social Justice (35)	MARIEN, Stacey (Ed.). <i>Library Technical Services: adapting to a changing environment</i> . West Lafayette: Purdue University Press Book Previews, v. 57, 2020.
	THARANI, Karim. Just KOS! Enriching Digital Collections with Hypertexts to Enhance Accessibility of Non-Western Knowledge Materials in Libraries. <i>Knowledge Organization</i> , [s. l.], v. 47, n. 3, p. 220-230, 2020.
	JAEGER, Paul T. <i>et al.</i> The virtuous circle revisited: Injecting diversity, inclusion, rights, justice, and equity into LIS from education to advocacy. <i>The Library Quarterly</i> , Illinois, v. 85, n. 2, p. 150-171, 2015.
	MOREILLON, Judi. Digital storytelling based on the association for library service to children competencies: A learning activity to promote values associated with social justice. <i>Public Library Quarterly</i> , [s. l.], v. 34, n. 3, p. 212-229, 2015.
	UNDERWOOD, Janice <i>et al.</i> Culturally relevant booktalking: using a mixed reality simulation with preservice school librarians. <i>School Libraries Worldwide</i> , [s. l.], v. 21, n. 1, p. 91-107, 2015. DOI 10.14265.21.1.006.
	FARRELL, Maggie. Leadership and social justice. <i>Journal of Library Administration</i> , [s. l.], v. 56, n. 6, p. 722-730, 2016.
	MARTIN, Elaine Russo. Social justice and the medical librarian. <i>Journal of the Medical Library Association</i> , [s. l.], v. 107, n. 3, p. 291-303, 2019.
	BATTISTA, Andrew <i>et al.</i> Seeking social justice in the ACRL Framework. <i>Communications in Information Literacy</i> , [s. l.], v. 9, n. 2, p. 111-125, 2015.
	MORALES, Myrna; KNOWLES, Em Claire; BOURG, Chris. Diversity, social justice, and the future of libraries. <i>Portal: Libraries and the Academy</i> , Baltimore, v. 14, n. 3, p. 439-451, 2014.
	SAUNDERS, Laura. Connecting information literacy and social justice: Why and how. <i>Communications in Information Literacy</i> , [s. l.], v. 11, n. 1, p. 55-75, 2017.
	OLIPHANT, Tami. Social justice research in library and information sciences: A case for discourse analysis. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 64, n. 2, p. 226-245, 2015.
	MARTIN, Elaine Russo. Democratic librarianship: the role of the medical library in promoting democracy and social justice. <i>Journal of the Medical Library Association</i> , [s. l.], v. 108, n. 1, p. 131-136, 2020.
	SEIFERLE-VALENCIA, Marco. It's Not (Just) About the Cost: Academic Libraries and Intentionally Engaged OER for Social Justice. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 69, n. 2, p. 469-487, 2020.
	MONTAGUE, Rae-Anne. Mix it up! A blending of community informatics and youth services librarianship to further social justice in library and information science education. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 64, n. 2, p. 444-457, 2015.
	POGGIALI, Jennifer. Incorporating ethical consumption into electronic device acquisition: a proposal. <i>Portal: Libraries and the Academy</i> , Baltimore, v. 16, n. 3, p. 581-597, 2016.
	SHEFFIELD, Rebecca T. More than acid-free folders: Extending the concept of preservation to include the stewardship of unexplored histories. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 64, n. 3, p. 572-584, 2016.
	BRUNVAND, Amy. Researching Bears Ears: reference practice for civic engagement. <i>Reference Services Review</i> , [s. l.], v. 48, n. 1, p. 49-61, 2020. DOI: https://doi.org/10.1108/RSR-09-2019-0061 .
	LAWRENCE, E. E. On the problem of oppressive tastes in the public library. <i>Journal of Documentation</i> , [s. l.], v. 76, n. 5, p. 1091-1107, 2020. DOI: https://doi.org/10.1108/JD-01-2020-0002 .
	CHESHIRE, Kelsey; STOUT, Jennifer. The moral arc of the library: what are our duties and limitations after 45? <i>Reference Services Review</i> , [s. l.], v. 48, n. 2, p. 219-225, 2020.
	MEHRA, Bharat; BRAQUET, Donna. Library and information science professionals as community action researchers in an academic setting: Top ten directions to further institutional change for people of diverse sexual orientations and gender identities. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 56, n. 2, p. 542-565, 2007.
	LAWRENCE, E. E. The trouble with diverse books, part I: on the limits of conceptual analysis for political negotiation in Library & Information Science. <i>Journal of Documentation</i> , [s. l.], v. 76, n. 6, p. 1473-1491, 2020. DOI: https://doi.org/10.1108/JD-04-2020-0057 .
	LAWRENCE, E. E. The trouble with diverse books, part II: an informational pragmatic analysis. <i>Journal of Documentation</i> , [s. l.], v. 77, n. 1, p. 181-197, 2021. DOI: https://doi.org/10.1108/JD-06-2020-0112 .
	KERSLAKE, Evelyn. Book Review: Women and librarianship: a review article. <i>Journal of Librarianship and Information Science</i> , [s. l.], v. 34, n. 1, p. 53-56, 2002.
	PERRY, Gerald Jerry. The activist health sciences librarian. <i>Journal of the Medical Library Association</i> , [s. l.], v. 108, n. 1, p. 5-16, 2020.
	WIDDERSHEIM, Michael M. Governance, legitimation, commons: a public sphere framework and research agenda for the public library sector. <i>Libri</i> , [s. l.], v. 65, n. 4, p. 237-245, 2015.
	THACKER, Mara L.; LAUT, Julie R. A collaborative approach to undergraduate engagement. <i>Portal: Libraries and the Academy</i> , Baltimore, v. 18, n. 2, p. 283-300, 2018.
	ŠIMUNIĆ, Zrinka; TANACKOVIĆ, Sanjica Faletar; BADURINA, Boris. Library services for incarcerated persons: a survey of recent trends and challenges in prison libraries in Croatia. <i>Journal of Librarianship and Information Science</i> , [s. l.], v. 48, n. 1, p. 72-89, 2016.
	OD, Joanne. Systemic workplace barriers for academic librarians with disabilities. <i>College & Research Libraries</i> , [s. l.], v. 80, n. 2, p. 169-194, 2019. DOI: https://doi.org/10.5860/crl.80.2.169 .
	DAWES, Lorna. Through faculty's eyes: Teaching threshold concepts and the framework. <i>Portal: Libraries and the Academy</i> , Baltimore, v. 19, n. 1, p. 127-153, 2019.
	CAIDI, Nadia; GHADDAR, J. J.; ALLARD, Danielle. Negotiating borders: librarianship and twenty-first-century politics. <i>The Library Quarterly</i> , Illinois, v. 87, n. 4, p. 391-409, 2017.
	WATSON, Brian M. "There was Sex but no Sexuality*": Critical Cataloging and the Classification of Asexuality in LCSH. <i>Cataloging and Classification Quarterly</i> , Cambridge, UK, v. 58, n. 6-7, p. 547-565, 2020. DOI 1080/01639374.2020.1796876.
	KITZIE, Vanessa L. <i>et al.</i> Using the World Café Methodology to support community-centric research and practice in library and information science. <i>Library & Information Science Research</i> , [s. l.], v. 42, n. 4, p. 101050, 2020.
	PHILLIPS, Margaret; EIFLER, David; PAGE, Tiffany Linton. Democratizing the union at UC Berkeley: Lecturers and librarians in solidarity. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 68, n. 2, p. 343-367, 2019.
	HARPER, Lindsey M. Recruitment and retention strategies of LIS students and professionals from underrepresented groups in the United States. <i>Library Management</i> , [s. l.], v. 41, n. 2/3, p. 67-77, 2020.
	FURNER, Jonathan. Dewey deracialized: A critical race-theoretic perspective. <i>Knowledge Organization</i> , [s. l.], v. 34, n. 3, p. 144-168, 2007.

ACKNOWLEDGMENTS

We appreciate the support of the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Financing Code 001 for granting research scholarships to the authors.

ENDNOTES

- 1 Library and Information Science
- 2 Translation: “provides a mechanism for those studying LIS to examine and address diversity more broadly, ensuring the inclusion of all diversely labeled groups” (Bonicci et al., 2012, p. 125, editorial translation).
- 3 Translation: “learn from each other and be able to create new knowledge but also to share that knowledge for the benefit of humanity” (Britz; Ponelis, 2012, p. 472, editorial translation).
- 4 Translation: “fair treatment of people and communities as sources and also subjects of information” (Mathiesen, 2015, p. 18, editorial translation).
- 5 Dias and Pires (2005, p. 70) categorize bibliographies based on their typologies and features. They establish 07 typologies, each with their respective characteristics: nature of the material (primary, secondary, exhaustive, or selective); geographic scope (national, international, or regional); subject matter (general or specialized); arrangement (systematic, chronological, or alphabetical); time period (retrospective, current, or periodic); information presentation (signage, analytical, or critical); and document handling (primary or secondary).
- 6 Translation: “the knowledge that individuals have, both of the surrounding political and social reality and of themselves” (Dalaqua, 2020, p. 214, editorial translation).
- 7 Original: “[...] any epistemic injustice wrongs someone in their capacity as a subject of knowledge, and thus in a capacity essential to human value” (Fricker, 2007, p. 5).
- 8 Translation: “wronged in their capacity as knowers” (Ottinger, 2017, p. 42, editorial translation).
- 9 Translation: “we offer testimony by making assertions; assertions are understood as expressing knowledge; and the victim of epistemic injustice is not recognized as able to express (and perhaps possess) knowledge.” (Hookway, 2010, p. 153, editorial translation).
- 10 Original: “[...] *is caused by prejudice in the economy of credibility*” (Fricker, 2007, p. 1).
- 11 Original: “[...] *is caused by structural prejudice in the economy of collective hermeneutical resources.*” (Fricker, 2007, p. 1).
- 12 Translation: “[...] happens when physical resources are not available to help support epistemic growth.” (Patin et al., 2021, p. 1308, editorial translation).
- 13 Translation: “the exclusion of one’s participation in their own epistemological development” (Patin et al., 2021, p. 1308, editorial translation).
- 14 Translation: “have real consequences for marginalized people because who is remembered and how they’re remembered dictates who gets violence perpetrated against them.” (Jules, 2016, p. 1, editorial translation).
- 15 Translation: “the epistemological privilege that modern science grants to itself is [...] the result of the destruction of all alternative knowledges that could eventually question such privilege” (Santos, 2016, p. 152-153, editorial translation).
- 16 Translation: “information professionals provide the same level of service to a person whose beliefs they violently disagree with as to those with whom they agree.” (Mathiesen, 2015, p. 5-6, editorial translation).
- 17 Translation: “a product, an activity, a disciplinary field” (Lara, 2018, p. 128, editorial translation).
- 18 Translation: “inventory human intellectual production, a production expressed in different books and manuscripts across various libraries” (Araújo, 2014, p. 100, editorial translation).
- 19 Translation: “complete or selective list of documents related to a specific subject” (Dias; Pires, 2005, p. 70, editorial translation).

Women writers in brasiliana bibliographies

Diná Marques Pereira Araújo

PhD student in Information Science at the Graduate Program in Information Science at Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Librarian-documentalist at the Universidade Federal de Minas Gerais

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5368871997608892>

E-mail: librario2017@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8251-255X>

Fabricio José Nascimento da Silveira

PhD in Information Science from the (PPGCI/UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Professor of the undergraduate course in Librarianship and the Graduate Program in Information Science at the Escola de Ciência da Informação (ECI/UFMG).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8840124188505402>

E-mail: fabrisilveira@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0446-3913>

Submission date: 28/02/2023. Approval date: 05/03/2023. Publication date: 22/09/2023.

ABSTRACT

This article summarizes part of the discussions developed in a doctoral research that falls within the field of historical-bibliographic studies, whose objects of analysis are bibliographies on Brasiliana themes. The purpose is to investigate the presence of women writers in these bibliographies in order to identify silences that bibliographic writing makes possible. In view of this, it is argued that researching the written memory from the Brasilianas provides an opportunity to bring to the scene women who have been erased from historiography and bibliographic memory, rescuing their stories and productions about Brazil. In its theoretical dimension, the work dialogues with multidisciplinary perspectives, which include studies on the Bibliography and Cultural History of Women. In methodological terms, this is a bibliographic-documentary analysis centered on identifying women writers. Because it is an ongoing research, the results consist of the presentation of selected bibliographies, the survey of data referring to the number of women writers and initial reflections on these quali-quantitative markers.

Keywords: bibliography; Brasiliana bibliography; women's cultural history; women writers.

INTRODUCTION

At the beginning of the 20th century, in a misogynistic England that failed to accept women in universities or the labor market, a context in which low education and submission to male domination encouraged, among other aspects, the cultural exclusion of women, Virginia Woolf delivered two lectures to the society of the arts, in 1928, in which she reflected on her search for women writers in libraries in England and on her outrage at the small number of texts authored by women. The lectures, published as an essay the following year, were named *A room of one's*

own. Stressing the social conditions that structured the exclusion of women from the circuit of written culture, Woolf noted, above all, that women's history needed to be rewritten, the reason why she raised the following question: "por que não acrescentar um suplemento à história? chamando-o, é claro, por algum nome discreto, de forma que as mulheres pudessem ali aparecer sem impropriedade?" (Woolf, 1985, p. 19)¹. As one can see, the English novelist's provocation emphasizes her keen analytical irony in the face of a system that insisted on diminishing women's positions, thoughts, lives, bodies and writing.

By evoking the lectures by Virginia Woolf, published almost one century ago, this paper, in the field of historical-bibliographical studies, is aimed at analyzing the presence of women writers in bibliographies based on Brasiliana themes, with a view to: (a) mapping bibliographies dedicated to the Brasiliana theme in ancient graphic documents²; (b) identifying and quantifying, in the selected bibliographies, women writers and works published by them; (c) identifying characteristics of bibliographic writing and the place assigned to women writers in selected bibliographies; (d) demonstrating how Brasiliana bibliographies operate and articulate the presence of women writers.

In addition to demarcating the relevance of historical-bibliographical studies for Library Science and Information Science, it is noted that research on Brasiliana women writers and bibliographies may be able to show silences that bibliographic writing makes possible, providing opportunities to bring into the spotlight women who have been erased from the historiography of the culture written in and referring to Brazil. In correlation, it is understood that this work may be able to encourage new investigations about the formation, safeguarding and dissemination of bibliographic collections of memory in the country.

In view of this, by addressing bibliographic writing from the discussion of the presence of women writers in Brasiliana bibliographies, this paper points to a political act committing to read bibliographies not only for what they address, “[...] mas [pelo] que falta e o que deveria estar [...]” (duarte, 2011, p. 241)³ expressed in their lines and in between. Therefore, the research developed is an attempt to reflect, among other aspects, on bibliographic writing as a possibility of historical reconstitution of female writing.

THEORETICAL-CONCEPTUAL FRAMEWORK

For implementing the propositions outlined above, we sought to establish a theoretical-conceptual dialogue with authors who discuss both the Cultural History of Women and the foundations of Bibliography and the specificity of Brasiliana bibliographies. As will be made demonstrated, our study understands Bibliography as a discipline, but also as a tool capable of heralding the ways and strategies through which knowledge is constructed, organized and disseminated in each society, shedding light on the injunctions of forces responsible for giving visibility to certain works and authors, while others are erased and silenced. Dynamics and power relations which have been long reported by male and female historians who investigate the place attributed and occupied by women in the context of written culture (Algranti, 2004; Duby; Perrot, 1993, 1995; Perrot, 1988, 2007; Scott, 2011).

WOMEN AND WRITTEN CULTURE

In many of her writings, Michelle Perrot (1988, 2007) states that the history of women is crossed by millenary silences and oblivion. According to the author, women’s invisibility occurs, firstly, due to the social condition to which she was destined: the seclusion of the family space, far from public life.

In addition to this is the fact that the transition to the public space – from their parents’ home to a new home – imposed upon women the adoption of men’s surnames: “[...] os homens são indivíduos, pessoas, trazem sobrenomes que são transmitidos. Alguns são ‘grandes’, ‘grandes homens’. As mulheres não têm sobrenome, têm apenas um nome. Aparecem sem nitidez, na penumbra dos grupos obscuros” (Perrot, 2007, p. 17)⁴.

Correspondingly, “the silence of the sources” is another factor for the erasure of women in history. Either because they, due to a large set of socio-historical conditions, leave few records, since, in general, the attention that observers and chroniclers, mostly male, “[...] dispensam às mulheres é reduzida ou ditada por estereótipos” (Perrot, 2007, p. 17)⁵.

Therefore, this obscurity of women is embodied in the “[...] dissimetria sexual das fontes, variável e desigual segundo as épocas” (Perrot, 2007, p. 17)⁶ in which works produced by women are “[...] imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas” (Perrot, 2007, p. 17)⁷. Not without reason, the Cultural History of Women only began to develop late, first:

[...] na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos nos anos 1960 e na França uma década depois. Diferentes fatores imbricados – científicos, sociológicos, políticos – concorreram para a emergência do objeto “mulher”, nas ciências humanas em geral e na história em particular (Perrot, 2007, p. 19)⁸.

This advent triggered large production about women in various fields of knowledge. Thus, “[...] das mulheres, muito se fala. Sem parar, de maneira obsessiva. Para dizer o que elas são ou o que elas deveriam fazer”⁹. However, it is necessary to highlight that “these spoken-of women” correspond, for the most part, to white, European, Anglo-Saxon and North American women. Hegemonic discourse that, paradoxically, elects the image of a universal female subject, silencing many other voices such as those of black, Latino, indigenous, aboriginal, etc. women. Not by chance, a large number of texts about women prioritize famous characters, promoting a univocal and linear narrative.

However, the history of women “[...] não requer somente uma narrativa linear, mas [sim] um relato mais complexo, que leve em conta, ao mesmo tempo, a posição variável das mulheres na história, o movimento feminista e a disciplina da história” (Scott, 2011, p. 67)¹⁰. Which means that, for Scott (2011), women’s history investigates the very way in which the term “history” was established and, therefore:

Questiona a prioridade relativa dada à “história do homem”, em oposição à “história da mulher”, expondo a hierarquia implícita em muitos relatos históricos. E, mais fundamentalmente, desafia tanto a competência de qualquer reivindicação da história de fazer um relato completo quanto à perfeição e à presença intrínseca do objeto da história – o Homem universal (Scott, 2011, p. 80)¹¹.

In view of this, Scott (2011) and Perrot (2007) understand that women’s history is (or should be) concerned with affirming the distinction of women’s culture, since it is “[...] um campo inevitavelmente político” (Scott, 2011, p. 98)¹². Epistemic marker also observed in most productions dedicated to reflecting upon the presence and importance of women in the context of written culture in Brazil.

WOMEN AND WRITTEN CULTURE IN BRAZIL

As stated previously, the historiography of women in Brazil does not differ from that produced in the Global North¹³. This certainly stems from the colonization processes, but also from the fact that the history of Brazilian women is narrated by mostly male voices and is almost always subjected to the scrutiny of institutions and knowledge devices managed by men. It is not surprising, therefore, that until the 19th century, texts by religious people, travelers and colonial rulers associated Brazilian women with the sin of the flesh and little or nothing was said about them as public person(s) or even as producers of “logical-rational” knowledge. Undoubtedly, this is directly related to the condition of the colonial woman who was, almost always:

[...] submetida no interior de uma família patriarcal, em que o poder de chefia está totalmente concentrado na figura do pai, o senhor de engenho, detentor de uma autoridade absoluta sobre a esposa e os filhos (Bauer, 2001, p. 121)¹⁴.

Conditions that remained practically unchanged even after the Royal Family arrived in Brazil. Although the arrival of the Portuguese kings lent an aura of sophistication to the new seat of the Court, it was the men who continued to write for and about women. To cite one example, Jean-Baptiste Debret together with the Count of Suzannet found an opportunity to publish about women’s education and their tasks within the family. Similarly, we can refer to many other texts by travelers who describe scenes and build specific points of view capable of managing the history and representation of women in Brazil, as is the case of the following works:

- *Voyage à la Cochinchine* (Barrow, 1807), with chapter *Les femmes à Rio de Janeiro*;
- *Les femmes et les mœurs du Brésil* (Expilly, 1863);
- *Voyage d'une femme* (Verdier, 1882);
- *Voyage et découvertes outre-mer au XIX^o siècle* (Mangrin, 1863), with chapter *Vengeance de femme; Les femmes de Parahiba*, de Taunay.

Added to these is the *Diccionario Biographico de Brasileiros celebres nas letras, artes, politica, filantropia, guerra, diplomacia, indústria, ciencias e caridade*, authored by Manuel Francisco Dias da Silva, which brings together 103 biographies of these “celebrated Brazilians”, from 1500 to 1871. Neglecting women’s names, this author reaffirms that the place of honor in the written culture of nineteenth-century Brazil was entirely occupied by men.

Later, in 1878, Joaquim Manoel de Macedo – professor at D. Pedro II school – published in Rio de Janeiro book *Mulheres celebres*, by Garnier, a piece that brings together the biography of European women and was designed to be a manual for teachers (Macedo, 1878). The author’s intention was, therefore, to produce biographical profiles adapted to the primary education of Royal Court girls who had the privilege of attending the institution. With this book, girls would be introduced to reading habits and find references to become “celebrated” women themselves. However, what stands out in Joaquim Manuel de Macedo’s work is its moralistic, exemplary and obsequious tone. One of many texts about women written from the perspective of masculine domination¹⁵.

The multitude of texts written by men is opposed, until the first decades of the 20th century, to the scarcity of works authored by women, especially texts about Brazil. This is why we should not neglect that the history of women and of women’s literature in the country have:

[...] uma fisionomia própria [...] decorrente da situação da mulher, das suas raízes históricas [...] a mulher vem tradicionalmente de uma servidão absoluta através do tempo e a mulher brasileira mais do que outras mulheres do mundo [...] quando as mulheres do mundo já se comunicavam, através, por exemplo, das cartas, as correspondências das mulheres de salões, a mulher brasileira estava fechada em casa, vivendo a vida das senhoras das fazendas, da senhora da casa-grande [...] viviam aprisionadas, não sabiam ler, não sabiam nem sequer escrever, não sabiam coisa nenhuma. Elas [...] viviam numa servidão mais terrível do que as mulheres dos outros países, inclusive da Europa [sic] (Telles, 1997, p. 57)¹⁶.

Diagnosis that can be complemented by the following observation: despite the presence of female writers in the country “desde o século XVIII, a produção das primeiras escritoras foi sistematicamente deixada de lado pela crítica e pelos historiadores, chegando em muitos casos a desaparecer, como se nunca tivesse um dia existido” (Duarte, 2020, p. 333)¹⁷. Complementing her argument, our interlocutor adds: until “[...] as últimas décadas do século XIX, a publicação de uma obra de autoria feminina costumava ser recebida com desconfiança, descaso ou, na melhor das hipóteses, com certa condescendência pelo público leitor masculino” (Duarte, 2020, p. 333)¹⁸. It is not without reason, therefore, that Marina Colasanti (1997) infers that women’s literature only began to be perceived here in the second half of the 19th century, imbued with a libertarian thought that women began to advocate. In this case:

Reunidas ao redor das revistas para mulheres, como O Jornal das Senhoras, O Sexo Feminino, Jornal das Damas, e A Mensageira, as escritoras visavam não apenas abrigar e desenvolver a mão-de-obra literária feminina, como lutar pela libertação dos escravos, por melhor educação e pelos direitos das mulheres [sic] (Colasanti, 1997, p. 38)¹⁹.

Even in the face of this, in the last decades of the 19th century and also in the early years of the 20th century:

[...] causava comoção uma mulher manifestar o desejo de fazer um curso superior. E a publicação de uma obra costumava ser recebida com desconfiança, descaso ou, na melhor das hipóteses, com condescendência. Afinal, era só uma mulher escrevendo.

Por isso, para realizar o desejo de publicar seus trabalhos, muitas usaram pseudônimos, o anonimato, ou se juntaram para criar jornais e revistas que muitas vezes atravessaram os limites de suas cidades, de seus estados, e se converteram em verdadeiras redes intercambiantes de informações e cultura (Duarte, 2011, p. 234-235)²⁰.

However, in his *História da Literatura Brasileira*, Silvio Romero only mentions seven women (Ângela do Amaral Rangel, Beatriz Francisca de Assis Brandão, Delfina da Cunha, Nísia Floresta, Narcisa Amália, Maria Firmina dos Reis and Jesuína Serra). Likewise, Sacramento Blake, in *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, mentioned “pouco mais de cinquenta escritoras, para trezentos anos de literatura” (Pereira, 1954, p. 19)²¹.

However, we have *Mulheres illustres do Brasil*, published in 1899 and written by Inês Sabino (1835-1911). This book “[...] foi pioneiro no resgate de mulheres que tiveram atuação significativa na sociedade brasileira” (Duarte, 2011, p. 238)²², especially because it was a woman talking about female texts. It mentions 52 female writers, foreshadowing the “[...] tendência de uma crítica feminista interessada no estabelecimento de uma tradição literária escrita por mulheres” (Araújo, 2000, p. 14)²³, which contributes significantly to the history of Brazilian female writing and, also, to rewriting the cultural history of women in the country.

Correlated to this effort to map female writers in Brazil, in the 1980s, a group of researchers gathered to identify and rescue Brazilian female writers from the past. According to Duarte (2011), the biggest challenges of the project were due to the scarcity of information about these women and the works published by them due to the fragmentation of data that is observed in old collections in Brazil (organization, location, conservation, integrated systems, among others). Nevertheless, the result of the project was the publication of *Escritoras brasileiras do século XIX* (Muzart, 2000) in two volumes, a compilation that proves the existence of “[...] tantas mulheres atuantes e produtivas, apesar de serem hoje desconhecidas e estarem ausentes da história literária nacional” (Duarte, 2011, p. 241)²⁴.

Further, Duarte (2011, p. 237)²⁵ emphasizes that the project's contributions can also be observed in two other complementary perspectives: i) in what concerns the “construção de uma história das mentalidades femininas e uma nova história das letras em nosso país”; and, ii) in promoting the rebirth of some female writers within the national literary scene, namely: Nísia Floresta (1810-1885), Emília Freitas (1855-1908), Maria Firmina dos Reis (1825-1917), Adélia Fonseca (1827-1920), Adelaide de Castro Guimarães (1854-1940), Violante de Bivar Velasco (1817-1875), Inês Sabino (1835-1911), just to name a few. Based on that, we can ratify that the historiography of female writers in Brazil reveals a long and systematic process of invisibility and many cases of erasure of the memory and works of female writers, a power device responsible for keeping them on the margins of the literary canon and the national written culture for so long. Aiming to question this situation, in the next sections we will address how bibliographic writing collaborated with masculine domination by not giving visibility to the work of female writers in Brazilian bibliographies.

BIBLIOGRAPHY

For Alfredo Serrai (2001), Bibliography is the mother of all disciplines that are aimed at organizing and structuring written communications, be it from the past or today. In this sense, the field of Bibliography includes sciences and techniques such as Paleography, Archivistics, Diplomatics, Documentation, Information Science, Bibliology, Library Science, Cataloging, Encyclopedistics, Literary and Biographical Erudition, among others. A broad understanding that gives Bibliography double meaning: i) it is a metadiscipline that encompasses all the disciplines listed above; ii) concerns a repertory activity linked to the production of lists of information about documents (Blum, 2007).

As a discipline, Bibliography points to specific ways and tools for understanding socially-constructed knowledge, from which it extracts substantial elements from other disciplines that are returned to these same disciplines after rigorous theoretical-methodological validations (Araújo; Araújo; Crippa, 2023). Still from a disciplinary point of view, the bibliographical tradition and the research agenda in Bibliography²⁶ have shown concern to remove it from the limits of practices that, to a certain extent, reduced the symbolic richness historically associated with it. (Araújo; Crippa; Saldanha, 2015).

With regard to its second meaning, eminently linked to Written Culture, Bibliography becomes of interest on account of sub-branches Repertory Bibliography and Material Bibliography. The former, dedicated to the production of lists of information about documents, concerns the study of practices and traces of *library culture*²⁷ situated in specific spaces and times. In this sense, it is possible to indicate that repertory bibliographies are indexical structures that play the role of mediating the documents that they address for the most diverse audiences without neglecting the uses and modes of appropriation of these same documents in the long trajectory of the book and writing history.

In turn, Material Bibliography is seen, according to Kirsop (2002) and Araújo and Reis (2016), as the material study of texts, aimed at conducting an archaeological analysis of the graphic documents. It is an old branch of the bibliographic field based on the French and German bibliophilic tradition, especially throughout the 19th century. In it, the materiality of texts influences both the understanding of the trajectory of the documents in different contexts, and the production of interpretative keys focused on revealing the possible meanings that readers attribute to text due to its materiality and documentary forms (Chartier, 1998; McKenzie, 2018).

It is not without reason that the analytical methods employed by Material Bibliography are constantly associated with the evidentiary paradigm of (Ginzburg, 2011). Regarding this statement, Crippa (2010) clarifies that:

o olhar de escolas históricas voltadas para uma pesquisa indiciária, como propõe Carlo Ginzburg, ou para os estudos de uma História Cultural, como no caso de Chartier, Darnton ou Burke, apresentam perspectivas renovadas em estudos históricos sobre as atividades bibliográficas e de catalogação, propondo abordagens inéditas de análise dos sistemas de produção, seleção, organização e mediação cultural de objetos já amplamente estudados: os livros, as coleções, os registros materiais que, em algum momento, se tornaram dignos de serem preservados e disseminados para a constituição da ciência moderna (Crippa, 2010, p. 15-16, grifo nosso)²⁸.

These renewed perspectives enunciated by the author also affect the joint activities of collecting the documentation and organizing the information attributed to it (Bálsamo, 1998), even if Bibliography maintains its basic foundation, which is: mapping and selecting useful texts for readers. In view of this, bibliographic writing is treated here as the omnidirectional and fundamental axis for understanding and discussing the choices and strategies that modulate the production of thematic repertoires. This will become more evident in the next section, which addresses the production of graphic documents dedicated to theme Americas and their subsequent development in Brasiliiana bibliographies.

GRAPHIC DOCUMENTS ABOUT THE AMERICAS

As a result of the demands for the production and circulation of printed material in the 19th century, the English and North American Bibliophilia, as it occurred in other European countries, adopted their own practices and uses for the reconfiguration and affirmation of the collection of graphic documents with a view to maintaining its distinguishing character. This can be observed, for example, from the work of John Carter (1905-1975), *Taste and technique in book collecting*, in which cultural practices fostered by Bibliophilia in English-speaking countries at that specific historical moment are systematized and presented. (Carter, 1948).

In general, from the 19th century on, it is possible to identify three major practices linked to collecting in Europe and the United States, namely: i) the expansion of the production and supply of printed material (books, booklets, newspapers, almanacs, guides, among others) for the general public with the aim of constituting personal collections no longer aimed exclusively at wealthy bibliophiles; ii) the appropriation, adaptation and expansion of the documentary rarity criteria conveyed in eighteenth-century bibliographies; and iii) greater specialization of thematic and documentary typologies of Bibliographies of Rare Books in order to promote the Bibliophilia of the wealthy, the one traditionally forged in distinction. It was linked to these practices that the commercial production of Maggs Bros rose to particular prominence.

Founded by Uriah Maggs (1828-1913), Maggs emerged as a London bookshop that sold old and rare books, in 1853, dedicated to meeting the demands of 19th century Bibliophilia. After Uriah stepped down, his four sons continued the antiquarian trade in graphic documents, changing the name of the business to Maggs Bros (Maggs Bros, 2021). Still active today, the bookshop has already published more than 1,480 thematic bibliographies of rare documents (books, booklets, letters, maps, works of art on paper and other graphic documents – handwritten and printed), which demonstrate not only the ability to identify, collect and market rare objects, but also to master the technical writing of Bibliography of Rare Documents and its segmentation by major thematic areas of interest to the bibliophilic trade.

Among the Maggs Bros (2021) bibliographies, number 546, published in 1930 titled *Bibliotheca Brasiliensis*, was devoted to thematic prints and manuscripts about Brazil.

This publication, which comprises a series of productions of thematic bibliographies on regions explored by the Global North since the 15th century, set the antiquarian trade in the 19th and early 20th centuries in motion.

In terms of a more detailed approach, issue 546 presents, as a decorative element of its first and last folders, a woodcut of the caravel of Italian explorer and navigator Christopher Columbus (1451-1506) representing his arrival in the New World. It depicts one of the engravings that illustrated Columbus's letters, which began to circulate in handwritten and printed format at the end of the 15th century in many European countries. This is justified because:

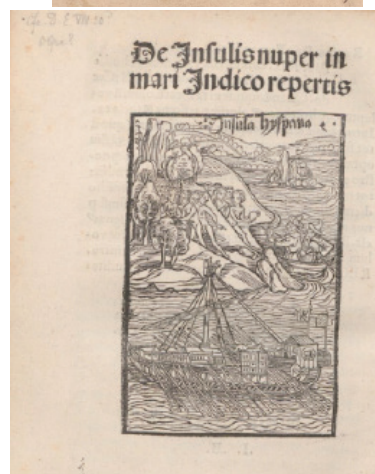
A descoberta de um novo mundo além mar fez, entre tantas coisas, correr muita pena sobre papel [...] estes textos destinavam-se a leitores europeus que os buscavam avidamente, desejosos de conhecer as maravilhas vistas e as aventuras vividas por seus conterrâneos em terras tão misteriosas (Abreu, 2006, p. 227)²⁹.

Figure 1 – *In laudem serenissimi Ferninandi Hispaniar regis*

a)



b)



c)



d)

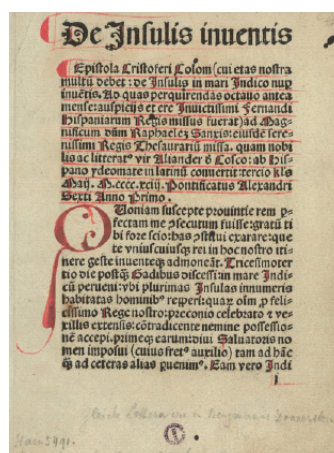


e)



a) Cover page
b)-e) Woodcuts
Source: Verardus, 1494.

Figure 2 – Incunabulum of the first letter of Columbus, *De insulis inventis*



Fonte: Colombo, 1493.

As mentioned earlier, Columbus's printed letters aroused the desire of large collectors for possession. Among the typographers who published them, German Johann Bergmann von Olpe (1455-1532) stands out, who had a typography piece in Basel (Switzerland). The engravings presented here, however, were not produced for the publication of Bergmann von Olpe, they already circulated in other editions, also appearing as illustrations in the first printed letter of Columbus (1493), *De insulis inventis* (Figures 2), also a product of Johann Bergmann von Olpe's typography.

In its intentional connection between Columbus (Americana) and the Brasiliana theme, catalog 546 (*Bibliotheca Brasiliensis*) by Maggs Bros (2021) released the explorer's second letter presenting the bibliographic news followed by the conditioning elements (materiality, scarcity, provenance and speech) and the qualitative content of its rarity (with emphasis on the uniqueness of the document).

Included in a commemorative edition printed in 1494, Columbus's second letter describes two great feats that took place in 1492 and were attributed to the King of Spain, Ferdinand II of Aragon (1452-1516), namely: the reconquest of Granada (previously occupied by the Moors) and the arrival of Christopher Columbus in the New World.

The incunabulum consists of two parts. The first, *In laudem serenissimi Ferninandi Hispaniar regis* (Figure 1) (Verardus, 1494), can be characterized as a drama written by Carlo Verardi [Carolus Marcellinus Verardus] (1440-1500). The other is precisely Columbus's second letter, *De insulis nuper in mari indico repertis*, which was illustrated with a set of woodcuts (Figure 2) (Verardus, 1494).

This Figure 2 represents the cover page of said print material. It is an incunabulum and, from the composition of the page, it is clear that the typographic construction still adopted the *mise-en-page* of the manuscripts.

The print is composed of two bifolios with four woodcuts printed on the folios: 1v, 2v, 4r, 6v. These are the same illustrations that we mentioned earlier. It goes beyond the scope of this paper to identify which of the engravings are first, second or third prints, or even which are replicas or woodblock prints. However, we are interested in drawing attention to the presence of these illustrations in different publications as a way of demarcating the growing appreciation of texts (words and handwritten or printed images) about the New World.

Inscribed in this plane of interests, the second letter from Columbus mentioned above constitutes the second bibliographic news referenced by *Bibliotheca Brasiliensis* of Maggs Bros (2021). Indicating that, as in other historical moments, bibliographies continued to perform the function of organizing and disseminating information on documents of different natures produced in different contexts and with multivariate themes. This is also the case of the *Brasilianas Bibliographies*, the focus of the next section.

BRASILIANA BIBLIOGRAPHIES

The documents produced about the New World were in tune with the European imaginary about Brazil, which attracted the attention, fascination and desire of bibliophiles from a large part of the Global North, who found exploration and scientific research trips to be the generator of new collectibles. Trips that mostly:

[...] Eram promovidas pelas grandes nações europeias e tinham como principais objetivos realizar trabalhos cartográficos, estudar fauna e flora, realizar observações astronômicas e meteorológicas, assim como calcular longitudes (Duarte, 2013, p. 284)³⁰.

In this scenario, organizing information about the New World in bibliographic materials became common practice among collectors, rulers and scholars. As a consequence, the American theme was introduced in the great bibliographic repertories, even though they did not constitute, at first, exclusive bibliographies on the Americas. In view of that, since the 15th century, one can identify bibliographies that list graphic documents about the Americas, in general, and Brazil in particular. We cite as an example the work of French bookseller Guillaume-François DeBure (1732-1782) – *Bibliographie instructive ou Traité de la connoissance des livre rares et singuliers* (1763-1768) –, in which, among its 7 volumes and supplement, rare documents about Brazil appear: a) in Volume 2: in class V (*History*), section VI, part II (*Modern History*), in *History of America or the West Indies*; and b) in Volume 5: in class *History*, section II (*Geography*), part II (*Travels and Reports*), part VIII (*Great Voyages*), in part III (*History*).

This *Bibliographie instructive* makes no direct reference to Brazil, but alludes to the country in themes (from general to specific). Today one can see that many books listed in the repertoire contain reports about Brazil, but which were not, at that time, mentioned by DeBure (1763-1768).

Correspondingly, in the 19th century, Brunet (1860, 1865) included in his monumental bibliographic repertoire, *Manuel du libraire et de l'amateur de livre*, several graphic documents related to Brazil with specific sections on the country and the theme, but within and/or associated with other matters. For example, we can cite the case of class *Histoire*:

- *Histoire*, subdivision *Voyages*, subsection *Voyages en Asia, en Afrique et en Amérique*, in which Brazil is depicted in art *Voyages en Afrique et en Amérique*.

- *Histoire*, subdivision *Voyages*, subsection *Amérique méridionale ou centrale*, which contains bibliographic news of documents that have in common travel reports from the same geographical region. In this subsection, there is a specific division for “i. Brésil; Guyane” (Brunet, 1860, v. 6, p. 1118).

The matter raised here concerns the indexing of Brasiliana books in Bibliophile bibliographies, a recurrent practice in the 18th and 19th centuries, however, without the production of a specific bibliography about Brazil. This particular production will still take place in the 19th century, driven by new incursions of the bibliophilic culture interested in ensuring its place of distinction, demanding the production of increasingly specialized bibliographies. As an example, we highlight the following American-themed works that also list prints and manuscripts about Brazil:

- *A bibliographical and historical essay on the Dutch Books*, Georg Michael Asher (1827-1905);
- *Bibliografia degli scritti italiani i stampati in Italia, sopra Cristoforo Colombo*, Giuseppe Fumagalli (1863-1939);
- *Bibliophile américain*, Charles Chadenat, (1859-1938);
- *Bibliotheca americana*, Charles Leclerc (1843-1889);
- *Bibliotheca americana*, Henry Harsisse (1829-1910);
- *Bibliotheca americana*, John Russel Smith (1810-1894);
- *Bibliotheca americana*, Joseph Sabin (1821-1881);
- *Bibliotheca lusitana*, Barbosa Machado (1682-1772);
- *Diccionario bibliographico portuguez*, Innocencio Francisco da Silva (1810-1876);
- *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*, Jacques-Charles Brunet (1780-1867);
- *Trésor de livres rares et précieux*, Johann Georg Theodor Graesse (1814-1885).

In the 19th century, notably in Europe and North America, in addition to the growth of graphic publications, we observed a theoretical-methodological improvement in the production of bibliographies, with emphasis on specialized bibliographies such as national ones (Reyes Gomez, 2010). In this context, the production of specific bibliographies of rare books expands its scope beyond Bibliophilia, since it also meets the demands of Library Science and Documentation. Conjectures that allow us to highlight two relevant contexts in order to think about the emergence of Brasiliana Bibliographies in the 19th century, namely: i) factors associated with European imperialism with the exploration of countries outside Europe from which occupation and exploration were associated with the production (by artists, scientists, military, writers) of travel reports, inventories of fauna, flora, customs materialized in editions destined to collectors and rulers; and ii) factors associated with bibliography, which becomes increasingly specialized due to the production of national bibliographies.

What interests us here, according to *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, the word Brasiliana appeared for the first time in a dictionary of the Portuguese language in 1863. Houaiss defined “brasiliana” as a “[...] coleção de estudos, livros, publicações, filmes, músicas, material visual etc. sobre o Brasil” (Houaiss; Villar; Franco, 2004, p. 508)³¹. The word is formed by the combination of the word “Brasil” and suffix “ana”. In the Portuguese language, this suffix characterizes some groups characterized by nouns “[...] designativos de danças, coleções, coisas típicas dos referentes de nomes próprios (que potencializam milhares de nomes próprios antroponímicos ou toponímicos)” such as: americana, brasiliana, camiliana, camonianiana, franciscana, mexicana, pernambucana etc. (Houaiss; Villar; Franco, 2004, p. 198)³².

From the foregoing, we consider that “Brasiliana” is the name given to a set of objects that, due to their material and discursive characteristics related to Brazil, are or may constitute or indicate that they belong to a “collection” consecrated or related to this theme.

Among the typological possibilities of and for the formation of these collections, there are fine arts items, archaeological artifacts, sculptures, paintings and a universe of graphic documents.

In view of the influence of bibliographies in the definition of rarity and in the formation of rare bibliographic collections (Araújo; Reis; Silveira, 2018), it is necessary to highlight the heritage of bibliophilia in the formation of collections of rare *Brasiliana*-themed books. This is why we allude to Rubens Borba de Moraes, both as a result of his role as a bibliographer and for his contributions to the establishment of concepts related to the field of Bibliophilia, Bibliography and Library Science in Brazil. That said, Moraes (2005, p. 176)³³ argues that, in a broad sense, *Brasiliana* refers to “[...] todos os livros que tratam do Brasil”. However, he proposes a restrictive division to think about bibliographic collections about Brazil. Thus, the bibliophile classified books printed outside Brazil as “*Brasilianas*” and books printed in Brazilian lands after authorization for the establishment of printing houses in the colony as “*Brasilienses*”. Thus, Rubens Borba de Moraes indicates that:

Ao primeiro grupo pertencem os livros sobre o Brasil, impressos entre 1504 (data do primeiro livro sobre o Brasil) e 1900. Pertencem igualmente à *Brasiliana*, os livros escritos por brasileiros durante o período colonial (das primeiras manifestações literárias até 1808 [...]).

Ao segundo grupo pertencem os livros impressos no Brasil, de 1808 até nossos dias (Moraes, 2005, p. 176)³⁴.

The criteria, definitions and excerpts presented by Moraes were formulated taking into account the bibliophilic practice, which makes explicit its affiliation to the Theory and the *axioms* of Rarity³⁵. This is why, when collecting and listing documents about Brazil, this author defined that the main milestone of the selection process consists of listing books and documents that are sought after “[...] pelos colecionadores. Se um livro não é procurado pelos bibliófilos, nada vale como objeto de coleção” (Moraes, 2005, p. 183)³⁶. It is not, therefore, innocently that he transposes this same logic to the definition of the concept of *Brasiliana*:

A única restrição que se faz nessa massa considerável de papel impresso e de papel ilustrado (sem falar em manuscritos) é que não se considera *Brasiliana* o que não é procurado por bibliófilos. A mesma distinção é feita em bibliofilia para assuntos semelhantes, tais como *Americana*, *Orientalia*, *Judaica*, etc. (Moraes, 2005, p. 176)³⁷.

Moraes (2005) therefore takes advantage of the heritage of bibliophilia to support the construction of term *Brasiliana*. However, with no disregard to the legacy of the bibliophilic culture, the *Brasiliana* collections greatly extrapolated this universe as a result of the action of cultural, educational and research institutions that, based on different objectives, safeguard *Brasiliana* collections. With that, regardless of the established focus (thematic and/or temporal, for example), a *Brasiliana* collection can manifest itself as (a) a collection of physical graphic objects (a library or an editorial collection); (b) a digital collection (from existing physical collections or formed by born-digital images); (c) a library with no walls, like the *Brasiliana* bibliographies; among so many other graphic manifestations.

Given the above, the investigation of bibliographies on *Brasiliana* themes constituted the first step in data collection, followed by the identification of women writers in these repertoires. Actions carried out according to the methodological procedures described below.

METHODOLOGICAL PROCEDURES

The bibliographic and documentary research conducted focused on identifying authorial productions by women in six (6) bibliographies on *Brasiliana* themes, which were identified from the bibliographical survey on the subject. After identifying the bibliographies, the following criteria for selecting writers were adopted: (a) texts written by women; and (b) texts that have gone through editorial processes. For these reasons, autograph documents or even handwritten texts were not selected. As for translations, women translators were included – including women translators of texts written by men. Texts by women translated by men were also included, since the original texts were authored by women.

PRELIMINARY RESULTS

From the survey of reference bibliographies on the Brasiliana theme³⁸, the identification of women writers was based on the following works: *Annaes da imprensa nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1822* (Cabral, 1881);

- *Bibliografia brasileira do período colonial* (Moraes, 1969);
- *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro* (Camargo; Moraes, 1993);
- *Bibliographia brasiliana* (Moraes, 2010);
- *Bibliographie brésilienne* (Garraux, 1898);
- *Bibliotheca brasiliense* (Rodrigues, 1907).

The initial results of the research, described in Table 1, present the data survey carried out in the six (6) bibliographies listed above and indicate the total numbers of the survey conducted. In this table, the data referring to the time frame, bibliographic news of female authorship and women writers were segmented by bibliography. For data presentation, the six bibliographies were organized in alphabetical order by their respective authors' names.

Table 1 – Identification of female writers in Brasiliana Bibliographies

n°	Author of the bibliography/year of publication	TITLE	Time frame	Bibliographic news	Bibliographic news by female authors	Women writers
1	CABRAL, 1881	Annaes da Imprensa Nacional	1808-1822	1250	4	4
2	CAMARGO; MORAES, 1993	Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro	1808-1822	644	3	2
3	GARRAUX, 1898	Bibliographie brésilienne	1500-1898	1561	11	10
4	MORAES, 1969	Bibliografia brasileira do período colonial	1601-1822	765	9	3
5	MORAES, 2010	Bibliographia brasiliana	1504-1925	3349	48	27
6	RODRIGUES, 1907	Bibliotheca brasiliense	1492-1822	2646	6	5
			Total	10215	81	51

Source: The authors, 2023.

The time frame related to each bibliography corresponds to the initial and final dates indicated by the author(s). The introductory text of the Moraes (2010) bibliography indicates that the final date of coverage is the year 1900, however, we identified a text by a female author dated 1925, for this reason the indication of the time frame attributed to that Bibliography in Table 1 does not correspond to the dating indicated by the author.

Moving forward in the analysis of the already collected data, it was possible to see that some women and texts are repeated in the consulted bibliographies. Thus, out of 81 bibliographic news, 18 items were subtracted (because they are texts cited in more than one bibliography), thus, the final sum was 63 bibliographic news. The same procedure was performed with the number of women writers, as shown in Table 2:

Table 2 – Women and texts in the selected Brasiliana Bibliographies

Category	Total 1	Repetitions in bibliographies	Total 2
bibliographic news	81	18	63
women writers	51	16	35

Source: The authors, 2023.

Table 3 presents both the number of female writers per century and the number of editions in the period, in addition to the places of publication and nationality of each author.

Table 3 – Female writers, editions, place of publication, nationality

century	authors	editions	period	Place of Publication	Author's nationality
18th	6	12	1727-1793	Leipzig, London, Portugal, Lisbon, Paris,	Brazil, France, England, Portugal
19th	28	50	1805-1897	Amsterdam, Anvers, Berlin, Boston, Evreux, (France), La Flèche (France), Lisbon, London, New York, Paris, Prague, Rio de Janeiro (Brazil), Tours, Vienna (France),	Germany, Austria, Belgium, Brazil, France, Netherlands, Portugal
20th	1	1	1925	Paris	France
Total	35	63			

Source: The authors, 2023.

The identification of female writers was hampered by several factors associated with bibliographic writing, such as the spelling of the writers' names, the omission of the writers' names and the very difference in the spelling of the names in each bibliography. The definition of the number of female authors was possible after detailed checking and data tabulation to exclude duplicates or counting errors.

With regard to bibliographic writing, it is possible to note that, in addition to the varieties in the spelling of the names of the writers, the composition of the entries (bibliographic news and literary news) is different between the bibliographies, however, for most of the writers, there were no literary news. A relevant counterpoint to this fact, which, to a certain extent, marks the dimension of erasure that this paper aims to highlight, refers to the finding that, to a large extent, the women writers who have literary news are those who publish with their husbands. Still on how the bibliographies articulate the information referring to the female writers, all six (6) works analyzed evoke the theory of rarity and this discourse reverberates in the quotations and notes prepared for each female writer. We proceed with this discussion in the following considerations.

FINAL CONSIDERATIONS

From the collected data, it was possible to note that texts about Brazil authored by women only started to appear in the public arena in the 19th century, and were published in Europe, exclusively. The greatest concentration of women writers and editions takes place in the 19th century, possibly as a result of the imperialist journeys to the Global North, the new modes of industrial book production, the greater presence of women in society and advance in their formal education. Furthermore, it should be noted that the presence of Brazilian women writers was recorded only in the 18th and 19th centuries. As a whole, the data collected can help us answer the following questions: who are these women? Which factors contributed for them to be reported in the researched *Brasiliana* bibliographies?

The developments driven by these matters, still in the development process, will be presented in future research results. At this time, and resuming Virginia Woolf's provocations, we indicate that the efforts to answer these questions intend to "[...] acrescentar um suplemento à história [...]" (Woolf, 1985, p. 19)³⁹ of women writers from the *Brasiliana* bibliographies through research on the historical-bibliographical conditions and the social, political and cultural factors that made it possible to quote each of these women in the studied bibliographies, further questioning why many of these women were/are silenced from the national bibliographic memory?

As observed, the theoretical formulations, the historical markers and the results presented in this research reinforce an important finding: the small number of female writers listed in the analyzed bibliographies prove that women were placed on the margins of literate culture domains, being widely overlooked in terms of bibliographic writing. However, the verticalization of the research (stage still in progress), by addressing the aspects that made it possible for the female writers identified here to escape this process of erasure, will certainly help us to reposition the history of these women in the landscape of national written memory and, also, endorse the need to discuss the criteria for the formation, safeguarding and dissemination of *Brasiliana* collections existing in the country. With that, perhaps we will be able to do justice to the history of women, ensuring that they "[...] ali permanecer sem impropriedade [...]" as Virginia Woolf advocated (1985, p. 19)⁴⁰.

REFERENCES

- ABREU, Márcia. Escrever e pensar sobre o Novo Mundo: escrever e pensar no Novo Mundo. In: DUTRA, Eliana Regina de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XIX*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 227-258.
- ALGRANTI, Leila Mezan. *Livros de devoção, atos de censura: ensaios de história do livro e da leitura na América Portuguesa (1750-1821)*. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2004.

- ARAUJO, Andre Vieira de Freitas; ARAÚJO, Diná Marques Pereira; CRIPPA, Giulia. *Panorama de la Historia del Libro y la Bibliografía*. Colômbia: Ediciones Uniandes, 2023. (no prelo).
- ARAUJO, Andre Vieira de Freitas; CRIPPA, Giulia; SALDANHA, Gustavo. Em busca da Bibliografia: sobre o I Seminário Internacional 'A Arte da Bibliografia'. [S. l.]: *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 11, n. especial, 2015. Available at: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/529>. Access on: 17 set. 2021.
- ARAÚJO, Diná Marques Pereira. *Bibliofilia e livros raros na perspectiva histórico-cultural: uma abordagem crítica às visões instituídas na biblioteconomia e ciência da informação brasileira*. Orientador: Alcenir Soares Reis. 2017. 214 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2017.
- ARAÚJO, Diná Marques Pereira. Tipologia do livro. Belo Horizonte: *Cadernos de História*, v. 15, n. 23, p. 208-228, out. 2014. ISSN 2237-8871. Available at: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P2237-8871.2014v15n23p208>. Access on: 24 Jun. 2017.
- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliotecas, Bibliofilia e Bibliografia: alguns apontamentos. [S. l.]: *Revista de Ciência da Informação e Documentação*, v. 7, n. esp, p. 183-201, 2016. Available at: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/118770>. Access on: 02 set. 2019.
- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares; SILVEIRA, Fabricio José Nascimento da. Bibliofilia, bibliografias e a construção do sistema axiológico da raridade. [S. l.]: *Informação & Informação (Online)*, v. 23, n. 2, p. 38-57, 2018.
- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; SILVEIRA, SILVEIRA, Fabricio José Nascimento da. O Livro Raro na Biblioteconomia Brasileira: influências, impactos e delimitações dos discursos da Bibliofilia nas práticas profissionais e institucionais. In: Seminário Internacional Cultura Escrita no Mundo Moderno, 2019, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2019. v. 1, p. 80-87. Available at: https://iluminuras.art.br/docs/Anais_SICEMM.pdf. Access on: 02 dez. 2022.
- ARAÚJO, Nara. Do vazio e do silêncio. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*, v. 1. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- BALSAMO, Luigi. *La bibliografia: historia de una tradición*. Espanha: Ediciones Trea, 1998.
- BARROW, John. *Voyage à la Cochinchine par les îles de Madère, de Ténériffe et du Cap Verd, le Brésil et l'île de Java?*. Paris: [s. n.], 1807. 2 v.
- BAUER, Carlos. *Breve história da mulher no mundo ocidental*. São Paulo: Pulsar, 2001.
- BLUM, Rudolf. *Bibliografia: indagine diacronica sul termine e sul concetto*. Milano: Sylvestre Bonnard, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRUNET, Jacques-Charles. *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*. Paris: Librairie de Firmin-Didot et Cie, 1860-1865. 6 v.
- CABRAL, Alfredo do Valle. *Annaes da imprensa nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1822*. Rio de Janeiro: Na Typographia Nacional, 1881.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro: 1808-1822*. São Paulo: EDUSP: Kosmos, 1993. 2 v.
- CARTER, John. *Taste and technique in book-collecting: a study of recent developments in Great Britain and the United States*. Cambridge: University Press, 1948.
- CHARTIER, Roger; LEBRUN, Jean. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- COLASANTI, Marina. Por que nos perguntam se existimos. In: SHARPE, Peggy. (org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997. p. 33-42.
- COLOMBO, Cristoforo. *Epistola de insulis nuper inventis*. Basel: Michael Furter? für Johann Bergmann von Olpe: Jacob Wolff von Pforzheim? für Johann Bergmann von Olpe. Universitätsbibliothek Basel, [10] Bl. : Ill.; 4°, AN V 57, apr. 1493. DOI: <https://doi.org/10.3931/e-rara-15171>.
- CRIPPA, Giulia. Entre ciência e humanidades: o problema da ordem da memória da/para a Ciência da Informação. *Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*. Rio de Janeiro: IBICT, 2010. Available at: <http://enancib.ibict.br/index.php/xi/enancibXI/paper/view/40>. Access on: 17 set. 2021.
- DEBURE, Guillaume-François. *Bibliographie instructive: ou, Traité de la connoissance des livres rares et singuliers*. Paris: Guillaume-Francois De Bure le Jeune. 1763-1768. 7 v.
- DUARTE, Constância de Lima. Arquivo de mulheres e mulheres arquivadas: histórias de uma história mal contada. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. (org.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 234-241.
- DUARTE, Constância de Lima. E a literatura mineira se amplia. *Revista da Academia Mineira de Letras*. Belo Horizonte, ano 99, v. 80, p. 333-337, 2020. ISSN 1982-6680.
- DUARTE, Regina Horta. Panoramas litorâneos, fronteiras e interiores brasileiros: Mello Leitão e os itinerários viajantes. In: DUTRA, Eliana Regina de Freitas (org.). *O Brasil em dois tempos: história, pensamento social e tempo presente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 279-297.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1993-1995. 5 v.

EXPILLY, Charles. *Les femmes et les moeurs du Brésil*. Paris: Charlieu et Huillery, Éditeurs. 1863.

GARRAUX, Anatole Louis. *Bibliographie brésilienne*: catalogue des ouvrages français & latins relatifs au Brésil 1500-1898. Paris: Chadenat; Jablonski, Vogt et Cie, 1898.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*: morfologia e história. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 143-179.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva; Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2004.

KIRSOP, W. Bibliographie matérielle. In: FOUCHÉ, P.; PÉCHOIN, P.; SHUWER, P. *Dictionnaire encyclopédique du livre*. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 2002, v. 1, p. 275-276.

MACEDO, Joaquim Manoel de. *Mulheres celebres*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, Livreiro Editor, 1878.

MAGGS BROS. *Rare books and manuscripts*. Londres: [s. n.], 2021. Available at: <https://www.maggs.com/>. Access on: 20 nov. 2021.

MANGRIN, Arthur. *Voyages et découvertes outre-mer au XIX^e siècle*. Tours: Ad Mame et Cie, Imprimeurs-Libraires, 1863.

MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a sociologia dos textos*. São Paulo: EDUSP, 2018.

MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia brasileira do período colonial*: catálogo comentado das obras dos autores nascidos no Brasil e publicados antes de 1808. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.

MORAES, Rubens Borba de. *Bibliographia brasiliiana*: livros raros sobre o Brasil publicados desde 1504 até 1900 e obras de autores brasileiros no período colonial. 1. ed. São Paulo: EDUSP: FAPESP, 2010.

MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*: prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras, antigas ou modernas. 4. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

MUZART, Zahide Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. 2. ed. rev. Florianópolis, SC: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2000.

PEREIRA, Lúcia Miguel. As mulheres na literatura brasileira. São Paulo: *Revista Anhemb*, ano 5, n. 49, v. 17, dez. 1954.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

REYES GÓMEZ, Fermin. *Manual de bibliografia*. Madrid: Castalia Instrumenta, 2010.

RODRIGUES, J. C. *Biblioteca brasilienses*: catálogo anotado dos livros sobre o Brasil e de alguns autographos e manuscritos pertencentes a J. C. Rodrigues [...]. Rio de Janeiro: Typografia do 'Jornal do Comercio' de Rodrigues e C., 1907.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Descolonizar*: abrindo a história do presente. São Paulo: Boitempo, 2022.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 65-98.

SERRAI, Alfredo. *II cimento dela bibliografia*. Milano: Sylvestre Bonnard, 2001.

TELLES, Lygia Fagundes. A mulher escritora e o feminismo no Brasil. In: SHARPE, Peggy. (org.). *Entre resistir e identificar-se*: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina. Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997. p. 57-63.

VERARDUS, Carolus. *Historia Baetica*: De insulis nuper in mare Indico repertis. Basel: Johann Bergmann von Olpe. Universitätsbibliothek Basel, [38] Bl. : Ill.; 4°, AN V 76:2, 1494. DOI: <https://doi.org/10.3931/e-rara-10932>.

VERDIER, Marthe. *Sur les rives de l'Amazonie*: Voyage d'une femme. Paris: Librairie CH, Delagrave. 1882.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ENDNOTES

- 1 Translation: “why should they not add a supplement to history, calling it, of course, by some inconspicuous name so that women might figure there without impropriety?” (Woolf, 1985, p. 19, editorial translation).
- 2 This research considers old graphic documents those published over 100 years ago.
- 3 Translation: “[...] but [for] what is missing and what should be [...]” (Duarte, 2011, p. 241, editorial translation).
- 4 Translation: “[...] men are individuals, people, they bring about surnames that are transmitted. Some are ‘great’, ‘great men’. Women have no surname, they only have a name. They appear with no clarity, in the shadow of obscure groups” (Perrot, 2007, p. 17, editorial translation).
- 5 Translation: “[...] give to women is reduced or dictated by stereotypes” (Perrot, 2007, p. 17, editorial translation).
- 6 Translation: “[...] sexual dissymmetry of the sources, variable and unequal according to the times” (Perrot, 2007, p. 17, editorial translation).
- 7 Translation: “[...] imagined, represented, instead of being described or told” (Perrot, 2007, p. 17, editorial translation).
- 8 Translation: [...] in Britain and the United States in the 1960s, and in France a decade later. Different overlapping factors – scientific, sociological, political – contributed to the emergence of the object “woman”, in the human sciences in general and in history in particular (Perrot, 2007, p. 19, editorial translation).
- 9 Translation: “[...] about women, much is said. Non-stop, obsessively. To say what they are or what they should do” (Perrot, 2007, p. 22, editorial translation).
- 10 Translation: “[...] does not require only a linear narrative, but [indeed] a more complex account, which considers, at the same time, the changing position of women in history, the feminist movement and subject history” (Scott, 2011, p. 67, editorial translation).
- 11 Translation: “Questions the relative priority given to “man’s history” as opposed to “woman’s history”, exposing the hierarchy implicit in many historical accounts. And, more fundamentally, it challenges both the competence of any history’s claim to give a complete account and the perfection and intrinsic presence of the object of history – the universal Man” (Scott, 2011, p. 80, editorial translation).
- 12 Translation: “[...] an inevitably political field” (Scott, 2011, p. 98, editorial translation).
- 13 The expression “Global North” is used throughout the article with reference to Santos (2022).
- 14 Translation: “[...] submitted to a patriarchal family, in which the power of leadership is fully concentrated in the figure of the father, the plantation owner, holder of absolute authority over his wife and children” (Bauer, 2001, p. 121, editorial translation).
- 15 Reference to the work of Pierre Bourdieu “Masculine domination”, for whom the privileges of men in relation to women foster relationships of domination and resulting injustices “[...] daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado, de uma língua (ou uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, de falar ou de agir)” (Bourdieu, 2012, p. 7-8). Translation: “[...] of what I call symbolic violence, soft, insensitive violence, invisible to its own victims, which is exercised essentially through the purely symbolic means of communication and knowledge, or, more precisely, through ignorance, acknowledgment or, ultimately, feeling. This extraordinarily ordinary social relationship also offers a unique opportunity to grasp the logic of domination, exercised in the name of a symbolic principle known and recognized by both the dominant and the dominated, a language (or a way of speaking), a way of life (or a way of thinking, speaking or acting)” (Bourdieu, 2012, p. 7-8, editorial translation).
- 16 Translation: “[...] a unique physiognomy [...] resulting from the situation women are in, from their historical roots [...] women traditionally come from absolute servitude through time and Brazilian women more than other women throughout the world [...] when women throughout the world already communicated, through, for example, letters, the correspondence of the women in salons, Brazilian women were confined at home, living the life of the ladies of the farms, of the ladies of the great house [...] they were imprisoned, they didn’t know how to read, they didn’t even know how to write, they didn’t know anything. They [...] lived in more terrible servitude than women in other countries, including Europe [sic]” (Telles, 1997, p. 57, editorial translation).

- 17 Translation: “since the 18th century, the works of the first female writers was systematically overlooked by critics and historians, in many cases they disappeared, as if they had never existed” (Duarte, 2020, p. 333, editorial translation).
- 18 Translation: “[...] the last decades of the 19th century, the publication of a piece of work authored by a woman was met with distrust, indifference or, at best, with condescension by male readers” (Duarte, 2020, p. 333, editorial translation).
- 19 Translation: “Gathered around magazines for women, such as *O Jornal das Senhoras*, *O Sexo Feminino*, *Jornal das Damas*, and *A Mensageira*, female writers aimed not only to shelter and develop the female literary workforce, but also to fight for the liberation of slaves, for better education and for women’s rights [sic]” (Colasanti, 1997, p. 38)
- 20 Translation: [...] it caused commotion when a woman expressed her wish to attend higher education. And the publication of a piece of work was often met with distrust, indifference or, at best, condescension. After all, it was just a woman writing. Therefore, to fulfill the wish to publish their work, many used pseudonyms, anonymity, or joined together to create newspapers and magazines that often crossed the boundaries of their cities, their states, and became true interchange networks of information and culture (Duarte, 2011, p. 234-235, editorial translation).
- 21 Translation: “a little over fifty female writers, in three hundred years of literature” (Pereira, 1954, p. 19, editorial translation).
- 22 Translation: “[...] was a pioneer in rescuing women who played a significant role in Brazilian society” (Duarte, 2011, p. 238, editorial translation).
- 23 Translation: “[...] tendency of a feminist critique interested in establishing a literary tradition written by women” (Araújo, 2000, p. 14, editorial translation).
- 24 Translation: “[...] so many active and productive women, despite being unknown today and absent from national literary history.” (Duarte, 2011, p. 241, editorial translation).
- 25 Translation: “construction of a history of female mentalities and a new history of literature in our country” (Duarte, 2011, p. 237, editorial translation).
- 26 Mention of studies mobilized and developed from International Seminar A Arte da Bibliografia, created by researchers André Vieira de Freitas Araujo (UFPR), Giulia Crippa (University of Bologna) and Gustavo Silva Saldanha (IBICT-UNIRIO) in 2014. Taking the historical and contemporary issues of Bibliography as the basis for discussions, the meetings, interdisciplinary in their essence, have the purpose of addressing books, graphic documents, information and bibliographic culture from new scientific and technological approaches. All editions of the forum resulted in the publication of scientific dossiers in Information Science journals and can be accessed online.
- 27 The *libraria* culture comprises the entire universe of book production and uses in its most diverse material, technical, conceptual and cultural manifestations. Directly opposed to archival documents, the *librario* comprises an expanded concept of book, not restricted exclusively to the codex or the text, but also encompassing, above all, the graphic arts. According to Araújo (2014, p. 208), *libraria* “é uma expressão latina que significa ‘relativo aos livros’, ‘de livros’, ‘próprio dos livros’, ‘que se relaciona com o livro’. Compreende tudo o que é relativo aos livros, o que trata sobre livro, o que é o livro”. It comprises everything related to books, what the book is about, what the book is.” It is also related to the place where books are produced (*taller librario*) and to the practices and techniques that materialize it, and also to the place where books are kept – the physical library (Araújo, 2017). Translation: “is a Latin expression that means “related to books”, “of books”, “proper to books”, “that relates to books” (Araujo, 2014, p. 208, editorial translation).
- 28 Translation: “[...] the look of historical schools focused on evidence research, as proposed by Carlo Ginzburg, or on studies of Cultural History, as in the case of Chartier, Darnton or Burke, bring about renewed perspectives in historical studies on bibliographical activities and of cataloging, proposing unprecedented approaches to the analysis of production systems, selection, organization and cultural mediation of objects already widely studied: books, collections, material records that, at some point, became worthy of preservation and dissemination for the constitution of modern science” (Crippa, 2010, p. 15-16, editorial translation).
- 29 Translation: The discovery of a new world beyond the sea caused, among many things, a lot of pen on paper [...] these texts were intended for European readers who avidly expected them, wishing to know the wonders seen and the adventures experienced by their fellow countrymen in such mysterious lands (Abreu, 2006, p. 227, editorial translation).
- 30 Translation: [...] Were promoted by the great European nations and their main objectives were to carry out cartographic work, study fauna and flora, perform astronomical and meteorological observations, as well as calculate longitudes (Duarte, 2013, p. 284, editorial translation).
- 31 Translation: “[...] collection of studies, books, publications, films, music, visual material, etc. about Brazil” (Houaiss; Villar; Franco, 2004, p. 508, editorial translation).

- 32 Translation: “[...] designating dances, collections, things that are typical of the proper names (which potentialize thousands of anthroponymic or toponymic proper names)” (Houaiss; Villar; Franco, 2004, p. 198, editorial translation).
- 33 Translation: “[...] all books that address Brazil” (Moraes, 2005, p. 176, editorial translation).
- 34 Translation: “Books about Brazil, printed between 1504 (date of the first book on Brazil) and 1900 belong to the first group. Books written by Brazilians during the colonial period (from the first literary manifestations until 1808 also belong to ‘Brasiliana’ [...]). Books printed in Brazil, from 1808 to the present day belong to the second group (Moraes, 2005, p. 176, editorial translation).
- 35 As pointed out by Araújo and Silveira (2018), the axioms of rarity were established by Johannis Vogt (1695-1764), a German polymath and bookseller who published, in 1732, work *Catalogvs histórico-criticvs librarvm rariorvm* in which he presents – in addition to the books to be sold – a section called *Axiomata historico-critica de raritate librorvm*, a paratext in which the fundamentals compiled by him to define rare book are presented, which were structured in general axioms and specific axioms. That said, the diffusion and acceptance of the axioms of rarity in the context of librario collecting in the 18th century “fez com que, gradativamente, o conceito de livro raro passasse a ser demarcado simbólica, social e economicamente por meio de um sistema que determinava a raridade a partir de: a) níveis; b) elementos condicionantes (materialidade, escassez, proveniência, discurso); c) qualitativos; e d) da Teoria da Raridade (um livro só é raro se for procurado por um bibliófilo)” (Araújo; Silveira, 2018, p. 83). Translation: “caused the concept of rare book to be gradually demarcated symbolically, socially and economically through a system that determined rarity based on: a) levels; b) conditioning elements (materiality, scarcity, origin, discourse); c) qualitative elements; and d) the Theory of Rarity (a book is only rare if it is sought after by a bibliophile)” (Araújo; Silveira, 2018, p. 83, editorial translation).
- 36 Translation: “[...] by collectors. If a book is not sought after by bibliophiles, it has no value as a collector’s item” (Moraes, 2005, p. 183, editorial translation).
- 37 Translation: “The only restriction placed on this considerable mass of printed and illustrated paper (not to mention manuscripts) is that what is not sought after by bibliophiles is not considered Brasiliana. The same distinction is made in bibliophilia for similar subjects, such as Americana, Orientalia, Judaica, etc.” (Moraes, 2005, p. 176, editorial translation).
- 38 In order for this survey to be conducted, the following criteria were taken into account: i) selecting bibliographies specialized in Brasiliana themes included in documents, manuscripts or printed, produced abroad or in Brazil; ii) not selecting bibliographies that address very vertical themes, that is, centered on a single theme such as bibliographies dedicated exclusively to referencing literary texts; iii) not selecting bibliographies that involve topics related to Brazil, but that are inserted in a broader theme, for example, the *Bibliotheca americana*, by Joseph Sabin –, given that, despite being a bibliography that references texts about Brazil, encompasses documents from all of the Americas; e, iv) Inventories and catalogues, handwritten or printed, that meet the above criteria may be selected for research.
- 39 Translation: “[...] add a supplement to the history [...]” (Woolf, 1985, p. 19, editorial translation).
- 40 Translation: “[...] might figure there without impropriety [...]” (Woolf, 1985, p. 19, editorial translation).

The illicit trafficking of cultural property from the iphan database: an analysis of the rescued cultural goods

Murilo Artur Araújo da Silveira

PhD in Communication and Information from the Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Adjunct Professor at Universidade Federal de Pernambuco in the Departamento de Ciência da Informação.

(UFPE), Recife, PB, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2565474279842382>

E-mail: muriloas@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9708-6001>

Daniela Eugênia Moura de Albuquerque

PhD Student in the graduate program of Information Science in the Universidade Federal de Pernambuco

(PPGCI/UFPE), Recife, PB, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5755649500317881>

E-mail: danielaeugenia@outlook.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1136-8965>

Submission Date: 08/19/2023. Approval Date: 02/03/2023. Publication Date: 22/09/2023.

ABSTRACT

Objective: this study aims to analyze the cultural goods rescued from the Sought Cultural Goods Database of the Institute of National Historical and Artistic Heritage, considering its implications, access and relevance in combating the illicit trafficking of cultural property in Brazil. **Method:** exploratory character according to the objectives, documental according to the procedures, and documental analysis for the collection and description of data. The corpus of the research comprises 131 recovered cultural goods consulted in the Iphan's database of Sought Cultural Goods. Results: the database showed a lack of standardization in the identification of cultural property, a low index of rescued goods compared to the total of sought goods, with the last insertion in 2015, and a high occurrence of essential fields not filled in, such as authorship, title and time/period. **Conclusions:** although the results show a lag in the maintenance of the database and the need for a more active engagement in the cooperative aspect, not only for the specific public as collectors and buyers of antique objects, it was possible to conclude a vast field of research and discoveries that can be fundamental in combating the illicit trafficking of cultural property from the perspective of rescued property.

Keywords: searchable cultural property database; IPHAN; rescued property; illicit trafficking of cultural property; cultural heritage.

INTRODUCTION

The Illicit Trafficking of Cultural Property, better known as ITCG, is not a new agenda. In ancient times, looting as reference for a culture of conquest marked by the cultural and territorial identification of goods, were considered licit during the war. An example was the looting of the Parthenon, in Athens (480 BC), in regard to which Greece still claims the return of the lost goods that are under the custody of the British Museum (Soares, 2018).

Discussing the ITCG is making reference to collecting, since most offenders are collectors, engaging in a set of everyday practices that are intrinsic to any human being: the act of collecting items. The unconceived, isolated and systematic idea of property is supported by a set of goods that can have different purposes, such as the pleasure of accumulating, obtaining financial gain, decoration as a symbol of power, among others. Gonçalves (2009) states that the result of such collecting activity is related to the formation of property, and that one must reflect on collections as the formation of identity, and not only focus on the aesthetic and technical values.

Cultural property is part of a collective heritage, formed by collective subjects who, by means of the discourse embedded in the property, create and recreate social relationships, values and meanings. The conception of collective heritage stems from the sense of loss, especially after the massive destruction of cultural property, such as that which took place during the Second World War. Thus, there is an urgent need for protective measures to be developed for our cultural heritage. On a global scale, the 1970 United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco) Convention, which established measures to ensure the protection of cultural property is taken as a reference.

The National Institute of Historic and Artistic Heritage (IPHAN) founded in 1937, has among its main missions, the preservation, conservation, safeguarding and monitoring of cultural heritage (IPHAN, 2014). In order to ensure these missions and witnessing numerous losses in cultural goods, IPHAN developed the Database of Sought Goods (BCP, in Portuguese) in the fight against ITCG, which aims to be a cooperative database acting in favor of both the dissemination and of being a fundamental tool to find such sought-after cultural property (IPHAN, 2014).

The main purpose of this paper is not to cover the topic in all its breadth, but to place the subject within the perspective of rescued goods and analyze these goods considering their implications, access and relevance in fighting the illicit trafficking of cultural property in Brazil. Thus, the aim of this research is to analyze the descriptions of Brazilian cultural property present in IPHAN's Database of Sought Goods (BCP), from 1990 to the present day (IPHAN, 2014).

The main justification for conducting this research is, essentially, discussing Brazilian cultural property and the heritage losses resulting from illicit trafficking. This problem has repercussions on how the Brazilian government addresses this situation, as well as on the registration of wrongful acts. Therefore, the discussion focuses on the relationship between cultural property and patrimonialization processes in the country.

Accordingly, work began by a brief discussion of the ITCG in the country, in which the means of loss, examples of renowned institutions that did not escape criminal activity, as well as the main legal measures to protect cultural heritage such as the Hague (1954), Unesco (1970), Unidroit (1995) Conventions and Executive Order No. 25/1937 (Brasil, 1937) were listed.

BRIEF APPROACH TO THE ILLICIT TRAFFICKING OF CULTURAL PROPERTY IN BRAZIL

The Museum of Art of São Paulo Assis Chateaubriand, Thomas Cohn Gallery, Pinacoteca Station, Itamaraty, Chácara do Céu Museum, Ipiranga Museum, Mário de Andrade Library and Universidade Federal do Rio de Janeiro are renowned institutions that have fallen victim to the Illicit Trafficking of Cultural Property. In view of these examples, it should be noted that the majority of the goods belong to museums, religious sites, galleries, libraries and even private homes.

The two most well-known and publicized ways of loss of cultural property in the country are theft and robbery, although most newspaper headlines treat them as synonyms, it should be noted that, based on the Brazilian Criminal Code, they are completely different criminal offenses. In addition to theft and robbery, other hardly-discussed means of loss are also responsible for the ITCG, which according to Soares (2020) are:

- 1) Escavações ilícitas de objetos arqueológicos, incluindo escavações subaquáticas;
- 2) Remoção de bens culturais durante conflitos armados ou ocupação militar;
- 3) Exportação e importação ilícitas de bens culturais;
- 4) Transferência ilegal de propriedade de bens culturais;
- 5) Produção, comércio e uso de documentação falsificada;
- 6) Tráfego de propriedades culturais falsas ou forjadas;
- 7) Conspiração/participação em um grupo criminoso organizado;
- 8) Lavagem/branqueamento, conforme referido no artigo 6 da Convenção de Crime Organizado, de bens culturais traficados, e da Lei 9.605/98 (Brasil, 1998)¹.

This way, in order to understand the motivation of criminals to engage in this form of trafficking, Christofolletti (2017) presented three levels of satisfaction and purposes: 1) greed of collectors to decorate their homes; 2) selling associated with money laundering; and 3) *artnapping*, a form of theft and resale to the insurance companies themselves. According to these three levels, the author claims that illegal actions are undertaken by individuals who are knowledgeable about the goods they wish to appropriate, and not only undertaken on account of financial stimulus, but also on the pleasure of acquiring invaluable goods.

In Brazil, there is no regulation addressing the ITCG. Meanwhile, the adoptions of protective measures is the responsibility of the 1970 Unesco Convention. It is noteworthy that Brazil has been a member of Unesco since 1972, as opposed to Chile, which became a member in 2014 and has public policies in place aimed at fighting the ITCG. In this regard, diplomat João Batista Lanari Bo offers accurate criticism, because due to the lack of specific legislation, the evasion of our cultural heritage becomes increasingly threatened by new unlawful practices:

Sabemos que a jurisdição sobre o tráfico tem ampliado sua atuação, sobretudo nos países onde a prática tem se intensificado. Mas, e no Brasil, como o país lida jurídica e politicamente com o tráfico ilícito de obras de arte e bens culturais? [O] aprofundamento nas discussões sugere que o Brasil ainda está muito atrasado no quesito legislação específica, a despeito de possuir uma das mais progressistas legislações sobre o patrimônio do mundo, pois não possui legislação própria para a temática “tráfico de obras de arte”, embora seja signatário de diversas convenções sobre o assunto e pratique a cooperação internacional conforme propugna a convenção de Haia, obtendo sucesso em algumas operações de resgate, repatriação e mapeamento (Bo, 2003, p. 47)².

The 1970 Unesco Convention is the fundamental legal mechanism used in Brazil to fight the ITCG, which focuses on prohibiting the import, export and transfer of illicit ownership of cultural property, which is one of the main causes for the weakening of cultural heritage. The roles of the Convention referred to in art. 5 are:

- a) contribuir para a preparação de projetos de leis e regulamentos destinados a assegurar a proteção ao patrimônio cultural, e particularmente a prevenção da importação, exportação e transferência de propriedade ilícitas de bens culturais importantes;
- b) estabelecer e manter em dia, com base em um inventário nacional de bens sob proteção, uma lista de bens culturais públicos e privados importantes, cuja exportação constituiria empobrecimento do patrimônio cultural nacional;
- c) promover o desenvolvimento ou a criação das instituições científicas e técnicas (museus, bibliotecas, arquivos, laboratórios, oficinas etc.) necessárias para assegurar a preservação e a boa apresentação dos bens culturais;
- d) organizar a supervisão das escavações arqueológicas, assegurar a preservação *in situ* de certos bens culturais, e proteger certas áreas reservadas para futuras pesquisas arqueológicas;
- e) estabelecer, com destino aos interessados (administradores de museus, colecionadores, antiquários etc.), normas em conformidade com os princípios éticos enunciados na presente Convenção, e tomar medidas para assegurar o respeito a essas normas;
- f) tomar medidas de caráter educacional para estimular e desenvolver o respeito ao patrimônio cultural de todos os Estados e difundir amplamente o conhecimento das disposições da presente Convenção;

cuidar para que seja dada a publicidade apropriada aos casos de desaparecimento de um bem cultural. (Unesco, 1972, emphasis added)³.

The 1954 Hague Convention was created in the context of armed conflicts or declared war with the mission of protecting, safeguarding, respecting and identifying cultural property (Brasil, 1954). As a turning point, the 1995 Unidroit Convention committed its legal measures strictly to the restitution of stolen cultural property and the return of cultural property removed from the territory of a member state.

This Convention provides for the possibility of compensation for individuals who return the property, to the extent that they prove that it was stolen property, and that they have acted with zeal and responsibility in acquiring such property (Resolução ..., 2000). As previously mentioned, there is still no specific law concerning the ITCG at the national level, but there are a variety of legal frameworks regarding the protection of heritage, such as Executive Order No. 25/1937 (BRASIL, 1937), aimed at movable goods. Table 1 lists twelve national laws concerning the protection of cultural property:

Table 1 – Main national legal measures related to cultural property

LEGISLATION	SUMMARY
Executive Order No. 25, of November 30, 1937	Addresses the protection of the national historic and artistic heritage.
Executive Order No. 2.848, of December 7, 1940	Criminal Code General Provisions.
Executive Order No. 3.866, of November 29, 1941	Provides for the protection of goods in the Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
Law No. 3.924, of July 26, 1961	Provides for archaeological and prehistoric monuments.
Law No. 4.845, of November 19, 1965	Prohibits the export of works of art and crafts produced in Brazil, until the end of the monarchy.
Law No. 5.471, of July 9, 1968	Provides for the export of old books and Brazilian bibliographic collections.
Legislative Order No. 71, of November 28, 1972	Approves the text of the convention on the measures to be adopted to prohibit and prevent the import and transfer of ownership of cultural property.
Decree No. 72.312, of May 31, 1973	Promulgates the convention on the measures to be adopted to prohibit and prevent the import and transfer of ownership of cultural property.
Law No. 11.904, of January 14, 2009	Establishes the statute of museums and other provisions.
Law No. 11.906, of January 20, 2009	Creates the Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM.
Law No. 12.840, of July 9, 2013	Provides for the allocation of goods of cultural, artistic or historical value to museums, in the events it describes.
Decree No. 8.124, of October 17, 2013	Regulates provisions of Law No. 11.904, of January 14, 2009, which establishes the Statute of Museums, and Law No. 11.906, of January 20, 2009, which creates the Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM.

Source: Prepared by the authors (2022).

According to Estadão newspaper in an article written in 2007, Brazil ranked fourth globally in terms of theft of cultural works (Brasil ..., 2007). The present reality is no different, as the country ranks between the 8th and 10th in the list of countries where the ITCG affects the economy, being it the third most profitable type of traffic moving more than six billion dollars (Christoforo, 2021). Alarming data that show latent deficiencies in measures and actions toward the security of cultural property, generating irreparable losses to the country's cultural heritage.

Further considering this subject, the factors that hinder the work on the opposite side in the fight against the ITCG are unreported theft, shortage of experts in cultural property, lack of inspection facilitating the use of counterfeit documents as well as illicit export and import, specific protective measures, lack of relevant information in identifying goods on electronic sites, and, mainly, the lack of inclusion of society as a protagonist in the effective protection of property.

METHODS

According to its purposes, this is exploratory research, which “[...] visa prover o pesquisador de maior conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa em perspectiva” (Mattar, 2001, p. 13)⁴. To deepen the understanding of the research object, a document analysis was conducted. The study was developed in two steps, as described below:

STEP 1: DATA COLLECTION

Searches in the Database of Sought Cultural Goods⁵: for data collection in the BCP, search was conducted using the “Rescued” field, with no temporal delimitation and covering all Brazilian states and cities (image 1). Data was collected on June 28 and 29, 2022. All rescued goods recovered from the BCP were considered; no criteria was applied for choosing the records.

Image 1 – Search page for goods rescued at the BCP

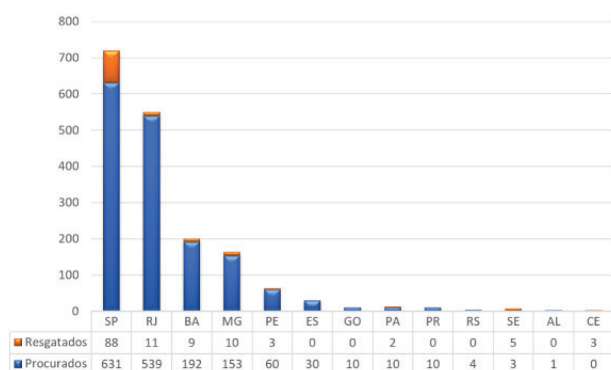
Source: BCP official website (IPHAN, 2014).

STEP 2: DATA ANALYSIS

Definition of the universe of the study: 131 cultural goods were recovered at the BCP. Data was collected using software *Microsoft Excel*, containing: Federal State (UF), BPC No., name of object, year of rescue/UF (state of the country where the cultural good was found), time/period and notes (absence of photographs, additional information and typing errors in the year of rescue).

Identification and analysis of rescued goods: while conducting the analysis, it was possible to establish categories in order to condense, represent, interpret and overcome the uncertainties of the relationships in expressing the description of the information. The first step consisted in creating a full list with the amount of both rescued and sought-after goods contained in each state (chart 1) on June 24, 2022. The second step was based on an item-by-item analysis of only the states that had rescued goods, in order to obtain statistical data to illustrate the panorama of these goods in their typologies, times, state and year of rescue. Finally, the last step, one of the most crucial ones, was to clarify the implications, access and relevance that this data represents in the fight against the illicit trafficking of cultural property.

Chart 1 – Distribution of states by cultural goods sought and/or rescued from the BCP



Source: Prepared by the authors (2022).

States: Acre, Amazonas, Amapá, Distrito Federal, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima, Santa Catarina and Tocantins did not have any cultural goods sought and/or rescued in the BCP.

GOODS RESCUED FROM THE BANCO DE DADOS DE BENS CULTURAIS PROCURADOS

The alarming level of cases involving listed cultural goods that are the target of illegal actions in Brazil has generated a concern, mainly of practical nature. IPHAN, with the guiding mission of preserving the cultural heritage and ensuring compliance with legal mechanisms, created in 1997, during the *Luta Contra o Tráfico Ilícito de Bens Culturais*, campaign, the Banco de Dados de Bens Culturais Procurados (BCP) which was only made available on the Internet the following year in partnership with the Federal Police (PF), Interpol and the Federal Revenue (IPHAN, 2014).

According to the federal authority, the BCP aims to disclose the sought-after cultural goods, provided they are listed, under legal instruments such as: a) art. 155 of the Criminal Code⁶; b) art. 180 of Executive Order No. 2.484/1940⁷; c) art. 62 of Law No. 9.605/1998⁸. The target audience is collectors and buyers of antique objects.

The website also provides information on registration for art dealers and auction agents, in addition to pointing out cases of disappearance of cultural goods in Latin American countries, such as: Colombia, Bolivia and Chile (IPHAN, 2014).

The structure of the computerized public consultation system is composed of seven fields for the sought-after goods and eleven for the rescued ones (image 1). The BCP provides three types of searches: sought-after, rescued or both, including the choice of language (English or Portuguese). When a search is conducted, its result(s) are shown according to their BCP number (BCP No.) in ascending order. Image 2 shows a fragment of four of the seven cultural goods rescued in Rio de Janeiro (RJ). The search criteria was: Situation “Rescued”, State “RJ” and City “all”.

Image 2 – Fragment of the search result of cultural goods rescued at the BCP

1.1 "Bem Cultural" obey your criteria of search.						
BCP Number	Object's name	Title	State	City	Situation	Photo
8	CRUCIFIXO (LITURGICAL)		RJ	Rio de Janeiro	Rescued	
28	VEIGAL		RJ	Rio de Janeiro	Rescued	
38	VEIGAL		RJ	Rio de Janeiro	Rescued	
48	CRUCIFIXO		RJ	Rio de Janeiro	Rescued	

Source: BCP official website (IPHAN, 2014).

According to image 2, the database consists of eight fields, namely: BCP No., Name of object, Title, State, City, Situation, Photograph and details. In view of the above, it should be highlighted that: 1) the “Name of object” field is standardized, as all the words are all in capital letters; 2) usually the “Title” field is not filled in; 3) fields “City” and “Situation” are also standardized, words starting with capital letters; 4) the “Photograph” field may not have any images and there is a mark above the image indicating the situation of the cultural good; and 5) the “Details” field draws attention for its color, and because of the brief information it brings, it is one of the most important fields of the BCP, because when selected, it shows fields identification, dimensions, report (sought goods) and rescue (rescued goods), as shown in image 3:

Image 3 – Record sheet for goods rescued at the BCP

Identification	
Situation:	Rescued
BCP number:	1108
Object:	ASPERGILUM WITH HYSSOP
Title:	
Authorship:	
Period/Time:	
Material:	SILVER
State:	BA
Date:	24/02/2015
City:	Salvador
Dimensions	
Height(cm):	21.58
Width:	
Length(cm):	
Depth(cm):	
Diameter(cm):	21.00
Circumference(cm):	
Weight(g):	3100.00
Information about the rescue	
UR:	R3
Date:	24/02/2015

Source: BCP official website (IPHAN, 2014).

When clicking on the “details” field, there are three divisions, namely, identification, dimensions and rescue with their respective fields bringing specific information about the cultural good (image 3); there is no standardization in how these fields are filled out. Research was based on internationally-recognized cultural objects identification standard, *Object ID*⁹, as a reference point to analyze the fields adopted by IPHAN in the BCP.

The *Object ID* fields are: 1) Type of object; 2) Materials and techniques; 3) Measurement; 4) Inscriptions and markings; 5) Distinctive features; 6) Title; 7) Subject; 8) Date or period; 9) Creator (ICOM, 1999, our translation)¹⁰.

The *International Council of Museums* (ICOM) provides a Checklist of the *Object ID Standard* in seventeen languages, in which it assigns four categories for identifying archaeological, cultural or artistic objects, namely: 1) Take pictures; 2) Answer these questions (according to the nine fields already described in the previous paragraph); 3) Write a brief description; 4) Protect information. The BCP lacks actions aimed at the third and fourth category, since the “Sought” Situation only includes a “Report” field, which is how the society in general can engage with the database by reporting a case via text message, but due to the absence and lack of standardization of information in the other fields, it becomes impracticable to reach a good number of reports.

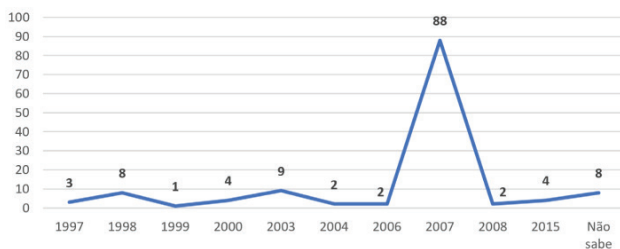
As shown in image 3, seven fields are not filled in, which, to a certain extent, shows that there is no use having such essential fields that contribute to the fight against illicit trafficking, if there is a remarkable discrepancy in how they are filed out, showing the need for them to be revisited and updated in the BCP. In view of this, empty fields were found in 131 rescued goods: 30 for “Title”, 58 for “Authorship”, 13 for “Material”, 8 for “Date” and 7 for “Time/Period”. Fields representing the dimensions had deficiencies, such as “Weight (g)”, field that was left empty in 129 cultural goods.

Cultural goods BCP No.: 997, 998, 1002, 1003 and 1157 received a “NOT IDENTIFIED” standard for “Authorship”, however, such standard did not apply to the other numbers. BCP No. 622 had “NO IDENTIFICATION” written in its “Time/Period” field. Given the above, there is a lack/application of normative policies in how data is entered for each good, in order to facilitate international cooperation, the inventory of a collection, as well as the fight against ITCG, even if the goods have already been rescued.

Despite the fact that the research did not focus on the sought goods, a survey was carried out in the 1,643 sought goods, and it was possible to corroborate the lack of use, mainly, of fields “Authorship”, “Title” and those related to the dimensions, which can hinder the recovery, location and tracking of the goods and possible reporting.

Chart 2 shows the temporal variations of the year of rescue of cultural goods in the BCP from 1997 to 2015.

Chart 2 – Temporal distribution of the year of rescue at the BCP



Source: Prepared by authors (2022).

Year 1997 begins with three rescued religious worship goods from the 18th and 19th centuries belonging to the state of Bahia. In 1998, there is a considerable increase showing that eight goods from the state of Rio de Janeiro were rescued, all of which sacred art from the 18th and 19th centuries. It should be noted that the BCP was launched on the Internet in 1998, demonstrating that this practical tool has been in use since then in the fight against the ITCG. In 1999, only one good was rescued, a baptismal font in the state of São Paulo without a date or period.

From year 2000 onward, the number of goods rescued grew until 2003, where the states of Minas Gerais and Sergipe had their goods returned, all religious in nature: saint, altar palm, Calvary, Our Lady and torchbearer angel. Years 2004 to 2006 showed stability; in the Northeast, the states of Pernambuco and Sergipe stood out, respectively, and as in previous years, the goods were also sacred art.

Year 2007 was a turning point in rescuing other types of cultural goods other than sacred art.

Despite obtaining an unexpected index of 88 cultural goods rescued, showing high discrepancy compared to the other years, 79 banknotes and 5 medals were rescued as a result of the theft of over 600 banknotes, coins and medals taken place at the Museum of the State of São Paulo. However, year 2007 does not only represent São Paulo, other states such as Rio de Janeiro and Ceará also stood out. Closing the temporal analysis, after 2007 there was a sharp decline; in 2008, only two goods were rescued. These two were paintings by Pablo Picasso¹¹ and Cândido Portinari, respectively "O Retrato de Suzane Bloch" e "O Lavrador de Café", found in the state of São Paulo. Finally, year 2015 once again brought back sacred art goods from the states of Rio de Janeiro, Pernambuco and São Paulo. Of the eight goods that did not have their years of rescue entered in the BCP, two¹² had "01/01/1" entered in "Date", which appears to be a typing error.

Data show that the BCP still has low rates of rescued goods, operational weaknesses and that there is a lag in information for each cultural good. Therefore, this results in the lack of supervision and actions by the authority responsible for making this database better known, efficient and meaningful for society, corroborating the research conducted by Perrein (2016, p. 70) on databases that act in the fight against the ITCG, when the researcher states that "Com uma ação de documentação bem realizada se potencializa a possibilidade de encontrar um bem desaparecido, enquanto a falta de informações pode resultar muito provavelmente na perda definitiva das peças"¹³.

FINAL CONSIDERATIONS

This paper was based on the assumption that the issue of Illicit Trafficking of Cultural Property will never cease, since this type of trafficking is one of the most profitable in the world. The numerous cases of loss of cultural goods mainly reveal ongoing weaknesses in the protective measures; if, on the one hand, illegal actions allow for enrichment, on the other, our cultural heritage remains impoverished.

When working on the aspect of goods rescued from IPHAN's Banco de Dados de Bens Culturais Procurados, it was noted that these goods are highly relevant objects in the scientific field and that their implications lie within the impracticability of systematized information, due to the absence of fields considered essential for identifying an object, as well as the scarcity of periodic maintenance in the database.

Regarding access, the BCP, despite the fact that it is an electronic website available to any individual, does not have effective mobilization so that the population, based on what is being disclosed about the rescued goods, can cooperate in the database to help search for the sought goods. Access remains more restricted to collectors, buyers of antique objects, auction agents and art dealers.

To this end, the research also understood that before any regulation in favor of fighting the ITCG, it is crucial for society to participate, to relate to cultural goods, in order to preserve them, to create bonds of identity and belonging, bringing them closer to the constant threat that our heritage is under. Without cooperative work, it becomes impossible to free our country from the vulnerability that the Illicit Trafficking of Cultural Property causes, and this does not exclude the operational activities of the database.

REFERENCES

BO, J. B. L. *Proteção do patrimônio na UNESCO: ações e significados*. Brasília, DF: UNESCO, 2003.

BRASIL é o quarto do mundo em roubo de obras culturais. *Estadão*. [s. l.], 20 dez. 2007. versão online. Available at: <https://saopaulo.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-e-o-quarto-do-mundo-em-roubo-de-obras-culturais,99038>. Access on: 6 jul. 2022.

BRASIL. *Decreto 44.851 de 11 de novembro de 1958*. Promulga a Convenção e Protocolo para Proteção de Bens Culturais em Caso de Conflito Armado. Haia, 1954. 16 p. Available at: https://en.unesco.org/sites/default/files/brazil_decreto_44851_11_11_1958_por_orof.pdf. Access on: 10 jul. 2022.

BRASIL. *Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937*. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1937. Available at: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_no_25_de_30_de_novembro_de_1937.pdf. Access on: 10 jul. 2022.

BRASIL. *Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940*. Código penal. Brasília, DF: Presidência da República, 1940. Available at: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm. Access on: 3 jul. 2022.

BRASIL. *Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998*. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1998. Available at: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm. Access on: 3 jul. 2022.

CHRISTOFOLETTI, R. Brasil e Itália nas rotas do tráfico ilícito de bens culturais. *Revista Casa D'Italia*, Juiz de Fora, ano 2, n. 10, 2021. Available at: <https://casaditaliajf.com.br/2021/04/27/revista-casaditalia-brasil-e-italia-nas-rotas-do-trafico-ilicito-de-bens-culturais/>. Access on: 7 jul. 2022.

CHRISTOFOLETTI, R. O tráfico ilícito de bens culturais e a repatriação como reparação histórica. In: CHRISTOFOLETTI, R. (org.). *Bens culturais e relações internacionais: o patrimônio como espelho do soft power*. Santos, SP: Ed. Universitária Leopoldiana, 2017. p. 113-131. Available at: <https://www.uff.br/lapa/files/2008/08/Bens-Culturais-e-Rela%C3%A7%C3%B5es-Internacionais-Pref%C3%A1cio-e-Introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Access on: 7 jul. 2022.

GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 25-33.

ICOM. International Council of Museums. *Object Identification (Object ID) is an internationally recognized documentation standard conceived to identify and record cultural goods*. Paris: J. Paul Getty Trust, 1999. Available at: <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/objectid/>. Access on: 3 jul. 2022.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Bens Culturais Procurados*. Brasília, DF, 2014. Available at: [http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1020#:~:text=Neste%20campo%2C%20o%20Iphan%20utiliza,Interpol\)%20e%20da%20Receita%20Federal](http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1020#:~:text=Neste%20campo%2C%20o%20Iphan%20utiliza,Interpol)%20e%20da%20Receita%20Federal). Access on: 3 jul. 2022.

MATTAR, F. N. *Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução, análise*. São Paulo: Atlas, 2001.

PERREIN, I. S. *Tráfico Ilícito de Bens Culturais e bases de dados: um desafio para a documentação museológica na relação entre museus e instituições de preservação e segurança*. 2016. 179 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2016. Available at: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/17645/1/2016_laraSilvaPerrein_tcc.pdf. Access on: 6 jul. 2022.

RESOLUÇÃO da assembleia da república n.º 34/2000. *Convenção do Unidroit sobre Bens Culturais Roubados ou Ilicitamente Exportados*, assinada em Roma em 24 de Junho de 1995. Lisboa: Assembleia da República, 2000. 14 p. Available at: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Convencao_unidroit_bens_roubados_ou_ilicitamente_exportados_1995.pdf. Access on: 10 jul. 2022.

SOARES, A. D. *Direito Internacional do Patrimônio Cultural: o tráfico ilícito de bens culturais*. Fortaleza: IBDCult, 2018.

SOARES, A. D. *O Brasil e o Tráfico Ilícito de Bens Culturais*. [Rio de Janeiro: UERJ], 2020. 1 vídeo (1h 40 min). Publicado pelo canal NEPEDI UERJ. Available at: <https://www.youtube.com/watch?v=EavUIBIK9a0>. Access on: 7 jul. 2022.

UNESCO. *Convenção relativa às medidas a serem adotadas para proibir e impedir a importação, exportação e transferência de propriedades ilícitas dos bens culturais*: Paris, 12-14 de novembro de 1970. [Brasília, DF]: Senado Federal, 1972. 10 p. Available at: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/unesco_convencao.pdf. Access on: 10 jul. 2022.

ENDNOTES

1 Translation: “1) Illegal excavations of archaeological objects, including underwater excavations;

- a) Removal of cultural property during armed conflict or military occupation;
- b) Illicit export and import of cultural property;
- c) Illegal transfer of ownership of cultural property;
- d) Production, trade and use of counterfeit documents;
- e) Trafficking of fake or counterfeit cultural property;
- f) Conspiracy/engagement in organized criminal activity;
- g) Laundering, as referred to in Article 6 of the Convention against Organized Crime of trafficked cultural property, and Law 9.605/98” (Brasil, 1998, editorial translation).

2 Translation: “We are aware that jurisdiction over trafficking has expanded, especially in countries where engagement in such activity has intensified. But, as for Brazil, how does the country legally and politically address the illicit trafficking of works of art and cultural property? [The] deepening of discussions suggests that Brazil is still far behind in terms of specific legislation, despite having one of the most progressive laws on heritage in the world, as it has no legislation concerning “trafficking in works of art”, even though it is a signatory to several conventions on the matter and practices international cooperation as advocated by the Hague Convention, succeeding in some rescue, repatriation and mapping operations” (Bo, 2003, p. 47, editorial translation).

3 Translation: “a) contributing to the preparation of draft laws and regulations aimed at ensuring the protection of cultural heritage, and particularly the prevention of illicit import, export and transfer of ownership of important cultural property;

b) establishing and keeping up to date, based on a national inventory of goods under protection, a list of important public and private cultural goods, the export of which would constitute an impoverishment of the national cultural heritage;

c) promoting the development or creation of scientific and technical institutions (museums, libraries, archives, laboratories, workshops, etc.) necessary to ensure the preservation and good appearance of the cultural property;

d) arranging the supervision of archaeological excavations, ensuring the in-situ preservation of certain cultural goods, and protecting certain areas reserved for future archaeological research;

e) establishing, for stakeholders (museum administrators, collectors, antique dealers, etc.), standards according to the ethical principles set out in this Convention, and adopting measures to ensure compliance with these standards;

f) taking educational measures to encourage and develop respect for the cultural heritage of all States and to widely disseminate knowledge of the provisions of this Convention;

g) being vigilant so that appropriate publicity is given to cases of disappearance of cultural property.” (Unesco, 1972, emphasis added, editorial translation).

4 Translation: “[...] aims to provide the researcher with greater knowledge about the topic or research problem in question” (Mattar, 2001, p. 13, editorial translation).

5 Website: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/219>.

6 Art. 155. To take, for oneself or for others, another’s tangible personal property (Brasil, 1940, editorial translation).

7 Art. 180. Acquire, receive, transport, carry or conceal, for one’s own benefit or that of others, something that one knows to be the proceeds of a criminal offense, or to influence a third party, in good faith, to acquire, receive or conceal it (Brasil, 1940, editorial translation).

8 Art. 62. Destroy, disable or deteriorate:

I - goods especially protected by law, administrative act or court decision;

II - archive, record, museum, library, art gallery, scientific facility or similar protected by law, administrative act or court decision (Brasil, 1998, editorial translation).

9 Website: https://icom.museum/wp-content/uploads/2020/12/ObjectID_portuguese.pdf.

10 Original: “Type of object; Materials and techniques; Measurement; Inscriptions and markings; distinguishing features; Title; Subject; Date or period; Maker.” (ICOM, 1999).

- 11 A book by Pablo Picasso entitled *Toros* from 1960 was entered as sought goods, being it the only book registered in the database (BCP No. 1236, editorial translation).
- 12 Vases found in Rio de Janeiro having BCP No. 28 and 36.
- 13 Translation: “With a well-performed documentation action, the possibility of finding missing property is enhanced, while the lack of information may very likely result in the permanent loss of the pieces” (Perrein, 2016, p. 70, editorial translation).

The contribution of 19th and 20th century black bibliophiles and bibliographers to the construction of a Black Bibliography

Franciéle Carneiro Garcês da Silva

PhD in Information Science from the Escola de Ciência da Informação from the Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Collaborating Professor in the Graduate Program in Information management, from the Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGInfo/UDESC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2805777083019311>

E-mail: francielegarces1987@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2828-416X>

Dirnéle Carneiro Garcez

PhD Student in Information Science from the Graduate Program in Information Science from the Universidade Federal de Santa Catarina (PPGCIN/UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Is one of the members of the Research Group Ecce Liber: Filosofia, linguagem e organização dos saberes.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8655722474715647>

E-mail: dirnele.garcez@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3061-9352>

Diná Marques Pereira Araújo

PhD Student in Information Science in the Graduate Program in Information Science from the Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Librarian-documentalist at Universidade Federal de Minas Gerais.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5368871997608892>

E-mail: librario2017@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8251-255X>

Priscila Rufino Fevrier

PhD student in Information Science at the Graduate Program in Information Science at Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) in partnership with the Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1804754081319302>

E-mail: priscila.fevrier@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3641-5200>

Gabriel de Melo Vieira

Master's student in the Graduate Program in Information Management from the Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGInfo/UDESC), Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4210297769033841>

E-mail: b.i.1@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6003-5369>

Date of submission: 31/08/2022. Date of approval: 24/02/2023. Date of publication: 22/09/2023.

ABSTRACT

This paper explores the vital role played by black bibliophiles and bibliographers in the acquisition, preservation, organization, and accessibility of informational resources related to the black, African, and diasporic communities in the United States during the 19th and 20th centuries. Specifically, the paper examines how bibliophilia and bibliography were employed to build collections of information and the formation of special collections dedicated to the black experience, as well as the strategies employed by the black community for information access, book availability, and library usage. The study culminates by highlighting the contributions of five key figures, including David Ruggles, a collector, Arthur Alfonso Schomburg, a bibliophile, and bibliographers Daniel Alexander Payne Murray, Monroe Nathan Work, and Dorothy Porter Wesley, among others. These individuals made substantial contributions to documenting the lives, histories, and experiences of black, African, and diasporic populations and played a crucial role in creating black collections, centers, and libraries that continue to serve as essential sources of information for the epistemic and historical restoration of these communities.

Keywords: black bibliography; black collections; black history; social justice; bibliophilia; United States of America.

INTRODUCTION

The American segregationist era, spanning from 1870 to 1960, was a time of limited access to civil rights and information for the Black population. Discriminatory laws were based on legislation used during slavery. The Southern States initiated the implementation of racial segregation, which was later disseminated throughout the United States via Jim Crow Laws, aimed at maintaining the existing racial hierarchy in the country following the Civil War.

The Black Codes institutionalized the denial of rights to the Black American population, including the right to vote, own property and businesses, marry white people (interracial marriages), and access venues like hotels, cinemas, schools, and libraries. Such laws perpetuated the separation between whites and Blacks and marginalized the latter (Blackmore, 2020), causing informational exclusion of Black and non-white groups and depriving them of the tools necessary to transform their social realities through schools, universities, and libraries (Cresswell, 1996; Cutter, 2011; Poole, 2018; Wiegand; Wiegand, 2018).

Over time, constitutional amendments were enacted to ensure freedom and civil rights for Black people. However, access to information about Afro-diasporic history and culture remained challenging.

One reason was the location of libraries in white neighborhoods, preventing black people from accessing their spaces, services, and collections. Additionally, segregated libraries exclusively for Blacks had limited collections and unsuitable physical structures, denying the community the opportunity to acquire knowledge through the collections and services designed for their use. Finally, collections, data, and informational records on Black history written by and for blacks in public, municipal, and university libraries were insufficient to serve them. Therefore, there was a need to establish bibliographies documenting the experience and contribution of the Black, African, and diasporic populations in the construction of the United States (Porter, 1969a; Jones, 1971; Wiegand, 2017).

According to Dorothy Porter's writings (1969a, 1969b), one of the initiatives used to fill the informational gap for the populations mentioned above was the creation of Black literary societies to promote libraries and reading rooms. Between 1828 and 1846, Black individuals and associations in Eastern cities organized 45 literary societies. For this study, we will limit the focus of analysis to the segregationist era, the period before the establishment of the civil rights movement in the 1960s.

Thus, we seek to investigate the contribution of bibliophiles and Black bibliographers of the 19th and 20th centuries in their efforts to collect, organize, preserve, and make information about, from, and for African-Americans, Africans, and diasporic populations available in a time when libraries failed to fulfill this role.

This bibliographic and documental study aims to recover information about bibliophiles and Black bibliographers in the scientific production of Black American Librarianship, published in books, chapters, articles, and bibliographies from 1830 to 1960. Therefore, this paper consists of six parts: an introduction with the general objective of the research, an introduction to Bibliography and Bibliophilia in the constitution of collections, the conceptualization of Black bibliography and its role in fostering social justice and epistemic reparations, the Special Black collections, and the role played by Black bibliophiles and bibliographers in the creation of current collections, centers, and libraries. The article concludes with final considerations about the study.

BIBLIOGRAPHY AND BIBLIOPHILY IN THE CONSTITUTION OF COLLECTIONS

Across antiquity, the medieval, modern, and contemporary periods, the collection of written culture has been understood as the art and science of loving books, traditionally called Bibliophilia (biblio + philie). The long history of Bibliophilia reports that the love for graphical documents crosses both the desires of frivolous possession of such objects and even the ostentation of large private libraries populated by characters that remain in the territory of literary culture, restricted to the chosen few. Bibliophilia is, above all, a sociocultural practice (Sordet, 2002) that encompasses a wide range of sensibilities around text collecting. From a formal and material perspective, such texts can be called books, pamphlets, and leaflets of an ordinary, ancient, rare, precious, or curious nature.

Bibliophilia objects are chosen according to their differences in value, ranging from their usefulness to one's desire to possess erudition, assert social-patrimonial distinction, or to a possession associated with the dysfunction called Bibliomania - the love for the graphical object. While Baudrillard (1969, 2009) has presented an approach to object collecting that can be applied to studies of bibliographic collecting, our focus will be on something other than this particular aspect.

Regardless of the different temporal and cultural contexts that surround Bibliophilia and Bibliography, the bibliophile and bibliographer play essential roles in creating a bibliographic identity that comes to life in the form of a library with textual narratives (words-images) that hold special meaning to them. Throughout the history of texts and their materialities, Bibliophilia has been crucial in selecting, collecting, and preserving unique texts as cherished memories that must endure "forever."

The constitution of a private collection in Bibliophilia involves selecting documents that are intertwined with the sociocultural webs that impact its formation. Such selection will have to deal with factors such as (a) the relevance of the text to the theme it addresses, which is shaped by social, political, and economic values that determine which discourses are considered valid and representative of knowledge in a given society and (b) the production and circulation of the text, from media (such as parchment, paper, leather, and digital screens) to printing techniques and the publishing market. In this arena of values for the constitution of private collections, a bibliography is present, whether in its most recurrent repertorial facet, as a source of information, but also as a science dedicated to the technical-formal organization and thematic-conceptual definition of collections.

The presence of private collections created by bibliophiles is recurring in the history of the university, public, or private libraries - where such collections will create collections of memory that could be identified as special collections due to the nature of their origins in a private personal collection, the topics addressed; the social, political, and cultural trajectories that led that collection to a particular institution as repertoires of memory and identity. From this perspective, Bibliophilia first helped preserve texts referring mainly to hegemonic and dominant discourses in written culture, which was one of the significant contributions of Bibliophilia.

Such a phenomenon is mainly linked to this empire of rarity¹ in its various manifestations, which defined the universe of the graphical document that should be collected, making Bibliophilia a relevant contribution to preserving graphical documents representative of the culture of the global north. However, Bibliophilia also had in its ranks people who selected as the subject of their collections discourses not validated by their society and contributed to the constitution of collections that have metamorphosed into the presence of private collections created by bibliophiles is a recurring phenomenon seen in the history of public, and private universities libraries.

Such collections, due to the nature of their origins in a private personal collection, the topics addressed, and the social, political, and cultural trajectories that led the collection to a particular institution, could be identified as special collections - repertoires of memory and identity. Initially, Bibliophilia helped preserve texts referring mainly to hegemonic and dominant discourses in written culture, which was one of its significant contributions. This phenomenon is mainly linked to the empire of rarity in its various manifestations, which defined the universe of the graphical document that should be collected, making Bibliophilia a relevant contribution to preserving graphical documents representative of the culture of the global north.

However, Bibliophilia also had people who selected as the subject of their collections discourses not validated by their society and contributed to the constitution of collections that have metamorphosed into collections of memory today.

Which contexts and actors choose the texts that make up these collections and archives for memory? To what extent did the questioning and confronting of a predominantly colonial bibliophilic and bibliographic system result in perennial initiatives and trajectories that fostered the creation of collections of multiple memories? The imposition of one culture to the detriment of another is evident when dealing, for example, with the constitution of collections and bibliographic repertoires of black history and culture – which almost always reflect the exploiter's narrative discourse and even the silencing of compromising documents about them in the creation of bibliographies.

In this sense, we aim to establish a Black Bibliography directed towards filling historical gaps regarding the Black contribution to the construction of various fields of knowledge and our world. This effort includes repairing epistemic violence and injustice inflicted upon Black knowledge through colonial discourse.

BLACK BIBLIOGRAPHY FOR SOCIAL JUSTICE AND BLACK EPISTEMIC REPARATION

When we approach social justice, we presuppose fair treatment and distribution of epistemic resources and goods (information, education, and knowledge) for all individuals, guided by values such as ethics, solidarity, care, and mutual respect among subjects (Brownlee *et al.*, 2012; Mathiesen, 2016; Mehra, 2015; Silva; Garcez; Silva., 2022). Conceptually, social justice refers to the ability of people to participate as peers within society (Fraser, 2008).

Therefore, the starting point involves understanding that to achieve social justice through bibliography; we must first overcome the principle of absence (Kilomba, 2020) imposed on the knowledge produced by black, African, and other ethnic-racial groups that remains on the margins of libraries, collections, and other information spaces. In other words, it is paramount to give visibility and accessibility, as well as equal treatment, to the information contained in different media about what it means to be a black person in American society and other parts of the globe, as well as the historical, cultural, political, and educational processes of ethnical and racial marginalization experienced by those group. Bibliographies can help confront the epistemicide and memoricide committed against blacks and Afro-diasporic populations (Missiatto, 2021; Patin *et al.*, 2020; Silva; Garcez; Silva, 2022) by promoting Black Bibliographies that meet the principles of social justice in broader aspects, such as racial, ecological, gender, and informational (Silva *et al.*, 2021a), especially by focusing on the thought and ancestral legacy of, about, and elaborated by ethnical-racially groups oppressed by colonization and capitalism and by the centrality of race in Western societies. The concept of Black Bibliography refers to the gathering, production, organization, representation, and availability of documents that portray black life experiences about and from the perspective of African, black, and African diasporic populations via bibliography. Beyond epistemic and historical reparation, Black Bibliography highlights the struggle against the epistemic apartheid (Rabaka, 2010) that intellectually segregates the knowledge produced by historically excluded ethnic-racial groups, especially those outside universities' walls (Silva; Silva, 2022). In segregated America, the production of a black bibliography played a fundamental role in the constitution of collections - which reveals, above all, the commitment to black epistemic reparation (Silva; Garcez; Silva, 2022), and the agency of black bibliographers and bibliophiles who acted to overcome the silencing and erasing of their people's memory.

Before presenting such actors, we will contextualize the Special Black Collections in the Rare Book field in Librarianship. Such collections were built to preserve the black ancestral legacy for future generations.

SPECIAL BLACK COLLECTIONS

The field of Rare Book Librarianship, a traditional branch of Library Sciences, has been formally established in countries in the northern hemisphere, particularly in Europe. Although it is predominantly practiced in English-speaking countries, other cultures have also devoted themselves to this field and even adopted the same terminology, "Librarianship of Rare Books," to define the vast range of practices associated with old and rare bibliographic collections.

It is possible to trace the origins of bibliographic practices in medieval religious order libraries, where certain graphical documents were privileged for their preciousness and antiquity. These practices have been passed down to the modern era, which produced a legacy of revering rare books.

In Europe, bibliographic practices established by Conrad Gesner (1516-1565), Gabriel Naudé (1600-1653), and other bibliographers of the 16th and 17th centuries contributed to establishing the pillars for building the "ideal library." This ideal was closely linked to book collecting, which was intertwined with the historical constitution of public and university libraries. Such context culminated in producing a facet of Library Sciences focused on old, precious, rare, and unique graphical documents.

In England, for example, the acquisition of the Bodleian Library² by the University of Oxford also created the need to establish library practices for rare books from private libraries donated to the institution. The English librarian Bulkeley Bandinel (1761-1861) dedicated his work to that university's special collections and rare books section. In the 18th century, Bandinel created the Bodleian Auctarium to safely keep books of a rare and unique profile. According to Feather (1982), Bandinel:

[...] considerava como os mais excelentes da biblioteca: manuscritos iluminados, incunábulo, belas impressões, grandes cópias em papel, editiones principes dos clássicos Aldinos, Elsevier e encadernações de luxo. [...] Na tentativa de reproduzir, em grande escala, as atuais modas bibliofílicas, Bandinel involuntariamente criou a ideia da Biblioteconomia de Livros Raros como é agora entendido: o lugar especial e o tratamento de forma arbitrária de categorias predeterminadas de livros (Feather, 1982, p. 32, tradução nossa).³

The 'special place' for preserving graphical documents deemed worthy of memory took into account their rarity as inseparable from hegemonic discourses.

In the following centuries, 19th and 20th, Anglo-American theorists continued to use the expression Rare Book Librarianship and Special Collections, among them Berger (2014), Cave (1976), Galbraith and Smith (2012) and Traister (2003).

During those two centuries, library practices dealing with special collections in other continents and countries also had significant local variations that were generally influenced and guided by the normative-arbitrary European model for establishing book rarity⁴.

The names attributed to these old and rare collections vary significantly, ranging from Historical Library, Heritage Library, Special Collections, Ancient Funds, Rare Works, Treasure Room, Ancient Books, and Heritage Collection, among others, but Special Collections is the most recurrent one. These Special Collections are distinguishable from ordinary collections intended for book loans and local consultation in a library.

A Special Collection may contain antique, rare, and contemporary books. The collection scope indicates whether it will be entirely made up of rare books or even if it will have a specific time frame, such as books printed in Pernambuco in the first fifty years of the twentieth century, for example. The history behind the creation of a Special Collection, more precisely why such a collection came to life, is sometimes linked to a bibliophile that collected those rare and unique books, which later could have been incorporated into a collection of a public library.

The Schomburg Center for Research in Black Culture Collection⁵, for instance, originated from the personal collection of bibliophile and librarian Arturo Alfonso Schomburg, which the New York Public Library later acquired. A particular institution could also develop a Special Collection to gather and preserve old and current books that deal with a specific topic, such as the history of science.

There are many other examples, but we want to emphasize that special collections are manifold in their documentary characteristics, provenance, and scope. They can contain only one documental typology but can also be hybrid – formed by both bibliographic and archival documents. Still, regarding their documentary characteristics, if predetermined, special collections may include a mixing of thematic typology, literary genres, and categories in their composition. As examples of such elements, we can mention: rare books in the area of medical sciences, old books in the area of legal sciences, and artists' books produced in Mexico, among others.

It is outside the scope of this paper⁶ to conceptualize the genres and categories of graphical documents included in special collections, such as rare, ancient, exotic and unusual. Agreeing with Araújo and Reis (2017) and Sordet (2002), we understand that, in bibliographic collecting, the adjectives "exotic" and "unusual" can also be considered manifestations of bibliophilic rarity.

Finally, once selected the guidelines for their formation (documentary typologies, genres/categories, time frame, language(s), thematic coverage, among others), special collections will reflect a particular meaning (in both Bibliophilia or public institutions) of the specific community that, either in the past and in the present, decided to preserve to current or future generations, a collection of documents considered relevant for their content of because what they represent.

In addition to discussions of memory and rarity, special collections are distinguished from current collections “by their thematic constitution, purpose, material characteristics, the heritage relevance and meaning they have to the institution that preserves them” (Araújo; Reis, 2016, p. 184). For our purpose, more relevant than the management models of these special collections, it is crucial to highlight the conceptual model that underlies the constitution of a special collection, usually precepts of a colonizing, white, and European culture.

Such a model, which reflects the social structure of exclusion of black culture, undermines black memories that, when converted into material text, end up not complying with predetermined features used in creating the so-called special collections. In this sense, there are memory collections with graphical documents that usually materialize texts that preserve the views and voices of the colonizer but not of the black culture.

In the United States, from the 1960s onwards, an increasing number of Special Black Collections began to appear due to educational needs in high schools and universities. Black collections were a research source containing “contêm uma riqueza de conhecimento que apoia, aumenta e inspira não apenas os estudos negros, mas potencialmente também qualquer investigação pertencente a pessoas da diáspora africana” (Bledsoe, 2018, online, tradução nossa)⁷. The proliferation of black collections was also due to the works of black bibliographers and bibliophiles of the 19th and 20th centuries, which we will underline further in the paper. When surveying special black collections in US universities and colleges, Smith (1974) points out that despite being essential for preserving the history of black culture and the quality of the professionals involved with such collections and the valuable services they offered.

However, Smith also highlights the difficulties in the development and establishment of these collections: (a) scarce financial resources for their maintenance (contrary to what happened with special collections outside the influence of social segregation); (b) identification of graphical documents produced by black people due to the scarcity of their production, the estate of preservation of old documents and the scarcity of bibliographies gathering such documents; (c) the lack of black librarians involved and interested in preserving the memory of black culture; (d) the need for bibliographic control of the production. Such Special Black Collections are not exclusively bibliographic in nature but include archival documents and items of black memorabilia, especially those concerning the materialities of the black experience. Such collections have become instruments for facing hegemonic perspectives as they confront the principle of absence by making these collections and informational resources visible and available to the public for consultation and research (Kilomba, 2020; Silva; Garcez; Silva, 2022). In addition, such special collections represent black resistance tactics in libraries and Bibliography by highlighting records of black experience and knowledge throughout history. In the next part, we will introduce some bibliophiles and bibliographers responsible for building collections, bibliographies, and libraries that represent examples of what we consider a Black Bibliography.

BLACK BIBLIOPHILE AND BIBLIOGRAPHERS OF THE 19TH AND 20TH CENTURIES AND THEIR CONTRIBUTIONS TO THE BLACK COMMUNITY

This section concentrates on the black bibliophiles and bibliographers who helped to build a black ancestral legacy. During the segregation era in the US, the years in which this research focuses, we found black bibliophiles, bibliographers, and collectors who collaborated in the collection, organization, and production of bibliographies that contributed to a better understanding of black and afro-diasporic history and experience in the US and worldwide.

In this context, the formation of libraries – with and without walls – on the black population was pioneered by a few key actors. Below we will highlight, in chronological order, a brief exposition of the contribution of each one of them.

- a) 1830 – David Ruggles (1810-1849) was a radical black abolitionist, journalist, pamphleteer, and publisher, considered the first collector of books on the black and Afro-diasporic community. Ruggles' radical abolitionism encompassed different activism trends, such as evangelical religion, temperance, education, black migration to Canada, opposition to the American Colonization Society, antislavery legislation, and advocacy for black civil rights improvements with a strong defense of fugitive enslaved people in opposition to slave traders (Hodges 2010). In his antislavery activism, Ruggles wrote hundreds of letters to abolitionist newspapers, published five pamphlets, and was the editor of the first African-American magazine, the *Mirror of Freedom*. He was the first African-American to own a publishing business. Ruggles published his first pamphlet in 1834, an accomplishment that underscores the autonomy conquered by black people in the printing world. In 1830, he created the first itinerant bookstore and library to publish books and printing materials on and about the black population, antislavery, and anticolonization available to the African-American readers of New York. To keep his publications, Ruggles charged a fee of twenty-five cents a month for renting his books. He also did print work, printed letters, framed pictures, wrote letters, and offered book binding services. A few years later, Ruggles provided a reading room for blacks and non-white people excluded from literary institutions, lectures, and reading rooms provided primarily for white people. Ruggles believed such a room was necessary for the black population to achieve the moral virtue acquired by observation, reading, and reflection. He also hoped that the room would become a "literary attraction for young people" thirsting for information and knowledge.
- b) 1871 – Daniel Alexander Payne Murray (1852-1925) was a bibliographer, historian, and librarian⁸ at the Library of Congress between 1871 and 1923, and one of the first African-Americans employees hired by the institution. In 1900, Murray published the *Preliminary List of Books and Pamphlets by Negro Authors for Paris Exposition and Library of Congress*, considered the first bibliography of African-American literature compiled at the Library of Congress. Murray's compilation consisted of titles, including works by Frederick Douglass, W. E. B. Du Bois, Paul L. Dunbar, Sojourner Truth, Booker T. Washington, Phyllis Wheatley, and many others. The list covered topics ranging from African history and African demography, black history in America, slave narratives, sermons, black church history, and poetry. In addition to writing about the black American population's history, life, and literary achievements, Murray was also a political activist who claimed that black people had made relevant contributions to science. He advocated, alongside leaders such as W. E. B. Du Bois, against eugenics theories of the time that presumed the existence of black racial inferiority. Determined to confront this eugenic perspective and eager to disseminate the knowledge produced by African-Americans, Murray began to focus on the work that would become his main contribution to the field: Murray's *Historical and Biographical Encyclopedia of the Colored Race Throughout the World* (Murray, 1912), with 153 pages, containing 250 biographical entries, as well as pamphlets, synopses of novels and musical compositions of black authors. Despite all his efforts, Murray did not get financial or editorial support to publish his multi-volume encyclopedia.

Even today, few people know of his remarkable achievement as the author of one of the most significant bibliographies of African-American history (Cole, 2021; Harris Jr, 1976; Walker, 2005).

- c) 1900 – Monroe Nathan Work (1866-1945) was a black bibliographer and sociologist who wrote many essays on African-American life and experience in North America and publications on African institutions and customs. A descendant of enslaved people, he has an extensive scholarly production on the racial problem and its consequences. His first publication was *The Negro and Crime in Chicago*, the result of his final graduation paper at the University of Chicago, published in 1900 in *The American Journal of Sociology*.⁹ He also authored the renowned *The Negro Year Book*, which comprised a compilation of economic, social, and historical data about the black population in North America. As the book editor, Nathan Work released it free of charge in 1912 by Tuskegee University. The book proved very popular among readers, with later editions priced at 25 cents. The purpose of this bibliography was to meet the demand of readers from all over the US and the world for accurate and concise information regarding the history and achievements of the black American African diaspora populations. *The Negro Year Book* has a section titled A select bibliography of the negro containing 408 references. In addition to pamphlets, the book also displays a list of various articles and publications systematically organized for easy search and to meet the needs of those interested in the subject. For 40 years, *The Negro Year Book* only went unpublished in 1920/21, 1923/24, 1927/28, 1929/30, 1933-36, 1939-46, and 1948-51. Nathan Work also published the *Bibliography of the Negro in Africa and America*, released in 1928 with over 17,000 entries, which included several rare items.

This bibliography aimed to provide an accurate and comprehensive guide to the titles and authors of the most influential books, pamphlets, and journal articles published about the black community in Africa and America. This work began unpretentiously in 1905 when Nathan Work became interested in the study of Africa. He assembled a list of references to facilitate the systemization of the collected information. Work noticed that the Library of Congress had several cards with information about Africa for sale. After the success of *The Negro Year Book*, there was a growing demand for more bibliographic material for studying the history and experience of black and Afro-diasporic populations. In 1921, the Carnegie Corporation of New York awarded a research grant to the Department of Records and Research at the Tuskegee Institute, which had Nathan Work as its director then. This grant allowed him to compile a broader bibliography on the black population. The first edition of the *Bibliography of the Negro in Africa and America* was born from the research conducted for the grant. That bibliography initially consisted of more than 3 thousand references related to the black and Afro-diasporic population in the USA. Subsequently, from the partnership between the Phelps-Stokes Fund and the Tuskegee Institute, Nathan Work had the opportunity to travel to Europe, consult with authorities on African languages and cultures, and collect references for the bibliography. He added over 40,000 publication titles in different languages released before 1928. In short, that bibliography displays a list of subjects that cover many aspects of black life and history, with topics as relevant and diverse as African Civilizations, Christian Missions in Africa, the situation of the Enslaved people in the USA, the modern Ku-Klux-Klan, Black Secret Societies in the USA, Black Women in the USA, Current Conditions of the Negro in South America. Additionally, it contains a series of maps, an atlas, and manuscripts related to the early history of Africa (Carter, 2010; Guzman, 1949; Work, 1900, 1919, 1928, 1929).

d) 1925 – Arthur Alfonso Schomburg (1874-1938) was a black bibliophile, self-taught curator, and historian responsible for assembling one of the most notable collections of informational data related to history, culture, and life experiences about Afro-America, the African and its diaspora. The Schomburg Center for Research in Black Culture, selected as a US National Historic Landmark in 2017, is today part of the New York Public Library System. In 1925, when Schomburg created it in the 135th Street NY Branch Library, the Center was called the Division of Negro Literature, History, and Prints. The Center initially intended to meet the community's demand for information, filling this informational gap. The Center was developed around Schomburg's personal library, which in 1926 was purchased by the Carnegie Corporation and donated to the New York Public Library (New York Public Library, 2021; Porter, 1969a; Sinette, 2000).

e) Dorothy Burnet Porter Wesley (1905-1995) was a black collector, bibliographer {nos exemplos anteriores as palavras bibliógrafo e/ou bibliófilo apareceu em itálico, menos nesse, acho que os autores esqueceram de colocar}, and librarian that worked at Howard University since 1928. She is recognized for her contribution to the creation of the Moorland-Spingarn Research Center. During a career that spanned over 40 years, Dorothy Porter Wesley produced one of the most comprehensive collections of black, African, and Afrodiasporic history and memorabilia. Concerning bibliographies, Dorothy Porter Wesley was the editor of *The Negro in the United States: a selected bibliography*, a publication with 1,781 references produced by black people, divided into 40 subjects displayed in alphabetical order. According to Wesley, there was a growing interest in black history and culture, manifested by the introduction of these thematic in university courses, disciplines, and higher education curricula, which generated a demand for references that could be used to support such studies.

Therefore, *The Negro* was a bibliography designed to meet the needs of students, faculty, librarians, researchers, and the general public for introductory reading material on Black and African Diaspora Studies in the US. As a selective and non-exhaustive bibliography, the work addresses many topics such as urban blacks, ethnic-racial relations, black cultural history, discriminatory practices in different areas of society, and the black struggles to achieve political and economic freedom and education. The volume also deals with black religious life, the social conditions in which the black population lived, and its historical past. In addition, the bibliography references work depicting the lives of prominent black people – abolitionists, fugitive enslaved women, educators, civil rights leaders, scientists, journalists, religious leaders, artists, athletes, and literary figures. She also authored the *Early American Negro Writings: A Bibliographical Study* (Porter, 1945) and *Afro-braziliana: a working bibliography* (Porter, 1978), all compiled seeking to highlight the experiences, lives, and works of black people in the USA and the African diaspora (Porter, 1938, 1945, 1970, 1978; Silva *et al.*, 2021b, 2021c).

The formation of libraries and the creation of bibliographies involve the engagement of these actors in the development of a black bibliography. We highlight their actions, grounded in scientific education and historical and sociological studies, as acts of rescue and social justice for the African American and global black population's history, culture, and experiences.

FINAL CONSIDERATIONS

As support tools for building collections, bibliographies (ideally) list everything one wishes to identify on a topic. However, they are not immune to the limits imposed by written culture, which may lead to the silencing and erasure of marginalized group narratives.

This recovery of the actors and contexts that contributed to constructing a Black Bibliography in the United States aims to highlight the formation and availability of texts on the Black experience, history, and culture. It is evident that Black Bibliography went through complementary and indissoluble phases of development: one focused on producing bibliographic repertoires, and the other was dedicated to forming collections, including special bibliographic collections and rare documents. These two phases entangle Bibliography, Bibliophilia, and Library Sciences in creating the written memory of the Black population and emphasize the possibilities of building bibliographic identities for Black cultures and experiences from written culture.

The importance of studying and producing Black bibliographies in Brazil is still an understudied subject with many challenges to overcome that would allow for constructing new narratives about the past of Afro-Brazilian Black culture.

This study is also an endeavor to recover the histories of Special Black Collections in the United States, which can help us understand the nature of Special Black Collections in Brazil and how they could be used to rescue Afro-Brazilian culture.

BIBLIOGRAPHY

ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliografias setecentistas e os conceitos de livro raro. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 22, p. 168-184, jul. 2017. Edição especial. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/3239>. Accessed on: August 26th 2022.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliotecas, bibliofilia e bibliografia: alguns apontamentos. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 7, p. 183-201, 2016. Edição especial. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v7iespp183-201>. Accessed on: August 26th 2022.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliofilia e livros raros: uma abordagem histórico-cultural. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 19., 2018. Londrina. *Anais [...]* Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2018. p. 6172-6191.

BAUDRILLARD, Jean. La morale des objets. *Communications*, Paris, v. 13, n. 1, 1969, p. 23-50. Available at: https://monoskop.org/images/7/70/Moles_Baudrillard_Boudon_van_Lier_Wahl_Morin_Les_objets.pdf. Accessed on: August 26th 2022.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BLACKMORE, Erin. As leis Jim Crow criaram 'escravatura com outro nome'. *National Geographic*, [s. l.: s. n.], 2020.

BLEDSON, Kara. What Dorothy Porter's life meant for black studies. *JSTOR Daily*, New York, Aug. 22, 2018. Available at: <https://daily.jstor.org/what-dorothy-porters-life-meant-for-black-studies/>. Accessed on: August 26th 2022.

BERGER, Sidney E. *Rare books and special collections*. Chicago: American Library Association, 2014. 537 p.

BROWNLEE, Joanne; SCHOLLES, Laura; FARRELL, Ann; DAVIS, Julie; COOK, Donna. Learning to lead: a social justice perspective on understanding elementary teacher leadership in Papua New Guinea. *Australian Journal of Teacher Education*, Perth, v. 37, n. 4, p. 18-35, Apr. 2012.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. v. 1.

CAVE, Roderick. *Rare book librarianship*. London: Clive Bingley, 1976. 168 p.

CARTER, Vivian L. Unsung Hero: Monroe Nathan Work (Theologian, social scientist, and crusader for social justice and civil rights). *Journal of Health Care for the Poor and Underserved*, Washington, v. 21, n. 3, p. 3-5, Aug. 2010.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2. ed. Brasília, DF: Editora UnB, 1998. 111 p.

COLE, John. Daniel Murray: A collector's legacy. *In: Library of Congress: collection african american perspectives: materials selected from the rare book collection*. Washington, DC: Library of Congress, 2021.

CRESSWELL, Stephen. The last days of Jim Crow in southern libraries. *Libraries & Culture*, Austin, v. 31, n. 3/4, p. 557-573, 1996.

CUTTER, Jamie Irene. *Getting by at the Benjamin Mays Black Branch: library access for african americans in Jim Crow South Carolina, 1940-1971*. Master's Theses (Master of Library and Information Science) – San José State University, San José, 2011.

FEATHER, J. The rare-book librarian and bibliographical scholarship. *Journal of librarianship*, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 30-44, Jan. 1982. DOI: <https://doi.org/10.1177/096100068201400103>. Accessed on: January 10th 2022.

FRASER, Nancy. *Scales of Justice: reimagining political space in a globalizing world*. Cambridge: Polity Press, 2008.

GALBRAITH, Steven K.; SMITH, Geoffrey D. *Rare book librarianship: an introduction and guide*. Santa Barbara: Libraries

Unlimited, 2012. 185 p.

GUZMAN, Jessie P. Monroe Nathan work and his contributions: background and preparation for life's career. *The Journal of Negro History*, Chicago, v. 34, n. 4, p. 428-461, Oct. 1949.

HARRIS JR, Robert L. Daniel Murray and The Encyclopedia of the Colored Race. *Phylon*, Atlanta, v. 37, n. 3, p. 270-282, July/Sept. 1976. DOI: <https://doi.org/10.2307/274456>. Accessed on: January 10th 2022

HODGES, Graham Russell Gao. *David Ruggles: a radical black abolitionist and the underground railroad in New York City*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2010.

JONES, Clara Stanton. Interview. Detroit's Top Librarian. *EBONY*, Detroit, v. 27, n. 1, p. 115-118, Nov. 1971.

KILOMBA, Grada. Prefácio. In: FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu, 2020.

MATHIESEN, Kay. Human Rights without Cultural Imperialism. In: JAEGER, Paul (ed.). *Perspectives on Libraries as Institutions of Human Rights and Social Justice*. West Yorkshire: Emerald Publishing, Feb. 2016. p. 265-286.

MEHRA, Bharat. Social justice in library and information science and services. *Library Trends*, Illinois, v. 64, n. 2, p. 179-197, 2015.

MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. Memoricide das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 13, n. 24, p. 252-273, jan./jul. 2021.

MURRAY, Daniel P. (ed.). *Murray's Historical and Biographical Encyclopedia of the Colored Race Throughout the World*. Chicago, Washington: World's Cyclopedia Company, 1912.

NEW YORK PUBLIC LIBRARY. *Schomburg Center for Research in Black Culture*. New York: The New York Public Library, 2021.

PATIN, Beth; SEBASTIAN, Melinda; YEON, Jieun; BERTOLINI, Danielle. Toward epistemic justice: an approach for conceptualizing epistemicide in the information professions. *ASIS&T: Proceedings of the Association for Information Science and Technology*, Leesburg, v.57, n. 1, e242, Oct. 2020. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/pr2.242>.

PEDRAZA GARCIA, Manuel José; CLEMENTE SAN ROMÁN, Yolanda; REYES GÓMEZ, Fermín de los. *El libro antiguo*. Madrid: Síntesis, 2003. 478 p.

PINHEIRO, Ana Virginia Teixeira da Paz. *Que é livro raro? Uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica*. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1989.

POOLE, Alex H. "Could my dark hands break through the dark shadow?": gender, Jim Crow, and librarianship during the Long Freedom Struggle, 1935-1955. *The Library Quarterly: Information, Community, Policy*, Chicago, v. 88, n. 4, p. 348-374, Oct. 2018.

PORTER, Dorothy B. *Afro-Braziliana: a working bibliography*. Boston: G. K. Hall, 1978.

PORTER, Dorothy B. A library on the Negro. *The American Scholar*, Cambridge, v. 7, n. 1, p. 115-117, 1938.

PORTER, Dorothy B. David Ruggles, an Apostle of Human Rights. *The Journal of Negro History*, Chicago, v. 28, n. 1, p. 23-50, Jan., 1943.

PORTER, Dorothy B. Documentation on the Afro-American: familiar and less familiar sources. *African Studies Review*, New York, v. 12, n. 3, p. 293-303, Dec. 1969a.

PORTER, Dorothy B. Early American Negro Writings: a bibliographical study. *The Papers of the Bibliographical Society of America*, Chicago, v. 39, n. 3, p. 192-268, July/Sept. 1945.

PORTER, Dorothy B. *The Negro in the United States*. Washington, DC: Library of Congress, 1970.

PORTER, Dorothy B. *The African Collection at Howard University*. *African Studies Bulletin*, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 17-21, 1969b.

RABAKA, Reiland. *Against Epistemic Apartheid*: W. E. B. Du Bois and the disciplinary decadence of sociology. Lanham: Lexington Book, 2010.

RODRIGUES, Márcia Carvalho. O que é livro raro? *ComCiência: revista eletrônica de jornalismo científico*, Campinas, n. 127, abr. 2011.

SANT'ANA, Rizio Bruno. Como definir obras raras: critérios na biblioteca Mário de Andrade. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, n. 54, p. 231-252, jan./dez. 1996.

SILVA, Franciele Carneiro Garcês da; SILVA, Rubens Alves da. Da ausência à evidência: notas teórico-críticas sobre o princípio da ausência, epistemicídio e reparação epistêmica em bibliotecas e biblioteconomia. *INCID: Revista de Documentação e Ciência da Informação*, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 47-72, jul. 2022.

SILVA, Franciele Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SILVA, Rubens Alves da. Conhecimento das margens: da injustiça epistêmica à valorização do conhecimento negro em biblioteconomia e ciência da informação. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1-19, 2022.

SILVA, Franciele Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; ROMEIRO, Nathália Lima; FEVRIER, Priscila Rufino; ALVES, Ana Paula Meneses. Justiça para quem? justiça social, informacional, racial e de gênero em bibliotecas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: IBICT/UFRJ/ANCIB, 2021a. p. 1-16.

SILVA, Franciele Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; ARAUJO, Diná M. Pereira; VIEIRA, Gabriel M. A contribuição de pessoas bibliófilas e bibliógrafas negras dos séculos XIX e XX para construção de uma bibliografia negra. In: A ARTE DA BIBLIOGRAFIA: BIBLIOGRAFIA E JUSTIÇA SOCIAL, 8., 2021, São Carlos. *Anais [...]*. São Carlos: UFSCar, 2021b. p. 1-8.

SILVA, Franciele Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SALES, Rodrigo de; SALDANHA, Gustavo Silva. Dorothy Porter Wesley e a organização do conhecimento negro na coleção especial Moorland-Spangarn Research Center. *Liinc em revista*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 1-23, nov. 2021c.

ENDNOTES

- 1 The debates concerning rarity are not the focus of this paper, for a discussion on the subject see: Viardot (1983, 1986, 2008). On the theory of rarity and the conditioning and quantitative elements of rarity see: Araújo, Silveira e Reis (2018).
- 2 Sir Thomas Boadley (1545-1613) “doou sua coleção de livros à Universidade de Oxford” (Burke, 2003, p. 66). Translation: “donated his book collection to the University of Oxford.” (Burke, 2003, p. 66, editorial translation).
- 3 Original: “[...] regarded as the Library’s choicest books: illuminated manuscripts, incunabula, fine printing, large paper copies, editions principes of the classics, Aldines, Elzeviers, and fine bindings [...] In attempting to reproduce, on a grand scale, the current bibliophilic fashions, Bandinel had unintentionally created the idea of rare-book librarianship as it is now understood: the special housing and treatment of arbitrarily predetermined categories of books” (Feather, 1982, p. 32).
- 4 For a discussion on rarity in the Brazilian Library Science see, Araújo e Reis (2016, 2017).
- 5 On the Schomburg Center see: <https://www.nypl.org/about/locations/schomburg>. Accessed on: 10 Feb. 2023.
- 6 On another occasion, we will delve deeper into the discussion about such adjectives and their intersections and erasures concerning special black collections.
- 7 Original: “They contain a wealth of knowledge that supports, augments, and inspires not only Black Studies, but potentially also any investigation pertaining to people of the African diaspora” (Bledsoe, 2018, online).
- 8 Murray did not receive formal education in Library Science to work as a librarian. He obtained this title by being mentored by the Library of Congress librarian, Rand Spofford, who made Murray his assistant librarian. As such, he trained and encouraged Murray to learn the practices of the Institution’s librarians (Cole, 2021).
- 9 Published with the title: *Crime among the Negro of Chicago: a sociological study*.

Wild bibliography: collaborative audiovisual catalog on teachings of Ailton Krenak

Nathália Lima Romeiro

PhD student in the Information Science from the Graduate Program in Information Science at (UFMG).

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8114379946904948>

E-mail: ntromeiro91@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6274-4836>

Bruno Almeida dos Santos

PhD student in Information Science at the Universidade Federal da Bahia.

Librarian of the Museu das Favelas, São Paulo, São Paulo, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5026835394804711>

E-mail: bruno.bas18@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8735-3321>

Submission date: 31/08/2022. Approval date: 01/03/2023. Publication date: 22/09/2023.

ABSTRACT

Objective: To present the virtual audiovisual catalog of the Ailton Krenak Library, which is constituted from the voluntary and collaborative contribution of interactors to share indigenous knowledge and philosophies popularized in the speeches of Ailton Krenak, an important indigenous leader, environmentalist, philosopher, thinker and Brazilian writer. **Method:** The research is qualitative, exploratory and descriptive in which a mapping of the Ailton Krenak Library and its Collaborative Catalog was carried out in August 2021, updated in February 2023. **Result:** Ailton's Library has around 331 sources of information, most of which are audiovisual material, books and articles produced by Ailton Krenak or with his participation. **Conclusions:** The study highlights the importance of the Ailton Krenak Library and its collaborative catalog as an important source of information and education that contributes to the emancipation of subjects through the decolonization of knowledge, as well as enabling the promotion of social justice through the dissemination of culture Brazilian indigenous.

Keywords: Ailton Krenak's library; collaborative catalog; decolonization of knowledge; Brazilian traditional people; indigenous knowledge.

INTRODUCTION

Orality as a communicative expression plays a central role in time and space, marking different societies that focused their knowledge and the development of their experiences on speech. It was because of the tradition of orality that the culture and ancestral social memory of many peoples did not go extinct, such as Brazilian indigenous knowledge, which have the subjects who engage in their community, those responsible for transmitting the wisdom of their people from generation to generation, as one of their sources of information (Barbosa; Mezacasa; Fagundes, 2018; Thompson, 1992).

The development of information technologies and communication facilitated orality records for preservation and for sharing knowledge. Thus, the audiovisual material makes it possible for oralized knowledge to be preserved and shared, enabling such knowledge to be safeguarded and minimizing the semiotic loss of the indigenous cultural and philosophical expression of these documents.

On this basis, this study aims to present the Ailton Krenak Library, a virtual library, and exhibition of its Collaborative audiovisual Catalog with voluntary contribution for sharing indigenous knowledge and philosophies that were made widely known because of the speeches delivered by Ailton Krenak, a prominent Brazilian indigenous leader, environmentalist, philosopher, thinker and writer. In addition, the activities of the Comunidade Selvagem, group that created the project, will be described.

We believe that studies on sources of information, such as the Ailton Krenak Library and its Collaborative Catalog, contribute significantly to repairing the historical debt that Brazil has with its original peoples, and offer a decolonial perspective of communication of indigenous knowledge, which, therefore, can be understood as a strategy to promote social justice.

This is a qualitative, exploratory and descriptive research where we carried out a content analysis of the Ailton Krenak Library, its Collaborative Catalog as an interpretative contribution to the data. Additionally, the study highlights this library's relevance as a space for information, for promoting social justice and preserving the orality of Ailton Krenak in several participations in shows, events, books, texts, interviews, lectures, among other means of communication.

RESEARCH METHODOLOGY

The study adopts a qualitative approach, as it is concerned with aspects of reality that cannot be quantified “[...] centrado-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais [...] a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes [...]” (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 32)¹. In order to explain and provide greater understanding of a given fact and describe the characteristics of certain populations or phenomena, this has been characterized as an exploratory and descriptive research. The materials were mapped in August 2021 and updated in February 2023. The following categories were described and analyzed: *Title, material date, main themes, hashtags, what arose out of this document? where did it happen? What accessibility features are available in this material? Who organized the speech or publication of the material? Who recorded this material? Type of material and access link*; developed by creators and other project members.

COLONIALITY, EPISTEMIC DEPENDENCY AND SOCIAL JUSTICE ABOUT BRAZILIAN INDIGENOUS KNOWLEDGE

Before delving into the concepts that will be discussed in this section, it is necessary to readjust the historical narrative in two aspects: the first is that science is not fair by itself, and in order to discuss it with the aim of promoting social justice, one must understand the power relations involved in the production and dissemination process, regardless of the time and space in which the research was produced (Lorde, 2019; Mathiesen, 2015).

The second aspect is that the orientation of the world as shown in modernity needs to be renamed based on the understanding that colonization was a perverse strategy for the invention and appropriation of the 'new' western world.

The fact that April 22 is marked in bold in the Brazilian calendar is not a reference to its discovery, but rather to the colonization of the peoples subjected to a long process of territorial and natural resources exploration. It was from the first attempt at globalization that the great voyages and maritime expansions marked the break with the Middle Ages and gave rise to what was called modernity, which, in other words, means the period in which colonization expanded in the Americas (Abya Yala), Africa (Alkebulan) and Asia, commissioned by European societies in crisis with the 'new' and rising capitalist economic system.

According to Walter Mignolo (2017), Modernity

Apareceu primeiro como uma colonização dupla, do tempo e do espaço. Estou também argumentando que a colonização do espaço e do tempo são os dois pilares da civilização ocidental. A colonização do tempo foi criada pela invenção renascentista da Idade Média, e a colonização do espaço foi criada pela colonização e conquista do Novo Mundo. No entanto, a modernidade veio junto com a colonialidade: a América não era uma entidade existente para ser descoberta. Foi inventada, mapeada, apropriada e explorada sob a bandeira da missão crista (Mignolo, 2017, p. 4)².

The author adds that from the maritime expansion in the fifteenth century, with the aim of exploring the New World (name given to western lands that currently comprise the American continent), a new global economic orientation started to develop: “[...] um mundo policêntrico e interconectado pelo mesmo tipo de economia [...]” (Mignolo, 2017, p. 4)³, capitalism. Although, in the beginning, invaders had no clear idea of what to do with the invaded territory, they had no intention of using it to the benefit of the original peoples who lived here.

In Brazil, invasion was so violent that, today, one can still see the colonial exploitation legacy in basic education, such as the widespread misconception in textbooks that Brazil was discovered rather than invaded (Isaac; Rodrigues, 2017).

Bittar and Ferreira Júnior (2018, p. 16) complement this idea by explaining that “colonização e catequese são dois processos históricos que não se separam e foi nesse processo que as primeiras práticas escolares nasceram no Brasil”⁴. In addition, the original peoples were evangelized and acculturated through the reproduction of the literary tradition, the laws, morals and Portuguese customs, to the detriment of the local culture, impacting the epistemic culture, higher education and formation of the Brazilian intellectual community.

Aiming to present a counter-narrative to the Eurocentric hegemony, Aníbal Quijano (2009) proposes a reinterpretation of societies by substantiating a social theory capable of explaining the processes of violence experienced in the territorial constitution of the Americas, referred to as coloniality of being, knowledge and power. For him, coloniality

[...] é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjectivos, da existência social quotidiana e da escala societal. Origina-se e mundializa-se a partir da América (Quijano, 2009, p. 73)⁵.

Coloniality was gradually implemented by means of developed strategies in which civilizing pacts disguised as economic progress were strengthened, such as evangelization, school training, encouraged marriage, monogamy and inheritance. Quijano (2009) claims that since the beginning of the colonization of America there has been resistance against the Eurocentric way of producing knowledge. However, in the academia, such resistance became more visible only after the Second World War, possibly due to the economic and social fragility of the countries involved in the war.

Quijano argues that coloniality operated in the field of knowledge is established in the prioritization of knowledge produced by people belonging to a specific group – mainly whites.

Group that by perverse means privileges and consolidates theories with the intention of explaining the world from a single point of view. Thus creating dependency dynamics to reinforce European privilege in the intellectual sphere (Silva, 2020). This dependency relationship can be exemplified once we compare the knowledge produced by European researchers in university curricula from different fields of knowledge with that produced by non-white subjects who have survived the effects of colonization. In addition to this idea, holder of a PhD in Information Science, Franciéle Carneiro Garcês da Silva reinforces that coloniality

[...] [a]ncora-se no conceito de raça utilizado como justificativa pelo sistema religioso, científico e capitalista [...] para produzir a hierarquização e classificação de pessoas em grupos étnico-raciais e sociais, algo que embora não se sustente cientificamente, ainda perdura até hoje no imaginário social (Silva, 2020, p. 123)⁶.

By exposing epistemic racism in the structures of knowledge, Silva (2020) attributes the responsibility for this dynamic to whiteness, since white people do not forego their privileges and thus reconfigure the *status quo*. The author highlights the effects of colonization on the theft of natural and material wealth from colonized territories, in the atrocious process of enslavement of indigenous and black people and on the erasure of epistemes originating from non-white peoples, imposing an explanation of the world that is purposely universalized and unfair.

One of the forms of resistance to coloniality that was established in the academic field was the popularization of decolonial studies, which according to Silva (2020, p. 123) “[...] busca dissolver estruturas de dominação e exploração que constituem a colonialidade [...]”⁷ and are defined by Quintero, Figueira and Elizalde (2019) cited by Silva (2020, p. 123) as “[...] um conjunto heterogêneo de contribuições teóricas e investigativas sobre a colonialidade [...]”⁸.

In addition to Silva’s thought (2020), Natalia Duque Cardona (2020) also criticizes the Cartesianism of modern science by reinforcing the importance of intercultural contextualization in academic education.

Hence, the promotion of epistemic justice to neglected knowledge becomes increasingly palpable, as was the case with black and indigenous populations in Brazilian history. Furthermore, Franciéle Carneiro Garcês da Silva (2020) explains how the coloniality of knowledge operates in Library Science, reproducing what the author refers to as an epistemic dependency on ‘Americanized-Euro-North’ perspectives, perpetuating under the pillars of whiteness, an ideal that can be understood as a structure that maintains the monopoly of white thought in academic, social, political and legal environments.

We acknowledge that, even though he developed a vast argument about coloniality in the dimension of race as opposed to class, Quijano’s theory (2010) does not include the effects of gender coloniality in this discussion. We consider this to be a weakness in the author’s work, since gender relations, especially by means of the exploitation of women for procreation purposes and the extermination of people dissenting from heteronormativity, were means used to colonize the territory, as explained by María Lugones (2020) and Rita Segato (2021).

Scholar and critic of Quijano’s work (2000) María Lugones (2020) discusses the social construct of binary genders as fixed and producers of meanings. According to the author, colonization was mainly violent for women, especially with regard to the imposition of obedience to those who held paternal authority (father, husband, or oldest male representative of the family), in which the ‘vocation’ for motherhood was made natural. Furthermore, Lugones (2020) explains that, in the colonialism-patriarchy conjuncture, women do not vie for control of access to sex. Thus, the gender differences were “[...] pensadas nos mesmos termos em que a sociedade entende a biologia reprodutiva [...]” (Lugones, 2020, p. 69)⁹. This idea is key to understanding not only the oppression suffered by women but also the violence against the LGBTQIAP+ population, which essentially dissents from the biological reproductive bias in the modern colonial system.

Rita Segato (2021), reader of Quijano and Lugones, discusses the impacts of coloniality in Brazil in a multidimensional manner, contemplating the following categories: epistemics, gender and sexuality, ethnic-racial relations (black, indigenous and multiracial), in the media, in Christian morality and in prison. The author considers coloniality a disturbance and pathology, and characterizes the 'pornographic view of the colonizer' as something that undermines social relations in the villages by inserting European civilizing morality in them.

Much like Lugones (2020), Segato (2021) reinforces the criticism of coloniality by presenting femicide as barbarism influenced by the modern colonial system. According to the author (Segato, 2021, p. 89), "[...] a crueldade contra as mulheres aumenta à medida que a modernidade e o mercado se expandem [...]"¹⁰ making way for political agreements to be made inspired by the colonizers' models and thus creating a state that is extremely flawed in terms of protecting indigenous culture and communities.

In agreement with the Lugones (2020) and Segato (2021) thought, we consider domestic violence an effect of coloniality. The authors stress that this type of violence became commonplace as colonization expanded its occupation in the Americas. On the other hand, Segato (2021) acknowledges that there were disproportionate dynamics in gender relations in the context of some indigenous communities. Segato (2021) called these dynamics low-intensity community patriarchy in which hierarchies of power and exclusion are perceived. However, this mode of patriarchy cannot be compared to the dimensions of the high-intensity colonial-modern patriarchy, since the latter is understood as stemming from the capitalist system and capitalism was not part of the economic relations of the original Latin American peoples (Segato, 2021).

There is an undeniable need to broaden the debate about indigenous culture and thought. One of the strategies to extinguish prejudice and preserve the knowledge of Brazilian indigenous populations is to offer, as reparation, social justice to what was previously neglected.

We know that the genocide to which indigenous populations were subjected is irreparable, however, it is possible to preserve recorded knowledge, as it is possible to expand the network of collaboration and protection of Brazilian indigenous peoples, purpose of the Ailton Krenak Library, which is the object of this research.

In the next section, bibliography and bibliographic catalogs will be presented as a decolonial tool that preserves recorded knowledge, gathers and organizes the knowledge of Ailton Krenak, one of the main indigenous leaders today, which inspired us to carry out this work.

BIBLIOGRAPHY AND BIBLIOGRAPHIC CATALOGS AS DECOLONIAL TOOLS

Considered a source of secondary information, the bibliography cited for the first time in Gabriel Naudé's studies (1633) has its history marked by a precise institutional role that was developed in a system of cultural diffusion marked by colonial thought, to which 'the world of books' belonged. For Nogueira (2016), bibliography, since its inception, has the instrumental role of arranging information through bibliographic catalogs and catalogs of documental sources.

According to Balsamo (1998), bibliography also acts as an intermediary between the production of books and the audience of potential readers, expressing itself on multiple levels, and can be used both for the field of research and for book trading. According to Malclès (1967), a bibliography or bibliographic catalog is an instrument for intellectual work, with the aim of arranging, preserving and promoting access to records of published works by different authors, countries and themes.

For Paul Otlet (2018), bibliography is conceived as an instrument for describing and classifying various documents such as books, periodicals and magazine articles, for example. In Souza's view (2016), bibliography is a tool for recording sources of information from an entire country or a certain topic, which is different from a bibliographic catalog that is focused on an institution's collection.

Further, Mey (1995) argues that bibliographic catalogs emerged in different historical moments of libraries and are considered one of the oldest tools in history to describe and arrange information. Thus, we realize that many conceptions that address ideas and roles related to library catalogs define how catalogs are developed and used today (Bastos, 2013).

In the view of Shera and Egan (1969), bibliographic catalogs, which began as simple inventories, have always taken part in the evolution of libraries and been present in their historical context. Figueiredo (1996) also considers catalogs to have a secular existence. However, only in 1990 concern was raised towards analyzing them as instruments for bibliographic searches (Romeiro; Santos, 2020).

Regarding manual catalogs, we emphasize that they were used in most libraries in book and/or card formats. Their main role was to arrange collections “[...] como os boletins de aquisição da biblioteca, o catálogo acumulado em forma de livro e o catálogo de folhas soltas” (Bastos, 2013, p. 40)¹¹. For Sousa and Fujita (2012), these catalogs were conceived with the purpose of storing and recording information from existing documents in a library collection, but, with the increased production of printed materials, the focus of these catalogs turned to retrieving information.

Over time, manual catalogs became automated, going from manual to *online* format, with the latter, users had the possibility of “[...] ampliar suas buscas através do número de chamadas de classificação, descritores de assuntos adicionados às entradas do catálogo e abreviações de títulos de periódicos, por exemplo” (Bastos, 2013, p. 64)¹². Highly specialized literature referred to this type of catalog as OPAC (*Online Public Access Catalog*), compared to printed catalogs, these offer advantages for accessing information, such as accelerating the search process and information retrieval, a greater probability of standardizing information, among other factors (Araújo; Oliveira, 2005).

Scholars such as Sousa and Fujita (2012) and Rubi (2008) argue that the automation of library catalogs has given rise to many improvements, such as the integration of library search functions, individual loan, interlibrary loan, technical processing, information retrieval, research by author, subject and title in a quicker and more dynamic manner. However, even though it brought many advances to libraries, bibliographic catalogs in their *online* form – as well as bibliographies – continue to focus on certain productions of knowledge related to writing and to colonial knowledge. For this reason, one must think of other paths for bibliography and bibliographic catalogs where it is possible to contemplate knowledge and sources of information that are different from those imposed.

Library and Information Science must rethink which sources of information are being described, recorded and classified in our bibliographies and bibliographic catalogs and why there is a lack of studies on certain sources of information, such as those produced by subalternized Amerindian, African and peripheral communities. This way, scientists can bring to their fields of study other important knowledge for the construction of knowledge that was made invisible by a model of power, as explained in the previous section. Hence, information professionals should position themselves against colonial exploitation in order to reflect the relationship between subjects in positions of domination and subordination; questioning the perception of Europe as an ideal of a civilizing model and as a hegemonic scientific reference, which plays a central role in the production, circulation and dissemination of information and knowledge (Quijano, 2014).

The thought of bibliographic catalogs and bibliographies in other formats and with other knowledge will only be possible when Library and Information Science place themselves ‘at the crossroads’ in the fight against hegemonic practices. This way, perhaps an argumentative path capable of decolonizing its sources, practices, units and knowledge is built, since

the monopoly on certain knowledge enables the construction of a singular narrative and excludes other knowledge and other ways of interpreting the world, thus disavowing the construction of a peripheral epistemology of the West.

The colonial nature of knowledge is embodied in the geography of knowledge, in which concepts such as reason, truth and science become desirable attributes in metropolitan areas. This causes information and knowledge coming from the colonies and their inhabitants to be classified as popularly, lay, natural, ignorant and even 'lawless' (Alves, 2020). For this reason, Library and Information Science must ask themselves who their tools for organizing and retrieving information are serving and, also, what knowledge is outside the debate.

Questions such as those raised here may be the starting point for decolonizing our bibliographies and our bibliographic catalogs by recognizing what had been made invisible. Thus, it will be possible to create strategies towards the visibility and promotion of historically subaltern knowledge. Our research results will be presented below.

THE AILTON KRENAK LIBRARY AND THE PRESERVATION OF INDIGENOUS KNOWLEDGE OF COMUNIDADE SELVAGEM

The Ailton Krenak Library is a Comunidade Selvagem initiative and its main purpose is to catalog, organize and provide access to the speeches of indigenous leader, environmentalist, philosopher, poet and writer Ailton Krenak (Freire, 2021). The Ailton Krenak virtual library was inaugurated on June 11, 2021; it is organized, updated and improved by about 19 volunteers, in addition to users who collaborate by using an electronic form to suggest:

[...] vídeos do YouTube, entrevistas, matérias ou artigos assinados pelo pensador indígena para que sejam incluídos na biblioteca. Mas, antes de fazer sua contribuição, é importante pesquisar os conteúdos disponíveis para evitar duplicidade (Nunes, 2021, *online*)¹³.

The virtual library's homepage boasts a simple and colorful design. It also guides navigation through the website according to the following categories: *how to search, how to suggest new materials for the library, the records of Ailton Krenak's speeches and the group of volunteers from Comunidade Selvagem*, as represented in figure 1 (Freire, 2021).

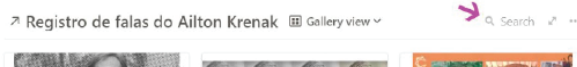
Figure 1 – The Ailton Krenak Library homepage

Biblioteca do Ailton Krenak

Uma iniciativa da comunidade Selvagem para catalogar, organizar e acessibilizar as falas do Ailton Krenak.

Como pesquisar:

- No botão de busca, acima dos vídeos, você pode pesquisar por assunto, participantes ou nome evento.



- Clicando na miniatura do material escolhido, você poderá ver o conteúdo completo da fala e as informações de como sugerir novos materiais.

Source: Freire, 2021.

Figure 2 – How to suggest materials for the library

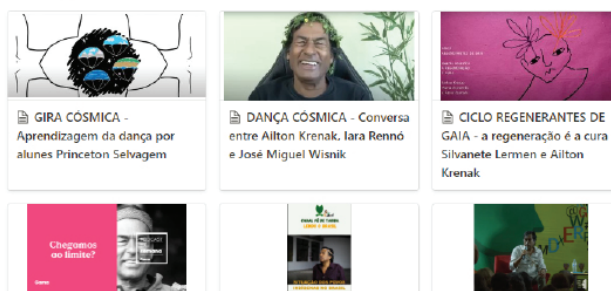
Como indicar novos materiais para a biblioteca:

Neste formulário você pode indicar vídeos de YouTube, entrevistas, matérias ou artigos do Krenak para que sejam disponibilizados aqui na biblioteca. Antes de enviar, pra ajudar na organização, te pedimos para pesquisar se o material que você quer indicar já está cadastrado para não termos duplicidade :)

Gallery Table

Filter Sort

Registro de falas do Ailton Krenak



Source: Freire, 2021.

The topic entitled *how to search* has step-by-step instructions for performing a search in the library catalog. In subheading *how to suggest new materials for the library* (figure 2), one can find instructions on how to send materials to the collection using an electronic form. In field *records of Ailton Krenak's speeches*, the library collection is arranged in a table including about 331 sources of information, most of which audiovisual material, and also books, materials and articles with the presence of or production by Ailton Krenak. Finally, it is possible to search the name of the volunteers in the project by clicking on *group of volunteers from comunidade Selvagem* (Freire, 2021).

In order to catalog videos and other sources of information, one should follow this order: *title of the source of information* highlighted in bold, *date of the material*, *where it happened*, *main themes*, *which other people are taking part*, *hashtags*, *type of material*, *who organized the speech or publication of such material*, *who recorded it*, *what accessibility features are available* and what arose from this material, as shown in figure 3 (Freire, 2021).

The Ailton Krenak Library has a collection of 331 indexed audiovisual materials. The team responsible for the project is interdisciplinary, however, it should be noted that no Library or Information Science professional or researcher is involved (Freire, 2021). The materials are cataloged on *google forms* and, later, after assessment by the team, the approved contents are entered in the catalog.

We identify this initiative as a representative information space for orality, despite its short existence (created in 2021). In addition, it can be considered a decolonial strategy for sharing knowledge, as noted by Quijano (2009), Mignolo (2017) and Silva (2020), as it allows the rupture of scientific hegemony and expands access to knowledge and the culture of Brazilian indigenous communities.

Figure 3 – Representation of cataloged content in the Ailton Krenak Library

GIRA CÓSMICA - Aprendizagem da dança por alunes Princeton Selvagem

Data do material	July 1, 2022
URL Link	https://www.youtube.com/watch?v=fW5JP-a_3XM
Onde aconteceu	Youtube
Temáticas principais	Povos Originários
Que outras pesso...	Anna Dantes Iara Rennó José Miguel Wisnik Pedro Meira Monteiro
Hashtags	#dança #Arte #plantas
Tipo de material	Video
Quem organizou ...	Selvagem Ciclo de Estudos
Quem registrou e...	Mariana Robili
Quais recursos de ...	legenda
O que nasceu a p...	Empty

Source: Freire, 2021.

Over 150 hours of speeches by Ailton Krenak were found in this virtual library, recorded since 2012 and made available through *links* that take us to the video. In addition to these materials, the library also gathers articles, written interviews and other communications in which Ailton Krenak was present. In this sense, in addition to being a source of information focused on orality, the collection also brings together content of different natures, making it a biobibliography of Krenak's work.

In order to organize the bibliographic collection, the following categories were used: title, date of the material, main themes, *hashtags*, what arose from this document? where did it happen? What accessibility features are available in this material? Who organized the speech or publication of the material? Who recorded this material? Type of material and access *link*. From this categorization, we understand that the way in which knowledge is organized follows a structure of thought that identifies and describes the document, as shown in figure 4.

It can be noted that, in some categories, one has difficulty identifying the purpose of the field, as in categories *main themes* and *hashtags*, two categories referring to the thematic representation of documents (Freire, 2021).

Figure 4 – Representation of categories ‘main themes’ and ‘hashtags’

Registro de falas do Ailton Krenak

Qual o título do material?	Data do ...	Temáticas principais	Hashtags
Caso Dom e Bruno: 'Brasil está desgove	June 14, 2022	Ética e Sociedade	#denúncias #governobolso
#31 Água, meio ambiente, vida, com Ai	April 1, 2022	Meio ambiente	#watu #cultura #ciclodan
Sem Estúdio entrevista - Ailton Krenak	October 8, 202	Meio ambiente	#futurodomioambiente #p
Ciclo Pororoca V - Festival Artes Verten	February 18, 20	Meio ambiente	#agua #pororoca #movin
[DIÁLOGO] "Ecologia do desastre", os t	March 22, 202	Meio ambiente	#territoriosindigenas #ecosi
PAISAGEM CRÍTICA NHEERY-MAMAE	March 20, 202	Meio ambiente	#floresta #nheery #cultur
Ailton Krenak: "Humanidade vive divór	March 29, 202	Meio ambiente	#pandemia #ideiasparaadia
20º FIL Projeto Utopia: "Meio Ambien	August 25, 202	Meio ambiente	relaçãocomaterra terraorgai
Conferência Magna de Abertura com A	November 3, 2	Meio ambiente	#biodiversidade #povosdafi
Conferência Cátedra CALAS - IEAT : Pro	November 16,	Meio ambiente	#desenvolvimentosustentavel
CONEXÃO AO VIVO com AILTON KREN	February 17, 20	Meio ambiente	#natureza #humanidade
Diálogos do Terra Madre Brasil – Deba	November 21,	Meio ambiente	#sociedade #meioambiente

Source: Freire, 2021.

Translating it into library science-informational language, these categories correspond to classification activities (through a structured knowledge organization system) and indexing (tagging, considering the digital environment). However, a mistake is found, as the thematic representation was not made using a pre-established system. As for tagging using *hashtags*, the latter represent the classification of the collaborator when suggesting a file be included in the collection. This tag is called *folksonomia*, or people's classification, where the user is that who classifies the subject of the document in question.

The library is part of a project called 'Comunidade Selvagem', which is a digital educational environment that includes books, reading groups, videos, mini-courses and lectures on literature, philosophy and other Brazilian indigenous knowledge.

It is worth highlighting how far the project has progressed since it became the object of our research in seminar *A Arte da Bibliografia* in 2021 (Seminário ..., 2021). We started delving into the project in August 2021 and, a year later, it was possible to observe significant changes not only in the Selvagem library's collection, which previously included 190 and now has 331 materials in its collection, but also in the expansion of communications between Comunidade Selvagem and the audience as represented in figure 5 (Selvagem..., 2018).

Figure 5 – Comunidade Selvagem



Source: Selvagem ..., 2018.

Each image represented in figure 5 indicates a certain type of content promoted by Comunidade Selvagem, corresponding to the ciclo selvagem (savage cycle), as the creators call it. The *dream cycle* corresponds to a study group on dreams from the Brazilian indigenous philosophical perspective. The *Gaia regenerators cycle* aims to reflect on the care for planet Gaia (Planet Earth). According to the page description, this cycle is aimed at those wishing to open a window “nesta matriz chamada de humanidade e pesquisar formas de se tornar regenerante de Gaia” (Selvagem ..., 2018, *online*)¹⁴.

The *women plants and cures cycle* has the purpose of reflecting on *womanhood* and its relationship with plants and healing. It is a space where learning, interacting and sharing knowledge between women is essential for them to bond and connect beyond the communities, which makes this space, above all, a space for reflection on coloniality and gender, as presented by Lugones (2020) and Segato (2021).

The *ancestral memories cycle* has as main purpose the sharing of knowledge and community traditions, making their knowledge visible and breaking with epistemic dependency, as explained by Silva (2020). This cycle's meetings are scheduled for the year 2023; such dialogues are being organized and ongoing in Comunidade Selvagem, thus providing continuous education for the audience.

In icon *notebooks*, all the bibliographic publications of the collection were found in three languages (Portuguese, English and French), which we consider relevant to increase the visibility of these productions. In this section, publications by several indigenous authors were found. In this sense, that which had the initial purpose of bringing together the production of a single leader has expanded and, today, makes way for other personalities of Brazilian indigenous literature and philosophy. Section *close your eyes and you will see*, which is still being developed, has audio content which will be made available on *Spotify* (Selvagem..., 2018).

Wild arrow corresponds to a series of indigenous stories promoted by Comunidade Selvagem and made available on *Youtube*. The purpose of disclosing this content is to expand the forms of connection based on indigenous literature and orality (Selvagem ..., 2018). According to the page description, “a Flecha abre caminho para que sejam feitas novas perguntas”¹⁵, it is aimed at the general public and is also “um convite para que escolas, universidades, pontos de cultura e projetos comunitários de educação acessem narrativas mais pluriversais” (Selvagem..., 2018, *online*)¹⁶.

The *Youtube icon* takes us to the community channel on this platform, which includes all communications promoted by Comunidade Selvagem. In *Nhe'ery/guarani* which means ‘where the spirits bathe’, it is possible to follow the narrative of leader and filmmaker Carlos Papá of the Guarani Mbya ethnic group into the Atlantic forest where various indigenous terminologies were translated into the Portuguese. In addition, it communicates knowledge for good living (Selvagem ..., 2018).

Icon *Shuba Hiwea*, known as living school, addresses the knowledge of Acrean shaman and educator Dua Base on the Huni Kuin culture, including stories, medicine, music and spirituality (Selvagem ..., 2018). In addition, icons *Apne Ixkot Hâmipak* – Maxakali forest school; *Mbya Arandu Porã* – Guarani culture spot; *Bahserikowi* – Tukano indigenous medicine also represent the knowledge of specific communities.

Furthermore, it should be noted that one can make a contribution for maintaining the living indigenous schools by clicking on *link collaborate*, where donations are collected for the cause (Selvagem ..., 2018). Icon *crew* describes the entire network of collaborators from Comunidade Selvagem and the Ailton Krenak Library. Icon *community* indicates ways to collaborate to expand the collection of the Ailton Krenak library. Icon *navigation map* takes us to the reports of the group's actions in previous years, thus providing broad access to information and dissemination of actions for making the project viable (Selvagem ..., 2018). The *books icon* allows one to buy the books developed by the project. Finally, after describing the Ailton Krenak Library, its collection and its Collaborative Catalog, as well as the structure of the website where it is hosted, we highlight the importance of the initiative as a space for information on knowledge of native peoples, especially those produced and disseminated orally (Selvagem ..., 2018).

FINAL CONSIDERATIONS

The aim of this study was to present new ways of building bibliographies and libraries, as in the case of the Ailton Krenak Library, its collection and catalog. Sources of information that were gathered voluntarily and collaboratively, and include, for the most part, audiovisual materials from the orality of environmentalist, philosopher, poet and writer Ailton Krenak, an important thinker and leader of indigenous peoples.

We believe that studies like this one are key to giving visibility to the knowledge of traditional peoples and to reflecting on the effects of colonization in the production of knowledge. Moreover, this type of study broadens the horizons for the development of strategies for sharing historically subaltern knowledge with a view to achieving social justice for the communities involved. We understand that the organization and sharing of the contents brought in this study can be a strategy for breaking the epistemic dependency present in scientific and professional activities, in addition to being a strategy for promoting social justice to the intellectuality of Brazilian indigenous people.

REFERENCES

ALVES, U. S. Por uma biblioteconomia decolonial. *CRB8*, São Paulo, jun. 2020. Available at: <https://crb8.org.br/oldsite/por-uma-biblioteconomia-decolonial/>. Access on: 11 ago. 2022.

ARAÚJO, E. A.; OLIVEIRA, M. A produção de conhecimentos e a origem das bibliotecas. In: OLIVEIRA, M. (coord). *Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 29-43.

BALSAMO, L. Ayer y hoy de la bibliografía. In: BALSAMO, Luigi. *La bibliografía: historia de una tradición*. Gijón: Trea, 1998. (Biblioteconomía y Administración Cultural, 20). p. 11-16.

BARBOSA, J. M. A.; MEZACASA, R.; FAGUNDES, M. G. B. A oralidade como fonte para a escrita das histórias indígenas. *Tellus*, Campo Grande, MS, ano 18, n. 37, p. 121-145, set./dez. 2018.

BASTOS, F. M. *A interação do usuário com catálogos bibliográficos on-line: investigação a partir da teoria fundamentada*. 2013. 255 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus Marília, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2013.

BITTAR, M.; FERREIRA JUNIOR, A. A pedagogia brasileira nos primeiros tempos da colonização: escolas de ler e escrever, teatro, música e ensino de artes mecânicas. *Revista IRICE*, Argentina, n. 32, p. 13-38, 2017. DOI 10.35305/revistairice.v32i32.790.

CARDONA, N. D. La subordinación en la ciencia ¿una consecuencia de la cohesión social? ideas para observar la bibliotecología e ciencia de la información. In: CARDONA, N. D.; SILVA, F. C. G. (org.). *Epistemologías latino-americanas na biblioteconomia e ciência da informação: contribuições da Colômbia e do Brasil*. Florianópolis: Rocha gráfica e editora, 2020. p. 25-44.

FIGUEIREDO, N. M. *Textos avançados em referência e informação*. São Paulo: Editora Polis: APB, 1996.

FREIRE, B. (coord.). *Biblioteca do Ailton Krenak*. 2021. Available at: <https://www.notion.so/Biblioteca-do-Ailton-Krenak-cd46ab5c7c4448ffb311f3c9ef833d9>. Access on: 11 ago. 2022.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ISAAC, P. A. M.; RODRIGUES, S. F. P. Educação escolar indígena: impactos e novas formas de colonização. *Revista Cocar*, Belém, v. 11, n. 22, p. 60-86, jul./dez. 2017.

LORDE, A. *Irmã outsider: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LUGONES, M. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, H. B. (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 53-83.

MALCLÈS, L. *La bibliographie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.

MATHIESEN, K. Informational justice: a conceptual framework for social justice in library and information services. *Library Trends*, [Baltimore, MD], v. 64, n. 2, p. 198-225, 2015.

MEY, E. S. *Introdução à catalogação*. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista brasileira de ciências sociais [online]*, v. 32, n. 94, e329402, jun. 2017. ISSN 1806-9053. DOI 10.17666/329402/2017.

NAUDÉ, G. *Bibliographia politica*. Venise: F. Baba, 1633.

NOGUEIRA, W. A. “O livro como uma força na história”: a bibliografia como fonte de informação e método de pesquisa. *Revista Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 7, n. esp., p. 152-164, ago. 2016. Available at: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/118779>. Access on: 11 ago. 2022.

NUNES, M. Biblioteca Ailton Krenak: “uma biblioteca irreverente, que fala, que não pede silêncio”, celebra o pensador indígena. *Conexão Planeta*, [S. l.], jun. 2021. Available at: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/biblioteca-ailton-krenak-uma-biblioteca-irreverente-que-fala-que-nao-pede-silencio-celebra-o-pensador-indigena/>. Access on: 16 ago. 2022.

OTLET, P. *Tratado de Documentação: o livro sobre o livro teoria e prática*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2018. 700 p.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S.;

MENESES, M. P. (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Edições Almedina SA, jan. 2009. p. 73-117.

QUIJANO, A. “Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina”. In: LANDER, E. (comp.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 201-246.

QUIJANO, A. La tensión del pensamiento latinoamericano [1987]. In: QUIJANO, A. *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014. p. 697-704.

ROMEIRO, N. L.; SANTOS, B. A. Bibliografia lilás: lesboteca e a construção de um catálogo bibliográfico para visibilidade lésbica. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, v. 25, n. esp., p. 01-22, 2020. ISSN 1518-2924. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2020.e73458>.

RUBI, M. P. *Política de indexação para construção de catálogos coletivos em bibliotecas universitárias*. 2008. 166 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

SEGATO, R. *Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SELVAGEM – ciclo de estudos sobre a vida. *Selvagem em ciclo*, [S. l.: s. n.], 2018. Available at: <https://selvagemciclo.com.br/>. Access on: 8 jan. 2022.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL A ARTE DA BIBLIOGRAFIA, 8, 2021. São Carlos. *Anais [...]*. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2021. Tema: Bibliografia e Justiça Social. Available at: <http://www.telescopium.ufscar.br/index.php/viii/viii/schedConf/presentations>. Access on: 8 jan. 2023.

SHERA, J. H.; EGAN, M. E. *Catálogo sistemático: princípios básicos e utilização*. Brasília: Ed. UnB, 1969.

SILVA, F. C. G. Colonialidade do saber e dependência epistêmica na biblioteconomia: reflexões necessárias. In: CARDONA, N. D.; SILVA, F. C. G (org.). *Epistemologias latino-americanas na biblioteconomia e ciência da informação: contribuições da Colômbia e do Brasil*. Florianópolis: Rocha gráfica e editora, 2020. p. 119-202.

SOUSA, B. P.; FUJITA, M. S. L. Do catálogo impresso ao on-line: algumas considerações e desafios para o bibliotecário. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 59-75, jan./jun. 2012.

SOUZA, W. E. R. O catálogo editorial e a bibliografia como fontes de pesquisa: avanços e desafios na era digital. *InCID: Revista Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 7, n. esp., p. 202-223, ago. 2016. DOI 10.11606/issn.2178-2075. v7iespp202-223.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ENDNOTES

- 1 Translation: “[...] focusing on understanding and explaining the dynamics of social relations [...] qualitative research deals with the universe of meanings, motives, aspirations, beliefs, values and attitudes [...]” (Gerhardt; Silveira, 2009, editorial translation).
- 2 Translation: “First appeared as a dual colonization, of time and space. I am also arguing that the colonization of space and time are the two pillars of Western civilization. The colonization of time was created by the Renaissance invention of the Middle Ages, and the colonization of space was created by the colonization and conquest of the New World. However, modernity came together with coloniality: America was not an existing entity to be discovered. It was invented, mapped, appropriated and explored under the flag of the Christian mission” (Mignolo, 2017, p. 4, editorial translation).
- 3 Translation: “[...] a polycentric world interconnected by the same type of economy [...]” (Mignolo, 2017, p. 4, editorial translation).
- 4 Translation: “colonization and catechesis are two historical processes that cannot be separated and it was in this process that the first school practices arose in Brazil [...]” (Ferreira Júnior, 2018, p. 16, editorial translation).
- 5 Translation: “[...] is one of the constitutive and specific elements of the pattern of the global capitalist power. It is based on the imposition of a racial/ethnic classification of the world’s population as the cornerstone of such pattern of power, and operates on each of the planes, means and dimensions, material and subjective, of everyday social existence and that of the societal scale. It originates and is made global from America” (Quijano, 2009, p. 73, editorial translation).
- 6 Translation: “[...] [is] anchored in the concept of race used as a justification by the religious, scientific and capitalist system [...] for producing the hierarchization and classification of people into ethnic-racial and social groups, something that, although not scientifically supported, still lingers to this day in the social imaginary” (Silva, 2020, p. 123, editorial translation).
- 7 Translation: “[...] aims to dissolve structures of domination and exploitation that constitute coloniality [...]” (Silva, 2020, p. 123, editorial translation).
- 8 Translation: “[...] a heterogeneous set of theoretical and investigative contributions on coloniality [...]” (Silva, 2020, p. 123, editorial translation).
- 9 Translation: “[...] thought of in the same terms in which society understands reproductive biology [...]” (Lugones, 2020, p. 69, editorial translation).
- 10 Translation: “[...] cruelty against women increases as modernity and the market expand [...]” (Segato, 2021, p. 89, editorial translation).
- 11 Translation: “[...] such as library acquisition reports, cataloging in book format and loose-leaf cataloging” (Bastos, 2013, p. 40, editorial translation).
- 12 Translation: “[...] expanding their searches using classification numbers, subject descriptors added to catalog entries and abbreviations of journal titles, for example” (Bastos, 2013, p. 64, editorial translation).
- 13 Translation: “[...] YouTube videos, interviews, materials or articles signed by the indigenous thinker be included in the library. But, before making a contribution, it is important to research the available content to avoid duplication” (Nunes, 2021, online, editorial translation).
- 14 Translation: “into this matrix called humanity and research ways to become a Gaia regenerator” (Selvagem ..., 2018, online, editorial translation).
- 15 Translation: “the Arrow paves the way for new questions to be asked” (Selvagem ..., 2018, online, editorial translation).
- 16 Translation: “an invitation for schools, universities, culture spots and community education projects to access more pluriversal narratives” (Selvagem ..., 2018, online, editorial translation).

The alternative knowledge of the Biblioteca Universal Guei against epistemic injustice in Brazilian literature

Diogo Roberto da Silva Andrade

Master's student in Information Management at the Graduate Program in Information Management (PPGInfo) in the Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) of the Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2588351371083404>

E-mail: didts@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8392-4481>

Ana Paula Meneses Alves

PhD in Information Science from the Universidade Estadual Paulista (UNESP) and in Social Sciences from the Universidade de Granada (UGR - Espanha), Granada, Andaluzia no sul, Espanha.

Adjunct Professor at Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2434972394883934>

E-mail: apmeneses@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1137-2139>

Franciéle Carneiro Garcês da Silva

PhD in Information Science from the Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Collaborating Professor in the Graduate Program in Information Management, of the Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGInfo/UDESC), Florianópolis, Santa Catarina. Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2805777083019311>

E-mail: francielegarces1987@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2828-416X>

Submission date: 31/08/2022. Approval date: 01/03/2023. Publication date: 22/09/2023.

ABSTRACT

Injustices permeate the literary scene, both in public collections and in the catalogs of major publishers, which shows attitudes of segregation of subjects who are placed on the margins of the social, namely: cisgender and transgender women, blacks and indigenous people, people with disabilities, subjects who recognize themselves as Lesbians, Gays, Bisexuals, Transgenders, Transsexuals, Queer, Intersexuals, Asexuals and others (LGBTQIA+) etc. That said, this article starts from the following question: did the Biblioteca Universal Guei actively contribute to the fight against epistemic injustice in the scenario of mediation of Brazilian literature? As a general objective, the article aims to investigate the performance of the newspaper *Lampião da Esquina* in the rupture of the social and cultural fabric, and above all, to verify the contribution of the Biblioteca Universal Guei section relating the Humanities with a performance of the commercial bibliography for epistemic justice. It is based on the approach to epistemic injustice and its spheres (testimonial, hermeneutic, curricular and participatory injustice) and their relationship with Bibliography, Librarianship and Information Science. Finally, the results show, in the pages of *Lampião da Esquina*, a national alternative periodical aimed at the gay public, sold on newsstands and through mailboxes at the national level, the confrontation with the logic of injustice and exclusion propagated by symbolic violence. and epistemic.

Keywords: epistemology; epistemic injustice; homoerotic literature; national literature; Guei universal library.

INTRODUCTION

Literary segregation unfolds on a normative level that contributes to the obstruction and invisibility of the Other in social and cultural contexts. Mostly because marginal literature - in this study, referring to non-heterosexual subjects - is at times considered as lascivious (erotic-sexual) and at others as 'low literature' (subcultural) (Kothe, 1985; Silva, 2008, 2012). Thus, for the conception of this paper, one question is posed: *has the Biblioteca Universal Guei actively contributed to the fight against epistemic injustice in the Brazilian literature mediation context?*

Conceptually, epistemic injustice can be understood as “um conceito moral, bem como um conceito epistêmico. É o tipo de injustiça que ocorre quando o direito de alguém saber é violado”, as inferred by Coady (2010, p. 105, tradução nossa)¹. In this sense, it is a “[...] mal feito a alguém especificamente em sua capacidade de conhecedor [...]” (Fricker, 2007, p. 5, tradução nossa)² that is, an imbalance that affects capabilities, which are essential values for human beings. Epistemic injustice hampers an individual or community, preventing them from expressing their knowledge in tacit or explicit manners, leading to psychologically damaging consequences, obstructing their development “de modo que uma pessoa pode ser, literalmente, impedida de se tornar quem ele é” (Fricker, 2007, p. 5, tradução nossa)³. Hence, this concept of injustice refers to the unfair distribution of epistemic assets, such as education and information, through discriminatory or exclusionary actions (Coady, 2010; Fricker, 2007; Silva; Silva, 2022).

The injustices pervading the literary landscape, both within public collections and the catalogs of large publishers, reveal attitudes of segregation against subjects who are socially marginalized, namely: cisgender and transgender women, black people, indigenous people, people with disabilities, and individuals identifying as Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Transsexual, Queer, Intersex, Asexual, and others (LGBTQIA+).

As Vergueiro (1989) points out, information units, such as national, public, specialized, school, special, and community libraries, among others, experience a common type of censorship: self-censorship. This practice exposes the political inclination of library staff in collection development and/or the maintenance of an information unit (Vergueiro, 1989).

Beyond the social and cultural norm that acts as a bastion in library practice and daily life, self-censorship comes from the “[...] próprio profissional bibliotecário que, sem o saber, realiza autopolicamento para evitar prováveis polêmicas” (Vergueiro, 1989, p. 59)⁴. Furthermore, when the librarian does such action consciously and spontaneously, in that case, censorship is an explicit practice, given the various possibilities for regulation systems – like systems of power (Church and State). Within the discussion presented in this study, heteronormativity is proposed as an element of censorship in the actions and decision-making of librarians in information units.

In research, teaching, and outreach of contemporary Library and Information Science (LIS), gaps arising from social structures are evident. The arrangements maintaining the normative/heteronormative can refer, for instance, to theoretical perspectives of the global north (Carneiro, 2005; Silva; Garcez; Silva, 2022), to what is presented as normal when designating subjects and bodies (Foucault, 2020; Louro, 2019), and to information regimes (González De Gómez, 2012). These and other concerns reinforce and sustain hegemonic, matrix, ethical, political, economic, social, and cultural discourses. The structures exemplified also feed and maintain the social imaginary, leading to further restrictions. These frameworks act epistemologically and empirically on subjects, promoting the ‘principle of absence’ (Kilomba, 2020) – “quando algo que existe é tornado invisível ou tratado como se não existisse” (Silva; Garcez; Silva, 2022, p. 2)⁵.

On the debates about genders and sexualities in LIS, authors such as Ishimoto, Garcia, and Sousa (2018) sketch a transgressive and provocative profile on the normative praxis of silencing, invisibility, and non-existence of non-heterosexual literature in information units. According to these authors, works aimed at the LGBTQIA+ audience occupy two places in the collections of information units:

- a) the first one involves places of silence that occur when the literature that caters to those identifying as LGBTQIA+ is not purchased or mediated. This restriction parallels those of Vergueiro (1989), who highlights three types of censorship (legal or governmental, individual or group pressure, and self-censorship).
- b) the other one relates to the place of power, in which the normative discourse generates a “[...] ausência e impossibilidade de falar sobre, inscreve a presença de discursos médico-religioso que impõem uma matriz heterossexual, considerada normal, saudável, aos sujeitos” (Ishimoto; Garcia; Sousa, 2018, p. 365)⁶. This condition can be located in Foucault’s power, knowledge, and pleasure triad.

The statements mentioned above are recognized in libraries, and collections that embody epistemic injustices, as they dispossess through oppression the types of knowledge understood as peripheral, which erases and makes the epistemes of oppressed social and ethnic-racial groups invisible, destroying their languages and collective knowledge (Patin *et al.*, 2020; Silva; Garcez; Silva, 2022).

When Silva (2008) points out the need for *gay desire*, invisible in Brazilian canonical literature, he evokes social places not occupied by LGBTQIA+, which supports the ‘non-place’. Non-heterosexual subjects are considered eccentric, culturally rejected, and even ‘expatriated’ from their identity, social and cultural *locus*.

This happens due to an established moralistic matrix that presents as standard the heterosexual and cisgender men of northern/European races and ethnicities, and belonging to the upper social class, which reinforces the nullification of the Other. The Other is represented/configured by all individuals and bodies that do not equate to the ideal created and sustained by organisms of power (reiterating the examples: the Church, the State, and Militarism).

The configuration of the Other can be seen in the sociocultural performance of what is considered to be women, who represent an opposite image, and the binary of what is defined as man, male, and masculine. LGBTQIA+ individuals are pushed to the margins of the male/female, man/woman, masculine/feminine binaries. They are regarded as transitory individuals that situate these other spectrums in a deterministic, fluid, or non-binary way.

In an in-depth reflection of the hetero-male matrix, one can pose questions about the place of black, indigenous, and Eastern men, generational biases, topics on social classes, and inquiries about southern and decolonial cultures. However, there are intersectional issues that will not be addressed in this paper.

Returning to the dimensions of epistemic injustices, it becomes evident that coloniality, forms of domination, violence, and injustices are objects of contemporary studies in LIS. Epistemic injustices unfold in at least four facets, namely: a) testimonial injustice, when the speaker is regarded with a low level of credibility due to prejudice; b) hermeneutic injustice, which precedes testimonial injustice and refers to individual interpretive gaps that prevent those affected by it of interpreting their experiences due to a lack of proper tools to do so. Additionally, Correia (2021, p. 5)⁷ infers that hermeneutic injustice “[...] consiste na incapacidade do falante de comunicar sua experiência, uma vez que lhe faltam, no contexto histórico-social, os conceitos e elementos necessários para dar sentido a sua vivência”.

As a result, it promotes “[...] desvantagem cognitiva e uma marginalização (hermenêutica) dos grupos, que terminam por participar de forma desigual das práticas que constroem os significados sociais e entendimentos coletivos” (Correia, 2021, p. 5)⁸; c) curricular injustice, which refers to the absence of physical resources to allow the epistemic development of individuals and, finally; d) participatory injustice, which occurs when individuals are excluded from participatory processes of constructing their epistemological development (Fricker, 2007; Patin, 2019; Patin *et al.*, 2020, 2021a, 2021b; Patin; Sebastian, 2021; Silva *et al.*, 2021; Silva; Garcez; Silva, 2022). Such injustices can act individually or together, depending on the context and the communities impacted by such injustices.

Establishing a participatory field in LIS and advocating for humanist causes is a dialogic educational proposal. Freirean liberation considers the individuals and their customs and traditions in the pursuit of knowledge as a way to overcome the moralistic tradition in weaving more equitable places. However, not all peoples, social and ethnic-racial groups, have fair access to information and the possibility of individual development through an educational and emancipatory path.

According to Silva and Silva (2022) and Silva, Garcez, and Silva (2022, p. 6)⁹, in LIS, some instances of symbolic and epistemic violence occur directly against individuals and peoples, among which we can mention epistemicide, which refers to the act of “[...] silenciar, aniquilar, [...], desvalorizar, expropriar um sistema de conhecimento [...]”. This occurs through the accumulation of various injustices like the ones mentioned above, often leading to the *death* of knowledge by oppressive, colonial, and racist reasonings (Patin, 2019; Patin *et al.*, 2020). Nevertheless, there is an uprising of counter-hegemonic movements that reverse the oppressive logic by implementing tactics of resistance and agency to preserve their legacies, cultures, histories, and memories.

In this regard, it is significant to highlight the birth of a bibliography within the authoritarian political environment of the 1970s and 1980s – that subverted culture and broke national dogma. Dealing primarily – but not only – with the Brazilian gay man, such a bibliography allowed the individuals it sought to engage to have literary content with which they could identify.

There is an association between epistemic injustices with information resources and services since crucial elements such as memories (power), knowledge (knowledge), and enjoyment (pleasure) (Campello, 2019; Foucault, 2020) are socially and culturally loathed when it comes to LGBTQIA+. That is to say that the bibliography contained in *Lampião da Esquina* documents deviant and marginal national literature, enabling the formation of knowledge and the experience of practices. Thus, from a social perspective, as proposed by Foucault (2020), it is essential to overcoming moralism and hypocrisies. In LIS, “o desejo que as sociedades demonstram de preservar sua memória é a questão do poder, da necessidade que os diversos grupos sociais têm de obter a coesão social que permitirá o alcance de seus objetivos e a manutenção de seus interesses” (Campello, 2019, p. 22-23)¹⁰, even though different subjectivities remain constricted to the social fringes.

With this in mind, this paper aims to investigate the role of the *Lampião da Esquina* newspaper in breaking the social and cultural fabric and, above all, to ascertain the contributions of the section Biblioteca Universal Guei linking the Humanities with the establishment of a commercial bibliography striving for epistemic justice.

The intrinsic and extrinsic factors of the bibliography justify this investigation since it deals with individuals operating from the margins and the literature *made by, about, and for* non-heterosexual people as the primary interest of this investigation within the fields of LIS, focusing on bibliographic studies. This work reinforces the dialectical need to point out theoretical-practical contradictions in the foundations of LIS.

From the perspective of its goals, this study conducts explanatory research since “além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja por meio da aplicação do método experimental/matemático, seja por meio da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos” (Severino, 2017, p. 125)¹³.

Content Analysis was the method of choice as the aim was to analyze the development of a newspaper. Valentim (2005, p. 119)¹⁴ states that “após a Segunda Guerra Mundial, vários estudos aplicaram a análise de conteúdo com o objetivo de verificar a influência de determinadas ideologias veiculadas em jornais.” This method combines the qualitative approach when dealing with the documentary analysis of symbols and signs.

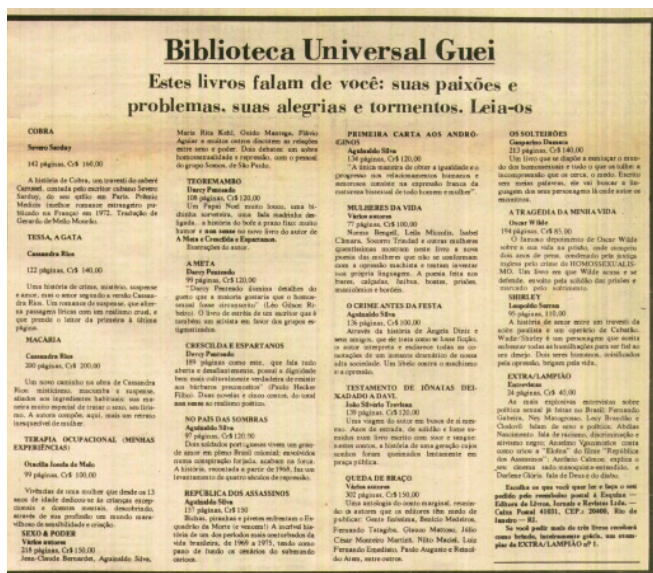
In the 41 issues of *Lampião da Esquina* – originally published between 1978 and 1981 – we investigate the information and communication about the Biblioteca Universal Guei. We examined the enunciation procedures of analytical commercial bibliography (Figure 1) to understand how that section contributes to epistemic justice.

SOURCES AND METHODS

This is an applied research study with a qualitative approach. According to Silva and Menezes (2005, p. 20)¹¹, this approach “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito [...]”. Regarding the procedures, this study is experimental:

quando se determina um objeto de estudo, selecionam-se as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo, definem-se as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto (Silva; Menezes, 2005, p. 21)¹².

Figure 1 – Section Biblioteca Universal Guei¹⁵



Soucer: Section of the *Lampião da Esquina* (Biblioteca..., 1980, p. 17).

Content analysis was the approach chosen to achieve the paper's goals, which according to Severino (2017, p. 122)¹⁶, involves "Trata-se de se compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações". Therefore, in the stage of:

- a) pre-analysis - a thorough reading and examination of the materials was carried out, verifying the textual and imagistic languages of *Lampião da Esquina*;
- b) exploration - the summaries accompanying the catalog entries were selected, as well as the subtexts indicating the section of the Biblioteca Universal Guei aiming to understand the "conteúdo das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca do significado das mensagens" etc. (Severino, 2017, p. 123)¹⁷; and finally; categorização – foram elencados textos que pudessem representar os lugares sociais, políticos e culturais da literatura mediada pelo *Lampião da Esquina*.
- c) categorization - were chosen texts that could represent the social, political, and cultural places of literature mediated by *Lampião da Esquina*.

The corpus of this research, the Biblioteca Universal Guei, sought to highlight the pragmatic, critical, and social mediating work of the bibliography excerpt, which according to Hjørland (2017), should be successful designations of a librarian.

As to hermeneutic justice, which seeks to fill the gaps in experiences and identity, making them accessible and enabling humanist interpretations, in this case, of LGBTQIA+ interactors who appropriate marginalized literature.

To better locate the reader, it is essential to notice that *Lampião da Esquina* was a national alternative periodical aimed at the gay public, sold at newsstands and newspaper booths nationwide. The *Lampião* emerged in the 1970s in Brazil, with its editorial body comprised of artists, writers, and journalists.

During the period the newspaper was in circulation, its sections and columns displayed the

non-heterosexual daily life of its time, moving away from the gossip pamphlet style and social *status* to a place of critical reflection. "As múltiplas vozes que ecoam em *Lampião* constroem, a cada edição, a possibilidade de novos lugares de enunciação para o homossexual, além de novos sentidos em seus discursos" (Simões Júnior, 2013, p. 73)¹⁸.

The *Lampião da Esquina* had editions with print runs between 10 and 20 thousand copies. Facchini and Simões (2009 *apud* Coelho, 2014, p. 82)¹⁹ say that "o encerramento das atividades do *Lampião* antecipou um final de um ciclo que, como a redemocratização, liquidou com a imprensa alternativa e permitiu que seus temas fossem reabsorvidos pela grande imprensa".

RESULTS AND DISCUSSION

From the perspective of achieving the objectives proposed by this paper, this section lists the results obtained, some aspects noticed during the research, and possible natural inferences from data analysis.

One can assume that the primary action/communication approach of the Biblioteca Universal Guei is its slogan: "Estes livros falam de você: suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os" (Biblioteca..., 1980, p. 17)²⁰. The subtitle, or enunciation of the bibliography, announces to the interactor a *locus*, an identity, a literary movement - therefore, a place of leisure and erudition - evoking the sociocultural unblocking of the subjects on the margins.

One can notice that this slogan preceded the official name of the bibliography (Figure 2), occurring in the Extra 1 edition (published in December 1979) and in editions 17 to 20 (published between October 1979 and January 1980).²¹

Figure 2 – Section bibliography (Biblioteca Universal Guei)²¹

Estes livros falam de você

Suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os

TEOREMAMBO
Darcy Penteado
108 páginas, Cr\$ 120,00
Um Papai Noel muito louco, uma bichinha sorveteira, uma fada madrinha desligada, a história do bofe a prazo fixo: muito humor e **non sense** no novo livro do autor de *A Meta* e *Crescilda e Espartanos*. Ilustrações do autor.

AMETA
Darcy Penteado
99 páginas, Cr\$ 120,00
"Darcy Penteado ilumina detalhes do gueto que a maioria gostaria que o homossexual fosse circunscrito" (Léo Gilson Ribeiro). O livro de estreia de um escritor que é também um ativista em favor dos grupos estigmatizados.

CRESCILDA E ESPARTANOS
Darcy Penteado
189 páginas, Cr\$ 160,00
"Um livro como este, que fala tudo abertamente e desafiadamente, possui a dignidade bem mais culturalmente verdadeira de resistir aos bárbaros preconceitos" (Paulo Hecker Filho). Duas novelas e cinco contos, do total **non sense** ao realismo poético.

NO PAÍS DAS SOMBRAS
Aguinaldo Silva
97 páginas, Cr\$ 120,00
Dois soldados portugueses vivem um grande amor em pleno Brasil colonial; envolvidos numa conspiração forjada, acabam na forca. A história, remontada a partir de 1968, faz um levantamento de quatro séculos de repressão.

REPUBLICA DOS ASSASSINOS
Aguinaldo Silva
157 páginas, Cr\$ 150,00
Bichas, piranhas e pivetes enfrentam o Esquadrão da Morte (e vencem!) A incrível história de um dos períodos mais conturbados da vida brasileira, de 1969 a 1975, tendo como pano de fundo os cenários do submundo carice.

PRIMEIRA CARTA AOS ANDRÓGINOS
Aguinaldo Silva
134 páginas, Cr\$ 120,00
"A única maneira de obter a igualdade e o progresso nos relacionamentos humanos e amorosos consiste na expressão franca da natureza bissexual de todo homem e mulher". Um romance que é também, um estudo sobre a sexualidade.

O CRIME ANTES DA FESTA
Aguinaldo Silva
136 páginas, Cr\$ 100,00
Através da história de Ângela Diniz e seus amigos, que ele trata como se fosse ficção, o autor interpreta e esclarece todas as conotações de um instante dramático de nossa alta sociedade. Um libelo contra o machismo e a opressão.

TESTAMENTO DE JONATAS
Deixado a Davi
João Silvério Trevisan
139 páginas, Cr\$ 120,00
Uma viagem do autor em busca de si mesmo. Anos de estrada, de solidão e fome resumidos num livro escrito com suor e sangue. Nestes contos, a história de uma ge-

ração cujos sonhos foram queimados lentamente em praça pública

QUEDA DE BRAÇO
Vários autores
302 páginas, Cr\$ 150,00
Uma antologia do conto marginal, reunindo os autores que os editores têm medo de publicar. Gente finíssima: Benício Medeiros, Fernando Tatagiba, Glauco Mattoso, Júlio César Monteiro Martins, Nilton Maciel, Luiz Fernando Emedato, Paulo Augusto e Reinoldo Atem, entre outros.

OS SOLTEIROS
Gaspardo Damata
213 páginas, Cr\$ 140,00
Um livro que se dispõe a esmiuçar o mundo dos homossexuais e tudo o que os tolhe: a incompreensão que os cerca, o medo. Escrito sem meias palavras, ele vai buscar a linguagem dos seus personagens lá onde o autor os encontrou.

O FANTASMA DE CANTERVILLE
Oscar Wilde
De Profundis e Balada do Cárcere de Reading, dois dos mais patéticos depoimentos pessoais da literatura universal, juntos num livro que também reúne algumas das histórias mais espirituosas e brilhantes do autor. Um livro raro.

SHIRLEY
Leopoldo Serran
95 páginas, Cr\$ 110,00
A história de amor entre um travesti da noite paulista e um operário de Cubatão.

Waldir/Shirley é um personagem que aceita enfrentar todas as humilhações para ser fiel ao seu desejo. Dois seres humanos, coisificados pela opressão, brigam pela vida.

RELATORIO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA
Michel Bon e Antoine d'Arc
381 páginas, Cr\$ 400,00
Mil homossexuais respondem a um questionário: são homens que se atraem, se amam, se invejam, se unem para o melhor e o pior, conhecem as alegrias e os tormentos do amor e querem integrar-se numa sociedade que ainda os difama, lança-os na prisão ou os destenha.

COXAS
Roberto Piva
70 páginas, Cr\$ 85,00
Sex fiction & Delírios de um poeta louquíssimo: pornosamba para o Marquês de Sade, Bar Cazzo d'Oro, Antino e Adriano e outros poemas. As ilustrações são de Maty Vitart.

Escolha os que você quer ler e faça o seu pedido pelo reembolso postal à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. Caixa Postal 41031, CEP 20.000, Rio de Janeiro — RJ. Você só pagará quando receber o aviso do correio.

LAMPIÃO da Esquina

Página 9

Source: Section of the *Lampião da Esquina* (Estes..., 1979, p. 9).

The *Lampião* used other slogans in its commercial and advertising space - but not specifically in the analytical commercial bibliography - namely:

- "Leia agora!", slogan: "Se você é definido como um lixo nos compêndidos [sic] de História, ou nas teorias dos intelectuais da moda, leia estes livros. Seus autores têm algo a lhe dizer"²²;
- "Sem essa de amor maldito", slogan: "Oscar Wilde estava certo no seu tempo. Mas as coisas mudaram, e estes autores mostram por que [sic]. Leia e aprenda: o ex-amor maldito agora é uma boa" (Sem..., 1978, p. 6)²³.

In these slogans, it is possible to analyze the search for active participation in the process of knowledge construction of the LGBTQIA+ population, including the creation of counterpointing to participatory injustice in a society that excluded peoples and groups from its constitution process when they follow outside the current norm of is considered 'being human'.

There is also the existence of a resignification of being and existing in the world as a person outside of the normative logic in these slogans, including when they employ the words' trash' or 'cursed love' as a way to draw attention to the individual right of being and existing in a society that is unequal and unjust with LGBTQIA+ people.

These elements challenge testimonial and hermeneutical injustice, given that, as discredited individuals in societies, their voices are not usually heard by those in power who make the decisions that will affect the lives of LGBTQIA+ population.

In the late 1970s, within the southeast Brazilian context, the Rio de Janeiro/São Paulo newspaper played a significant role in promoting books and readers within the social and cultural landscape. Thanks to the Biblioteca Universal Guei, the cultural capital and memory of the books, individuals, and communities represented were carefully preserved in the form of a bibliography. This allowed the LGBTQIA+ community to maintain vital records, using these books as social formation mechanisms and objects of memory: “Para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância. É preciso que ele conserve uma força a fim de poder posteriormente fazer impressão” (Davallon, 1999 *apud* Simões Júnior, 2013, p. 52)²⁴. In this way, the newspaper serves as a positive force in society, overcoming the restrictions imposed by censorship and the prevailing norm. It gives voice to those at the margins, allowing them to possess and control knowledge.

In addition, the rupture of the so-called ‘hermeneutic injustice’ relates to the possibility of transgressing the systems and structures that prevent specific experiences from being lived (Correia, 2021). The newspaper dismantles the social and cultural practices of exclusion that benefit the dominant hegemony, and in doing so, it imprints new nuances to Brazilian literature. This observation suggests that the ‘identity revision’ (Silva, 2008), which characterized Brazilian non-heterosexual literature in the 1990s, may have been influenced by the bibliography offered by Lampião da Esquina.

Themes such as first love, first kiss, first sexual experience, and the experience of coming out without conflict can be seen in the synopses of the books of the Biblioteca Universal Guei. These themes serve as examples of the presence of LGBTQIA+ romance in literature:

SILVA, Aguinaldo. **No país das sombras** [: novel]. [Rio de Janeiro]: [Civilização Brasileira, 1979]. 97 p.

Two Portuguese soldiers live a profound love story in colonial Brazil; embroiled in a contrived conspiracy, they meet their end at the gallows. The tale, retold from 1968, traces four centuries of repression.

RIOS, Cassandra. **Tessa, a gata** [: romance]. [Rio de Janeiro]: [Record, 1979]. 122 p.

A story of crime, mystery, suspense, and love. But love, according to Cassandra Rios. A suspenseful romance, alternating lyrical passages with stark realism, capturing the reader from the first to the last page.

Other available books tackle non-heterosexual characters in specific literary categories, such as characters, settings, and themes (Silva, 2008). These categories contribute to the democratization of literature, avoiding confining marginalized literature to fictional or unreal spaces and creating a stronger identification with the subjects depicted, for example:

PENTEADO, Darcy. **A meta**. [s. l.]: [s. n.]. 99 p.

“Darcy Penteado illuminates details of the ghetto that most would like to see homosexuality confined to” (Leo Gilson Ribeiro). This is the debut book [sic] from a writer who is also an activist in favor of stigmatized groups.

SERRAN, Leopoldo. **Shirley**. [s. l.]: [s. n.]. 95 p.

The love story between a transvestite from São Paulo’s nightlife and a factory worker from Cubatão. Waldir/Shirley is a character willing to face all humiliations to remain true to their desire. Two human beings, objectified by oppression, fight for life.

TREVISAN, João Silvério. **Testamento de Jônatas deixado a Davi** [, short story]. [São Paulo]: [Brasiliense, 1976]. [150 p].

The author embarks on a journey of self-discovery. Years of traveling, loneliness, and hunger are encapsulated in a book written with sweat and blood. These stories are the tale of a generation whose dreams were slowly and publicly shamed.

In line with the principles of Foucault's philosophy, the aim is to overcome moralism. When the newspaper unveils LGBTQIA+ literature, it promotes a variety of authors and titles that assist in the formation of collections "[...] tanto nacionais como de assunto, podem também servir como instrumentos auxiliares à seleção, principalmente para a seleção retrospectiva" (Vergueiro, 1989, p. 50)²⁵. Therefore, the visibility provided to the LGBTQIA+ community by *Lampião da Esquina* and its Biblioteca Universal Guei can and should be used as a valuable source of knowledge in information units, as well as serving as a basis for research and actions in LIS.

Another important point to highlight is the need to revisit the bibliographic paradigm, which should not be replaced by user studies. Hjørland (2017, online, tradução nossa)²⁶ suggests that:

O paradigma bibliográfico não implica necessariamente uma descrição positivista dos documentos, mas pode implicar uma consideração do que os documentos podem fazer e como a Biblioteconomia e a Ciência da Informação podem apoiar os documentos na realização de tarefas importantes, ou seja, uma perspectiva crítica e pragmática.

The description, diffusion, and preservation of LGBTQIA+ literature's memory in contemporary society have become highly important and popular -- the webpage *The Asexuality and Aromanticism Bibliography* is a good example in this respect. The webpage is a digital information service geared towards data retrieval on works that explore theories about aromantic and asexual individuals (The Asexuality, 2022), expanding the studies on sexualities and divergences from a heterosexist and romantic norm.

Lastly, it is crucial to mention that a set of epistemic injustices still exist, especially considering that the bibliography discussed here resides in a specific and marginalized social niche. Nevertheless, it is evident that "a imprensa [...] é um mecanismo crucial para efetivar a difusão de ideias políticas" (Coelho, 2014, p. 30)²⁷. When engaged by LIS scholarship, the documental, bibliographic, literary, and journalistic of *Lampião da Esquina*'s content contributes to registering the presence of the Other in Brazilian national history.

CONCLUSION

This paper explored humanistic concerns in light of Library and Information Science (LIS). The *Lampião da Esquina*, acting as a marginal communication vehicle, revealed to non-heterosexual individuals in Brazilian society the presence of literature with which they can identify, intermediated by the Biblioteca Universal Guei. Thus, the silence and invisibility perpetuated by power systems are challenged; although the newspaper circulated in a specific niche, it highlighted the presence of the LGBTQIA+ community in society, culture, and economy.

Concerning epistemic injustice (testimonial, hermeneutic, curricular, and participatory), *Lampião da Esquina* promoted representativeness by highlighting the literature of the Other. By mirroring the canonical narratives of Brazilian literature, the selected works allowed non-heterosexual individuals to be heard and feel a connection with the literary canon. Therefore, the newspaper publicly met the reading, leisure, and information needs of the LGBTQIA+ community.

In LIS, epistemic injustices can be mitigated as librarians and information scientists recognize they have an intrinsically political role. It would be beneficial to focus on forming a diversified and representative collection aiming to highlight multiple identities, as literature is an instrument of cultural formation. These elements raise future questions about the impacts of education and professional training in Library and Information Science: is the existing curriculum preparing professionals to have a non-hegemonic perspective in collection development? Moreover, is it breaking with colonialism and patriarchy, given the multidisciplinary nature of these areas? It is precisely the consideration of these issues that allows for the breaking of paradigms and the flexibilization of rigid norms within a field that is primarily dedicated to the informational needs of the individual.

Lastly, *Lampião da Esquina's* bibliography socially demonstrates that speaking of, about, and for diversity is possible. Therefore, information units should holistically reflect on their subjects (actors, mediators, and receivers) and literature supporting diversity and complexity, avoiding dogmas and practices that generate silence, invisibility, and forgetfulness.²⁸

BIBLIOGRAPHY

BÁEZ, Fernando. *A história da destruição cultural da América Latina: da conquista à globalização*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2010.

BIBLIOTECA Universal Guei. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 21, fev. 1980. *Biblioteca Universal Guei*, p. 17.

CAMPELLO, Bernadete. *Introdução ao controle bibliográfico*. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2019.

CARNEIRO, Sueli Aparecida. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COADY, David. Two Concepts of Epistemic Injustice. *Episteme*, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 101-113, 2010. DOI 10.3366/E1742360010000845.

COELHO, Vinicius Bernardes Gonçalo. *Lampião da Esquina: um porta voz dos homossexuais (1978-1981)*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

CORREIA, Ellen Cristina Rodrigues. Injustiça epistêmica e questões de gênero: o caso da injustiça hermenêutica na distinção entre homoafetividade e heterossexualidade. *Revista Opinião Filosófica*, v. 12, 2021. DOI: <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v12.1028>. Available at: <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/1028/826>. Accessed on: Aug 05, 2022.

ESTES LIVROS FALAM DE VOCÊ. *Lampião da esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 17, p. 9, out. 1979. Available at: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/21-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-17-OUTUBRO-1979.pdf>. Accessed on: Aug 17, 2022.

FRICKER, Miranda. *Epistemic injustice: power & the ethics of knowing*. Oxford, England: Oxford University Press, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198237907.001.0001>.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2020.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Regime de informação: construção de um conceito. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 22, n. 03, p. 43-60, set./dez. 2012. Available at: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/14376>. Access on: Aug 17, 2022.

HJØRLAND, Birger. Library and information science (LIS). In: International Society for Knowledge Organization [ISKO]. *Encyclopedia of knowledge organization*. Toronto: ISKO, 2017. Available at: <https://www.isko.org/cyclo/lis>. Access on: Aug 17, 2022.

ISHIMOTO, Adonai Takeshi; GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão. Nas estantes das bibliotecas, gêneros e silêncios. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 351-366, maio/ago. 2018. Available at: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/714>. Access on: Aug 05, 2022.

KILOMBA, Grada. Fanon, existência, ausência: Prefácio. In: FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

KOTHE, Flávio René. *O herói*. São Paulo: Ática, 1985.

LEIA agora! *Lampião da esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 15, jun./jul. 1978. Available at: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/06-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-02-JUNHO-JULHO-1978.pdf>. Access on: Aug 17, 2022.

LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 13, n. 24, p. 252-273, jan./jul. 2021. Available at: <https://periodicos.ufrpe.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/20210>. Access on: Jan 20, 2023.

PATIN, Beth. *Ending Epistemicide: Amplifying Knowledge Systems in Academia*. Syracuse NY: SU Inclusive Teaching Workshop, Syracuse University, Aug. 2019.

PATIN, Beth; SEBASTIAN, Melinda; YEON, Jieun; BERTOLINI, Danielle. Toward epistemic justice: an approach for conceptualizing epistemicide in the information professions. *ASIS&T: Proceedings of the association for information science and technology*, [s. l.], v. 57, n. 1, e242, 2020. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/pa2.242>.

PATIN, Beth; SEBASTIAN, Melinda. Ep-i-what? Using The Force to Understand Epistemicide. *Information Matters*, [s. l.], v. 1, n. 11, 2021. Available at: <https://informationmatters.org/2021/11/ep-i-whatusing-the-force-to-understand-epistemicide/>. Access on: Aug 17, 2022.

PATIN, Beth; SEBASTIAN, Melinda; YEON, Jieun; BERTOLINI, Danielle; GRIMM, Alexandra. Interrupting epistemicide: a practical framework for naming, identifying, and ending epistemic injustice in the information professions. *Journal of the Association for Information Science and Technology*, [s. l.], v. 72, n. 10, p. 1306-1318, 2021a. DOI: <https://doi.org/10.1002/asi.24479>.

PATIN, Beth; OLIPHANT, Tami; ALLARD, Danielle; GRAY, LaVerne; CLARKE, Rachel Ivy; TACHEVA, Jasmina; LAR-SON, Kayla. At the margins of epistemology: amplifying alternative ways of knowing in Library and Information Science. *ASIS&T: Proceedings of the association for information science and technology*, [s. l.], v. 58, n. 1, p. 630-633, 2021b.

SEM ESSA DE AMOR MALDITO! *Lampião da esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, p. 6, out. 1978. Available at: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/09-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-05-OUTUBRO-1978.pdf>. Access on: Aug 17, 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. Especulações sobre uma história da literatura brasileira de temática gay. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da (org.). *Aspectos da literatura gay*. João Pessoa: Autor Associado: Editora Universitária/UFPB, 2008.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos. *Leitura*, Maceió, v. 1, n. 49, p. 83-108, jan./jun. 2012. Available at: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/946>. Access on: Aug 05, 2022.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Etera Muszkat. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SILVA, Rubens Alves da. Conhecimento das margens: da injustiça epistêmica à valorização do conhecimento negro em Biblioteconomia e Ciência da Informação. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1-19, 2022. Available at: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/1885>. Access on: Aug 05, 2022.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da.; SILVA, Rubens Alves da. Da ausência à evidência: notas teórico-críticas sobre o princípio da ausência, epistemicídio e reparação epistêmica em bibliotecas e biblioteconomia. *INVID: Revista de Documentação e Ciência da Informação*, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 47-72, mar./ago. 2022.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da *et al.* Justiça para quem? justiça social, informacional, racial e de gênero em bibliotecas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: PPGCI/IBICT/UFRJ, 2021. p. 1-16.

SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. *...E Havia um lampião na esquina: memórias identidades e discursos homossexuais no Brasil, do fim da ditadura (1978-1980)*. 2. ed.

Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

THE ASEXUALITY and Aromanticism Bibliography. *About the Asexuality and Aromanticism Bibliography*. Toronto: University of Toronto, 2022. Disponível em: <https://acearobiblio.com/about/>. Acesso em: 14 fev. 2023.

VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. Análise de conteúdo. In: VALENTIM, Marta Lúcia Pomim (org.). *Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação*. São Paulo: Editora Polis, 2005. p. 119-134.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. *Desenvolvimento de coleções*. São Paulo: Editora Polis; APB, 1989.

ACKNOWLEDGEMENTS

We are grateful to the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) for granting PhD scholarships to the authors – Funding Code 001. We thank the Programa de Bolsas de Monitoria (PROMOP) of the Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGCIInfo) of the Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). We are thankful to Escola de Ciência de Informação (ECI) of the Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). We also extend our gratitude to the Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI).

ENDNOTES

¹ Original: “moral concept as well as an epistemic concept. It is the kind of injustice that occurs when someone’s right to know is violated” (COADY, 2010, p. 105).

² Original: “[...] in which someone is wronged in their capacity as a giver of knowledge [...]” (Fricker, 2007, p. 5).

³ Original: “[...] so that a person may be, quite literally, prevented from becoming who they are.” (Fricker, 2007, p. 5).

⁴ Translation: “[...] library professional who, unknowingly, self-polices to avoid potential controversies” (Vergueiro, 1989, p. 59, editorial translation).

⁵ Translation: “when something that exists is made invisible or treated as if it did not exist” (Silva; Garcez; Silva, 2022, p. 2, editorial translation).

⁶ Translation: “[...] absence and impossibility to speak about, inscribes on subjects the presence of medical-religious discourses that impose a heterosexual matrix, considered normal, healthy” (Ishimoto; Garcia; Sousa, 2018, p. 365, editorial translation).

⁷ Translation: “[...] consists of the speaker’s inability to communicate their experience, since they lack, in the historical-social context, the concepts, and elements necessary to give meaning to their experience” (Correia, 2021, p. 5, editorial translation).

⁸ Translation: “[...] cognitive disadvantage and (hermeneutic) marginalization of groups, which end up partaking unequally in practices that construct social meanings and collective understandings” (Correia, 2021, p. 5, editorial translation).

⁹ Translation: “[...] silencing, annihilating, [...], devaluing, expropriating a system of knowledge [...]” (Silva; Garcez; Silva, 2022, p. 6, editorial translation).

¹⁰ Translation: “the desire that societies show to preserve their memory is an issue of power, the need that various social groups have to obtain social cohesion that will allow them to achieve their goals and maintain their interests” (Campello, 2019, p. 22-23, editorial translation).

¹¹ Translation: “considers that there is a dynamic relationship between the real world and the individual, that is, an inseparable bond between the objective world and the subjectivity of the individual [...]” (Silva; Menezes, 2005, p. 20, editorial translation).

¹² Translation: “when an object of study is assigned, the variables that could potentially influence it are selected, and the forms of control and observation of the effects that the variable produces in the object are defined” (Silva; Menezes, 2005, p. 21, editorial translation).

¹³ Translation: “in addition to recording and analyzing the phenomena studied, it seeks to identify their causes, either through the application of the experimental/mathematical method or through the interpretation made possible by qualitative methods” (Severino, 2017, p. 125, editorial translation).

¹⁴ Translation: “after World War II, several studies applied content analysis intending to verify the influence of certain ideologies conveyed in newspapers.” (Valentim, 2005, p. 119, editorial translation).

¹⁵ Title: “Universal Guei Library”. Subtitle: “These books are about you: your passions and problems, your joys and torments. Read them”.

¹⁶ Translation: “critically understanding the manifest or hidden meanings of communications” (Severino, 2017, p. 122, editorial translation).

¹⁷ Translation: “content of the messages, the statements of the discourses, the search for the meaning of the messages” (Severino, 2017, p. 123, editorial translation).

¹⁸ Translation: “The multiple voices that echo in Lampião build, with each edition, the possibility of new places of enunciation for homosexuals, as well as new meanings in their discourses” (Simões Júnior, 2013, p. 73, editorial translation).

¹⁹ Translation: “the closing of Lampião’s activities anticipated the end of a cycle that, like democratization, marked the end of the alternative press and allowed its topics to be reabsorbed into mainstream press” (Facchini; Simões, 2009 apud Coelho, 2014, p. 82, editorial translation).

²⁰ Translation: “These books speak of you: your passions and problems, your joys and torments. Read them” (Biblioteca..., 1980, p. 17, editorial translation).

²¹ Title: “These books are about you”. Subtitle: “Your passions and problems, your joys and torments. Read them”.

²² Translation: “Read now!”, slogan: “If you are defined as trash in the compendiums [sic], or in the theories of fashionable intellectuals, read these books. Their authors have something to say to you” (Leia..., 1978, p. 15, editorial translation).

²³ Translation: “There is no such thing as a cursed love”, slogan: “Oscar Wilde was right in his time. But things have changed, and these authors show why [sic]. Read and learn: the ex-cursed love is now a good thing” (Sem..., 1978, editorial translation).

²⁴ Translation: “For memory to exist, it is necessary for the recorded event or knowledge to emerge from indifference, to leave the realm of insignificance. It needs to retain a force in order to make an impression in the future” (Davallon, 1999 *apud* Simões Júnior, 2013, p. 52, editorial translation).

²⁵ Translation: “[...] both national and subject-specific ones, can also serve as auxiliary tools for selection, especially for retrospective selection” (Vergueiro, 1989, p. 50, editorial translation).

²⁶ Original: “The bibliographical paradigm does not necessarily imply a positivist description of documents, but may imply a consideration of what documents can do, and how library and information science can support documents in doing important tasks, i.e. a critical and pragmatic perspective.” (Hjørland, 2017, online).

²⁷ Translation: “the press [...] is a crucial mechanism for effectuating the spread of political ideas” (Coelho, 2014, p. 30, editorial translation).

²⁸ Memoricide refers to the assassination of the memory of non-hegemonic peoples, intentionally carried out intending to eradicate the tangible and symbolic heritage that represents the struggle and resistance of black people and other colonized peoples (Báez, 2010; Missiatto, 2021). The negative effects that impact collections, preservation, informational resources, and services in an information unit, when mitigated by epistemicide, disrupt local, institutional, traditional, and other forms of memory. It represents another dimension of erasure, segregation, exclusion, and invisibility imposed by power agents upon individuals and bodies that do not conform to heteronormativity (Silva; Garcez; Silva, 2022).

Community Archives in the context of the Technical-Scientific-Informational Environment: agents of Globalization in Solidarity and Decolonial Innovation

Fernanda Parolo de Mattos Nogueira

Master in Information Science, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil.

Substitute teacher, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3259942368161595>

E-mail: fernandap.m.nogueira@gmail.com

Luciana de Souza Gracioso

PhD in Information Science. Associate Professor at the Departamento de Ciência da Informação.

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4898201916360294>

E-mail: luciana@ufscar.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6320-4946>

Submission date: 01/09/2022. Approval date: 01/03/2023. Publication date: 22/09/2023.

ABSTRACT

This article aims, from the context of the Technical-Scientific-Informational Environment, to discuss the Community Archive as a cultural and innovative unit with an inclusive and decolonial character. It is a basic research, focused on the development and deepening of knowledge, with a qualitative exploratory base, exclusively focused on the development of a narrative review of the literature, in view of the nature of the subjects that would necessarily need to be studied and related. In defense of a Globalization in Solidarity scenario, Community Archives stand out as powerful agents, considering that they safeguard the diversity of memories, seeking greater representation of social groups. By combining information, culture, memory and innovation, they are able to contribute to the solidary development of society. In this way, Community Archives as agents of Globalization in Solidarity and decolonial innovation can be optimized based on precepts and guidelines of the United Nations, in particular, aiming to meet the Sustainable Development Goals. It is accepted that Information Science and Archival Science in an interdisciplinary movement in informational studies are the necessary force for the articulation and dialogue between the mentioned elements, aiming to safeguard the principles of humanity, ethics, inclusion, respect and decoloniality.

Keywords: community archives; scientific and technical-informational environment; decolonial innovation; globalization in solidarity; information science.

INTRODUCTION

It is understood that the current context can be characterized as a Technical-Scientific-Informational Environment, an expression coined by Brazilian geographer and sociologist Milton Santos (1994) to understand the flows of spaces, geographic configurations, technological developments and ways of life. In this context of understanding, in which technique, science and information converge in favor of technological and social progress, we must pay close attention to matters related to the innovation process.

Big Data, Internet of Things, Artificial Intelligence are some of the terms that stand out in the current social representation, which assumes data, information and technologies as inputs in the process of innovation and progress of humanity. However, innovation, despite being an insightful alternative seeking to solve problems, may involve partial objectives that do not bring benefits to society as a whole. By admitting the power of innovation for the broad and effective transformation of society, it is understood that this process must carry the principles of ethics, respect, inclusion and decoloniality.

Recent studies in Information Science and Archival Science address the decolonial aspect, reiterating the need for a critical and ethical look toward the production and dissemination of knowledge. In this sense, Pedro Diaz (2021) notes that, historically, many narratives of subjugated populations have been erased and violated, reiterating that the archival imagination is a call for society to pay attention to contemporary movements that seek to find answers from the past. Thus, according to the author, “Os arquivos são locais de esperança e aspiração, mas, além disso, os arquivos também são locais de luta política” (Diaz, 2021, p. 10)¹.

Assuming their political and ethical stance, Community Archives are powerful elements of representation of different social groups, with their plural narratives, and go against what Adichie (2019) calls ‘the danger of a single story’.

According to the author:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (Adichie, 2019, p. 32)².

In order to contribute to the process of empowering and humanizing society, this article presents Community Archives as relevant agents in the Technical-Scientific-Informational Environment, acting as resistance tools against ‘Perverse Globalization’. This discussion seeks to visualize another innovation: decolonial, and another globalization: solidarity.

RELATING THE CONCEPTS

With the purpose of developing a theoretical discussion about the relationship between the aforementioned concepts, we consider it essential to present them in order to later relate them in their interdisciplinary nature. Figure 1 expresses the circular movement undertaken in this paper, relating the different concepts, followed by their in-depth presentation.

Figure 1 - Relationship between concepts



Source: prepared by the authors, 2021.

TECHNICAL-SCIENTIFIC- INFORMATIONAL ENVIRONMENT AS THE CURRENT CONTEXT

The starting point of this research is the understanding of contemporary relations based on the idea of Technical-Scientific-Informational Environment, proposed by Milton Santos (1994), relating Technique, Science and Information to the geographic space and the globalization process. In the view of Santos (1994), the geographic space is mixed, configuring itself as a hybrid between social and physical, between a system of objects and a system of actions, undergoing transformations over time. Understanding this space, as proposed by the author, helps us understand the relationships between objects, techniques and people.

Thus, according to the geographer, the evolution of techniques permeated three moments throughout history: Natural Environment, Technical Environment and Technical-Scientific-Informational Environment (Santos, 1994).

The Natural Environment refers to a period of time in which human activity was in harmony with nature, where “[...] o homem escolhia da natureza aquilo que era fundamental ao exercício da vida e valorizava diferentemente essas condições naturais, as quais, sem grande modificação, constituíam a base material da existência do grupo.” (Santos, 1994, p. 70)³.

The Technical Environment is characterized by the union between natural and artificial space, where natural objects are significantly replaced by technical objects, which can be exemplified by the use of machines and new technologies for human activities, having as representative moments, the First Industrial Revolution and the Second Industrial Revolution (Santos, 1994). The Technical Environment gave rise to the advent of the environment in which we live today: the Technical-Scientific-Informational Environment, in which capitalism and the globalization process are present, based on science, technique and information (Santos, 1994). Still according to the author

O meio geográfico em via de constituição (ou de reconstituição) tem uma substância científico-tecnológico informacional. Não é nem meio natural, nem meio técnico. A ciência, a tecnologia e a informação estão na base mesma de todas as formas de utilização e funcionamento do espaço [...]. A informação tanto está presente nas coisas como é necessária à ação realizada sobre essas coisas. Os espaços assim requalificados atendem sobretudo a interesses dos atores hegemônicos da economia e da sociedade, e assim são incorporados plenamente às correntes de globalização (Santos, 1994, p. 24)⁴.

In this sense, information is used as one more instrument for maintaining power and perpetuating social inequalities, or as reinforced by Freire (2006, p. 58)⁵ “[...] a globalização representa a materialização de um paradigma que toma corpo a partir do momento em que um novo insumo assume papel de ‘fator-chave’ no desenvolvimento das forças produtivas: a informação”.

Santos (2000) points to a situation of Perverse Globalization, sustained by a voracious capitalist system, in which, unintentionally - or intentionally - eventually, by globalizing, it standardizes people, monopolizes information, culture, thoughts and desires, shaping human beings into consumers rather than citizens. Another criticism, regarding this conjuncture, is the strengthening of hierarchies and polarizations, enhanced by an environment of consumption for the sake of consumption, which are “[...] a fonte de novos totalitarismos, mais facilmente aceitos graças à confusão dos

espíritos que se instalam” (Santos, 2000, p. 19)⁶. Santos (1994) argues that the globalization process unified things, however, it did not unite people and, thus, instead of becoming united, we became uniformed, and even though “todos os lugares são mundiais, mas não há um espaço mundial. Quem se globaliza mesmo são as pessoas [...]” (Santos, 1994, p. 13)⁷.

Still according to the author, globalization is presented as a fable, which, when perceived by groups placed on the margins of society, is demythologized. Thus, in “[...] cidade atual a força [...] é dos ‘lentos’, [pois não] comungam com as imagens, frequentemente pré-fabricadas, [...] [que são distantes da realidade e assim] [...] acabam por descobrir as fabulações” (Santos, 1994, p. 41)⁸. Such groups, with their resistance, can be exemplified as: women, blacks, indigenous people, the LGBTQIA+ community, among others, who, by claiming their spaces and speeches, make society increasingly diverse, plural and peaceful.

In this sense, Milton Santos (2002) presents a virtuous and democratic situation, which he calls Globalization in Solidarity, model of a globalized society, respecting the differences and singularities of individual and group identities, based on the values of citizenship and solidarity. In the words of the geographer

Um mundo solidário produzirá muitos empregos, ampliando um intercâmbio pacífico entre os povos e eliminando a belicosidade do processo competitivo, que todos os dias reduz a mão-de-obra. É possível pensar na realização de um mundo de bem-estar, onde os homens serão mais felizes, um outro tipo de globalização (Santos, 2002, p. 80)⁹.

Nevertheless, the Information Regime confirms itself as a complementary notion to the understanding of these phenomena and their relationships. According to González de Gómez (2012), it would be the dominant informational mode in a given society, related to aspects such as politics, information and power. The author indicates that “[...] pareceria ser uma ferramenta interessante para situar e analisar as relações de uma pluralidade de atores, práticas e recursos, à luz da transversalidade específica das ações, meios e efeitos de informação [...]” (González De Gómez, 2012, p. 43)¹⁰.

Still in the words of González de Gómez (2012, p. 43)¹¹ it is “[...] como um plexo de relações e agências, um regime de informação está exposto a certas possibilidades e condições culturais, políticas e econômicas, que nele se expressam e nele se constituem”.

Thus, it is argued that the role of actors involved in an Information Regime in the context of the Technical-Scientific-Informational Environment is plural and diversified, in order to allow for innovation to be decolonial. Therefore, it is emphasized that the understanding reached, based on the above, is that it is essential to admit and value plural knowledge for social purposes, instead of overvaluing data and information as economic mechanisms only. Since Burke (2016) tells us that we are ‘drowning in information’ and have a ‘thirst for knowledge’, in order not to drown in data and absorb knowledge, there is a need to assume an emancipatory stance.

DECOLONIAL INFORMATION AND INNOVATION AS A PATH

Innovating requires reviewing postures, paradigms and beliefs, being an attitude based on imagination, creativity, cooperation, in which various actors are related: people, companies, research and teaching institutions, science, data, information and knowledge, technologies, not forgetting the human characteristic to which it is linked. It must be inclusive and intended for everyone, so that it does not become another mechanism of control and colonization and so that society is innovative and wiser together, as one.

Data, information and knowledge are the necessary inputs for innovation to occur within organizations, companies, institutions and governments. Innovating means, in addition to thinking about a new idea, applying it and seeking results that transform, recreate and improve the quality of life in society, involving a range of social segments, given that “[...] as relações entre ciência, tecnologia e desenvolvimento são interativas, [...] tendo as pessoas como principal força propulsora de um ciclo virtuoso, a pesquisa como base, a inovação como vetor e o desenvolvimento como consequência” (Audy, 2017, p. 75)¹².

In order to ensure that ethical and human principles are respected in the innovation process, cultural units, among them archives, libraries and museums, act as essential agents in this process by providing a movement of organization, dissemination, access, use and democratization of information. In this regard, Freitas and Silva (2016) indicate that a greater concern with access to information was intensified after the appreciation of information as an input for the development of society and from the expansion of Information and Communication Technologies, factors that reinforced the notion of information as an individual’s right, with their informational needs at the center.

Speaking of innovation causes one not only to think about data, information and knowledge, it also brings about other relevant aspects such as: collaborative networks, innovation management and *crowdsourcing*. For innovation to occur, one must think about the establishment of a collaborative network that encourages the engagement of actors, the exchange of knowledge and experiences. According to Alves and Paixão (2017, p. 464)¹³ “[...] a ideia é que estas redes ao cruzarem inovação, e aprendizado, ao ambiente de pessoas dispostas a compartilhar conhecimento, efetiva-se então um processo de fusão do conhecimento”.

Innovation management appears as a way of acting in the development, implementation, management and assessment of conditions, whether environmental or cultural, to stimulate innovation, consisting of a set of activities, processes and actions that allow innovation to be ongoing (Stefanovitz; Nagano, 2009). The management of innovation, whether within the scope of organizations or broader, such as cities, requires the coordination and constant dialogue of the various actors. For a region to develop in a more intelligent and humane manner, innovation must articulate science, technology and society, respecting ethical principles and human rights, in addition to valuing knowledge at the collective, local community and interdisciplinary level. Thus, “[...] as nações mais inovadoras são aquelas em que o cruzamento dos diferentes saberes é incentivado e alimentado por um sistema de inovação em que a interdisciplinaridade é privilegiada” (Reis; Pinheiro; Cardoso, 2017, p. 15)¹⁴.

In an innovation ecosystem, it is important to pay attention to the data, information and knowledge expressed by the population, a prerogative that underlies the concept of *Crowdsourcing*. According to Chieh Lu, Gracioso and Amaral (2018), this term expresses “[...] a ‘fonte da multidão’ – ou seja, *crowdsourcing* designa uma prática que utiliza da inteligência coletiva para gerar inovação (aberta ou social)” (Lu; Gracioso; Amaral, 2018, p. 2910)¹⁵.

This way, there is a greater and more effective participation of society in the construction of its region, made possible by the use of digital technologies and the appreciation of the data-information-knowledge cycle for decision-making and development at the local, state and national levels. In this sense, places are the stage for innovation, and “As cidades são as plataformas para mudanças globais e locais no século XXI. Paisagens urbanas são os espaços de convergência de economias, culturas, sistemas políticos e ecológicos.” (Un Habitat, 2016, p. 161, tradução nossa)¹⁶.

Despite the positive aspects of innovation and technological development, it would be unwise not to point out the difficulties and exclusions involved in this process. Initially, Partridge (2004) argues that there is a ‘digital divide’ in contemporary times, that is, digital inequality is just one of the expressions of social inequality. The author clarifies that the ‘digital divides’, as society is increasingly divided between those who are ‘rich’ with information and ‘poor’ with information. Rampazzo and Vasconcellos (2019, p. 29)¹⁷ point out that “[...] este é o lado fragmentador e desigual da globalização, já que não se dissemina de maneira homogênea e igualitária pelo mundo. As cidades em tempos de globalização são caracterizadas por diversos contrastes sociais”. It should be noted that the sophistication of technologies does not ensure the generation of knowledge, so technology must be seen as a means and not as an end, as a possibility of greater inclusion and democratization.

Innovation is not yet at an ideal moment of inclusion and equity, since this process may become colonial, sometimes influenced by neoliberal precepts. Based on this argument, we present the ideas of Jimenez and Roberts (2019), which point to another innovation, based on the Andean concept *Buen Vivir* (Living well), an innovation alternative based on solidarity and community. Given that realities and cultures are varied and distinct in the world, this article argues that the innovation process is equally varied and diverse, since, according to Jimenez and Roberts (2019), innovation models from the Global North are often uncritically reproduced in the Global South, unwittingly silencing local knowledge and cultural values.

Considering that innovation, as well as most processes, is not neutral, it can eventually be used to maintain hierarchies and power groups, as argued by Jimenez and Roberts (2019)¹⁸, indicating that Science and Technology studies demonstrate that such a process reflects dominant, individualistic and neoliberal political and ideological values. In this way, they state that

[...] seguindo o paradigma *Buen Vivir*, a inovação assume uma forma coletiva que apoiaria o respeito mútuo um pelo outro e pelo mundo natural. Processos coletivos seriam valorizados e a inovação estaria efetivamente beneficiando os bens comuns, em vez dos indivíduos. (Jimenez; Roberts, 2019, p. 187, tradução nossa).

In addition, they inquire: “[...] em um mundo cada vez mais desigual, com enormes riscos ambientais e ecológicos, uma ‘Outra inovação é possível?’” (Jimenez; Roberts, 2019, p. 187, tradução nossa)¹⁹. In view of the above, it is valid to argue that another innovation is possible and, considering the purposes of the present study, this would happen mainly with the help of cultural units, especially archives and Community Archives.

COMMUNITY ARCHIVES AS AGENTS OF INNOVATION AND GLOBALIZATION IN SOLIDARITY

According to Caldas (2008), cultural units are spaces for the production, organization and dissemination of information and knowledge, acting directly in the economy, politics and culture of the place in which they are located, being it that “[...] as unidades culturais (UCs) alcançam uma grande repercussão nas suas localidades e fazem do conhecimento o diferencial para o crescimento da esfera cultural nas suas comunidades” (Caldas, 2008, p. 59)²⁰. Among the various cultural units, in this article, archives stand out as an agent of scientific, technological and cultural development, helping with minimizing the negative effects of inequalities, precisely because they provide access to ‘rich information’ as opposed to ‘poor information’ (Partridge, 2004). They are information-power tools, key for the safeguarding of memory, for the transparency of public management, for the strengthening of citizenship, strategic for the innovation process and, above all, they are tools for social inclusion and the incorporation of several voices in the recorded history of humanity.

Today, archives include some typologies: public or private, belonging to an organization, person or family, local, state or federal, and they can still be community archives. In this article, public archives are of special interest, as they include documents with information on collective memory and public management, as are Community Archives, since they encompass and represent the voices of different social groups. Bellotto (2004) shows that archives, in addition to protecting the documentary heritage, allow archival documents to be used for scientific, social and cultural purposes. Caldas (2011, p. 57)²¹ reinforces this argument by indicating that “[...] os arquivos redimensionam seus espaços estruturais em condicionantes paralelos do ambiente político, econômico e social das comunidades e traduzem a sociedade e sua esfera orgânica de atuação informacional”.

Oliveira (2019) indicates that public archives are relevant in the planning and management of cities, giving them greater intelligence, since they allow access and use of information.

Notwithstanding the archives’ purpose of safeguarding memory and disseminating information, with the intent of listening to and recording different voices and with the aim of a historical reparation, Community Archives crosscut several aspects: community, value of the place, identity, independent practices, autonomy, valuing the memory of different social groups, social justice, documenting for safeguarding, decoloniality, power and politics, social movements, among others.

In Community Archives, communities control the narrative, since the actions of recording, organizing and disseminating information are carried out collectively. Such behavior proves to be an activity to safeguard memory and cultural heritage, in addition to ensuring the representativeness of the social group, being it relevant the “[...] ativismo arquivístico, que vê a produção de história como uma prática participativa, uma forma de atividade cultural e política” (Gilliland; Flinn, 2013, p. 9, tradução nossa)²². Nevertheless, in this research, it is argued that the archives and the safeguarding of memory must reflect the people as a whole and in all its forms, in line with what DeMarco (2016) advocates when expressing that the archives must be reflected for the people and by the people. This way, citizen participation is essential, in partnership with archivists to safeguard the memories of social groups, strengthening them, and, as Poole points out (2020, p. 668, tradução nossa)²³ “[...] o trabalho de informação dos arquivos comunitários afirma a natureza politizada do lugar e do espaço”.

Accompanying a global movement to strengthen the memory of historically *peripheralized* groups, such as women, blacks, indigenous peoples, the LGBTQIA+ community, among others, Brazil has seen initiatives for community archiving, which can be observed, among many spaces, in the Information Science literature, for example, in studies involving Working Groups (WG) 9 'Museum, Heritage and Information' and 10 'Information and Memory', of the National Meeting for Research in Information Science (Enancib, *online*). Within these WG, beneficial experiences of Community Archives are indicated, addressing resistance, decoloniality, inclusion and the democratization of information.

In short, archives are potential innovation tools and beyond, as they are cultural units, can ensure that innovation is decolonial, that stories and memories, when recorded, are respected and protected. They are able to articulate diverse actors, themes and objectives, fostering creativity and solidarity. Community, democratic and living archives are the path to a more peaceful society, being the necessary elements to achieve Globalization in Solidarity.

SUSTAINABLE DEVELOPMENT GOALS AS A GUIDING PRINCIPLE

Considering that archives are essential cultural units for the intelligence of societies and instruments of citizenship, memory and information, they constitute a strategic tool for innovation with a community, inclusive and decolonial bias. In order to assume this role within the scope of the Technical-Scientific-Informational Environment, seeking a Globalization in Solidarity reality, in which innovation is democratic and decolonialized, one must be based on values, ideas, guidelines and policies that can help to govern their actions, such as the 2030 Agenda, with the Sustainable Development Goals (SDGs).

The 2030 Agenda was developed in 2015 and is a United Nations (UN) action plan to achieve the SDGs over the next 15 years. There are 17 goals plus 169 targets in total, encompassing different areas, such as economic, social and environment, in a balanced and integrated manner (UN, [201-]). Figure 2 illustrates the SDGs.

Figure 2 – Sustainable Development Goals



Source: UN, [201-].

In this context, according to Vitoriano (2021), goal 4) Quality Education stands out, which can incorporate archives by placing them as an educational tool in formal and non-formal instances; goal 9) Industry, Innovation and Infrastructure, in which we can think that archives are an innovation agent, being it “[...] impossível falar de desenvolvimento sem falar em dados, informação e conhecimento, especialmente na inovação” (Vitoriano, 2021, p. 353)²⁴; goal 10) Reduction of inequalities, which places this information institution as a pillar for access to quality and reliable information; goal 12) Responsible Consumption and Production, a space that archives reinforce due to its capacity for information and memory, helping to improve products and services (Vitoriano, 2021).

Moreover, according to the author, it is related to goal 11) Sustainable Cities and Communities and goal 16) Peace, Justice and Effective Institutions, in which archives can be highlighted as an agent in expanding the recovery and democratic access to information and for the promotion of peace, hence the need to strengthen these units.

By placing archives in line with the SDGs, their relevance for the human and sustainable development of society is highlighted, as well as a “[...] nova abordagem dos arquivos, enquanto instituição de preservação e acesso à informação, numa perspectiva de atuação integrada aos diversos temas da sociedade” (Vitoriano, 2021, p. 353)²⁵. By these means, we can infer that strengthened Archives and Community Archives, based on public policies, aimed at meeting the SDGs and the 2030 Agenda, for example, can become agents of construction and reconstruction of society.

FINAL CONSIDERATIONS

It is observed that innovative ideas and practices, which also respect the memory and history of a people, are potentially positive for improving the quality of life of the population. Since information proves to be the basis for the innovation process to occur, Community Archives as an information-power tool is an essential agent for ensuring the principles of representativeness of the various social groups, safeguarding memory and citizenship. Admitting that archives are an essential cultural unit for the innovation process, as there can be no innovation without information and memory, it is believed that the presence of archives in communities, cities, states and countries is essential for socially sustainable development. This presence must be ensured by means of the efforts of various social actors, for example, governments, civil society and the private sector, using tools such as laws, public policies, citizen practices, community archiving, and international guidelines such as the SDGs, which must always respect local needs and knowledge.

Working transversally with the different concepts that were addressed in this study proved to be an attempt to achieve a reality in which institutions are strong, capable of acting towards and ensuring that innovation is ongoing and, moreover, is social, democratic and decolonial, so that we can actually experience Globalization in Solidarity. If we look forward to a world where solidarity is a pillar, in which the data-information-knowledge cycle is aimed at strengthening citizenship and not reinforcing power groups, one must think about greater cooperation of social actors, with a friendly and decolonial stance.

Information Science, in its interdisciplinary quality, can function as a vector, a force that unites and makes it possible for the various social actors to cooperate in order to guarantee information for transformation, information for innovation, information for decoloniality. The result of this will be a Technical-Scientific-Informational Environment in line with Globalization in Solidarity, a world in which information does not misinform, in which science is not discredited by post-truths, in which algorithms do not reproduce human prejudices, in which technology does not exclude, rather includes, in which there is the promotion of peace, the reduction of poverty and social inequality, in which more equity and respect exists.

Considering that Community Archives are information-transformation tools, which can be enhanced by the SDGs as institutions for the promotion of peace, an academic-scientific base is needed for their development. In this regard, it is reiterated that studies originating from Information Science and Archivology are the necessary force for archives to be an instrument of Globalization in Solidarity and decolonial innovation in the Technical-Scientific-Informational Environment. This article is developed within the scope of Information Science and covers the contribution of a range of fields of knowledge, discussing the research theme in an inter, multi and transdisciplinary manner, placing the following areas as points of confluence: information, innovation and archive. Proximity to Archivology is evident, reason for our concern to enter the archival universe in order to understand the role of Community Archives today.

Thus, it would not be plausible to try to interpret and understand today's society without delving into the role of the data-information-knowledge cycle, on the innovation process and its limits, and on the importance of Community Archives as cultural units that promote peace. If space is characterized as a Technical-Scientific-Informational Environment and society lives in fierce capitalism, neoliberalism and Perverse Globalization, what actors are capable of reversing this situation? It is our responsibility, as human beings, to free ourselves from a narcissistic and anthropocentric stance and assume other roles in a space that encompasses all living beings, an attitude that will reinforce greater care and harmony with nature. In addition, it is our responsibility to restore the values of solidarity and collectivity, transforming our environment based on quality information, respect for cultural diversity and with decolonial innovation.

Cultural units, especially the Community Archives, are a virtuous alternative for achieving Globalization in Solidarity, of smart and human cities, of *Buen Vivir* Innovation, and it would be positive if they were valued as potentiating agents of collective well-being and of peace, since they are institutions of information and this is assumed as a catalyst for economic, cultural and social development. Community Archives can help minimize the negative effects of Perverse Globalization and the democratization of information, safeguarding the memory of different peoples and for the process of decolonial innovation.

Basing ourselves on assumptions that may sound utopian, such as Globalization in Solidarity, can inspire us to seek the realization of an ideal space in which development and innovation are in line with ethics and humanity. Respect for the diversity of places and cultural identities in a globalized world can be the first step towards transforming utopia into reality. Finally, we reiterate the indispensability of an inter, multi and transdisciplinary thought and attitude, based on cooperation and solidarity, seeking a society of union and equity, the results of which will be observed over time, in the plural voices of our children.

A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora. Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância. O eco da vida-liberdade (Evaristo, 2017, p. 24-25)²⁶.

REFERENCES

- ADICHIE, C. N. *O perigo de uma história única*. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALVES, M.; PAIXÃO, A. Modelos de gestão do conhecimento em redes de inovação colaborativa. In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON TECHNOLOGICAL INNOVATION, 8., 2017, Aracaju. *Anais [...]*. Aracaju, 2017. p. 461-469. Available at: <http://www.api.org.br/conferences/index.php/ISTI2017/ISTI2017/paper/viewFile/233/184>. Access on: 12 May 2020.
- AUDY, J. A inovação, o desenvolvimento e o papel da Universidade. *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 31, n. 90, p. 75-87, 2017. Available at: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142017000200075&lng=en&nrm=iso. Access on: 4 Apr. 2020.
- BELLOTTO, H. L. *Arquivos permanentes*: tratamento documental. Rio de Janeiro: FGV editora, 2004.
- BURKE, P. *O que é a história do conhecimento?* Tradução: Claudia Freire. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- CALDAS, R. F. *Unidades Culturais em Cidades Inteligentes*: proposta de modelo de práticas organizacionais baseado em casos europeus. Orientador: João Álvaro Brandão Soares de Carvalho. 2008. 400 f. Tese (Doutorado na Área Tecnologia e Sistemas de Informação) - Universidade do Minho, Portugal, 2008. Available at: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8858>. Access on: 24 Oct. 2019.
- CALDAS, R. F. Bibliotecas, arquivos e museus como centros de referência na dimensão cultural das comunidades. *Informação e Sociedade*: Estudos, João Pessoa, v. 21, n. 3, p. 57-69, Sept./Dec. 2011. Available at: <http://hdl.handle.net/11449/72651>. Access on: 24 Oct. 2019.
- DEMARCO, C. Community and Cultural Chronicles: Archives Reflected for the People by the People. *The iJournal*: Graduate Student Journal of the Faculty of Information, [s. l.], v. 1, n. 1, 2016.
- DIAZ, P. Critical archives for decolonial literacies: Cultural trauma, biography art and neo-documentalism. *The International Review of Information Ethics*, Edmonton, Canada, v. 30, n. 1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.29173/irie390>.
- ENANCIB. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. *Coordenações e Ementas de GT*. Online. Available at: <https://ancib.org/coordenacoes-e-ementas-de-gt/>. Access on: 22 June 2021.
- EVARISTO, C. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 3. ed.

Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FREIRE, I. M. Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local. *Ciência da informação*, Brasília, v. 35, n. 2, p. 58-67, maio/ago. 2006. Available at: <https://www.scielo.br/pdf/ci/v35n2/a07v35n2.pdf>. Access on: 7 Jan. 2021.

FREITAS, M. C.; SILVA, C. G. O novo e o atual na Arquivística internacional: a desmaterialização, a interoperabilidade, a organização e o uso da informação em evidência (2011-2016). In: ENCONTRO NACIONAL DE ARQUIVOS MUNICIPAIS, 12., 2016, Castelo Branco. *Anais [...]*. Castelo Branco, 2016. Available at: https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/36480/1/Art_01_BAD_2016.pdf. Access on: 15 Dec. 2020.

GILLILAND, A.; FLINN, A. Community archives: What are we really talking about? In: CIRN PRATO COMMUNITY INFORMATICS CONFERENCE, 2013, Prato, Itália. *Anais [...]*. Prato, Itália, 2013. Available at: https://www.monash.edu/__data/assets/pdf_file/0007/920626/gilliland_flinn_keynote.pdf. Access on: 15 Dec. 2020.

GONZALÉZ DE GÓMEZ, M. N. Regime de informação: construção de um conceito. *Informação e Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 43-60, set./dez. 2012. Available at: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2015/12/pdf_3c42553162_0000011948.pdf. Access on: 30 Nov. 2020.

JIMENEZ, A.; ROBERTS, T. Decolonising Neo-Liberal Innovation: Using the Andean Philosophy of 'Buen Vivir' to Reimagine Innovation Hubs. *International Conference on Social Implications of Computers in Developing Countries*, Springer, Cham, v. 552, apr. 2019.

LU, Y. C.; GRACIOSO, L. S.; AMARAL, R. M. Crowdsourcing como recurso de produção do conhecimento e da inovação: uma análise sobre seu uso potencial em bibliotecas universitárias. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. *Anais [...]*. Londrina: UEL, 2018. Available at: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/view/1102/1598. Access on: 12 May 2020.

OLIVEIRA, T. A. *Arquivos públicos como centros informacionais no contexto de cidades inteligentes ibero-americanas*. 228 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Marília, São Paulo, 2019. Available at: <http://hdl.handle.net/11449/182298>. Access on: 30 Nov. 2019.

ONU. A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. *Plataforma Agenda 2030*. [201-]. Available at: <http://www.agenda2030.org.br/sobre/>. Access on: 22 June. 2020.

PARTRIDGE, H. L. Developing a human perspective to the digital divide in the smart city. 2004. In: AUSTRALIAN LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION BIENNIAL CONFERENCE, 2004, Queensland Australia. *Proceedings [...]*. Brisbane, Australia, 2004.

POOLE, A. H. The information work of community archives: a systematic literature review. *Journal of Documentation*, [s. l.], v. 76, n. 3, p. 657-687, 2020. Available at: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JD-07-2019-0140/full/html>. Access on: 15 Dec. 2020.

RAMPAZZO, R. F. P.; VASCONCELOS, F. N. Cidades inteligentes e (quase) humanas. *Revista Políticas Públicas e Cidades*, Belo Horizonte, v. 8, n. 4, p. 27-39, 2019. Available at: <https://rppc.emnuvens.com.br/RPPC/article/view/359>. Access on: 12 May 2020.

REIS, R. C.; PINHEIRO, M. M. K.; CARDOSO, A. M. P. Inovação na economia do conhecimento: uma perspectiva interdisciplinar. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. *Anais [...]*. Marília: UNESP, 2017. Available at: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/104566>. Access on: 22 June. 2020.

SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 30 ed. São Paulo: Record Editora, 2000.

SANTOS, M. *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo: PubliFolha, 2002.

STEFANOVITZ, J.; NAGANO, M. S. Gestão da inovação: proposta de síntese conceitual. In: ENCONTRO DA ANPAD, 33., 2009, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo, 2009. Available at: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/GCT643.pdf>. Access on: 12 May 2020.

UN HABITAT. *World cities report 2016 Urbanization and Development: emerging futures*. 2016. Available at: <https://wcr.unhabitat.org/wpcontent/uploads/sites/16/2016/05/WCR-%20Full-Report-2016.pdf>. Access on: 4 Apr. 2020.

VITORIANO, M. C. C. P. Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e Políticas Arquivísticas: o papel dos arquivos municipais na Agenda 2030. *RICI: Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, v. 14, n. 1, p. 349-361, 2021. Available at: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/153366>. Access on: 20 Mar. 2021.

ACKNOWLEDGMENTS

We thank the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (Capes).

We also thank the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq).

ENDNOTES

- ¹ Original: “The archives are sites of hope and aspiration but beyond this, the archives are also sites of political struggle” (Diaz, 2021, p. 10).
- ² Translation: “Stories matter. Many stories matter. Stories have been used to plunder and slander, but they can also be used to empower and humanize. They can shatter the dignity of one people, but they can also repair that shattered dignity (Adchie, 2019, p. 32, editorial translation)”.
- ³ Translation: “[...] men chose from nature what was fundamental to the exercise of life and valued these natural conditions differently, which, without much change, constituted the material basis for the group’s existence” (Santos, 1994, p. 70, editorial translation).
- ⁴ Translation: “The geographical environment in the process of being constituted (or reconstituted) has an informational scientific-technological substance. It is neither half natural, nor half technical. Science, technology and information are at the very basis of all forms of use and functioning of space [...]. Information is both present in things and is necessary for the action taken on these things. The spaces reclassified this way mainly serve the interests of hegemonic actors in the economy and society, and, therefore, are fully incorporated into the currents of globalization” (Santos, 1994, p. 24, editorial translation).
- ⁵ Translation: “[...] globalization represents the materialization of a paradigm that takes shape from the moment a new input assumes the role of a ‘key factor’ in the development of productive forces: information” (Freire, 2006, p. 58, editorial translation).
- ⁶ Translation: “[...] the source of new totalitarianisms, more easily accepted thanks to the confusion of the spirits that settle in” (Santos, 2000, p. 19, editorial translation).
- ⁷ Translation: “all places are global, there is no global space. Those who globalize are, in fact, the people” (Santos, 1994, p. 13, editorial translation).
- ⁸ Translation: “the current city, strength belongs to the ‘slow’, as they do not share images, often prefabricated, which are far from reality, and eventually learn fables” (Santos, 1994, p. 41, editorial translation).
- ⁹ Translation: “A world of solidarity will produce many jobs, expanding peaceful exchange between peoples and eliminating the belligerence of the competitive process, which reduces labor every day. It is possible to think about a world of well-being, where men will be happier, another type of globalization” (Santos, 2002, p. 80, editorial translation).
- ¹⁰ Translation: “[...] it seems to be an interesting tool to situate and analyze the relationships of a plurality of actors, practices and resources, in light of the specific transversality of actions, means and effects of information [...]” (González De Gómez, 2012, p. 43, editorial translation).
- ¹¹ Translation: “[...] as a plexus of relations and agencies, an information regime is exposed to certain possibilities and cultural, political and economic conditions, which are expressed and constituted in it.” (Gómez, 2012, p. 43).
- ¹² Translation: “[...] the relationships between science, technology and development are interactive, [...] having people as the main driving force of a virtuous cycle, research as a basis, innovation as a vector and development as a consequence” (Audy, 2017, p. 75, editorial translation).
- ¹³ Translation: “[...] the idea is that when these networks bring innovation and learning into an environment where people are willing to share knowledge, a knowledge fusion process takes place” (Alves; Paixão, 2017, p. 464, editorial translation).
- ¹⁴ Translation: “[...] the most innovative nations are those in which the intersection of different knowledge is encouraged and provided by an innovation system in which interdisciplinarity is privileged” (Reis; Pinheiro; Cardoso, 2017, p. 15, editorial translation).
- ¹⁵ Translation: “[...] the ‘source of the crowd’ – that is, crowdsourcing designates a practice that uses collective intelligence to generate innovation (open or social)” (Lu; Gracioso; Amaral, 2018, p. 2910).
- ¹⁶ Original: “Cities are the platforms for global and local changes in the 21st century. Urban landscapes are the convergence areas of economies, cultures, political and ecological systems.” (Un Habitat, 2016, p. 161).
- ¹⁷ Translation: “[...] this is the fragmenting and uneven side of globalization, since it does not spread homogeneously and equally throughout the world. Cities in times of globalization are characterized by various social contrasts.” (Rampazzo; Vasconcellos, 2019, p. 29, editorial translation).

¹⁸ Original: “[...] following the Buen Vivir paradigm, innovation takes a collective form that supports mutual respect for each other and the natural world. Collective processes would be valued and innovation would be effectively benefiting common goods, instead of individuals.” (Jimenez; Roberts, 2019, p. 187).

¹⁹ Original: “[...] in an increasingly unequal world, with enormous environmental and ecological risks, is ‘Another innovation possible?’” (Jimenez; Roberts, 2019, p. 187).

²⁰ Translation: “[...] cultural units (CUs) generate great repercussions in their localities and make knowledge a differential for the growth of the cultural sphere in their communities” (Caldas, 2008, p. 59, editorial translation).

²¹ Translation: “[...] the archives resize their structural spaces in parallel with the political, economic and social environment of the communities and translate society and its organic sphere of informational action” (Caldas, 2011, p. 57, editorial translation)

²² Original: “[...] archival activism, which sees the production of history as a participatory practice, a form of cultural and political activity” (Gilliland; Flinn, 2013, p. 9).

²³ Original: “[...] the informational work carried out by community archives affirms the politicized nature of place and space” (Poole, 2020, p. 668).

²⁴ Translation: “[...] impossible to speak of development without speaking of data, information and knowledge, especially in innovation” (Vitoriano, 2021, p. 353, editorial translation).

²⁵ Translation: “[...] new approach to archives, as an institution for the preservation and access to information, from a perspective of integrated action to the various themes of society” (Vitoriano, 2021, p. 353, editorial translation).

²⁶ Translation: “My daughter’s voice carries speech and action within itself. Yesterday – today – now. Resonance will be heard in my daughter’s voice. The echo of life-freedom” (Evaristo, 2017, p. 24-25, editorial translation).

Bibliography in the digital age: challenges to ensure the democratization of information access

Marcelo dos Santos

PhD in Electrical Engineering - Electronic Systems, Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (EP/USP), São Paulo, SP, Brasil.

Professor Doctor of the Departamento de Informação e Cultura da Escola de Comunicações e Artes of Universidade de São Paulo (CBD-ECA/USP), São Paulo, SP, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5722744510274635>

E-mail: mar.santos@usp.br

Date of submission: 19/08/2022. Data of approval: 03/01/2023. Date of publication: 22/09/2023.

ABSTRACT

Introduction: The Bibliography has a mediation function, which is extremely important to ensure information access, appropriation, and use. However, even nowadays, marked by the intense use of information and communication technologies (ICTs), democratizing information access still faces barriers regarding the accessibility (physical and cognitive) and usability of products or information systems. **Objectives:** With attention to the Bibliography principles, we reflected on the challenges related to the bibliographic work aiming to democratize information access in modern digital environments. **Methodology:** This exploratory research is based on bibliographic surveys, analysis, and systematization of findings. **Results:** Taking social inclusion as an empirical object and step towards achieving social justice, two challenges emerged. The first is related to comprehending the subject in a bibliographic work. And the second is associated with identifying the potential user, their informational demands, and contexts in which these demands arise, aiming to provide accessibility and usability, taking into account the user-content-context triad and relying on the facilities offered by the modern digital environments. **Conclusions:** The Bibliography principles are relevant resources to ensure information access democratization. However, given the intensive use of ICTs, the same principles that guide the bibliographic work should be rethought in light of the potential users of information products and services, their needs, and their respective usage contexts. At the same time, in the scope of ICTs, it is understood that such products and services must be part of an integrated network with other services/information products.

Keywords: bibliography; information user; informational accessibility; digital age.

INTRODUCTION

Contemporary society has benefited from various technological advancements from diverse scientific developments, including information and communication technologies (ICTs). These advancements have facilitated progress in different areas and transformed people's daily lives, particularly concerning social interactions. Such improvements are partly due to the widespread use of digital devices, which have also increased the volume, speed, and variety of information – and consequently, knowledge – produced and shared daily across different social spaces.

One of the potential applications of information is in the intellectual development of individuals. This same application also allows us to qualify information as a tool that assists and enables inclusive practices, such as those designed to ensure social justice. Thus, it is evident that, among other aspects, information

[...] possibilita ao cidadão a ampliação do conhecimento, produção de conteúdo, identidade cultural e organização de ideias que inevitavelmente resultam em profundas mudanças na forma de pensar, estudar, trabalhar e se comunicar. Todo cidadão é merecedor de um nível de participação e apropriação do sentido da informação, dentro de uma linha de ação individual ou coletiva, que o torne mais informado na sociedade na qual está inserido (Targino; Torres; Alves, 2012, p. 35)¹.

Therefore, it is noticeable that democratizing access to information is highly beneficial and necessary, especially in today's world. In this sense, considering one of the perspectives of the Bibliography, which relates it to activities inherent to “[...] tratamento documental [...] do ponto de vista de sua descrição, classificação, circulação e mediação” (Araújo, 2015, p. 119)², the present study aims to reflect on the challenges inherent to bibliographic work striving to promote the democratization of access to information in modern digital environments.

For this purpose, this study assumes that the principles of the Bibliography could be (re)visited and (re)thought in the light of contemporary digital information environments, considering how the general (especially the “common citizen”) access and uses in their everyday activities.

To some extent, the production, organization, distribution, and consumption of information in these environments have particular dynamics since the contexts surrounding use and users³ are diversified. Therefore, it is necessary to consider multiple variables, such as cultural, economic, and cognitive factors.

Among the initial aspects that guided the development of this study were: (1) the mediating function of the Bibliography, as seen by Araújo (2015) and Lara (2018); and (2) the observations of Alentejo (2015) and Lara (2018) regarding bibliographic work practices in the present day, given the convenience offered by ICTs.

Regarding the first aspect, Lara (2018) explained that

[a] bibliografia seria, primeiramente, um instrumento ou veículo de informação que desempenha uma função positiva ou negativa, conforme a intenção de fazer circular ou restringir o uso dos livros (a mediação positiva ou a mediação negativa). (Lara, 2018, p. 132)⁴.

Additionally, concerning the second aspect, the information available in digital environments still needs to be better investigated, considering the dynamics involved in the production, intermediation, and use of this information. In general,

[a] World Wide Web ou WWW ou Web tem se apresentado como espaço a ser explorado considerando a atratividade entre as dimensões subjetiva e social de informação, sobretudo no tocante às novas formas de interação e intervenção proporcionadas por esse ambiente digital e em rede (Rabello, 2017, p. 104)⁵.

Therefore, it is possible to assume that many of the principles used in bibliographic work can contribute to overcoming challenges inherent in democratizing information access in digital environments since the

Web se apresenta como um espaço virtual que permite distintas formas de inter-relação de conteúdos, de fluxos de informação, em canais ou fontes de informações em justaposição mediante interconectividade hipertextual (Rabello, 2017, p. 104)⁶.

While, on the one hand, there are restrictions on the access and use of ICTs in everyday life, on the other hand, there are opportunities for these technologies to be more widely used in mapping and representing knowledge aiming to promote the integration and interoperation of sources of information in relevant areas, such as social justice.

METHODOLOGY

This study analyzes bibliographic surveys applying a qualitative research approach (Minayo, 2002) of exploratory nature (Dencker; Viá, 2001) to present brief systematization of the research findings and the challenges identified.

In terms of the documents consulted and studied, this research drew upon books, specialized journal publications, legislation, technical standards, manuals, and scientific conference proceedings to first acquaint itself with the theoretical object of the study (Bibliography), as well as the concepts associated with contemporary digital information environments. Thus, the process of searching and selecting the literature surveyed and studied was supported by descriptors (in Portuguese and their English and Spanish equivalents) such as Bibliography, informational accessibility, information user, social justice, social inclusion, democratization of access to information, Web evolution, digital libraries, and digital information environments. The survey was conducted employing digital tools such as the online repositories Periódicos CAPES, Scopus, Base de Dados de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), Portal Scielo, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações of Universidade de São Paulo, Web of Science, among others. Given that the investigation adopted concepts widely used in Library and Information Sciences, the literature surveys did not observe any chronological framework, but it prioritized publication of Brazilian scholars, including reference works in the areas closely related to this investigation.

As for the structure and organization of this study, the papers begins with a general bibliographic review, followed by an analysis of the World Wide Web (WWW) relating its evolution with the one perceived in those of libraries and repositories, also covering the concepts of information user, accessibility, and usability, in order to frame the challenges of democratizing access for potential users of information products and services. Finally, the paper offers some considerations on these challenges, taking social inclusion as the empirical object and one of the supporting steps to social justice practices.

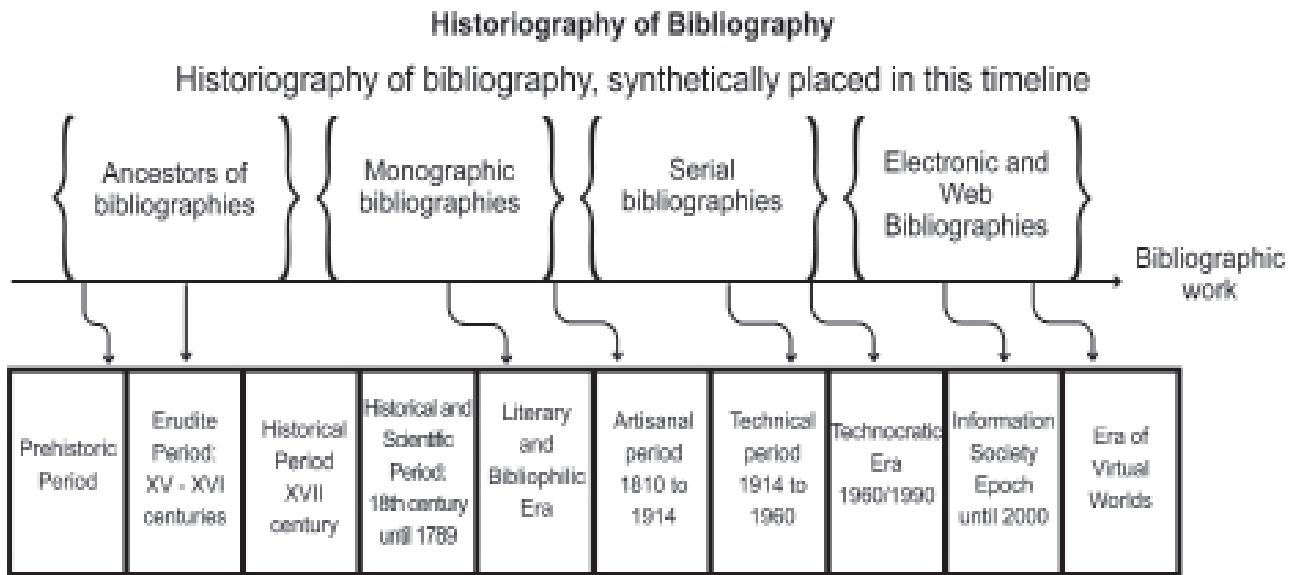
AN OVERVIEW OF BIBLIOGRAPHIC WORK

Although understanding the characteristics and origins of the scientific foundations that guide bibliographic work is relevant, this study does not aim to present a history of Bibliography. Works such as those of Balsamo (1998), Alentejo (2015), Araújo (2015), Ortega and Carvalho (2017), and Lara (2018), among others, provide essential contributions on the history and evolution of the Bibliography, qualifying it as a science that is not limited to offering a product.

Figure 1 – created by Alentejo (2015) using the works of Walter W. Greg, Theodore D. N. Besterman, Louise N. Malclès, Laura M. de Figueiredo, and Lélia G. C. da Cunha – shows a chronological overview of the development of bibliographic work, indicating the types of bibliographies and when they were produced. This figure indicates that the bibliographic work can be adapted to each era's social contexts and technologies.

Regarding products or systems/services arising from bibliographic works, Ortega and Carvalho (2017) listed:

[...] bibliografias nacionais; bases de dados especializadas; bases de dados cadastrais (eventos, especialistas, outros); catálogos comerciais (de livrarias, por ex.); sistemas de informação ao cidadão; bases de dados bibliométricas; sistemas de produção de revistas eletrônicas; e portais de informação da Internet. (Ortega; Carvalho, 2017, p. 38)⁷.

Figure 1 – *Timeline of the Bibliography's Evolution*

Source: Alentejo (2015, p. 44, editorial translation).

Such products or systems/services are created considering the information in documents that have undergone a previous selection, organization, storage, and availability check to meet the user's informational needs.

Despite the manifold contributions to document treatment, founded on theoretical and methodological, “Bibliografia é um termo polissêmico utilizado para nomear um produto, uma atividade, um campo disciplinar” (Lara, 2018, p. 128)⁸.

This ratifies the difficulty in establishing consensus about this term, as Araújo (2015) presented, and along this line. The same author (Araújo, 2015) highlighted two interfaces (or spheres): (1) the librarianship and (2) the material. The first focuses on documental processes (production, selection, organization, access, and mediation), and the second emphasizes the (physical) materiality of the document (traditionally, referring to books).

Still, regarding the definitions of the term, Lara (2018), based on Luigi Balsamo's work, underlined the cultural dimension of the Bibliography produced by cultural dissemination actions.

This phenomenon occurs because bibliographies and repertoires are also seen as mediation tools (Araújo, 2015; Lara, 2018) that enable cultural and documentary transmission, among other possibilities. Additionally, such tools usually present an “index,” which records and identifies different works. Therefore, they are instruments that disseminate what is known about a particular subject at a given time and allow one to access the selected works.

In this sense, the same instruments allow for visualizing memory and cultural dissemination functions, making them products/systems/services of public interest. Thus, for better use of these instruments in digital environments, and also the integration and interoperability of such instruments with other services, one of the contemporary challenges is to allow their use by different audiences and in diverse contexts while respecting, among other aspects, two of Ranganathan's dictums, as Lara recalled (2018): (1) “todo leitor tem seu livro” (Lara, 2018, p. 146)⁹ and (2) “todo livro tem seu leitor” (Lara, 2018, p. 146)¹⁰.

In such regard, Lara (2018) presented the need to “estabelecer a relação documentos-públicos, o que demanda identificar elos de significação por meio dos quais as trocas entre emissão e recepção possam acontecer com mais acuidade” (Lara, 2018, p. 146)¹¹.

Such issues could be overcome using ICTs, and the latest versions of the Web (e.g., Web 4.0) with the help of elements associated with the user's identity, usage context, ubiquity, and connectivity of information systems/services, minimizing possible impacts regarding the fact that "not everything displayed in collections (and/or archives) is suitable for everyone." Therefore, it is possible to speculate that the demands of a community for using a product or service/system can be expanded if such products are tailor-made considering the user and context of such community. This action would somewhat require considering the attributes of form, content, accessibility, and usability of information products or systems/services derived from bibliographic work.

Considering bibliographic work as "[...] aquele que se ocupa de referenciar o conhecimento produzido por meio de sistemas, serviços e demais ações que possibilitem o uso qualificado da informação" (Ortega; Carvalho, 2017, p. 43)¹², and given the wide use of ICTs in producing, transmitting, and consumption of information, one can always perceive Bibliography's contribution in implementing information products/systems/services in digital environments aiming at the general public (e.g., government services).

Therefore, specifically in social inclusion initiatives, it is necessary to have diversified and complete sets of information available. For, in the words of Relinda Kohler, "[u]ma bibliografia nacional geral pobre dá idéia de uma produção intelectual também pobre, já que aquela reflete o estado da cultura do povo que representa" (Kohler, 1977, p. 188)¹³. Moreover, when inclusion is of concern, the lack of access to informational content due to "inadequate" or "incomplete" bibliographic work constitutes a barrier to accomplish the inclusion mentioned above, intending to realize practices of social justice.

THE WORLD WIDE WEB AND TODAY'S LIBRARIES

Regarding the issue of access to information in the current age of connectivity and networks, Alentejo (2015) highlighted the need for local instrument entries (for example, a library catalog) to serve as nodes in a connectivity web of diverse environments (Amazon, WorldCat, Google, PubMed) such as the libraries collections, for,

[...] no ambiente da informação em rede, o controle bibliográfico não pode continuar a ser visto como sendo limitado a catálogos de bibliotecas ou aos serviços de resumos e índices. Isso sugere que no contexto do trabalho bibliográfico, os serviços e produtos bibliográficos passaram a abarcar temas que são de interesse ao campo da Bibliografia, tais como: sistemas de informação federados; busca federada; sistema de coleta de metadados [...] e inteligência coletiva [...], preservação digital [...] e arquitetura da informação [...]. (Alentejo, 2015, p. 30)¹⁴.

There is currently a strengthening of human ties with the digital world due to the ubiquitous nature of the Internet. In part, this gives one the feeling of being "always connected," changing how people access, use, interact with, and share information. Such a sensation has led to little differentiation between "online" and "local". Thus, there are plenty of digital communication services in ever-faster mobile networks (5G, for instance) capable of dealing with various tasks that previous technologies could not. However, the high costs restrict such services to only a fraction of the population.

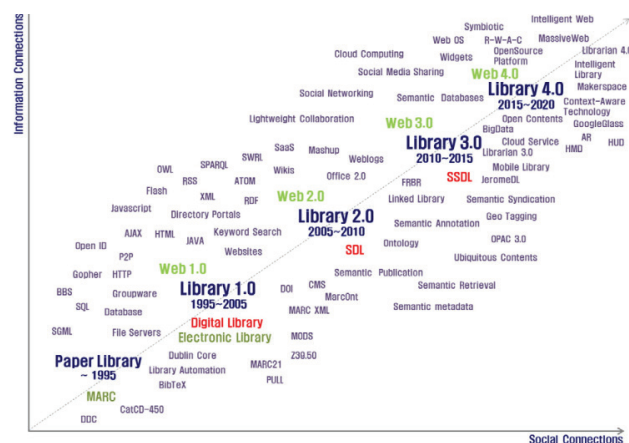
Concisely speaking, there were four characteristic moments in the evolution of the WWW (Noh, 2015): Web 1.0 (one-dimensional or sharing; Web of reading; personal pages and websites are examples of some services), Web 2.0 (user participation or interaction; Social web; Web of reading and writing; online social networks, blogs, and Wikis being good examples), Web 3.0 (Semantic or immersive Web; enables reading, writing, and execution of tasks; integration of different services, delivery of personalized services and more significant interaction between users and equipment, including platforms of large companies such as Google and Amazon) and Web 4.0 (Smart Web; with own agents for reading, writing, execution, and cooperation; a goal of offering only the necessary information and as needed).

This evolution, according to Patel (2013) and Noh (2015), has its onus and bonuses and leads to an increasingly close relationship between users (people) with ICTs.

Keeping pace with the web's evolutions, and the new volume and dynamics of production, circulation, availability, and access to information, the instruments and strategies used in information retrieval have also undergone improvements (Noh, 2015). For example, from the folders and files from the era of the personal computer and Web 1.0, we moved on to search based on keywords; in Web 2.0 (Social Web), the concept of tagging emerged; in Web 3.0 (Semantic Web), efforts have been made to develop searches based on natural language processing, resulting in popular equipment such as Amazon's Alexa. In turn, Web 4.0 (Intelligent Web) focuses on inference processes and enhancing products and services developed in the previous Web versions.

These developments are also being felt and influencing different information devices, such as public, community, thematic, specialized libraries, museums, archives, and information services for citizens. Such innovations require reevaluating how information is offered, which also implies considering other variables in current documentary treatment based on Bibliography. Therefore, in line with what Alentejo (2015) and Lara (2018) noted about the resignification of bibliographic work in the digital age, it is equally necessary to observe what Noh (2015) exposed (figure 2) about the evolution of libraries in this new era. Thus, as social connections increase, so do informational connections, requiring specialized information organization and retrieval tools.

Figure 2 - Library 4.0 development process



Source: Noh (2015, p. 795).

Noh's (2015) view on the evolution process of what has been called Library 4.0 shows several protocols and strategies for organizing, accessing, distributing, and providing information. Another aspect to consider in this scenario is interoperability, as both informational and social connections have grown substantially, which also tends to impact bibliographic works.

USERS, ACCESSIBILITY, AND USABILITY

When addressing the concept of information system/service, in the view of Rabello and González de Gómez (2017), such a concept must be understood as

[...] o ordenamento lógico de informação com vistas a atender às necessidades de determinada comunidade. Sistemas dessa natureza geralmente estão estruturados em subsistemas, por meio dos quais tornam possíveis, após armazenamento de informação, os processos de organização, disseminação, acesso e recuperação (Rabello; González De Gómez, 2017, p. 26)¹⁵.

Likewise, Fujino (2000) previously regarded information service as “[...] o conjunto de atividades sistemáticas, cujo objetivo é possibilitar ao usuário, o acesso às fontes de informação, para atender a necessidades específicas” (Fujino, 2000, p. 48)¹⁶. He also highlights that evaluating the contexts of production and use of information is necessary.

Fujino's remarks are in line with what Foskett (1969) presented as the social function of an information service: "investigar o que se conhece acerca de determinado assunto e proporcionar ao consulente tanta informação quanto seja necessária, a fim de preencher uma lacuna em seu conhecimento" (Foskett, 1969, p. 15)¹⁷. This task correlates to bibliographic work since,

[...] instituições como biblioteca, museu, arquivo, centro de documentação e unidades informacionais afins podem ser considerados sistemas infraordenados por subsistemas, como acervos, coleções, fundos arquivísticos, exposições museais; estes, por sua vez, têm sua operacionalização quando infraordenados por subsistemas tecnológicos, como bases de dados, catálogos, bibliografias, índices, dentre outros instrumentos para organização e recuperação da informação (Rabello; González De Gómez, 2017, p. 27)¹⁸.

In a way, preparing and delivering information services and systems typically involve producers, intermediaries, and consumers of information. Thus, regarding the "consumers", also referred as users it is important to highlight that

[o] usuário é um elemento fundamental de todos os sistemas de informação, pois a única justificativa das atividades destes sistemas é a transferência de informações entre dois ou mais interlocutores distantes no espaço e no tempo (Guinchat; Menou, 1994, p. 481)¹⁹.

Therefore, this paper also recognizes that "[o] usuário deve ser a base da orientação e da concepção das unidades e dos sistemas de informação, a serem definidos em função de suas características, de suas atitudes, de suas necessidades e de suas demandas" (Guinchat; Menou, 1994, p. 482)²⁰. Such elements also influence the implementation of the technological subsystems, as identified by Rabello and González de Gómez (2017).

Similarly, Sanz Casado (1994) considered an information user an individual (person) who needs information to perform a particular task. However, with the evolution of ICTs, such as natural language processing technologies and conversational robots (chatbots), we are currently seeing the emergence of both human and non-human users.

This situation indicates that we need to pay better attention to the interactions that specific computational algorithms operate regarding searching, analyzing, and inferencing specific informational content, both on web pages and databases in general.

Given the importance of the user in the development of products or services/information systems, user studies have emerged as

[...] investigações que se fazem para saber o que os indivíduos precisam em matéria de informação, ou então, para saber se as necessidades de informação por parte dos usuários de uma biblioteca ou de um centro de informação estão sendo satisfeitas de maneira adequada (Figueiredo, 1994, p. 7)²¹.

To this end, there are several approaches, as those presented by Rabello (2013; 2017) and González-Teruel (2005; 2017).

Complementarily, considering that informational environments mimic spaces of symbolic exchanges, the conditions of access and use - respectively, accessibility and usability - must be evaluated regarding the implementation of these environments considering particular characteristics of the user communities to which the products or services/information systems are intended. Thus, particularly in the digital era, the full use of digital information environments by heterogeneous groups of users depends on understanding the variables present in the "user-content-context" triad presented by Morville and Rosenfeld (2006) from the perspective of Information Architecture. For this triad generally seeks to provide better access conditions and use of information services/systems.

Particularly in the Brazilian context, item I of article 3 of Law nº 13,146 (Brasil, 2015) stipulates the definition of accessibility as

[...] possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (Brasil, 2015, p. 1)²².

Despite being very important, it becomes noticeable that the Law mentioned above deals with accessibility from a physical point of view, aiming to enable the user to ‘reach’ the services. The same Law also lists a set of barriers and addresses assistive technologies, including communication guidelines and universal design principles. For example, the Brazilian Standard (NBR) 9050, from ABNT (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2015), also addresses physical accessibility for buildings, furniture, spaces, and urban equipment, including the disposition of anthropometric parameters. These principles contributed, in part, to creating better conditions for use. However, such conditions are still insufficient for information services’ universal use.

Regarding this matter, it is essential to observe that physical access or the ability to “reach” products or services/information systems does not ensure universal use. Regarding products or services/information systems, in addition to the physical accessibility that respects the capabilities and limitations of each person, it is necessary to guarantee that the user can effectively appropriate the informational content available. Considering the triad ‘user-content-context’ mentioned by Morville and Rosenfeld (2006), this also requires observing the form of presentation of informational content and the interactions that users establish with these contents.

Therefore, when providing products or services/information systems resulting from bibliographic work, it is also essential to consider Fujino’s (2017) reflections about accessibility and the challenges this represents for user studies when correlated to the Law of Access to Information (LAI). As Fujino (2017) argues,

[...] na Ciência da Informação, a acessibilidade informacional depende do conhecimento das necessidades de informação do potencial usuário, além dos aspectos que envolvem a infraestrutura para acesso e divulgação, condições fundamentais para o desenvolvimento de mediações que viabilizem o acesso cognitivo e apropriação das informações pelo usuário (Fujino, 2017, p. 237)²³.

In regards to usability in connection with the NBR 9241-11, which focuses on the use of computers or computer systems, the term (usability) refers to “[m]edida na qual um produto pode ser usado por usuários específicos para alcançar objetivos específicos com eficácia, eficiência e satisfação em um contexto específico de uso” (Associação Brasileira De Normas Técnicas 2002, p. 3)²⁴. This definition encompasses crucial elements: a product or system used in a given context and with predefined objectives; such uses produce a result that, when compared with the objectives mentioned above, can generate some measures of effectiveness, efficiency, and satisfaction.

Additionally, according to NBR 9241-11,

[a] ISO 9241-11 enfatiza que a usabilidade dos computadores é dependente do contexto de uso e que o nível de usabilidade alcançado dependerá das circunstâncias específicas nas quais o produto é usado. O contexto de uso consiste de usuários, tarefas, equipamentos (hardware, software e materiais), e do ambiente físico e social, pois todos esses podem influenciar a usabilidade de um produto dentro de um sistema de trabalho. As medidas de desempenho e satisfação do usuário avaliam o sistema de trabalho como um todo, e, quando um produto é o foco de interesse, estas medidas fornecem informações sobre a usabilidade daquele produto no contexto particular de uso proporcionado pelo restante do sistema de trabalho. Os efeitos das mudanças em outros componentes do sistema de trabalho, tal como: tempo de treinamento do usuário ou melhoria de iluminação, podem também ser medidos pelo desempenho e satisfação do usuário (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 2)²⁵.

In this regard, it is worth highlighting that some of these standard norms may shed light on some aspects of the bibliographic work. Firstly, the standards mention the “specific context of use,” as defined by “[u]suários, tarefas, equipamento (hardware, software e materiais), e o ambiente físico e social no qual um produto é usado” (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 3)²⁶.

The standard norms further explain that the user is the “[p]essoa que interage com o produto” (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 3)²⁷. On the other hand, the norm also presents the definition of something difficult to measure: satisfaction.

According to NBR 9241-11, this concept (satisfaction) is defined as “[a]usência do desconforto e presença de atitudes positivas para com o uso de um produto” (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 3)²⁸. Although these parameters are sometimes abstract and difficult to estimate, it is necessary to consider them, at least in terms of strategies for offering access and presenting sensitive content (for example, specialized or confidential content).

RESULTS AND DISCUSSIONS

The development of this study was based on the democratization of access to information in contemporary times, particularly in modern information environments. In order to achieve this, the focus was placed on the conditions of “[...] produção e difusão de documentos (instrumentos) de registro, organização, representação, acesso e mediação da cultura escrita” (Araújo, 2015, p. 120)²⁹ in digital environments, which have a constant presence in people’s daily lives. As a result, several challenges have emerged that must be overcome:

- Understand and comprehend the empirical object upon which bibliographic works will be developed;
- Identify the potential users of the products/services of bibliographic work, their information demands, and the contexts in which these demands arise to provide accessibility and usability, utilizing the advantages offered by the digital environment;
- Offer tools to access and utilize the information that diverse audiences can use in varied contexts;
- Provide a digital interface to the information user, based on the principles of Web 4.0, respecting the “user-content-context” triad (Morville; Rosenfeld, 2006);
- Consider local instrument records (e.g., library catalogs) as nodes in a web of connectivity among different environments with library collections, as highlighted by Alentejo (2015); and

- Observe interoperability principles (Andrade; Lara, 2018) of information systems, aiming to ensure the connectivity of different information environments.

If we take social inclusion as an empirical object as an example, with social inclusion being understood here as the means to achieve social justice and “dar a cada um o que lhe é devido” (Barzotto, 2003, online)³⁰, it would be necessary to observe the following steps: (1) “[...] considerar o tipo de relação social que a justiça social se propõe a regular” (Barzotto, 2003, online)³¹; (2) “[...] determinar qual é o bem buscado pela justiça social” (Barzotto, 2003, online)³²; (3) “[...] qual é o tipo de atividade em que a justiça social é aplicada” (Barzotto, 2003, online)³³; and (4) “[...] explorar como se manifestam na espécie justiça social, os elementos do gênero justiça: alteridade, dever, adequação” (Barzotto, 2003, online)³⁴. These four stages exemplify a context in which bibliographic works can be developed, as highlighted by Ortega and Carvalho (2017).

[...] considerando as práticas seculares de produção de repertórios bibliográficos e aquelas realizadas em bibliotecas, podemos dizer que conteúdos selecionados, descritos e ordenados segundo interesses previamente identificados se mostraram socialmente relevantes, conduzindo a composições disciplinares próprias (Ortega; Carvalho, 2017, p. 38-39)³⁵.

Once we know the empirical object on which the bibliographic works will be developed, it is then necessary to identify potential users (or communities) since,

[...] a Informação, vista como instrumento para Inclusão Social, só tem sentido se puder contribuir para empoderar cidadãos na construção de uma sociedade em que comunicação, educação e cultura tenham como base o respeito à[s] diferença[s] e a igualdade de oportunidades para todos (Fujino, 2017, p. 238)³⁶.

At this point, it becomes evident that ensuring accessibility (physical and cognitive) to contents and their usability are vital concerns. However, for information products or systems/services intended for the general public and made available in digital environments, ICTs offer some possibilities, such as: providing an adequate interface for user-system interactions based on users' context (e.g., context-aware applications); natural language processing, including conversational robots (chatbots); standards for interoperability and information exchange; presentation of multimedia information (e.g., texts, sounds, images, and videos); and interactions with other user communities, including experts or gatekeepers (Kremer, 1981).

Works such as those by Alentejo (2015) and Lara (2018) offer meaningful and necessary reflections for rethinking bibliographic work in digital environments, especially concerning the information access democratization. Despite substantial scientific and technological advances, many people need information access to exercise citizenship. In contrast, others struggle to use existing products/services/information systems due to the cost of ICTs, interface complexity, and lack of practical use for daily activities/needs.

Regarding the products or information systems/services resulting from bibliographic work in the digital era, a relevant challenge remains - how to conform users' needs with what is offered by these products/systems/services, including the tasks of each user, in order to enrich experiences. As noted by Shneiderman (2006), from the perspective of usability of these information environments, considering that ICTs "[...] são mais apreciadas quando os usuários têm a sensação de segurança, domínio e realização" (Shneiderman, 2006, p. 13)³⁷. This observation can also be extended to bibliographic work products considering their peculiarities.

FINAL CONSIDERATIONS

Currently, in the digital era, we still need to overcome several challenges to ensure democratic and inclusive offer of information. Based on the objective of this paper, the theoretical contributions examined, and the results obtained, one conclusion is that bibliographic work represents an important area of research today. The principles surrounding it support the planning and offering of products and/or systems/services of information integrated with other products/systems/services, making them more suitable for user communities, especially in social inclusion initiatives.

Assuming that social connections increase alongside informational connections, we observe that the need for appropriate instruments for organizing and retrieving information must be adapted to these connections. The same principle applies to different information institutions - such as libraries (public, community, thematic, specialized), museums, archives, and other information services offered to the public. Therefore, it is necessary to rethink the offering of information products and services, which also implies considering other contemporary variables in document treatment.

The research for this paper was curtailed by a lack of studies about information users affected by social justice initiatives that consider the specificities and contexts of such initiatives. Another limitation concerns the scarcity of instruments for evaluating information offerings regarding social justice initiatives developed in different social groups. In terms of novel and original research, there is a need to expand investigations on Bibliography in the digital era that take into consideration different propositions and implementations of strategies that promote the interoperability of information systems/services in digital environments alongside collections of information institutions (e.g., libraries, archives, museums, and information services for the general public). Another research opportunity would be using bibliographic works or principles to develop tools designed for automatic responses which are based on artificial intelligence algorithms.

BIBLIOGRAPHY

ALENTEJO, E. S. Bibliografia: caminhos da história contada e da história vivida. *Informação & Informação*, Londrina, v. 20, n. 2, p. 20-62, 2015. DOI 10.5433/1981-8920.2015v20n2p20.

ANDRADE, J.; LARA, M. L. G. Interoperabilidade e mapeamentos entre sistemas de organização do conhecimento: Bioportal do National Center for Biomedical Ontology-NCBO. *Revista de Saúde Digital e Tecnologias Educacionais [online]*, v. 3, p. 43-61, 2018. Edição especial. Available at: <http://periodicos.ufc.br/resdite/article/view/39704>. Access on: 5 Aug. 2022.

ARAÚJO, A. V. F. Pioneirismo bibliográfico em um polímata do séc. XVI: Conrad Gesner. *Informação & Informação*, Londrina, v. 20, n. 2, p. 118-142, 2015. DOI 10.5433/1981-8920.2015v20n2p118.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). *Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos* (NBR 9050:2015). Rio de Janeiro: ABNT, 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). *Requisitos ergonômicos para trabalho de escritórios com computadores: parte 11 - Orientações sobre usabilidade*. (NBR 9241-11:2002). Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

BALSAMO, L. *La bibliografía: historia de una tradición*. Madri: Trea, 1998. 214 p.

BARZOTTO, L. F. Justiça social: gênese, estrutura e aplicação de um conceito. *Revista Jurídica Virtual*, Brasília, DF, v. 5, n. 48, maio 2003. 21 p. Available at: <https://revistajuridica.presidencia.gov.br/index.php/saj/article/view/747/738>. Access on: 6 Aug. 2022.

BRASIL. *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). 2015. Available at: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Access on: 1 Aug. 2022.

DENCKER, A. F. M.; VIÁ, S. C. *Pesquisa empírica em ciências humanas: com ênfase em comunicação*. São Paulo: Futura, 2001.

FIGUEIREDO, N. M. *Estudos de uso e usuários da informação*. Brasília, DF: IBICT, 1994.

FOSKETT, D. J. *Serviço de informação em bibliotecas*. Tradução de Antônio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo: Polígono, 1969. 160 p.

FUJINO, A. *Serviços de informação no processo de cooperação universidade-empresa: proposta de um modelo de mediação institucional para micro e pequenas empresas*. 2000. 272 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

FUJINO, A. Acessibilidade informacional de pcd no contexto da lei de acesso à informação: desafios para estudo de usuários. *Informação em Pauta*, Fortaleza, v. 2, p. 237-257, out. 2017.

Edição especial. Available at: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/41406>. Access on: 13 Aug. 2022.

GONZÁLEZ-TERUEL, A. *Los estudios de necesidades y usos de la información: fundamentos y perspectivas actuales*. Gijón: Ediciones Trea, 2005. 181 p.

GONZÁLEZ-TERUEL, A. Referentes teóricos y dimensiones aplicadas en el estudio del usuario de la información. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; RABELLO, R. (org.) *Informação: agentes e intermediação*. Brasília, DF: IBICT, 2017. p. 153-194.

GUINCHAT, C.; MENOU, M. *Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação*. 2. ed. rev. e aum. por Marie-France Blanquet. Tradução: Miriam Vieira da Cunha. Brasília, DF: IBICT, 1994. 540 p.

KOHLER, R. Bibliografia nacional: uma co-responsabilidade da classe bibliotecária. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 185-195, set. 1977. Available at: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/71968>. Access on: 14 Aug. 2022.

KREMER, J. M. Os gatekeepers na engenharia. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 10, n. 1, p. 19-33, 1981. DOI 10.18225/ci.inf.v10i1.158.

LARA, M. L. G. Conceito de bibliografia, ou conceitos de bibliografia?. *Informação & Informação*, Londrina, v. 23, n. 2, p. 127-151, maio/ago. 2018. DOI 10.5433/1981-8920.2018v23n2p127.

MINAYO, M. C. S. Capítulo 1 - Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. et al. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-29.

MORVILLE, P.; ROSENFELD, L. *Information Architecture for the World Wide Web: designing large-scale web sites*. 3rd. ed. Sebastopol, CA: O'Reilly, 2006.

NOH, Y. Imagining Library 4.0: Creating a Model for Future Libraries. *The Journal of Academic Librarianship*, Ann Arbor, v. 41, n. 6, p. 786-797, Nov. 2015.

ORTEGA, C. D.; CARVALHO, M. C. O papel da bibliografia na construção do conhecimento em Ciência da Informação: o caso da Escola de Ciência da Informação da UFMG. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 22, p. 36-64, jul. 2017. Edição especial. DOI 10.1590/1981-5344/3232.

PATEL, K. Incremental Journey for World Wide Web: Introduced with Web 1.0 to Recent Web 5.0 - A Survey Paper. *International Journal of Advanced Research in Computer Science and Software Engineering*, [s. l.], v. 3, n. 10, p. 410-417, Oct. 2013.

RABELLO, R. Leituras sobre usuário e uso de informação na ciência da informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 18, n. 4, p. 152-184, 2013. Available at: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/35796>. Access on: 10 Aug. 2022.

RABELLO, R. Sujeito e agência informacional: comportamento, prática e ação. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; RABELLO, R. (org.). *Informação: agentes e intermediação*. Brasília, DF: IBICT, 2017. p. 101-152.

RABELLO, R.; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Agentes, intermediações e institucionalidades: apontamentos acerca de um mosaico interpretativo no campo informacional. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; RABELLO, R. (org.). *Informação: agentes e intermediação*. Brasília, DF: IBICT, p. 21-40, 2017.

SANZ CASADO, E. *Manual de estudios de usuarios*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Pirámide, 1994. 279 p.

SHNEIDERMAN, B. *O laptop de Leonardo: como o novo Renascimento já está mudando sua vida*. Tradução: Vera Whately. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

TARGINO, M. G.; TORRES, N. H.; ALVES, C. A. Informação e cidadania: relação construída via biblioterapia no âmbito da biblioteca pública. *CRB8 Digital*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 33-40, 2012. Available at: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/10106>. Access on: 18 Aug. 2022.

ENDNOTES

¹ Translation: "[...] provides citizens with opportunities for expanding their knowledge, producing content, developing cultural identity, and organizing ideas, which inevitably result in profound changes in how they think, study, work, and communicate. Every citizen deserves a level of participation and appropriation of the meaning of information within a line of individual or collective action that makes them better informed in the society in which they are inserted" (Targino; Torres; Alves, 2012, p. 35, editorial translation).

² Translation: "[...] documental treatment [...] from the point of view of its description, classification, circulation, and mediation" (Araújo, 2015, p. 119, editorial translation).

³ We chose in this study to use the term "information user" (or simply "user") to maintain compatibility with the terminology applied in most of the consulted literature.

⁴ Translation: "[the] Bibliography would be, first and foremost, an instrument or vehicle of information that plays a positive or negative role, depending on the intention behind, either the act of circulating a book or restricting its use (positive or negative mediation)" (Lara, 2018, p. 132, editorial translation).

⁵ Translation: "[the] World Wide Web or WWW or Web has emerged as a space to be explored, considering the attractiveness between the subjective and social dimensions of information, especially concerning new forms of interaction and intervention provided by this digital and networked environment" (Rabello, 2017, p. 104, editorial translation).

⁶ Translation: "Web is a virtual space that allows different forms of interrelation between content, information flows, channels, or sources of information juxtapositioned to hypertextual interconnectivity" (Rabello, 2017, p. 104, editorial translation).

⁷ Translation: "[...] national bibliographies, specialized databases, registration databases (events, specialists, others), commercial catalogs (e.g., from bookstores), citizen information systems, bibliometric databases, electronic journal production systems, and Internet information repositories" (Ortega; Carvalho, 2017, p. 38, editorial translation).

⁸ Translation: "Bibliography is a polysemic term used to name a product, an activity, a disciplinary field" (Lara, 2018, p. 128, editorial translation).

⁹ Translation: "Every reader has their book" (Lara, 2018, p. 146, editorial translation).

¹⁰ Translation: "Every book has its reader" (Lara, 2018, p. 146 editorial translation).

¹¹ Translation: "establish the relationship between the document with the audience requires identifying the links of meaning through which exchanges between emission and reception can happen more accurately" (Lara, 2018, p. 146, editorial translation).

¹² Translation: "[...] that which is concerned with referencing knowledge produced through systems, services, and other actions that enable the qualified use of information" (Ortega; Carvalho, 2017, p. 43, editorial translation).

¹³ Translation: "[a] poor national bibliography gives an idea of an intellectual production that is also poor since it reflects the state of the culture of the people it represents" (Kohler, 1977, p. 188, editorial translation).

¹⁴ Translation: "[...] In the networked information environment, bibliographic control can no longer be seen as limited to library catalogs or abstract and index services. In such context, bibliographic work, bibliographic services, and products have come to encompass topics relevant to the field of Bibliography, such as federated information systems, federated search, metadata collection system [...] collective intelligence [...] digital preservation [...] and information architecture." (Alentejo, 2015, p. 30, editorial translation).

¹⁵ Translation: "[...] the logical organization of information to meet the needs of a specific community is often achieved through systems structured into subsystems that enable storage, organization, dissemination, access, and retrieval processes" (Rabello; González De Gómez, 2017, p. 26, editorial translation).

¹⁶ Translation: "[...] the set of systematic activities, whose objective is to enable the user to access the sources of information, to meet specific needs" (Fujino, 2000, p. 48, editorial translation).

¹⁷ Translation: "to investigate all that one knows about a given subject and to provide the user with the necessary information to meet users needs" (Foskett, 1969, p. 15, editorial translation).

¹⁸ Translation: "[...] institutions such as libraries, museums, archives, documentation centers, and related information units can be viewed as hierarchical systems consisting of subsystems, such as collections, archival funds, museum exhibits, and others. To make these subsystems operational, they are further divided into technological subsystems, such as databases, catalogs, bibliographies, and indexes, which serve to organize and retrieve information" (Rabello; González De Gómez, 2017, p. 27, editorial translation).

¹⁹ Translation: "[the] The user is a fundamental element of all information systems, as the sole justification for the activities of these systems is the transfer of information between two or more interlocutors distant in space and time." (Guinchat; Menou, 1994, editorial translation).

²⁰ Translation: "[...] the user should be the foundation of orientation and design of units and information systems, which must be defined based on their characteristics, attitudes, needs, and demands" (Guinchat; Menou, 1994, p. 482, editorial translation).

²¹ Translation: "[...] investigations conducted to find out individuals need in terms of information, or to figure whether the information needs of the users of a library or an information center are being adequately met" (Figueiredo, 1994, p. 7, editorial translation).

²² Translation: "[...] the possibility and condition of accessing and using spaces, furniture, urban equipment, buildings, transportation, information, and communication, including their systems and technologies, as well as other services and facilities open to all for public, private or collective use, both in urban and rural areas and by per person with a disability or with reduced mobility" (Brasil, 2015, p. 1, editorial translation).

²³ Translation: "[...] in Information Science, informational accessibility depends on knowing the information needs of the potential user, in addition to aspects involving the infrastructure for access and dissemination, two fundamental conditions for the development of mediations that enable the user's cognitive access and appropriation of information" (Fujino, 2017, p. 237, editorial translation).

²⁴ Translation: "[t]he extent to which specific users can use a product to achieve specific goals with effectiveness, efficiency, and satisfaction in a specific context of use" (Associação Brasileira De Normas Técnicas 2002, p. 3, editorial translation).

²⁵ Translation: "[the] ISO 9241-11 emphasizes that computer usability depends on the context of use and that the level of usability achieved will depend on specific circumstances in which the product is used". The context of use consists of users, tasks, equipment (hardware, software, and materials), and the physical and social environment, all of which can influence the usability of a product within a working system. Performance and user satisfaction measures assess the working system as a whole. When a product is the focus of interest, these measures provide information about the product's usability in the particular context of use provided by the rest of the working system. The effects of changes in different working system's components, such as user training time or display improvements, can also be measured by user performance and satisfaction" (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 2, editorial translation).

²⁶ Translation: "[u]sers, tasks, equipment (hardware, software, and materials), and the physical and social environment of use" (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 3, editorial translation).

²⁷ Translation: "person who interacts with the product" (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 3, editorial translation).

²⁸ Translation: "the absence of discomfort and the presence of positive attitudes towards the use of a product" (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 3, editorial translation).

²⁹ Translation: "producing and disseminating documents (instruments) for recording, organizing, representing, accessing, and mediating written culture" (Araújo, 2015, p. 120, editorial translation).

³⁰ Translation: "give each person what they are due" (Barzotto, 2003, online, editorial translation).

³¹ Translation: "[...] consider the type of social relationship that social justice aims to regulate" (Barzotto, 2003, online, editorial translation).

³² Translation: "[...] determine the good aspired by social justice" (Barzotto, 2003, online, editorial translation)

³³ Translation: "[...] identify the type of activity to which social justice applies" (Barzotto, 2003, online, editorial translation).

³⁴ Translation: "[...] explore how different elements of the justice manifests themselves in regards to social justice, such as otherness, duty and, adequacy" (Barzotto, 2003, online, editorial translation).

³⁵ Translation: "[...] considering the longstanding practices of producing bibliographic collections and those conducted within library settings, we can say that selecting, describing, and ordering content according to previously identified interests has proven to be socially relevant, leading to distinct disciplinary compositions" (Ortega; Carvalho, 2017, pp. 38-39, editorial translation).

³⁶ Translation: "[...] Information, seen as an instrument for social inclusion, only makes sense if it can help empower citizens in building a society based on respect for differences and equal opportunities for all" (Fujino, 2017, p. 238, editorial translation).

³⁷ Translation: "[...] are most appreciated when users have a sense of security, mastery, and achievement" (Shneiderman, 2006, p. 13, editorial translation).

Artigos
Versão espanhol

Articles / Artículos
Spanish version / Versión en español

El documento como contexto: repensar la materialidad de un contenido y sus repercusiones en la organización del conocimiento

José Augusto Chaves Guimarães

Doctor en Ciencias de la Comunicación por la Universidade de São Paulo

Profesor Titular del Departamento de Ciência da Informação de la Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Marília, São Paulo, Brasil.

Correo electrónico: chaves.guimaraes@unesp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6380929054652063>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0310-2331>

Fecha de envío: 03/10/2022. Fecha de aprobación: 27/02/2023. Fecha de publicación: 22/09/2023.

RESUMEN

La organización, recuperación, preservación y disponibilidad de la memoria de la sociedad, en sus diversas facetas, siempre han impregnado el conocimiento y el trabajo de la humanidad, que trató de construir, con el tiempo, artefactos que podrían ir más allá de las limitaciones de la memoria humana, con el fin de albergar un volumen creciente de datos, información y conocimiento. Sin embargo, cabe destacar que, a partir del siglo XIX, con la explosión de la información, se intensifica la preocupación por la organización del conocimiento registrado en documentos y conservado institucionalmente. En vista de ello, se discute el carácter indicial -o testimonial- del documento, no sólo en relación a su contenido, sino, y especialmente, como resultado de un contexto de producción, aspecto que incidirá en su organización. En este sentido, se analizan las nuevas configuraciones del contenido documental - núcleo de la organización del conocimiento - que va más allá del tema para añadir elementos relacionados con su procedencia, organicidad, autoría, así como su contextualización espacio-temporal.

Palabras clave: documento; organización del conocimiento.

INTRODUCCIÓN

Un aspecto que siempre ha impregnado el saber y el que hacer de la humanidad radica en la organización, recuperación, preservación y disponibilidad de la memoria de la sociedad en sus diversas facetas. Para ello, esta sociedad buscó construir, a lo largo del tiempo, artefactos que pudieran ir más allá de las limitaciones de la memoria humana, con el fin de albergar un volumen cada vez mayor de datos, de las informaciones y de conocimientos.

Así, en la Antigüedad, las inscripciones rupestres y las tablillas de arcilla descriptivas en papiros y pergaminos de los palacios mesopotámicos, así como el sistema de clasificación de Calímaco, en Alejandría, fueron hitos importantes en esta trayectoria de registro y representación, que, en la Edad Media, se hizo patente en las glosas y marcas marginales de los monjes copistas, por ejemplo. Este aspecto, a su vez, se vio muy favorecido con la invención de los tipos móviles por Gutenberg, que permitieron la multiplicación de los registros del saber y, en consecuencia, su mayor difusión.

Con el humanismo de los siglos XVII y XVIII, esta preocupación se acentuó y perfeccionó con la *Encyclopédie* de Diderot y D'Alembert, la Clasificación de los seres vivos de Lineu, las primeras publicaciones periódicas y las concordancias bíblicas de Alexander Cruden.

Pero es sobre todo en el siglo XIX, con la explosión de la información, cuando se intensifica la preocupación por la organización de los conocimientos registrados en documentos y conservados institucionalmente, ya sea con el *Répertoire Bibliographique Universel* de Paul Otlet, o con la Clasificación Decimal de Dewey, entre otras iniciativas.

Con Otlet, concretamente, hay una preocupación más efectiva con el uso de las tecnologías de comunicación entonces disponibles al servicio de la organización del conocimiento, aspecto que se hizo más notablemente efectivo después de la Segunda Guerra Mundial, cuando Vannevar Bush, al crear el Memex, intentó dotar a la humanidad de “memorias auxiliares” que pudieran servir como extensiones más amplias, extensiones amplias y potentes de la memoria humana - el ordenador - que, a finales del siglo XX, pasó a estar al servicio de una gran red de interconexión de ciudadanos, proporcionando no sólo una gran capacidad de almacenamiento, sino principalmente, una posibilidad más amplia y rápida de comunicación, transmisión e interconexión.

Y con ello nos enfrentamos, muy especialmente en el presente siglo, al fenómeno- y reto- de los datos, estructurados o no, generados en grandes volúmenes, en rápido y continuo crecimiento que caracterizan al *Big data*. Si tal desafío fue, desde el principio, objeto de preocupación de las ciencias biológicas y exactas, hoy es una realidad de las humanidades y ciencias sociales, con las llamadas *Humanidades Digitais*, que traen nuevas perspectivas de acceso, almacenamiento, organización y difusión de la información en instituciones dedicadas a la preservación de la memoria de la sociedad, como archivos, bibliotecas y museos.

Todo este intrincado contexto trae consigo la necesidad de reflexionar más detenidamente sobre el documento y sobre los retos y perspectivas que se plantean a la hora de organizar los conocimientos registrados en ellos.

En vista de ello, este trabajo, basado en la noción de información como cosa (Buckland, 1991), discute el carácter indicial - o testimonial - del documento, no sólo en relación a su contenido, sino, principalmente como resultado de un contexto de producción, aspecto que impactará en su organización. En este sentido, se analizan las nuevas configuraciones del contenido documental - núcleo de la organización del conocimiento - que va más allá del tema para añadir elementos relacionados con su procedencia, organicidad, autoría, así como su contextualización espacio-temporal.

EL DOCUMENTO COMO EJE

El concepto de documento es un elemento central en la Ciencia de la Información, pues sólo a partir de él se puede pensar en los procesos que afectan a la información y que integran el objeto de estudio de dicha ciencia. Para ello, recordamos las palabras seminales de Borko (1968, p. 3, tradução nossa)¹, para quien a:

Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação, e os significados do processamento da informação, visando a acessibilidade e a usabilidade ótima.

Hay que recordar que sólo a partir del documento, entendido en una concepción amplia, se puede percibir eficazmente esta información y todo lo que se le puede aplicar. Para ello, considerando el contexto actual del universo de la información, es necesario tener en cuenta que la organización, recuperación, preservación y disponibilidad de la memoria de la sociedad encuentran viabilidad a partir del concepto de documento que, a su vez, presupone materialidad, socialización, intencionalidad y contenido cognoscible.

Fue más concretamente a partir de la obra seminal *Qu'est-ce que la documentation*, de Suzanne Briet (1951), en una verticalización del *Traité de documentation*, de Paul Otlet (1934), cuando el documento pudo ser objeto de análisis *ensí* mismo, como en una experiencia *in vitro*. Para la referida autora, el documento constituye, por un lado, un elemento de prueba que sustenta un hecho y, por otro, una representación concreta de un fenómeno físico, intelectual o simbólico, que se conserva en el espacio y en el tiempo, como un subsidio a la memoria de la humanidad.

Briet (1951, p. 7, tradução nossa)² ve en el documento una “[...] base de conhecimento fixada materialmente e suscetível de ser utilizada [...]” aspecto que se completa con la visión de Buckland (2017) para quien el término documento corresponde a un conocimiento registrado cuyo contenido debe entenderse desde el contexto social de su productor cotejado con el contexto social del usuario.

Por su tangibilidad, el documento, para Buckland (1991), constituye una información objetivada, que proporciona el punto de partida para el desarrollo de la llamada información como proceso que resultará en una información como conocimiento. La materialidad del documento, aunque esencial, no es suficiente para generar información y, posteriormente, conocimiento, porque esta materialidad necesita estar clara e intencionalmente insertada en un contexto social, lo que presupone su disponibilidad y su uso colectivo.

Como destacan Smit y Barreto (2002), esta socialización requiere un proceso de institucionalización del documento, para que la información que contiene tenga portabilidad en el espacio y permanencia en el tiempo. Existe, por lo tanto, un proceso de gestión institucional del conocimiento (Fernandes, 1995) a cargo de instituciones que recogen la cultura (Homulos, 1990).

Por poder ser institucionalizado posteriormente para su uso social, el documento, especialmente en la Ciencia de la Información, presupone la intencionalidad, que se manifiesta desde el momento en que se registra un conocimiento con la clara intención de transmitirlo. Sobre la intencionalidad, Briet (1951) compara el fenómeno de una estrella visible en el cielo y su documentación por medio de una fotografía en el fondo de un archivo o de una biblioteca; o incluso la distinción entre una piedra en un río y su función como documento cuando se encuentra en un museo de Geología, por ejemplo. En estas situaciones, hay una clara intención de registrar algo y preservarlo para la posteridad, además de ponerlo a disposición de la sociedad como subsidio a la construcción del conocimiento.

Y es precisamente en la dimensión del conocimiento donde Barité (2001) destaca la necesidad de que el documento tenga un contenido cognoscible, sin el cual no se produce la acción comunicativa que presupone al socializarse.

A efectos de la construcción del conocimiento, el contenido constituye la esencia de un documento, ya que es a partir de él que se identifica, representa y transmite la información, resultado del conocimiento previo que allí se registró. Este contenido, a su vez, se manifiesta en diferentes perspectivas -o capas-, ya sea desde la perspectiva del autor (lo que buscó transmitir en el documento), desde la del usuario (lo que busca recuperar en el documento) o desde la del sistema, incluyendo aquí la actuación de los profesionales de la información (lo que fue captado y representado con fines de difusión). Así, el propio contenido del documento puede ser abordado en tres perspectivas, como destacan Gil Leiva (2008) y Sousa y Fujita (2014). En la perspectiva del autor, está lo que se aborda en el documento (Lancaster, 1991; Soergel, 1985), en la perspectiva del usuario, el reconocimiento del contenido del documento tiene en cuenta las posibles necesidades de información de la comunidad de usuarios (Albrechtsen, 1993; Fidel, 1994); y, en la perspectiva del sistema o dominio, se tiene en cuenta no sólo las dos anteriores, sino también el contexto del documento y la institución que lo alberga (Mai, 2005).

Es importante destacar, sobre todo en la perspectiva centrada en el dominio, que el contenido de un documento va mucho más allá del tema en sí, como se pensó durante mucho tiempo, para incorporar todo un contexto de autoría (y las comunidades epistémicas que lo sustentan) y el *aboutness* (sobre lo que trata el documento en diferentes niveles de especificidad) y los *meanings* (qué pretende y a qué va dirigido ese documento) (Beghtol, 1986). La Archivística aporta una importante contribución a esta reflexión al abordar, en la diplomática archivística (o diplomática contemporánea), la estructura del documento como algo que caracteriza un determinado contenido y evidencia una función a cumplir. Tiene, por tanto, el contenido documental como evidencia de un contexto de producción. En este sentido, Tognoli (2013) señala que:

a Diplomática do documento contemporâneo não se limita mais ao estabelecimento das características de autenticidade e/ou falsidade documental, encontrando uma nova finalidade no campo dos estudos arquivísticos, ao propor a observação do contexto de criação dos documentos, a partir de uma análise da parte para o todo. (Tognoli, 2013, p. 113)³.

Yendo más allá, Tognoli, Schmidt y Guimarães (2022) destacan la centralidad del contexto en relación a la documentación archivística y sus impactos en la organización del conocimiento en esta área. Sin embargo, el contexto de producción no es exclusivo de la Archivística, pues, en Biblioteconomía, también tiene importancia, ya que autor y editor, aunque responsables por la producción de un documento para fines de investigación, son elementos contextuales importantes para la confiabilidad o no del contenido expresado en el documento.

Esta dimensión de dominio, a su vez, presupone que consideremos aspectos relacionados con la procedencia del documento (¿de dónde viene?), la organicidad (¿cómo se articula con sus congéneres?), la finalidad (¿con qué intención / propósito?) y la fiabilidad de la información contenida en él (especialmente en tiempos de *fake news* cuando tenemos una información poco fiable, pero con características y atributos que le dan un aparente carácter de fiabilidad).

Además, como destaca Guimarães (2017), el documento, como tal, actúa como representante - o resultado - de una configuración espacio-temporal - sin la cual pierde gran parte de su significado.

Teniendo en cuenta, pues, esta complejidad que rodea cada vez más al concepto de documento, nos corresponde ahora investigar qué tipo de repercusiones aporta a la organización del conocimiento.

REPERCUSIONES EN LA ORGANIZACIÓN DEL CONOCIMIENTO

Como disciplina denominada como tal, la Organización del Conocimiento (OC), según Dahlberg (1993), se remonta a la obra *A organização do conhecimento e o sistema das ciências*, de Evelyn Bliss (1929), aunque la preocupación por organizar los conocimientos producidos por el hombre acompaña la historia de la humanidad desde la Antigüedad, a través de las categorías aristotélicas, por el Trivium y Quadrivium que caracterizaron la enseñanza de las artes liberales en la Edad Media, por la Encyclopédie de Diderot y D'Alembert durante la Ilustración, por la Clasificación de los seres vivos de Lineu, y notablemente, a partir del siglo XIX, con los sistemas de organización del conocimiento con fines documentales, con los trabajos de Dewey, Otlet, La Fontaine y Ranganathan, entre otros (San Segundo, 1996). Esta trayectoria, a su vez, refleja una cronología definida por Pombo (1998), como la organización del conocimiento, de los seres y de los documentos.

A lo largo de las tres últimas décadas, y especialmente desde la creación de la International Society for Knowledge Organization (ISKO), en 1989, que otorgó a esta área de conocimiento un *status* eminentemente científico, la organización del conocimiento se ha situado “[...] na encruzilhada de ciências como a psicologia, a epistemologia, a ciência da informação, a ciência da comunicação, a linguística, a matemática, a lógica e a ciência da computação [...]” (Garcia Marco, 1997, p. 211)⁴.

En este contexto, el área se enfrenta a los desafíos de un mundo en el que la producción y el conocimiento crecen exponencialmente sin que el acceso al mismo se produzca en la misma medida (Jaenecke, 1994).

Partiendo del supuesto de que el conocimiento se construye a partir del análisis y articulación de la información en un contexto determinado, información que ha sido previamente registrada y socializada (documentada), recolectada, preservada, organizada y puesta a disposición, el OC actúa como elemento de mediación en un *continuum de* procesos que van desde la producción hasta el uso y apropiación de un conocimiento previamente producido con el propósito de generar nuevo conocimiento, aspecto que se da en una dinámica helicoidal (y no cíclica) (Guimarães, 2008). Así, el OC busca extraer y organizar contenidos documentales que reflejen un conocimiento que es orgánico, manifestado por una forma específica, articulando estructura, contenido y con naturaleza eminentemente contextual.

Este conocimiento socializado, a su vez, sólo tiene sentido si se entiende como parte de un todo y en relación intrínseca con sus congéneres. Su materialización (registro) va más allá de una mera forma para reflejar una lógica de estructuración de contenidos que pueden servir a fines específicos. La credibilidad y el valor testimonial de sus contenidos dependen de aspectos formales, y cada forma sirve específicamente para materializar determinados contenidos. Su génesis es siempre contextual y sólo tiene sentido dentro del contexto. Así, la OC actúa para que se pueda acceder al conocimiento, estableciendo, como ya se ha dicho, un puente entre la producción y el uso/apropiación de ese conocimiento, lo que se realiza a través de sistemas de conceptos que se crean con fines científicos, funcionales o de documentación (investigación) y presentan un carácter artificial, provisional y determinista (Barité, 2001).

A partir de esta concepción social, materializada y cíclica del conocimiento, que se hace efectiva en el documento, se observa que el foco investigativo recae en la búsqueda de comprensión, organización y representación de este conocimiento, de tal forma que pueda hacerlo disponible y accesible a un mayor número de personas. Tenemos, en este caso, lo que Dahlberg (1993, p. 214)⁵ denomina “[...] *conhecimento em ação* [...]”, es decir, algo sobre lo que existe un cierto consenso social, un conocimiento registrado y socializado, cuya organización y representación se desarrollará para que, a partir de él, se puedan generar nuevos conocimientos.

En definitiva, puede decirse que la OC pretende preservar y promover el acceso al conocimiento, utilizando instrumentos, que son los sistemas de organización del conocimiento (normas de descripción, esquemas de clasificación, taxonomías, tesauros, ontologías, tipologías documentales, vocabularios controlados, etc.), para llevar a cabo procesos, a partir de procedimientos sistematizados (identificación, análisis diplomático, clasificación, descripción, indización, etc.) que, a su vez, generan productos, es decir, representaciones que pueden considerarse como “*sustitutos del conocimiento*”, tales como tablas de clasificación, tablas de temporalidad, índices, notaciones, descriptores, catálogos, inventarios, entre otros. (Olson, 2002).

En este contexto, mención especial merece la perspectiva cultural de la OC que, guiada por un tono sociocognitivo, viene ganando protagonismo, especialmente en el contexto de ISKO, en temas como: Comunidades discursivas, Garantía/Hospitalidad cultural; Poder de nombrar; Multiculturalismo y Multilingüismo, Ética transcultural de la mediación, Prejuicios, Dominios inter y transdisciplinarios, Interoperabilidad cultural, Valores éticos en la OC, etc. (Beghtol, 2002; Berman, 1993; Dahlberg, 1992; García Gutiérrez, 2002; Guimarães, 2006; Hudon, 1997; Olson, 2002; Pinho, 2006). Esta perspectiva, a su vez, nos alerta sobre los sesgos culturales.

Estos sesgos, cuando son negativos (*biases*), se basan en actitudes, creencias o sentimientos que resultan en un tratamiento injusto (segregación) de algo o alguien por sus características o identidad e incluyen, entre otros aspectos, el prejuicio (actitud, creencia o sentimiento construido sin conocimiento previo, reflexión o razonamiento, basado en ideas previas y no fundamentadas) y el proselitismo (preocupación por convertir a las personas -muchas veces de forma subrepticia- a un punto de vista diferente del que originalmente sostienen) (Milani, 2015).

Los sesgos en la OC son inherentes a sus procedimientos, instrumentos y productos, porque siempre están comprometidos con una determinada visión del mundo y con la asunción de un conjunto de valores y creencias. Así, están presentes en el autor, en el indizador/clasificador, en el creador del SOC, en el entorno y en el usuario. Además, son evidentes en el espacio y en el tiempo, porque actitudes que hoy son inaceptables pueden haber sido ya consideradas valores morales en otras épocas, así como virtudes en un determinado contexto social pueden ser vistas como pecados en otro contexto.

Dotados de una naturaleza eminentemente espacio-temporal, los sesgos de la OC, como destaca Guimarães (2017), se articulan en dimensiones conceptuales y terminológicas.

En la dimensión conceptual, los sesgos, especialmente en la representación del conocimiento, se manifiestan cuando un concepto dado se re-significa a lo largo del tiempo y/o en el espacio mientras que el término que lo representa sigue siendo el mismo. Como ejemplo, podemos citar el término matrimonio que, a lo largo del tiempo, abarca diferentes concepciones, desde la unión exclusivamente entre un hombre y una mujer hasta, en nuestros días, la unión entre hombre y mujer, entre mujer y mujer y entre hombre y hombre. También existe, en la dimensión espacial, el concepto de poligamia que, en la mayoría de las sociedades, se considera un comportamiento moralmente inaceptable, mientras que en otras es una práctica social.

En la dimensión terminológica, a su vez, hay un concepto que permanece invariable mientras que su representación terminológica cambia en el tiempo y/o en el espacio a lo largo del tiempo. Por ejemplo, tenemos, en el tiempo, el camino recorrido por los términos: idiotas; discapacitados mentales; personas con discapacidad mental; y personas con necesidades especiales, que han ido cambiando para referirse al mismo grupo de personas, en su mayoría debido a una preocupación con lo políticamente correcto y para proporcionar un enfoque más inclusivo y respetuoso. En términos espaciales, se observa, por ejemplo, que los términos *aipim*, en el sur de Brasil y en Río de Janeiro, *mandioca*, en São Paulo, y *macaxeira*, en el Nordeste de Brasil, son designativos del mismo *tubérculo* comestible.

En cuanto a la preocupación con la mencionada corrección política, hay que tener cuidado de no generar términos metafóricos, artificiales o incluso incongruentes, como en los ejemplos proporcionados por Guimarães (2017): *Esthetically challenged* (para las personas feas); *African-American* (para los ciudadanos negros, ya que África no es originalmente el hogar de sólo esa etnia); *Person of size* (para las personas obesas) y, en el extremo, *Hymenally challenged* (para las mujeres violadas).

CONSIDERACIONES FINALES

El documento, en una complejidad creciente, debido a sus diferentes perspectivas de producción, presentación y difusión, más especialmente en tiempos de fuerte presencia tecnológica, trae consigo preocupaciones que deben ser tenidas en cuenta por el OC hoy en día, especialmente en tiempos en los que forma y contenido ya no pueden ser tratados como dimensiones estancas y aisladas.

Así, los esfuerzos deben dirigirse a evitar la recuperación de “basura informativa” (y aquí la cuestión de la exactitud en la representación debe ser objeto de seria reflexión), a desarrollar herramientas cada vez más amigables -e interoperables- que aseguren rapidez en la recuperación, pero con garantía de fiabilidad y autenticidad de los registros en el entorno digital (especialmente en tiempos de *big data* y permeados por la *disinformation misinformation e malinformation*); y, de este modo, es posible promover una ética transcultural de la mediación (García Gutiérrez, 2002) con garantía cultural (Beghtol, 2002). En otras palabras, es necesario reflexionar sobre el complejo y difícil poder que la sociedad otorga a los responsables de la organización y representación del conocimiento para que actúen en su nombre, poder que debe reflejarse en representaciones que promuevan la inclusión y el diálogo entre las diferentes comunidades de usuarios, a partir de representaciones que reflejen -o al menos no oculten ni se opongan- a los valores intrínsecos de las diferentes comunidades.

Se observa, por tanto, que el concepto de documento se expande en sus modalidades, y forma y contenido dejan de ser instancias distintas para integrarse en un espectro más amplio y cohesionado y, en consecuencia, pasa a incluir, en unidades de información distintas, elementos de procedencia, organicidad, autoría, fiabilidad y contextualización espacio-temporal.

¡ALEA JACTA EST!

REFERENCIAS

- ALBRECHTSEN, H. Subject analysis and indexing: from automated indexing to dominion analysis. *The Indexer: the international journal of indexing*, [s. l.], v. 18, n. 4, p. 219-224, oct. 1993.
- BARITÉ, M. Organización del conocimiento: un nuevo marco teórico-conceptual en Bibliotecología y Documentación. In: CARRARA, K. (org.). Educação, Universidade e Pesquisa. Marília: Unesp-Marília-Publicações; São Paulo: FAPESP, 2001. p. 35-60.
- BEGHTOL, Claire. Bibliographic classification theory and text linguistics: aboutness analysis, intertextuality and the cognitive act of classifying documents. *Journal of Documentation*, Bingley, v. 42, n. 2, p. 84-113, June 1986.
- BEGHTOL, C. A proposed ethical warrant for global knowledge representation and organization systems. *Journal of Documentation*, Bingley, v. 58, n. 5, p. 507-532, Oct. 2002.
- BERMAN, S. Prejudices and antipathies: a tract on the LC subject heads concerning people. 2. ed. Jefferson (NC); London: McFarland, 1993.
- BLISS, H. E. The organization of knowledge and the system of the sciences. New York: Henry Holt and Company, 1929.
- BORKO, H. Information Science: What is it? *American Documentation*, v. 19, n. 1, p. 3-5, Jan. 1968.
- BRIET, S. Qu'est-ce que la documentation? Paris: Éditions Documentaires Industrielles et Techniques, 1951.
- BUCKLAND, M. K. Document theory. In: *Encyclopedia of knowledge organization*. [S. l.]: ISKO, 2017. Disponible en: <https://www.isko.org/cyclo/document>. Acceso en: 5 sept. 2022.
- BUCKLAND, M. K. Information as thing. *Journal of the American Society for Information Science*, [s. l.], v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991.
- DAHLBERG, I. Ethics and knowledge organization: in memory of Dr. S. R. Ranganathan in his centenary year. *International Classification*, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 1-2, 1992.
- DAHLBERG, I. Knowledge organization: its scopes and possibilities. *Knowledge organization*, [s. l.] v. 20, n. 4, p. 211-222, 1993.
- FERNANDES, G. C. O objeto de estudo da Ciência da Informação. *Informare*, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 25-30, 1995.
- FIDEL, R. User-oriented indexing. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 45, p. 572-576, 1994.
- GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Knowledge organization from a “culture of the border” towards a transcultural ethics of mediation. In: LÓPEZ-HUERTAS, M. M. (ed.). Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century. Würzburg: ERGON, 2002. p. 516-522.

- GARCIA MARCO, F. J. Avances en Organización del Conocimiento en España: los II Encuentros sobre Organización del Conocimiento en sistemas de información y documentación. In: GARCIA MARCO, F. J. (coord.). Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación 2. Actas del II Encuentro de ISKO-España, 1995, Getafe. Zaragoza: Librería General, 1997.
- GIL LEIVA, I. Manual de indización: teoría y práctica. Gijón: Trea, 2008.
- GUIMARÃES, J. A. C. Slanted knowledge organization as a new ethical perspective. In: ANDERSEN, J.; SKOUVIG, L. (org.). The organization of knowledge: caught between global structures and local meaning. Bingley: Emerald, 2017, p. 87-102.
- GUIMARÃES, J. A. C. Aspectos éticos em organização e representação do conhecimento: uma reflexão preliminar. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; ORRICO, E. G. D. (org.). Políticas de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento. Natal: EdUFRN, 2006. p. 237-264.
- GUIMARÃES, J. A. C. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 77-99, 2008.
- HOMULOS, P. Museums to libraries: a family of collectinmg institutions. Art Libraries Journal, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 11-13, 1990.
- HUDON, M. Multilingual thesaurus construction: integrating the views of different cultures in one gateway to knowledge and concepts. Knowledge Organization, [s. l.], v. 24, n. 2, p. 84-91, 1997.
- JAENECKE, P. To what end knowledge organization? Knowledge Organization, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 3-11, 1994.
- LANCASTER, F. W. Indexing and abstracting in theory and practice. Londres: The Library Association, 1991.
- MAI, Jens-Erik. Analysis in indexing: document and domain centered approaches. Information Processing and Management, [s. l.], v. 41, n. 3, p. 599-611, May 2005.
- MILANI, S. O. Biases na representação de assunto: uma perspectiva a partir da literatura internacional de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Brazilian journal of information science, [s. l.], v. 9, p. 1, 2015.
- OLSON, H. The power to name: locating the limits os subject representation in libraries. Dordrecht: Kluwer, 2002.
- OTLET, P. Traité de documentation: le livre sur le livre. Bruxelles: Mundaneum, 1934.
- PINHO, F. A. Aspectos éticos em representação do conhecimento: em busca do diálogo entre Antonio García Gutiérrez, Michèle Hudon e Clare Beghtol. Marília: UNESP, 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93693/pinho_fa_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 5 sept. 2022.
- POMBO, O. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. Leituras: Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa, n. 2, p. 19-33, 1998.
- SAN SEGUNDO, R. Sistemas de organización del conocimiento: la organización del conocimiento en las bibliotecas españolas. Madrid: Boletín Oficial del Estado: Universidad Carlos III de Madrid, 1996.
- SMIT, J. W.; BARRETO, A. A. Ciência da informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIM, M. L. (org.). Formação do profissional da informação. São Paulo: Polis, 2002. p. 9-23.
- SOERGEL, D. Organizing information: principles of data base and retrieval systems. New York: Academic Press, 1985.
- SOUSA, B. P. de; FUJITA, M. S. L. Análise de assunto no processo de indexação: um percurso entre teoria e norma. Informação & Sociedade: Estudos, [s. l.], v. 24, n. 1, p. 19-34, jan./abr. 2014.
- TOGNOLI, N. B. A construção teórica da Diplomática: em busca de uma sistematização de seus marcos teóricos como subsídio aos estudos. Marília, UNESP, 2013. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103383/tognoli_nb_dr_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 5 sept. 2022.
- TOGNOLI, N. B.; SCHMIDT, C.; GUIMARÃES, J. A. C. Context as a core concept in archival knowledge organization. In: LYKKE, M.; SVARRE, T.; HAYNES, D.; SKOV, M.; THELLEFSEN, M.; MARTÍNEZ-ÁVILA, D. (ed.). Knowledge organization across disciplines, domains, services, and technologies. Baden-Baden: Ergon, 2022. p. 273-284.

NOTAS FINALES

¹ Original: “Information science is that discipline that investigates the properties and behavior of information, the forces governing the flow of information, and all the means of processing information for optimum accessibility and usability” (Borko, 1968, p. 3)

² Original: “[...] toute base de connaissance fixée matériellement et susceptible d’être utilisée pour consultation, étude ou preuve [...]” (Briet, 1951, p. 7).

³ Traducción: “la Diplomática del documento contemporáneo ya no se limita a establecer las características de autenticidad y/o falsedad del documento, encontrando una nueva finalidad en el campo de los estudios archivísticos, al proponer la observación del contexto de creación del documento, a partir de un análisis de la parte al todo” (Tognoli, 2013, p. 113, traducción editorial).

⁴ Traducción: “[...] en la encrucijada de ciencias como la psicología, la epistemología, la ciencia de la información, la ciencia de la comunicación, la lingüística, las matemáticas, la lógica y la informática [...]” (García Marco, 1997, p. 211, traducción editorial).

⁵ Traducción: “[...] conocimiento en acción [...]” (Dahlberg, 1993, p. 214, traducción editorial).

Bibliografía sobre justicia social: fuentes sobre el tema en Biblioteconomía y Documentación

Franciéle Carneiro Garcês da Silva

Doctor en Ciência da Informação pela Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Profesora colaboradora del Programa de Posgrado em Gestão da Informação, da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGInfo/UDESC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2805777083019311>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2828-416X>

Correo electrónico: francielegarces1987@gmail.com

Dirnéle Carneiro Garcez

Estudiante de doctorado en Ciência da Informação en el Programa de Posgrado en Ciencias de la Información de la Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8655722474715647>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3061-9352>

Correo electrónico: dirnele.garcez@yahoo.com.br

Gabriel de Melo Vieira

Estudiante de maestría en Gestão de la Información en el Programa de Posgrado en Gestão de la Informação (PPGInfo), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4210297769033841>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6003-5369>

Correo electrónico: b.i.1@hotmail.com

Priscila Rufino Fevrier

Ciencias de la Información en el Programa de Posgrado en Ciencias de la Información del Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT/UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1804754081319302>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3641-5200>

Correo electrónico: priscila.fevrier@gmail.com

Ana Paula Meneses Alves

Doctora en Ciencias de la Información pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e em Ciências Sociais pela Universidade de Granada (UGR - Espanha). Profesora adjunta en la Escola de Ciência da Informação de la Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2434972394883934>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1137-2139>

Correo electrónico: apmeneses@gmail.com

Presentada el 31/08/2022. Aprobado: 01/03/2023. Publicado en: 22/09/2023.

RESUMEN

El objetivo de esta investigación fue organizar una bibliografía selectiva sobre justicia social en Biblioteconomía y Ciencia de la Información, entre 1960 y 2020. Para ello, se realizó una investigación bibliográfica, descriptiva y cuali-cuantitativa. Se adoptaron los conceptos de Diasy Pires (2005) para la clasificación de bibliografías y una búsqueda de documentos en bases de datos nacionales e internacionales con el objetivo de localizar documentos que tratasen el tema justicia social en Biblioteconomía y Ciencia de la Información. Después del refinamiento de los datos, los resultados se presentaron en una bibliografía, en forma de lista selectiva de documentos, de presentación señalada, de alcance internacional, de tema especializado, retrospectiva, de ordenación alfabética y sistemática, en tres categorías: formación para la justicia social, bibliotecas para la justicia social y actuación bibliotecaria para la justicia social.

Palabras clave: bibliografía; justicia social; producción científica; biblioteconomía y ciencias de la información.

INTRODUCCIÓN

La falta de información disponible en términos de equidad entre los diferentes grupos sociales y raciales se refleja en los procesos de toma de decisiones, forma de actuar, acceso a derechos, bienes y servicios que afectan el bienestar y la calidad de vida de estos sujetos (Medeiros; Presser, 2020).

Con el fin de satisfacer las necesidades de información de manera equitativa, la conducta adoptada es la dirigida basada en la justicia social e informacional, ambos campos de estudio de la Biblioteconomía y la Ciencia de la Información (BCI). La justicia social “fornece um mecanismo para a educação em BCI para examinar e abordar a diversidade em um sentido amplo, garantindo a inclusão de todos os tipos de grupos diversamente rotulados” (Bonicci *et al.*, 2012, p. 125)¹. Además, la justicia social pretende ir más allá de la igualdad de oportunidades para todos, procurando el pleno desarrollo de estructuras y sistemas que permitan actuaciones más justas y menos restrictivas. De este modo, permite a los sujetos no sólo “aprender uns com os outros e serem capazes de criar novos conhecimentos, mas também compartilhar esses conhecimentos para o benefício da humanidade” (Britz; Ponelis, 2012, p. 472)². Complementariamente, el marco de la justicia informacional actúa en la distribución equitativa de la información buscando el “trato justo de las personas y comunidades como fuentes así como sujetos de la información” (Mathiesen, 2015, p. 18).

Así, con base en tales entendimientos, la presente investigación tiene como objetivo organizar una bibliografía selectiva sobre justicia social dentro del campo de la Biblioteconomía y Ciencia de la Información (BCI), desde 1960 hasta 2020, con base en los conceptos de Dias y Pires (2005) para la clasificación de bibliografías³ y así presentar una lista de fuentes y enfoques de investigación sobre justicia social dentro del campo.

Como procedimientos metodológicos, se realizó un estudio bibliográfico, descriptivo y cualitativo-cuantitativo. Para recuperar los documentos pertinentes a la propuesta, se buscaron los términos/estrategias “justicia social”, “bibliografía AND justicia social” e “Información AND justicia social” en portugués, español e inglés en bases de datos nacionales e internacionales que abordan estudios informacionales, a saber: *Journal Storage* (JSTOR), *Web of Science* (WoS), *Library, Information Science & Technology Abstracts* (LISTA) y la Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI). La selección de las bases de datos se ancló en su relevancia para el área del BCI, a nivel nacional e internacional.

Optamos por adoptar en la búsqueda el término bibliografía para incluir también el descubrimiento de otras posibles bibliografías sobre el tema. Realizamos las búsquedas en los campos de búsqueda simple con los términos arriba indicados y sus correspondientes en los principales idiomas de las bases. Tras la recopilación y el análisis de los datos, se organizó una bibliografía selectiva sobre justicia social que se presenta en el Apéndice 1.

DE LA (IN)JUSTICIA EPISTÉMICA A LA JUSTICIA SOCIAL EN LA BIBLIOGRAFÍA

La injusticia epistémica utiliza fenómenos mentales para actuar, distorsionar y limitar “o conhecimento que os indivíduos têm, tanto da realidade político-social circundante quanto de si próprios” (Dalaqua, 2020, p. 214)⁴. Castro (2020) apoyado en las inferencias de Miranda Fricker afirma que las consecuencias de esta forma de injusticia afectan no sólo al sujeto agraviado, sino también a la práctica o sistema epistémico en su conjunto.

En los entresijos de la teoría de la injusticia epistémica, la filósofa Miranda Fricker ha establecido que la injusticia epistémica se refiere al “mal causado a alguém em sua capacidade enquanto um sujeito conhecedor e, assim, em uma capacidade essencial para o valor humano” (Fricker, 2007, p. 5, tradução nossa)⁵.

Se profundiza por la ocurrencia de injusticias con grupos estructuralmente marginados que son “injustificados em sua capacidade de conhecedores” (Ottinger, 2017, p. 42)⁶. Se trata, por lo tanto, de una exclusión que implica la capacidad de los sujetos o grupos de participar activamente en la construcción, difusión y preservación del conocimiento en la sociedad (Fricker, 2007; Gabriel; Santos, 2020; Silva; Garcez; Silva, 2022).

Cuando una persona no es reconocida como un ser capaz de proporcionar información, no se percibe a sí misma como segura para obtener y transmitir conocimiento, y esta forma de injusticia es íntimamente epistémica, ya que “oferecemos testemunho fazendo afirmações; as afirmações são entendidas como expressão de conhecimento; e a vítima da injustiça epistémica não é reconhecida como capaz de expresar (e talvez possuir) conocimiento” (Hookway, 2010, p. 153)⁷.

Miranda Fricker (2007) discute la dualidad de la injusticia epistémica, vinculada a la injusticia testimonial y a la injusticia hermenéutica. La injusticia testimonial “[...] é causada pelo preconceito na economia da credibilidade” (Fricker, 2007, p. 1, tradução nossa), cuando hay una falta de confiabilidad a lo anunciado por el hablante generando un juicio prejuiciado por el oyente; mientras que la injusticia hermenéutica “[...] é causada por preconceitos estruturais na economia dos recursos hermenêuticos coletivos” (Fricker, 2007, p. 1, tradução nossa)⁸, se produce antes de las actividades comunicativas entre sujetos, ya que el sujeto marginado hermenéuticamente se encuentra en desventaja al no obtenerlas herramientas para dar sentido a su experiencia social (Fricker, 2013).

Además de los conceptos anteriores, Patin *et al.* (2021, p. 1308)⁹ nombran otras dos injusticias epistémicas que ocurren en nuestro campo, a saber: la injusticia curricular, “[...] acontece quando os recursos físicos não estão disponíveis para ajudar a sustentar o crescimento epistêmico”; y la injusticia participativa que se relaciona con “a exclusão da participação de cada um em seu próprio desenvolvimento epistemológico” (Patin *et al.*, 2021, p. 1308)¹⁰.

El trabajo de los profesionales de la información (archiveros, bibliotecarios, preservadores digitales, científicos de la información) tiene “consequências reais para as pessoas marginalizadas porque quem é lembrado e como eles são lembrados dita quem recebe a violência perpetrada contra eles” (Jules, 2016, p. 1)¹¹.

El campo de la biblioteconomía y las ciencias de la información está demarcado por una historia de civismo, neutralidad y silencio como armas para la marginación. Tales instrumentos de poder y control se entrelazan en el campo por esferas como: a) *cursos de graduação* que invisibilizan estudiantes y profesores pertenecientes a grupos colocados en los márgenes y sus demandas por currículos más justos y representativos; b) *professorado* con ausencia de profesores de otras pertenencias étnico-raciales no blancas; c) *programas de posgrado*, cuyo control de admisión se vincula a procesos de exclusión social y racial, entre otros. En este sentido, la universidad y el campo incorporan desigualdades y exclusiones de forma estructural y estructurante en sus relaciones, epistemes y su praxis (Gibson, 2019; Silva; Silva, 2022).

En cuanto a la neutralidad profesional, históricamente se considera un valor presente en la profesión y en las bibliotecas. Se entiende como la posición de permanecer imparcial y no apoyar ni ofrecer apoyo a ninguna de las partes en situaciones de conflicto, desacuerdo o guerra. Los valores de la neutralidad profesional están vinculados a la defensa de la supremacía racial blanca y, por lo tanto, contribuyen a la privación de derechos de las comunidades marginadas (Chiu; Ettarh; Ferretti, 2021).

Así, las bibliotecas y unidades de información además de ser espacios blancos (Honma, 2021) también se convierten en espacios epistemicidas. Cuando nos referimos al epistemicidio o asesinato del conocimiento, entendemos que “o privilégio epistemológico que a ciência moderna concede a si mesma é [...] o resultado da destruição de todos os conhecimentos alternativos que poderiam eventualmente questionar tal privilégio” (Santos, 2016, p. 152-153)¹².

Para revertir este escenario, entendemos la importancia de que los profesionales asuman la responsabilidad profesional con la justicia social, la equidad en la representatividad de la colección, los servicios y productos para las comunidades marginadas y los valores democráticos de la profesión bibliotecaria. Para Dadlani y Todd (2015, p. 333) es deber de la biblioteca, como unidad de información, expresar todos los principios de justicia social, ya que se construye con la participación de todos los individuos, organización o sistemas a los que pertenece. Mathiesen (2015) defiende en la misma perspectiva, y argumenta que el punto principal no es si los profesionales de la información serán neutrales, sino si esta neutralidad asumida por ellos acoge o no estos valores de justicia social. Destaca que estos valores se alcanzan cuando “os profissionais da informação fornecem o mesmo nível de serviço a pessoas cujas crenças discordam violentamente e àquelas com quem concordam” (Mathiesen, 2015, p. 5-6)¹³.

La justicia social y la libertad humana en el flujo global del conocimiento no deben basarse y presentarse tomando como punto de vista una sola nación o grupo dominante, sino la pluralidad epistémica de diversos grupos dispersos por todo el planeta (Britz; Ponelis, 2012). La inclusión de esta pluralidad permitirá la reparación epistémica de saberes históricamente silenciados, borrados o excluidos de los acervos de las bibliotecas, a la vez que propondrá nuevas perspectivas de lectura y mirada del mundo a través de otros lentes teóricos. Una de las formas de esta reparación es la difusión de fuentes de información que discutan estos temas. En este caso, hemos elegido las bibliografías, precisamente porque una de sus funciones es recuperar información necesaria para el conocimiento y composición de obras científicas, técnicas o culturales (Dias; Pires, 2005), pudiendo así contribuir contra acciones epistemicidas y apoyando la difusión de bibliografía vinculada a la justicia social que se dedica a reflejar el pensamiento sobre y por grupos marginados de las sociedades, como veremos a continuación.

LA INSURGENCIA DE UNA BIBLIOGRAFÍA SOBRE JUSTICIA SOCIAL EN EL ÁMBITO DE LA BIBLIOTECONOMÍA Y LA DOCUMENTACIÓN: RESULTADOS

El término bibliografía puede referirse a “um produto, uma atividade, um campo disciplinar” (Lara, 2018, p. 128)¹⁴. En nuestra investigación adoptamos la perspectiva de un producto, a partir del cual podemos “inventariar a produção intelectual humana, produção essa expressa em diferentes livros e manuscritos espalhados por diferentes bibliotecas” (Araújo, 2014, p. 100)¹⁵. Diferentes autores presentan sus percepciones sobre las tipologías y clasificaciones de las bibliografías. Dias y Pires (2005, p. 70)¹⁶ consideran que la bibliografía es una “lista completa ou seletiva de documentos sobre um assunto determinado”, y dentro de esta interpretación se puede clasificar a partir de las siguientes tipologías: naturaleza del material, ámbito geográfico, tema, disposición, época, presentación de la información y manejo del documento. Con base en estas tipologías organizamos la bibliografía sobre justicia social en BCI: se trata de una bibliografía en forma de lista selectiva de documentos, de presentación señalada, de alcance internacional, con temática especializada, temporalidad retrospectiva y ordenación alfabética y sistemática, en tres categorías, descritas a continuación.

Tras la búsqueda en las bases de datos seleccionadas, se recuperaron 342 documentos, de los cuales, una vez depurados y eliminados los duplicados, resultaron 180 materiales. A efectos de recorte, y como ordenación sistemática de la bibliografía, utilizamos tres categorías para presentar algunos enfoques de los estudios de justicia social en el campo, a saber: a) formación para la justicia social: 14 documentos, b) bibliotecas para la justicia social: 41 documentos y, c) actuación bibliotecaria para la justicia social: 35 documentos.

La categoría *Formación para la justicia social* incluye diferentes enfoques teórico-pedagógicos sobre los estudios de justicia social en el BCI, que abarcan aspectos como su inserción en el currículo de los cursos, así como acciones de enseñanza-aprendizaje dentro de la práctica profesional, como la creación de programas de Competencia Informacional que también tienen un enfoque de justicia social. La segunda categoría, *Bibliotecas para la justicia social*, se centra en el papel y las acciones que los diferentes tipos de bibliotecas, especialmente las públicas, han tenido en sus territorios y con sus comunidades. En este punto, se recogieron acciones paraguas en vulnerabilidad social y prestación de servicios de información que atiendan necesidades específicas de las comunidades. La última categoría delimitada, *Actuación Bibliotecaria para la Justicia Social*, se centra en la agenda y el papel de los bibliotecarios en su núcleo profesional de la justicia social, sus necesidades y prácticas derivadas del cambio de actitudes y los conocimientos adquiridos sobre el tema, las luchas y la *advocacy*. El contexto de esta categoría involucra la práctica profesional y su responsabilidad social, sus acciones para comprender su hacer y su papel en la sociedad y la comprensión de la no neutralidad de la profesión.

En cuanto a la categoría *Formación para la justicia social*, se recuperaron 14 documentos. En ellos, los enfoques buscados fueron temas como currículos de posgrado y la inserción de la diversidad (Alajmi; Alshammari, 2020), la justicia social como herramienta para transformar el currículo, la educación bibliotecaria y la cultura en BCI (Cooke; Sweeney; Noble, 2016), Justicia social, diversidad y currículo en BCI (Kumasi; Manlove, 2015), Ecología indígena en la educación en BCI (Roy, 2015), Programa de Competencia Informacional, justicia social y agencia estudiantil (Gregory; Higgins, 2017), raza, etnia y diversidad en la clasificación y organización de la información (Adler; Harper, 2018), alfabetización informacional (Pegues, 2018), entre otros temas.

En la categoría de *Bibliotecas para la justicia social*, la búsqueda arrojó 41 resultados. Los enfoques de investigación vinculados a temas, como la justicia social, las bibliotecas públicas y las necesidades de información de la población LGBTQIA+ (Vincent, 2015), el sistema de bibliotecas públicas, los servicios y materiales para la población LGBTQIA+ a través del análisis de la teoría de la interseccionalidad (Hicks; Kerrigan, 2020), la evaluación de los personajes y escenarios que reflejan las identidades LGBT en la ficción en las plataformas de adquisición de bibliotecas Coutts 'OASIS y Smashwords (Sandy; Brendler; Kohn, 2017), bibliotecas públicas y experiencias de hawaianos en libros infantiles ilustrados (Zettervall, 2012), lectura recreativa, alfabetización, bibliotecas y justicia social (Dewan, 2016), justicia informacional, bibliotecas y servicios de información (Mathiesen, 2015), descolonización del desarrollo de colecciones en bibliotecas (Blume; Roylance, 2020), las bibliotecas públicas y el apoyo a las empresas comunitarias rurales (Mehra; Bishop; Partee, 2017), la relación entre los servicios bibliotecarios y los grupos vulnerables (Tello, 2008), el racismo y la cultura de la blancura en las bibliotecas académicas en el espacio de los servicios públicos, la dotación de personal y la prestación de servicios de referencia (Brook; Ellenwood; Lazzaro, 2015), entre otros.

Por último, en la categoría de *Actuación Bibliotecaria para la justicia social*, se recuperaron 35 documentos. Algunos de los temas tratados fueron la desracialización de los esquemas de clasificación del desempeño bibliotecario (Furner, 2007), estrategias para reclutar y retener sujetos de grupos subrepresentados en la profesión bibliotecaria (Harper, 2020), catalogación crítica orientada a la justicia social (Watson, 2020), bibliotecarios con discapacidad, barreras, afrontamiento de estereotipos en el trabajo (Oud, 2019), promoción de la igualdad de las minorías sexuales a través de la acción comunitaria y la creación de conciencia social (Mehra; Braquet, 2007), la agenda de justicia social y la diversidad racial y étnica en las bibliotecas académicas del futuro (Morales;

Knowles; Bourg, 2014), las competencias prácticas y generalizables del bibliotecario de referencia hacia el compromiso cívico y la justicia social (Brunvand, 2020), la neutralidad política del profesional bibliotecario (Cheshire; Stout, 2020), la biblioteconomía penitenciaria y el paradigma de la libertad intelectual y la justicia social (Šimunić; Tanacković; Badurina, 2016), percepciones del profesorado sobre la enseñanza de la alfabetización informacional (Dawes, 2019), entre otros.

CONCLUSIONES

El propósito de este trabajo fue organizar una bibliografía selectiva sobre justicia social en Biblioteconomía y Ciencia de la Información, desde 1960 hasta 2020. Para ello, realizamos búsquedas de documentos en bases de datos nacionales e internacionales, con criterios definidos, para localizar documentos que abordaran el tema. Recuperamos 342 documentos, que, después de la depuración y eliminación de duplicados, resultaron en 180 materiales que utilizamos para la organización de la bibliografía.

En cuanto a la clasificación de las bibliografías, adoptamos las tipologías de Dias y Pires (2005) y organizamos los resultados en una bibliografía, en forma de lista selectiva de documentos, de presentación de señales, de alcance internacional, de tema especializado, retrospectiva, de ordenación alfabética y, también, sistemática, debido a tres categorías que adoptamos para describir mejor algunos enfoques de estudios en justicia social en el campo: a) formación para la justicia social: 14 documentos, b) bibliotecas para la justicia social: 41 documentos y, c) actuación bibliotecaria para la justicia social: 35 documentos. Finalmente, resaltamos que tal como se presenta en los resultados y en la bibliografía, consideramos que existe amplitud en las investigaciones en justicia social en el campo bibliotecológico-informacional, así como reiteramos que las bibliografías, en este contexto, pueden contribuir al conocimiento y difusión de los estudios en justicia social, contribuyendo contra acciones epistemicidas y apoyando la difusión del pensamiento sobre y por grupos marginados en las sociedades.

REFERENCIAS

- ADLER, Melissa; HARPER, Lindsey M. Race and Ethnicity in Classification Systems: Teaching Knowledge Organization from a Social Justice Perspective. *Library Trends*, Illinois, v. 67, n. 1, p. 52-73, 2018. DOI 10.1353/LIB.2018.0025.
- ALAJMI, Bibi M.; ALSHAMMARI, Israa. Strands of diversity in Library and Information Science graduate curricula. *Malaysian Journal of Library & Information Science*, [s. l], v. 25 n. 1, p. 103-121, Apr. 2020.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. *Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível*. Brasília: Briquet de Lemos; São Paulo: ABRALINFO, 2014.
- BLUME, Rachel; ROYLANCE, Alisson. Decolonization in collection development: Developing an authentic authorship workflow. *The Journal of Academic Librarianship*, [s. l], v. 46, n. 5, p. 1-7, Sept. 2020. DOI 10.1016/j.jacalib.2020.102175.
- BRUNVAND, Amy. Researching bears ears: reference practice for civic engagement. *Reference Services Review*, [s. l], v. 48, n. 1, p. 49-61, Feb. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1108/RSR-09-2019-0061>.
- BONICCI, Laurie J. et. al. Physiological access as a social justice type in LIS Curricula. *Journal of Education for Library and Information Science*, [s. l], v. 53, n. 2, p. 115-129, Apr. 2012. Disponible en: <https://www.jstor.org/stable/23249103>. Acceso en: 10 set. 2021.
- BROOK, Freeda; ELLENWOOD, Dave; LAZZARO, Althea Eannace. In pursuit of antiracist social justice: denaturalizing whiteness in the academic library. *Library Trends*, Illinois, v. 64, n. 2, p. 246-284, 2015.
- BRITZ, Johannes J.; PONELIS, Shana. Social justice and the international flow of knowledge with specific reference to African scholars. *Aslib Proceedings: New Information Perspectives*, [s. l], v. 64, n. 5, p. 462-477, Sept. 2012. DOI 10.1108/00012531211263094.
- CASTRO, Flávia Rodrigues de. *Refúgio e injustiça epistêmica: uma análise a partir do Brasil*. 2020. 251 p. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- CHESHIRE, Kelsey; STOUT, Jennifer. The moral arc of the library: what are our duties and limitations after 45? *Reference Services Review*, [s. l], v. 48, n. 2, p. 219-225, Apr. 2020.
- CHIU, Anastasia; ETTARH, Fobazi M.; FERRETTI, Jennifer A. Not the shark, but the water: How neutrality and vocational awe intertwine to uphold white supremacy. In: LEUNG, Sofia Y.; LOPEZ-MCKNIGHT, Jorge R (ed.). *Knowledge justice: disrupting library and information studies through critical race theory*. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology, 2021.
- COOKE, Nicole A., SWEENEY, Miriam E., NOBLE, Safiya U. Social justice as topic and tool: an attempt to transform an LIS curriculum and culture. *The Library Quarterly*, Illinois, v. 86, n. 1, p. 107-124, Jan. 2016. DOI 10.1086/684147.

- DAWES, Lorna. Through faculty's eyes: Teaching threshold concepts and the framework. *Portal: Libraries and the academy*, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 127-153, Jan. 2019.
- DADLANI, Punit; TODD, Ross J. Information technology and school libraries: a social justice perspective. *Library Trends*, Illinois, v. 64, n. 2, p. 329-359, 2015.
- DALAUQA, Gustavo Hessmann. Liberdade democrática como desenvolvimento de si, resistência à opressão e à injustiça epistêmica. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 43, n. 3, p. 213-234, jul./set. 2020.
- DEWAN, Pauline. Economic well-being and social justice through pleasure reading. *New Library World*, Bingley, v. 117, n. 9/10, p. 557-567, Oct. 2016.
- DIAS, Maria Matilde Kronka. PIRES, Daniela. *Fontes de informação: um manual para cursos de graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação*. São Carlos: EdUFSCar, 2005.
- FRICKER, Miranda. *Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- FRICKER, Miranda. Epistemic justice as a condition of political freedom? *Synthese*, [s. l.], v. 190, n. 7, p. 1317-1332, May 2013.
- FURNER, Jonathan. Dewey Deracialized: A critical race-theoretic perspective. *Knowledge Organization*, [s. l.], v. 34, n. 3, p. 144-168, 2007.
- GABRIEL, Alice de Barros; SANTOS, Breno Ricardo Guimarães. A injustiça epistêmica na violência obstétrica. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 2, e00012, 2020.
- GIBSON, Amelia N. Civility and structural precarity for faculty of color in LIS. *Journal of Education for Library and Information Science*, [s. l.], v. 60, n. 3, p. 215-222, Jul. 2019. DOI 10.3138/jelis.2019-0006.
- GREGORY, Lua; HIGGINS, Shana. Reorienting an information literacy program toward social justice: mapping the core values of librarianship to the ACRL Framework. *Communications in Information Literacy*, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 42-54, 2017.
- HARPER, Lindsey. Recruitment and retention strategies of LIS students and professionals from underrepresented groups in the United States. *Library Management*, [s. l.], v. 41, n. 2/3, p. 67-77, Feb. 2020.
- HICKS, Pete; KERRIGAN, Páirc. An intersectional quantitative content analysis of the LGBTQ+ catalogue in Irish public libraries. *Journal of Librarianship and Information Science*, [s. l.], v. 52, n. 4, p. 1028-1041, 2020.
- HOOKEYWAY, Christopher. Some varieties of epistemic injustice: reflections on Fricker. *Episteme*, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 151-163, Jun. 2010. DOI: <https://doi.org/10.3366/E1742360010000882>.
- HONMA, Todd. Introduction to part I. In: LEUNG, Sofia Y.; LOPEZ-MCKNIGHT, Jorge R (ed.). *Knowledge justice: disrupting library and information studies through critical race theory*. Cambridge, MA: MIT Press, 2021.
- JULES, Bergis. Confronting Our Failure of Care Around the Legacies of Marginalized People in the Archives. *On Archivy*, [s. l.], nov. 11, 2016. Disponível em: <https://medium.com/on-archivy/confronting-our-failure-of-care-around-the-legacies-of-marginalized-people-in-the-archives-dc4180397280>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- KUMASI, Kafi D.; MANLOVE, Nichole. Finding "diversity levers" in the core library and information science curriculum: a social justice imperative. *Library Trends*, Illinois, v. 64, n. 2, p. 415-443, 2015.
- LARA, Marilda Lopes Ginez de. Conceito de bibliografia, ou conceitos de bibliografia? *Informação & informação*, Londrina, v. 23, n. 2, p. 127-151, maio/ago. 2018.
- MATHIESEN, Kay. Informational justice: a conceptual framework for social justice in library and information services. *Library Trends*, Illinois, v. 64, n. 2, p. 198-225, 2015.
- MEDEIROS, Felipe Gabriel Gomes; PRESSER, Nadi Helena. Informação e inclusão social: perspectivas possíveis. *Ciência da Informação em Revista*, Maceió, v. 7, n. 1, p. 19-33, jan./abr. 2020.
- MEHRA, Bharat; BRAQUET, Donna. Library and information science professionals as community action researchers in an academic setting: top ten directions to further institutional change for people of diverse sexual orientations and gender identities. *Library Trends*, Illinois, v. 56, n. 2, p. 542-565, 2007.
- MEHRA, Barat; BISHOP, Bradley W. de; PARTEE, Robert P. How do public libraries assist small businesses in rural communities? an exploratory qualitative study in Tennessee. *Libri*, [s. l.], v. 67, n. 4, p. 245-260, 2017. DOI 10.1515/libri-2017-0042.
- MORALES, Myrna; KNOWLES, Em Claire; BOURG, Chris. Diversity, social justice, and the future of libraries. *Portal: Libraries and the Academy*, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 439-451, Jul. 2014.
- OD, Joanne. Systemic Workplace barriers for academic librarians with disabilities. *College & Research Libraries*, [s. l.], v. 80, n. 2, p. 169-194, 2019.
- OTTINGER, Gwen. Making sense of citizen science: stories as a hermeneutic resource. *Energy Research & Social Science*, [s. l.], v. 31, p. 41-49, Sept. 2017.
- PATIN, Beth; SEBASTIAN, Melinda; YEON, Jieun; Bertolini, Danielle; GRIMM, Alexandra. Interrupting epistemicide: a practical framework for naming, identifying, and ending epistemic injustice in the information professions. *Journal of the Association for Information Science and Technology*, [s. l.], v. 72, n. 10, p. 1306-1318, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1002/asi.24479>.

- PEGUES, Conrad R. Engendering social justice in first year information literacy classes. *Communications in Information Literacy*, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 193-202, 2018.
- ROY, Lorie. Advancing an indigenous ecology within LIS Education. *Library Trends*, Illinois, v. 64, n. 2, p. 384-414, 2015.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologies of the South: justice against epistemicide*. [New York]: Routledge, 2016.
- SANDY, Heather Moulaison; BRENDLER, Beth M.; KOHN, Karen. Intersectionality in LGBT fiction: a comparison of a traditional library vendor and a nontraditional eBook platform. *Journal of Documentation*, [s. l.], v. 73, n. 3, p. 432-450, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1108/JD-07-2016-0092>.
- ŠIMUNIĆ, Zrinka; TANACKOVIĆ, Sanjica Faletar; BADURINA, Boris. Library services for incarcerated persons: a survey of recent trends and challenges in prison libraries in Croatia. *Journal of Librarianship and Information Science*, [s. l.], v. 48, n. 1, p. 72-89, Mar. 2016.
- SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; SILVA, Rubens Alves da. Da ausência à evidência: notas teórico-críticas sobre o princípio da ausência, epistemicídio e reparação epistêmica em bibliotecas e biblioteconomia. *INCID: Revista de Documentação e Ciência da Informação*, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 47-72, jul. 2022.
- SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SILVA, Rubens Alves da. Conhecimento das margens: da injustiça epistêmica à valorização do conhecimento negro em biblioteconomia e ciência da informação. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v. 27, n. 1, p. 1-19, 2022.
- TELLO, Felipe Meneses. Library services for vulnerable groups: the view in IFLA and other associations guidelines. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 18, n. 1, 2008.
- VINCENT, John. Why do we need to bother? public library services for LGBTQI people. *Library Trends*, Illinois, v. 64, n. 2, p. 285-298, 2015.
- WATSON, Brian M. "There was Sex but no Sexuality:" critical cataloging and the classification of asexuality in LCSH. *Cataloging & Classification Quarterly*, [s. l.], v. 58, n. 6, p. 1-19, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/01639374.2020.1796876>.
- ZETTERVALL, Sara. Through a distant lens: visions of native Hawaiians in children's picture books. *Progressive Librarian*, New York, n. 40, p. 109-124, 2012.

APÉNDICE 1 – Tabla de bibliografía sobre justicia social por categorías

CATEGORÍA	REFERENCIAS
Formación para la justicia social (14)	BONNICI, Laurie J. <i>et al.</i> Physiological access as a social justice type in LIS curricula. <i>Journal of Education for Library and Information Science</i> , [s. l.], v. 53, n. 2, p. 115-129, Apr. 2012.
	YUKAWA, Joyce. Preparing for complexity and wicked problems through transformational learning approaches. <i>Journal of Education for Library and Information Science</i> , [s. l.], v. 56, n. 2, p. 158-168, 2015.
	JONES, Rhiannon. Social justice in library science programs: A content analysis approach. <i>Journal of Librarianship and Information Science</i> , [s. l.], v. 52, n. 4, p. 1102-1109, 2020.
	KUMASI, Kafi D.; MANLOVE, Nichole L. Finding "diversity levers" in the core library and information science curriculum: A social justice imperative. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 64, n. 2, p. 415-443, 2015.
	COOKE, Nicole A.; SWEENEY, Miriam E.; NOBLE, Safiya Umoja. Social justice as topic and tool: An attempt to transform an LIS curriculum and culture. <i>The Library Quarterly</i> , Illinois, v. 86, n. 1, p. 107-124, Jan. 2016.
	GREGORY, Lua; HIGGINS, Shana. Reorienting an information literacy program toward social justice: Mapping the core values of librarianship to the ACRL framework. <i>Communications in Information Literacy</i> , [s. l.], v. 11, n. 1, p. 42-54, 2017.
	PEGUES, Conrad R. Engendering Social Justice in First Year Information Literacy Classes. <i>Communications in Information Literacy</i> , [s. l.], v. 12, n. 2, p. 193-202, 2018.
	BAREFOOT, Maria R. Identifying information need through storytelling. <i>Reference Services Review</i> , [s. l.], v. 46, n. 2, p. 251-263, 2018. DOI: https://doi.org/10.1108/RSR-02-2018-0009 .
	BRANCH, Nicole A. Illuminating Social Justice in the Framework: Transformative Methodology, Concept Mapping and Learning Outcomes Development for Critical Information Literacy. <i>Communications in Information Literacy</i> , [s. l.], v. 13, n. 1, p. 4-22, 2019.
	ROY, Lorie. Advancing an indigenous ecology within LIS education. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 64, n. 2, p. 384-414, 2015.
	ALAJMI, Bibi M.; ALSHAMMARI, Israa. Strands of diversity in Library and Information Science graduate curricula. <i>Malaysian Journal of Library & Information Science</i> , Illinois, v. 25, n. 1, p. 103-120, 2020.
	GOHR, Michelle; NOVA, Vitalina A. Student trauma experiences, library instruction and existence under the 45th. <i>Reference Services Review</i> , [s. l.], v. 48, n. 1, p. 183-199, 2020.
	ADLER, Melissa; HARPER, Lindsey M. Race and ethnicity in classification systems: Teaching knowledge organization from a social justice perspective. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 67, n. 1, p. 52-73, 2018.
	RIQX, Kevin. Metatheory in library and information science: A nascent social justice approach. <i>Journal of Education for Library and Information Science</i> , v. 51, n. 1, p. 9-17, 2010.

CATEGORIA	REFERENCIAS
Bibliotecas para la justicia social (41)	JAEGER, Paul T. <i>et al.</i> Library research and what libraries actually do now: Education, inclusion, social services, public spaces, digital literacy, social justice, human rights, and other community needs. <i>The Library Quarterly</i> , Illinois, v. 84, n. 4, p. 491-493, 2014.
	WESTBROOK, Lynn. Understanding crisis information needs in context: The case of intimate partner violence survivors. <i>The Library Quarterly</i> , Illinois, v. 78, n. 3, p. 237-261, 2008.
	TELLO, Felipe M. Bibliotecas y justicia social. <i>Revista Folha de Rosto</i> , Juazeiro do Norte, v. 6, n. 3, p. 54-77, 2020.
	DADLANI, Punit; TODD, Ross J. Social justice as strategy: Connecting school libraries, collaboration, and IT. <i>The Library Quarterly</i> , Illinois, v. 86, n. 1, p. 43-75, 2016.
	ZETTERVALL, Sara. Through a Distant Lens: Visions of Native Hawaiians in Children's Picture Books. <i>Progressive Librarian</i> , New York, n. 40, p. 109-124, 2012.
	BOSSALLER, Jenny S. <i>et al.</i> Learning about social justice through experiential learning abroad. <i>Reference and User Services Quarterly</i> , [s. l.], v. 54, n. 3, p. 6-11, 2015.
	DEWAN, Pauline. Economic well-being and social justice through pleasure reading. <i>New Library World</i> , v. 117, n. 9/10, p. 557-567, 2016. DOI: https://doi.org/10.1108/NLW-03-2016-0019 .
	DADLANI, Punit; TODD, Ross J. Information technology and school libraries: A social justice perspective. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 64, n. 2, p. 329-359, 2015.
	BROOK, Freeda; ELLENWOOD, Dave; LAZZARO, Althea Eannace. In pursuit of antiracist social justice: Denaturalizing whiteness in the academic library. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 64, n. 2, p. 246-284, 2015.
	MATHIESEN, Kay. Informational justice: A conceptual framework for social justice in library and information services. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 64, n. 2, p. 198-225, 2015.
	BLUME, Rachel; ROYLANCE, Allyson. Decolonization in collection development: Developing an authentic authorship workflow. <i>The Journal of Academic Librarianship</i> , [s. l.], v. 46, n. 5, p. 102175, Sept. 2020.
	JAEGER, Paul T.; SARIN, Lindsay C. The politically engaged public library: Admitting and embracing the political nature of libraries and their goals. <i>Public Library Quarterly</i> , [s. l.], v. 35, n. 4, p. 325-330, 2016.
	MERLO-VEGA, José Antonio; CHU, Clara M. Out of necessity comes unbridled imagination for survival: Contributive justice in Spanish libraries during economic crisis. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 64, n. 2, p. 299-328, 2015.
	GEROLAMI, Natasha. The library assemblage: creative institutions in an information society. <i>Journal of Documentation</i> , [s. l.], v. 71, n. 1, p. 165-174, 2015.
	SOGLASNOVA, Lana; HANSON, Mary. Socially responsive design and evaluation of a workers' compensation thesaurus for a community organization with selective application of cognitive work analysis: A case study. <i>Cataloging & Classification Quarterly</i> , [s. l.], v. 63, n. 8, p. 905-926, 2015.
	FIEDLER, Brittany Paloma; MITOLA, Rosan; CHENG, James. Responding to hate: how national and local incidents sparked action at the UNLV University Libraries. <i>Reference Services Review</i> , [s. l.], p. 1-28, 2020.
	SAMEK, Toni. Reflection on Risk in the Endeavours of Librarianship and Human Rights. <i>Türk Kütüphaneciliği</i> , [s. l.], v. 32, n. 1, p. 19-25, 2018.
	DOUGLASS, Kimberly; MEHRA, Bharat. A four frames analysis to address the information challenges of families of children with ADHD: Actions for Public Libraries to Address Embedded Power Imbalances. <i>Libri</i> , [s. l.], v. 66, n. 1, p. 59-71, 2016.
	BANGANI, Siviwe; CHIZWINA, Sabelo; MOYO, Mathew. An analysis of interlibrary loan services: a case study of a university in South Africa. <i>Information Discovery and Delivery</i> , [s. l.], v. 46, n. 1, p. 26-37, 2018. DOI: https://doi.org/10.1108/IDD-08-2017-0059 .
	SPARANESSE, Ann C. Service to the labor community: a public library perspective. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 51, n. 1, p. 19-35, 2002.
	SANDY, Heather Moulaison; BRENDLER, Beth M.; KOHN, Karen. Intersectionality in LGBT fiction: A comparison of a traditional library vendor and a nontraditional eBook platform. <i>Journal of Documentation</i> , [s. l.], v. 73, n. 3, p. 432-450, 2017. DOI: https://doi.org/10.1108/JD-07-2016-0092 .
	VINCENT, John. Why do we need to bother? Public library services for LGBTQI people. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 64, n. 2, p. 285-298, 2015.
	HICKS, Pete; KERRIGAN, Páircé. An intersectional quantitative content analysis of the LGBTQ+ catalogue in Irish public libraries. <i>Journal of Librarianship and Information Science</i> , [s. l.], v. 52, n. 4, p. 1028-1041, 2020.
	HOFFMANN, Debra; WALLACE, Amy. Intentional informationists: Re-envisioning information literacy and re-designing instructional programs around faculty librarians' strengths as campus connectors, information professionals, and course designers. <i>The Journal of Academic Librarianship</i> , [s. l.], v. 39, p. 546-551, 2013.
	NEWMAN, Jess; BONEFAS, Suzanne; TRENTHEM, Wendy. Creating capacity for digital projects: a case study in identifying and building upon strengths. <i>Digital Library Perspectives</i> , [s. l.], v. 34, n. 1, p. 9-19, 2018. DOI: https://doi.org/10.1108/DLP-08-2017-0026 .
	RISAM, Roopika; SNOW, Justin; EDWARDS, Susan. Building an ethical digital humanities community: Librarian, faculty, and student collaboration. <i>College & Undergraduate Libraries</i> , [s. l.], v. 24, n. 2-4, p. 337-349, 2017.
	BARR-WALKER, Jill; SHARIFI, Claire. Critical librarianship in health sciences libraries: an introduction. <i>Journal of the Medical Library Association</i> , [s. l.], v. 107, n. 2, p. 258-264, Apr. 2019.
	FOSTER, Makiba J. Navigating library collections, black culture, and current events. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 67, n. 1, p. 8-22, 2018.
	MARCELLA, Rita; CHOWDHURY, Gobinda. Eradicating information poverty: An agenda for research. <i>Journal of Librarianship and Information Science</i> , [s. l.], v. 52, n. 2, p. 366-381, 2020.
	KRUTKOWSKI, Sebastian; TAYLOR-HARMAN, Sarah; GUPTA, Kat. De-biasing on university campuses in the age of misinformation. <i>Reference Services Review</i> , [s. l.], v. 48, n. 1, p. 113-128, 2020. DOI: https://doi.org/10.1108/RSR-10-2019-0075 .
	RAJU, Reggie <i>et al.</i> An authentic flip subscription model for Africa: Library as publisher service. <i>Library Management</i> , [s. l.], v. 41, n. 6/7, p. 369-381, 2020.
	BUSCHMAN, John; WARNER, Dorothy A. On community, justice, and libraries. <i>The Library Quarterly</i> , Illinois, v. 86, n. 1, p. 1-15, 2016.
	PEEKHAUS, Wilhelm. Seed libraries: Sowing the seeds for community and public library resilience. <i>The Library Quarterly</i> , Illinois, v. 88, n. 3, p. 271-285, 2018.
	ARROYO-RAMIREZ, Elvia <i>et al.</i> The reach of a long-arm stapler: Calling in microaggressions in the LIS field through zine work. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 67, n. 1, p. 107-130, 2018.
	MEHRA, Bharat; GRAY, LaVerne. An "owning up" of white-IST trends in LIS to further real transformations. <i>The Library Quarterly</i> , Illinois, v. 90, n. 2, p. 189-239, 2020.
	JOHNSON, Hayley. #NoDAPL: Social media, empowerment, and civic participation at Standing Rock. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 66, n. 2, p. 155-175, 2017.
	STRANGER-JOHANNESSEN, Espen; ASSELIN, Marlene; DOIRON, Ray. New perspectives on community library development in Africa. <i>New Library World</i> , [s. l.], v. 116, n. 1/2, p. 79-93, 2015. DOI: https://doi.org/10.1108/NLW-05-2014-0063 .
	FOURIE, Ina; MEYER, Anika. Role of libraries in developing an informed and educated nation. <i>Library Hi Tech</i> , [s. l.], v. 34, n. 3, p. 422-432, 2016. DOI: https://doi.org/10.1108/LHT-01-2016-0009 .
	PIKIĆ, Aleksandra; BARBARIĆ, Ana. Public Libraries in the Eyes of the LGBTIQ Community: the case of Croatia. <i>Public Library Quarterly</i> , [s. l.], v. 39, n. 2, p. 115-139, 2020.
	TELLO, Felipe Meneses. Servicios bibliotecarios para grupos vulnerables: la perspectiva en las directrices de ifla y otras asociaciones. <i>Informação & Sociedade: Estudos</i> , João Pessoa, v. 18, n. 1, p. 45-66, 2008.
	MEHRA, Bharat; BISHOP, Bradley Wade; PARTEE II, Robert P. How do public libraries assist small businesses in rural communities? An exploratory qualitative study in Tennessee. <i>Libri</i> , [s. l.], v. 67, n. 4, p. 245-260, 2017.

CATEGORIA	REFERENCIAS
Biblioteconomia para la justicia social(35)	MARIEN, Stacey (Ed.). <i>Library Technical Services: adapting to a changing environment</i> . West Lafayette: Purdue University Press Book Previews, v. 57, 2020.
	THARANI, Karim. ¡Solo KOS! Enriching Digital Collections with Hypertexts to Enhance Accessibility of Non-Western Knowledge Materials in Libraries. <i>Knowledge Organization</i> , [s. l.], v. 47, n. 3, p.220-230, 2020.
	JAEGER, Paul T. et al. The virtuous circle revisited: Injecting diversity, inclusion, rights, justice, and equity into LIS from education to advocacy. <i>The Library Quarterly</i> , Illinois, v. 85, n. 2, p. 150-171, 2015.
	MOREILLON, Judi. Digital storytelling based on the association for library service to children competencies: A learning activity to promote values associated with social justice. <i>Public Library Quarterly</i> , [s. l.], v. 34, n. 3, p. 212-229, 2015.
	UNDERWOOD, Janice et al. Culturally relevant booktalking: using amixed reality simulation with preservice school librarians. <i>School Libraries Worldwide</i> , [s. l.], v. 21, n. 1, p. 91-107, 2015. DOI 10.14265.21.1.006.
	FARRELL, Maggie. Leadership and social justice. <i>Journal of Library Administration</i> , [s. l.], v. 56, n. 6, p. 722-730, 2016.
	MARTIN, Elaine Russo. Social justice and the medical librarian. <i>Journal of the Medical Library Association</i> , [s. l.], v. 107, n. 3, p. 291-303, 2019.
	BATTISTA, Andrew et al. Seeking social justice in the ACRL Framework. <i>Communications in Information Literacy</i> , [s. l.], v. 9, n. 2, p. 111-125, 2015.
	MORALES, Myrna; KNOWLES, Em Claire; BOURG, Chris. Diversity, social justice, and the future of libraries. <i>Portal: Libraries and the Academy</i> , Baltimore, v. 14, n. 3, p. 439-451, 2014.
	SAUNDERS, Laura. Connecting information literacy and social justice: Why and how. <i>Communications in Information Literacy</i> , [s. l.], v. 11, n. 1, p. 55-75, 2017.
	OLIPHANT, Tami. Social justice research in library and information sciences: A case for discourse analysis. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 64, n. 2, p. 226-245, 2015.
	MARTIN, Elaine Russo. Democratic librarianship: the role of the medical library in promoting democracy and social justice. <i>Journal of the Medical Library Association</i> , [s. l.], v. 108, n. 1, p. 131-136, 2020.
	SEIFERLE-VALENCIA, Marco. It's Not (Just) About the Cost: Academic Libraries and Intentionally Engaged OER for Social Justice. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 69, n. 2, p. 469-487, 2020.
	MONTAGUE, Rae-Anne. Mix it up! A blending of community informatics and youth services librarianship to further social justice in library and information science education. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 64, n. 2, p. 444-457, 2015.
	POGGIALI, Jennifer. Incorporating ethical consumption into electronic device acquisition: a proposal. <i>Portal: Libraries and the Academy</i> , Baltimore, v. 16, n. 3, p. 581-597, 2016.
	SHEFFIELD, Rebecca T. More than acid-free folders: Extending the concept of preservation to include the stewardship of unexplored histories. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 64, n. 3, p. 572-584, 2016.
	BRUNVAND, Amy. Researching Bears Ears: reference practice for civic engagement. <i>Reference Services Review</i> , [s. l.], v. 48, n. 1, p. 49-61, 2020. DOI: https://doi.org/10.1108/RSR-09-2019-0061 .
	LAWRENCE, E. E. On the problem of oppressive tastes in the public library. <i>Journal of Documentation</i> , [s. l.], v. 76, n. 5, p. 1091-1107, 2020. DOI: https://doi.org/10.1108/JD-01-2020-0002 .
	CHESHIRE, Kelsey; STOUT, Jennifer. The moral arc of the library: what are our duties and limitations after 45? <i>Reference Services Review</i> , [s. l.], v. 48, n. 2, p. 219-225, 2020.
	MEHRA, Bharat; BRAQUET, Donna. Library and information science professionals as community action researchers in an academic setting: Top ten directions to further institutional change for people of diverse sexual orientations and gender identities. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 56, n. 2, p. 542-565, 2007.
	LAWRENCE, E. E. The trouble with diverse books, part I: on the limits of conceptual analysis for political negotiation in Library & Information Science. <i>Journal of Documentation</i> , [s. l.], v. 76, n. 6, p. 1473-1491, 2020. DOI: https://doi.org/10.1108/JD-04-2020-0057 .
	LAWRENCE, E. E. The trouble with diverse books, part II: an informational pragmatic analysis. <i>Journal of Documentation</i> , [s. l.], v. 77, n. 1, p. 181-197, 2021. DOI: https://doi.org/10.1108/JD-06-2020-0112 .
	KERSLAKE, Evelyn. Book Review: Women and librarianship: a review article. <i>Journal of Librarianship and Information Science</i> , [s. l.], v. 34, n. 1, p. 53-56, 2002.
	PERRY, Gerald Jerry. The activist health sciences librarian. <i>Journal of the Medical Library Association</i> , [s. l.], v. 108, n. 1, p. 5-16, 2020.
	WIDDERSHEIM, Michael M. Governance, legitimation, commons: a public sphere framework and research agenda for the public library sector. <i>Libri</i> , [s. l.], v. 65, n. 4, p. 237-245, 2015.
	THACKER, Mara L.; LAUT, Julie R. A collaborative approach to undergraduate engagement. <i>Portal: Libraries and the Academy</i> , Baltimore, v. 18, n. 2, p. 283-300, 2018.
	ŠIMUNIĆ, Zrinka; TANACKOVIĆ, Sanjica Faletar; BADURINA, Boris. Library services for incarcerated persons: a survey of recent trends and challenges in prison libraries in Croatia. <i>Journal of Librarianship and Information Science</i> , [s. l.], v. 48, n. 1, p. 72-89, 2016.
	OULD, Joanne. Systemic workplace barriers for academic librarians with disabilities. <i>College & Research Libraries</i> , [s. l.], v. 80, n. 2, p. 169-194, 2019. DOI: https://doi.org/10.5860/crl.80.2.169 .
	DAWES, Lorna. Through faculty's eyes: Teaching threshold concepts and the framework. <i>Portal: Libraries and the Academy</i> , Baltimore, v. 19, n. 1, p. 127-153, 2019.
	CAIDI, Nadia; GHADDAR, J. J.; ALLARD, Danielle. Negotiating borders: librarianship and twenty-first-century politics. <i>The Library Quarterly</i> , Illinois, v. 87, n. 4, p. 391-409, 2017.
	WATSON, Brian M. "There was Sex but no Sexuality": Critical Cataloging and the Classification of Asexuality in LCSH. <i>Cataloging and Classification Quarterly</i> , Cambridge, UK, v. 58, n. 6-7, p. 547-565, 2020. DOI 1080/01639374.2020.1796876.
	KITZIE, Vanessa L. et al. Using the World Café Methodology to support community-centric research and practice in library and information science. <i>Library & Information Science Research</i> , [s. l.], v. 42, n. 4, p. 101050, 2020.
	PHILLIPS, Margaret; EIFLER, David; PAGE, Tiffany Linton. Democratizing the union at UC Berkeley: Lecturers and librarians in solidarity. <i>Library Trends</i> , Illinois, v. 68, n. 2, p. 343-367, 2019.
	HARPER, Lindsey M. Recruitment and retention strategies of LIS students and professionals from underrepresented groups in the United States. <i>Library Management</i> , [s. l.], v. 41, n. 2/3, p. 67-77, 2020.
	FURNER, Jonathan. Dewey deracialized: A critical race-theoretic perspective. <i>Knowledge Organization</i> , [s. l.], v. 34, n. 3, p. 144-168, 2007.

RECONOCIMIENTO

Agradecemos el apoyo de la Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 por la concesión de becas de investigación a las personas autoras.

NOTAS FINALES

- 1 Traducción: "proporciona un mecanismo para que la educación en BCI examine y aborde la diversidad en un sentido amplio, garantizando la inclusión de todo tipo de grupos etiquetados como diversos" (Bonicci et al., 2012, p. 125, traducción editorial)
- 2 Traducción: "aprender unos de otros y ser capaces de crear nuevos conocimientos, sino también compartir estos conocimientos en beneficio de la humanidad" (Britz; Ponelis, 2012, p. 472, traducción editorial).
- 3 Dias y Pires (2005, p. 70) clasifican las bibliografías en función de sus tipologías y características. Para ello, establecen 07 tipologías, con sus respectivas características, a saber: naturaleza del material (características - primaria, secundaria, exhaustiva o selectiva); ámbito geográfico (características - nacional, internacional o regional); temática (características - general o especializada); ordenación (características - sistemática, cronológica o alfabética); período de tiempo (características - retrospectiva, actual o periódica); presentación de la información (características - sinóptica, analítica o crítica) y tratamiento del documento (características - primaria o secundaria).
- 4 Traducción: "el conocimiento que los individuos tienen, tanto de la realidad socio-política circundante como de sí mismos" (Dalaqua, 2020, p. 214, traducción editorial)
- 5 Original: "[...] *is caused by prejudice in the economy of credibility*" (Fricker, 2007, p. 1).
- 6 Traducción: "injustificados en su capacidad de conocedores" (Ottinger, 2017, p. 42, traducción editorial).
- 7 Traducción: "ofrecemos testimonio haciendo afirmaciones; las afirmaciones se entienden como expresiones de conocimiento; y la víctima de la injusticia epistémica no es reconocida como capaz de expresar (y quizás poseer) conocimiento" (Hookway, 2010, p. 153, traducción editorial).
- 8 Original: "[...] *is caused by structural prejudice in the economy of collective hermeneutical resources.*" (Fricker, 2007, p. 1).
- 9 Traducción: "[...] ocurre cuando no se dispone de recursos físicos que ayuden a sostener el crecimiento epistémico" (Patin et al., 2021, p. 1308, traducción editorial)
- 10 Traducción: "a exclusión de la propia participación en el propio desarrollo epistemológico" (Patin et al., 2021, p. 1308, traducción editorial)
- 11 Traducción: "consecuencias reales para las personas marginadas, porque quién es recordado y cómo es recordado dicta quién recibe la violencia perpetrada contra ellos" (Jules, 2016, p. 1, traducción editorial).
- 12 Traducción: "el privilegio epistemológico que la ciencia moderna se otorga a sí misma es [...] el resultado de la destrucción de todo conocimiento alternativo que pudiera eventualmente cuestionar tal privilegio" (Santos, 2016, p. 152-153, traducción editorial)
- 13 Traducción: "los profesionales de la información proporcionan el mismo nivel de servicio a las personas con cuyas creencias discrepan violentamente y a aquellas con las que están de acuerdo" (Mathiesen, 2015, p. 5-6, traducción editorial).
- 14 Traducción: "un producto, una actividad, un campo disciplinar" (Lara, 2018, p. 128, traducción editorial).
- 15 Traducción: "inventariar la producción intelectual humana, producción que se expresa en diferentes libros y manuscritos dispersos en distintas bibliotecas" (Araújo, 2014, p. 100, traducción editorial).
- 16 Traducción: "lista completa o selectiva de documentos sobre un tema determinado" (Dias; Pires, 2005, p. 70, traducción editorial)

Mujeres escritoras en la bibliografía brasileña

Diná Marques Pereira Araújo

Estudiante de Doctorado en Ciencias de la Información en el Programa de Posgrado en Ciencias de la Información de la Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), x

Bibliotecaria-documentalista de la Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5368871997608892>

Correo electrónico: librario2017@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8251-255X>

Fabricio José Nascimento da Silveira

Doctorado en Ciencias de la Información por la (PPGCI/UFMG).

Profesor de la carrera de Biblioteconomía y del Posgrado en Ciencias de la Información de la Escola de Ciência da Informação (ECI/UFMG). Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8840124188505402>

Correo electrónico: fabrisilveira@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0446-3913>

Fecha de envío: 28/02/2023. Fecha de aprobación: 05/03/2023. Fecha de publicación: 22/09/2023.

RESUMEN

El presente artículo sintetiza parte de las discusiones desarrolladas en una investigación doctoral que se inscribe en el campo de los estudios histórico-bibliográficos, cuyos objetos de análisis son bibliografías de temática brasileña. El propósito es investigar la presencia de escritoras en esas bibliografías para identificar el silenciamiento que la escritura bibliográfica posibilita. Frente a esto, se argumenta que investigar la memoria escrita a partir de las brasileñas ofrece la oportunidad de traer a escena a las mujeres que han sido borradas de la historiografía y de la memoria bibliográfica, rescatando sus relatos y producciones sobre Brasil. En su dimensión teórica, el trabajo dialoga con perspectivas multidisciplinares, que incluyen estudios sobre Bibliografía e Historia Cultural de las Mujeres. En términos metodológicos, se trata de un análisis bibliográfico-documental centrado en la identificación de escritoras. Por tratarse de una investigación en curso, los resultados consisten en la presentación de las bibliografías seleccionadas, el levantamiento de datos sobre la cantidad de escritoras y reflexiones iniciales sobre estos marcadores cuali-cuantitativos.

Palabras clave: bibliografía; bibliografía brasileña; historia cultural de las mujeres; escritoras.

INTRODUCCIÓN

A principios del siglo XX, en una Inglaterra misógina que no aceptaba a las mujeres en las universidades ni en el mercado laboral, cuyo contexto de baja educación y sumisión a la dominación masculina alimentaba, entre otros aspectos, la exclusión cultural de las mujeres, Virginia Woolf pronunció en 1928 dos conferencias ante la sociedad de las artes en las que reflexionaba sobre su búsqueda de escritoras en las bibliotecas británicas y sobre su indignación ante el escaso número de textos escritos por mujeres. Las conferencias, publicadas como ensayo al año siguiente, llevaban por título *A room of one's own*. Destacando las condiciones sociales que estructuraban la exclusión de las mujeres del circuito de la cultura escrita, Woolf demarcaba, sobre todo, que la historia de las mujeres necesitaba ser reescrita, por lo que planteaba la siguiente cuestión: “por que não acrescentar um suplemento à história? chamando-o, é claro, por algum nome discreto, de forma que as mulheres pudessem ali aparecer sem impropriedade?” (Woolf, 1985, p. 19)¹. Como puede percibirse, las provocaciones de la novelista inglesa subrayan su aguda ironía analítica frente a un sistema que insistía en inferiorizar el lugar, el pensamiento, la vida, el cuerpo y la escritura de las mujeres.

Al evocar las conferencias de Virginia Woolf, publicadas hace casi un siglo, el presente trabajo, que se inscribe en el campo de los estudios histórico-bibliográficos, establece el propósito de analizar la presencia de escritoras en bibliografías de tema brasileño con el fin de: (a) mapear bibliografías dedicadas al tema brasileño que repertorian antiguos documentos gráficos²; (b) identificar y cuantificar, en las bibliografías seleccionadas, escritoras y obras publicadas por ellas; (c) identificar características de la escritura bibliográfica y el lugar asignado a las escritoras en las bibliografías seleccionadas; (d) demostrar cómo las bibliografías brasileñas operan y articulan la presencia de escritoras.

Además de destacar la relevancia de los estudios histórico-bibliográficos para los campos de la Bibliotecología y de la Ciencia de la Información, se señala que la investigación sobre escritores y bibliografías brasileñas puede ser capaz de revelar silenciamientos que la escritura bibliográfica posibilita, proporcionando la oportunidad de traer a escena mujeres que han sido borradas de la historiografía sobre la cultura escrita en y relacionada con Brasil. De forma correlativa, se entiende que el trabajo en curso puede ser capaz de propiciar nuevas investigaciones sobre la formación, salvaguarda y disseminación de acervos de memoria bibliográfica en el país.

En vista de ello, al tensionar la escritura bibliográfica a partir de la problematización de la presencia de escritoras en las bibliografías brasileñas, este artículo convoca a un acto político a partir del cual se compromete a leer las bibliografías no sólo por lo que repertorian, “[...] mas [pelo] que falta e o que deveria estar [...]” (Duarte, 2011, p. 241)³ en sus líneas y entre líneas. Por lo tanto, la siguiente investigación es un intento de reflexionar, entre otros puntos, sobre la escritura bibliográfica como posibilidad de reconstitución histórica de la escritura de las mujeres.

MARCO TEÓRICO Y CONCEPTUAL

Para alcanzar las proposiciones esbozadas, buscamos establecer un diálogo teórico y conceptual con autores que discuten tanto la Historia Cultural de las Mujeres como los fundamentos de la Bibliografía y la especificidad de las bibliografías brasileñas. Como se evidenciará, nuestro estudio entiende la Bibliografía como una disciplina, pero también como una herramienta capaz de anunciar las formas y estrategias a través de las cuales se construye, organiza y difunde el conocimiento en cada sociedad, arrojando luz sobre los mandatos de las fuerzas responsables de dar visibilidad a determinadas obras y autores, mientras que otros son borrados y silenciados. Dinámicas y relaciones de poder denunciadas desde hace mucho tiempo por historiadores que investigan el lugar asignado y ocupado por las mujeres en el contexto de la cultura escrita (Algranti, 2004; Duby; Perrot, 1993, 1995; Perrot, 1988, 2007; Scott, 2011).

LAS MUJERES Y LA CULTURA ESCRITA

En varios de sus escritos, Michelle Perrot (1988, 2007) afirma que la historia de las mujeres está atravesada por silencios y olvidos milenarios. Según esta autora, la invisibilidad de las mujeres se produce, en primer lugar, por la condición social a la que estaban destinadas: la reclusión del espacio familiar, alejado de la vida pública. A esto se añade el hecho de que la transición al espacio público - de la casa de sus padres a un nuevo hogar - impuso a las mujeres el uso de un apellido de hombre: “[...] os homens são indivíduos, pessoas, trazem sobrenomes que são transmitidos. Alguns são ‘grandes’, ‘grandes homens’. As mulheres não têm sobrenome, têm apenas um nome. Aparecem sem nitidez, na penumbra dos grupos obscuros” (Perrot, 2007, p. 17⁴).

De forma correlativa, "el silencio de las fuentes" se configura en otro factor de borrado de las mujeres en la Historia. Ya sea porque ellas, debido a un amplio conjunto de condicionantes socio-históricos, dejan pocos registros, ya que, en general, la atención que observadores y cronistas, mayoritariamente masculinos, “[...] dispensam às mulheres é reduzida ou ditada por estereótipos” (Perrot, 2007, p. 17⁵) . Por lo tanto, esta oscuridad de las mujeres se materializa en la “[...] dissimetria sexual das fontes, variável e desigual segundo as épocas” (Perrot, 2007, p. 17⁶) en la que las obras producidas por mujeres son “[...] imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas” (Perrot, 2007, p. 17⁷) . No sin razón, la Historia Cultural de las Mujeres comenzó a desarrollarse tardíamente primero:

[...] na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos nos anos 1960 e na França uma década depois. Diferentes fatores imbricados – científicos, sociológicos, políticos – concorreram para a emergência do objeto “mulher”, nas ciências humanas em geral e na história em particular (Perrot, 2007, p. 19⁸).

Este advenimiento desencadenó una gran producción sobre la mujer en diversas áreas del saber. Así, “[...] das mulheres, muito se fala. Sem parar, de maneira obsessiva. Para dizer o que elas são ou o que elas deveriam fazer” (Perrot, 2007, p. 22⁹).

Sin embargo, es necesario señalar que "esas mujeres habladas" corresponden mayoritariamente a la mujer blanca, europea, anglosajona y norteamericana. El discurso hegemónico que, paradójicamente, elige la imagen de un sujeto femenino universal, silenciando muchas otras voces, como las de las mujeres negras, latinas, indígenas, aborígenes, etc. No por casualidad, un gran número de textos sobre la mujer priorizan personajes célebres, creando una narrativa unívoca y lineal. Sin embargo, la historia de las mujeres “[...] não requer somente uma narrativa linear, mas [sim] um relato mais complexo, que leve em conta, ao mesmo tempo, a posição variável das mulheres na história, o movimento feminista e a disciplina da história” (Scott, 2011, p. 67¹⁰) . Lo que implica que, para Scott (2011), la historia de las mujeres investiga la forma misma en que se ha establecido el término "historia" y, por tanto:

Questiona a prioridade relativa dada à “história do homem”, em oposição à “história da mulher”, expondo a hierarquia implícita em muitos relatos históricos. E, mais fundamentalmente, desafia tanto a competência de qualquer reivindicação da história de fazer um relato completo quanto à perfeição e à presença intrínseca do objeto da história – o Homem universal (Scott, 2011, p. 80¹¹) .

Frente a eso, Scott (2011) y Perrot (2007) entienden que la historia de las mujeres se preocupa (o debería preocuparse) con la afirmación de la distintividad de la cultura femenina, ya que es “[...] um campo inevitavelmente político” (Scott, 2011, p. 98)¹². Marcador epistémico también observado en la mayoría de las producciones dedicadas a reflexionar sobre la presencia e importancia de las mujeres en el contexto de la cultura escrita en Brasil.

LAS MUJERES Y LA CULTURA ESCRITA EN BRASIL

Como se anunció anteriormente, la historiografía sobre las mujeres en Brasil no es divergente de la producida en el norte global¹³. Esto deriva, ciertamente, de los procesos de colonización, pero también del hecho de que la historia de las mujeres brasileñas es narrada por voces mayoritariamente masculinas y sometida, casi siempre, al tamiz de instituciones y mecanismos de conocimiento manejados por hombres.

No es de extrañar, por lo tanto, que hasta el siglo XIX, los textos de religiosos, viajeros y gobernantes coloniales asociaran a las mujeres brasileñas al pecado de la carne y poco o casi nada se dijera de ellas como personas públicas o incluso como productoras de conocimiento "lógico-racional". Sin duda, esto está directamente relacionado con la condición de la mujer colonial que era, casi siempre:

[...] submetida no interior de uma família patriarcal, em que o poder de chefia está totalmente concentrado na figura do pai, o senhor de engenho, detentor de uma autoridade absoluta sobre a esposa e os filhos (Bauer, 2001, p. 121)¹⁴.

Estas condiciones se mantuvieron prácticamente inalteradas incluso tras la llegada de la Familia Real a Brasil. Aunque la llegada de los reyes portugueses dio un aire de sofisticación a la nueva sede de la Corte, fueron los hombres quienes siguieron escribiendo sobre y para las mujeres. Por citar sólo un ejemplo, Jean-Baptiste Debret junto con el conde de Suzannet encontraron espacio para publicar sobre la educación de la mujer y sus deberes en el seno de la familia. Junto a ellos, podemos referirnos a otros muchos textos de viajeros que relatan escenas y construyen puntos de vista específicos capaces de agenciar la historia y la representación de las mujeres en Brasil, como es el caso de las siguientes obras:

- Voyage à la Cochinchine (Barrow, 1807), con el capítulo Les femmes à Rio de Janeiro;
- Les femmes et les mœurs du Brésil (Expilly, 1863);
- Voyage d'une femme (Verdier, 1882);
- Voyage et découvertes outre-mer au XIX^e siècle (Mangrin, 1863), con el capítulo
- Vengeance de femme; Les femmes de Parahiba de Taunay.

A ellos se añade el Diccionario Biográfico de Brasileiros celebres nas letras, artes, politica, filantropia, guerra, diplomacia, indústria, ciencias e caridade, cuyo autor es Manuel Francisco Dias da Silva, que reunió 103 biografías de estos "brasileiros célebres", de 1500 a 1871.

Dejando de lado los nombres de mujeres, este autor reafirma que el lugar de honor en la cultura escrita del Brasil del siglo XIX estaba totalmente ocupado por hombres.

Más tarde, en 1878, Joaquim Manoel de Macedo -maestro de la escuela D. Pedro II- publicó en la editorial Garnier, de Río de Janeiro, el libro Mulheres celebres, una obra que recoge la biografía de mujeres europeas y que se organizó con el propósito de ser una especie de manual para maestros (Macedo, 1878). La intención de la autora era, por tanto, elaborar perfiles biográficos adaptados a la instrucción primaria de las niñas de la Corte que tenían el privilegio de asistir a la institución. Con este libro, las niñas se iniciarían en los hábitos de lectura y podrían encontrar referencias para convertirse, también ellas, en mujeres "célebres". Sin embargo, lo que destaca en la obra de Joaquim Manuel de Macedo es el tono moralista, modélico y obsequioso de su publicación. Uno más de los muchos textos sobre la mujer escritos desde la perspectiva de la dominación masculina.¹⁵

Hasta las primeras décadas del siglo XX, la profusión de textos escritos por hombres contrasta con la escasez de obras escritas por mujeres, especialmente textos sobre Brasil. Por eso, no debemos descuidar que la historia de las mujeres y de la literatura femenina en el país tiene:

[...] uma fisionomia própria [...] decorrente da situação da mulher, das suas raízes históricas [...] a mulher vem tradicionalmente de uma servidão absoluta através do tempo e a mulher brasileira mais do que outras mulheres do mundo [...] quando as mulheres do mundo já se comunicavam, através, por exemplo, das cartas, as correspondências das mulheres de salões, a mulher brasileira estava fechada em casa, vivendo a vida das senhoras das fazendas, da senhora da casa-grande [...] viviam aprisionadas, não sabiam ler, não sabiam nem sequer escrever, não sabiam coisa nenhuma. Elas [...] viviam numa servidão mais terrível do que as mulheres dos outros países, inclusive da Europa [sic] (Telles, 1997, p. 57¹⁶).

Diagnóstico que puede ser complementado con la siguiente observación: a pesar de la presencia de escritoras observada en el país “desde o século XVIII, a produção das primeiras escritoras foi sistematicamente deixada de lado pela crítica e pelos historiadores, chegando em muitos casos a desaparecer, como se nunca tivesse um dia existido” (Duarte, 2020, p. 333)¹⁷. Complementando su argumentación, nuestra interlocutora añade: hasta “[...] as últimas décadas do século XIX, a publicação de uma obra de autoria feminina costumava ser recebida com desconfiança, descaso ou, na melhor das hipóteses, com certa condescendência pelo público leitor masculino” (Duarte, 2020, p. 333)¹⁸. No es sin razón, por lo tanto, que Marina Colasanti (1997) depreque que la literatura femenina sólo comenzó a ser percibida aquí en la segunda mitad del siglo XIX, imbuida por un pensamiento libertario que las mujeres comienzan a afirmar. En este escenario:

Reunidas ao redor das revistas para mulheres, como O Jornal das Senhoras, O Sexo Feminino, Jornal das Damas, e A Mensageira, as escritoras visavam não apenas abrigar e desenvolver a mão-de-obra literária feminina, como lutar pela libertação dos escravos, por melhor educação e pelos direitos das mulheres [sic] (Colasanti, 1997, p. 38).¹⁹

Incluso frente a esto, en las últimas décadas del siglo XIX y aún en los primeros años del siglo XX:

[...] causava comoção uma mulher manifestar o desejo de fazer um curso superior. E a publicação de uma obra costumava ser recebida com desconfiança, descaso ou, na melhor das hipóteses, com condescendência. Afinal, era só uma mulher escrevendo. Por isso, para realizar o desejo de publicar seus trabalhos, muitas usaram pseudônimos, o anonimato, ou se juntaram para criar jornais e revistas que muitas vezes atravessaram os limites de suas cidades, de seus estados, e se converteram em verdadeiras redes intercambiantes de informações e cultura (Duarte, 2011, p. 234-235)²⁰.

Sin embargo, en su História da Literatura Brasileira, Silvio Romero menciona sólo a siete mujeres (Ângela do Amaral Rangel, Beatriz Francisca de Assis Brandão, Delfina da Cunha, Nísia Floresta, Narcisa Amália, Maria Firmina dos Reis y Jesuína Serra).

Del mismo modo, Sacramento Blake, en el Dicionário Bibliográfico Brasileiro, citaba “pouco mais de cinquenta escritoras, para trezentos anos de literatura” (Pereira, 1954, p. 19).²¹

Pero existe la obra *Mulheres ilustres do Brasil* (Mujeres ilustres de Brasil), publicada en 1899 y escrita por Inês Sabino (1835-1911). Este libro “[...] foi pioneiro no resgate de mulheres que tiveram atuação significativa na sociedade brasileira” (Duarte, 2011, p. 238)²², sobre todo por ser una mujer hablando de textos femeninos. En él se mencionan 52 escritoras, prefigurando la “[...] tendência de uma crítica feminista interessada no estabelecimento de uma tradição literária escrita por mulheres” (Araújo, 2000, p. 14)²³, que contribuye de manera significativa a la historia de la escritura femenina brasileña y también a la reescritura de la historia cultural de las mujeres en el país.

Correlacionado con este esfuerzo de mapeo de las escritoras en Brasil, en la década de 1980, un grupo de investigadores se reunió para identificar y rescatar a las escritoras brasileñas del pasado. Según Duarte (2011), los mayores desafíos del proyecto se debieron a la escasez de información sobre esas mujeres y las obras publicadas por ellas debido a la fragmentación de datos observada en los acervos antiguos en Brasil (organización, localización, conservación, sistemas integrados, entre otros). A pesar de eso, el resultado del proyecto fue la publicación en dos volúmenes de *Escritoras brasileiras do século XIX* (Muzart, 2000), compilación que comprueba la existencia de “[...] tantas mulheres atuantes e produtivas, apesar de serem hoje desconhecidas e estarem ausentes da história literária nacional” (Duarte, 2011, p. 241)²⁴

Ampliando esta observación, Duarte (2011, p. 237)²⁵ destaca que las contribuciones del proyecto pueden verificarse, aún, en otras dos perspectivas complementarias: i) en lo que se refiere a la “construção de uma história das mentalidades femininas e uma nova história das letras em nosso país”; y, ii) en la promoción del renacimiento de algunas escritoras dentro del panorama literario nacional,

a saber: Nísia Floresta (1810-1885), Emília Freitas (1855-1908), Maria Firmina dos Reis (1825-1917), Adélia Fonseca (1827-1920), Adelaide de Castro Guimarães (1854-1940), Violante de Bivar Velasco (1817-1875), Inês Sabino (1835- 1911), por citar algunas. A partir de ahí, podemos ratificar que la historiografía de las escritoras en Brasil revela un largo y sistemático proceso de invisibilización y muchos casos de borrado de la memoria y de la obra de las escritoras, artificio del poder responsable de mantenerlas, durante mucho tiempo, en los márgenes del canon literario y de la cultura escrita nacional. Con el objetivo de problematizar ese cuadro, discutimos en las secciones siguientes cómo la escritura bibliográfica colaboró con esa dominación masculina al no dar visibilidad a la escritura de autoría femenina en las bibliografías brasileñas.

BIBLIOGRAFÍA

Según Alfredo Serrai (2001), la Bibliografía es la madre de todas las disciplinas que se ocupan de organizar y estructurar las comunicaciones escritas, tanto del pasado como de la actualidad. En este sentido, se inscriben en el campo de la Bibliografía ciencias y técnicas como la Paleografía, la Archivística, la Diplomática, la Documentación, la Informática, la Bibliología, la Biblioteconomía, la Catalogación, la Enciclopedística, la Erudición Literaria y Biográfica, entre otras. Amplia modalidad de comprensión que alude a un doble significado para la Bibliografía: i) es una metadisciplina que engloba todas las disciplinas enumeradas anteriormente; ii) se refiere a un trabajo repertorial vinculado a la producción de listados de información sobre los documentos (Blum, 2007).

Como disciplina, la Bibliografía asiente a formas y herramientas específicas de comprensión del conocimiento socialmente construido, del que extrae de otras disciplinas elementos sustanciales que son devueltos a esas mismas disciplinas tras rigurosas validaciones teóricas y metodológicas (Araújo; Araújo; Crippa, 2023).

También desde el punto de vista disciplinar, la tradición bibliográfica y la agenda de investigación en Bibliografía²⁶ han demostrado la preocupación por sustraerla de los límites de prácticas que, en cierta medida, redujeron la riqueza simbólica históricamente asociada a ella. (Araújo; Crippa; Saldanha, 2015).

En relación con su segundo sentido, eminentemente vinculado a la Cultura Escrita, la Bibliografía cobra acentuado interés a partir de las subramas denominadas Bibliografía Repertorial y Bibliografía Material. La primera, dedicada a la producción de listados de información sobre documentos, concierne al estudio de prácticas y huellas de la cultura bibliotecaria²⁷ situadas en tiempos y espacios concretos. En este sentido, nos es posible señalar que las bibliografías repertoriales son estructuras indicativas que cumplen la función de mediar los documentos que repertorian para los más diversos públicos sin descuidar los usos y modos de apropiación de esos mismos documentos en la larga trayectoria de la historia del libro y de la escritura.

A su vez, la Bibliografía Material es vista, según Kirsop (2002) y Araújo y Reis (2016), como el estudio material de los textos, con el objetivo de realizar un análisis arqueológico de los documentos gráficos. Se trata de una antigua rama del campo bibliográfico fundamentada en la tradición bibliófila francesa y alemana, especialmente a lo largo del siglo XVIII. En ella, la materialidad de los textos ejerce influencia tanto en la comprensión de la trayectoria de los documentos en diferentes contextos como en la producción de claves interpretativas centradas en desvelar los posibles significados que los lectores atribuyen al texto en función de su materialidad y formas documentales (Chartier, 1998; McKenzie, 2018). No en vano, los métodos analíticos empleados por la Bibliografía Material se asocian constantemente al paradigma indicial de (Ginzburg, 2011). Sobre esta afirmación, Crippa (2010) aclara que:

[...] o olhar de escolas históricas voltadas para uma pesquisa indiciária, como propõe Carlo Ginzburg, ou para os estudos de uma História Cultural, como no caso de Chartier, Darnton ou Burke, apresentam perspectivas renovadas em estudos históricos sobre as atividades bibliográficas e de catalogação, propondo abordagens inéditas de análise dos sistemas de produção, seleção, organização e mediação cultural de objetos já amplamente estudados: os livros, as coleções, os registros materiais que, em algum momento, se tornaram dignos de serem preservados e disseminados para a constituição da ciência moderna (Crippa, 2010, p. 15-16, grifo nosso)²⁸.

Estas renovadas perspectivas enunciadas por el autor afectan también a las actividades conjuntas de recopilación de documentación y organización de la información que se le atribuye (Bálsamo, 1998), aunque la Bibliografía mantenga su fundamento básico, que es: cartografiar y seleccionar textos útiles para los lectores. En vista de ello, la escritura bibliográfica es tratada aquí como el eje omnidireccional y fundamental para comprender y problematizar las elecciones y estrategias que modulan la producción de repertorios temáticos. Esto se hará más evidente en la próxima sección, que trata de la producción de documentos gráficos dedicados al tema de las Américas y su posterior desarrollo en bibliografías brasileñas.

DOCUMENTOS GRÁFICOS SOBRE LAS AMÉRICAS

Como resultado de las exigencias de la producción y circulación de impresos en el siglo XIX, la bibliofilia inglesa y norteamericana, como ocurrió en otros países europeos, adoptó prácticas y usos propios para la reconfiguración y afirmación de la colección de documentos gráficos con vistas a mantener su carácter de distinción. Esto puede observarse, por ejemplo, a partir de la obra de John Carter (1905-1975), *Taste and technique in book collecting*, en la que se sistematizan y presentan las prácticas culturales fomentadas por la bibliofilia en los países de habla inglesa en ese momento histórico específico (Carter, 1948).

En términos generales, a partir del siglo XIX podemos identificar tres grandes prácticas inculcadas al coleccionismo en Europa y Estados Unidos, a saber i) la expansión de la producción y oferta de impresos (libros, folletos, periódicos, almanaques, guías, entre otros) al gran público con el objetivo de formar colecciones personales ya no dirigidas exclusivamente al bibliófilo adinerado; ii) la apropiación, adaptación y ampliación de los criterios de rareza documental vehiculados en las bibliografías del siglo XVIII; y iii) una mayor especialización de las tipologías temáticas y documentales de las Bibliografías de Libros Raros para promover la bibliofilia de los adinerados, que tradicionalmente se forjaba en la distinción. Vinculada a estas prácticas, la producción comercial de Maggs Bros adquirió un protagonismo.

Fundada por Uriah Maggs (1828-1913), Maggs surgió como librería de antigüedades y libros raros en Londres en 1853, dedicada a satisfacer las demandas de la bibliofilia del siglo XIX. Después de que Uriah dejara la tienda, sus cuatro hijos continuaron el comercio anticuario de documentos gráficos, cambiando el nombre de la empresa a Maggs Bros (Maggs Bros, 2021). Activa hasta el día de hoy, la librería ha publicado más de 1.480 bibliografías temáticas de documentos raros (libros, folletos, cartas, mapas, obras de arte sobre papel y otros documentos gráficos - manuscritos e impresos), que demuestran no sólo la capacidad para identificar, coleccionar y comercializar objetos raros, sino también el dominio de la redacción técnica de la Bibliografía de Documentos Raros y su segmentación por grandes áreas temáticas de interés para el comercio bibliófilo.

Entre las bibliografías de Maggs Bros (2021), el número 546, publicado en 1930 con el título *Bibliotheca Brasiliensis*, estaba dedicado a impresos y manuscritos temáticos sobre Brasil. Esta publicación, que forma parte de una serie de bibliografías temáticas sobre regiones exploradas por el norte global desde el siglo XV, fue un gran éxito en el comercio de anticuarios del siglo XIX y principios del XX.

En cuanto a un enfoque más detallado, este número 546 presenta como elemento decorativo de la primera y última carpetas de su encuadernación una xilografía de la carabela del explorador y navegante italiano Cristóbal Colón (1451-1506) que representa su llegada al Nuevo Mundo. Se trata de una reproducción de uno de los grabados que ilustraban las cartas de Colón, que comenzaron a circular en formato manuscrito e impreso a finales del siglo XV en muchos países europeos. Esto se justifica porque:

A descoberta de um novo mundo além mar fez, entre tantas coisas, correr muita pena sobre papel [...] estes textos destinavam-se a leitores europeus que os buscavam avidamente, desejosos de conhecer as maravilhas vistas e as aventuras vividas por seus conterrâneos em terras tão misteriosas. (Abreu, 2006, p. 227)²⁹.

En su conexión intencional de Colón (Americana) con el tema Brasiliana, el catálogo 546 de Maggs Bros. (Bibliotheca Brasiliensis) (2021) divulga la segunda carta del explorador presentando la nota bibliográfica seguida de los elementos condicionantes (materialidad, escasez, procedencia y discurso) y los cualitativos de su rareza (con énfasis en la unicidad del documento). Incluida en una edición conmemorativa impresa en 1494, esta segunda carta de Colón ensalza dos grandes logros que tuvieron lugar en 1492 y que se atribuyen al rey de España, Fernando II de Aragón (1452-1516), a saber: la reconquista de Granada (anteriormente ocupada por los moros) y la llegada de Cristóbal Colón al Nuevo Mundo.

El incunable consta de dos partes. La primera, In laudem serenissimi Ferninandi Hispaniar regis (figura 1) (Verardus, 1494), puede caracterizarse como un drama escrito por Carlo Verardi [Carolus Marcellinus Verardus] (1440-1500). La otra es precisamente la Segunda carta de Colón, De insulis nuper in mari indico repertis, ilustrada con un conjunto de xilografías (figura 2) (Verardus, 1494).

Figura 1 – In laudem serenissimi Ferninandi Hispaniar regis

a)



b)



c)



d)



e)

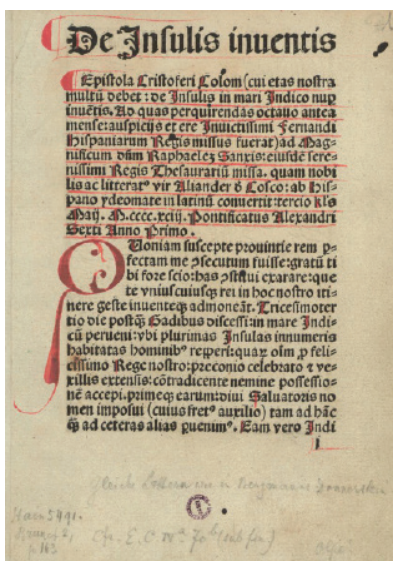


a) Portada

b)-e) xilografías

Fuente: Verardus, 1494.

Figura 2 – Incunable de la primera carta de Colón, *De insulis inventis*



Fuente: Colombo, 1493.

Como ya se ha mencionado, las cartas impresas de Colón despertaron el deseo de posesión de importantes coleccionistas. Entre los impresores que las publicaron, destaca el alemán Johann Bergmann von Olpe (1455-1532), que tenía una imprenta en Basilea (Suiza). Los grabados aquí presentados, sin embargo, no fueron producidos para la publicación de Bergmann von Olpe, ya circulaban en otras ediciones, incluso como ilustraciones de la primera carta impresa de Colón (1493), *De insulis inventis* (Figuras 2), también producto de la tipografía de Johann Bergmann von Olpe.

Esta figura 2 representa la portada del citado impreso. Se trata de un incunable y la composición de la página muestra que la construcción tipográfica seguía adoptando la mise-en-page de los manuscritos. El impreso consta de dos folios y tiene cuatro xilografías impresas en folios: 1v, 2v, 4r, 6v. Se trata de las mismas ilustraciones que hemos citado anteriormente. Está fuera del alcance de este artículo identificar cuáles de las estampas son primera, segunda o tercera impresión, o incluso cuáles son réplicas o copias de la matriz xilográfica. Sin embargo, nos interesa llamar la atención sobre la presencia de estas ilustraciones en publicaciones distintas como forma de delimitar la creciente apreciación de los textos (palabras e imágenes, manuscritos o impresos) sobre el Nuevo Mundo.

Inscrita en este plan de intereses, la segunda carta de Colón antes mencionada es la segunda noticia bibliográfica referenciada por la Bibliotheca Brasiliensis de Maggs Bros (2021). Esto indica que, como en otros momentos históricos, las bibliografías continuaron cumpliendo la función de organizar y divulgar informaciones sobre documentos de diversa naturaleza producidos en diferentes contextos y con temáticas multivariadas. Este es también el caso de las Bibliografías Brasileñas, foco de la próxima sección.

BIBLIOGRAFÍAS BRASILEÑAS

Los documentos producidos sobre el Nuevo Mundo estaban en sintonía con el imaginario europeo sobre Brasil, que despertó la atención, la fascinación y el deseo de los bibliófilos de gran parte del norte global, que veían en los viajes de exploración e investigación científica un generador de nuevos objetos de colección. Viajes que, en su mayoría:

[...] Eram promovidas pelas grandes nações europeias e tinham como principais objetivos realizar trabalhos cartográficos, estudar fauna e flora, realizar observações astronômicas e meteorológicas, assim como calcular longitudes (Duarte, 2013, p. 284)³⁰

En este escenario, la práctica de organizar la información sobre el Nuevo Mundo en materiales bibliográficos se hizo común entre coleccionistas, gobernantes y eruditos. Como consecuencia, el tema americano se introdujo en los grandes repertorios bibliográficos, aunque no constituyeran, en un principio, bibliografías exclusivas sobre América. Así, desde el siglo XV, es posible identificar bibliografías que recogen documentos gráficos sobre América, en general, y Brasil, en particular. Citamos como ejemplo la obra del librero francés Guillaume-François DeBure (1732-1782) - *Bibliographie instructive ou Traité de la connoissance des livres rares et singuliers* (1763-1768) - en la que, entre sus 7 volúmenes y suplemento, aparecen documentos raros sobre Brasil (a) en el Tomo 2: en la clase V (Historia), sección VI, parte II (Historia Moderna), dentro de la Historia de América o de las Indias Occidentales; y b) en el Tomo 5: en la clase Historia, sección II (Geografía), parte II (Viajes y Relaciones), parte VIII (Grandes viajes), en la parte III (Historia).

Esta *Bibliographie instructive* no hace referencia directa a Brasil, pero inscribe al país en temas (de lo general a lo específico). Hoy se puede comprobar que muchos de los libros que figuran en el repertorio contienen relatos sobre Brasil, pero que no fueron, en su momento, indicados por DeBure (1763-1768).

De forma correlativa, en el siglo XIX, Brunet (1860, 1865) incluyó en su monumental repertorio bibliográfico, *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*, varios documentos gráficos relacionados con Brasil, repertoriando secciones específicas sobre el país y el tema, pero dentro y/o asociadas a otras materias. Por ejemplo, podemos citar el caso de la clase *Histoire*:

Histoire, subdivisión *Voyages*, subsección *Voyages en Asie, en Afrique et en Amérique*, en la que Brasil está dentro del arte *Voyages en Afrique et en Amérique*.

Histoire, subdivisión *Voyages*, subsección *Amérique méridionale ou centrale*, que contiene reseñas bibliográficas de documentos que tienen en común relatos de viajes de la misma región geográfica. En esta subsección, existe una división específica para "i. Brésil; Guyane" (Brunet, 1860, v. 6, p. 1118).

La cuestión aquí planteada se refiere a la indicación de libros sobre la cultura brasileña en las bibliografías de bibliofilia, práctica recurrente en los siglos XVIII y XIX, pero sin la producción de una bibliografía específica sobre Brasil. Esta producción particularizada también tendría lugar en el siglo XIX, impulsada por nuevas incursiones de la cultura bibliófila interesada en garantizar su lugar de distinción, exigiendo la producción de bibliografías cada vez más especializadas. Como ejemplo de ello, citamos las siguientes obras de temática americana, que incluyen también impresos y manuscritos sobre Brasil:

A bibliographical and historical essay on the Dutch Books, Georg Michael Asher (1827-1905);

Bibliografia degli scritti italiani i stampati in Italia, sopra Cristoforo Colombo, Giuseppe Fumagalli (1863-1939);

1. *Bibliophile américain*, Charles Chadenat, (1859-1938);
2. *Bibliotheca americana*, Charles Leclerc (1843-1889);
3. *Bibliotheca americana*, Henry Harsisse (1829-1910);
4. *Bibliotheca americana*, John Russel Smith (1810-1894);
5. *Bibliotheca americana*, Joseph Sabin (1821-1881);

6. Bibliotheca lusitana, Barbosa Machado (1682-1772);
7. Dicionario bibliographico portuguez, Innocencio Francisco da Silva (1810-1876);
8. Manuel du libraire et de l'amateur de livres, Jacques-Charles Brunet (1780-1867);
9. Trésor de livres rares et précieux, Johann Georg Theodor Graesse (1814-1885).

En el siglo XIX, notablemente en Europa y Norteamérica, además del crecimiento de las publicaciones gráficas, se observa un perfeccionamiento teórico y metodológico en la producción de bibliografías, con énfasis en bibliografías especializadas como las nacionales (Reyes Gomez, 2010). En este escenario, la producción de bibliografías específicas de libros raros extiende su alcance más allá de la bibliofilia, pues atiende también a las demandas de la Bibliotecología y la Documentación. Estas coyunturas nos permiten destacar dos contextos relevantes para pensar el surgimiento de las Bibliografías Brasileñas en el siglo XIX, a saber: i) factores asociados al imperialismo europeo con la exploración de países extraeuropeos de los cuales la ocupación y exploración estuvo asociada a la producción (por artistas, científicos, militares, escritores) de relatos de viajes, inventarios de fauna, flora, costumbres materializados en ediciones destinadas a coleccionistas y gobernantes; y ii) factores asociados al trabajo bibliográfico, que se vuelve cada vez más especializado debido a la producción de bibliografías nacionales.

En lo que aquí nos concierne, según el Dicionario Houaiss de la Lengua Portuguesa, la palabra brasileira apareció por primera vez en un diccionario de la lengua portuguesa en 1863. Houaiss definió "brasileana" como un "[...] coleção de estudos, livros, publicações, filmes, músicas, material visual etc. sobre o Brasil" (Houaiss; Villar; Franco, 2004, p. 508)³¹.

La palabra está formada por la unión de "Brasil" con el sufijo "ana". Este sufijo tiene la función de distinguir en la lengua portuguesa algunos grupos como los sustantivos "[...] designativos de danças, coleções, coisas típicas dos referentes de nomes próprios (que potencializam milhares de nomes próprios antroponímicos ou toponímicos" como: americana, brasileira, camiliana, camoniana, franciscana, mexicana, pernambucana etc. (Houaiss; Villar; Franco, 2004, p. 198)³².

Con base en lo anterior, consideramos que "Brasileana" es el nombre dado al conjunto de objetos que, por sus características materiales y discursivas relacionadas con Brasil, forman o pueden formar parte o indicar que pertenecen a una "colección" dedicada o relacionada con este tema. Entre las posibilidades tipológicas de y para la formación de estas colecciones, se encuentran objetos de artes plásticas, artefactos arqueológicos, esculturas, pinturas y el universo de los documentos gráficos.

Dada la influencia de las bibliografías en la definición de rareza y en la formación de colecciones bibliográficas raras (Araújo; Reis; Silveira, 2018), es necesario destacar la herencia de la bibliofilia en la formación de colecciones de libros raros de temática brasileña. Por eso evocamos a Rubens Borba de Moraes, tanto por su papel de bibliógrafo como por sus contribuciones al establecimiento de conceptos relacionados con el campo de la bibliofilia, la Bibliografía y la Biblioteconomía en Brasil. Dicho esto, Moraes (2005, p. 176)³³ defiende que, en un sentido amplio, Brasileira se refiere a "[...] todos os livros que tratam do Brasil". Sin embargo, propone una división restrictiva para pensar las colecciones bibliográficas sobre Brasil. Así, el bibliófilo clasificó los libros impresos fuera de Brasil como Brasileñas y los libros impresos en tierras brasileñas después de la autorización para el establecimiento de imprentas en la colonia como Brasilienses. Así, Rubens Borba de Moraes indica que:

Ao primeiro grupo pertencem os livros sobre o Brasil, impressos entre 1504 (data do primeiro livro sobre o Brasil) e 1900. Pertencem igualmente à Brasileira, os livros escritos por brasileiros durante o período colonial (das primeiras manifestações literárias até 1808 [...]).

Ao segundo grupo pertencem os livros impressos no Brasil, de 1808 até nossos dias (Moraes, 2005, p. 176).³⁴

Os critérios, definições e recortes apresentados por Moraes foram formulados tendo em conta a prática bibliofílica, o que explicita a sua afiliação à Teoria e axiomas da Raridade³⁵. Por eso, al coleccionar y repertoriar documentos sobre Brasil, este autor definió que el principal hito del proceso de selección consistiría en repertoriar libros y documentos buscados “[...] pelos colecionadores. Se um livro não é procurado pelos bibliófilos, nada vale como objeto de coleção” (Moraes, 2005, p. 183)³⁶. Por lo tanto, no es inocente que transponga esta misma lógica a la definición del concepto de Brasileira:

A única restrição que se faz nessa massa considerável de papel impresso e de papel ilustrado (sem falar em manuscritos) é que não se considera Brasileira o que não é procurado por bibliófilos. A mesma distinção é feita em bibliofilia para assuntos semelhantes, tais como Americana, Orientalia, Judaica, etc. (Moraes, 2005, p. 176).³⁷

Moraes (2005) retoma, por lo tanto, la herencia de la bibliofilia para sustentar la construcción del término Brasileira³⁸. Sin embargo, sin desconocer el legado de la cultura bibliófila, las colecciones Brasileira han ido más allá de este universo en gran medida como resultado de la acción de instituciones culturales, educativas y de investigación que, a partir de diferentes objetivos, poseen colecciones Brasileira. Así, independientemente del corte establecido (temático y/o temporal, por ejemplo), una colección Brasileira puede manifestarse como (a) una colección de objetos gráficos físicos (una biblioteca o una colección editorial); (b) una colección digital (a partir de colecciones físicas existentes o formada por imágenes nacidas digitales); (c) una biblioteca sin paredes, como las bibliografías Brasileira; entre muchas otras manifestaciones gráficas.

Teniendo en cuenta lo anterior, la investigación de bibliografías de temática brasileña fue el primer paso del levantamiento de datos, seguido de la identificación de las escritoras en estos repertorios. Estas acciones se llevaron a cabo de acuerdo con los procedimientos metodológicos descritos a continuación.

PROCEDIMIENTOS METODOLÓGICOS

La investigación bibliográfica y documental aquí realizada se centró en la identificación de producciones de autoría femenina en 6 (seis) bibliografías de temática brasileña, que fueron identificadas a partir del relevamiento bibliográfico sobre el tema. Después de la identificación de las bibliografías, se adoptaron los siguientes criterios para la selección de las escritoras: (a) textos de autoría femenina; y (b) textos que pasaron por procesos editoriales. Por esta razón, no se seleccionaron documentos autógrafos, ni siquiera textos manuscritos. En cuanto a las traducciones, se incluyeron mujeres traductoras, incluso de textos de autoría masculina. También se incluyeron textos de mujeres traducidos por hombres, ya que el texto original está escrito por mujeres.

RESULTADOS PRELIMINARES

A partir del relevamiento de referencias bibliográficas sobre el tema de brasileira, la identificación de las escritoras se basó en las siguientes obras:

- Annaes da imprensa nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1822 (Cabral, 1881);
- Bibliografia brasileira do período colonial (Moraes, 1969);
- Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro (Camargo; Moraes, 1993);
- Bibliographia brasileira (Moraes, 2010);
- Bibliographie brésilienne (Garraux, 1898);
- Bibliotheca brasiliense (Rodrigues, 1907).

Los resultados iniciales de la investigación, descritos en la Tabla 1, presentan el levantamiento de datos realizado en las 6 (seis) bibliografías listadas arriba e indican los números totales del levantamiento realizado. En esta tabla, los datos referentes a la cronología, noticias bibliográficas de autoría femenina y escritoras fueron segmentados por bibliografía. Para la presentación de los datos, las seis bibliografías fueron organizadas por orden alfabético de su(s) respectivo(s) autor(es).

Tabla 1 – Identificación de escritoras en la Bibliografía Brasileira

n°	Autor de la bibliografía/año de publicación	título	Recorte temporal	Novedades bibliográficas	Novedades bibliográficas de las autoras	Mujeres escritoras
1	CABRAL, 1881	Annaes da Imprensa Nacional	1808-1822	1250	4	4
2	CAMARGO; MORAES, 1993	Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro	1808-1822	644	3	2
3	GARRAUX, 1898	Bibliographie brésilienne	1500-1898	1561	11	10
4	MORAES, 1969	Bibliografia brasileira do período colonial	1601-1822	765	9	3
5	MORAES, 2010	Bibliographia brasileira	1504-1925	3349	48	27
6	RODRIGUES, 1907	Bibliotheca brasiliense	1492-1822	2646	6	5
			Total	10215	81	51

Fuente: Los autores, 2023.

El marco temporal de cada bibliografía corresponde a las fechas inicial y final indicadas por el autor o autores. En el texto que presenta la bibliografía de Moraes (2010), se indica que la fecha final de cobertura es 1900, sin embargo, identificamos un texto de una autora fechado en 1925, por esta razón la indicación del marco temporal atribuido a esa Bibliografía en la Tabla 1 no corresponde a la fecha indicada por la autora.

Avanzando en el análisis de los datos ya levantados, fue posible identificar que hay mujeres y textos que se repiten en las bibliografías consultadas. De esta forma, del cuantitativo de 81 noticias bibliográficas, se restaron 18 ítems (por ser textos citados en más de una bibliografía), quedando así, el cuantitativo final de 63 noticias bibliográficas.

El mismo procedimiento se realizó con el cuantitativo de escritoras, como se indica en la Tabla 2:

Tabla 2 – Mujeres y textos en las bibliografías brasileñas seleccionadas

Categoría	Total 1	Repeticiones en las bibliografías	Total 2
novedades bibliográficas	81	18	63
mujeres escritoras	51	16	35

Fuente: Los autores, 2023.

El cuadro 3 presenta tanto el número de escritoras por siglo como el número de ediciones en el periodo, así como los lugares de publicación y la nacionalidad de cada autora.

Tabla 3 – Escritores, ediciones, lugar de publicación, nacionalidad

Siglo	Autoras	Ediciones	Periodo	Lugar de Publicación	Nacionalidad de la autora
18th	6	12	1727-1793	Leipzig, Lisboa, Londres, París, Portugal	Brasil, Francia, Inglaterra, Portugal
19th	28	50	1805-1897	Ámsterdam, Anvers, Berlín, Boston, Evreux (Francia), La Flèche (Francia), Lisboa, Londres, Nueva York, París, Praga, Río de Janeiro (Brasil), Tours (Francia), Viena.	Alemania, Austria, Bélgica, Brasil, Francia, Países Bajos, Portugal
20th	1	1	1925	París	Francia
Total	35	63			

Fuente: Los autores, 2023.

La identificación de las escritoras se vio dificultada por varios factores asociados a la ortografía bibliográfica, como la ortografía de los nombres de las escritoras, la omisión de nombres de escritoras y la propia diferencia de ortografía del nombre en cada bibliografía. La cuantificación de las escritoras fue posible tras una comprobación y tabulación detalladas de los datos para excluir duplicidades o errores de recuento.

En cuanto a la escritura bibliográfica, es posible señalar que, además de las variedades en la ortografía de los nombres de las escritoras, la propia composición de las entradas (noticias bibliográficas y noticias literarias) presenta diferencias entre las bibliografías; sin embargo, para la mayoría de las escritoras las entradas no presentan noticias literarias.

Un contrapunto importante a este hecho, que, en cierta medida, demarca la dimensión de la borradura que este artículo pretende destacar, se refiere a la constatación de que, en gran medida, las escritoras que tienen noticias literarias son las que publican con sus cónyuges. Aún sobre la forma como las bibliografías articulan las informaciones referentes a las escritoras, todas las 6 (seis) obras analizadas evocan la teoría de la rareza y ese discurso reverbera en las citas y notas elaboradas para cada escritora. Avanzamos esta discusión en las siguientes consideraciones.

CONSIDERACIONES FINALES

A partir de los datos recogidos, fue posible observar que los textos escritos por mujeres sobre Brasil sólo comenzaron a aparecer en la escena pública en el siglo XVIII, siendo editados exclusivamente en el continente europeo. La mayor concentración de escritoras y ediciones ocurrió en el siglo XIX, posiblemente como consecuencia de los viajes imperialistas del norte global, de los nuevos modos de producción industrial de libros, de la mayor presencia de la mujer en la sociedad y del avance de su escolarización. Además, hay que señalar que la presencia de escritoras brasileñas sólo se registra en los siglos XVIII y XIX. En conjunto, los datos aquí recogidos pueden ayudarnos a responder a las siguientes preguntas concretas ¿quiénes son esas mujeres? ¿Qué factores contribuyeron a que figuraran en las bibliografías brasileñas investigadas?

Los desarrollos impulsados por estas preguntas, aún en proceso de elaboración, se presentarán en futuros resultados de investigación. Por el momento, y retomando las provocaciones de Virginia Woolf, indicamos que los esfuerzos para responder a estas preguntas pretenden “[...] acrescentar um suplemento à história [...]” (Woolf, 1985, p. 19)³⁹ de las escritoras de las bibliografías brasileñas a través de la investigación de las condiciones histórico- bibliográficas y de los factores de orden social, político y cultural que posibilitaron la citación de cada una de esas mujeres en las bibliografías estudiadas, indagando también ¿por qué muchas de esas mujeres fueron/son silenciadas de la memoria bibliográfica nacional?

Así observadas, las formulaciones teóricas, los marcadores históricos y los resultados aquí presentados refuerzan una constatación importante: el pequeño número de escritoras repertoriadas en las bibliografías analizadas comprueba que las mujeres fueron colocadas al margen de los dominios de la cultura letrada, siendo en gran parte invisibilizadas en el nivel de la escritura bibliográfica. Sin embargo, la verticalización de la investigación (aún en curso), al centrarse en los aspectos que permitieron a las escritoras aquí identificadas escapar a ese proceso de borradura, ciertamente nos ayudará a reposicionar la historia de esas mujeres en el escenario de la memoria escrita nacional y también a referenciar la necesidad de problematizar los criterios de formación, salvaguardia y difusión de los acervos brasileños en el país. Con ello, podremos hacer justicia a la historia de las mujeres, garantizando que puedan “[...] ali permanecer sem impropriedade [...]”, como quería Virginia Woolf (1985, p. 19)⁴⁰.

REFERENCIAS

ABREU, Márcia. Escrever e pensar sobre o Novo Mundo: escrever e pensar no Novo Mundo. In: DUTRA, Eliana Regina de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XIX*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 227-258.

ALGRANTI, Leila Mezan. *Livros de devoção, atos de censura: ensaios de história do livro e da leitura na América Portuguesa (1750-1821)*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2004.

ARAUJO, Andre Vieira de Freitas; ARAÚJO, Diná Marques Pereira; CRIPPA, Giulia. *Panorama de la Historia del Libro y la Bibliografía*. Colômbia: Ediciones Uniandes, 2023. (no prelo).

ARAUJO, Andre Vieira de Freitas; CRIPPA, Giulia; SALDANHA, Gustavo. Em busca da Bibliografia: sobre o I Seminário Internacional 'A Arte da Bibliografia'. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, [s. l.], v. 11, n. especial, 2015. Disponible en: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/529>. Acceso en: 17 sept. 2021.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira. *Bibliofilia e livros raros na perspectiva histórico-cultural: uma abordagem crítica às visões instituídas na biblioteconomia e ciência da informação brasileira*. Orientador: Alcenir Soares Reis. 2017. 214 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

- ARAÚJO, Diná Marques Pereira. Tipologia do livro. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 15, n. 23, p. 208-228, out. 2014. ISSN 2237-8871. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2014v15n23p208>. Acesso em: 24 jun. 2017.
- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliotecas, Bibliofilia e Bibliografia: alguns apontamentos. *Revista de Ciência da Informação e Documentação*, [s. l.], v. 7, n. esp, p. 183-201, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/118770>. Acesso em: 2 sept. 2019.
- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares; SILVEIRA, Fabricio José Nascimento da. Bibliofilia, bibliografias e a construção do sistema axiológico da raridade. *Informação & Informação (Online)*, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 38-57, 2018.
- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; SILVEIRA, SILVEIRA, Fabricio José Nascimento da. O Livro Raro na Biblioteconomia Brasileira: influências, impactos e delimitações dos discursos da Bibliofilia nas práticas profissionais e institucionais. In: Seminário Internacional Cultura Escrita no Mundo Moderno, 2019, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2019. v. 1, p. 80-87. Disponível em: https://iluminuras.art.br/docs/Anais_SICEMM.pdf. Acesso em: 2 dic. 2022.
- ARAÚJO, Nara. Do vazio e do silêncio. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*, v. 1. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- BALSAMO, Luigi. *La bibliografia*: historia de una tradición. Espanha: Ediciones Trea, 1998.
- BARROW, John. *Voyage à la Cochinchine par les îles de Madère, de Ténériffe et du Cap Verd, le Brésil et l'île de Java?*. Paris: [s. n.], 1807. 2 v.
- BAUER, Carlos. *Breve história da mulher no mundo ocidental*. São Paulo: Pulsar, 2001.
- BLUM, Rudolf. *Bibliografia*: indagine diacronica sul termine e sul concetto. Milano: Sylvestre Bonnard, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRUNET, Jacques-Charles. *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*. Paris: Librairie de Firmin-Didot et Cie, 1860-1865. 6 v.
- CABRAL, Alfredo do Valle. *Annaes da imprensa nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1822*. Rio de Janeiro: Na Typographia Nacional, 1881.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro: 1808-1822*. São Paulo: EDUSP: Kosmos, 1993. 2 v.
- CARTER, John. *Taste and technique in book-collecting: a study of recent developments in Great Britain and the United States*. Cambridge: University Press, 1948.
- CHARTIER, Roger; LEBRUN, Jean. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- COLASANTI, Marina. Por que nos perguntam se existimos. In: SHARPE, Peggy. (org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997. p. 33-42.
- COLOMBO, Cristoforo. Epistola de *insulis nuper inventis*. Basel: Michael Furter? für Johann Bergmann von Olpe: Jacob Wolff von Pforzheim? für Johann Bergmann von Olpe. Universitätsbibliothek Basel, [10] Bl. : Ill.; 4°, AN V 57, apr. 1493. DOI: <https://doi.org/10.3931/e-rara-15171>.
- CRIPPA, Giulia. Entre ciência e humanidades: o problema da ordem da memória da/para a Ciência da Informação. *Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*. Rio de Janeiro: IBICT, 2010. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/xi/enancibXI/paper/view/40>. Acesso em: 17 sept. 2021.
- DEBURE, Guillaume-François. Bibliographie instructive: ou, Traité de la connoissance des livres rares et singuliers. Paris: Guillaume-Francois De Bure le Jeune. 1763-1768. 7 v.
- DUARTE, Constância de Lima. Arquivo de mulheres e mulheres arquivadas: histórias de uma história mal contada. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. (org.) *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 234-241.
- DUARTE, Constância de Lima. E a literatura mineira se amplia. *Revista da Academia Mineira de Letras*. Belo Horizonte, ano 99, v. 80, p. 333-337, 2020. ISSN 1982-6680.
- DUARTE, Regina Horta. Panoramas litorâneos, fronteiras e interiores brasileiros: Mello Leitão e os itinerários viajantes. In: DUTRA, Eliana Regina de Freitas (org.). *O Brasil em dois tempos: história, pensamento social e tempo presente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 279-297.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1993-1995. 5 v.
- EXPILLY, Charles. *Les femmes et les moeurs du Brésil*. Paris: Charlieu et Huillery, Éditeurs. 1863.
- GARRAUX, Anatole Louis. *Bibliographie brésilienne*: catalogue des ouvrages français & latins relatifs au Brésil 1500-1898. Paris: Chadenat; Jablonski, Vogt et Cie, 1898.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 143-179.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2004.

KIRSOP, W. Bibliographie matérielle. In: FOUCHÉ, P.; PÉCHOIN, P.; SHUWER, P. *Dictionnaire encyclopédique du livre*. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 2002, v. 1, p. 275-276.

MACEDO, Joaquim Manoel de. *Mulheres celebres*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, Livreiro Editor, 1878.

MAGGS BROS. *Rare books and manuscripts*. Londres: [s. n.], 2021. Disponível em: <https://www.maggs.com/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

MANGRIN, Arthur. *Voyages et découvertes outre-mer au XIX^e siècle*. Tours: Ad Mame et Cie, Imprimeurs-Libraires, 1863.

MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a sociologia dos textos*. São Paulo: EDUSP, 2018.

MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia brasileira do período colonial*: catálogo comentado das obras dos autores nascidos no Brasil e publicados antes de 1808. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.

MORAES, Rubens Borba de. *Bibliographia brasiliiana*: livros raros sobre o Brasil publicados desde 1504 até 1900 e obras de autores brasileiros no período colonial. 1. ed. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 2010.

MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*: prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras, antigas ou modernas. 4. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

MUZART, Zahide Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. 2. ed. rev. Florianópolis, SC: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2000.

PEREIRA, Lúcia Miguel. As mulheres na literatura brasileira. Revista Anhem, São Paulo, ano 5, v. 17, n. 49, dez. 1954.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

REYES GÓMEZ, Fermin. *Manual de bibliografia*. Madrid: Castalia Instrumenta, 2010.

RODRIGUES, J. C. *Biblioteca brasilienses*: catálogo anotado dos livros sobre o Brasil e de alguns autographos e manuscritos pertencentes a J. C. Rodrigues [...]. Rio de Janeiro: Typografia do 'Jornal do Comercio' de Rodrigues e C., 1907.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Descolonizar*: abrindo a história do presente. São Paulo: Boitempo, 2022.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 65-98.

SERRAI, Alfredo. *II cimento dela bibliografia*. Milano: Sylvestre Bonnard, 2001.

TELLES, Lygia Fagundes. A mulher escritora e o feminismo no Brasil. In: SHARPE, Peggy. (org.). *Entre resistir e identificar-se*: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina. Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997. p. 57-63.

VERARDUS, Carolus. *Historia Baetica*: De insulis nuper in mare Indico repertis. Basel: Johann Bergmann von Olpe. Universitätsbibliothek Basel, [38] Bl. : Ill.; 4°, AN V 76:2, 1494. DOI: <https://doi.org/10.3931/e-rara-10932>.

VERDIER, Marthe. *Sur les rives de l'Amazonie*: Voyage d'une femme. Paris: Librairie CH, Delagrave. 1882.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

NOTAS FINALES

- 1 Traducción: "¿por qué no añadir un suplemento a la historia? llamándola, por supuesto, con algún nombre discreto, para que las mujeres pudieran aparecer en ella sin impropiedad?" (Woolf, 1985, p. 19, traducción editorial).
- 2 Para la investigación se definió que los documentos gráficos antiguos son los que datan de más de 100 años de publicación.
- 3 Traducción: "[...] sino [por] lo que falta y lo que debería haber [...]" (Duarte, 2011, p. 241, traducción editorial).
- 4 Traducción: "[...] los hombres son individuos, personas, tienen apellidos que se transmiten. Algunos son 'grandes', 'grandes hombres'. Las mujeres no tienen apellido, sólo tienen nombre. Aparecen sin claridad, en la penumbra de grupos oscuros" (Perrot, 2007, p. 17, traducción editorial).
- 5 Traducción: "[...] prestan a las mujeres es reducida o dictada por estereotipos" (Perrot, 2007, p. 17, traducción editorial).
- 6 Traducción: "[...] disimetría sexual de las fuentes, variable y desigual según las épocas" (Perrot, 2007, p. 17, traducción editorial).
- 7 Traducción: "[...] imaginadas, representadas, en lugar de ser descritas o contadas" (Perrot, 2007, p. 17, traducción editorial).
- 8 Traducción: "[...] en Gran Bretaña y en Estados Unidos en los años sesenta y en Francia una década más tarde. Diferentes factores entrelazados -científicos, sociológicos, políticos- contribuyeron a la aparición del objeto "mujer" en las ciencias humanas en general y en la historia en particular" (Perrot, 2007, p. 19, traducción editorial).
- 9 Traducción: "[...] se habla mucho de las mujeres. Sin parar, obsesivamente. Para decir lo que son o lo que deben hacer" (Perrot, 2007, p. 22, traducción editorial).
- 10 Traducción: "[...] requiere no sólo una narración lineal, sino [más bien] un relato más complejo que tenga en cuenta al mismo tiempo la posición cambiante de las mujeres en la historia, el movimiento feminista y la disciplina de la historia" (Scott, 2011, p. 67, traducción editorial).
- 11 Traducción: "Cuestiona la prioridad relativa otorgada a la "historia de los hombres" frente a la "historia de las mujeres", poniendo de manifiesto la jerarquía implícita en muchos relatos históricos. Y, lo que es más fundamental, cuestiona tanto la competencia de cualquier pretensión de la historia de ofrecer un relato completo como la perfección y la presencia intrínseca del objeto de la historia: el Hombre universal" (Scott, 2011, p. 80, traducción editorial).
- 12 Traducción: "[...] un campo inevitablemente político" (Scott, 2011, p. 98, traducción editorial).
- 13 La expresión "norte global" se utiliza en todo el artículo con referencia a Santos (2022).
- 14 Traducción: "[...] sometido en el seno de una familia patriarcal, en la que el poder de dirección está totalmente concentrado en la figura del padre, señor del molino, poseedor de una autoridad absoluta sobre su mujer y sus hijos" (Bauer, 2001, p. 121, traducción editorial).
- 15 Referencia a la obra de Pierre Bourdieu "La dominación masculina", para quien los privilegios de los hombres en relación con las mujeres fomentan relaciones de dominación e injusticias resultantes "[...] daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado, de uma língua (ou uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, de falar ou de agir)" (Bourdieu, 2012, p. 7-8). Traducción: "[...] de lo que yo llamo violencia simbólica, violencia blanda, insensible, invisible para sus propias víctimas, que se ejerce esencialmente por las vías puramente simbólicas de la comunicación y del conocimiento o, más exactamente, del desconocimiento, del reconocimiento o, en último término, del sentimiento. Esta relación social extraordinariamente ordinaria ofrece también una ocasión única para aprehender la lógica de la dominación, ejercida en nombre de un principio simbólico conocido y reconocido tanto por el dominante como por el dominado, de una lengua (o de una manera de hablar), de un estilo de vida (o de una manera de pensar, de hablar o de actuar)" (Bourdieu, 2012, p. 7-8, traducción editorial).
- 16 Traducción: "[...] una fisonomía propia [...] resultante de la situación de la mujer, de sus raíces históricas [...] la mujer viene tradicionalmente de una servidumbre absoluta a través del tiempo y la mujer brasileña más que otras mujeres del mundo [...] cuando las mujeres del mundo ya se comunicaban, por ejemplo, a través de las cartas, la correspondencia de las mujeres de los salones, la mujer brasileña estaba encerrada en casa, viviendo la vida de las señoras de las haciendas, de la señora de la casa grande [...] vivían prisioneras, no sabían leer, ni siquiera sabían escribir, no sabían nada. Vivían [...] en una servidumbre más terrible que las mujeres de otros países, incluso de Europa [sic]" (Telles, 1997, p. 57, traducción editorial).

- 17 Traducción: "desde el siglo XVIII, la producción de las primeras escritoras fue sistemáticamente dejada de lado por críticos e historiadores, en muchos casos incluso desapareciendo, como si un día no hubiera existido" (Duarte, 2020, p. 333, traducción editorial).
- 18 Traducción: "[...] las últimas décadas del siglo XIX, la publicación de una obra de una autora solía ser recibida con desconfianza, desprecio o, en el mejor de los casos, con cierta condescendencia por parte del público lector masculino" (Duarte, 2020, p. 333, traducción editorial).
- 19 Traducción: "Reunidas en torno a revistas femeninas, como O Jornal das Senhoras, O Sexo Feminino, Jornal das Damas y A Mensageira, las escritoras pretendían no sólo acoger y desarrollar el trabajo literario femenino, sino luchar por la liberación de los esclavos, por una mejor educación y por los derechos de la mujer [sic]" (Colasanti, 1997, p. 38, traducción editorial).
- 20 Traducción: "[...] causaba conmoción cuando una mujer manifestaba el deseo de hacer un curso de enseñanza superior. Y la publicación de una obra solía recibirse con desconfianza, desprecio o, en el mejor de los casos, con condescendencia. Al fin y al cabo, sólo escribía una mujer. Por eso, para cumplir el deseo de publicar sus obras, muchas utilizaban seudónimos, el anonimato, o se unían para crear periódicos y revistas que muchas veces traspasaban las fronteras de sus ciudades, de sus estados, y se convertían en verdaderas redes intercambiables de información y cultura" (Duarte, 2011, p. 234-235, traducción editorial).
- 21 Traducción: "poco más de cincuenta escritoras, para trescientos años de literatura" (Pereira, 1954, p. 19, traducción editorial).
- 22 Traducción: "[...] fue pionero en rescatar a las mujeres que tuvieron un papel relevante en la sociedad brasileña" (Duarte, 2011, p. 238, traducción editorial).
- 23 Traducción: "[...] tendencia de una crítica feminista interesada en el establecimiento de una tradición literaria escrita por mujeres" (Araújo, 2000, p. 14, traducción editorial).
- 24 Traducción: "[...] tantas mujeres activas y productivas, a pesar de ser hoy desconocidas y ausentes de la historia literaria nacional." (Duarte, 2011, p. 241, traducción editorial).
- 25 Traducción: "construcción de una historia de las mentalidades femeninas y de una nueva historia de las letras en nuestro país" Duarte (2011, p. 237, traducción editorial).
- 26 Mención a los estudios movlizados y desarrollados a partir del Seminario Internacional El Arte de la Bibliografía, creado en 2014 por los investigadores André Vieira de Freitas Araujo (UFPR), Giulia Crippa (Universidade da Bolonha) y Gustavo Silva Saldanha (IBICT-UNIRIO). Tomando las cuestiones históricas y contemporáneas de la Bibliografía como horizonte estructurador de las discusiones, los encuentros, interdisciplinares en esencia, se han dedicado a pensar el libro, el documento gráfico, la información y la cultura bibliográfica a partir de nuevos abordajes científicos y tecnológicos. Todas las ediciones del foro han generado la publicación de dossiers científicos en revistas de Ciencias de la Información y son accesibles vía web.
- 27 La cultura bibliotecaria comprende todo el universo de producción y uso del libro en sus diversas manifestaciones materiales, técnicas, conceptuales y culturales. Directamente opuesto a los documentos de carácter archivístico, el librario comprende un concepto ampliado del libro, no restringido exclusivamente al código o al texto, sino que abarca también, sobre todo, las artes gráficas. Según Araújo (2014, p. 208), librería "é uma expressão latina que significa 'relativo aos livros', 'de livros', 'próprio dos livros', 'que se relaciona com o livro'. Comprende tudo o que é relativo aos livros, o que trata sobre livro, o que é o livro.". También se relaciona con el lugar donde se produjo el libro (taller bibliotecario) y con las prácticas y técnicas que lo materializan, y también con el lugar donde se guardan los libros: la biblioteca física. (Araújo, 2017). Traducción: "es una expresión latina que significa 'relativo a los libros', 'de los libros', 'propio de los libros', 'que se relaciona con los libros'. Comprende todo lo que es relativo a los libros, lo que trata de los libros, lo que es el libro." (Araújo, 2014, p. 208, traducción editorial).
- 28 Traducción: "[...] la mirada de las escuelas históricas centradas en una investigación indicativa, como propone Carlo Ginzburg, o para estudios de una Historia Cultural, como en el caso de Chartier, Darnton o Burke, presentan perspectivas renovadas en los estudios históricos sobre las actividades bibliográficas y de catalogación, proponiendo enfoques inéditos de análisis de producción, selección, organización y mediación cultural de objetos ya ampliamente estudiados: los libros, las colecciones, los registros materiales que en algún momento se hicieron dignos de ser preservados y difundidos para la constitución de la ciencia moderna" (Crippa, 2010, p. 15-16, traducción editorial).
- 29 Traducción: "El descubrimiento de un nuevo mundo más allá del mar hizo, entre otras muchas cosas, que mucha pluma pasara al papel [...] estos textos iban dirigidos a lectores europeos que los buscaban con avidez, deseosos de conocer las maravillas vistas y las aventuras vividas por sus compatriotas en tan misteriosas tierras." (Abreu, 2006, p. 227, traducción editorial).

- 30 Traducción: "[...] Fueron promovidos por las grandes naciones europeas y tenían como principales objetivos realizar trabajos cartográficos, estudiar la fauna y la flora, realizar observaciones astronómicas y meteorológicas, así como calcular longitudes" (Duarte, 2013, p. 284, traducción editorial).
- 31 Traducción: "[...] conjunto de estudios, libros, publicaciones, películas, música, material visual, etc. sobre Brasil" (Houaiss; Villar; Franco, 2004, p. 508, traducción editorial).
- 32 Traducción: "[...] que designan bailes, colecciones, cosas típicas de los referentes de nombres propios (que potencializan millares de nombres propios antroponímicos o toponímicos)" (Houaiss; Villar; Franco, 2004, p. 198, traducción editorial).
- 33 Traducción: "[...] todos los libros que tratan de Brasil" Moraes (2005, p. 176, traducción editorial).
- 34 Traducción: "Al primer grupo pertenecen los libros sobre Brasil, impresos entre 1504 (fecha del primer libro sobre Brasil) y 1900. También pertenecen a la Brasiliana los libros escritos por brasileños durante el período colonial (desde las primeras manifestaciones literarias hasta 1808 [...]). Al segundo grupo pertenecen los libros impresos en Brasil, desde 1808 hasta nuestros días" (Moraes, 2005, p. 176, traducción editorial).
- 35 Como señalan Araújo y Silveira (2018), los axiomas de rareza fueron establecidos por Johannis Vogt (1695- 1764), polímata y librero alemán que publicó, en 1732 la obra *Catalogvs historico-criticvs librorvm rariorvm* en la que presenta -además de los libros a comercializar- un apartado denominado *Axiomata historico-critica de raritate librorvm*, paratexto en el que se presentan los fundamentos recopilados por él para definir el libro raro, que se estructuraron en axiomas generales y específicos. Dicho esto, la difusión y aceptación de los axiomas de rareza en el contexto del coleccionismo bibliotecario del siglo XVIII "fez com que, gradativamente, o conceito de livro raro passasse a ser demarcado simbólica, social e economicamente por meio de um sistema que determinava a raridade a partir de: a) níveis; b) elementos condicionantes (materialidade, escassez, proveniência, discurso); c) qualitativos; e d) da Teoria da Raridade (um livro só é raro se for procurado por um bibliófilo)" (Araújo; Silveira, 2018, p. 83). Traducción: "fue provocando que el concepto de libro raro fuera delimitado simbólica, social y económicamente mediante un sistema que determinaba la rareza en función de: a) niveles; b) elementos condicionantes (materialidad, escasez, procedencia, discurso); c) elementos cualitativos; y d) la Teoría de la Rareza (un libro solo es raro si es buscado por un bibliófilo)" (Araújo; Silveira, 2018, p. 83, traducción editorial).
- 36 Traducción: "[...] por coleccionistas. Si un libro no es buscado por bibliófilos, no vale nada como objeto de colección" (Moraes, 2005, p. 183, traducción editorial).
- 37 Traducción: "La única restricción a esta considerable masa de papel impreso e ilustrado (por no hablar de los manuscritos) es que no se considera Brasiliana lo que no es buscado por los bibliófilos. La misma distinción se hace en bibliofilia para temas similares, como Americana, Orientalia, Judaica, etc." (Moraes, 2005, p. 176, traducción editorial).
- 38 Esta encuesta tuvo en cuenta los siguientes criterios i) seleccionar bibliografías especializadas en el tema brasileño que repertorien documentos, manuscritos o impresos, producidos en el exterior o en Brasil; ii) no seleccionar bibliografías que repertorien temas muy verticales, o sea, centrados en un solo tema como las bibliografías dedicadas exclusivamente a textos literarios de referencia; iii) no seleccionar bibliografías que aborden temas relacionados con Brasil, pero que se inserten en una temática más amplia - por ejemplo, la *Bibliotheca americana* de Joseph Sabin -, dado que, aunque se trate de una bibliografía que referencia textos sobre Brasil, abarca documentos de todas las Américas; y, iv) se podrán seleccionar para la investigación inventarios y catálogos, manuscritos o impresos, que atiendan a los criterios anteriores.
- 39 Traducción: "[...] añadir un suplemento a la historia [...]" (Woolf, 1985, p. 19, traducción editorial).
- 40 Traducción: "[...] permanecer allí sin impiedad [...]" (1985, p. 19, traducción editorial).

El tráfico ilícito de bienes culturales, desde el punto de vista de la base de datos del iphan: el estudio de los bienes culturales que rescatan

Murilo Artur Araújo da Silveira

Doctorado en Comunicación e Información por la Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Profesor adjunto de la Universidade Federal de Pernambuco en el Departamento de Ciência da Informação. (UFPE), Recife, PB, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2565474279842382>

Correo electrónico: muriloas@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9708-6001>

Daniela Eugênia Moura de Albuquerque

Estudiante de doctorado en el Programa de Posgrado en Ciencias de la Información de la Universidade

Federal de Pernambuco (PPGCI/UFPE), Recife, PB, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5755649500317881>

Correo electrónico: danielaeugenia@outlook.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1136-8965>

Fecha de envío: 19/08/2022. Fecha de Aprobación: 03/02/2023. Fecha de Publicación: 22/09/2023.

RESUMEN

Objetivo: en este estudio se propone analizar los bienes culturales rescatados de la Base de Datos de los Bienes Culturales Rescatados del Instituto del Patrimonio Histórico y Artístico Nacional, considerando sus implicaciones, el acceso y relevancia en el combate al tráfico ilícito de bienes culturales en España.

Método: exploratorio, de acuerdo a los objetivos, de tipo documental, de acuerdo a los procedimientos y técnicas de análisis de los documentos para la recogida y descripción de datos. El corpus de la investigación comprende 131 de bienes culturales rescatados consultar en la Base de Datos de los Bienes Culturales Rescatados del Iphan. **El Resultado:** dela base de datos, mostró una falta de estandarización en la identificación de los bienes culturales, una baja tasa de los bienes rescatados en comparación con el número total de los bienes rescatados, siendo la última la inserción en el 2015 y una alta ocurrencia de los campos esenciales, en el llenados, como la autoría, el título y su época/período de tiempo. Conclusiones: a pesar de que los resultados demostraron un retraso en el mantenimiento de la base de datos, y la necesidad de un compromiso de las malas activo en el tema de la cooperativa, en el suelo, para que el público específico, como los coleccionistas y compradores de los objetos en los tiempos antiguos, se pudo concluir en un amplio campo de investigación y descubrimientos que pueden ser fundamentales en la lucha contra el tráfico ilícito de bienes culturales , desde el punto de vista de los bienes rescatados.

Palabras Clave: la base de datos de los bienes culturales rescatados; EL IPHAN; bienes rescatados; el tráfico ilícito de bienes culturales; patrimonio cultural.

INTRODUCCIÓN

El Tráfico Ilícito de Bienes Culturales, más conocida como la TIBC, no se trata de una agenda de hoy. En la Antigüedad, las prácticas de giro como punto de referencia de una cultura de logro marcado por la identidad cultural y territorial de los bienes, que eran consideradas como aceptables en la guerra. Un ejemplo de ello fue el botín hecho en el Partenón, en Atenas, (480 a.C.), en la que Grecia todavía se ordena la devolución de los bienes perdidos, que se encuentran bajo la custodia del Museo Británico (Soares, 2018).

Hablar de TIBC se remite a la problemática del coleccionismo, ya que en la mayoría de los delinquentes son parte de los coleccionistas, dado un conjunto prácticas de la vida cotidiana y las inherentes a cualquier ser humano: el acto de coleccionar objetos. La idea de patrimonio no concebida, de manera independiente y de forma sistemática, se basa en una serie de pro bienes que pueden tener una finalidad distinta, como por el placer de acumulación, de obtener un beneficio financiero, de la decoración como un símbolo de poder, entre otros. Gonçalves (2009) afirma que el resultado de la actividad de coleccionismo establece la constitución de un patrimonio, y de que es preciso reflexionar acerca de las colecciones como construcciones de identidad, y no centrarse, únicamente, en los valores estéticos y técnicos.

Los bienes culturales que forman parte de un patrimonio colectivo, formado por los sujetos colectivos que, a través de los discursos que componen en los bienes, que crean y recrean las relaciones sociales, los valores y los significados. La concepción de un patrimonio colectivo, se deriva de la sensación de pérdida, principalmente después de la destrucción masiva de los bienes culturales, como los que tuvieron lugar durante la Segunda Guerra Mundial. Así pues, comienza a ser una necesidad la creación de medios para el patrimonio cultural de la ciudad. A nivel mundial, que tiene como punto de referencia la Convención de la Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura (Unesco), de 1970, que se creó medidas vendrían a garantizar la protección de los bienes culturales.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), fundado en el año 1937, uno de sus misiones más importantes, se puede destacar es el de la preservación, conservación, salvaguarda y vigilancia del patrimonio cultural (IPHAN, 2014). Con el objetivo de velar por las misiones y los testigos de numerosas pérdidas de los bienes culturales, el IPHAN se ha desarrollado una Banco de Datos de Bens Procurados (BCP), en la lucha contra el TIBC, con el objetivo de ser un banco cooperativo, que actúa en beneficio tanto de la revelación como una herramienta fundamental para conocer los bienes culturales procurados (IPHAN, 2014).

La tarea principal de este estudio no es el de cubrir el tema en toda su amplitud, sino de poner el tema en la perspectiva de los bienes rescatados, y analizar estos bienes considerando sus implicaciones, el acceso y la importancia de la lucha contra el tráfico ilícito de bienes culturales en el Brasil. Por tanto, el objetivo de esta investigación es el de analizar las descripciones de los bienes culturales brasileños que se encuentran presentes en la Banco de Datos de Bens Procurados (BCP) del IPHAN, de 1990 hasta la actualidad (IPHAN, 2014).

La razón central para la realización de la investigación se centra, fundamentalmente, en la discusión sobre los bienes culturales de Brasil y por las pérdidas materiales que se derivan del tráfico ilícito. Dicha problemática incide en la forma en que el Estado se ocupa de esos crímenes, así como también los registros de los ilegales que se llevan a cabo. Por lo tanto, la discusión se centra en la relación entre los bienes culturales y de los procesos de convertirse en patrimonio del país.

En esta fase, el trabajo de inicio, o cuando en pocas palabras sobre el TIBC en el país, enumerando los medios de la pérdida, algunos ejemplos de instituciones reconocidas que no se han escapado de las acciones delictivas, así como las principales instrumentos jurídicos de protección de los bienes culturales, como las Convenciones de la Haya (1954), de la Unesco (1970), Unidroit (1995) y en el real Decreto-Ley n. 25/19 y 37 (Brasil, 1937).

EL ENFOQUE SOBRE EL TRÁFICO ILÍCITO DE BIENES CULTURALES EN BRASIL

El museo de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, la Galería Thomas Cohn, de la Estación Pinacoteca, el Ministerio de Relaciones Exteriores, el Museo Chácara do Céu, Museo, do Ipiranga, Biblioteca Mário de Andrade y la Universidade Federal do Rio de Janeiro son instituciones reconocidas que fueran objeto de Tráfico Ilícito de Bienes Culturales. Frente a estos ejemplos, vale observar que de los bienes, en su mayoría, son de los museos, de los lugares sagrados, de las galerías de arte, de las bibliotecas, y hasta de las casas particulares.

Los dos métodos más conocidos y difundidos en el país de extravío de los bienes culturales son el hurto y el robo, a pesar de que buena parte de los titulares de los periódicos tratan como sinónimos, cabe destacar que son los delitos totalmente distintas, con base en el Código Penal Brasileño. A pesar de robo y hurto, existen otros medios de el extravío poco tratados que también son responsables por el TIBC, que de acuerdo a Soares (2020) son los siguientes:

- 1) En las excavaciones ilegales de los objetos arqueológicos, incluyendo la excavación bajo el agua;
- 2) El retiro de los bienes culturales durante los conflictos armados y la ocupación militar;
- 3) La importación y exportación ilícitas de bienes culturales;
- 4) La transferencia ilícita de propiedad de los bienes culturales;
- 5) La producción, el comercio y el uso de documentación falsa;
- 6) El tráfico de las propiedades culturales, falsas o falsificadas;
- 7) La conspiración/participación en un grupo delictivo organizado;
- 8) Lavado/blanqueo, conforme a lo dispuesto en el artículo 6 de la Convención de la Delincuencia Organizada, de los bienes culturales a través del tráfico, y de la Ley de 9.605/98 (Brasil, 1998).

De esta manera, Christofolletti (2017), con el fin de comprender la motivación de la acción de los delincuentes en este tipo de tráfico, elaboró en tres niveles de satisfacción de los propósitos: 1) la codicia de los coleccionadores para que hayan memorizado en sus hogares; 2) la venta a través del lavado de activos; y (3) *artnapping*, es una modalidad de robo y reventa para las propias compañías de seguros. El autor se presenta de acuerdo con las tres niveles en que las acciones ilegales que son fomentadas por las personas que tiene el conocimiento acerca de la de los bienes que se desea restar, y no sólo por el estímulo económico-financiero, sino también por el placer de adquirir un bien con un valor incalculable.

En Brasil no existe leyes para el TIBC. Mientras eso, las medidas que de protección se encuentran a cargo de la Convención de la Unesco de 1970. Cabe destacar que la Argentina es miembro de la Unesco desde el año de 1972, a diferencia de Chile, que se ha convertido en un miembro en 2014 y que cuenta con políticas públicas dirigidas a la lucha contra el TIBC. Al respecto, el diplomático João Batista Lanari Bo hace una crítica a la falta de legislación específica, que por eso, ocurre la fuga de nuestra herencia cultural, que se está convirtiendo cada vez más en peligro de llevar a cabo prácticas ilegales:

Sabemos que a jurisdição sobre o tráfico tem ampliado sua atuação, sobretudo nos países onde a prática tem se intensificado. Mas, e no Brasil, como o país lida jurídica e politicamente com o tráfico ilícito de obras de arte e bens culturais? [O] aprofundamento nas discussões sugere que o Brasil ainda está muito atrasado no quesito legislação específica, a despeito de possuir uma das mais progressistas legislações sobre o patrimônio do mundo, pois não possui legislação própria para a temática “tráfico de obras de arte”, embora seja signatário de diversas convenções sobre o assunto e pratique a cooperação internacional conforme propugna a convenção de Haia, obtendo sucesso em algumas operações de resgate, repatriação e mapeamento (Bo, 2003, p. 47)¹.

La Convención de la Unesco de 1970 es el mecanismo legal angular que se utiliza en Brasil para la lucha contra el TIBC, que es el foco de la prohibición de la importación, la exportación y la transferencia de propiedad ilícitas de bienes culturales, por la que es una de las causas principales de la disgregación del patrimonio cultural. Las funciones de este Convención mencionadas en el artículo 5:

- i) contribuir para a preparação de projetos de leis e regulamentos destinados a assegurar a proteção ao patrimônio cultural, e particularmente a prevenção da importação, exportação e transferência de propriedade ilícitas de bens culturais importantes;
- j) estabelecer e manter em dia, com base em um inventário nacional de bens sob proteção, uma lista de bens culturais públicos e privados importantes, cuja exportação constituiria empobrecimento do patrimônio cultural nacional;
- k) promover o desenvolvimento ou a criação das instituições científicas e técnicas (museus, bibliotecas, arquivos, laboratórios, oficinas etc.) necessárias para assegurar a preservação e a boa apresentação dos bens culturais;
- l) organizar a supervisão das escavações arqueológicas, assegurar a preservação in situ de certos bens culturais, e proteger certas áreas reservadas para futuras pesquisas arqueológicas;
- m) estabelecer, com destino aos interessados (administradores de museus, coleccionadores, antiquários etc.), normas em conformidade com os princípios éticos enunciados na presente Convenção, e tomar medidas para assegurar o respeito a essas normas;

n) tomar medidas de caráter educacional para estimular e desenvolver o respeito ao patrimônio cultural de todos os Estados e difundir amplamente o conhecimento das disposições da presente Convenção;

o) cuidar para que seja dada a publicidade apropriada aos casos de desaparecimento de um bem cultural. (UNESCO, 1972, grifo nosso)².

La Convención de la Haya de 1954, ha sido creada para los efectos de los conflictos armados en la guerra declarada, en el que tu misión es la protección, la flexibilidad, el respeto y la identificación de los bienes culturales (Brasil, 1954).

Como un punto de inflexión en el Convenio de Unidroit de 1995, empezó con sus acciones legales estrictamente en la restitución de bienes culturales robados y el retorno de los bienes culturales extraídos en el territorio de un estado contratante.

En la misma Convención, existe la posibilidad de que la indemnización a las personas que asistan a la devolución del bien, siempre que se acredite que era un bien robado, y de haber actuado con la diligencia y responsabilidad en el acto de comprar el bien, (Resolução ..., 2000).

En el ámbito nacional, aún no existe una ley específica para el TIBC, como se ha señalado anteriormente, sin embargo, hay una gran variedad de aparatos y legales, en lo que respecta a la protección del patrimonio, como es el Decreto-Lei nº 25/1937 (Brasil, 1937), dirigida a los bienes de naturaleza mueble. Lo Tabla 1 comprende las doce legislaciones nacionales que giran en torno a las cuestiones de la protección de los bienes culturales:

Tabla 1 – Principales instrumentos jurídicos nacionales que afectan a los bienes culturales

LEGISLACIÓN	ENMIENDA
Decreto-Lei n.º 25, de fecha 30 de noviembre de 1937	Organiza la protección del patrimonio histórico y artístico nacional.
Decreto-Lei n.º 2.848, de 7 de dezembro de 1940	Código Penal, Parte General.
Decreto-Lei n.º 3.866, de 29 de novembro de 1941	Dispone sobre la protección de los bienes al Servicio del Patrimonio Histórico y Artístico Nacional.
Lei n.º 3.924, de 26 de julho de 1961	Dispone sobre los monumentos arqueológicos y prehistóricos.
Lei n.º 4.845, de 19 de novembro de 1965	Prohíbe la salida al exterior de las obras de arte y artesanías producidas en el país, hasta el final del período monárquico.
Lei n.º 5.471, de 9 de julho de 1968	Dispone sobre la exportación de libros antiguos y de las colecciones de bibliografía.
Decreto Legislativo n.º 71, de 28 de novembro de 1972	Se aprueba el texto de la convención relativa a las medidas que deben ser adoptadas para prohibir e impedir la importación y la transferencia de la propiedad de los bienes culturales.
Decreto n.º 72.312, de fecha 31 de maio de 1973	Promulgó la Convención sobre las Medidas a ser Adoptadas para Prohibir e impedir la Importación, la Exportación y el Transporte y la Transferencia de Propiedad Ilícitas de los Bienes Culturales.
Lei n.º 11.904, de 14 de janeiro de 2009	Se establece el estatuto de los museos y da otras providencias.
Lei n.º 11.906, de 20 de fevereiro de 2009	Se crea el Instituto Nacional de Museos – IBRAM.
Lei n.º 12.840, de 9 de julho de 2013	Dispone sobre la destinación de los bienes de valor cultural, artístico o histórico a los museos, en los casos en que se describen.
Decreto n.º 8.124, de 17 de outubro de 2013	Regulación de los dispositivos de la Ley n.º 11.904, de 14 de enero de 2009, por el que se aprueba el Estatuto de los Museos, y en la Ley n.º 11.906, de 20 de enero de 2009, por la que se crea el Instituto nacional de Museos - IBRAM.

Fuente: Elaborado por los autores (2022).

Según el periódico Estadão, en una materia en el año 2007, el país en el cuarto lugar del mundo en el robo de las obras culturales era o Brasil (Brasil ..., 2007). La realidad actual no es una excepción, ya que en el país oscila entre la 8ª y 10ª puesto en la lista de los países en que la TIBC afecta a la economía, y la tercera en la modalidad de tráfico ilícito más lucrativo, para correr a más de seis mil millones de dólares (Christofolletti, 2021). Los datos alarmantes de que se presentan las deficiencias subyacentes de las medidas y acciones de seguridad de los bienes culturales, generando una pérdida irreparable para el patrimonio cultural del país.

En los albores de este tema, los factores que se encuentran en el lado opuesto de la lucha contra el TIBC puede ser un robo o hurto, que no está terminado, falta de especialistas a la adquisición de bienes culturales, por la falta de supervisión, lo que facilita el uso de documentación falsa, como también, a la importación y exportación ilícitas, las medidas protectoras específicas, la ausencia de datos relevantes para la identificación de los bienes en los sitios electrónicos, y, sobre todo, la no inclusión en la sociedad como la protagonista de la protección eficaz del patrimonio.

METODOLOGÍA

La investigación segundo los objetivos es de carácter exploratorio, en el cual “[...] visa prover o pesquisador de maior conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa em perspectiva” (Mattar, 2001, p. 13)³. Para profundizar en la comprensión del objeto de investigación se utiliza el análisis de documentos. El estudio se ha desarrollado a partir de las dos etapas que se describen a continuación:

PASO 1: RECOLECCIÓN DE DATOS

Las búsquedas en la Banco de Dados de Bens Culturais Procurados⁴: para la recolección de datos en la BCP, la estrategia de búsqueda fue adoptada por el medio de la cancha “Resgatados”, sin una delimitación temporal y que abarca a todos los estados y de los municipios brasileños (imagen 1). El análisis de los datos se ha realizado en los días de 28 y 29 de junio de 2022. Todos los productos rescatados, restaurados en la BCP, han sido considerados, sin necesidad de contar con criterios para la selección de los documentos.

Imagen 1 – Página de búsqueda de los bienes rescatados en la BCP

Banco de Dados de Bens Culturais Procurados

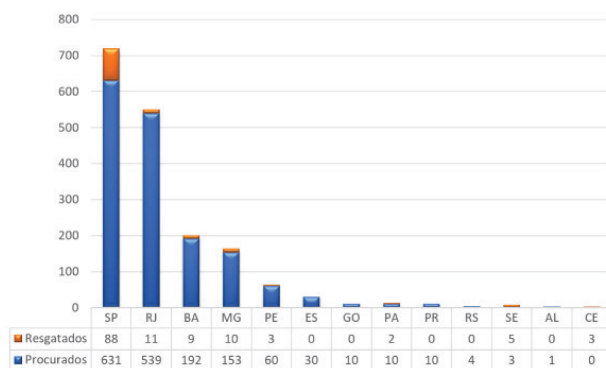
Fuente: Sitio web oficial de la BCP (IPHAN, 2014).

PASO 2: EN EL ANÁLISIS DE LOS DATOS

La definición del universo de la investigación: fueron 131 los bienes culturales rescatados por la BCP. Durante la recopilación, se optó por utilizar el recurso software de *Microsoft Excel*, que contiene: Província, nº BCP, el nombre del objeto, el año de la recuperación/Província (la província del país en el que se encontraba el bien cultural), año/periodo observaciones (ausencia de la foto, informaciones adicionales y los errores de digitación en el año de su rescate).

La identificación y el análisis de los bienes rescatados: en el análisis se pudo establecer las categorías, con el fin de condensar, representar, interpretar y superar la incertidumbre de los de las relaciones de la descripción de los datos. El primer paso ha consistido en la realización de un listado completo de la cantidad, tanto de los bienes rescatados, como los más buscados que cada estado contiene (gráfico 1), el día 24 de junio de 2022. En segundo lugar, se ha dado a partir de un análisis artículo por artículo, únicamente en los estados en los que se han tenido en bienes rescatados, con el fin de obtener datos estadísticos para ilustrar el panorama general de los mismos, en una de sus tipos, en diferentes épocas, el estado y el año de su rescate. Por último, en el último paso, es uno de los más importantes, es la de aclarar las implicaciones que tiene para el acceso y la relevancia de que estos datos se representan en la lucha contra el tráfico ilícito de bienes culturales.

Gráfico 1 – Distribución de los estados de bienes culturales procurados y/o rescatados de la BCP



Fuente: Elaborado los autores (2022).

Los estados: Acre, Amazonas, Amapá, Distrito Federal, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Paraíba, Piauí, Río Grande do Norte, Rondônia, Roraima, Santa Catarina y Tocantins, no han tenido ningún bien a la cultura procurado y/o rescatado en la BCP.

DE LOS BIENES RESCATADOS DE LA BANCO DE DADOS DE BENS CULTURAIS PROCURADOS

En el nivel alarmante de los casos de los bienes culturales de interés histórico-artístico, siendo el objetivo de las acciones ilegales en Brasil, ha generado una gran preocupación, sobre todo, de índole práctica. El IPHAN con la misión de norteadora a la conservación del patrimonio cultural y de velar por el cumplimiento de los mecanismos legales creó en el año 1997, durante la campaña de Luta Contra o Tráfico Ilícito de Bens Culturais, la Banco de Dados de Bens Culturais Procurados (BCP), que sólo está disponible en la Internet hacia 1998, año siguiente, en colaboración con la Policía Federal (PF), la *Interpol* y la *Receita Federal* (IPHAN, 2014).

De acuerdo con la autoridad federal, la BCP cuenta con el objetivo de dar a conocer los bienes culturales procurados, siempre y cuando sean de interés histórico-artístico, en virtud de los aparatos legales, tales como: a) el artículo 155 del Código Penal⁵; b) el artículo 180 del Decreto-Lei n. 2.484/1940⁶; c) el artículo 62, de la Lei n 9.605/1998⁷. El público-objetivo son los coleccionistas y compradores de los objetos de la antigüedad. El sitio electrónico cuenta con información acerca de la desaparición de los bienes culturales en los países de América Latina, como Colombia, Bolivia y Chile (IPHAN, 2014).

La estructura de un sistema informático de consulta pública, que está compuesta por siete en los campos de los bienes procurados y a los once bienes rescatados (imagen 2). La BCP ofrece tres tipos de búsqueda: procurados, rescatados o ambos, incluyendo la selección de idioma (inglés o portugués).

En el desarrollo de la búsqueda, a la(s) salida(s) que se establecen en el formato de la lista en orden ascendente en función del número de la BCP (Nº BCP). La imagen 2 se muestra un fragmento de una a cuatro de los siete de los bienes culturales rescatados en Rio de Janeiro (RJ). Los criterios de la investigación fueron: la Situación de “Rescatados”, “UF” y el Municipio “todos”.

Imagen 2 – Fragmento de los resultados de la investigación de los bienes culturales en los rescates en de la BCP

Nº BCP	Nome do objeto	Título	UF	Município	Situação	Fotografia
9	CARTILHA (LITÚRGICO)		RJ	Rio de Janeiro	Resgatado	 Resgatado detalhes
28	VASO		RJ	Rio de Janeiro	Resgatado	 Resgatado detalhes
38	VASO		RJ	Rio de Janeiro	Resgatado	 Resgatado detalhes
90	CRUCIFIXO		RJ	Rio de Janeiro	Resgatado	 Resgatado detalhes

Fuente: Sitio web oficial de la BCP (IPHAN, 2014).

De acuerdo con la imagen 2, en la base de datos se compone de ocho pistas, son: Nº BCP, “Nome do objeto”, “Título”, “UF”, “Município”, “Situação”, “Fotografia”, y “detalhe”. Teniendo en cuenta lo anterior, podemos destacar que: 1) hay una normalización en el campo de “Nome do objeto”, en el que las palabras que están en mayúsculas, 2) que, generalmente, en el campo “Título” que no se llena; 3) en el campo “Município” y la “Situação”, que son la estandarización empezando por las letras mayúsculas; 4) en el campo “Fotografia” pode no mostrar las imágenes y que cuenta con una marca por encima de la imagen, lo que indica que la situación de los bienes culturales; y, 5) en el campo de la “Detalhes”, llama la atención por su color, debido a las cortas de la información, que es uno de los campos más importantes de la BCP, ya que, cuando se selecciona, muestra los campos de la identidad, el tamaño, la denuncia (los artículos más buscados) y la memoria (los bienes rescatados), tal y como se muestra en la imagen 3:

Imagen 3 – La ficha de catalogación de los bienes rescatados de la BCP

Identificação

Situação: Resgatado
Número BCP: 1103
Nome do Objeto: CALDEIRINHA COM HISSOPE
Título:
Autoria:
Época/Período: 1725
Material: PRATA
UF: BA
Município: Salvador

Dimensões

Altura(cm): 21,50
Largura(cm):
Comprimento(cm):
Profundidade(cm):
Diâmetro(cm): 21,00
Circunferência(cm):
Peso(g): 3100,00

Resgate

UF: RJ
Data: 24/02/2015

Fuente: Sitio web oficial de la BCP (IPHAN, 2014).

Al hacer clic en la casilla de “datos”, se observa que tres divisiones, a saber, “identificação, tamanho e resgate”, con sus respectivos campos, lo que señala una información más específica de los bienes culturales (imagen 3), sin que se presenten a una normalización en el llenado de los campos. La investigación se basó en el proyecto de normalización de la identificación de los objetos culturales de reconocido internacionalmente, el *Object ID*⁸, como un punto de referencia para el estudio de los campos que hayan sido adoptados por el IPHAN, en la BCP. En los campos de lo *Object ID* son: 1) el tipo de objeto; 2) los materiales y de las técnicas; 3) la medida; 4) las inscripciones y marcas; 5) las características diferentes; 6) el título; 7) el sujeto; 8) la fecha o período de tiempo; y 9) el criador (ICOM, 1999, traducción nuestra)⁹.

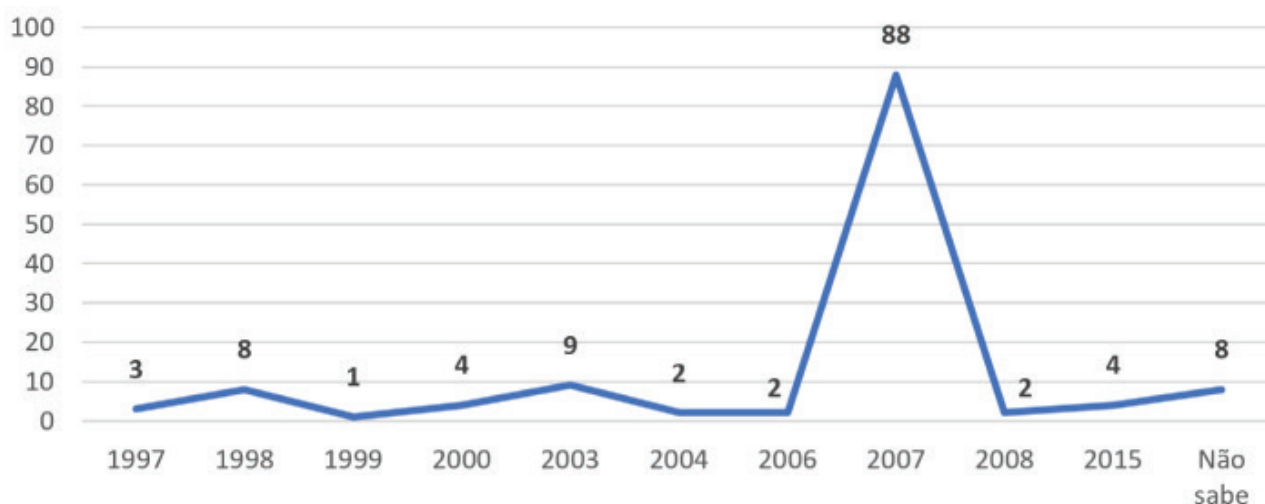
El *International Council of Museums* (ICOM) ofrece una Lista de Control de la Norma *Object ID* en diecisiete idiomas, en el que se asigna a las siguientes cuatro categorías para identificar a los objetos arqueológicos, culturales y de arte, a saber: 1) sacar fotografía; 2) Responder a estas preguntas (de acuerdo con cada uno de los nueve campos que acabamos de describir en el párrafo anterior); 3) Escribir una breve descripción; 4) Proteger la información.

En la BCP, carece de las acciones dirigidas a la tercera y cuarta categoría, que incluye sólo a la Situación de “más Buscados” en el campo de la “Denuncia”, en la cual es donde se encuentra la participación de la sociedad en su conjunto y con la base de datos, puede hacer la denuncia a través de un mensaje de texto, sin embargo, debido a la falta de la falta de estandarización de los datos en el resto de los campos, es imposible llegar a un buen número de casos. Según el imagen 3 se observa que siete de los campos no cubiertos, lo que en cierto modo se muestra que no sirve de nada que haya en campos tan importantes que contribuyen a la lucha contra el tráfico ilícito de drogas, si es que hay una diferencia marcada en los rellenos, así como una revisitación y la actualización de la BCP. Por lo tanto, de los 131 de los bienes rescatados, se han identificado los campos que están vacíos, es de: 30 a “Título», 58 por “Lautoria”, 13 “Materiales”, 8 “Fecha” y 7 a “la Época/Periodo”. Los campos en los que representan las dimensiones han tenido una gran diferencia, como lo es el Peso (g)”, en el que, 129 de los bienes culturales que no se han tenido en este campo llenado.

De los bienes culturales en el N° BCP: 997, 998, 1002, 1003 y 1157, han recibido una clasificación de “NO IDENTIFICADO” en el campo “Autoria”, sin embargo, no se aplica a los demás. En el N° BCP 622, en el campo de la “Época/Período”, fue realizada como “no identificados”. Teniendo en cuenta lo anterior, existe falta de aplicación de las políticas normativas en las que se introducen los datos para cada artículo, con el fin de facilitar la cooperación internacional, en el inventario de las colecciones, sino también en la lucha contra el TIBC, incluso, de los bienes que se van rescatados. A pesar de que la investigación no se actúa en la parte superior de los bienes solicitados, se llevó a cabo un estudio de los 1.643 los bienes solicitados, en los que se ha podido corroborar que la falta de uso y, sobre todo, en los campos de “Autoria”, “Título”, y a los que forman parte de las dimensiones, lo que puede dificultar a la recuperación, la localización y el seguimiento de las mercancías y de las posibles denuncias.

El gráfico 2 tiene una de las variantes de tiempo de un año del rescate de los bienes culturales en la BCP de 1997 a más tardar en 2015.

Gráfico 2: Distribución temporal del año de su rescate en la BCP



Fuente: Elaborado los autores (2022).

En el año de 1997 se inicia con tres de los bienes rescatados de la adoración religiosa de los siglos XVIII y XIX de la propiedad en la provincia de Bahía, Brasil. En 1998 se produce un aumento considerable, lo que revela que ocho de los bienes rescatados en el estado de Rio de Janeiro, es el arte sacro de los siglos XVIII y XIX. Cabe destacar, que en el año 1998, por lo que la BCP ha sido publicado en Internet, ya que pone en evidencia que el empleo de esta herramienta en la práctica, en la lucha contra el TIBC. En el año de 1999, solo se ha salvado solamente uno bien rescatado, una fuente de bautismo, en el estado de São Paulo sin fecha o período de tiempo.

A partir del año 2000, el número total de los bienes rescatados, creció hasta el año 2003, en el que los estados de Minas Gerais y Sergipe tuvieron sus bienes devueltos, todos ellos miembros de la orden de religiosa: la santidad, la palma de su altar, el calvario, la virgen y el ángel de la antorcha. En los años de 2004 a 2006 se presentaron en la estabilidad, la región Nordeste del país tuvo su punto culminante en los estados de Pernambuco y Sergipe, respectivamente, como ha sido en los últimos años, la naturaleza de los bienes también forma parte del arte sacro.

El año 2007 fue el punto de inflexión en el rescate de otros tipos de bienes culturales fuera del arte sacro. A pesar de obtener un índice de la entrada que no se esperaba de 88 bienes culturales rescatados, muestra una alta diferencia con el resto de los años, han sido rescatadas 79 billetes de banco y 5 medallas, debido a un robo en el Museu do Estado de São Paulo con más de 600 billetes de banco, monedas y medallas. Sin embargo, en el año de 2007 no es solamente la representación de São Paulo, han sido recogidos en otros estados, como Rio de Janeiro y Ceará.

Concluyendo el análisis del tiempo, después del año 2007 se produjo una caída brusca, en la que en el año 2008 dos bienes que han sido rescatados. Los dos bienes fueron las pinturas situadas en el estado de São Paulo de Pablo Picasso¹⁰ y Cândido Portinari, “O Retrato de Suzane Bloch” y “O Lavrador de Café”, respectivamente. Por último, el año 2015 ha traído de nuevo de los bienes de arte sacro de los estados de Rio de Janeiro, Pernambuco y São Paulo. De los ocho bienes que no han tenido los últimos años del rescate de la indexación en la BCP, a los dos¹¹ se presentaron en el campo “Data” en la descripción de “01/01/1”, en el que parece que es un error.

Los datos muestran que la BCP cuenta con los índices aún más bajos de los bienes rescatados, con sus debilidades operativas y de que existe una diferencia de la información para cada uno de los bienes culturales. Por lo tanto, esto se traduce en la ausencia de un control y de las acciones por parte de la autoridad responsables de hacer de esta base, la más conocida, eficaz y con sentido para la sociedad, confirmando la investigación de Perrein (2016, p. 70) se realizó sobre la base de los datos que trabajan en la lucha contra el TIBC, cuando la investigadora afirma que “Com uma ação de documentação bem realizada se potencializa a possibilidade de encontrar um bem desaparecido, enquanto a falta de informações pode resultar muito provavelmente na perda definitiva das peças”¹².

CONSIDERACIONES FINALES

En este texto, se partió de la premisa de que la temática del Tráfico Ilícito de Bienes Culturales no está condenada a la terminación, una vez más, que este tipo de tráfico es una de las más rentables del mundo. En los numerosos casos de pérdida de los bienes culturales que revelan, sobre todo, a la debilidad que existe en las medidas de protectoras, ya que hay un enriquecimiento a partir de las acciones ilegales que de otro lado, hay un empobrecimiento del patrimonio cultural.

Cuando se trabaja acerca de los bienes rescatados de la Banco de Dados de Bens Culturais Procurados del IPHAN, se observa que los bienes son objetos de gran importancia en el campo científico y de que sus consecuencias están a la ineficacia de las informaciones sistematizadas, debido a la falta de campos que se consideran esenciales en la identificación de un objeto, así como por la escasez de las tareas de mantenimiento periódico de la base de datos.

En lo que se refiere al acceso a la BCP, aunque se trata de un portal electrónico para que cualquier persona, no se cuenta con un despliegue eficaz de la población, a partir de la que se informó de los bienes rescatados, pueda colaborar en la base de datos para ayudar en la búsqueda de los bienes procurados.

El acceso sigue siendo el más estricto de los coleccionistas, los objetos antiguos, los agentes de la subasta y de los operadores de obras de arte. Para lo tanto, en la investigación también se ha entendido que, antes que cualquier otra normativa de desarrollo en beneficio de la lucha contra el TIBC, es necesario que la sociedad participe de ello, se identifica con los bienes culturales, con el fin de protegerlo de la creación de vínculos de pertenencia de identidad, con lo que cada vez más y más cerca del constante peligro de que el patrimonio que se enfrenta. Sin el trabajo colaborativo se convierte en imposible de sacar a nuestro país de la vulnerabilidad en el Tráfico Ilícito de Bienes Culturales, por lo que no se excluye las actividades de la base de datos.

REFERENCIAS

BO, J. B. L. *Proteção do patrimônio na UNESCO: ações e significados*. Brasília, DF: UNESCO, 2003.

BRASIL é o quarto do mundo em roubo de obras culturais. *Estadão*. [s. l.], 20 dez. 2007. versão *online*. Disponible en: <https://sao-paulo.estadão.com.br/noticias/geral,brasil-e-o-quarto-do-mundo-em-roubo-de-obras-culturais,99038>. Acesso en: 6 jul. 2022.

BRASIL. *Decreto 44.851 de 11 de novembro de 1958*. Promulga a Convenção e Protocolo para Proteção de Bens Culturais em Caso de Conflito Armado. Haia, 1954. 16 p. Disponible en: https://en.unesco.org/sites/default/files/brazil_decreto_44851_11_11_1958_por_orof.pdf. Acesso en: 10 jul. 2022.

BRASIL. *Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937*. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1937. Disponible en: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_no_25_de_30_de_novembro_de_1937.pdf. Acesso en: 10 jul. 2022.

BRASIL. *Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940*. Código penal. Brasília, DF: Presidência da República, 1940. Disponible en: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm. Acesso en: 3 jul. 2022.

BRASIL. *Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998*. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1998. Disponible en: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm. Acesso en: 3 jul. 2022.

CHRISTOFOLETTI, R. Brasil e Itália nas rotas do tráfico ilícito de bens culturais. *Revista Casa D'Italia*, Juiz de Fora, ano 2, n. 10, 2021. Disponible en: <https://casaditaliajf.com.br/2021/04/27/revista-casaditalia-brasil-e-italia-nas-rotas-do-trafico-ilicito-de-bens-culturais/>. Acesso en: 7 jul. 2022.

CHRISTOFOLETTI, R. O tráfico ilícito de bens culturais e a repatriação como reparação histórica. In: CHRISTOFOLETTI, R. (org.). *Bens culturais e relações internacionais: o patrimônio como espelho do soft power*. Santos, SP: Ed. Universitária Leopoldiana, 2017. p. 113-131. Disponível em: <https://www.ufjf.br/lapa/files/2008/08/Bens-Culturais-e-Rela%C3%A7%C3%B5es-Internacionais-Pref%C3%A1cio-e-Introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2022.

GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 25-33.

ICOM. International Council of Museums. *Object Identification (Object ID) is an internationally recognized documentation standard conceived to identify and record cultural goods*. Paris: J. Paul Getty Trust, 1999. Disponível em: <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/objectid/>. Acesso em: 3 jul. 2022.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Bens Culturais Procurados*. Brasília, DF, 2014. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1020#:~:text=Neste%20campo%2C%20o%20Iphan%20utiliza,Interpol\)%20e%20da%20Receita%20Federal](http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1020#:~:text=Neste%20campo%2C%20o%20Iphan%20utiliza,Interpol)%20e%20da%20Receita%20Federal). Acesso em: 3 jul. 2022.

MATTAR, F. N. *Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução, análise*. São Paulo: Atlas, 2001.

PERREIN, I. S. *Tráfico Ilícito de Bens Culturais e bases de dados: um desafio para a documentação museológica na relação entre museus e instituições de preservação e segurança*. 2016. 179 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2016. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/17645/1/2016_IaraSilvaPerrein_tcc.pdf. Acesso em: 6 jul. 2022.

RESOLUÇÃO da assembleia da república nº 34/2000. *Convenção do Unidroit sobre Bens Culturais Roubados ou Ilícitamente Exportados*, assinada em Roma em 24 de Junho de 1995. Lisboa: Assembleia da República, 2000. 14 p. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Convencao_unidroit_bens_roubados_ou_ilicitamente_exportados_1995.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

SOARES, A. D. *Direito Internacional do Patrimônio Cultural: o tráfico ilícito de bens culturais*. Fortaleza: IBDCult, 2018.

SOARES, A. D. *O Brasil e o Tráfico Ilícito de Bens Culturais*. [Rio de Janeiro: UERJ], 2020. 1 vídeo (1h 40 min). Publicado pelo canal NEPEDI UERJ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EavUIBK9a0>. Acesso em: 7 jul. 2022.

UNESCO. *Convenção relativa às medidas a serem adotadas para proibir e impedir a importação, exportação e transferência de propriedades ilícitas dos bens culturais*. Paris, 12-14 de novembro de 1970. [Brasília, DF]: Senado Federal, 1972. 10 p. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/unesco_convencao.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

NOTAS FINALES

- 1 Traducción: “Sabemos que la jurisdicción sobre el tráfico ha incrementado su acción, especialmente en los países donde la práctica se ha intensificado. Pero, ¿qué pasa con Brasil, cómo trata jurídica y políticamente el país el tráfico ilícito de obras de arte y bienes culturales? [La] profundización de las discusiones sugiere que Brasil aún está muy atrasado en términos de legislación específica, a pesar de tener una de las legislaciones más progresistas del mundo en materia de patrimonio, ya que no tiene legislación propia sobre el tema del “tráfico de obras de arte”, aunque es signatario de varias convenciones sobre el tema y practica la cooperación internacional de acuerdo con la Convención de La Haya, logrando éxito en algunas operaciones de rescate, repatriación y mapeo” (Bo, 2003, p. 47, traducción editorial).
- 2 Traducción: “a) Contribuir a la elaboración de proyectos de ley y reglamentos destinados a garantizar la protección del patrimonio cultural y, en particular, la prevención de la importación, la exportación y la transferencia de propiedad ilícitas de bienes culturales importantes;
- b) Establecer y mantener al día, a partir de un inventario nacional de bienes bajo protección, una lista de bienes culturales importantes, públicos y privados, cuya exportación constituiría un empobrecimiento del patrimonio cultural nacional;
- c) promover el desarrollo o la creación de las instituciones científicas y técnicas (museos, bibliotecas, archivos, laboratorios, talleres, etc.) necesarias para garantizar la conservación y la buena presentación de los bienes culturales;
- d) organizar el control de las excavaciones arqueológicas, garantizar la conservación in situ de determinados bienes culturales y proteger ciertas zonas reservadas para futuras investigaciones arqueológicas;
- e) establecer, para los interesados (administradores de museos, coleccionistas, anticuarios, etc.), normas conformes a los principios éticos enunciados en la presente Convención, y adoptar medidas para garantizar el cumplimiento de esas normas;
- f) adoptar medidas educativas para estimular y desarrollar el respeto del patrimonio cultural de todos los Estados y difundir ampliamente el conocimiento de las disposiciones de la presente Convención;
- g) velar por que se dé la publicidad adecuada en caso de desaparición de un bien cultural.” (Unesco, 1972, traducción editorial).
- 3 Traducción: “[...] tiene como objetivo proporcionar al investigador un mayor conocimiento sobre el tema o problema de investigación desde una perspectiva” (MAT TAR, 2001, p. 13, traducción editorial).
- 4 Sitio: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/219>.
- 5 Art. 155. Subtrair, para si ou para outrem, coisa alheia móvel (Brasil, 1940, traducción editorial).
- 6 Art. 180. Adquirir, receber, transportar, conduzir ou ocultar, em proveito próprio ou alheio, coisa que sabe ser produto de crime, ou influir para que terceiro, de boa-fé, a adquira, receba ou oculte (Brasil, 1940, traducción editorial).
- 7 Art. 62. Destruir, inutilizar ou deteriorar:
- I - bem especialmente protegido por lei, ato administrativo ou decisão judicial;
- II - arquivo, registro, museu, biblioteca, pinacoteca, instalação científica ou similar protegido por lei, ato administrativo ou decisão judicial (Brasil, 1998, traducción editorial).
- 8 Sitio: https://icom.museum/wp-content/uploads/2020/12/ObjectID_portuguese.pdf.
- 9 Original: “Type of object; Materials and techniques; Measurement; Inscriptions and markings; distinguishing features; Title; Subject; Date or period; Maker.” (ICOM, 1999).
- 10 Existe aún un libro de Pablo Picasso de título Toros de 1960 como bienes procurados, siendo el único libro registrado en el banco de datos (N° BCP 1236, traducción editorial).
- 11 Floreros localizados en Rio de Janeiro con el N° BCP 28 y 36.
- 12 Traducción: “Una acción bien documentada aumenta la posibilidad de encontrar un objeto desaparecido, mientras que la falta de información puede provocar con toda probabilidad la pérdida definitiva de las piezas” (PERREIN, 2016, p. 70, traducción editorial).

El aporte de bibliófilos y bibliógrafas negras de los siglos XIX y XX a la construcción de una Bibliografía Negra

Franciéle Carneiro Garcês da Silva

Doctorado en Ciencias de la Información de la Escola de Ciência da Informação de la Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Profesor colaborador en el Programa de Posgrado en Gestión de la Información de la Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGInfo/UDESC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2805777083019311>

Correo electrónico: francielegarces1987@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2828-416X>

Dirnéle Carneiro Garcez

Estudiante de Doctorado en Ciencias de la Información en el Programa de Posgrado en Ciencias de la Información de la Universidade Federal de Santa Catarina (PPGCIN/UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Conforma la composición del Grupo de Pesquisa Ecce Liber: Filosofia, linguagem e organização dos saberes.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8655722474715647>

Correo electrónico: dirnele.garcez@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3061-9352>

Diná Marques Pereira Araújo

Estudiante de Doctorado en Ciencias de la Información en el Programa de Posgrado en Ciencias de la Información de la Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Bibliotecaria-documentalista de la Universidade Federal de Minas Gerais.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5368871997608892>

Correo electrónico: librario2017@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8251-255X>

Priscila Rufino Fevrier

Estudiante de Doctorado en Ciencias de la Información en el Programa de Posgrado en Ciencias de la Información del Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) convenio con la Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1804754081319302>

Correo electrónico: priscila.fevrier@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3641-5200>

Gabriel de Melo Vieira

Estudiante de Maestría en el Programa de Posgrado en Gestión de la Información de la Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGInfo/UDESC), Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4210297769033841>

Correo electrónico: b.i.1@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6003-5369>

Fecha de envío: 31/08/2022. Fecha de Aprobación: 24/02/2023. Fecha de publicación: 22/09/2023.

RESUMEN

Este artículo aborda la contribución de los bibliófilos y bibliógrafos negros en la recopilación, preservación, organización y disponibilidad de recursos informativos sobre y para la población negra, africana y de la diáspora en los siglos XIX y XX en el contexto de los Estados Unidos de América. En su desarrollo, reflexiona sobre la bibliografía y la bibliofilia en la constitución de colecciones, las colecciones especiales negras y la Bibliografía Negra para la justicia social en el contexto segregacionista, presentando estrategias de acceso a la información, al libro y a la biblioteca por parte de la comunidad negra. Finalmente, presenta el aporte de cinco personajes principales, a saber: el coleccionista David Ruggles, el bibliófilo Arthur Alfonso Schomburg y los bibliógrafos Daniel Alexander Payne Murray, Monroe Nathan Work y Dorothy Porter Wesley. Sus aportes al documentar la historia, vida y vivencias negras, poblaciones africanas y de la diáspora, así como en la construcción de colecciones, centros y bibliotecas negras, hasta el día de hoy sirven como fuentes de información para la reparación epistémica e histórica de estas poblaciones.

Palabras clave: bibliografía negra; colecciones negras; historia negra; justicia social; bibliofilia. Estados Unidos de América.

INTRODUCCIÓN

La era segregacionista estadounidense fue un período de privación del acceso a los derechos civiles y la información a la población negra a través de leyes discriminatorias existentes entre 1870 y 1960, las cuales se basaron en la legislación utilizada durante el proceso de esclavitud en los Estados Unidos de América (EE.UU.). La segregación racial fue implementada inicialmente por los Estados del Sur y luego se extendió por todo Estados Unidos a través de las leyes Jim Crow, que fueron diseñadas para mantener la jerarquía racial existente en el país después del final de la Guerra Civil.

Los Black Codes institucionalizaron la negación de los derechos de la población negra estadounidense en cuanto al derecho al voto, prohibición de poseer bienes y propiedades, operar negocios, casarse con personas blancas (matrimonios interraciales), negar el acceso y uso de espacios comunes, tales como hoteles, cines, escuelas, bibliotecas, además de perpetuar esta separación entre blancos y negros, a través de la marginación económica, política y educativa de estos últimos (Blackmore, 2020). En consecuencia, este período contribuyó a la exclusión informativa de grupos negros y no blancos, privándolos de elementos que les permitieran transformar sus realidades sociales a través de escuelas, universidades y bibliotecas (Cresswell, 1996; Cutter, 2011; Poole, 2018; Wiegand; Wiegand, 2018).

A lo largo de los años, se aprobaron reformas constitucionales con miras a garantizar la libertad y los derechos civiles de los negros. Sin embargo, se mantuvo la dificultad de acceder a la información sobre la historia y la cultura afrodiáspóricas. Entre las razones estaba la ubicación de las bibliotecas, que se encontraban en zonas frecuentadas por blancos, lo que impedía que los negros accedieran a los espacios, servicios y colecciones. Además, las bibliotecas segregadas exclusivamente para personas negras contenían colecciones limitadas y estructuras físicas frágiles, lo que restringía el conocimiento adquirido por medio de los materiales de colección y los servicios destinados a la comunidad.

Finalmente, las colecciones, materiales y registros informativos sobre historia negra escritos por y para negros en bibliotecas públicas, municipales y universitarias estaban lejos de ser ideales para servirles. Así, en su momento, surgió la necesidad de establecer bibliografías que documentaran la experiencia y aporte de la población negra, africana y de la diáspora en la construcción de los Estados Unidos de América (Porter, 1969a; Jones, 1971; Wiegand, 2017).

Según los escritos de Dorothy Porter (1969a, 1969b), una de las iniciativas utilizadas para llenar el vacío informativo de la población mencionada fue la creación de sociedades literarias negras, y con ellas, bibliotecas circulantes y salas de lectura.

Entre 1828 y 1846 se organizaron 45 sociedades literarias en ciudades del este, a partir de iniciativas individuales o colectivas de sujetos negros. Para fines de recorte, esta investigación circunscribirá el período segregacionista anterior al establecimiento del movimiento de derechos civiles establecido en la década de 1960. Así, buscamos investigar la contribución de los bibliófilos y bibliógrafos negros de los siglos XIX y XX en la compilación, organización, preservación y la disponibilidad de información sobre, para y de las poblaciones afroamericanas, africanas y de la diáspora cuando las bibliotecas no han cumplido esta función.

Metodológicamente, es un estudio bibliográfico y documental que se preocupó por recuperar informaciones sobre estos sujetos, personas bibliófilas y bibliógrafas negras en la producción científica de Biblioteconomía Negra Estadounidense publicada en forma de libros, capítulos, artículos y bibliografías en el período de 1830 a 1960. Para ello, este artículo se divide en seis partes, a saber: la introducción con el objetivo general de la investigación, a la que siguió una introducción a la Bibliografía y la Bibliofilia en la constitución de colecciones, la conceptualización de la bibliografía negra y su papel para la justicia social y reparación epistémica, las colecciones especiales negras y, por último, presenta las colaboraciones de bibliófilos y bibliógrafas en la creación de las actuales colecciones, centros y bibliotecas que conocemos actualmente. El artículo concluye con las consideraciones finales del estudio.

BIBLIOGRAFÍA Y BIBLIOFILIA EN LA CONSTITUCIÓN DE COLECCIONES

El coleccionismo de la cultura escrita hacia la Antigüedad, la Edad Media, la Modernidad y la Contemporaneidad puede entenderse como el arte y la ciencia del amor por los libros – tradicionalmente llamado Bibliofilia (biblio + philie).

La larga historia de la Bibliofilia informa que el amor por los documentos gráficos cruza tanto los deseos de frívola posesión de documentos gráficos, como incluso la ostentación de grandes bibliotecas patrimoniales con la presencia de personajes que marcan un territorio de cultura letrada para pocos iniciados. La Bibliofilia es, ante todo, una práctica sociocultural (Sordet, 2002) que engloba un amplio abanico de sensibilidades en torno al coleccionismo de textos. Estos pueden ser material y formalmente llamados de libros, opúsculo, folletos, trípticos. Y, aún así, caracterizados como ordinaria, antiguos, raros, preciosos y curiosos. Los objetos de la Bibliofilia son elegidos por diferentes valores: desde utilitarios, hasta los deseos de posesión por erudición, posesión para afirmar la distinción social-patrimonial, posesión asociada a la disfunción del amor por el objeto gráfico, que es la Bibliomanía. Un enfoque asociado al coleccionismo de objetos que se puede aplicar a los estudios del coleccionismo bibliográfico está presente en Baudrillard (1969, 2009), sin embargo, no será el foco de este enfoque.

En los múltiples escenarios, temporales y culturales, nucleados por la Bibliofilia y la Bibliografía, la persona bibliófila y la persona bibliógrafa son los actores que constituyen una identidad bibliográfica, materializada en forma de biblioteca, a partir de las narrativas textuales (palabras-imágenes) de temas que le son queridos. En la larga duración de la historia de los textos y su materialidad, la Bibliofilia fue fundamental para seleccionar, recopilar y preservar textos reconocidos como especiales y, por tanto, el deseo como memoria que es necesario conservar 'para siempre'. En cuanto a la constitución de una colección privada, la selección de documentos, en la Bibliofilia, estuvo y está atravesada por tramas socioculturales que inciden en su formación, tales como: (a) la relevancia que le otorga al texto la temática que aborda, la cual, a su vez, se relaciona con los valores sociales, políticos y económicos que condicionan que los discursos sean reconocidos como válidos y representativos del saber de una determinada sociedad; (b) la red de producción y circulación de textos: desde los medios (pergamino, papel, cuero, pantallas digitales), hasta las técnicas de impresión y el mercado del libro.

La bibliografía está presente en este escenario de valores para la constitución de colecciones privadas, ya sea en su faceta más recurrente, que es el repertorio, como fuente de información, pero también como ciencia dedicada a la organización técnico-formal y temático- definición conceptual de colecciones.

La presencia de colecciones privadas formadas por bibliófilos es frecuente en la historia de las bibliotecas - universitarias y públicas, privadas o privadas - donde dichas colecciones compondrán las colecciones de la memoria y pueden ser identificadas como colecciones especiales por tener su origen en una colección personal, por la temática que aborda y por las trayectorias sociales, políticas y culturales que permitieron su llegada a una institución, con fines de memoria e identidad. Desde esta perspectiva, inicialmente, es posible considerar que la Bibliofilia ayudó a preservar textos referentes a discursos hegemónicos y dominantes en la cultura escrita. Si bien es una de las grandes contribuciones de la Bibliofilia, especialmente en sus diversas manifestaciones, dado el imperio de la rareza¹ que define el universo del documento gráfico que debe coleccionarse, la Bibliofilia contribuye a la preservación de documentos gráficos representativos de la cultura del norte global. Sin embargo, la Bibliofilia también contó con personas que definieron como tema de sus colecciones los discursos no validados por su sociedad y que contribuyeron y contribuyen a la constitución de colecciones que hoy se han metamorfoseado en colecciones de memoria. Sin embargo, la gran mayoría de las colecciones de libros curiosos, raros, antiguos, exóticos reúnen, sobre todo, el documento gráfico que convencionalmente se llama especial, por las características mencionadas anteriormente cuando se formó, pero también porque reflejan, refuerzan y delimitan un discurso que se impone como mayoritario para un área determinada.

Pero, ¿qué contexto y qué actores eligen los textos que componen las colecciones para la memoria? ¿En qué medida el cuestionamiento y confrontación de un sistema bibliofílico y bibliográfico mayormente colonizador puede resultar en iniciativas y trayectorias perennes para la constitución de colecciones de memorias múltiples? La imposición de una cultura en detrimento de otra es evidente cuando se trata, por ejemplo, de la constitución de colecciones y repertorios bibliográficos sobre historia y cultura negra – que casi siempre reflejan el discurso del explorador e incluso el silenciamiento de documentos al momento de elaboración de bibliografías.

En ese sentido, nos centramos a continuación en la constitución de la Bibliografía Negra encaminada a llenar los vacíos históricos en relación al aporte negro en la construcción de los diversos saberes y en el mundo que vivimos, así como reparar las violencias e injusticias epistémicas inculcadas en saberes negros engendrados por el discurso colonizador.

BIBLIOGRAFÍA NEGRA PARA LA JUSTICIA SOCIAL Y LA REPARACIÓN EPISTÉMICA NEGRA

Cuando nos acercamos a la justicia social, estamos asumiendo un trato y distribución justos de los recursos y bienes epistémicos (información, educación y conocimiento) para todas las personas, guiados por valores como la ética, la solidaridad, el cuidado y el respeto mutuo entre sujetos (Brownlee *et al.*, 2012; Mathiesen, 2016; Mehra, 2015; Silva; Garcez; Silva, 2022).

Conceptualmente, la justicia social se refiere a la capacidad de los sujetos para participar como iguales dentro de la sociedad (Fraser, 2008). De esta manera, partimos del entendimiento de que para obtener justicia social a través de la bibliografía, es necesario superar el principio de ausencia (Kilomba, 2020) aplicado al conocimiento de los negros, africanos y otros grupos étnico-raciales colocados en el márgenes dentro de bibliotecas, colecciones y otros espacios de información.

Es decir, que se visibilice la información contenida en diversos soportes sobre la construcción del ser negro en la sociedad estadounidense y en otras partes del globo, así como todos los procesos históricos, culturales, políticos y educativos de los grupos étnico-racialmente marginados, equitativamente representados y accesibles para todos.

Las bibliografías pueden ayudar a confrontar las acciones epistémicas y memorizadas de la población negra y afrodiaspórica (Missiatto, 2021; Patin *et al.*, 2020; Silva; Garcez; Silva, 2022) y promover la Bibliografía Negra en cumplimiento de los principios de justicia social y su esferas (social, racial, ecológica, de género e informacional) (Silva *et al.*, 2021a), especialmente centrándose en el pensamiento y legado ancestral de , sobre y por grupos étnico-raciales degradados por los procesos coloniales y capitalistas, y por la centralidad de raza en las sociedades occidentales.

En cuanto al concepto de Bibliografía Negra, se refiere a la recopilación, producción, organización, representación y disponibilidad de documentos que retratan la experiencia y la vida negra desde la perspectiva de y sobre la población africana, los negros y la diáspora africana, a través de la bibliografía. Además de la reparación epistémica e histórica, la Bibliografía Negra sirve para denunciar la lucha contra el apartheid epistémico (Rabaka, 2010), posibilitado por la segregación intelectual del saber de los grupos étnico-raciales históricamente excluidos, en especial de los ubicados fuera de los muros de las universidades (Silva; Silva, 2022).

En el contexto segregacionista estadounidense, la producción de una bibliografía negra jugó un papel fundamental en la constitución de colecciones – lo que demuestra, sobre todo, el compromiso por la reparación epistémica negra (Silva; Garcez; Silva, 2022), y la agencia de los bibliógrafos negros y bibliófilos que actuaron sobre la evidencia de los recuerdos silenciados y borrados.

Antes de presentar a estos actores, contextualizaremos las colecciones negras especiales como parte de la Biblioteconomía de Libros Raros, que se construyeron con el objetivo de preservar el legado ancestral negro para las generaciones futuras.

COLECCIONES NEGRAS ESPECIALES

La Biblioteconomía de Libros Raros, una rama tradicional de la Biblioteconomía, tuvo sus prácticas instituidas formalmente en países del hemisferio norte, especialmente en Europa. Su destacada ocurrencia en los países de habla inglesa no significa que otras culturas no se hayan consagrado o incluso adoptado la expresión “Biblioteconomía de los Libros Raros” para delimitar el vasto horizonte de prácticas con colecciones bibliográficas antiguas y raras.

Es posible considerar que las prácticas bibliográficas practicadas en las bibliotecas de las órdenes religiosas medievales son herencias de las formas de privilegiar el preciosismo y la antigüedad de unos documentos gráficos frente a otros y, por tanto, dejaron como legado para la época moderna algunos de las formas de venerar las rarezas.

En el mundo europeo, las prácticas bibliográficas fundadas por Conrad Gesner (1516-1565), Gabriel Naudé (1600-1653), bibliógrafos de los siglos XVI y XVII, entre otros, contribuyeron al establecimiento de los pilares necesarios para la formación de la “biblioteca ideal”. Ideal atravesado por el coleccionismo librario, que, en gran medida, se entrecruzó con las prácticas de las bibliotecas universitarias y públicas a lo largo de su historia. Todo este escenario culminó con la creación de una faceta de la Biblioteconomía enfocada en documentos gráficos antiguos, preciosos, raros y especiales.

En Inglaterra, por ejemplo, cuando la biblioteca Bodleiana² fue adquirida por la Universidad de Oxford, surgió la necesidad de establecer prácticas bibliotecarias para libros raros de bibliotecas privadas, que eran donados a la institución.

El bibliotecario inglés Bulkeley Bandinel (1761-1861) dedicó su trabajo a las colecciones especiales y libros raros de esa universidad, cuando en el siglo XVIII creó el Auctarium en la Bodleian para la custodia de libros de perfil especial. Según Feather (1982), Bandinel:

[...] considerava como os mais excelentes da biblioteca: manuscritos iluminados, incunábulos, belas impressões, grandes cópias em papel, editiones principes dos clássicos Aldinos, Elsevier e encadernações de luxo. [...] Na tentativa de reproduzir, em grande escala, as atuais modas bibliofílicas, Bandinel involuntariamente criou a ideia da Biblioteconomia de Livros Raros como é agora entendido: o lugar especial e o tratamento de forma arbitrária de categorias predeterminadas de livros (Feather, 1982, p. 32, tradução nossa)³.

El 'lugar especial' para la conservación de los documentos gráficos impuestos como dignos de memoria tuvo en cuenta su rareza inseparable de los discursos, también impuestos como hegemónicos.

En los siglos siguientes, XIX y XX, los teóricos angloamericanos continuaron utilizando el término Biblioteconomía de Libros Raros y Colecciones Especiales⁴, entre ellos Berger (2014), Cave (1976), Galbraith y Smith (2012) y Traister (2003). Las prácticas bibliotecarias con colecciones especiales en otros continentes y países en estos dos siglos también tuvieron importantes prácticas locales, pero en general, constantemente influenciadas y guiadas por el modelo europeo normativo-arbitrario de rareza bibliotecaria⁵.

Las nominaciones atribuidas a estas colecciones antiguas y raras varían entre Biblioteca Histórica, Biblioteca Patrimonial, Colecciones Especiales, Fondos Antiguos, Obras Raras, Sala del Tesoro, Libros Antiguos, Colección Patrimonial, entre otras, siendo más recurrente la expresión Colecciones Especiales. Estas colecciones en bibliotecas difieren de las colecciones actuales, aquellas con una colección destinada al préstamo a domicilio y la consulta local.

Una colección especial puede contener libros antiguos, libros raros y libros contemporáneos. Es el ámbito determinado para su formación lo que indicará si estará enteramente compuesto por libros raros, o incluso si tendrá un marco temporal determinado como, por ejemplo, contener sólo libros impresos en Pernambuco en los primeros cincuenta años del siglo XX.

En cuanto a la historia de formación de una colección especial, más precisamente sobre su procedencia como colección, tal colección puede haber sido construida por una persona bibliófila y en un momento dado haber sido incorporada a una colección de una biblioteca pública, como es el caso del Schomburg Center for Research in Black Culture de la colección personal del bibliófilo y bibliotecario Arturo Alfonso Schomburg, que luego fue adquirida por la Biblioteca Pública de Nova; o incluso ser una colección especial que fue desarrollada por la propia institución para reunir y preservar libros antiguos y actuales que traten de un tema determinado, como la historia de la ciencia, por ejemplo. Hay muchos otros ejemplos, pero lo que queremos enfatizar es que las colecciones especiales son múltiples en características documentales, procedencia y alcance. Pueden contener una sola tipología documental, pero también pueden ser híbridos, formados tanto por documentos bibliográficos como de archivo. Aún en cuanto a sus características documentales, si así está predeterminado, las colecciones especiales pueden contener tipologías temáticas, géneros y categorías que se mezclan para componerlas. Como ejemplos de tales elementos podemos mencionar: libros raros en el área de las ciencias médicas, libros antiguos en el área de las ciencias jurídicas, libros de artista producidos en México, entre otros.

No está dentro del alcance de este artículo⁶ conceptualizar los géneros y categorías de documentos gráficos incluidos en colecciones especiales, tales como: raro⁷, antiguo⁸, exótico e inusual. De Araújo y Reis (2017) y Sordet (2002) entendemos que, en el coleccionismo bibliográfico, los adjetivos “exótico” e “inusual” están dentro de las manifestaciones de rareza bibliofílica.

Finalmente, con lineamientos para su formación (tipologías documentales, géneros/categorías, temporalidad, idioma(s), cobertura temática, entre otros), las colecciones especiales reflejan los significados particulares (al interior de la Bibliofilia o en instituciones públicas) de una determinada comunidad decidida a conservar en el pasado y presente, para el presente y el futuro, por la importancia que tienen, contienen y representan los documentos de la colección.

Además de las discusiones sobre memoria y rareza, las colecciones especiales se distinguen de las colecciones actuales “por sua constituição temática, finalidade, características materiais e significados patrimoniais para a instituição que as preservam” (Araújo; Reis, 2016, p. 184)⁹. Además de los modelos de gestión de estas colecciones especiales, lo importante a destacar aquí es que el modelo conceptual que subyace a su formación, en general, son los preceptos de la cultura colonizadora, blanca y europea.

Tal modelo, que refleja la propia estructura social de exclusión de la cultura negra, compromete las memorias negras, pues éstas, al ser transformadas en texto material, terminan por no cumplir con las órdenes arbitradas de componer las llamadas colecciones especiales. En este sentido, existen colecciones de memoria que cuentan con documentos gráficos que materializan, en gran medida, textos que conservan la mirada y las voces del colonizador, pero no de la cultura negra.

A partir de la década de 1960, el escenario de formación de colecciones negras especiales en los Estados Unidos se ha incrementado asociado a las necesidades de la educación (secundaria y superior). Las colecciones negras (Black collections) son fuentes de investigación que “contêm uma riqueza de conhecimento que apoia, aumenta e inspira não apenas os estudos negros, mas potencialmente também qualquer investigação pertencente a pessoas da diáspora africana” (Bledsoe, 2018, online, tradução nossa)¹⁰. El aumento en la creación de colecciones negras también se debe a los bibliógrafos y bibliófilos negros en los siglos XIX y XX a ser destacado en este artículo.

Al realizar una encuesta sobre las colecciones negras especiales en las universidades y colegios de los Estados Unidos, Smith (1974) señala que a pesar de ser esencial para la preservación de la historia de la cultura negra y la calidad de sus profesionales y los servicios que ofrecen, hubo dificultades para formación y desarrollo estas colecciones: (a) escasos recursos económicos para su mantenimiento (al contrario de lo que ocurría con las colecciones monumentales especiales y no desguazadas por la segregación social); (b) identificación de documentos gráficos producidos por negros: debido a la escasez de su producción, la preservación de documentos antiguos y la escasez de bibliografías que recopilen estos documentos; (c) necesidad de bibliotecarios negros involucrados e interesados en preservar la memoria de la cultura negra; d) necesidad de control bibliográfico de la producción. Estas Colecciones Negras Especiales no son exclusivamente de naturaleza bibliográfica, sino que incluyen documentos de archivo y elementos que componen los recuerdos negros del mundo, especialmente con respecto a las materialidades de la experiencia negra.

Tales colecciones se han convertido en instrumentos para confrontar perspectivas hegemónicas, ya que combaten el principio de ausencia al poner estas colecciones y recursos informativos a disposición del público para consulta e investigación por parte de las comunidades (Kilomba, 2020; Silva; Garcez; Silva, 2022). Además, configuran tácticas de resistencia negra en las bibliotecas y en la Bibliografía al resaltar los registros y la representación del saber negro a lo largo de la historia mundial.

A continuación, presentaremos algunos bibliófilos y bibliógrafos encargados de construir colecciones, bibliografías y bibliotecas que configuran, lo que entendemos en este texto, la Bibliografía Negra.

PERSONAS BIBLIÓFILAS Y BIBLIOGRAFAS NEGRAS DE LOS SIGLOS XIX Y XX Y SUS CONTRIBUCIONES A LA COMUNIDAD NEGRA

En esta sección retomamos el enfoque en la construcción de un legado ancestral negro elaborado por personas bibliófilas y bibliógrafas negras. Durante el período segregacionista en los Estados Unidos de América (EE.UU.), foco delimitado por esta investigación, encontramos personas bibliófilas negras, bibliógrafas y coleccionistas que colaboraron en la recopilación, organización y producción de bibliografías que contribuyeron al conocimiento de la historia y experiencia negra y afrodiaspórica en los EE.UU. y en todo el mundo.

En este escenario, la formación de bibliotecas –con paredes y sin paredes¹¹– sobre la población negra fue iniciada por actores claves, entre los cuales, destacamos a continuación, en orden cronológico, una breve explicación del aporte de cada uno de ellos.

a) 1830 – David Ruggles (1810-1849) fue un abolicionista radical negro, periodista, panfletista e impresor, considerado el primer coleccionista de libros sobre la comunidad negra y afrodiaspórica. El abolicionismo radical de Ruggles abarcó diferentes corrientes de activismo, como la religión evangélica, la templanza, la educación, la migración negra a Canadá, la oposición a la American Colonization Society, la legislación contra la esclavitud y la defensa de la mejora de los derechos civiles de los negros con una defensa más conflictiva de los esclavos fugitivos. en oposición a los traficantes de esclavos (Hodges, 2010). En su activismo contra la esclavitud, escribió cientos de cartas a periódicos abolicionistas, publicó cinco panfletos propios y editó la primera revista afroamericana, la *Mirror of Freedom*. Fue Ruggles quien fue el primer estadounidense negro en tener su propia imprenta y publicar su propio panfleto en 1834, un logro que ilumina la autonomía que los negros encontraron en el mundo de la imprenta.

En el año 1830 creó la primera librería y biblioteca itinerante para poner a disposición libros y publicaciones sobre y de la población negra, antiesclavitud y anticolonización de los lectores de la comunidad negra de New York. Para que siguiera creciendo, cobraba una tarifa de veinticinco centavos al mes por el alquiler de sus libros. También realizó trabajos de impresión, imprimiendo cartas, enmarcando cuadros, escribiendo cartas y encuadernando libros. Unos años más tarde, Ruggles proporcionó una sala de lectura para personas negras y no blancas que estaban excluidas debido a su color de instituciones literarias, conferencias y salas de lectura destinadas principalmente a personas blancas. Ruggles estaba convencido de que tal habitación satisfacía las necesidades de la población negra y para la adquisición de lo que llamó la virtud moral adquirida por la observación, la lectura y la reflexión. Ruggles también esperaba que la sala se convirtiera en una "atracción literaria para jóvenes" sedientos de información y conocimiento, por lo que consideró como servicios más importantes de la sala el acceso a los principales diarios, folletos y otros diarios antiesclavistas dentro de alcance del público negro (Porter, 1943, 1969b; Hodges, 2010).

b) 1871 – Daniel Alexander Payne Murray (1852-1925) fue bibliógrafo, historiador y bibliotecario¹² de la Library of Congress entre 1871 y 1923, y uno de los primeros afroamericanos en ser contratado como miembro del personal de la biblioteca. En 1900, se publicó la *Preliminary List of Books and Pamphlets by Negro Authors for Paris Exposition and Library of Congress* escrita por Daniel Murray, considerada la primera bibliografía de literatura afroamericana por la Library of Congress. La compilación de Murray constaba de una lista de títulos, incluidas obras de Frederick Douglass, WEB Du Bois, Paul L. Dunbar, Sojourner Truth, Booker T. Washington, Phyllis Wheatley y muchos otros, que cubrían temas que iban desde la historia africana hasta la población africana, historia de los negros en EE.UU., narraciones de esclavos, sermones, historia de la iglesia negra y poesía.

Además de escribir sobre la historia, vida y logros literarios de la población negra estadounidense, Murray actuó políticamente –junto a líderes como W. E. B. Du Bois– contra las teorías eugenésicas propagadas en la época, que defendían la supuesta inferioridad racial negra y afirmaban que las personas negras no habían hecho aportes a la ciencia. Pensando en confrontar esta perspectiva y colaborar con el conocimiento producido por los negros, Murray se centró en la elaboración de su principal contribución: *Murray's Historical and Biographical Encyclopedia of the Colored Race Through the World* (Murray, 1912), con 153 páginas, que contiene 250 retratos biográficos, además de folletos, sinopsis de novelas y composiciones musicales. A pesar de todos sus esfuerzos, no consiguió apoyo financiero ni editorial para publicar su enciclopedia de varios volúmenes, y aún hoy pocas personas conocen su logro como bibliógrafo de una de las principales bibliografías de la historia afroamericana negra (Cole, 2021; Harris Jr, 1976; Walker, 2005).

c) 1900 – Monroe Nathan Work (1866-1945) fue un bibliógrafo y sociólogo negro que trabajó produciendo artículos sobre la vida y la experiencia de los negros en América del Norte, así como sobre las instituciones y costumbres africanas. Descendiente de esclavos, produjo sobre el problema racial y sus consecuencias. Su primera publicación fue *The Negro and Crime in Chicago*, fruto de su último trabajo en la Universidad de Chicago, publicado en 1900 en *The American Journal of Sociology*¹³. Otra publicación destacada es *The Negro Year Book*, que contenía una compilación de información económica, social e histórica sobre la población negra en América del Norte. Como editor, Work publicó la primera edición de este trabajo de forma gratuita en 1912, por la Tuskegee University. Tras el interés de la población, las ediciones posteriores comenzaron a venderse a 25 céntimos.

El propósito de esta bibliografía fue satisfacer la demanda de todas partes de los EE. UU. y el mundo de información precisa y concisa sobre la historia y el progreso de la población afroamericana y la diáspora africana. Dentro del *Negro Year Book* hay una sección titulada *A select bibliography of the negro*, que contiene 408 referencias clasificadas. Además de folletos, contiene una lista de artículos y publicaciones de diversa índole, clasificados y organizados sistemáticamente para facilitar la consulta y satisfacer las necesidades de las personas interesadas. Durante sus más de 40 años de publicación, el *Negro Year Book* sólo no se publicó en 1920/21, 1923/24, 1927/28, 1929/30, 1933-36, 1939-46 y 1948-51. Además de esta bibliografía, el trabajo de Work produjo la *Bibliography of the Negro in Africa and America* publicada en 1928 con más de 17.000 entradas, que incluían varios artículos raros. Su propósito era proporcionar una guía precisa y completa de los títulos y autores de los libros, folletos y artículos de revistas más valiosos sobre la comunidad negra en África y América. Este trabajo se inició sin pretensiones en 1905, cuando Work se interesó por el estudio de África y, para ayudar en la sistematización de la información recopilada, comenzó a realizar una bibliografía de las referencias. Se dio cuenta de que la Library of Congress tenía tarjetas sobre África que se podían comprar, y después del éxito del *Negro Year Book*, hubo una creciente demanda de más material bibliográfico para el estudio de la historia y experiencia negra y afrodiaspórica por parte de personas interesadas en estos asignaturas. En 1921, la Carnegie Corporation de New York otorgó una beca de investigación al Departamento de Registros e Investigación del Tuskegee Institute, del que Work era director. Esta beca le permitió comenzar a compilar una bibliografía sobre la población negra de manera más amplia.

De este trabajo nació la primera edición de la bibliografía *Bibliography of the Negro in Africa and America*, compuesta inicialmente por más de 3.000 referencias relacionadas con la población negrayafrodiaspóricaenEE.UU. Posteriormente, a partir de la alianza entre el Phelps-Stokes Fund e do Tuskegee Institute, Work tuvo la oportunidad de viajar a Europa para consultar a autoridades sobre lenguas y culturas africanas y recopilar referencias para la bibliografía. Agregó más de 40.000 títulos de publicaciones en diferentes idiomas editadas antes de 1928. En resumen, su constitución contiene clasificación temática que cubren todas las fases de la vida y la historia de los negros, con temas tan importantes y diversos como: Civilizaciones Africanas, Misiones Cristianas en África, el estatus de los Esclavizados en los EE. UU., el Ku-Klux-Klan moderno, Sociedades Negras Secretas en los EE. UU., Mujeres Negras en USA, Condiciones Actuales del Negro en Sudamerica. Además, contiene una serie de entradas de mapas, atlas y manuscritos relacionados con la historia temprana de África (Carter, 2010; Guzman, 1949; Work, 1900, 1919, 1928, 1929).

d) 1925 – Arthur Alfonso Schomburg (1874-1938) fue un bibliófilo negro, curador e historiador autodidacta, formó una de las colecciones más notables de materiales informativos relacionados con la historia, la cultura, las experiencias afroamericanas, la diáspora africana y África: el Schomburg Center for Research in Black Culture, que ahora forma parte de la Biblioteca Pública de New York y se convirtió en Monumento Histórico Nacional de EE.UU. en 2017. Cuando fue creado por Schomburg en 1925 fue llamado de Division of Negro Literature, History and Prints, localizada na 135th Street Branch Library, y tenía la intención de llenar los vacíos y satisfacer las necesidades de información de la comunidad. El Centro se desarrolló en torno a su biblioteca personal, que en 1926 fue comprada por Carnegie Corporation y donada a la Biblioteca Pública de New York (New York Public Library, 2021; Porter, 1969a; Sinette, 2000).

e) 1945 – Dorothy Burnet Porter Wesley (1905-1995) fue una coleccionista bibliógrafa y bibliotecaria negra de la Howard University desde 1928 con una reconocida contribución a la construcción del Moorland-Spingarn Research Center. Debido a su trabajo que abarca más de 40 años, Dorothy Porter Wesley ha producido una de las colecciones negras más completas de historia y recuerdos negros, africanos y afrodiaspóricos. En cuanto a las bibliografías, Dorothy Porter Wesley preparó *The Negro in the United States: a selected bibliography* que contiene 1.781 referencias producidas por negros y distribuidas en 40 temas, en orden alfabético. Según Wesley, hubo un creciente interés por la historia y la cultura negra, manifestado por la inserción de estas en cursos, disciplinas, facultades y planes de estudios universitarios, lo que generó una demanda de listas de libros que pudieran utilizarse para apoyar tales estudios. Por lo tanto, *The Negro* fue una bibliografía diseñada para satisfacer las necesidades actuales de los estudiantes, profesores, bibliotecarios, investigadores y el público en general de orientación introductoria a los estudios de la diáspora negra y africana en los EE.UU. Como bibliografía selectiva y no exhaustiva, contiene entre los temas abordados el negro urbano, las relaciones étnico-raciales, las prácticas discriminatorias en todos los ámbitos y los esfuerzos por obtener la libertad política y económica, así como la educación y la historia cultural negra, la vida religiosa, las condiciones sociales en que vivía la población negra y su pasado histórico. Además, se incluyen obras que representan la vida de personas negras prominentes – abolicionistas, mujeres esclavizadas fugitivas, educadoras, líderes de derechos civiles, científicas, periodistas, líderes religiosas, artistas, atletas y figuras literarias. También elaboró *Early American Negro Writings: A Bibliographical Study* (Porter, 1945) y *Afro-braziliana: a working bibliography* (Porter, 1978), todos compilados buscando resaltar las experiencias, vidas y obras de los negros en los Estados Unidos y de la diáspora africana (Porter, 1938, 1945, 1970, 1978; Silva *et al.*, 2021b, 2021c).

La formación de bibliotecas y la elaboración de bibliografías atraviesan el compromiso de estos actores en la constitución de la bibliografía negra. Destacamos así su desempeño, a partir de la formación científica y estudios históricos y sociológicos, como acciones de rescate y justicia social para la historia, cultura y vivencia de la población negra en Estados Unidos y el mundo.

CONSIDERACIONES FINALES

Las bibliografías, como herramientas de apoyo para la construcción de colecciones, enumeran (idealmente) todo lo que desea identificar sobre un tema determinado. Sin embargo, siguen siendo rehenes de lo que la cultura escrita ha permitido que permanezca en la memoria. Así, la producción bibliográfica de temas que no interesan al statu quo, casi en su totalidad, es susceptible de silenciar y borrar las narrativas de los grupos marginados.

Este rescate de los actores y contextos que contribuyeron a la construcción de la Bibliografía Negra en el contexto estadounidense también tuvo como objetivo resaltar la formación y disponibilidad de acceso a textos de experiencia, historia y cultura negras. De lo anterior, se desprende que la Bibliografía Negra tuvo etapas de desarrollo complementarias e inseparables: una enfocada a la producción de repertorios bibliográficos, y otra dedicada a la formación de colecciones, incluyendo, entre ellas, las colecciones bibliográficas especiales y los documentos raros. Estas dos fases involucran la Bibliografía, la Bibliofilia y la Biblioteconomía en la constitución de la memoria escrita de la población negra y en las posibilidades de construcción de identidades bibliográficas de las culturas negras y experiencias a partir de la cultura escrita.

La importancia de los estudios y de la producción de bibliografías negras en Brasil es todavía un vacío, está en construcción, con muchos desafíos por superar y con la posibilidad de construir nuevas narrativas

sobre el pasado de la cultura negra afrobrasileña. El presente estudio es también una iniciativa de rescate de las historias de las Colecciones Negras Especiales americanas para pensar, sobre todo, qué son las Colecciones Negras Especiales en Brasil, como posibilidad de rescate de la cultura negra brasileña.

REFERENCIAS

- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliografias setecentistas e os conceitos de livro raro. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 22, p. 168-184, jul. 2017. Edição especial. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/3239>. Acceso en: 26 ago. 2022.
- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliotecas, bibliofilia e bibliografia: alguns apontamentos. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 7, p. 183-201, 2016. Edição especial. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v7iespp183-201>. Acceso en: 26 ago. 2022.
- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliofilia e livros raros: uma abordagem histórico-cultural. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018. Londrina. Anais [...] Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2018. p. 6172-6191.
- BAUDRILLARD, Jean. La morale des objets. *Communications*, Paris, v. 13, n. 1, 1969, p. 23-50. Disponible en: https://monoskop.org/images/7/70/Moles_Baudrillard_Boudon_van_Lier_Wahl_Morin_Les_objets.pdf. Acceso en: 26 ago. 2022.
- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BLACKMORE, Erin. As leis Jim Crow criaram 'escravatura com outro nome'. *National Geographic*, [s. l.: s. n.], 2020.
- BLEDSON, Kara. What Dorothy Porter's life meant for black studies. *JSTOR Daily*, New York, Aug. 22, 2018. Disponible en: <https://daily.jstor.org/what-dorothy-porters-life-meant-for-black-studies/>. Acceso en: 26 ago. 2022.
- BERGER, Sidney E. *Rare books and special collections*. Chicago: American Library Association, 2014. 537 p.
- BROWNLEE, Joanne; SCHOLLES, Laura; FARRELL, Ann; DAVIS, Julie; COOK, Donna. Learning to lead: a social justice perspective on understanding elementary teacher leadership in Papua New Guinea. *Australian Journal of Teacher Education*, Perth, v. 37, n. 4, p. 18-35, Apr. 2012.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. v. 1.

- CAVE, Roderick. *Rare book librarianship*. London: Clive Bingley, 1976. 168 p.
- CARTER, Vivian L. Unsung Hero: Monroe Nathan Work (Theologian, social scientist, and crusader for social justice and civil rights). *Journal of Health Care for the Poor and Underserved*, Washington, v. 21, n. 3, p. 3-5, Aug. 2010.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2. ed. Brasília, DF: Editora UnB, 1998. 111 p.
- COLE, John. Daniel Murray: A collector's legacy. In: *Library of Congress: collection african american perspectives: materials selected from the rare book collection*. Washington, DC: Library of Congress, 2021.
- CRESSWELL, Stephen. The last days of Jim Crow in southern libraries. *Libraries & Culture*, Austin, v. 31, n. 3/4, p. 557-573, 1996.
- CUTTER, Jamie Irene. *Getting by at the Benjamin Mays Black Branch: library access for african americans in Jim Crow South Carolina, 1940-1971*. Master's Theses (Master of Library and Information Science) – San José State University, San José, 2011.
- FEATHER, J. The rare-book librarian and bibliographical scholarship. *Journal of librarianship*, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 30-44, Jan. 1982. DOI: <https://doi.org/10.1177/096100068201400103>. Acceso en: 10 jan. 2022.
- FRASER, Nancy. *Scales of Justice: reimagining political space in a globalizing world*. Cambridge: Polity Press, 2008.
- GALBRAITH, Steven K.; SMITH, Geoffrey D. *Rare book librarianship: an introduction and guide*. Santa Barbara: Libraries Unlimited, 2012. 185 p.
- GUZMAN, Jessie P. Monroe Nathan work and his contributions: background and preparation for life's career. *The Journal of Negro History*, Chicago, v. 34, n. 4, p. 428-461, Oct. 1949.
- HARRIS JR, Robert L. Daniel Murray and The Encyclopedia of the Colored Race. *Phylon*, Atlanta, v. 37, n. 3, p. 270-282, July/Sempr. 1976. DOI: <https://doi.org/10.2307/274456>. Acceso en: 10 jan. 2022.
- HODGES, Graham Russell Gao. *David Ruggles: a radical black abolitionist and the underground railroad in New York City*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2010.
- JONES, Clara Stanton. Interview. Detroit's Top Librarian. *EBONY*, Detroit, v. 27, n. 1, p. 115-118, Nov. 1971.
- KILOMBA, Grada. Prefácio. In: FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu, 2020.
- MATHIESEN, Kay. Human Rights without Cultural Imperialism. In: JAEGER, Paul (ed.). *Perspectives on Libraries as Institutions of Human Rights and Social Justice*. West Yorkshire: Emerald Publishing, Feb. 2016. p. 265-286.
- MEHRA, Bharat. Social justice in library and information science and services. *Library Trends*, Illinois, v. 64, n. 2, p. 179-197, 2015.
- MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 13, n. 24, p. 252-273, jan./jul. 2021.
- MURRAY, Daniel P. (ed.). *Murray's Historical and Biographical Encyclopedia of the Colored Race Throughout the World*. Chicago, Washington: World's Cyclopedia Company, 1912.
- NEW YORK PUBLIC LIBRARY. *Schomburg Center for Research in Black Culture*. New York: The New York Public Library, 2021.
- PATIN, Beth; SEBASTIAN, Melinda; YEON, Jieun; BERTOLINI, Danielle. Toward epistemic justice: an approach for conceptualizing epistemicide in the information professions. *ASIS&T: Proceedings of the Association for Information Science and Technology*, Leesburg, v.57, n. 1, e242, Oct. 2020. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/pra2.242>.
- PEDRAZA GARCIA, Manuel José; CLEMENTE SAN ROMÁN, Yolanda; REYES GÓMEZ, Fermín de los. *El libro antiguo*. Madrid: Síntesis, 2003. 478 p.
- PINHEIRO, Ana Virginia Teixeira da Paz. *Que é livro raro? Uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica*. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1989.
- POOLE, Alex H. "Could my dark hands break through the dark shadow?": gender, Jim Crow, and librarianship during the Long Freedom Struggle, 1935-1955. *The Library Quarterly: Information, Community, Policy*, Chicago, v. 88, n. 4, p. 348-374, Oct. 2018.
- PORTER, Dorothy B. *Afro-Braziliana: a working bibliography*. Boston: G. K. Hall, 1978.
- PORTER, Dorothy B. A library on the Negro. *The American Scholar*, Cambridge, v. 7, n. 1, p. 115-117, 1938.
- PORTER, Dorothy B. David Ruggles, an Apostle of Human Rights. *The Journal of Negro History*, Chicago, v. 28, n. 1, p. 23-50, Jan., 1943.
- PORTER, Dorothy B. Documentation on the Afro-American: familiar and less familiar sources. *African Studies Review*, New York, v. 12, n. 3, p. 293-303, Dec. 1969a.
- PORTER, Dorothy B. Early American Negro Writings: a bibliographical study. *The Papers of the Bibliographical Society of America*, Chicago, v. 39, n. 3, p. 192-268, July/Sept. 1945.
- PORTER, Dorothy B. *The Negro in the United States*. Washington, DC: Library of Congress, 1970.
- PORTER, Dorothy B. *The African Collection at Howard University*. African Studies Bulletin, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 17-21, 1969b.
- RABAKA, Reiland. *Against Epistemic Apartheid*: W. E. B. Du Bois and the disciplinary decadence of sociology. Lanham: Lexington Book, 2010.

RODRIGUES, Márcia Carvalho. O que é livro raro? *ComCiência*: revista eletrônica de jornalismo científico, Campinas, n. 127, abr. 2011.

SANT'ANA, Rizio Bruno. Como definir obras raras: critérios na biblioteca Mário de Andrade. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, n. 54, p. 231-252, jan./dez. 1996.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; SILVA, Rubens Alves da. Da ausência à evidência: notas teórico-críticas sobre o princípio da ausência, epistemicídio e reparação epistêmica em bibliotecas e biblioteconomia. *INCID: Revista de Documentação e Ciência da Informação*, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 47-72, jul. 2022.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SILVA, Rubens Alves da. Conhecimento das margens: da injustiça epistêmica à valorização do conhecimento negro em biblioteconomia e ciência da informação. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1-19, 2022.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; ROMEIRO, Nathália Lima; FEVRIER, Priscila Rufino; ALVES, Ana Paula Meneses. Justiça para quem? justiça social, informacional, racial e de gênero em bibliotecas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: IBICT/UFRJ/ANCIB, 2021a. p. 1-16.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; ARAÚJO, Diná M. Pereira; VIEIRA, Gabriel M. A. Contribuição de pessoas bibliófilas e bibliógrafas negras dos séculos XIX e XX para construção de uma bibliografia negra. In: A ARTE DA BIBLIOGRAFIA: BIBLIOGRAFIA E JUSTIÇA SOCIAL, 8., 2021, São Carlos. *Anais [...]*. São Carlos: UFSCar, 2021b. p. 1-8.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SALES, Rodrigo de; SALDANHA, Gustavo Silva. Dorothy Porter Wesley e a organização do conhecimento negro na coleção especial Moorland-Spingarn Research Center. *Liinc em revista*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 1-23, nov. 2021c.

SINETTE, Elinor Des Verney. *Arthur Alfonso Schomburg: black bibliophile & collector*. Detroit: Wayne State University Press, 2000. 276 p.

SMITH, Jessie Carney. Special collections of black literature in the traditionally black college. *College & Research Libraries*, Chicago, v. 35, n. 5, p. 322-335, Sept. 1974.

SORDET, Yann. Bibliophilie. In: FOUCHÉ, Pascal; PÉCHOIN, Pascal; SHUWER, Philippe. (dir.). *Dictionnaire encyclopédique du livre*. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 2002. p. 281-286.

TRAISTER, Daniel. Rare book. In: *Encyclopedia of Information and Library Science*. Abingdon: Routledge, 2003. 538 p.

VIARDOT, Jean. Le livre rare: collectionneurs et marchands spécialisés de Naudé à Nodier. *Bulletin du bibliophile*, n. 2, 1983, p. 157-173.

VIARDOT, Jean. Livres rares et pratiques bibliophiliques. In: CHARTIER, R.; MARTIN, Henri-Jean. (dir.). *Histoire de l'édition française: le livre triomphant 1660-1830*. Paris: Promodis, 1986. p. 583-614. v. 2.

VIARDOT, Jean. Un épisode du collectionnisme fait de livre au XVIII^e siècle: le Musaeum Typographicum ou le goût des raretés superlatives. *Littératures classiques*, v. 2, n. 66, p. 161-178, 2008.

WIEGAND, Wayne A. "Any Ideas?": The American Library Association and the desegregation of public libraries in the American South. *Libraries: culture, history, and society*, Pennsylvania, v. 1, n. 1, p. 1-22, Mar. 2017.

WIEGAND, Wayne A.; WIEGAND, Shirley A. *The desegregation of public libraries in the Jim Crow South: civil rights and local activism*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2018.

WALKER, Billie E. Daniel Alexander Payne Murray (1852-1925): forgotten librarian, bibliographer, and historian. *Libraries & Culture, Austin*, v. 40, n. 1, p. 25-37, 2005.

WORK, Monroe N. Crime among the negroes of Chicago: a social study. *American Journal of Sociology*, Chicago, v. 6, n. 2, p. 204-223, Sept. 1900.

WORK, Monroe N. (ed.). *The Negro Year Book*. Alabama: Tuskegee Institute: the negro year book publishing company, 1919.

WORK, Monroe N. (ed.). *A Bibliography of the Negro in Africa and America*. New York: The H. W. Wilson Company, 1928.

WORK, Monroe N. A Bibliography of the Negro in Africa and America: review by Monroe N. Work and Monroe N. Work. *Africa: Journal of the International African Institute*, Cambridge, v. 2, n. 1, p. 81-83, Jan. 1929.

NOTAS FINALES

- 1 La discusión de la rareza no es el foco de este artículo, sobre la rareza, ver: Viardot (1983, 1986, 2008). Sobre la teoría de la rareza, los elementos condicionantes de la rareza y los elementos cualitativos de la rareza, ver: Araújo, Silveira y Reis (2018).
- 2 Sir Thomas Bodley (1545-1613) “doou sua coleção de livros à Universidade de Oxford.” (Burke, 2003, p. 66).
- 3 Traducción: “donó su colección de libros a la Universidad de Oxford” (Burke, 2003, p. 66, traducción editorial).
Original: “[...] regarded as the Library’s choicest books: illuminated manuscripts, incunabula, fine printing, large paper copies, editions principes of the classics, Aldines, Elzeviers, and fine bindings [...] In attempting to reproduce, on a grand scale, the current bibliophilic fashions, Bandinel had unintentionally created the idea of rare-book librarianship as it is now understood: the special housing and treatment of arbitrarily predetermined categories of books” (Feather, 1982, p. 32).
- 4 Rare Book Librarianship and Special Collections.
- 5 Las discusiones sobre rareza en la Biblioteconomía brasileña se pueden consultar en Araújo y Reis (2016, 2017).
- 6 En otra ocasión, profundizaremos en el debate sobre tales adjetivos y sus cruces y tachaduras en relación a las colecciones negras especiales.
- 7 Sobre libro raro ver: Pinheiro (1989), Rodrigues (2011) y Sant’ana (1996).
- 8 Sobre un libro antiguo, véase: Pedraza García, Clemente San Román y Reyes Gómez (2003).
- 9 Traducción: “por su constitución temática, finalidad, características materiales y significados patrimoniales para la institución que las conserva” (Araújo; Reis, 2016, p. 184, traducción editorial).
- 10 Traducción: “contienen una gran cantidad de conocimientos que respaldan, mejoran e inspiran no solo los estudios negros, sino potencialmente también cualquier investigación relacionada con las personas de la diáspora africana” (Bledsoe, 2018, online, traducción editorial).
- 11 Bibliotecas con paredes, las físicas (el espacio físico); y bibliotecas sin paredes: las bibliografías, la constitución ideal de los textos sobre un tema determinado (Chartier, 1998)..
- 12 Murray no recibió una educación formal en una escuela de bibliotecas para trabajar como bibliotecario. Recibió este título porque fue asesorado por el bibliotecario de la Library of Congress, Rand Spofford, quien nombró a Murray su bibliotecario asistente. Así, lo capacitó y animó a aprender las prácticas de los bibliotecarios de la Institución (Cole, 2021).
- 13 Publicado bajo el título: Crimen entre los negros de Chicago: un estudio social.

Bibliografía salvaje: un estudio sobre la biblioteca de Ailton Krenak y su catálogo colaborativo

Nathália Lima Romeiro

Estudiante de doctorado en Ciencias de la Información en el Programa de Posgrado en Ciencias de la Información en (UFMG). Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/8114379946904948>

Correo electrónico: ntromeiro91@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6274-4836>

Bruno Almeida dos Santos

Estudiante de doctorado en Ciencias de la Información en la Universidade Federal da Bahia. bibliotecario del Museu das Favelas, São Paulo, São Paulo, Brasil.

Correo electrónico: bruno.bas18@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5026835394804711>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8735-3321>

Fecha de envío :31/08/2022. Fecha de aprobación: 01/03/2023. Fecha de publicación: 22/09/2023.

RESUMEN:

Objetivo: Presentar el catálogo virtual audiovisual de la Biblioteca de Ailton Krenak, que se constituye a partir de la contribución voluntaria y colaborativa de miembros para compartir conocimientos y filosofías indígenas popularizadas en los discursos de Ailton Krenak, importante líder indígena, ambientalista, filósofo, pensador y escritor brasileño. **Método:** La investigación es de naturaleza cualitativa, exploratoria y descriptiva, en la que se realizó un mapeo de la Biblioteca de Ailton Krenak y su Catálogo Colaborativo en agosto de 2021, actualizado en febrero de 2023. **Resultado:** La Biblioteca de Ailton posee un catálogo colaborativo con cerca de 331 fuentes de información, siendo la mayoría material audiovisual, libros, artículos y materiales producidos por Ailton Krenak o con su participación. **Conclusiones:** El estudio destaca la importancia de la Biblioteca Ailton Krenak y de su catálogo colaborativo como una importante fuente de información y educación que contribuye a la emancipación de los sujetos a través de la descolonización del conocimiento, así como posibilita la promoción de la justicia social a través de la difusión de la cultura indígena brasileña.

Palabras clave: biblioteca de Ailton Krenak; catálogo colaborativo; descolonización del conocimiento; pueblos tradicionales brasileños; conocimiento indígena.

INTRODUCCIÓN

La oralidad como expresión comunicativa ocupa un lugar central en el tiempo y en el espacio marcando diversas sociedades que centraron su conocimiento y el desarrollo de sus experiencias en el habla. Fue a través de la tradición de la oralidad que la cultura y la memoria social ancestral de muchos pueblos no se extinguieron, como los saberes indígenas brasileños, por ejemplo, que tienen como una de sus fuentes de información a los sujetos participantes de su comunidad, responsables de transmitir la sabiduría de su pueblo de generación en generación (Barbosa; Mezacasa; Fagundes, 2018; Thompson, 1992).

El desarrollo de las tecnologías de la información y la comunicación ha facilitado el registro de la oralidad para preservar y compartir el conocimiento. Así, el material audiovisual permite registrar, preservar y compartir los saberes oralizados, posibilitando la salvaguarda de estos conocimientos y minimizando la pérdida semiótica de la expresión cultural y filosófica autóctona de estos documentos.

Con base en esto, este estudio tiene como objetivo presentar la Biblioteca Ailton Krenak, una biblioteca virtual, y la exposición del Catálogo Colaborativo Audiovisual con contribución voluntaria para compartir conocimientos y filosofías indígenas popularizadas en los discursos de Ailton Krenak, un importante líder indígena, ambientalista, filósofo, pensador y escritor brasileño. Además, se describirán las actividades de la comunidad salvaje, el grupo que idealizó el proyecto.

Creemos que los estudios sobre las fuentes de información, como la Biblioteca de Ailton Krenak y su Catálogo Colaborativo, contribuyen significativamente a la reparación de la deuda histórica que el Estado brasileño tiene con sus pueblos originarios y ofrecen una perspectiva decolonial de la comunicación de los conocimientos indígenas, que por lo tanto puede ser entendida como una estrategia para la promoción de la justicia social.

Esta investigación es de naturaleza cualitativa, exploratoria y descriptiva, en la que realizamos un análisis de contenido de la Biblioteca Ailton Krenak, su Catálogo Colaborativo como soporte interpretativo de los datos. Además, el estudio destaca la importancia de esta biblioteca como espacio de información, promoción de la justicia social y preservación de la oralidad de Ailton Krenak en las más diversas participaciones en programas, eventos, libros, textos, entrevistas, conferencias, entre otras formas de comunicación.

METODOLOGÍA DE LA INVESTIGACIÓN

El estudio presenta enfoque cualitativo, porque se ocupa de aspectos de la realidad que no pueden ser cuantificados “[...] centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais [...] a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes [...]” (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 32)¹.

Para explicar y proporcionar una mayor comprensión de un hecho determinado y describir las características de ciertas poblaciones o fenómenos, la investigación se caracteriza por ser exploratoria y descriptiva.

El mapeo de los materiales se realizó en agosto de 2021 y se actualizó en febrero de 2023. Se describieron y analizaron las siguientes categorías: Título, fecha del material, temas principales, hashtags, ¿qué nació de este documento? ¿dónde ocurrió? ¿qué recursos de accesibilidad están disponibles en este material? ¿Quién organizó el discurso o la publicación del material? ¿Quién registró este material? Tipo de material y enlace de acceso; creado por los creadores y otros miembros del proyecto.

COLONIALIDAD, DEPENDENCIA EPISTÉMICA Y JUSTICIA SOCIAL ACERCA DEL CONOCIMIENTO INDÍGENA BRASILEÑO

Es necesario, antes de profundizar en los conceptos que serán discutidos en esta sección, reajustar la narrativa histórica en dos aspectos: el primero es que la ciencia no es justa en sí misma y para discutirla con vistas a promover la justicia social es necesario comprender las relaciones de poder involucradas en el proceso de producción y difusión, cualquiera que sea el tiempo y el espacio en que la investigación haya sido producida (Lorde, 2019; Mathiesen, 2015). El segundo aspecto es que la orientación del mundo que nos presenta la modernidad necesita ser renombrada a partir de la comprensión de que la colonización fue una estrategia perversa para la invención y apropiación del “nuevo” mundo occidental.

La marcación destacada del 22 de abril en el calendario brasileño no hace referencia al descubrimiento, sino a la colonización de pueblos que vivieron un largo proceso de explotación del territorio y de los recursos naturales.

Fue a partir del primer intento de globalización que las grandes navegaciones y expansiones marítimas marcaron la ruptura con la Edad Media e iniciaron lo que se ha llamado modernidad, es decir, el período en que la colonización se expandió por América (Abya Yala), África (Alkebulan) y Asia, ordenada por las sociedades europeas en crisis con el “nuevo” y naciente sistema económico capitalista.

Según Walter Mignolo (2017), la Modernidad

Apareceu primeiro como uma colonização dupla, do tempo e do espaço. Estou também argumentando que a colonização do espaço e do tempo são os dois pilares da civilização ocidental. A colonização do tempo foi criada pela invenção renascentista da Idade Média, e a colonização do espaço foi criada pela colonização e conquista do Novo Mundo. No entanto, a modernidade veio junto com a colonialidade: a América não era uma entidade existente para ser descoberta. Foi inventada, mapeada, apropriada e explorada sob a bandeira da missão cristã (Mignolo, 2017, p. 4)².

El autor agrega que a partir de la expansión marítima en el siglo XV, con pretensión de explorar el Nuevo Mundo (nombre dado a las tierras occidentales que actualmente comprende el continente americano), comenzó a desarrollarse una nueva orientación económica global: “[...] um mundo policêntrico e interconectado pelo mesmo tipo de economia [...]” (Mignolo, 2017, p. 4)³, capitalista. Aunque al principio no había una idea total de lo que se podía hacer en el territorio invadido, no había ninguna pretensión de ser algo que beneficiara a los pueblos originarios que vivían aquí.

En Brasil, la invasión se llevó a cabo bajo tal violencia que aún hoy es posible percibir el legado de la explotación colonial en la educación básica, como en la difusión de la falsa idea difundida en los libros de texto de que Brasil fue descubierto y no invadido (Isaac; Rodrigues, 2017). Bittar y Ferreira Júnior (2018, p. 16) complementan explicando que “colonização e catequese são dois processos históricos que não se separam e foi nesse processo que as

primeiras práticas escolares nasceram no Brasil [...]”⁴. Además, la catequización y aculturación de los pueblos nativos se agenció a través de la reproducción de la tradición literaria, leyes, moral y costumbres de Portugal, en detrimento de la cultura local, impactando en la cultura epistémica, en la educación superior y en la formación de la comunidad intelectual brasileña.

Para presentar una contra narrativa a la hegemonía eurocéntrica, Aníbal Quijano (2009) propone una reinterpretación de las sociedades fundando una teoría social capaz de explicar los procesos de violencia vividos en la constitución territorial de las Américas, denominada colonialidad del ser, del saber y del poder. Para el autor, la colonialidad

[...] é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjectivos, da existência social quotidiana e da escala societal. Origina-se e mundializa-se a partir da América (Quijano, 2009, p. 73)⁵.

La colonialidad se fue implementando a través de estrategias que se desarrollaron en las que se fortalecieron pactos civilizatorios disfrazados de progreso económico, como la catequización, la escolarización, el fomento del matrimonio, la monogamia y la herencia.

Quijano (2009) sostiene que desde el inicio de la colonización de América hubo resistencia contra la forma eurocentrista de producir conocimiento. Sin embargo, en el ámbito académico, esta resistencia comenzó a ser más visible sólo después de la Segunda Guerra Mundial, posiblemente debido a la fragilidad económica y social de los países involucrados en la guerra.

Quijano presenta que la colonialidad operada en el campo del conocimiento se establece en la priorización del conocimiento producido por personas pertenecientes a un grupo específico - mayoritariamente blanco. Un grupo que por medios perversos privilegia y sedimenta teorías con la intención de explicar el mundo desde un único punto de vista.

Creando, de esta forma, dinámicas de dependencia para reforzar el privilegio europeo en la esfera intelectual (Silva, 2020). Esta relación de dependencia se puede ejemplificar si comparamos el conocimiento producido por investigadores europeos en los currículos universitarios de diferentes áreas del saber con el conocimiento producido por sujetos no blancos que han sobrevivido a los efectos de la colonización. Complementando esta idea, Franciéle Carneiro Garcês da Silva, doctora en Ciencias de la Información, refuerza que la colonialidad

[...] [a]ncora-se no conceito de raça utilizado como justificativa pelo sistema religioso, científico e capitalista [...] para produzir a hierarquização e classificação de pessoas em grupos étnico-raciais e sociais, algo que embora não se sustente cientificamente, ainda perdura até hoje no imaginário social (Silva, 2020, p. 123)⁶.

Al denunciar el racismo epistémico en las estructuras de conocimiento, Silva (2020) atribuye a la blancura la responsabilidad por esa dinámica, porque los blancos no renuncian a sus privilegios y así reconfiguran el *status quo*. La autora destaca los efectos de la colonización en el robo de las riquezas naturales y materiales de los territorios colonizados, en el atroz proceso de esclavización de personas indígenas y negras y en el borramiento de las epistemes de los pueblos no blancos, imponiendo una explicación sobre el mundo intencionalmente universalizada e injusta.

Una de las formas de resistencia a la colonialidad que se ha establecido en el ámbito académico ha sido la popularización de los estudios decoloniales, que según Silva (2020, p. 123) “[...] busca dissolver estruturas de dominação e exploração que constituem a colonialidade [...]”⁷ tal como son definidos por Quintero, Figueira y Elizalde (2019) citados por Silva (2020, p. 123) como “[...] um conjunto heterogêneo de contribuições teóricas e investigativas sobre a colonialidade [...]”⁸.

Complementando el pensamiento de Silva (2020), Natalia Duque Cardona (2020) también critica el cartesianismo de la ciencia moderna, reforzando la importancia de la contextualización intercultural en la formación académica.

Con esto, se hace cada vez más palpable la promoción de la justicia epistémica a los saberes desatendidos, como fue el caso de las poblaciones negras e indígenas en la historia brasileña. Por otra parte, Franciéle Carneiro Garcês da Silva (2020) explica cómo la colonialidad del conocimiento opera en la Biblioteconomía reproduciendo lo que la autora nombra como una dependencia epistémica de las perspectivas ‘euro-norteamericanizadas’, perpetuándose bajo los pilares de la blancura, ideal que puede ser entendido como una estructura que mantiene el monopolio del pensamiento blanco en ambientes académicos, sociales, políticos y jurídicos.

Reconocemos que, aunque la teoría de Quijano (2010) haya desarrollado una vasta argumentación sobre la colonialidad en la dimensión de raza en oposición a la de clase, no incluye en el debate los efectos de la colonialidad de género. Consideramos esto una debilidad en el trabajo de la autora ya que las relaciones de género, especialmente a través de la explotación de las mujeres con fines de procreación y el exterminio de las personas disidentes de la heteronormatividad fueron tecnologías utilizadas para colonizar el territorio tal como lo explican María Lugones (2020) y Rita Segato (2021).

Estudiosa y crítica de la obra de Quijano (2000), María Lugones (2020) problematiza la construcción social de los géneros binarios como fijos y productores de significados. Según la autora, la colonización fue fundamentalmente violenta para las mujeres, especialmente en la imposición de la obediencia a quienes detentaban el poder patrilíneo (padre, marido o representante masculino mayor de la familia), en la que se naturalizó la “vocación” a la maternidad. Además, Lugones (2020) explica que, en la coyuntura colonialismo-patriarcado, las mujeres no disputan el control del acceso al sexo. Así, las diferencias entre géneros fueron “[...] pensadas nos mesmos termos em que a sociedade entende a biologia reprodutiva [...]” (Lugones, 2020, p. 69)⁹.

Esta idea es fundamental para entender no sólo la opresión de las mujeres, sino también la violencia contra la población LGBTQIAP+ que, esencialmente, se desentiende del sesgo biológico reproductivo en el sistema colonial moderno.

Rita Segato (2021), lectora de Quijano y Lugones, discute los impactos de la colonialidad en Brasil de forma multidimensional contemplando las categorías: epistémica, género y sexualidad, relaciones étnico-raciales (negros, indígenas y mestizos), en los medios de comunicación, en la moral cristiana y en la prisión. La autora considera la colonialidad como perturbación y patología, además de caracterizar la ‘mirada pornográfica del colonizador’ como algo que contamina las relaciones sociales en los pueblos al insertar en ellas la moral civilizatoria europea.

Al igual que Lugones (2020), Segato (2021) refuerza la crítica a la colonialidad al presentar el feminicidio como una barbarie influenciada por el sistema colonial moderno. Según la autora (Segato, 2021, p. 89), “[...] a crueldade contra as mulheres aumenta à medida que a modernidade e o mercado se expandem [...]”¹⁰ formando acuerdos políticos inspirados en los modelos de los colonizadores y creando, de esta manera, un Estado extremadamente defectuoso en cuanto a la protección de la cultura y de las comunidades indígenas.

En concordancia con el pensamiento de Lugones (2020) y Segato (2021), consideramos que la violencia doméstica es un efecto de la colonialidad. Las autoras señalan que este tipo de violencia se volvió cotidiana a medida que la colonización expandió su ocupación en el territorio de las Américas. En contraste, Segato (2021) reconoce que en el contexto de algunas comunidades indígenas existían dinámicas desproporcionadas en las relaciones de género. Segato (2021) denominó a estas dinámicas patriarcado comunitario de baja intensidad en el que se perciben jerarquías de poder y exclusión.

Sin embargo, este modo de patriarcado no se compara con las dimensiones del patriarcado colonial-moderno de alta intensidad, ya que entiende a este último como proveniente del sistema capitalista y el capitalismo no formaba parte de las relaciones económicas de los pueblos indígenas latinoamericanos (Segato, 2021).

La necesidad de ampliar el debate sobre la cultura y el pensamiento indígenas es innegable. Una de las estrategias para extinguir el prejuicio y preservar el conocimiento de las poblaciones indígenas brasileñas es ofrecer, en una perspectiva reparadora, justicia social a lo que antes fue desatendido. Sabemos que el genocidio al que fueron sometidas las poblaciones indígenas es irreparable; sin embargo, es posible preservar los conocimientos registrados, así como es posible ampliar la red de colaboración y protección de los pueblos indígenas brasileños, que es el objetivo de la Biblioteca de Ailton Krenak, objeto de esta investigación.

En la próxima sección, la bibliografía y los catálogos bibliográficos serán presentados como una herramienta decolonial que preserva el conocimiento registrado, reúne y organiza el conocimiento de Ailton Krenak, uno de los principales líderes indígenas de la actualidad, quien nos inspiró a realizar este trabajo.

BIBLIOGRAFÍA Y CATÁLOGOS BIBLIOGRÁFICOS COMO HERRAMIENTAS DECOLONIALES

Considerada una fuente secundaria de información, la bibliografía citada por primera vez en los estudios de Gabriel Naudé (1633) tiene su historia marcada por una función institucional precisa que se desarrolló en un sistema de difusión cultural marcado por el pensamiento colonial, al que pertenecía “el mundo de los libros”. Para Nogueira (2016), la bibliografía, desde sus inicios, tiene una función instrumental de organización de la información a través de catálogos bibliográficos y documentales.

Según Balsamo (1998), la bibliografía también actúa como intermediaria entre la producción de libros y el público de lectores potenciales, expresándose en múltiples niveles y pudiendo servir tanto al campo de la investigación como al del comercio de libros. Según Malcèlès (1967), una bibliografía o catálogo bibliográfico es un instrumento para el trabajo intelectual, con el propósito de organizar, preservar y promover el acceso a los registros de obras publicadas de diferentes autorías, países y temas.

Para Paul Otlet (2018), la bibliografía se concibe como una herramienta para describir y clasificar diversos documentos como libros, revistas y artículos de revistas, por ejemplo. Para Souza (2016), una bibliografía es una herramienta para registrar fuentes de información de todo un país o de un tema en particular, a diferencia de un catálogo bibliográfico, que se dirige al acervo de una institución. Complementando lo anterior, Mey (1995) afirma que los catálogos bibliográficos surgieron en diferentes momentos históricos de las bibliotecas y son considerados una de las herramientas más antiguas de la historia para describir y organizar la información. Así, nos damos cuenta de que muchas concepciones que abordan ideas y funciones relacionadas con los catálogos bibliotecarios determinan el desarrollo y uso de los catálogos en la actualidad (Bastos, 2013).

En la opinión de Shera y Egan (1969), los catálogos bibliográficos, que comenzaron como simples inventarios, siempre participaron de la evolución de las bibliotecas y estuvieron presentes en su contexto histórico. Figueiredo (1996) también considera que los catálogos tienen una existencia secular. Sin embargo, sólo a partir de 1990 surgió la preocupación de evaluarlos como instrumentos de búsqueda bibliográfica (Romeiro; Santos, 2020).

En cuanto a los catálogos manuales, destacamos que eran utilizados en la mayoría de las bibliotecas en formato de libro y/u hojas sueltas. Su principal función era atender las actividades de organización del acervo “[...] como os boletins de aquisição da biblioteca, o catálogo acumulado em forma de livro e o catálogo de folhas soltas” (Bastos, 2013, p. 40)¹¹.

Para Sousa y Fujita (2012), estos catálogos nacieron con el propósito de almacenar y registrar la información de los documentos existentes en el acervo de una biblioteca, pero, con el aumento de la producción de materiales impresos, el enfoque de estos catálogos pasó a ser la recuperación de la información.

Con el tiempo, los catálogos manuales se automatizaron, pasando del formato manual al *online*, en este último, los usuarios tenían la posibilidad de “[...] ampliar suas buscas através do número de chamadas de classificação, descritores de assuntos adicionados às entradas do catálogo e abreviações de títulos de periódicos, por exemplo” (Bastos, 2013, p. 64)¹². La literatura más especializada denominó a este tipo de catálogo OPAC (*Online Public Access Catalog*), en relación a los catálogos impresos, estos ofrecen ventajas para el acceso a la información, tales como la aceleración en el proceso de búsqueda y recuperación de información, una mayor probabilidad de estandarización de la información, entre otros factores (Araújo; Oliveira, 2005).

Estudiosos como Sousa y Fujita (2012) y Rubi (2008) recuerdan que la automatización de los catálogos de las bibliotecas permitió muchas mejoras como la integración de las funciones bibliotecarias de consulta, préstamo individual, préstamo interbibliotecario, procesamiento técnico, recuperación de información, realización de búsquedas por autor, materia y título de forma dinámica y rápida. Sin embargo, aun aportando muchos avances a las bibliotecas, los catálogos bibliográficos en su forma *online* - así como las bibliografías - siguen centrados en determinadas producciones de conocimiento relacionadas con la escritura y el saber colonial. Por ello, es necesario pensar en otros caminos para la bibliografía y los catálogos bibliográficos en los que sea posible contemplar otros saberes y fuentes de información distintos a los impuestos.

La Biblioteconomía y la Ciencia de la Información necesitan repensar qué fuentes de información están siendo descritas, registradas y clasificadas en nuestras bibliografías y catálogos bibliográficos y por qué hay una ausencia de estudios sobre ciertas fuentes de información, como las producidas por comunidades subalternizadas amerindias, africanas y periféricas.

De esta manera, los científicos pueden aportar a sus campos de estudio otros saberes importantes para la construcción del conocimiento que han sido invisibilizados por un modelo de poder, como se explicó en el apartado anterior. Así, los profesionales de la información deben contra-posicionarse a la explotación colonial, para reflejar la relación entre sujetos en posición de dominación y subordinación; cuestionando la percepción de Europa como modelo ideal de civilización y como referencia científica hegemónica, central en la producción, circulación y difusión de información, conocimiento y saber (Quijano, 2014).

Pensar los catálogos bibliográficos y las bibliografías con otros formatos y con otros saberes sólo será una realidad posible cuando la Biblioteconomía y la Ciencia de la Información se sitúen 'en la encrucijada' al enfrentarse a las prácticas hegemónicas. Así, tal vez se constituya un camino argumentativo capaz de descolonizar sus fuentes, prácticas, unidades y saberes, ya que el monopolio sobre ciertos conocimientos posibilita la construcción de una narrativa singular y excluye otros saberes y otras formas de interpretar el mundo, desautorizando así la construcción de una epistemología periférica de Occidente.

La naturaleza colonial del conocimiento se materializa en la geografía del conocimiento, en la que conceptos como razón, verdad y ciencia se convierten en atributos deseables en las áreas metropolitanas. Esto hace que la información y el conocimiento provenientes de las colonias y sus habitantes sean clasificados como populares, laicos, naturales, de ignorancia y hasta 'sin ley' (Alves, 2020). Por ello, la Biblioteconomía y la Ciencia de la Información deben preguntarse a quién están sirviendo sus instrumentos de organización y recuperación de la información y, también, qué saberes están fuera del debate.

Cuestiones como las aquí planteadas pueden ser el punto de partida para descolonizar nuestras bibliografías y catálogos bibliográficos, reconociendo aquello que ha sido invisibilizado. Así, será posible crear estrategias de visibilidad y promoción de los saberes históricamente subalternizados. A continuación se presentan los resultados de la investigación.

LA BIBLIOTECA DE AILTON KRENAK Y LA CONSERVACIÓN DE LOS CONOCIMIENTOS INDÍGENAS DE LA COMUNIDAD SALVAJE

La Biblioteca de Ailton Krenak es una iniciativa de la Comunidad Salvaje y tiene como principal objetivo catalogar, organizar y dar acceso a los discursos del líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta y escritor Ailton Krenak (Freire, 2021). La biblioteca virtual de Ailton Krenak fue inaugurada el 11 de junio de 2021, y es organizada, actualizada y mejorada por cerca de 19 voluntarios, además de contar con la colaboración de los usuarios que, a través de un formulario electrónico, pueden indicar:

[...] vídeos do YouTube, entrevistas, matérias ou artigos assinados pelo pensador indígena para que sejam incluídos na biblioteca. Mas, antes de fazer sua contribuição, é importante pesquisar os conteúdos disponíveis para evitar duplicidade (Nunes, 2021, *online*)¹³.

En la página de inicio de la biblioteca virtual, encontramos una arquitectura simple y colorida. También guía la navegación por el sitio a través de las categorías: *como pesquisar*, *como indicar novos materiais para a biblioteca*, *os registros das falas de Ailton Krenak* e o *grupo de voluntários da comunidade Selvagem*, como se representa en la *figura 1* (Freire, 2021).

Figura 1 – Página de inicio de la Biblioteca de Ailton Krenak



Fuente: Freire, 2021.

En el tema titulado *como pesquisar*, encontramos las instrucciones paso a paso para realizar una búsqueda en el catálogo de la biblioteca. En el subtítulo *como indicar novos materiais para biblioteca* (figura 2), encontramos indicaciones para enviar materiales a la colección mediante un formulario. En el campo *registros das falas de Ailton Krenak*, encontramos la colección de la biblioteca en formato de tabla, que contiene 331 fuentes de información, en su mayoría audiovisuales, pero también libros, artículos y artículos con presencia o producción de Ailton Krenak. Por último, es posible consultar el nombre de los voluntarios del proyecto haciendo clic en *grupo de voluntários da comunidade Selvagem* (Freire, 2021).

La catalogación de los vídeos y de otras fuentes de información sigue el siguiente orden: *título da fonte de informação* destacado en negrita, *data do material*, *onde aconteceu*, *temáticas principais*, *que outras pessoas participam*, *hashtags*, *tipo de material*, *quem organizou a fala ou publicação do material*, *quem registrou*, *quais os recursos de acessibilidade disponíveis* y qué nació de este material, como se muestra en la figura 3 (Freire, 2021).

Figura 2 – Cómo remitir material a la biblioteca



Fuente: Freire, 2021.

Figura 3 – Representación de un contenido catalogado en la Biblioteca de Ailton Krenak

GIRA CÔSMICA - Aprendizagem da dança por alunes Princeton Selvagem

Data do material	July 1, 2022
URL Link	https://www.youtube.com/watch?v=fW5JP-a_3XM
Onde aconteceu	Youtube
Temáticas principais	Povos Originários
Que outras pessoas...	Anna Dantes Lara Rennó José Miguel Wisnik Pedro Meira Monteiro
Hashtags	#dança #Arte #plantas
Tipo de material	Video
Quem organizou ...	Selvagem Ciclo de Estudos
Quem registrou e...	Mariana Rotili
Quais recursos de ...	legenda
O que nasceu a p...	Empty

Fuente: Freire, 2021.

La Biblioteca de Ailton Krenak cuenta con un acervo de 331 materiales audiovisuales indexados. El equipo responsable del proyecto es interdisciplinario, todavía, cabe destacar que no hay ningún profesional o investigador de Biblioteconomía o Ciencia de la Información involucrado (Freire, 2021). Los materiales son catalogados a través de un formulario vía *google forms* y, posteriormente, tras la evaluación del equipo, los contenidos aprobados son insertados en el catálogo. Identificamos esta iniciativa como un espacio representativo de información para la oralidad, a pesar del corto tiempo de existencia (creado en 2021). Además, puede considerarse una estrategia decolonial de intercambio de conocimientos, como señalan Quijano (2009), Mignolo (2017) y Silva (2020), ya que permite la ruptura de la hegemonía científica y amplía el acceso al conocimiento y la cultura de las comunidades indígenas brasileñas. En la página de esta biblioteca virtual se encontraron más de 150 horas de discursos de Ailton Krenak grabados desde 2012 y puestos a disposición a través de *link* que nos llevan a la dirección del vídeo indicado. Además de estos materiales, la biblioteca también reúne artículos, entrevistas escritas y otras comunicaciones en las que Ailton Krenak estuvo presente. En este sentido, además de una fuente de información centrada en la oralidad, la colección reúne también contenidos de distinta naturaleza, haciendo de esta colección una biobibliografía de la obra de Krenak.

Figura 4 – Representación de las categorías ‘temas principales’ y ‘hashtags’

Registro de falas do Ailton Krenak

Qual o título do material?	Data do ...	Temáticas principais	Hashtags
Caso Dom e Bruno: 'Brasil está desgove	June 14, 2022	Ética e Sociedade	#denúncias #governobolso
#31 Água, meio ambiente, vida, com Ai	April 1, 2022	Meio ambiente	#watu #cultura #ciclodan
Sem Estúdio entrevista - Ailton Krenak	October 8, 2022	Meio ambiente	#futurodomedioambiente #p
Ciclo Pororoca V - Festival Artes Verten	February 18, 2022	Meio ambiente	#agua #pororoca #movin
[DIÁLOGO] "Ecologia do desastre", os t	March 22, 2022	Meio ambiente	#territoriosindigenas #ecosi
PAISAGEM CRITICA NHEERY-MAMAÉ	March 20, 2022	Meio ambiente	#floresta #nheery #cultu
Ailton Krenak: "Humanidade vive divór	March 29, 2022	Meio ambiente	#pandemia #ideiasparaadia
20ª FIL Projeto Utopia: "Meio Ambien	August 25, 2022	Meio ambiente	relaçocomaterra terraorga
Conferência Magna de Abertura com A	November 3, 2022	Meio ambiente	#biodiversidade #povosdaf
Conferência Cátedra CALAS - IEAT : Pro	November 16, 2022	Meio ambiente	#desenvolvimentosustentavel
CONEXÃO AO VIVO com AILTON KREN	February 17, 2022	Meio ambiente	#natureza #humanidade
Diálogos do Terra Madre Brasil – Deba	November 21, 2022	Meio ambiente	#sociedade #meioambiente

Fuente: Freire, 2021.

Para organizar la colección bibliográfica, se utilizaron las siguientes categorías: título, fecha del material, temas principales, *hashtags*, ¿Qué nació de este documento? ¿Dónde ocurrió? ¿Qué recursos de accesibilidad están disponibles en este material? ¿Quién organizó la ponencia o la publicación del material? ¿Quién registró este material? Tipo de material y *link* de acceso. A partir de esta categorización, entendemos que la forma de organizar el conocimiento obedece a una estructura de pensamiento que identifica y describe el documento, como en la *figura 4*.

Se observa que en algunas categorías es difícil identificar la finalidad del campo, como ocurre en las categorías *temas principales* y *hashtags*, dos categorías relacionadas con la representación temática de los documentos (Freire, 2021). Traduciendo al lenguaje bibliotecario-informacional, estas categorías corresponden a las actividades de clasificación (a través de un sistema de organización estructurada del conocimiento) e indización (etiquetado, considerando el ambiente digital). Sin embargo, hay un malentendido, porque la representación temática no ocurrió a través de un sistema preestablecido.

En cuanto al etiquetado realizado a través de los *hashtags*, éstos representan la clasificación del colaborador al indicar un archivo al acervo. Este tipo de etiqueta se denomina *folksonomía*, o clasificación de las personas, en la que es el usuario quien clasifica el tema del documento en cuestión.

La biblioteca forma parte de un proyecto llamado ‘Comunidad Salvaje’, que es un entorno digital educativo que incluye libros, grupos de lectura, vídeos, minicursos y conferencias sobre literatura, filosofía y otros conocimientos indígenas brasileños. Vale la pena destacar cuánto ha avanzado el proyecto desde que lo hicimos objeto de investigación en el seminario *A Arte da Bibliografia* en 2021 (Seminário ..., 2021). Estudiamos el proyecto desde agosto de 2021 y, un año después, fue posible observar cambios significativos no sólo en el acervo de la biblioteca silvestre que antes tenía 190 y ahora cuenta con 331 materiales en la colección, sino también en la expansión de las comunicaciones entre la comunidad silvestre y el público como se representa en la *figura 5* (Selvagem ..., 2018).

Figura 5 – Comunidad silvestre



Fuente: Selvagem ..., 2018.

Cada una de las imágenes representadas en la figura 5 indica un determinado tipo de contenido promovido por la comunidad salvaje, correspondiente al ciclo salvaje, como lo llaman las personas idealizadoras. El *ciclo dos sonhos* corresponde a un conjunto de estudios sobre los sueños en la perspectiva filosófica indígena brasileña. El *ciclo regenerantes de Gaia* tiene como objetivo reflexionar sobre el cuidado del planeta Gaia (Planeta Tierra). De acuerdo con la descripción de la página, este ciclo está dirigido a aquellos que desean abrir una ventana “nesta matriz chamada de humanidade e pesquisar formas de se tornar regenerante de Gaia” (Selvagem ..., 2018, *online*)¹⁴.

El ‘*ciclo mulheres, plantas e curas*’ tiene como objetivo reflexionar sobre ‘*mulheridade*’ y su relación con las plantas y la curación.

Es un espacio donde aprender, dialogar y compartir saberes entre mujeres es fundamental para establecer conexiones entre ellas y más allá de las comunidades, lo que hace de este espacio un espacio de reflexión sobre la colonialidad y el género, como nos han presentado Lugones (2020) y Segato (2021).

El *ciclo de memórias ancestrais* tiene como propósito principal compartir los saberes y tradiciones de las comunidades, visibilizando sus conocimientos y rompiendo con la dependencia epistémica, como explica Silva (2020). Los encuentros de este ciclo específico están programados para el año 2023, a partir de esto, notamos que los diálogos continúan siendo organizados y continuados en la comunidad salvaje, proporcionando así una educación continua para el público.

En el ícono ‘*cadernos*’, encontramos todas las publicaciones bibliográficas de la colección en tres idiomas (portugués, inglés y francés), lo que consideramos importante para aumentar la visibilidad de estas producciones. En esta sección, encontramos publicaciones de varios autores indígenas. En este sentido, lo que comenzó con el propósito de reunir la producción de un único líder se ha ampliado y hoy hace visibles a otras personalidades de la literatura y la filosofía indígena brasileña. La sección ‘*feche os olhos e veja*’, que aún está en desarrollo, es un contenido de audio que estará disponible en la plataforma *Spotify* (Selvagem ..., 2018).

‘*Flecha selvagem*’ corresponde a una serie de cuentos indígenas promovidos por la comunidad salvaje y puestos a disposición en *Youtube*. La propuesta de la difusión de este contenido es ampliar las formas de conexión desde la literatura y la oralidad indígena (Selvagem..., 2018). De acuerdo con la descripción de la página, “la Flecha abre el camino para que se formulen nuevas preguntas”¹⁵, está dirigida al público en general y es también “un convite para que escolas, universidades, pontos de cultura e projetos comunitários de educação acessem narrativas mais pluriversais” (Selvagem ..., 2018, *online*)¹⁶.

En el ícono del *canal de Youtube*, se nos dirige al canal comunitario de esta plataforma, en el que se encuentran todas las comunicaciones promovidas por la comunidad salvaje. En *Nhe’ery/ guarani* que significa ‘donde se bañan los espíritus’, es posible seguir la narrativa del líder y cineasta Carlos Papá de la etnia Mbya Guaraní por la mata atlántica en la que varias terminologías indígenas fueron traducidas al portugués. Además, comunica conocimientos para el buen vivir (Selvagem ..., 2018, *online*).

El ícono *Shuba Hiwea*, conocido como escuela viva, trata sobre el conocimiento del chamán y educador de Acre, Dua, sobre la cultura Huni Kuin, incluyendo historias, medicina, música y espiritualidad (Selvagem ..., 2018).

Además de esto, también representan el conocimiento de comunidades específicas los iconos *Apne Ixkot Hâmipak* - Escuela florestal Maxakali; *Mbya Arandu Porã* - punto de cultura Guaraní; *Bahserikowi* - medicina indígena Tukano. Además, cabe señalar que es posible contribuir al mantenimiento de las escuelas vivas indígenas haciendo clic en el *link colaborador*, en el que se recogen donaciones para la causa (Selvagem ..., 2018).

El ícono de la *tripulação* describe toda la red de colaboradores de la comunidad salvaje y la Biblioteca Ailton Krenak. El ícono de *comunidade* indica las formas de colaborar para ampliar la colección de la biblioteca Ailton Krenak. En el ícono del *mapa de navegación*, es posible consultar los informes de las acciones del grupo en años anteriores, aportando así un amplio acceso a la información y difusión de las acciones para hacer viable el proyecto (Selvagem ..., 2018). En el ícono de *libros*, es posible comprar los libros producidos por el proyecto. Finalmente, tras describir la Biblioteca Ailton Krenak, su acervo y su Catálogo Colaborativo, así como la estructura del sitio web en el que se encuentra, se destaca la importancia de la iniciativa como espacio de información sobre los saberes de los pueblos originarios, especialmente los producidos y difundidos a través de la oralidad (Selvagem ..., 2018).

CONSIDERACIONES FINALES

El propósito de este estudio fue presentar nuevas formas de construir bibliografías y bibliotecas, como en el caso de la Biblioteca de Ailton Krenak, su acervo y catálogo. Se trata de fuentes de información que fueron reunidas de forma voluntaria y colaborativa y presentan, en su mayoría, materiales audiovisuales de la oralidad del ambientalista, filósofo, poeta y escritor Ailton Krenak, importante pensador y líder de los pueblos indígenas.

Creemos que estudios como éste son fundamentales para dar visibilidad a los conocimientos de los pueblos tradicionales y reflexionar sobre los efectos de la colonización en la producción de conocimientos. Además, este tipo de estudio amplía los horizontes para la elaboración de estrategias para compartir los conocimientos históricamente subordinados con miras a lograr la justicia social para las comunidades involucradas. Entendemos que la organización y el intercambio de los contenidos aquí presentados pueden ser una estrategia para romper la dependencia epistémica presente en el trabajo científico y profesional, así como una estrategia para promover la justicia social en relación con la intelectualidad de los indígenas brasileños.

REFERENCIA

- ALVES, U. S. Por uma biblioteconomia decolonial. *CRB8*, São Paulo, jun. 2020. Disponible en: <https://crb8.org.br/oldsite/por-uma-biblioteconomia-decolonial/>. Acceso en: 11 ago. 2022.
- ARAÚJO, E. A.; OLIVEIRA, M. A produção de conhecimentos e a origem das bibliotecas. In: OLIVEIRA, M. (coord). *Ciência da informação e biblioteconomia*: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 29-43.
- BALSAMO, L. Ayer y hoy de la bibliografía. In: BALSAMO, Luigi. *La bibliografía*: historia de una tradición. Gijón: Trea, 1998. (Biblioteconomía y Administración Cultural, 20). p. 11-16.
- BARBOSA, J. M. A.; MEZACASA, R.; FAGUNDES, M. G. B. A oralidade como fonte para a escrita das histórias indígenas. *Tellus*, Campo Grande, MS, ano 18, n. 37, p. 121-145, set./dez. 2018.
- BASTOS, F. M. *A interação do usuário com catálogos bibliográficos on-line*: investigação a partir da teoria fundamentada. 2013. 255 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus Marília, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2013.
- BITTAR, M.; FERREIRA JUNIOR, A. A pedagogia brasileira nos primeiros tempos da colonização: escolas de ler e escrever, teatro, música e ensino de artes mecânicas. *Revista IRICE*, Argentina, n. 32, p. 13-38, 2017. DOI 10.35305/revistairice.v32i32.790.
- CARDONA, N. D. La subordinación en la ciencia ¿una consecuencia de la cohesión social? ideas para observar la bibliotecología e ciencia de la información. In: CARDONA, N. D.; SILVA, F. C. G. (org.). *Epistemologías latino-americanas na biblioteconomia e ciência da informação*: contribuições da Colômbia e do Brasil. Florianópolis: Rocha gráfica e editora, 2020. p. 25-44.
- FIGUEIREDO, N. M. *Textos avançados em referência e informação*. São Paulo: Editora Polis: APB, 1996.
- FREIRE, B. (coord.). *Biblioteca do Ailton Krenak*. 2021. Disponible en: <https://www.notion.so/Biblioteca-do-Ailton-Krenak-cd46ab5c7c4448ffb311f3c9ef833d9>. Acceso en: 11 ago. 2022.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- ISAAC, P. A. M.; RODRIGUES, S. F. P. Educação escolar indígena: impactos e novas formas de colonização. *Revista Cocar*, Belém, v. 11, n. 22, p. 60-86, jul./dez. 2017.
- LORDE, A. *Irmã outsider*: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- LUGONES, M. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, H. B. (org.). *Pensamento feminista hoje*: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 53-83.
- MALCLÈS, L. *La bibliographie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.
- MATHIESEN, K. Informational justice: a conceptual framework for social justice in library and information services. *Library Trends*, [Baltimore, MD], v. 64, n. 2, p. 198-225, 2015.
- MEY, E. S. *Introdução à catalogação*. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.
- MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista brasileira de ciências sociais [online]*, v. 32, n. 94, e329402, jun. 2017. ISSN 1806-9053. DOI 10.17666/329402/2017.
- NAUDÉ, G. *Bibliographia politica*. Venise: F. Baba, 1633.
- NOGUEIRA, W. A. “O livro como uma força na história”: a bibliografia como fonte de informação e método de pesquisa. *Revista Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 7, n. esp., p. 152-164, ago. 2016. Disponible en: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/118779>. Acceso en: 11 ago. 2022.
- NUNES, M. Biblioteca Ailton Krenak: “uma biblioteca irreverente, que fala, que não pede silêncio”, celebra o pensador indígena. *Conexão Planeta*, [S. l.], jun. 2021. Disponible en: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/biblioteca-ailton-krenak-uma-biblioteca-irreverente-que-fala-que-nao-pede-silencio-celebra-o-pensador-indigena/>. Acceso en: 16 ago. 2022.
- OTLET, P. *Tratado de Documentação*: o livro sobre o livro teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2018. 700 p.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S.;
- MENESES, M. P. (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Edições Almedina SA, jan. 2009. p. 73-117.
- QUIJANO, A. “Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina”. In: LANDER, E. (comp.). *La colonialidad del saber*: eurocentrismo y ciencias sociales. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 201-246.

QUIJANO, A. La tensión del pensamiento latinoamericano [1987]. In: QUIJANO, A. *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014. p. 697-704.

ROMEIRO, N. L.; SANTOS, B. A. Bibliografia lilás: lesboteca e a construção de um catálogo bibliográfico para visibilidade lésbica. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, v. 25, n. esp., p. 01-22, 2020. ISSN 1518-2924. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2020.e73458>.

RUBI, M. P. *Política de indexação para construção de catálogos coletivos em bibliotecas universitárias*. 2008. 166 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

SEGATO, R. *Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SELVAGEM – ciclo de estudos sobre a vida. *Selvagem em ciclo*, [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: <https://selvagemciclo.com.br/>. Acesso em: 8 jan. 2022.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL A ARTE DA BIBLIOGRAFIA, 8, 2021. São Carlos. *Anais [...]*. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2021. Tema: Bibliografia e Justiça Social. Disponível em: <http://www.telescopium.ufscar.br/index.php/viii/viii/schedConf/presentations>. Acesso em: 8 jan. 2023.

SHERA, J. H.; EGAN, M. E. *Catálogo sistemático: princípios básicos e utilização*. Brasília: Ed. UnB, 1969.

SILVA, F. C. G. Colonialidade do saber e dependência epistêmica na biblioteconomia: reflexões necessárias. In: CARDONA, N. D.; SILVA, F. C. G. (org.). *Epistemologias latino-americanas na biblioteconomia e ciência da informação: contribuições da Colômbia e do Brasil*. Florianópolis: Rocha gráfica e editora, 2020. p. 119-202.

SOUSA, B. P.; FUJITA, M. S. L. Do catálogo impresso ao on-line: algumas considerações e desafios para o bibliotecário. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 59-75, jan./jun. 2012.

SOUZA, W. E. R. O catálogo editorial e a bibliografia como fontes de pesquisa: avanços e desafios na era digital. *InCID: Revista Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 7, n. esp., p. 202-223, ago. 2016. DOI 10.11606/issn.2178-2075.v7iespp202-223.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

NOTAS FINALES

- 1 Traducción: “[...] centrándose en la comprensión y explicación de la dinámica de las relaciones sociales [...] la investigación cualitativa trabaja con el universo de significados, motivos, aspiraciones, creencias, valores y actitudes [...]” (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 32, traducción editorial).
- 2 Traducción: “Apareció primero como una doble colonización, del tiempo y del espacio. También sostengo que la colonización del espacio y del tiempo son los dos pilares de la civilización occidental. La colonización del tiempo fue creada por la invención renacentista de la Edad Media, y la colonización del espacio fue creada por la colonización y conquista del Nuevo Mundo. Sin embargo, la modernidad llegó junto con la colonialidad: América no era una entidad existente por descubrir. Fue inventada, cartografiada, apropiada y explotada bajo la bandera de la misión cristiana” (Mignolo, 2017, p. 4, traducción editorial).
- 3 Traducción: “[...] un mundo policéntrico e interconectado por un mismo tipo de economía [...]” (Mignolo, 2017, p. 4, traducción editorial).
- 4 Traducción: “colonización y catequesis son dos procesos históricos que no se separan y fue en este proceso que nacieron las primeras prácticas escolares en Brasil [...]” (Ferreira Júnior, 2018, p. 16, traducción editorial).
- 5 Traducción: “[...] es uno de los elementos constitutivos y específicos del patrón mundial de poder capitalista. Se basa en la imposición de una clasificación racial/étnica de la población mundial como piedra angular de dicho patrón de poder y opera en cada uno de los planos, medios y dimensiones, materiales y subjetivos, de la existencia social cotidiana y de la escala societal. Se origina y globaliza desde América” (Quijano, 2009, p. 73, traducción editorial).
- 6 Traducción: “[...] se [a]ncora por el concepto de raza utilizado como justificación por el sistema religioso, científico y capitalista [...] para producir la jerarquización y clasificación de las personas en grupos étnico-raciales y sociales, algo que aunque no tenga sustento científico, persiste hasta hoy en el imaginario social” (Silva, 2020, p. 123, traducción editorial).
- 7 Traducción: “[...] buscan disolver las estructuras de dominación y explotación que constituyen la colonialidad [...]” (Silva, 2020, p. 123, traducción editorial).
- 8 Traducción: “[...] un conjunto heterogéneo de aportes teóricos e investigativos sobre la colonialidad [...]” (Silva, 2020, p. 123, traducción editorial).
- 9 Traducción: “[...] pensadas en los mismos términos en que la sociedad entiende la biología reproductiva[...]” (Lugones, 2020, p. 69, traducción editorial).
- 10 Traducción: “[...] la crueldad contra las mujeres aumenta a medida que la modernidad y el mercado se expanden [...]” (Segato, 2021, p. 89, traducción editorial).
- 11 Traducción: “[...] como los boletines de adquisición de la biblioteca, el catálogo acumulado en forma de libro y el catálogo de hojas sueltas” (Bastos, 2013, p. 40, traducción editorial).
- 12 Traducción: “[...] ampliar sus búsquedas a través del número de llamadas de clasificación, descriptores de materias añadidos a las entradas del catálogo y abreviaturas de títulos de revistas, por ejemplo” (Bastos, 2013, p. 64, traducción editorial).
- 13 Traducción: “[...] videos de YouTube, entrevistas, historias o artículos firmados por el pensador indígena para ser incluidos en la biblioteca. Pero antes de hacer su contribución, es importante investigar los contenidos disponibles para evitar duplicidades” (Nunes, 2021, online, traducción editorial).
- 14 Traducción: “en esta matriz llamada humanidad e investigar formas de volverse regeneradores de Gaia” (Selvagem ..., 2018, online, traducción editorial).
- 15 Traducción: “la Flecha abre el camino para que se formulen nuevas preguntas” (Selvagem ..., 2018, online, traducción editorial).
- 16 Traducción: “una invitación para que escuelas, universidades, puntos de cultura y proyectos educativos comunitarios accedan a narrativas más pluriversales” (Selvagem ..., 2018, online, traducción editorial).

El conocimiento alternativo de la Biblioteca Universal Guei contra la injusticia epistémica en la literatura brasileña

Diogo Roberto da Silva Andrade

Estudiante de Maestría en Gestión de la Información en el Programa de Posgrado en Gestión de la Información (PPGInfo) no Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) de la Universidad do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2588351371083404>

Correo electrónico: didts@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8392-4481>

Ana Paula Meneses Alves

Doctorado en Ciencias de la Información de la Universidade Estadual Paulista (UNESP) y en Ciencias Sociales de la Universidade de Granada (UGR - Espanha), Granada, Andalucía no sul, Espanha. Profesor adjunto de la Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2434972394883934>

Correo electrónico: apmeneses@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1137-2139>

Franciele Carneiro Garcês da Silva

Doctorado en Ciencias de la Información por la Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Profesor colaborador en el Programa de Posgrado en Gestión de la Información, da la Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGInfo/UDESC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2805777083019311>

Correo electrónico: francielegarces1987@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2828-416X>

Fecha de envío :31/08/2022. Fecha de aprobación: 01/03/2023. Fecha de publicación: 22/09/2023.

RESUMEN

Las injusticias permean el escenario literario, tanto en las colecciones públicas como en los catálogos de las grandes editoriales, lo que muestra segregación de sujetos que se colocan al margen de lo social, a saber: mujeres cisgénero y transgénero, negros, indígenas, personas con discapacidad, sujetos que se reconocen como Lesbianas, Gays, Bisexuales, Travestis y Transexuales, *Queer*, Intersexuales, Asexuales y otros más (LGBTQIA+) etc. Dicho esto, este artículo parte de la siguiente pregunta: ¿la Biblioteca Universal Guei ha contribuido activamente a la lucha contra la injusticia epistémica en el escenario de la mediación literaria brasileña? Como objetivo general, pretende investigar la actuación del periódico *Lampião da Esquina* en la alteración del tejido social y cultural y, sobre todo, investigar la contribución de la sección de la Biblioteca Universal Guei que relaciona las Humanidades con una acción de la bibliografía comercial para la justicia epistémica. Se parte del abordaje sobre la injusticia epistémica y sus esferas (injusticia testimonial, hermenéutica, curricular y participativa) y la relación de éstas con la Bibliografía, la Bibliotecología y la Ciencia de la Información. Finalmente, los resultados presentan, en las páginas de *Lampião da Esquina*, periódico nacional alternativo para el público gay, vendido en quioscos y por apartado postal en todo el país, el enfrentamiento a las lógicas de injusticia y exclusión propagadas por la violencia simbólica y epistémica.

Palabras clave: epistemología; injusticia epistémica; literatura homoerótica; literatura nacional; biblioteca universal Guei.

INTRODUCCIÓN

La segregación literaria se produce en un plano normativo que contribuye a la obstrucción e invisibilidad del Otro en la esfera social y cultural. Ya que la literatura marginal - en este estudio nos referimos a la dirigida a sujetos no heterosexuales - es a veces considerada lasciva (erótico-sexual), y a veces considerada 'baja literatura' (subcultural) (Kothe, 1985; Silva, 2008, 2012). Así, para la concepción de este artículo, se cuestiona: ¿la Biblioteca Universal Guei ha contribuido activamente a combatir la injusticia epistémica en el escenario de la mediación literaria brasileña?

Conceptualmente, la injusticia epistémica puede entenderse como “um conceito moral, bem como um conceito epistêmico. É o tipo de injustiça que ocorre quando o direito de alguém saber é violado”, como infiere Coady (2010, p. 105, tradução nossa)¹. En este sentido, es un “[...] mal feito a alguém especificamente em sua capacidade de conhecedor [...]” (Fricker, 2007, p. 5, tradução nossa)², es decir, un desequilibrio que afecta a las capacidades, que son valores esenciales para los seres humanos. La injusticia epistémica restringe a un sujeto o a una comunidad, impidiéndoles expresar sus conocimientos de forma tácita o explícita, trayendo consecuencias psicológicas perjudiciales para los sujetos, obstruyendo su desarrollo “de modo que uma pessoa pode ser, literalmente, impedida de se tornar quem ele é” (Fricker, 2007, p. 5, nuestra traducción)³. Por lo tanto, este concepto de injusticia se refiere a la distribución injusta de bienes epistémicos, como la educación y la información, a través de acciones discriminatorias o excluyentes (Coady, 2010; Fricker, 2007; Silva; Silva, 2022).

Las injusticias que permean el escenario literario, tanto en los acervos públicos como en los catálogos de las grandes editoriales, evidencian posturas de segregación de sujetos que son colocados al margen de lo social, a saber: mujeres cisgénero y transgénero, negros; indígenas, personas con discapacidad, sujetos que se reconocen como Lesbianas, Gays, Bisexuales, Travestis y Transexuales, *Queer*, Intersexuales, Asexuales y otros más (LGBTQIA+) etc.

En las unidades de información, como bibliotecas nacionales, públicas, especializadas, escolares, especiales, comunitarias, entre otras, ocurre un tipo común de censura señalado por Vergueiro (1989): la autocensura. Esta práctica evidencia la posición política de las personas bibliotecarias en relación a la formación de colecciones y/o al mantenimiento de una unidad de información (Vergueiro, 1989).

Además de la normativa social y cultural que actúa como bastión en la práctica y en el cotidiano de las bibliotecas, la autocensura proviene “[...] próprio profissional bibliotecário que, sem o saber, realiza autopolicamento para evitar prováveis polêmicas” (Vergueiro, 1989, p. 59)⁴. Aún así, si la acción regular realizada por la persona bibliotecaria se hace de forma consciente y espontánea, la censura es una práctica declarada, dado que existen varias posibilidades de sistemas de regulación - como los sistemas de poder (Iglesia y Estado). Dentro de la discusión presentada en este estudio, la heteronormatividad se propone como fundamento censor en la actuación y toma de decisiones de los bibliotecarios en las unidades de información.

En los campos de investigación, enseñanza y extensión de la Bibliotecología y Ciencia de la Información (BCI) contemporáneas, se evidencian brechas derivadas de las estructuras sociales. Los arreglos que mantienen lo normativo/heteronormativo pueden referirse, por ejemplo, a las perspectivas teóricas del norte global (Carneiro, 2005; Silva; Garcez; Silva, 2022), a lo que se propone como normal al designar sujetos y cuerpos (Foucault, 2020; Louro, 2019) y a los regímenes de información (González De Gómez, 2012). Estas y otras reflexiones refuerzan y sostienen discursos hegemónicos, matriciales, éticos, políticos, económicos, sociales y culturales.

Las estructuras ejemplificadas también nutren y mantienen el imaginario social, estallando en recortes. Estos marcos actúan epistemológica y empíricamente sobre los sujetos, promoviendo el “principio de ausencia” (Kilomba, 2020) – “quando algo que existe é tornado invisível ou tratado como se não existisse” (Silva; Garcez; Silva, 2022, p. 2)⁵.

En reflexiones sobre géneros y sexualidades en BCI, autores como Ishimoto, Garcia y Sousa (2018) trazan un perfil transgresor y provocador sobre la *praxis* normativa de silenciamiento, invisibilización e inexistencia de literatura no heterosexual en las unidades de información. Según los autores, las obras dirigidas al público LGBTQIA+ ocupan dos lugares en las colecciones de las unidades de información:

- a) Una primera circunstancia se refiere a los lugares del silencio, cuando no se adquieren ni se difunden las literaturas que atienden a los interactuantes que se identifican como LGBTQIA+. Este recorte es paralelo al de Vergueiro (1989), que destaca tres tipos de censura (legal o gubernamental; presión individual o de grupo; y autocensura).
- b) la otra circunstancia atestiguada es el lugar del poder, en que el discurso normativo genera una “[...] ausência e impossibilidade de falar sobre, inscreve a presença de discursos médico-religioso que impõem uma matriz heterossexual, considerada normal, saudável, aos sujeitos” (Ishimoto; Garcia; Sousa, 2018, p. 365)⁶. Esta condición puede ser localizada en el triple foucaultiano que trata del poder, del saber y del placer.

En adelante, los enunciados mencionados observados en bibliotecas y colecciones encarnan notoriamente injusticias epistémicas, pues expropian conocimientos entendidos como periféricos por medio de la opresión, lo que afecta borrando e invisibilizando las epistemes de grupos sociales y etno- raciales oprimidos, pues destruye sus lenguajes y conocimientos colectivos (Patin *et al.*, 2020; Silva; Garcez; Silva, 2022).

Cuando Silva (2008) señala la necesidad del *deseo gay*, invisible en la literatura canónica brasileña, evoca lugares sociales no ocupados por LGBTQIA+, lo que sostiene el ‘no-lugar’. Pues, los sujetos no heterosexuales son dados como excéntricos, culturalmente rechazados, incluso ‘expatriados’ del *locus* identitario, social y cultural. Esto ocurre debido al establecimiento de una matriz moralista en la que el hombre heterosexual, cisgénero, de razas y etnias norteamericanas/europeas y de clase alta se estandariza como faro, mientras que la anulación del Otro se solidifica. El Otro es representado/configurado por todos los sujetos y cuerpos que no son equivalentes al ideario creado y sostenido por los órganos de poder (reiterando los ejemplos: la Iglesia, el Estado y el Militarismo).

La configuración del Otro puede verse en la performance sociocultural de lo que se considera mujer, que se dispone como una imagen contraria y binaria a lo que se define como hombre, macho y masculino. Los sujetos LGBTQIA+ se disponen bordeando el binario hombre/mujer, macho/hembra, masculino/femenino, son sujetos en tránsito ubicando los espectros de manera determinada, fluida o no binaria.

En un análisis profundo de la matriz heteromacho, se pueden observar cuestiones sobre el lugar de los hombres negros, indígenas, orientales, sesgos generacionales, tópicos sobre clases sociales, y también indagaciones sobre culturas sureñas y decoloniales. Sin embargo, estos son temas interseccionales que no serán profundizados en la propuesta de este estudio.

Volviendo al ámbito de las injusticias epistémicas, lo que se observa es que, en la BCI, la colonialidad, las formas de dominación, la violencia y las injusticias son objeto de estudios contemporáneos. Las injusticias epistémicas se despliegan en por lo menos cuatro facetas, a saber: a) *injusticia testimonial*, cuando se atribuye un bajo nivel de credibilidad a quien emite el mensaje debido a un prejuicio; b) *injusticia hermenéutica*, anterior a la testimonial, se refiere al vacío interpretativo en los sujetos que les impide interpretar sus experiencias por carecer de las herramientas para hacerlo. Complementariamente, Correia (2021, p. 5)⁷ infiere que la injusticia hermenéutica “[...] consiste en la incapacidad del hablante de comunicar su experiencia, pues carece, en el contexto histórico-social, de los conceptos y elementos necesarios para dar sentido a su vivencia”. Promueve, como resultado, “[...] desvantagem cognitiva e uma marginalização (hermenêutica) dos grupos, que terminam por participar de forma desigual das práticas que constroem os significados sociais e entendimentos coletivos” (Correia, 2021, p. 5)⁸; c) *injusticia curricular*, que se refiere a la ausencia de recursos físicos para incitar el desarrollo epistémico de los sujetos y, finalmente; d) *injusticia participativa*, ocurre cuando excluyen a los sujetos de los procesos participativos de construcción de su desarrollo epistemológico (Fricker, 2007; Patin, 2019; Patin *et al.*, 2020, 2021a, 2021b; Patin; Sebastian, 2021; Silva *et al.*, 2021; Silva; Garcez; Silva, 2022). Todos ellos pueden actuar de forma independiente o conjunta, dependiendo del contexto y de las comunidades donde se apliquen dichas injusticias.

Consumar un campo participativo de ICB y abogar por causas humanistas es una propuesta educativa dialógica. La liberación *freiriana* incluye a los sujetos y sus costumbres en la búsqueda del conocimiento, transponiendo la tradición moralista en la costura de lugares equitativos. Sin embargo, no todos los pueblos, grupos sociales y étnico-raciales tienen acceso equitativo a la información y a la posibilidad de construcción por vías educativas y emancipadoras de los sujetos.

Según Silva y Silva (2022) y Silva, Garcez y Silva (2022, p. 6)⁹, en la BCI ocurren algunos fenómenos de violencia simbólica y epistémica contra los sujetos y los pueblos, entre los cuales podemos mencionar el epistemicidio, que se refiere al acto de “[...] silenciar, aniquilar, [...], desvalorizar, expropiar um sistema de conhecimento [...]”, vía la suma de varias injusticias como las mencionadas anteriormente que muchas veces incurren en la *muerte* del conocimiento por lógicas opresivas, coloniales y racistas (Patin, 2019; Patin *et al.*, 2020). A pesar de esto, hay insurgencia de movimientos contra-hegemónicos que invierten la lógica opresiva ejecutando tácticas de resistencia y agencia para preservar sus legados, culturas, historias y memorias.

En este sentido, se observará la actuación de una bibliografía nacida en un bulto político autoritario – entre las décadas de 1970 y 1980 –, que subvirtió la cultura y rompió la dogmática nacional, permitiendo que los temas que pretendían abordar tuvieran un contenido literario que permitiera la identificación, tratando principalmente – y no sólo – del hombre gay brasileño.

Las injusticias epistémicas están asociadas a los recursos y servicios de información, pues se observa que insumos fundamentales son execrados social y culturalmente cuando se trata de LGBTQIA+, tales como: memorias (poder), conocimiento (saber) y fruición (placer) (Campello, 2019; Foucault, 2020). En otras palabras, la bibliografía contenida en *Lampião da Esquina* registra nacionalmente la literatura desviada y marginal, posibilitando la formación de saberes y la vivencia de prácticas. Así, en la perspectiva social, lo esencial es dado por Foucault (2020) como la superación del moralismo y de las hipocresías. En la BCI, “o desejo que as sociedades demonstram de preservar sua memória é a questão do poder, da necessidade que os diversos grupos sociais têm de obter a coesão social que permitirá o alcance de seus objetivos e a manutenção de seus interesses” (Campello, 2019, p. 22-23)¹⁰, aunque diversas subjetividades se sitúen al margen de lo social.

Dicho esto, el objetivo es investigar la actuación del periódico *Lampião da Esquina* en la alteración del tejido social y cultural y, sobre todo, investigar la contribución de la sección de la *Biblioteca Universal Guei* que relaciona las Humanidades con una actuación de la bibliografía comercial para la justicia epistémica.

Los factores intrínsecos y extrínsecos de la bibliografía se erigen como la justificación de esta investigación, siendo los temas al margen y la literatura *hecha por, sobre y para* personas no heterosexuales el mayor interés de esta investigación en los campos de la BCI, centrándose en los estudios bibliográficos. Este trabajo refuerza la necesidad dialéctica en la que se señalan las contradicciones teórico-prácticas en los fundamentos de la BCI. Contextualizar las injusticias epistémicas junto a las bibliografías proporciona el reflejo del hacer cotidiano, ya que los discursos colectivos del área y de la sociedad mantienen la sociedad bipartita (centro y margen). No se pretende crear nuevas tesis en este corto espacio de producción científica, sin embargo, el artículo aquí propuesto pretende interrogar la *praxis* informativa.

Por último, desde la perspectiva de los sujetos no heterosexuales, la recuperación de la memoria literaria de un canon marginal permite el empoderamiento y rompe con la ignorancia de las autoridades literarias brasileñas.

MATERIAL Y MÉTODOS

Se trata de una investigación de naturaleza aplicada y enfoque cualitativo que según Silva y Menezes (2005, p. 20)¹¹ “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito [...]”. En cuanto a los procedimientos, se refiere a una investigación experimental: “quando se determina um objeto de estudo, selecionam-se as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo, definem-se as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto” (Silva; Menezes, 2005, p. 21)¹².

Desde el punto de vista de los objetivos, discurre como una investigación explicativa, ya que “além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja por meio da aplicação do método experimental/matemático, seja por meio da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos” (Severino, 2017, p. 125)¹³.

Se adopta el método de Análisis de Contenido, ya que se buscó analizar el producto de un periódico, según Valentim (2005, p. 119)¹⁴, “após a Segunda Guerra Mundial, vários estudos aplicaram a análise de conteúdo com o objetivo de verificar a influência de determinadas ideologias veiculadas em jornais”. Se combina este método con el enfoque cualitativo, en cuanto a los símbolos y signos que se analizarán documentalmente.

En *Lampião da Esquina* - 41 números originalmente publicados entre 1978 e 1981 - buscamos informaciones y comunicaciones sobre la *Biblioteca Universal Guei*. Se analizó el enfoque de enunciación de la bibliografía comercial analítica (figura 1) en la propuesta de comprender cómo la sección colabora a la justicia epistémica.

Para la consecución de los objetivos se optó por el análisis de contenido, que según Severino (2017, p. 122)¹⁵, “Trata-se de se compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações”. Así, en la etapa de:

- a) preanálisis - se escrutaron y leyeron los materiales, verificando los lenguajes textual e imaginario de *Lampião da Esquina*;
- b) exploración - se seleccionaron los resúmenes que acompañan las entradas de los catálogos, así como los subtextos que indican la sección de la Biblioteca Universal Guei, para comprender el “conteúdo das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca do significado das mensagens”, etc. (Severino, 2017, p. 123)¹⁶; y, por último;
- c) categorización - se enumeraron los textos que podrían representar los lugares sociales, políticos y culturales de la literatura mediada por *Lampião da Esquina*.

El *corpus* - la *Biblioteca Universal Guei* - de esta investigación buscó destacar el trabajo pragmático, crítico y de mediación social de la bibliografía recortada, que, según Hjørland (2017), deberían ser designaciones exitosas de un bibliotecario. Y a la *justicia hermenéutica*, que busca llenar los vacíos en cuanto a experiencias e identidad, susceptibles de acceso y posibilitadoras de interpretaciones humanísticas, en este caso, de los interactuantes LGBTQIA+ que se apropian de una literatura marginada.

Para ubicar mejor al lector, se expone que el *Lampião da Esquina* fue un periódico alternativo nacional dirigido al público gay, vendido en quioscos y por medio de apartados postales en todo el país. El periódico aparece en la década de 1970 en Brasil, teniendo como consejo de redacción hombres que trabajaban como artistas plásticos, escritores y periodistas.

Durante el período en que el periódico fue comercializado, sus secciones y columnas trataban sobre el cotidiano no heterosexual de su época, alejándose del estilo de novela de chismes y *estatus* social para convertirse en un lugar de reflexión crítica. “As múltiplas vozes que ecoam em Lampião constroem, a cada edição, a possibilidade de novo lugares de enunciação para o homossexual, além de novos sentidos em seus discursos” (Simões Júnior, 2013, p. 73)¹⁷.

Lampião da Esquina tuvo ediciones con una tirada de entre 10 y 20 mil ejemplares. Facchini y Simões (2009 *apud* Coelho, 2014, p. 82)¹⁸ dicen que “o encerramento das atividades do Lampião antecipou um final de um ciclo que, como a redemocratização, liquidou com a imprensa alternativa e permitiu que seus temas fossem reabsorvidos pela grande imprensa”.

RESULTADOS Y DEBATE

Para alcanzar los objetivos propuestos por este artículo, en esta sección se enumeran los resultados obtenidos, los aspectos observados durante la investigación y las posibles inferencias naturales del análisis de los datos.

Se deduce que la principal acción/enfoque de comunicación de la *Biblioteca Universal Guei* es el *slogan*: “Estes livros falam de você: suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os” (Biblioteca..., 1980, p. 17)¹⁹. El subtítulo, o enunciado de la bibliografía, anuncia al interactor un *locus*, una identidad, una corriente literaria - por tanto, un lugar de ocio y erudición - que evoca el despeje sociocultural de los sujetos en los márgenes.

Se observó que este *slogan* precedía al nombre oficial de la bibliografía (Figura 2), apareciendo en el número Extra 1 (publicado en diciembre de 1979) y en los números 17 a 20 (publicados entre octubre de 1979 y enero de 1980). En los espacios comerciales de *Lampião da Esquina* se utilizaron otros *esloganes* - no exactamente en la bibliografía comercial analítica- como:

- “Leia agora”, *slogan*: “Se você é definido como um lixo nos compêndios [sic] de História, ou nas teorias dos intelectuais da moda, leia estes livros. Seus autores têm algo a lhe dizer” (Leia..., 1978, p. 15)²⁰;
- “Sem essa de amor maldito”, *slogan*: “Oscar Wilde tenía razón en su época. Pero las cosas han cambiado, y estos autores muestran por qué [sic]. Lea y aprenda: el antiguo amor maldito es ahora algo bueno” (Sem..., 1978)²¹.

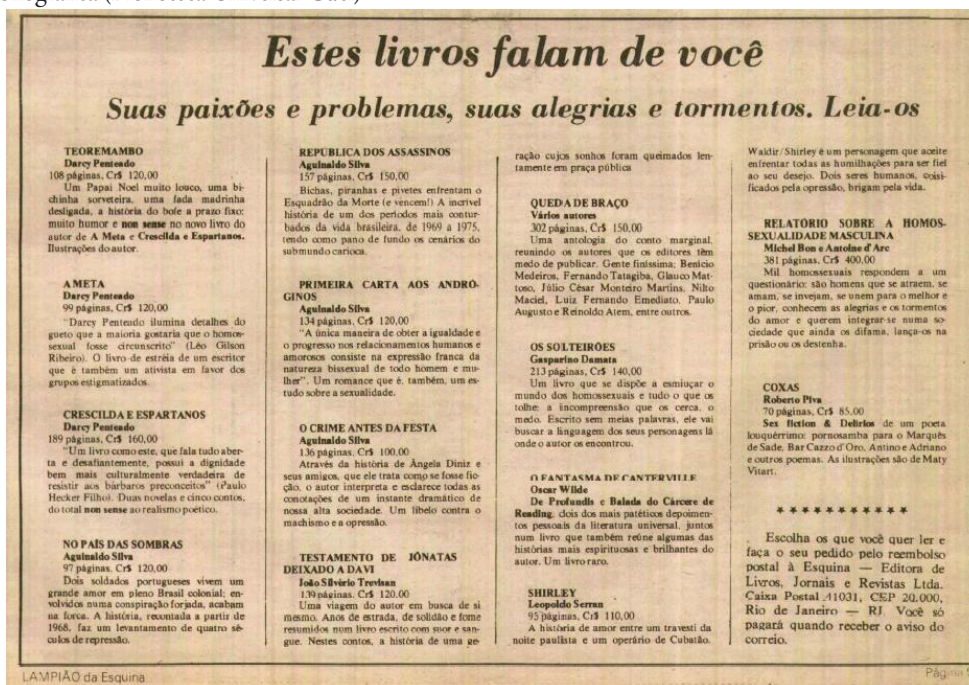
En estos *slogans* es posible analizar la búsqueda de la participación activa en el proceso de construcción del conocimiento de la población LGBTQIA+, incluyendo un contrapunto a la *injusticia participativa* en una sociedad que excluye a personas y grupos de su proceso de constitución cuando no siguen la norma vigente para ser considerados ‘ser humano’. Se entiende también que la existencia de una resignificación del *ser* y *estar* en el mundo, como persona fuera de la lógica normativa también puede ser percibida en estos *slogans*, incluyendo el uso de las palabras ‘basura’ o ‘amor maldito’ como forma de llamar la atención sobre el derecho a ser y existir como sujeto en sociedades desiguales e injustas con las personas LGBTQIA+.

Figura 1 - Sección de la Biblioteca Universal Guei²²



Fuente: sección *Lampião da Esquina* (Biblioteca..., 1980, p. 17).

Figura 2 - Sección bibliográfica (Biblioteca Universal Guei)²³



Fuente: Sección de *Lampião da Esquina* (Estes..., 1979, p. 9) .

Se trata de confrontaciones a la *injusticia testimonial* y a la *hermenéutica*, dado que, como sujetos desacreditados en las sociedades, sus voces no suelen ser escuchadas por quienes ostentan el poder y toman las decisiones que repercutirán en sus vidas.

Por lo tanto, entre personas, personajes, páginas y propuestas para trascender la normativa impuesta a finales de la década de 1970, en el contexto del sudeste brasileño, el periódico de Rio de Janeiro/São Paulo contribuyó a la agenda del libro y del lector en el contexto social y cultural. A través de la *Biblioteca Universal Guei*, el capital cultural y la memoria del libro, las personas y comunidades representadas, literal y/o intelectualmente, se preservaron en forma de bibliografía. La comunidad LGBTQIA+ tiene, de esta forma, registros para rescatar estos libros como formadores sociales y objetos de memoria: “Para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância. É preciso que ele conserve uma força a fim de poder posteriormente fazer impressão” (Davallon, 1999 *apud* Simões Júnior, 2013, p. 52)²⁴. Así, el periódico coloca en la trama social una línea auspiciosa, superando los límites impuestos por la censura y la regla de lo normal, permitiendo que el margen tenga conocimiento y dominio.

Además, la relación con la ruptura de la *injusticia hermenéutica* ocurre en la oportunidad de transgresión de los sistemas y matrices que mantienen experiencias inviables (Correia, 2021). La exclusión practicada social y culturalmente a favor de la hegemonía dominante es desestimada por el periódico y, a partir de este embate, la literatura nacional toma nuevos contornos. A partir de esta percepción, inferimos que la revisión identitaria (Silva, 2008), que marcó la literatura brasileña no heterosexual en la década de 1990, puede haber tenido alguna influencia de la bibliografía propuesta por *Lampião da Esquina*.

Temas como el primer amor, el primer beso, el primer sexo, la salida del armario sin conflicto se pueden observar en los resúmenes de los libros mediados por la *Biblioteca Universal Guei*. Se ilustra como ejemplo de la existencia del romance LGBTQIA+:

SILVA, Aguinaldo. No país das sombras [: novela]. [Rio de Janeiro]: [Civilização Brasileira, 1979]. 97 p.

Dos soldados portugueses viven una gran historia de amor en el Brasil colonial; implicados en una conspiración falsificada, acaban en la horca. La historia, contada a partir de 1968, repasa cuatro siglos de represión.

RIOS, Cassandra. Tessa, una gata [: novela]. [Rio de Janeiro]: [Record, 1979]. 122 p.

Una historia de crimen, misterio, suspense y amor, pero amor según la versión de Cassandra Ríos. Una novela de suspense, que alterna pasajes líricos con un realismo cruel, y que atrapa al lector desde la primera hasta la última página.

Otros libros mediados representan a los sujetos no heterosexuales en categorías literarias específicas, como personaje, espacio y motivos (Silva, 2008). Estas categorías ayudan en la democratización literaria, no anexando la literatura de los márgenes en lugares ficticios o ilusorios, configurando una aproximación identitaria de los sujetos, como:

PENTEADO, Darcy. A meta. [s. l.]: [s. n.]. 99 p.

"Darcy Penteado ilumina detalles del gueto al que la mayoría querría circunscribir al homosexual" (Leo Gilson Ribeiro). El libro debut [sic] de una escritora que es también una activista en favor de los grupos estigmatizados.

SERRAN, Leopoldo. Shirley. [s. l.]: [s. n.]. 95 p.

La historia de amor entre un travesti de la noche paulista y un obrero de Cubatão. Waldir/Shirley es un personaje que acepta enfrentarse a todas las humillaciones para ser fiel a su deseo. Dos seres humanos, cosificados por la opresión, luchan por la vida.

TREVISAN, João Silvério. Testamento de Jônatas deixado a Davi [, contos]. [São Paulo]: [Brasiliense, 1976]. [150 p].

Un viaje que el autor realiza en busca de sí mismo. Años de camino, de soledad y hambre resumidos en un libro escrito con sudor y sangre. En estos cuentos, la historia de una generación cuyos sueños se quemaron lentamente en la plaza pública.

Como propone la filosofía *foucaultiana*, el objetivo debe apuntar a la superación del moralismo. Cuando la literatura LGTBQIA+ es revelada por el periódico, se socializa una lista de autores y títulos que contribuyen a la formación de colecciones, porque las bibliografías y listas de libros recomendados “[...] tanto nacionais como de assunto, podem também servir como instrumentos auxiliares à seleção, principalmente para a seleção retrospectiva” (Vergueiro, 1989, p. 50)²⁵.

En otras palabras, la contribución dada a la visibilidad de los temas LGTBQIA+ por *Lampião da Esquina* y su *Biblioteca Universal Guei* pueden y deben ser recursos epistemológicos en las unidades de información y pueden servir de base para investigaciones y acciones en el BCI.

Otra cuestión a plantear es la necesidad de retomar el paradigma bibliográfico, que no debe ser sustituido por los estudios de usuarios. Hjørland (2017, *online*, tradução nossa)²⁶ propone que:

O paradigma bibliográfico não implica necessariamente uma descrição positivista dos documentos, mas pode implicar uma consideração do que os documentos podem fazer e como a Biblioteconomia e a Ciência da Informação podem apoiar os documentos na realização de tarefas importantes, ou seja, uma perspectiva crítica e pragmática.

En la época contemporánea, este aspecto de descripción, divulgación y salvaguarda de la memoria de la literatura LGTBQIA+ tiene un fuerte atractivo que está siendo llevado a cabo, por ejemplo, por la página *The Asexuality and Aromanticism Bibliography*. Trata-se de um servicio de informaciones digitales destinados a recuperar informaciones sobre producciones que visam la investigación teórica sobre las personas aerománticas e asexuales (The Asexuality, 2022).

De esta forma, se amplían los estudios sobre las sexualidades y las disidencias de las orientaciones más allá de las normas heterosexistas y románticas.

Finalmente, el conjunto de injusticias epistémicas no deja de existir, incluso porque la bibliografía aquí tratada se ubica en un nicho social, selecto y marginal. Sin embargo, es notorio que “a imprensa [...] é um mecanismo crucial para efetivar a difusão de ideias políticas” (Coelho, 2014, p. 30)²⁷. Se apropria académicamente del contenido documental, bibliográfico, literario y periodístico de *Lampião da Esquina*, que colaboró para inscribir al Otro en la historia nacional brasileña.

CONSIDERACIONES FINALES

La investigación propuesta en este artículo se basa en cuestiones humanísticas a la luz del BCI. *Lampião da Esquina*, actuando como vehículo de la prensa de los márgenes, comunica e informa a los sujetos no heterosexuales de la sociedad brasileña sobre la existencia de una literatura identitaria a través de la mediación literaria de la *Biblioteca Universal Guei*. De esta forma, el silencio y la invisibilidad provocados y mantenidos por los sistemas de poder pasan por un momento de ruptura, pues, aunque este periódico circulara en un nicho particular, promovía la existencia de sujetos LGTBQIA+ en la sociedad, la cultura y la economía.

En cuanto a la injusticia epistémica (*testimonial, hermenéutica, curricular y participativa*), *Lampião da Esquina* promueve la representatividad al promover la literatura del Otro cuando las obras seleccionadas tienen temas que se acercan a las narrativas canónicas de la literatura brasileña, la literatura de los márgenes mediada por la bibliografía permite la enunciación de sujetos no heterosexuales y la aproximación de estos sujetos representados como pertenecientes en el eje literario. Es decir, la revista atiende a las necesidades de lectura, ocio e información de los sujetos LGTBQIA+ de forma pública.

En el BCI, las injusticias epistémicas pueden ser mitigadas a partir del momento en que el bibliotecario y/o el científico de la información entiendan que el papel que desempeñan es una posición política. Un movimiento auspicioso sería prestar atención a la formación de una colección heterogénea y representativa, buscando resaltar las identidades plurales, ya que la literatura es un vehículo formativo. Aquí se apunta una pregunta a futuro sobre los impactos de la educación y formación profesional en los cursos de Biblioteconomía y Ciencia de la Información; en cuanto al desempeño crítico de un profesional de estas áreas, ¿los cursos ofrecen una mirada no hegemónica sobre la formación de colecciones? ¿Y qué hay de las rupturas con lo colonial y el patriarcado, una vez que las áreas son multidisciplinares? Son preguntas como estas que hacen la ruptura de paradigmas y rigidez normativa de un área que tiene como objetivo, por encima de todo, las necesidades de información de la persona humana.

Finalmente, se observa que la bibliografía de *Lampião da Esquina* demuestra socialmente que es posible hablar de, *sobre y para* las diversidades. Por lo tanto, las unidades de información deben reflexionar holísticamente en sus sujetos (actores, mediadores y receptores) y en la literatura que sustenta las diversidades y complejidades, alejando la labor bibliotecaria e informacional de dogmas y temas que causan silencios, invisibilidades y memoricidios²⁸.

REFERENCIAS

BÁEZ, Fernando. *A história da destruição cultural da América Latina: da conquista à globalização*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2010.

BIBLIOTECA Universal Guei. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 21, fev. 1980. *Biblioteca Universal Guei*, p. 17.

CAMPELLO, Bernadete. *Introdução ao controle bibliográfico*. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2019.

CARNEIRO, Sueli Aparecida. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COADY, David. Two Concepts of Epistemic Injustice. *Episteme*, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 101-113, 2010. DOI 10.3366/E1742360010000845.

COELHO, Vinicius Bernardes Gonçalves. *Lampião da Esquina: um porta voz dos homossexuais (1978-1981)*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

CORREIA, Ellen Cristina Rodrigues. Injustiça epistêmica e questões de gênero: o caso da injustiça hermenêutica na distinção entre homoafetividade e heterossexualidade. *Revista Opinião Filosófica*, v. 12, 2021. DOI: <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v12.1028>. Disponível em: <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/1028/826>. Acesso em: 5 agosto 2022.

ESTES LIVROS FALAM DE VOCÊ. *Lampião da esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 17, p. 9, out. 1979. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/21-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-17-OUTUBRO-1979.pdf>. Acesso em: 17 agosto 2022.

FRICKER, Miranda. *Epistemic injustice: power & the ethics of knowing*. Oxford, England: Oxford University Press, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198237907.001.0001>.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2020.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Regime de informação: construção de um conceito. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 22, n. 03, p. 43-60, set./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/14376>. Acesso em: 17 agosto 2022.

HJØRLAND, Birger. *Library and information science (LIS)*. In: *International Society for Knowledge Organization [ISKO]. Encyclopedia of knowledge organization*. Toronto: ISKO, 2017. Disponível em: <https://www.isko.org/cyclo/lis>. Acesso em: 17 agosto 2022.

ISHIMOTO, Adonai Takeshi; GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão. Nas estantes das bibliotecas, gêneros e silêncios. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 351-366, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://rbdd.febab.org.br/rbdd/article/view/714>. Acesso em: 5 agosto 2022.

KILOMBA, Grada. Fanon, existência, ausência: Prefácio. In: FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

KOTHE, Flávio René. *O herói*. São Paulo: Ática, 1985.

LEIA agora! *Lampião da esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 15, jun./jul. 1978. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/06-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-02-JUNHO-JULHO-1978.pdf>. Acesso em: 17 agosto 2022.

LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. Memorícídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. *Revista Memória em Rede, Pelotas*, v. 13, n. 24, p. 252-273, jan./jul. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/20210>. Acesso em: 20 enero 2023.

PATIN, Beth. Ending Epistemicide: Amplifying Knowledge Systems in Academia. Syracuse NY: SU Inclusive Teaching Workshop, Syracuse University, Aug. 2019.

PATIN, Beth; SEBASTIAN, Melinda; YEON, Jieun; BERTOLINI, Danielle. Toward epistemic justice: an approach for conceptualizing epistemicide in the information professions. ASIS&T: Proceedings of the association for information science and technology, [s. l.], v. 57, n. 1, e242, 2020. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/pr2.242>.

PATIN, Beth; SEBASTIAN, Melinda. Ep-i-what? Using The Force to Understand Epistemicide. Information Matters, [s. l.], v. 1, n. 11, 2021. Disponível em: <https://informationmatters.org/2021/11/ep-i-whatusing-the-force-to-understand-epistemicide/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

PATIN, Beth; SEBASTIAN, Melinda; YEON, Jieun; BERTOLINI, Danielle; GRIMM, Alexandra. Interrupting epistemicide: a practical framework for naming, identifying, and ending epistemic injustice in the information professions. Journal of the Association for Information Science and Technology, [s. l.], v. 72, n. 10, p. 1306-1318, 2021a. DOI: <https://doi.org/10.1002/asi.24479>.

PATIN, Beth; OLIPHANT, Tami; ALLARD, Danielle; GRAY, LaVerne; CLARKE, Rachel Ivy; TACHEVA, Jasmina; LAR-SON, Kayla. At the margins of epistemology: amplifying alternative ways of knowing in Library and Information Science. ASIS&T: Proceedings of the association for information science and technology, [s. l.], v. 58, n. 1, p. 630-633, 2021b.

SEM ESSA DE AMOR MALDITO! Lampião da esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, p. 6, out. 1978. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/09-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-05-OUTUBRO-1978.pdf>. Acesso em: 17 agosto 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017. SILVA, Antônio de Pádua Dias da. Especulações sobre uma história da literatura brasileira de temática gay. *En: SILVA, Antônio de Pádua Dias da (org.) Aspectos da literatura gay*. João Pessoa: Autor Associado: Editora Universitária/UFPB, 2008.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. Especulações sobre uma história da literatura brasileira de temática gay. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da (org.). Aspectos da literatura gay. João Pessoa: Autor Associado: Editora Universitária/UFPB, 2008.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos. *Leitura, Maceió*, v. 1, n. 49, p. 83-108, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/946>. Acesso em: 5 agosto 2022.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Eстера Muszkat. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SILVA, Rubens Alves da. Conhecimento das margens: da injustiça epistêmica à valorização do conhecimento negro em Biblioteconomia e Ciência da Informação. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v. 27, n. 1, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/1885>. Acesso em: 5 agosto 2022.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da.; SILVA, Rubens Alves da. Da ausência à evidência: notas teórico-críticas sobre o princípio da ausência, epistemicídio e reparação epistêmica em bibliotecas e biblioteconomia. *INCID: Revista de Documentação e Ciência da Informação, Ribeirão Preto*, v. 13, n. 1, p. 47-72, mar./ago. 2022.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da et al. Justiça para quem? justiça social, informacional, racial e de gênero em bibliotecas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: PPGCI/IBICT/UFRJ, 2021. p. 1-16.

SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. ...E Havia um lampião na esquina: memórias identidades e discursos homossexuais no Brasil, do fim da ditadura (1978-1980). 2. ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

THE ASEXUALITY and Aromanticism Bibliography. About the Asexuality and Aromanticism Bibliography. Toronto: University of Toronto, 2022. Disponível em: <https://acearobiblio.com/about/>. Acesso em: 14 feb. 2023.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Análise de conteúdo. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (org.). Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação. São Paulo: Editora Polis, 2005. p. 119-134.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Desenvolvimento de coleções. São Paulo: Editora Polis; APB, 1989.

AGRADECIMENTO

Agradecemos a la Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de Doutorado às pessoas autoras – Código de Financiamento 001. Agradecemos al Programa de Bolsas de Monitoria (PROMOP) de Pós-Graduação do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGCIInfo) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Agradecemos a la Escola de Ciência de Informação (ECI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Agradecemos al Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI).

NOTAS FINALES

¹ Original: "moral concept as well as an epistemic concept. It is the kind of injustice that occurs when someone's right to know is violated" (Coady, 2010, p. 105).

² Original: "[...] in which someone is wronged in their capacity as a giver of knowledge [...]" (Fricker, 2007, p. 5).

³ Original: "[...] so that a person may be, quite literally, prevented from becoming who they are." (Fricker, 2007, p. 5).

⁴ Traducción: "[...] del propio profesional bibliotecario que, sin saberlo, realiza un autocontrol para evitar probables polémicas" (Vergueiro, 1989, p. 59, traducción editorial).

⁵ Traducción: "cuando algo que existe es invisibilizado o tratado como si no existiera" (Silva; Garcez; Silva, 2022, p. 2, traducción editorial).

⁶ Traducción: "[...] ausencia e imposibilidad de hablar, inscribe la presencia de discursos médico-religiosos que imponen a los sujetos una matriz heterosexual, considerada normal, saludable" (Ishimoto; Garcia; Sousa, 2018, p. 365, traducción editorial).

⁷ Traducción: "[...] consiste en la incapacidad del hablante de comunicar su experiencia, pues carece, en el contexto histórico-social, de los conceptos y elementos necesarios para dar sentido a su vivencia" (Correia, 2021, p. 5, traducción editorial).

⁸ Traducción: "[...] la desventaja cognitiva y una marginación (hermenéutica) de los grupos, que acaban participando de forma desigual en las prácticas que construyen significados sociales y comprensiones colectivas" (Correia, 2021, p. 5, traducción editorial).

⁹ Traducción: "[...] silenciar, aniquilar, [...], desvalorizar, expropiar un sistema de conocimiento [...]" (Silva; Garcez; Silva, 2022, p. 6, traducción editorial).

¹⁰ Traducción: "el deseo que las sociedades manifiestan de preservar su memoria es la cuestión del poder, de la necesidad que los diversos grupos sociales tienen de obtener la cohesión social que permita la consecución de sus objetivos y el mantenimiento de sus intereses" (Campello, 2019, p. 22-23, traducción editorial).

¹¹ Traducción: "considera que existe una relación dinámica entre el mundo real y el sujeto, es decir, un vínculo inseparable entre el mundo objetivo y la subjetividad del sujeto [...]" (Silva; Menezes, 2005, p. 20, traducción editorial).

¹² Traducción: "cuando se determina un objeto de estudio, se seleccionan las variables que podrían influir en él, se definen las formas de control y observación de los efectos que la variable produce sobre el objeto" (Silva; Menezes, 2005, p. 21, traducción editorial).

¹³ Traducción: "además de registrar y analizar los fenómenos estudiados, busca identificar sus causas, ya sea mediante la aplicación del método experimental/matemático, o mediante la interpretación que posibilitan los métodos cualitativos" (Severino, 2017, p. 125, traducción editorial).

¹⁴ Traducción: "después de la Segunda Guerra Mundial, varios estudios aplicaron el análisis de contenido con el fin de verificar la influencia de ciertas ideologías transmitidas en los periódicos" (Valentim, 2005, p. 119, traducción editorial).

¹⁵ Traducción: "Se trata de comprender críticamente el significado manifiesto u oculto de las comunicaciones" (Severino, 2017, p. 122, traducción editorial).

¹⁶ Traducción: "contenido de los mensajes, las enunciaciones de los discursos, la búsqueda del sentido de los mensajes, etc" (Severino, 2017, p. 123, traducción editorial).

¹⁷ Traducción: "Las múltiples voces que resuenan en Lampião construyen, en cada edición, la posibilidad de nuevos lugares de enunciacón para el homosexual, además de nuevos significados en sus discursos" (Simões Júnior, 2013, p. 73, traducción editorial).

¹⁸ Traducción: "el cierre de las actividades de Lampião anticipó el fin de un ciclo que, como la redemocratización, liquidó la prensa alternativa y permitió que sus temas fueran reabsorbidos por la prensa mainstream" (Facchini; Simões, 2009 *apud* Coelho, 2014, p. 82, traducción editorial).

¹⁹ Traducción: "Estos libros hablan de ti: de tus pasiones y problemas, de tus alegrías y tormentos. Léelos" (Biblioteca..., 1980, p. 17, traducción editorial).

²⁰ Traducción: "¡Lee ahora!", slogan: "Si te definen como basura en los compendios [sic] de historia, o en las teorías de los intelectuales de moda, lee estos libros. Sus autores tienen algo que decirte" (Leia..., 1978, p. 15, traducción editorial).

²¹ Traducción: "No existe el amor maldito", slogan: "Oscar Wilde tenía razón en su época. Pero las cosas han cambiado, y estos autores muestran por qué [sic]. Lea y aprenda: el antiguo amor maldito es ahora algo bueno" (Sem..., 1978, p. 6, traducción editorial).

²² Título: "Biblioteca Universal Guei"; Subtítulo: "Estos libros tratan de ti: tus pasiones y problemas, tus alegrías y tormentos. Léelos".

²³ Título: "Estos libros tratan de ti"; "Tus pasiones y problemas, tus alegrías y tormentos. Léelos".

²⁴ Traducción: "Para que haya memoria, es necesario que el acontecimiento o el conocimiento registrado salga de la indiferencia, que abandone el reino de la insignificancia. Es necesario que conserve una fuerza para, posteriormente, causar una impresión" (Davallon, 1999 apud Simões Júnior, 2013, p. 52, traducción editorial).

²⁵ Traducción: "[...] tanto nacionales como temáticas, pueden servir también como herramientas auxiliares para la selección, especialmente para la selección retrospectiva" (Vergueiro, 1989, p. 50, traducción editorial).

²⁶ Original: "The bibliographical paradigm does not necessarily imply a positivist description of documents, but may imply a consideration of what documents can do, and how library and information science can support documents in doing important tasks, i.e. a critical and pragmatic perspective." (Hjørland, 2017, online).

²⁷ Traducción: "la prensa [...] es un mecanismo crucial para efectuar la difusión de las ideas políticas" (Coelho, 2014, p. 30, traducción editorial).

²⁸ Memoricidio se refiere al asesinato de la memoria de los pueblos no hegemónicos, realizado intencionalmente para eliminar el patrimonio tangible y simbólico que representa la lucha y la resistencia de los negros y otros pueblos colonizados (Báez, 2010; Missiatto, 2021). Los efectos negativos que recaen sobre las colecciones, el resguardo, los recursos y servicios informativos en una unidad de información cuando son aplacados por el epistemicidio interrumpen la memoria local, institucional, tradicional, etc. Se trata de otra dimensión de borradura, segregación, exclusión e invisibilidad aplicada por agentes de poder sobre sujetos y cuerpos que no encajan en la heteronormatividad (Silva; Garcez; Silva, 2022).

Los archivos comunitarios en el contexto del ambiente científico-técnico-informativo: agentes de la globalización solidaria y de la innovación decolonial

Fernanda Parolo de Mattos Nogueira

Máster en Ciencia de la Información, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil.

Profesora Suplente, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas, Brasil.

Lattes: (<http://lattes.cnpq.br/3259942368161595>)

Correo electrónico: fernandap.m.nogueira@gmail.com

Luciana de Souza Gracioso

Doctorado en Ciencia de la Información (UFF/IBICT)

Profesora Asociado, Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil.

Lattes: (<http://lattes.cnpq.br/4898201916360294>)

Correo electrónico: luciana@ufscar.br

Fecha de envío: 01/09/2022. Fecha de aprobación: 01/03/2023. Fecha de publicación: 22/09/2023.

RESUMEN

Este artículo pretende, a partir del contexto del Ambiente Técnico-Científico-Informacional, discutir el Archivo Comunitario como unidad cultural y como innovación de carácter inclusivo y decolonial. Se caracteriza como una investigación básica, dirigida al desarrollo y profundización del conocimiento, de base cualitativa exploratoria, centrada exclusivamente en el desarrollo de una revisión bibliográfica narrativa, en vista de la naturaleza de los temas que necesariamente habría que estudiar y relacionar. En la defensa de un escenario de Globalización Solidaria, los Archivos Comunitarios se destacan como agentes poderosos, considerando que salvaguardan la diversidad de las memorias, buscando una mayor representatividad de los grupos sociales. Al articular información, cultura, memoria e innovación, son capaces de contribuir al desarrollo solidario de la sociedad. Así, los Archivos Comunitarios, como agentes de la Globalización Solidaria y de la innovación decolonial, pueden ser optimizados a partir de los preceptos y directrices de la Organización de las Naciones Unidas, especialmente, visando el cumplimiento de los Objetivos de Desarrollo Sostenible. Se admite que la Ciencia de la Información y la Archivología en un movimiento interdisciplinario en los estudios informacionales son la fuerza necesaria para la articulación y el diálogo entre los elementos mencionados, con el objetivo de salvaguardar los principios de humanidad, ética, inclusión, respeto y decolonialidad.

Palabras clave: archivos comunitarios; ambiente técnico-científico-informacional; innovación decolonial; globalización solidaria; ciencia de la información.

INTRODUCCIÓN

Partimos de la comprensión de que el contexto actual puede caracterizarse como un Ambiente Técnico-Científico-Informacional, expresión acuñada por el geógrafo y sociólogo brasileño Milton Santos (1994) para entender los flujos de espacios, configuraciones geográficas, desarrollos tecnológicos y formas de vida. En este contexto de comprensión, en el que la técnica, la ciencia y la información convergen a favor del progreso tecnológico y social, es necesario examinar las cuestiones perpendiculares al proceso de innovación.

Big Data, Internet de las Cosas, Inteligencia Artificial son algunos de los términos, por ejemplo, que destacan en la representación social actual, que asume los datos, la información y las tecnologías como insumos del proceso de innovación y progreso de la humanidad. Sin embargo, la innovación, a pesar de ser una alternativa perspicaz que busca la solución de problemas, puede estar involucrada de objetivos parciales que no traen beneficios a la sociedad como un todo. Admitiendo el poder de la innovación para la transformación amplia y efectiva de la sociedad, se entiende que este debe ser un proceso que conlleve los principios de ética, respeto, inclusión y descolonialidad.

Estudios recientes en Ciencia de la Información y Archivología abordan el aspecto decolonial, reiterando la necesidad de una mirada crítica y ética sobre la producción y difusión del conocimiento. En este sentido, Pedro Diaz (2021), al señalar que, históricamente, las narrativas de muchas poblaciones subyugadas fueron borradas y violentadas, reitera que la imaginación archivística es un llamado para que nuestra sociedad preste atención a los movimientos contemporáneos que buscan encontrar respuestas al pasado.

De esta forma, según la autora, “Os arquivos são locais de esperança e aspiração, mas, além disso, os arquivos também são locais de luta política” (Diaz, 2021, p. 10). Al asumir su postura política y ética, los Archivos Comunitarios son poderosos elementos de representatividad de diversos grupos sociales, con sus narrativas plurales, yendo en contra de lo que Adichie (2019), titula como “el peligro de una historia única”. Según la autora:

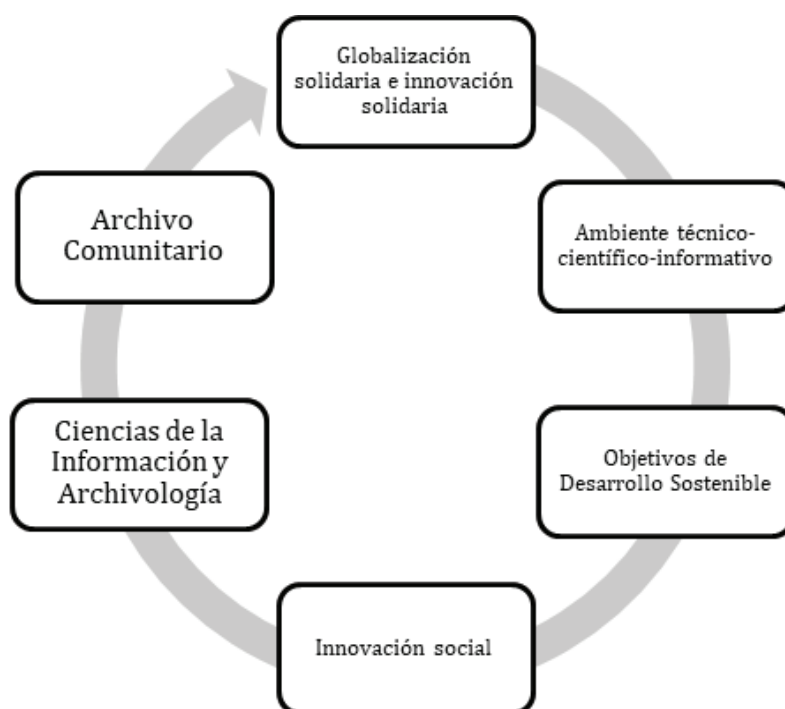
As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (Adichie, 2019, p. 32)

Para contribuir al proceso de empoderamiento y humanización de la sociedad, este artículo presenta los Archivos Comunitarios como agentes relevantes en el Ambiente Técnico-Científico-Informacional, actuando como equipos de resistencia contra la “Globalización Perversa”. Esta discusión pretende intentar visualizar otra innovación: la decolonial, y otra globalización: la solidaria.

RELACIONAR LOS CONCEPTOS

Para desarrollar una discusión teórica sobre la relación entre los conceptos mencionados, es esencial presentarlos y luego relacionarlos en su calidad interdisciplinaria. La figura 1 expresa el movimiento circular de este artículo, relacionando los diferentes conceptos, seguido de su presentación en profundidad.

Figura 1 - Relación entre los conceptos



Fuente: elaboración propia, 2021.

AMBIENTE TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMATIVO COMO CONTEXTO ACTUAL

En esta investigación, utilizamos, como punto de partida, la comprensión de las relaciones contemporáneas a partir de la noción de Ambiente Técnico-Científico- Informativo, propuesta por Milton Santos (1994), relacionando Técnica, Ciencia e Información al espacio geográfico y al proceso de globalización. En la perspectiva de Santos (1994), el espacio geográfico es mixto, configurado como un híbrido entre lo social y lo físico, entre un sistema de objetos y un sistema de acciones, sufriendo transformaciones a lo largo del tiempo. La comprensión de este espacio, como propone el autor, nos ayuda a entender las relaciones entre objetos, técnicas y personas.

De esta forma, según el geógrafo, la evolución de las técnicas pasó por tres momentos a lo largo de la historia: Ambiente Natural, Ambiente Técnico y Ambiente Técnico-Científico-Informativo (Santos, 1994).

El Ambiente Natural se refiere a un período de la historia en el cual la actividad humana estaba en armonía con la naturaleza, en el cual “[...] o homem escolhia da natureza aquilo que era fundamental ao exercício da vida e valorizava diferentemente essas condições naturais, as quais, sem grande modificação, constituíam a base material da existência do grupo.” (Santos, 1994, p. 70)¹.

El Ambiente Técnico se caracteriza por la confluencia entre el espacio natural y el artificial, en el cual hay una significativa sustitución de los objetos naturales por objetos técnicos, que puede ser ejemplificada por el uso de máquinas y nuevas tecnologías para las actividades humanas, teniendo como momentos representativos, la Primera Revolución Industrial y la Segunda Revolución Industrial (Santos, 1994). El Ambiente Técnico encadenó el advenimiento del ambiente en que vivimos actualmente: el Ambiente Técnico- Científico-Informacional, en el cual están presentes el sistema capitalista y el proceso de globalización, basados en la ciencia, en la técnica y en la información (Santos, 1994). Aún según el autor

O meio geográfico em via de constituição (ou de reconstituição) tem uma substância científico-tecnológico informacional. Não é nem meio natural, nem meio técnico. A ciência, a tecnologia e a informação estão na base mesma de todas as formas de utilização e funcionamento do espaço [...]. A informação tanto está presente nas coisas como é necessária à ação realizada sobre essas coisas. Os espaços assim requalificados atendem sobretudo a interesses dos atores hegemônicos da economia e da sociedade, e assim são incorporados plenamente às correntes de globalização (Santos, 1994, p. 24)².

En este sentido, la información es utilizada como un instrumento más para el mantenimiento del poder y la perpetuación de las desigualdades sociales, o como señala Freire(2006, p. 58)³:

“[...] a globalização representa a materialização de um paradigma que toma corpo a partir do momento em que um novo insumo assume papel de ‘fator-chave’ no desenvolvimento das forças produtivas: a informação”.

Santos (2000) apunta a un escenario de Globalización Perversa, sustentada por un sistema capitalista voraz, en el que, involuntariamente -o intencionalmente- acaba, al globalizar, uniformizando a las personas, monopolizando la información, la cultura, el pensamiento y los deseos, formando seres humanos cada vez más consumidores y menos ciudadanos.

Otra crítica a esta coyuntura sería el fortalecimiento de jerarquías y polarizaciones, potenciadas por un ambiente de consumo por el consumo, que son “[...] a fonte de novos totalitarismos, mais facilmente aceitos graças à confusão dos espíritos que se instalam” (Santos, 2000, p. 19)⁴. Santos (1994) señala que el proceso de globalización ha unificado las cosas, sin embargo, no ha unido a las personas y así, en vez de unirnos, nos hemos uniformado, y también que “Todos os lugares são mundiais, mas não há um espaço mundial. Quem se globaliza mesmo são as pessoas [...]” (Santos, 1994, p. 13)⁵.

Siempre según el autor, la globalización se presenta como una fábula que, al ser percibida por grupos situados en los márgenes de la sociedad, se desmitifica. De esta forma, en la “[...] cidade atual a força [...] é dos ‘lentos’, [pois não] comungam com as imagens, frequentemente pré-fabricadas, [...] [que são distantes da realidade e assim] [...] acabam por descobrir as fabulações” (Santos, 1994, p. 41)⁶. Tales grupos, con sus resistencias, pueden ser ejemplificados como: mujeres, negros y negras, indígenas, comunidad LGBTQIA+, entre otros, que, al reivindicar sus espacios y voces, hacen que la sociedad sea cada vez más diversa, plural y pacífica.

En este sentido, Milton Santos (2002) presenta un escenario virtuoso y democrático, que denomina Globalización Solidaria, un modelo de sociedad globalizada, respetuosa de las diferencias y singularidades de las identidades individuales y grupales, basada en los valores de la ciudadanía y la solidaridad. En palabras del geógrafo

Um mundo solidário produzirá muitos empregos, ampliando um intercâmbio pacífico entre os povos e eliminando a belicosidade do processo competitivo, que todos os dias reduz a mão-de-obra. É possível pensar na realização de um mundo de bem-estar, onde os homens serão mais felizes, um outro tipo de globalização (Santos, 2002, p. 80)⁷.

Sin embargo, el Régimen Informativo se confirma como una noción complementaria a la comprensión de estos fenómenos y sus relaciones. Según González de Gómez (2012), sería el modo informativo dominante en una sociedad determinada, relacionado con aspectos como la política, la información y el poder. El autor indica que “[...] parecería ser uma ferramenta interessante para situar e analisar as relações de uma pluralidade de atores, práticas e recursos, à luz da transversalidade específica das ações, meios e efeitos de informação [...]” (González De Gómez, 2012, p. 43)⁸. También en palabras de González de Gómez (2012, p. 43)⁹ sería “[...] como um plexo de relações e agências, um regime de informação está exposto a certas possibilidades e condições culturais, políticas e econômicas, que nele se expressam e nele se constituem”.

De esta forma, se argumenta que la lista de actores involucrados en un Régimen de Información en el contexto del Ambiente Técnico-Científico-Informacional debe ser plural y diversa, para posibilitar la innovación decolonial. Así, se enfatiza que el entendimiento alcanzado, a partir de lo anterior, es que es esencial admitir y valorar el conocimiento plural para fines sociales, en lugar de sobrevalorar los datos y la información como mecanismos económicos únicamente. Dado que Burke (2016) nos dice que estamos “ahogados en información” y “hambrientos de conocimiento”, para no ahogarnos en datos y alimentarnos de conocimiento, es necesario asumir una postura emancipadora.

INFORMACIÓN E INNOVACIÓN DESCOLONIALES COMO CAMINO A SEGUIR

Innovar requiere revisar posturas, paradigmas y creencias, siendo una actitud basada en la imaginación, la creatividad, la cooperación, en la que se relacionan varios actores: personas, empresas, instituciones de investigación y educación, ciencia, datos, información y conocimiento, tecnologías, sin olvidar la característica humana a la que está ligada.

Debe ser inclusiva y dirigida a todos, para que no se convierta en otro mecanismo de control y colonización y para que la sociedad sea innovadora y más sabia en conjunto, como un todo.

Los datos, la información y el conocimiento son los insumos necesarios para que la innovación ocurra en las organizaciones, empresas, instituciones y gobiernos. Innovar es más allá de pensar una nueva idea, aplicar esta buscando resultados que transformen, creen y mejoren la calidad de vida de la sociedad, involucrando una lista de segmentos sociales, siendo que “[...] as relações entre ciência, tecnologia e desenvolvimento são interativas, [...] tendo as pessoas como principal força propulsora de um ciclo virtuoso, a pesquisa como base, a inovação como vetor e o desenvolvimento como consequência” (Audy, 2017, p. 75)¹⁰.

Para que los principios éticos y humanos sean respetados en el proceso de innovación, las unidades culturales, entre ellas, los archivos, bibliotecas y museos actúan como agentes esenciales en este proceso, proporcionando un movimiento de organización, difusión, acceso, uso y democratización de la información. Sobre este tema, Freitas y Silva (2016) indican que una mayor preocupación con el acceso a la información se intensificó después de la valoración de la información como insumo para el desarrollo de la sociedad y a partir de la expansión de las Tecnologías de la Información y Comunicación, factores que reforzaron la noción de la información como un derecho del individuo, con sus necesidades informativas en el centro.

Hablar de innovación plantea no sólo pensar en datos, información y conocimiento, sino traer otros aspectos relevantes como: redes colaborativas, gestión de la innovación y *crowdsourcing*. Para que la innovación ocurra, es necesario pensar en la formación de una red colaborativa que proporcione el compromiso de los actores, el intercambio de conocimientos y experiencias.

Según Alves y Paixão (2017, p. 464)¹¹ “[...] a ideia é que estas redes ao cruzarem inovação, e aprendizado, ao ambiente de pessoas dispostas a compartilhar conhecimento, efetiva-se então um processo de fusão do conhecimento”.

La gestión de la innovación aparece como una forma de actuar en el desarrollo, implementación, gestión y evaluación de las condiciones, ya sean ambientales o culturales, para estimular la innovación, consistiendo en un conjunto de actividades, procesos y acciones que permiten que la innovación sea continua (Stefanovitz; Nagano, 2009). La gestión de la innovación, ya sea en el contexto de las organizaciones, o más ampliamente, como las ciudades, requiere la articulación y el diálogo constante de los diversos actores. Para que una región se desarrolle de forma más inteligente y humana, la innovación debe articular ciencia, tecnología y sociedad, respetando los principios éticos y los derechos humanos, además de valorar el conocimiento a nivel colectivo, comunitario local e interdisciplinario. Así, “[...] as nações mais inovadoras são aquelas em que o cruzamento dos diferentes saberes é incentivado e alimentado por um sistema de inovação em que a interdisciplinaridade é privilegiada” (Reis; Pinheiro; Cardoso, 2017, p. 15)¹².

En un ecosistema de innovación, es importante prestar atención a los datos, informaciones y conocimientos expresados por la población, prerrogativa que subyace al concepto de *Crowdsourcing*. Según Chieh Lu, Gracioso y Amaral (2018), este término expresa “[...] a ‘fonte da multidão’ – ou seja, crowdsourcing designa uma prática que utiliza da inteligência coletiva para gerar inovação (aberta ou social)” (Lu; Gracioso; Amaral, 2018, p. 2910)¹³.

De esta forma, hay una mayor y más efectiva participación de la sociedad en la construcción de su región, posibilitada por el uso de tecnologías digitales y la valorización del ciclo datos-información-conocimiento para la toma de decisiones y el desarrollo municipal, estatal y nacional.

En este sentido, los lugares son el escenario de la innovación, y “As cidades são as plataformas para mudanças globais e locais no século XXI. Paisagens urbanas são os espaços de convergência de economias, culturas, sistemas políticos e ecológicos” (Onu Habitat, 2016, p. 161)¹⁴.

A pesar de los aspectos positivos de la innovación y el desarrollo tecnológico, sería frívolo no señalar las dificultades y exclusiones que conlleva este proceso. Inicialmente, partimos del argumento de Partridge (2004), quien afirma que existe una ‘brecha digital’ en la contemporaneidad, es decir, la desigualdad digital es sólo una de las expresiones de la desigualdad social. El autor aclara que la ‘brecha digital’, con la sociedad cada vez más dividida entre los que son ‘ricos’ en información y los que son ‘pobres’ en información. Rampazzo y Vasconcellos (2019, p. 29)¹⁵ señalan que “[...] este é o lado fragmentador e desigual da globalização, já que não se dissemina de maneira homogênea e igualitária pelo mundo. As cidades em tempos de globalização são caracterizadas por diversos contrastes sociais”. Se subraya que la sofisticación de las tecnologías no es garantía de generación de conocimiento, por lo que la tecnología debe verse como un medio y no como un fin, como una posibilidad de mayor inclusión y democratización.

La innovación aún no se encuentra en un momento ideal de inclusión y equidad, ya que este proceso puede volverse colonial, a veces influenciado por preceptos neoliberales. Con base en este argumento, presentamos las ideas de Jiménez y Roberts (2019), quienes señalan otra innovación, basada en el concepto andino del *Buen Vivir*, una alternativa de innovación basada en la solidaridad y la comunidad. Dado que las realidades y culturas son variadas y distintas en el mundo, este artículo argumenta que el proceso de innovación es igualmente variado y diverso, ya que, según Jiménez y Roberts (2019), los modelos de innovación del Norte Global a menudo terminan siendo reproducidos acríticamente en el Sur Global, silenciando involuntariamente el conocimiento local y los valores culturales.

Considerando que la innovación, así como la mayoría de los procesos, no es neutral, puede terminar siendo utilizada para el mantenimiento de jerarquías y grupos de poder, como señalan Jiménez y Roberts (2019) indicando que los estudios en Ciencia y Tecnología muestran que dicho proceso refleja valores políticos e ideológicos dominantes, individualistas y neoliberales. De esta manera, presentan que

[...] seguindo o paradigma *Buen Vivir*, a inovação assume uma forma coletiva que apoiaria o respeito mútuo um pelo outro e pelo mundo natural. Processos coletivos seriam valorizados e a inovação estaria efetivamente beneficiando os bens comuns, em vez dos indivíduos.. (Jimenez; Roberts, 2019, p. 187, tradução nossa)¹⁶.

Además, dejan la pregunta: “[...] em um mundo cada vez mais desigual, com enormes riscos ambientais e ecológicos, uma ‘Outra inovação é possível?’” (Jimenez; Roberts, 2019, p. 187, tradução nossa)¹⁷. En vista de lo anterior, es válido argumentar que otra innovación es posible y, considerando los propósitos del presente estudio, esto se llevaría a cabo principalmente con la ayuda de unidades culturales, especialmente archivos y Archivos Comunitarios.

LOS ARCHIVOS COMUNITARIOS COMO AGENTES DE INNOVACIÓN Y GLOBALIZACIÓN SOLIDARIA

Según Caldas (2008), las unidades culturales son espacios de producción, organización y difusión de información y conocimiento, actuando directamente sobre la economía, la política y la cultura del lugar donde se inserta, siendo que “[...] as unidades culturais (UCs) alcançam uma grande repercussão nas suas localidades e fazem do conhecimento o diferencial para o crescimento da esfera cultural nas suas comunidades” (Caldas, 2008, p. 59)¹⁸. Entre las diversas unidades culturales, en este artículo se destacó el archivo como agente de desarrollo científico, tecnológico y cultural, activo en la minimización de los efectos negativos de las desigualdades, precisamente porque proporcionan acceso a la “información rica” en contraste con la “información pobre” (Partridge, 2004).

Son equipamientos de poder de información, importantes para la salvaguarda de la memoria, para la transparencia de la gestión pública, para el fortalecimiento de la ciudadanía, estratégicos para el proceso de innovación y principalmente son herramientas de inclusión social y de incorporación de diversas voces en el registro de la historia humana.

Actualmente, los archivos son de diversos tipos: públicos o privados, pertenecientes a una organización, persona o familia, municipales, estatales o federales, y también pueden ser archivos comunitarios. En este artículo, son de especial interés los archivos públicos, por contemplar los documentos con información sobre la memoria colectiva y sobre la gestión pública, y los Archivos Comunitarios, por englobar y representar las voces de diversos grupos sociales. Bellotto (2004) presenta que los archivos, además de cuidar el patrimonio documental, proporcionan que los documentos de archivo sean utilizados para fines científicos, sociales y culturales. Caldas (2011, p. 57)¹⁹ refuerza este argumento al indicar que “[...] os arquivos redimensionam seus espaços estruturais em condicionantes paralelos do ambiente político, econômico e social das comunidades e traduzem a sociedade e sua esfera orgânica de atuação informacional”. Oliveira (2019) indica que los archivos públicos son relevantes en la planificación y gestión de las ciudades, atribuyéndoles mayor inteligencia, ya que posibilitan el acceso y uso de la información.

Sin perjuicio de la finalidad archivística de salvaguardar la memoria y difundir información, con el propósito de escuchar y registrar diferentes voces y con fines de reparación histórica, los Archivos Comunitarios transversalizan diversos aspectos: comunidad, valor del lugar, identidad, prácticas independientes, autonomía, valorización de la memoria de diferentes grupos sociales, justicia social, documentar para salvaguardar, decolonialidad, poder y política, movimientos sociales, entre otros.

En el Archivo Comunitario, la comunidad es quien controla la narrativa, ya que las acciones de registro, organización y disseminación de la información son realizadas colectivamente. Tal comportamiento se muestra como una actividad de salvaguardia de la memoria y del patrimonio cultural, además de garantizar la representatividad del grupo social, siendo relevante el “[...] ativismo arquivístico, que vê a produção de história como uma prática participativa, uma forma de atividade cultural e política” (Gilliland; Flinn, 2013, p. 9, tradução nossa)²⁰. Sin embargo, en esta investigación, se sostiene que los archivos y la salvaguarda de la memoria deben reflejar al pueblo en su conjunto y en todas sus formas, encarnando lo que DeMarco (2016) sostiene al expresar que los archivos deben ser reflejados para el pueblo y por el pueblo. De esta manera, la participación ciudadana es esencial, en asociación con los archiveros para salvaguardar las memorias de los grupos sociales, fortaleciéndolas, siendo que, como señala Poole (2020, p. 668, tradução nossa)²¹ “[...] o trabalho de informação dos arquivos comunitários afirma a natureza politizada do lugar e do espaço”.

Siguiendo un movimiento global de fortalecimiento de la memoria de grupos históricamente *periféricos*, como mujeres, negros y negras, indígenas, comunidad LGBTQIA+, entre otros, existen en Brasil iniciativas de archivo comunitario, que pueden ser observadas, entre muchos espacios, en la literatura en Ciencia de la Información, por ejemplo, en estudios localizados en los Grupos de Trabajo (GT) 9 ‘Museo, Patrimonio e Informação’ y 10 ‘Informação e Memória’, del Encontro Nacional de Investigación en Ciência de la Informação (Enancib, *online*). En el núcleo de estos GT, se señalan experiencias saludables de Archivos Comunitarios, abordando la resistencia, la decolonialidad, la inclusión y la democratización de la información.

En resumen, los archivos son equipos de innovación en potencia y van más allá, pues al ser unidades culturales pueden garantizar que la innovación sea decolonial, que las historias y memorias, al quedar registradas, sean respetadas y protegidas. Son capaces de articular actores, temas y objetivos diversos, fomentando la creatividad y la solidaridad. Los Archivos comunitarios, democráticos y vivos son el camino hacia una sociedad más pacífica, siendo los elementos necesarios para alcanzar la Globalización Solidaria.

LOS OBJETIVOS DE DESARROLLO SOSTENIBLE COMO NORTE

Considerando que los archivos son unidades culturales esenciales para la inteligencia de las sociedades e instrumentos de ciudadanía, memoria e información, constituyen equipamientos estratégicos para la innovación con un sesgo comunitario, inclusivo y descolonial. Para asumir este papel dentro del Ambiente Técnico-Científico-Informacional, apuntando a un escenario de Globalización Solidaria, en el que la innovación sea democrática y descolonializada, es necesario basarse en valores, ideas, directrices y políticas que puedan ayudar a orientar sus acciones, como la Agenda 2030, con los Objetivos de Desarrollo Sostenible (ODS).

La Agenda 2030 se creó en 2015 y se configura como un plan de acción de las Naciones Unidas (ONU) para la realización de los ODS en los siguientes 15 años. Son un total de 17 objetivos más 169 metas, que abarcan diferentes ámbitos de actuación de forma equilibrada e integrada, como el económico, el social y el medioambiental (ONU, [201-]). La figura 2 ilustra los ODS.

Figura 2 - Objetivos de Desarrollo Sostenible



Fuente: ONU, [201-].

Se destaca en esta coyuntura, según Vitoriano (2021), el objetivo 4) Educación de Calidad, que puede incorporar al archivo ubicándolo como herramienta educativa en instancias formales y no formales; el objetivo 9) Industria, Innovación e Infraestructura, en el que podemos pensar que el archivo es un agente de innovación, siendo “[...] impossível falar de desenvolvimento sem falar em dados, informação e conhecimento, especialmente na inovação” (Vitoriano, 2021, p. 353)²²; el objetivo 10) Reducción de las desigualdades, que sitúa a esta institución de información como pilar para el acceso a una información de calidad y fiable; objetivo 12) Consumo y Producción Responsables, espacio en el que el archivo se ve fortalecido por su capacidad de información y memoria, contribuyendo a la mejora de servicios y productos (Vitoriano, 2021).

Además, de acuerdo con el autor, se relaciona con el objetivo 11) Ciudades y Comunidades Sostenibles y el Objetivo 16) Paz, Justicia e Instituciones Eficaces, en el que el archivo se puede destacar como un agente en la expansión de la recuperación y el acceso democrático a la información y la promoción de la paz, por lo que la necesidad de fortalecer estas unidades.

Al poner el archivo en relevancia con los ODS, se destaca la importancia de estos para el desarrollo humano y sostenible de la sociedad, así como un “[...] nova abordagem dos arquivos, enquanto instituição de preservação e acesso à informação, numa perspectiva de atuação integrada aos diversos temas da sociedade” (Vitoriano, 2021, p. 353)²³. Con esto, podemos inferir que Archivos fortalecidos y Archivos Comunitarios, a partir de políticas públicas, inspirados en el cumplimiento de los ODS y la Agenda 2030, por ejemplo, pueden convertirse en agentes de construcción y reconstrucción de la sociedad.

CONSIDERACIONES FINALES

Se observa que las ideas y prácticas innovadoras, que además respetan la memoria y la historia de un pueblo, son potencialmente positivas para mejorar la calidad de vida de la población. Dado que la información es la base para que se produzca el proceso de innovación, el Archivo Comunitario como equipamiento de poder de información es un agente esencial para garantizar los principios de representatividad de los diversos grupos sociales, salvaguardando la memoria y la ciudadanía. Asumiendo que el archivo es una unidad cultural esencial para el proceso de innovación, ya que no hay innovación sin información y memoria, se considera que la presencia de archivos en las comunidades, ciudades, estados y países es esencial para el desarrollo socialmente sostenible.

Esta presencia debe ser asegurada a través de un esfuerzo de diversos actores sociales, por ejemplo, gobiernos, sociedad civil e iniciativa privada, utilizando herramientas como leyes, políticas públicas, prácticas ciudadanas, archivos comunitarios y directrices internacionales como los ODS, que siempre deben respetar las necesidades y conocimientos locales.

Trabajar de forma transversal con los diferentes conceptos que fueron traídos en este estudio demostró ser un intento de alcanzar un escenario de instituciones fuertes, capaces de actuar y garantizar que la innovación sea constante y, además, sea social, democrática y decolonial, para que podamos realmente vivir el escenario de la Globalización Solidaria. Si anhelamos un mundo que tenga como pilar la solidaridad, en el que el ciclo dado-información-conocimiento sea para fortalecer la ciudadanía y no para reforzar los grupos de poder, es necesario pensar en una mayor cooperación de los actores sociales, con una actitud amistosa y decolonial.

La Ciencia de la Información, en su cualidad interdisciplinar, puede funcionar como un vector, una fuerza que aglutine y posibilite la cooperación de diferentes actores sociales para garantizar información para la transformación, información para la innovación, información para la decolonialidad. El resultado de ello será un Ambiente Tecno-científico-Informacional acorde con una Globalización Solidaria, un mundo donde la información no desinforme, donde la ciencia no sea desacreditada por posverdades, donde los algoritmos no reproduzcan los prejuicios humanos, donde la tecnología no excluya sino que incluya, donde se promueva la paz, se reduzca la pobreza y la desigualdad social, donde haya más equidad y respeto.

Considerando que los Archivos Comunitarios son instrumentos de transformación de la información, que con los ODS pueden fortalecerse como instituciones de promoción de la paz, necesitan de una base académico-científica para su desarrollo.

Teniendo en cuenta este factor, se reitera que los estudios desde la Ciencia de la Información y la Archivología son la fortaleza necesaria para la implementación del archivo como instrumento de Globalización Solidaria e innovación decolonial en el Ambiente Informático-Científico-Técnico. Este artículo se realiza en el ámbito de la Ciencia de la Información y abarca la contribución de diversos campos del conocimiento, discutiendo de forma inter, multi y transdisciplinar el tema de investigación, situando como puntos de aproximación entre las áreas: información, innovación y archivo. La proximidad con la Archivología es evidente, por lo que surgió la inquietud de adentrarse en el universo archivístico para comprender el papel del Archivo Comunitario en la actualidad.

Así, no sería plausible intentar interpretar y comprender la sociedad actual sin abordar el papel del ciclo datos-información-conocimiento, el proceso de innovación y sus límites y la importancia de los Archivos Comunitarios como unidades culturales promotoras de paz. Si el espacio se caracteriza como un Ambiente Técnico-Científico-Informacional y la sociedad vive un escenario de capitalismo feroz, neoliberalismo y Globalización Perversa, ¿quiénes serían los actores capaces de revertirlo? Depende de nosotros, seres humanos, deshacernos de la postura narcisista y antropocéntrica y asumirnos como otros actores en un espacio que abarca a todos los seres vivos, actitud que reforzará un mayor cuidado y armonía con la naturaleza. Además, nos corresponde restaurar los valores de solidaridad y colectividad, transformando nuestro entorno a partir de la información de calidad, el respeto a la diversidad cultural y la innovación decolonial.

Las unidades culturales, especialmente los Archivos Comunitarios, son una alternativa virtuosa para la consecución de un escenario de Globalización Solidaria, de ciudades inteligentes y humanas, de Innovación *del Buen Vivir* y sería positivo que fueran valorados como agentes potenciadores del bienestar colectivo y de la paz, ya que son instituciones de información y ésta se asume como catalizadora del desarrollo económico, cultural y social.

El equipamiento del Archivo Comunitario puede ayudar en la minimización de los efectos negativos de la Globalización Perversa y en la democratización de la información, en la salvaguarda de la memoria de los diversos pueblos y para el proceso de innovación decolonial. Partir de premisas que pueden sonar utópicas, como la Globalización Solidaria, puede inspirarnos para buscar la realización de un espacio ideal en el que el desarrollo y la innovación estén en armonía con la ética y la humanidad. El respeto a la diversidad de lugares e identidades culturales en un mundo globalizado puede ser el primer paso hacia la transformación de la utopía en realidad. Para concluir, reiteramos la indispensabilidad de un pensamiento y una actitud inter, multi y transdisciplinarios, basados en la cooperación y la solidaridad, en busca de una sociedad de unidad y equidad, cuyos resultados observaremos con el tiempo, en las voces plurales de nuestros hijos.

A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora. Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância. O eco da vida-liberdade (Evaristo, 2017, p. 24-25)²⁴.

AGRADECIMIENTOS

ADICHIE, C. N. *O perigo de uma história única*. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALVES, M.; PAIXÃO, A. Modelos de gestão do conhecimento em redes de inovação colaborativa. In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON TECHNOLOGICAL INNOVATION, 8., 2017, Aracaju. *Anais* [...]. Aracaju, 2017. p. 461-469. Disponible en: <http://www.api.org.br/conferences/index.php/ISTI2017/ISTI2017/paper/viewFile/233/184>. Acceso en: 12 mayo 2020.

AUDY, J. A inovação, o desenvolvimento e o papel da Universidade. *Estudos Avançados*, [s. l.], v. 31, n. 90, p. 75-87, 2017. Disponible en: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142017000200075&lng=en&nrm=iso. Acceso en: 4 abril 2020.

REFERENCIAS

BELLOTTO, H. L. *Arquivos permanentes*: tratamento documental. Rio de Janeiro: FGV editora, 2004.

BURKE, P. *O que é a história do conhecimento?* Tradução: Claudia Freire. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

CALDAS, R. F. *Unidades Culturais em Cidades Inteligentes*: proposta de modelo de práticas organizacionais baseado em casos europeus. Orientador: João Álvaro Brandão Soares de Carvalho. 2008. 400 f. Tese (Doutorado na Área Tecnologia e Sistemas de Informação) - Universidade do Minho, Portugal, 2008. Disponible en: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8858>. Acceso en: 24 oct. 2019.

CALDAS, R. F. Bibliotecas, arquivos e museus como centros de referência na dimensão cultural das comunidades. *Informação e Sociedade*: Estudos, João Pessoa, v. 21, n. 3, p. 57-69, sept./dic. 2011. Disponible en: <http://hdl.handle.net/11449/72651>. Acceso en: 24 oct. 2019.

DEMARCO, C. Community and Cultural Chronicles: Archives Reflected for the People by the People. *The iJournal*: Graduate Student Journal of the Faculty of Information, [s. l.], v. 1, n. 1, 2016.

DIAZ, P. Critical archives for decolonial literacies: Cultural trauma, biography art and neo-documentalism. *The International Review of Information Ethics*, Edmonton, Canada, v. 30, n. 1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.29173/irie390>.

ENANCIB. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. *Coordenações e Ementas de GT*. Online. Disponible en: <https://ancib.org/coordenacoes-e-ementas-de-gt/>. Acceso en: 22 jun. 2021.

EVARISTO, C. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FREIRE, I. M. Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local. *Ciência da informação*, Brasília, v. 35, n. 2, p. 58-67, maio/ago. 2006. Disponible en: <https://www.scielo.br/pdf/ci/v35n2/a07v35n2.pdf>. Acceso en: 7 enero. 2021.

FREITAS, M. C.; SILVA, C. G. O novo e o atual na Arquivística internacional: a desmaterialização, a interoperabilidade, a organização e o uso da informação em evidência (2011-2016). In: ENCONTRO NACIONAL DE ARQUIVOS MUNICIPAIS, 12., 2016, Castelo Branco. *Anais* [...]. Castelo Branco. 2016. Disponible en: https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/36480/1/Art_01_BAD_2016.pdf. Acceso en: 15 dic. 2020.

GILLILAND, A.; FLINN, A. Community archives: What are we really talking about? In: CIRN PRATO COMMUNITY INFORMATICS CONFERENCE, 2013, Prato, Itália. *Anais* [...]. Prato, Itália, 2013. Disponible en: https://www.monash.edu/_data/assets/pdf_file/0007/920626/gilliland_flinn_keynote.pdf. Acceso en: 15 dic. 2020.

GONZALÉZ DE GÓMEZ, M. N. Regime de informação: construção de um conceito. *Informação e Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 43-60, set./dez. 2012. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2015/12/pdf_3c42553162_0000011948.pdf. Acesso em: 30 nov. 2020.

JIMENEZ, A.; ROBERTS, T. Decolonising Neo-Liberal Innovation: Using the Andean Philosophy of 'Buen Vivir' to Reimagine Innovation Hubs. *International Conference on Social Implications of Computers in Developing Countries*, Springer, Cham, v. 552, apr. 2019.

LU, Y. C.; GRACIOSO, L. S.; AMARAL, R. M. Crowdsourcing como recurso de produção do conhecimento e da inovação: uma análise sobre seu uso potencial em bibliotecas universitárias. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. *Anais [...]*. Londrina: UEL, 2018. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/view/1102/1598. Acesso em: 12 mayo 2020.

OLIVEIRA, T. A. *Arquivos públicos como centros informacionais no contexto de cidades inteligentes ibero-americanas*. 228 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Marília, São Paulo. 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/182298>. Acesso em: 30 nov. 2019.

ONU. A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. *Plataforma Agenda 2030*. [201-]. Disponível em: <http://www.agenda2030.org.br/sobre/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

PARTRIDGE, H. L. Developing a human perspective to the digital divide in the smart city. 2004. In: AUSTRALIAN LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION BIENNIAL CONFERENCE, 2004, Queensland Australia. *Proceedings [...]*. Brisbane, Australia, 2004.

POOLE, A. H. The information work of community archives: a systematic literature review. *Journal of Documentation*, [s. l.], v. 76, n. 3, p. 657-687, 2020. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JD-07-2019-0140/full/html>. Acesso em: 15 dic. 2020.

RAMPAZZO, R. F. P.; VASCONCELOS, F. N. Cidades inteligentes e (quase) humanas. *Revista Políticas Públicas e Cidades*, Belo Horizonte, v. 8, n. 4, p. 27-39, 2019. Disponível em: <https://rppc.emnuvens.com.br/RPPC/article/view/359>. Acesso em: 12 mayo 2020.

REIS, R. C.; PINHEIRO, M. M. K.; CARDOSO, A. M. P. Inovação na economia do conhecimento: uma perspectiva interdisciplinar. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. *Anais [...]*. Marília: UNESP, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/104566>. Acesso em: 22 jun. 2020.

SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 30 ed. São Paulo: Record Editora, 2000.

SANTOS, M. *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo: PubliFolha, 2002.

STEFANOVITZ, J.; NAGANO, M. S. Gestão da inovação: proposta de síntese conceitual. In: ENCONTRO DA ANPAD, 33., 2009, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/GCT643.pdf>. Acesso em: 12 mayo 2020.

UN HABITAT. *World cities report 2016 Urbanization and Development: emerging futures*. 2016. Disponível em: <https://wcr.unhabitat.org/wpcontent/uploads/sites/16/2016/05/WCR-%20Full-Report-2016.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2020.

VITORIANO, M. C. C. P. Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e Políticas Arquivísticas: o papel dos arquivos municipais na Agenda 2030. *RICI: Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, v. 14, n. 1, p. 349-361, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/153366>. Acesso em: 20 marzo. 2021.

AGRADECIMIENTOS

A la Coordinación de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Superior (Capes).

Al Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

NOTAS FINALES

¹ Traducción: “[...] el hombre escogía de la naturaleza lo que era fundamental para el ejercicio de la vida y valoraba diferentemente esas condiciones naturales, que, sin muchas modificaciones, constituían la base material de la existencia del grupo” (Santos, 1994, p. 70, traducción editorial).

² Traducción: “El medio geográfico en proceso de constitución (o reconstitución) tiene una sustancia informativa científico-tecnológica. No es ni un ambiente natural ni un ambiente técnico. La ciencia, la tecnología y la información están en la base misma de todas las formas de utilización y explotación del espacio [...]. La información está presente en las cosas y es necesaria para la acción que se realiza sobre ellas. Los espacios así recalificados responden sobre todo a los intereses de los actores hegemónicos de la economía y la sociedad, por lo que se incorporan plenamente a las corrientes de la globalización” (Santos, 1994, p. 24, traducción editorial).

³ Traducción: “[...] la globalización representa la materialización de un paradigma que toma forma a partir del momento en que un nuevo insumo asume el papel de ‘factor clave’ en el desarrollo de las fuerzas productivas: la información”. (Freire, 2006, p. 58, traducción editorial).

⁴ Traducción: “[...] fuente de nuevos totalitarismos, más fácilmente aceptados gracias a la confusión de espíritus que se instalan” (Santos, 2000, p. 19, traducción editorial).

⁵ Traducción: “Todos los lugares son globales, pero no existe un espacio mundial. Las personas son las que se globalizan” (Santos, 1994, p. 13, traducción editorial).

⁶ Traducción: “[...] ciudad actual, la fuerza [...] es de los ‘dentos’, [pues no] comulgan con las imágenes, muchas veces prefabricadas, [...] [que se alejan de la realidad y así] acaban descubriendo las fabricaciones” (Santos, 1994, p. 41, traducción editorial).

⁷ Traducción: “Un mundo solidario producirá muchos empleos, ampliando el intercambio pacífico entre los pueblos y eliminando la belicosidad del proceso competitivo, que cada día reduce la mano de obra. Es posible pensar en la realización de un mundo de bienestar, donde los hombres serán más felices, otro tipo de globalización” (Santos, 2002, p. 80, traducción editorial).

⁸ Traducción: “[...] parecería una herramienta interesante para situar y analizar las relaciones de una pluralidad de actores, prácticas y recursos, a la luz de la transversalidad específica de las acciones, medios y efectos de la información [...]” (González De Gómez, 2012, p. 43, traducción editorial).

⁹ Traducción: “[...] como plexo de relaciones y agencias, un régimen de información está expuesto a determinadas posibilidades y condiciones culturales, políticas y económicas, que se expresan y constituyen en él” (González De Gómez, 2012, p. 43, traducción editorial).

¹⁰ Traducción: “[...] las relaciones entre ciencia, tecnología y desarrollo son interactivas, [...] teniendo a las personas como principal motor de un ciclo virtuoso, la investigación como base, la innovación como vector y el desarrollo como consecuencia” (Audy, 2017, p. 75).

¹¹ Traducción: “[...] la idea es que estas redes al cruzar la innovación, y el aprendizaje, al entorno de personas dispuestas a compartir conocimientos, es entonces efectivo un proceso de fusión de conocimientos” (Alves; Paixão, 2017, p. 464, traducción editorial).

¹² Traducción: “[...] las naciones más innovadoras son aquellas en las que la intersección de diferentes conocimientos es estimulada y alimentada por un sistema de innovación en el que se privilegia la interdisciplinariedad” (Reis; Pinheiro; Cardoso, 2017, p. 15, traducción editorial).

¹³ Traducción: “[...] el ‘crowd sourcing’ - es decir, el crowdsourcing designa una práctica que utiliza la inteligencia colectiva para generar innovación (abierto o social)” (Lu; Gracioso; Amaral, 2018, p. 2910, traducción editorial).

¹⁴ Traducción: “Las ciudades son las plataformas para el cambio global y local en el siglo XXI. Los paisajes urbanos son los espacios de convergencia de economías, culturas, sistemas políticos y ecológicos” (Onu Habitat, 2016, p. 161, traducción editorial).

¹⁵ Traducción: “[...] este es el lado fragmentador y desigual de la globalización, ya que no se extiende homogénea e igualmente por todo el mundo. Las ciudades en tiempos de globalización se caracterizan por diversos contrastes sociales”. (Rampazzo; Vasconcellos, 2019, p. 29, traducción editorial).

¹⁶ Original: “[...] following the Buen Vivir paradigm, innovation takes a collective form that supports mutual respect for each other and the natural world. Collective processes would be valued and innovation would be effectively benefiting common goods, instead of individuals.” (Jimenez; Roberts, 2019, p. 187).

¹⁷ Original: “[...] in an increasingly unequal world, with enormous environmental and ecological risks, is ‘Another innovation possible?’” (Jimenez; Roberts, 2019, p. 187).

¹⁸ Traducción: “[...] las unidades culturales (UCs) alcanzan una gran repercusión en sus localidades y hacen del conocimiento el diferencial para el crecimiento de la esfera cultural en sus comunidades” (Caldas, 2008, p. 59, traducción editorial).

¹⁹ Traducción: “los archivos redimensionan sus espacios estructurales en condicionamientos paralelos del ambiente político, económico y social de las comunidades y traducen la sociedad y su esfera orgánica de actuación informativa”. (Caldas, 2011, p. 57, traducción editorial).

²⁰ Original: “[...] archival activism, which sees the production of history as a participatory practice, a form of cultural and political activity” (Gilliland; Flinn, 2013, p. 9).

²¹ Original: “[...] the informational work carried out by community archives affirms the politicized nature of place and space” (Poole, 2020, p. 668).

²² Traducción: “[...] imposible hablar de desarrollo sin hablar de datos, información y conocimiento, especialmente en innovación” (Vitoriano, 2021, p. 353, traducción editorial).

²³ Traducción: “[...] nuevo enfoque de los archivos, como institución de preservación y acceso a la información, en una perspectiva de actuación integrada a las diversas cuestiones de la sociedad” (Vitoriano, 2021, p. 353, traducción editorial).

²⁴ Traducción: “La voz de mi hija recoge en sí misma el discurso y el acto. El ayer - el hoy - el ahora. En la voz de mi hija se oirá la resonancia. El eco de la vida-libertad” (Evaristo, 2017, p. 24-25, traducción editorial).

La bibliografía en la era digital: retos para garantizar la democratización del acceso a la información

Marcelo dos Santos

Doctorado en Ingeniería Eléctrica, Sistemas Electrónicos, Escola Politécnica de la Universidade de São Paulo (EP/USP), São Paulo, SP, Brasil.

Profesor Doctor, del Departamento de Informação e Cultura de la Escola de Comunicações e Artes de la Universidade de São Paulo (CBD-ECA/USP), São Paulo, SP, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5722744510274635>

Correo electrónico: mar.santos@usp.br

Fecha de envío: 19/08/2022. Fecha de Aprobación: 03/01/2023. Fecha de Publicación: 22/09/2023.

RESUMEN

Introducción: La bibliografía tiene una función mediadora de gran importancia para garantizar el acceso, la apropiación y el uso de la información. Sin embargo, aún hoy, marcado por el uso intensivo de las tecnologías de información y comunicación (TIC), la democratización del acceso a la información todavía enfrenta barreras en términos de accesibilidad (física y cognitiva) y usabilidad de los productos o sistemas de información. **Objetivos:** Con atención a los principios de la Bibliografía, se pretende reflexionar sobre los desafíos presentes en el trabajo bibliográfico para promover la democratización del acceso a la información en los modernos entornos digitales. **Metodología:** Se trata de una investigación exploratoria, basada en levantamientos bibliográficos, análisis de hallazgos presentes en estos levantamientos y elaboración de una breve sistematización. **Resultados:** Tomando como objeto empírico la inclusión social, vista como un paso hacia el logro de la justicia social, se destacaron dos desafíos. El primero está relacionado con la comprensión del ámbito y los contornos del objeto empírico del trabajo bibliográfico. Y la segunda consiste en identificar al usuario potencial, sus demandas informativas y los contextos en los que surgen estas demandas, para proporcionar accesibilidad y usabilidad, en la tríada usuario-contenido-contexto, apoyándose en las facilidades que ofrece el entorno digital. **Conclusiones:** Los principios de la Bibliografía son pilares importantes para la democratización del acceso a la información. Sin embargo, dada la generalización del uso de las TIC, es necesario repensar los propios principios que guían el trabajo bibliográfico, a la luz de los potenciales usuarios de los productos y servicios de información, sus necesidades y los respectivos contextos de uso. Al mismo tiempo, en el ámbito de las TIC, se entiende que tales productos y servicios deben concebirse como parte de una red integrada con otros servicios/productos de información.

Palabras clave: bibliografía; usuario de la información; accesibilidad a la información; era digital.

INTRODUCCIÓN

La sociedad contemporánea se ha beneficiado de varios avances tecnológicos derivados de diversos desarrollos científicos, entre los que se encuentran las tecnologías de la información y la comunicación (TIC). En este sentido, se observa que dichos desarrollos han proporcionado avances en diferentes áreas. Además, los mismos desarrollos han transformado la vida cotidiana de las personas, incluso en lo que respecta a las relaciones sociales. En parte, esto se debe al uso generalizado de equipos digitales, que también han favorecido el aumento del volumen, la velocidad y la variedad con que se produce y comparte diariamente la información – y, en consecuencia, el conocimiento – en diferentes espacios sociales.

Una de las aplicaciones potenciales de la información es el desarrollo intelectual de las personas. Esta misma aplicación también permite calificar la información como un instrumento que ayuda y posibilita prácticas de inclusión, por ejemplo, las desarrolladas con el objetivo de garantizar la justicia social. Así, puede señalarse que, entre otros aspectos, la información

[...] possibilita ao cidadão a ampliação do conhecimento, produção de conteúdo, identidade cultural e organização de ideias que inevitavelmente resultam em profundas mudanças na forma de pensar, estudar, trabalhar e se comunicar. Todo cidadão é merecedor de um nível de participação e apropriação do sentido da informação, dentro de uma linha de ação individual ou coletiva, que o torne mais informado na sociedade na qual está inserido (Targino; Torres; Alves, 2012, p. 35)¹.

Se observa, por lo tanto, que la democratización del acceso a la información es algo extremadamente valioso y necesario, especialmente en la actualidad. En este sentido, considerando una de las perspectivas de la Bibliografía, que la relaciona con las actividades inherentes al “[...] tratamento documental [...] do ponto de vista de sua descrição, classificação, circulação e mediação” (Araújo, 2015, p. 119)², en el presente estudio, como objetivo, se pretendió reflexionar sobre los desafíos inherentes al trabajo bibliográfico, a fin de promover la democratización del acceso a la información en los modernos ambientes digitales.

Para ello, se asumió que los principios de la Bibliografía pueden ser (re)visitados y (re)pensados a la luz de las características de los actuales entornos digitales de información, considerando el acceso y uso de la información por parte del público en general (especialmente, el “ciudadano común”) en las actividades cotidianas. Esto, en cierta medida, se debe al hecho de que la producción, organización, distribución y consumo de información en estos entornos tienen su propia dinámica, ya que los contextos de uso y los usuarios³ se diversifican. Por lo tanto, es algo que sugiere considerar múltiples variables: culturales, económicas y cognitivas, por ejemplo.

Entre los aspectos iniciales que orientaron el desarrollo de este estudio están: (1) la función mediadora de la bibliografía, en las visiones de Araújo (2015) y Lara (2018); y (2) las observaciones de Alentejo (2015) y Lara (2018) sobre las prácticas del trabajo bibliográfico en la actualidad, ante las facilidades que ofrecen las TIC.

En relación con el primer aspecto, Lara (2018) explicó que

[a] bibliografia seria, primeiramente, um instrumento ou veículo de informação que desempenha uma função positiva ou negativa, conforme a intenção de fazer circular ou restringir o uso dos livros (a mediação positiva ou a mediação negativa). (Lara, 2018, p. 132)⁴.

Adicionalmente, en el segundo aspecto, se observa que la información puesta a disposición en ambientes digitales es algo que aún necesita ser mejor investigado, considerando las dinámicas involucradas en los procesos de producción, intermediación y uso de esta información. Pues, en general

[a] World Wide Web ou WWW ou Web tem se apresentado como espaço a ser explorado considerando a atratividade entre as dimensões subjetiva e social de informação, sobretudo no tocante às novas formas de interação e intervenção proporcionadas por esse ambiente digital e em rede (Rabello, 2017, p. 104)⁵.

Por lo tanto, se conjetura que la mayoría de los principios utilizados en el trabajo bibliográfico pueden contribuir a superar desafíos inherentes a la democratización del acceso a la información en entornos digitales, ya que la

Web se apresenta como um espaço virtual que permite distintas formas de inter-relação de conteúdos, de fluxos de informação, em canais ou fontes de informações em justaposição mediante interconectividade hipertextual (Rabello, 2017, p. 104)⁶.

Si, por un lado, a pesar del amplio uso de las TIC en la vida cotidiana, se observan restricciones de acceso y uso, por otro lado, se identifican oportunidades para que tales tecnologías sean más utilizadas en actividades de mapeo y representación de saberes y conocimientos, promoviendo la integración e interoperabilidad de fuentes de información en áreas sensibles, como es el caso de la justicia social.

METODOLOGÍA

Este estudio se caracteriza por ser una investigación cualitativa (Minayo, 2002), de carácter exploratorio (Dencker; Viá, 2001), basada en relevamientos bibliográficos, con análisis de los hallazgos presentes en dichos relevamientos y elaboración de una breve sistematización de los desafíos aquí identificados.

En cuanto a los documentos consultados y estudiados, se utilizaron libros, publicaciones en revistas especializadas, legislación, normas técnicas, manuales y actas de eventos científicos para familiarizarse, en primer lugar, con el objeto teórico del estudio (Bibliografía), así como con los conceptos asociados a los entornos digitales de información contemporáneos. De esta forma, el proceso de búsqueda y selección de la literatura consultada y estudiada fue subsidiado por descriptores (en portugués y equivalentes en inglés y español) como: Bibliografía, accesibilidad de la información, usuario de la información, justicia social, inclusión social, democratización del acceso a la información, evolución de la Web, bibliotecas digitales y ambientes digitales de información.

Las búsquedas se realizaron utilizando herramientas como el portal de Periódicos CAPES, Scopus, Base de Dados de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), portal Scielo, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo y Web of Science, entre otras. Mediante la adopción de conceptos ampliamente utilizados en Biblioteconomía y Ciencia de la Información, no se utilizó un corte de tiempo en estas encuestas, centrándose en las obras de investigadores nacionales, incluidas las obras de referencia en los temas que impregnan este estudio.

En cuanto a la estructura y organización del presente estudio, las reflexiones aquí desarrolladas comenzaron con una visión general del trabajo bibliográfico; siguieron con las características de la World Wide Web (WWW), relacionando sus evoluciones con las de las bibliotecas; pasaron por los conceptos de usuario de la información, accesibilidad y usabilidad, para enmarcar los desafíos de la democratización del acceso en relación al potencial usuario de productos y servicios de información; y, finalmente, se presentaron algunas consideraciones sobre estos desafíos, tomando como objeto empírico la inclusión social, vista como uno de los pasos para subsidiar prácticas de justicia social.

PANORAMA DEL TRABAJO BIBLIOGRÁFICO

Aunque sea muy importante comprender las características y el origen de los fundamentos científicos que orientan el trabajo bibliográfico, no se pretendió, en este estudio, presentar una historia de la Bibliografía. Trabajos como los de Balsamo (1998), Alentejo (2015), Araújo (2015), Ortega y Carvalho (2017) y Lara (2018), entre otros, presentan registros importantes sobre la historia y evolución de la Bibliografía, calificándola como una ciencia, que no se limita a la provisión de un producto.

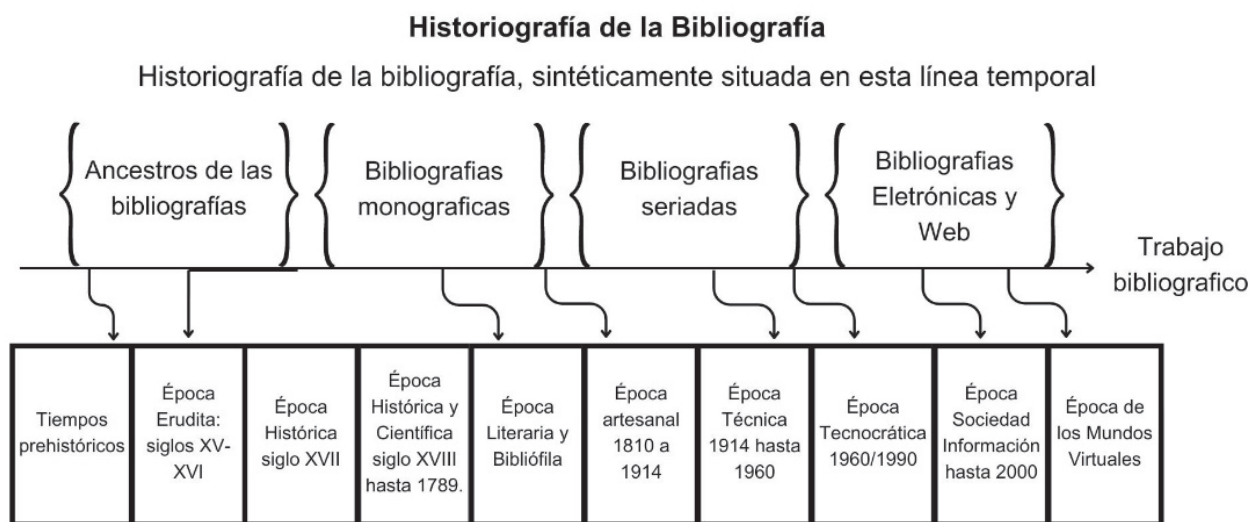
La Figura 1 - presentada por Alentejo (2015), a partir de los trabajos de Walter W. Greg, Theodore D. N. Besterman, Louise N. Malclès, Laura M. de Figueiredo y Lélia G. C. da Cunha-expone algunos de los escenarios (en forma de línea de tiempo) en los que evolucionó el trabajo bibliográfico, indicando los tipos de bibliografías y las épocas. Esto demuestra que el trabajo bibliográfico puede adaptarse a los contextos sociales y tecnológicos de cada época.

En cuanto a los productos o sistemas/servicios derivados del trabajo bibliográfico, Ortega y Carvalho (2017) enumeraron:

[...] bibliografias nacionais; bases de dados especializadas; bases de dados cadastrais (eventos, especialistas, outros); catálogos comerciais (de livrarias, por ex.); sistemas de informação ao cidadão; bases de dados bibliométricas; sistemas de produção de revistas eletrônicas; e portais de informação da Internet. (Ortega; Carvalho, 2017, p. 38)⁷.

Tales productos o sistemas/servicios tienen como insumo la información contenida en documentos que han pasado por un proceso de selección, organización, almacenamiento y puesta a disposición, generalmente en función del usuario potencial y con el fin de satisfacer sus necesidades informativas. A pesar de ofrecer variados aportes al tratamiento documental, apoyados en fundamentos teóricos y metodológicos, se observa que “Bibliografia é um termo polissêmico utilizado para nomear um produto, uma atividade, um campo disciplinar” (Lara, 2018, p. 128)⁸. Esto ratifica la dificultad de establecer consensos sobre este término, como presentó Araújo (2015) y, en esta línea, el mismo autor (Araújo, 2015) destacó dos interfaces (o esferas): (1) la bibliotecaria y (2) la material. Siendo que la primera se centra en los procesos documentales (producción, selección, organización, acceso y mediación) y la segunda se centra en la materialidad (física) del documento (tradicionalmente, refiriéndose al libro).

Figura 1 - *Cronología de la evolución de la bibliografía*



Fuente: Alentejo (2015, p. 44, traducción editorial).

Sobre la caracterización de la Bibliografía, Lara (2018), a partir de un trabajo de Luigi Balsamo, destacó la dimensión cultural de la Bibliografía, que se desarrolla en actividades de difusión de la cultura. Esto ocurre porque las listas, bibliografías y directorios también son vistos como instrumentos de mediación (Araújo, 2015; Lara, 2018), ya que permiten la transmisión cultural y documental, entre otras posibilidades. Adicionalmente, se observa que dichos instrumentos suelen caracterizarse por mantener un “índice”, que registra e identifica las diversas obras.

Por lo tanto, son instrumentos que divulgan lo que se conoce y existe sobre un tema en particular, en un momento determinado, y permiten el acceso a obras seleccionadas.

En este sentido, también podemos ver en los mismos instrumentos las funciones de memoria y difusión cultural. Algo que los convierte en productos/sistemas/servicios de interés público. Así, para un mejor uso de estos instrumentos en entornos digitales, así como su integración e interoperabilidad con otros servicios, uno de los retos contemporáneos es posibilitar su uso por diferentes públicos y en diferentes contextos, respetando, entre otros aspectos, dos de las máximas de Ranganathan, recordadas por Lara (2018): (1) “cada lector tiene su libro” (Lara, 2018, p. 146)⁹ y (2) “cada libro tiene su lector” (Lara, 2018, p. 146)¹⁰.

En este sentido, Lara (2018) expuso la necesidad de “estabelecer a relação documentos-públicos, o que demanda identificar elos de significação por meio dos quais as trocas entre emissão e recepção possam acontecer com mais acuidade” (Lara, 2018, p. 146)¹¹. Algo a lo que las TIC y las versiones más recientes de la Web (por ejemplo, la Web 4.0) pueden ayudar, a partir de elementos asociados a la identidad del usuario, el contexto de uso, la ubicuidad y la conectividad de los sistemas/servicios de información, minimizando los posibles impactos de que “no todo lo que existe en colecciones (y/o acervos) sirve para todos”.

Para eso, una conjetura es que, cuando se personaliza de acuerdo con el usuario y el contexto, se pueden ampliar los servicios para atender las demandas de las comunidades atendidas por ese producto o servicio/sistema. Esto, en cierta medida, requiere considerar los atributos de forma, contenido, accesibilidad y usabilidad de los productos o sistemas/servicios de información derivados del trabajo bibliográfico.

Considerando el trabajo bibliográfico “[...] aquele que se ocupa de referenciar o conhecimento produzido por meio de sistemas, serviços e demais ações que possibilitem o uso qualificado da informação” (Ortega; Carvalho, 2017, p. 43)¹², ante el amplio uso de las TIC en prácticas de producción, transmisión y consumo de información, se vislumbran también contribuciones de la Bibliografía en la implementación de productos/sistemas/servicios de información en ambientes digitales y dirigidos al ciudadano común (por ejemplo, servicios gubernamentales). Por lo tanto, específicamente en las actividades de inclusión social, se observa que, idealmente, es necesario disponer de información diversificada y completa. Para Relinda Kohler, “[u]ma bibliografia nacional geral pobre dá idéia de uma produção intelectual também pobre, já que aquela reflete o estado da cultura do povo que representa” (Kohler, 1977, p. 188)¹³. Y en el caso de la inclusión social, la falta de acceso al contenido de la información, debido a un trabajo bibliográfico “inadecuado” o “incompleto”, es una barrera para la materialización de dicha inclusión, a fin de materializar prácticas de justicia social.

LA WORLD WIDE WEB Y LAS BIBLIOTECAS HOY

Trayendo a la actualidad la cuestión del acceso a la información, en la línea de la conectividad y el trabajo en red, Alentejo (2015) señaló la necesidad de que las entradas presentes en un instrumento local (por ejemplo, el catálogo de la biblioteca) sirvan como nodos de una red de conectividad de diversos entornos (Amazon, WorldCat, Google, PubMed, etc.) con los fondos de la biblioteca, por ejemplo. A la derecha,

[...] no ambiente da informação em rede, o controle bibliográfico não pode continuar a ser visto como sendo limitado a catálogos de bibliotecas ou aos serviços de resumos e índices. Isso sugere que no contexto do trabalho bibliográfico, os serviços e produtos bibliográficos passaram a abarcar temas que são de interesse ao campo da Bibliografia, tais como: sistemas de informação federados; busca federada; sistema de coleta de metadados [...] e inteligência coletiva [...], preservação digital [...] e arquitetura da informação [...] (Alentejo, 2015, p. 30)¹⁴.

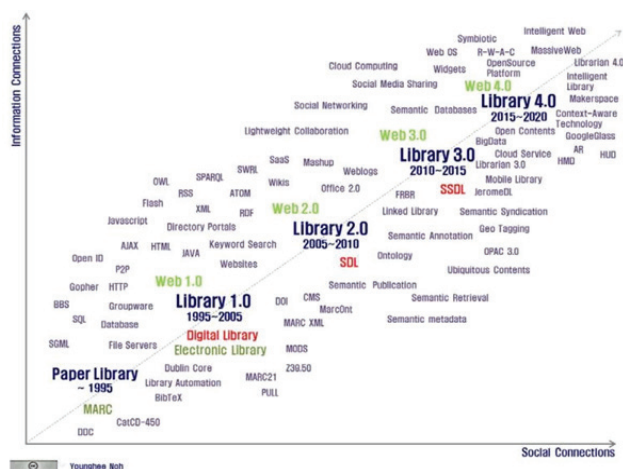
Contemporaneamente, observamos un estrechamiento de los lazos humanos con lo digital, que se apoya en la ubicuidad de Internet. En parte, esto ofrece una sensación de “*estar siempre conectado*” y ha promovido cambios en las formas de acceso, uso, interacción e intercambio de información. Esta sensación ha llevado incluso a diferenciar poco entre “online” y “local”. Así, tenemos la oferta de servicios de comunicación digital en redes móviles más rápidas (por ejemplo, 5G) y capaces de soportar varios servicios que las tecnologías anteriores no soportaban. Sin embargo, el acceso y el uso de estos servicios siguen estando restringidos a una parte de la población, principalmente debido a los costes.

De forma muy sintética, la evolución de la WWW se caracteriza por cuatro momentos (Noh, 2015): Web 1.0 (unidimensional o de compartición; Web de lectura; páginas personales y sitios web son ejemplos de algunos servicios), Web 2.0 (participación del usuario o interacción de estos; Web social; Web de lectura y escritura; redes sociales en línea, blogs y Wikis, como ejemplos de servicios), Web 3.0 (Web semántica o de inmersión; permite la lectura, escritura y ejecución de tareas; integración con diversos servicios, prestación de servicios personalizados y mayor interacción entre usuarios y equipos, incluyendo plataformas de grandes empresas como Google y Amazon) y Web 4.0 (Web inteligente; con agentes propios de lectura, escritura, ejecución y cooperación; intención de ofrecer sólo la información necesaria en cada momento). Esta evolución, según Patel (2013) y Noh (2015), con cargas y bonificaciones, avanza hacia una relación cada vez más estrecha de los usuarios (personas) con las TIC.

Siguiendo las evoluciones de la Web, frente al volumen y las nuevas dinámicas de producción, circulación, disponibilidad y acceso a la información, los instrumentos y estrategias utilizados para la recuperación de información también han sufrido mejoras (Noh, 2015). Por ejemplo, de directorios (carpetas) y archivos, surgidos de la era de la computadora personal y de la Web 1.0, se pasó a la búsqueda basada en palabras clave; en la Web 2.0 (Web social), surgió el concepto de *tagging* (etiquetado o “tagueamento”); en la Web 3.0 (Web Semántica), se hicieron esfuerzos para desarrollar búsquedas basadas en el lenguaje natural (derivadas del procesamiento del lenguaje natural), de forma que se popularizaron equipos como Alexa, de Amazon; en la Web 4.0 (Web Inteligente), el esfuerzo se centra en los procesos de inferencia, mejorando los productos y servicios desarrollados en la versión anterior de la Web.

Estos desarrollos también se hacen sentir e influyen en diferentes dispositivos de información - como es el caso de las bibliotecas (públicas, comunitarias, temáticas, especializadas, etc.), museos, archivos y servicios de información ciudadana - y obligan a repensar la oferta de productos y servicios de información, lo que implica también considerar otras variables de contemporaneidad en el tratamiento documental. Por tanto, en línea con lo mencionado por Alentejo (2015) y Lara (2018) sobre la resignificación del trabajo bibliográfico en la era digital, se entiende que es igualmente necesario observar lo expuesto por Noh (2015) (figura 2) sobre la evolución de las bibliotecas en esta era. Porque, a medida que aumentan las conexiones sociales, aumentan también las conexiones informativas, exigiendo herramientas adecuadas para la organización y recuperación de la información.

Figura 2 - Proceso de desarrollo de la Biblioteca 4.0



Fuente: Noh (2015, p. 795).

La visión de Noh (2015) sobre el proceso de evolución de lo que se ha denominado Biblioteca 4.0 destaca, en cierta medida, diversos protocolos y estrategias para organizar, recuperar, distribuir y proporcionar acceso a la información. Otro aspecto a observar en este escenario es de la interoperabilidad, ya que las conexiones -informacionales y sociales- han crecido y lo han hecho sustancialmente, lo que también tiende a influir en los trabajos bibliográficos.

USUARIOS, ACCESIBILIDAD Y USABILIDAD

Al abordar el concepto de sistema/servicio de información, en opinión de Rabello y González de Gómez (2017), se entiende como

[...] o ordenamento lógico de informação com vistas a atender às necessidades de determinada comunidade. Sistemas dessa natureza geralmente estão estruturados em subsistemas, por meio dos quais tornam possíveis, após armazenamento de informação, os processos de organização, disseminação, acesso e recuperação (Rabello; González De Gómez, 2017, p. 26)¹⁵.

En la misma línea, anteriormente, Fujino (2000) consideraba servicio de información como “[...] o conjunto de atividades sistemáticas, cujo objetivo é possibilitar ao usuário, o acesso às fontes de informação, para atender a necessidades específicas” (Fujino, 2000, p. 48)¹⁶, siendo también necesario evaluar los contextos de producción y uso de la información.

Esto corrobora lo que, mucho antes, Foskett (1969) presentaba como la función social de un servicio de información: “investigar o que se conhece acerca de determinado assunto e proporcionar ao consulente tanta informação quanto seja necessária, a fim de preencher uma lacuna em seu conhecimento” (Foskett, 1969, p. 15)¹⁷. Dicha tarea está relacionada con la labor bibliográfica, ya que

[...] instituições como biblioteca, museu, arquivo, centro de documentação e unidades informacionais afins podem ser considerados sistemas infraordenados por subsistemas, como acervos, coleções, fundos arquivísticos, exposições museais; estes, por sua vez, têm sua operacionalização quando infraordenados por subsistemas tecnológicos, como bases de dados, catálogos, bibliografias, índices, dentre outros instrumentos para organização e recuperação da informação (Rabello; González De Gómez, 2017, p. 27)¹⁸.

En cierto modo, en la elaboración y prestación de servicios/sistemas de información, se observan las figuras de productores, intermediarios y consumidores de información. Así, con atención a los “consumidores”, también identificados como usuarios, se destaca que

[o] usuário é um elemento fundamental de todos os sistemas de informação, pois a única justificativa das atividades destes sistemas é a transferência de informações entre dois ou mais interlocutores distantes no espaço e no tempo (Guinchat; Menou, 1994, p. 481)¹⁹.

Así, en este trabajo, también se entendió que “[o] usuário deve ser a base da orientação e da concepção das unidades e dos sistemas de informação, a serem definidos em função de suas características, de suas atitudes, de suas necessidades e de suas demandas” (Guinchat; Menou, 1994, p. 482)²⁰, lo que también repercute en la implantación de los subsistemas tecnológicos enumerados por Rabello y González de Gómez (2017).

Del mismo modo, Sanz Casado (1994) consideraba usuario de la información al individuo (persona) que necesita información para desarrollar sus tareas. Sin embargo, en la actualidad y con los desarrollos de las TICs, como es el caso de las tecnologías de procesamiento del lenguaje natural y los robots conversacionales (*chatbots*), se vislumbran usuarios humanos y no humanos.

Esta es una situación que apunta a la necesidad de dedicar cierta atención a la comprensión de las interacciones que determinados algoritmos computacionales realizan en las búsquedas, análisis e inferencias sobre determinados contenidos informativos, tanto en páginas como en bases de datos en general.

Dada la importancia que la figura del usuario tiene en el desarrollo de productos o servicios/sistemas de información, surgieron los estudios de usuarios, vistos como

[...] investigações que se fazem para saber o que os indivíduos precisam em matéria de informação, ou então, para saber se as necessidades de informação por parte dos usuários de uma biblioteca ou de um centro de informação estão sendo satisfeitas de maneira adequada (Figueiredo, 1994, p. 7)²¹.

Para ello, existen varios enfoques, tal y como expusieron Rabello (2013; 2017) y González-Teruel (2005; 2017).

Además, considerando que los ambientes de información imitan espacios de intercambios simbólicos, las condiciones de acceso y uso - respectivamente, accesibilidad y usabilidad - deben ser evaluadas en la implementación de estos ambientes, a partir de las características de las comunidades de usuarios a las que se destinan los productos o servicios/sistemas de información. Así, particularmente en la era digital, la plena utilización de los entornos informativos digitales, por grupos heterogéneos de usuarios, depende de la comprensión de las variables presentes en la tríada “usuario-contenido-contexto” presentada por Morville y Rosenfeld (2006) desde la perspectiva de la Arquitectura de la Información.

En general, esta tríada busca proporcionar mejores condiciones de acceso y uso de los servicios/sistemas de información. En particular, en el contexto brasileño y de acuerdo con el punto I del artículo 3 de la Ley N° 13.146 (Brasil, 2015), la accesibilidad se define como

[...] possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (Brasil, 2015, p. 1)²².

Cabe señalar que la referida Ley, a pesar de ser muy importante, aborda la accesibilidad desde un punto de vista físico, con el objetivo de que el usuario “llegue” a los servicios. La misma Ley también enumera un conjunto de barreras y aborda las tecnologías de apoyo, incluyendo directrices para la comunicación y principios de diseño universal. Como ejemplo, la Norma Brasileña (NBR) 9050, de la ABNT (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2015), también trata de la accesibilidad física en edificios, mobiliario, espacios urbanos y equipamientos, incluyendo la exposición de parámetros antropométricos. En parte, estos principios cooperan para crear condiciones de uso, que aún no son en absoluto suficientes para la plena utilización de los servicios de información.

En este sentido, se observa que no basta con que el usuario tenga acceso físico o pueda “alcanzar” el producto o servicio/sistema de información para utilizarlo plenamente. Además de que el entorno ofrezca accesibilidad, respetando las capacidades y limitaciones de cada persona, se espera que, particularmente en el caso de los productos o servicios/sistemas de información, el usuario pueda apropiarse efectivamente del contenido informativo ofrecido. Esto, considerando la mencionada tríada “usuario-contenido-contexto” expuesta por Morville y Rosenfeld (2006), requiere también observar la forma en que se presentan los contenidos informativos, así como las interacciones que los usuarios establecen con estos contenidos.

Así, se entiende que, en la provisión de productos o servicios/sistemas de información resultantes del trabajo bibliográfico, también vale la pena considerar lo expuesto por Fujino (2017) sobre accesibilidad, cuando el autor reflexionó sobre los desafíos para los estudios de usuarios en el contexto de la Ley de Acceso a la Información (LAI). Desde,

[...] na Ciência da Informação, a acessibilidade informacional depende do conhecimento das necessidades de informação do potencial usuário, além dos aspectos que envolvem a infraestrutura para acesso e divulgação, condições fundamentais para o desenvolvimento de mediações que viabilizem o acesso cognitivo e apropriação das informações pelo usuário (Fujino, 2017, p. 237)²³.

En cuanto a la usabilidad, de forma muy directa y con base en la NBR 9241-11, que se centra en el uso de ordenadores o sistemas informáticos, este término se refiere al “[m]edida na qual um produto pode ser usado por usuários específicos para alcançar objetivos específicos com eficácia, eficiência e satisfação em um contexto específico de uso” (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 3)²⁴. Tal definición reúne algunos elementos importantes: un producto o sistema utilizado en un contexto determinado, con unos objetivos predefinidos; a partir de este uso, se obtiene algún resultado, que se compara con esos objetivos, extrayendo algunas medidas en términos de eficacia, eficiencia y satisfacción.

También, de acuerdo con la NBR 9241-11,

[a] ISO 9241-11 enfatiza que a usabilidade dos computadores é dependente do contexto de uso e que o nível de usabilidade alcançado dependerá das circunstâncias específicas nas quais o produto é usado. O contexto de uso consiste de usuários, tarefas, equipamentos (hardware, software e materiais), e do ambiente físico e social, pois todos esses podem influenciar a usabilidade de um produto dentro de um sistema de trabalho. As medidas de desempenho e satisfação do usuário avaliam o sistema de trabalho como um todo, e, quando um produto é o foco de interesse, estas medidas fornecem informações sobre a usabilidade daquele produto no contexto particular de uso proporcionado pelo restante do sistema de trabalho.

Os efeitos das mudanças em outros componentes do sistema de trabalho, tal como: tempo de treinamento do usuário ou melhoria de iluminação, podem também ser medidos pelo desempenho e satisfação do usuário (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 2)²⁵.

En este sentido, cabe destacar algunas definiciones recogidas en esta norma y que pueden servir para reflexionar sobre el trabajo bibliográfico. Para empezar, la mención del “contexto específico de uso” que, según esta norma, es visto como: “[u]suarios, tareas, equipamento (hardware, software e materiais), e o ambiente físico e social no qual um produto é usado” (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 3)²⁶. La norma continúa explicando que el usuario es la “[p]essoa que interage com o produto” (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 3)²⁷. Por otro lado, la norma también presenta la definición de algo difícil de medir: la satisfacción. Según la NBR 9241-11, este concepto (satisfacción) se define como “[a]usência do desconforto e presença de atitudes positivas para com o uso de um produto” (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 3)²⁸. Aunque estos parámetros sean a veces abstractos y difíciles de estimar, de alguna forma, se entiende que es necesario observarlos, al menos en lo que se refiere a las estrategias para ofrecer acceso y presentación de contenidos considerados sensibles (por ejemplo, contenidos especializados y/o de carácter confidencial).

RESULTADOS Y DEBATE

El desarrollo de este estudio se basó en la democratización del acceso a la información en la época contemporánea, en entornos informacionales modernos. Por lo tanto, se privilegiaron las condiciones de “[...] produção e difusão de documentos (instrumentos) de registro, organização, representação, acesso e mediação da cultura escrita” (Araújo, 2015, p. 120)²⁹ en entornos digitales, que tienen presencia constante en la vida cotidiana de las personas. Como resultados, o retos a superar, destacamos:

- conocer y comprender el objeto empírico sobre el que se desarrollará el trabajo bibliográfico;
- identificar al usuario potencial de los productos/servicios bibliográficos, sus demandas de información y los contextos en los que surgen dichas demandas, con el fin de proporcionar accesibilidad y usabilidad, apoyándose en las facilidades que ofrece el entorno digital;
- ofrecer herramientas de acceso y uso de la información, que puedan ser utilizadas por distintos públicos y en diferentes contextos;
- proporcionar una interfaz digital al usuario de la información, basada en los principios de la Web 4.0, respetando la tríada “usuario-contenido-contexto” (Morville; Rosenfeld, 2006);
- considerar los registros presentes en los instrumentos locales (por ejemplo, el catálogo de la biblioteca) como nodos de una red de conectividad de diversos entornos con fondos bibliotecarios, como ha destacado Alentejo (2015);
- observar los principios de interoperabilidad (Andrade; Lara, 2018) de los sistemas de información, con el objetivo de garantizar la conectividad de los diferentes entornos informativos.

Por ejemplo, tomando como objeto empírico la inclusión social, vista como uno de los medios para alcanzar la justicia social, en términos de “dar a cada um o que lhe é devido” (Barzotto, 2003, *online*)³⁰, es necesario: (1) “[...] considerar o tipo de relação social que a justiça social se propõe a regular” (Barzotto, 2003, *online*)³¹; (2) “[...] determinar qual é o bem buscado pela justiça social” (Barzotto, 2003, *online*)³²; (3) “[...] qual é o tipo de atividade em que a justiça social é aplicada” (Barzotto, 2003, *online*)³³; y (4) “[...] explorar como se manifestam na espécie justiça social, os elementos do gênero justiça: alteridade, dever, adequação” (Barzotto, 2003, *online*)³⁴.

Estas cuatro etapas ejemplifican un contexto en el que se pueden desarrollar trabajos bibliográficos, ya que, según Ortega y Carvalho (2017),

[...] considerando as práticas seculares de produção de repertórios bibliográficos e aquelas realizadas em bibliotecas, podemos dizer que conteúdos selecionados, descritos e ordenados segundo interesses previamente identificados se mostraram socialmente relevantes, conduzindo a composições disciplinares próprias (Ortega; Carvalho, 2017, p. 38-39)³⁵.

Teniendo el conocimiento sobre el objeto empírico sobre el cual se desarrollará el trabajo bibliográfico, es necesario entonces identificar a los potenciales usuarios (o comunidades), ya que

[...] a Informação, vista como instrumento para Inclusão Social, só tem sentido se puder contribuir para empoderar cidadãos na construção de uma sociedade em que comunicação, educação e cultura tenham como base o respeito à[s] diferença[s] e a igualdade de oportunidades para todos (Fujino, 2017, p. 238)³⁶.

En este punto, es evidente la preocupación por garantizar la accesibilidad (física y cognitiva) a los contenidos, así como su usabilidad. Sin embargo, en los productos o sistemas/servicios de información destinados al público en general y puestos a disposición en entornos digitales, las TIC ofrecen algunas posibilidades, tales como: provisión de una interfaz adecuada para las interacciones usuario-sistema, basada en el contexto de los usuarios (*aplicaciones conscientes del contexto*); procesamiento del lenguaje natural, incluyendo *chatbots*; estándares para la interoperabilidad y el intercambio de información; presentación de información multimedia (textos, sonidos, imágenes y vídeos, por ejemplo); e interacciones con otras comunidades de usuarios (incluyendo expertos o *gatekeepers* (Kremer, 1981).

Trabajos como los de Alentejo (2015) y Lara (2018) presentan reflexiones importantes y necesarias para (re)pensar el trabajo bibliográfico en entornos digitales, especialmente en lo que se refiere a la democratización del acceso a la información.

Pues, a pesar de los sustanciales avances científicos y tecnológicos, hay muchas personas que necesitan acceso a la información para el ejercicio de su ciudadanía, otras tienen dificultades para utilizar los actuales productos/servicios/sistemas de información, debido al costo de las TIC, complejidad de la interfaz proporcionada a los usuarios y poca adherencia a las actividades/necesidades de su vida cotidiana.

En cuanto a los productos o sistemas/servicios de información derivados del trabajo bibliográfico, en la era digital, queda la importancia y el reto de armonizar las necesidades de los usuarios, con lo que ofrecen estos productos/sistemas/servicios, incluyendo las tareas de cada usuario, para enriquecer las experiencias, en la línea de lo que propone Shneiderman (2006) en la perspectiva de la usabilidad de estos entornos, ya que las TIC “[...] são mais apreciadas quando os usuários têm a sensação de segurança, domínio e realização.” (Shneiderman, 2006, p. 13)³⁷. Algo que también se puede extender a los productos del trabajo bibliográfico, observando sus particularidades.

CONSIDERACIONES FINALES

Contemporáneamente, se percibe que la oferta de información en la era digital, de forma democrática e inclusiva, trae consigo una serie de desafíos a ser superados. A partir del objetivo de este trabajo, de las contribuciones teóricas estudiadas y de los resultados obtenidos, se puede concluir que la Bibliografía representa hoy un área importante de investigación, cuyos principios subsidian la planificación y oferta de productos y/o sistemas/servicios de información integrados con otros productos/sistemas/servicios, haciéndolos más apropiados para las comunidades de usuarios, especialmente en prácticas de inclusión social.

A medida que aumentan las conexiones sociales y, por tanto, las conexiones informativas, se necesitan herramientas específicas de organización y recuperación de la información, que deben adaptarse a estas conexiones.

Esto también se percibe en los distintos dispositivos de información, como las bibliotecas (públicas, comunitarias, temáticas, especializadas, etc.), los museos, los archivos y los servicios de información al ciudadano. En este caso, por tanto, es necesario repensar la oferta de productos y servicios de información, lo que implica considerar también otras variables de contemporaneidad en el tratamiento documental, cuya base es la Bibliografía.

Entre las limitaciones de la investigación, destacamos la ausencia de estudios de usuarios de información inseridos en prácticas de justicia social, considerando las especificidades y contextos de estas prácticas. Otra limitación se refiere a la escasez de instrumentos para evaluar la oferta de información en estas prácticas desarrolladas en diferentes grupos sociales.

En cuanto a nuevas investigaciones, entre otras, prevemos la necesidad de ampliar la investigación sobre Bibliografía en la era digital, a partir de la proposición e implementación de estrategias que promuevan la interoperabilidad de sistemas/servicios de información en entornos digitales, con colecciones de unidades de información (por ejemplo, bibliotecas, archivos, museos y servicios de información al ciudadano). Otra posibilidad de investigación es utilizar obras o principios bibliográficos para alimentar bases de datos mediante herramientas de respuesta automática basadas en inteligencia artificial.

REFERENCIAS

ALENTEJO, E. S. Bibliografia: caminhos da história contada e da história vivida. *Informação & Informação*, Londrina, v. 20, n. 2, p. 20-62, 2015. DOI: 10.5433/1981-8920.2015v20n2p20. Acceso en: 5 ago. 2022.

ANDRADE, J.; LARA, M. L. G. Interoperabilidade e mapeamentos entre sistemas de organização do conhecimento: Bioportal do National Center for Biomedical Ontology-NCBO. *Revista de Saúde Digital e Tecnologias Educacionais [online]*, v. 3, p. 43-61, 2018. Edição especial. Disponible en: <http://periodicos.ufc.br/resdite/article/view/39704>. Acceso en: 5 ago. 2022.

ARAUJO, A. V. F. Pioneirismo bibliográfico em um polímeta do séc. XVI: Conrad Gesner. *Informação & Informação*, Londrina, v. 20, n. 2, p. 118-142, 2015. DOI: 10.5433/1981-8920.2015v20n2p118. Acesso em: 1 ago. 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). *Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos* (NBR 9050:2015). Rio de Janeiro: ABNT, 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). *Requisitos ergonômicos para trabalho de escritórios com computadores*: parte 11 - Orientações sobre usabilidade. (NBR 9241-11:2002). Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

BALSAMO, L. *La bibliografía*: historia de una tradición. Madri: Trea, 1998. 214 p.

BARZOTTO, L. F. Justiça social: gênese, estrutura e aplicação de um conceito. *Revista Jurídica Virtual*, Brasília, DF, v. 5, n. 48, maio 2003. 21 p. Disponível em: <https://revistajuridica.presidencia.gov.br/index.php/saj/article/view/747/738>. Acesso em: 6 ago. 2022.

BRASIL. *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 1 ago. 2022.

DENCKER, A. F. M.; VIÁ, S. C. *Pesquisa empírica em ciências humanas*: com ênfase em comunicação. São Paulo: Futura, 2001.

FIGUEIREDO, N. M. *Estudos de uso e usuários da informação*. Brasília, DF: IBICT, 1994.

FOSKETT, D. J. *Serviço de informação em bibliotecas*. Tradução de Antônio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo: Polígono, 1969. 160 p.

FUJINO, A. *Serviços de informação no processo de cooperação universidade-empresa*: proposta de um modelo de mediação institucional para micro e pequenas empresas. 2000. 272 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) -- Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

FUJINO, A. Acessibilidade informacional de pcd no contexto da lei de acesso à informação: desafios para estudo de usuários. *Informação em Pauta*, Fortaleza, v. 2, p. 237-257, out. 2017. Edição especial. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/41406>. Acesso em: 13 ago. 2021.

GONZÁLEZ-TERUEL, A. *Los estudios de necesidades y usos de la información*: fundamentos y perspectivas actuales. Gijón: Ediciones Trea, 2005. 181 p.

GONZÁLEZ-TERUEL, A. Referentes teóricos y dimensiones aplicadas en el estudio del usuario de la información. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; RABELLO, R. (org.) *Informação: agentes e intermediação*. Brasília, DF: IBICT, 2017. p. 153-194.

GUINCHAT, C.; MENO, M. *Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação*. 2. ed. rev. e aum. por Marie-France Blanquet. Tradução de Miriam Vieira da Cunha. Brasília, DF: IBICT, 1994. 540 p.

KOHLER, R. Bibliografia nacional: uma co-responsabilidade da classe bibliotecária. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 185-195, set. 1977. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/71968>. Acesso em: 14 ago. 2022.

KREMER, J. M. Os gatekeepers na engenharia. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 10, n. 1, p. 19-33, 1981. DOI: 10.18225/ci.inf.v10i1.158. Acesso em: 13 ago. 2022.

LARA, M. L. G. Conceito de bibliografia, ou conceitos de bibliografia?. *Informação & Informação*, Londrina, v. 23, n. 2, p. 127-151, maio/ago. 2018. DOI: 10.5433/1981-8920.2018v23n2p127. Acesso em: 1 ago. 2022.

MINAYO, M. C. S. Capítulo 1 - Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. et al. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-29.

MORVILLE, P.; ROSENFELD, L. *Information Architecture for the World Wide Web*: designing large-scale web sites. 3rd. ed. Sebastopol, CA: O'Reilly, 2006.

NOH, Y. Imagining Library 4.0: Creating a Model for Future Libraries. *The Journal of Academic Librarianship*, Ann Arbor, v. 41, n. 6, pp. 786-797, Nov. 2015.

ORTEGA, C. D.; CARVALHO, M. C. O papel da bibliografia na construção do conhecimento em Ciência da Informação: o caso da Escola de Ciência da Informação da UFMG. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 22, p. 36-64, jul. 2017. Edição especial. DOI: 10.1590/1981-5344/3232. Acesso em: 4 ago. 2022.

PATEL, K. Incremental Journey for World Wide Web: Introduced with Web 1.0 to Recent Web 5.0 - A Survey Paper. *International Journal of Advanced Research in Computer Science and Software Engineering*, [s. l.], v. 3, n. 10, pp. 410-417, Oct. 2013.

RABELLO, R. Leituras sobre usuário e uso de informação na ciência da informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 18, n. 4, p. 152-184, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/35796>. Acesso em: 10 ago. 2022.

RABELLO, R. Sujeito e agência informacional: comportamento, prática e ação. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; RABELLO, R. (org.). *Informação: agentes e intermediação*. Brasília, DF: IBICT, 2017. p. 101-152.

RABELLO, R.; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Agentes, intermediações e institucionalidades: apontamentos acerca de um mosaico interpretativo no campo informacional. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; RABELLO, R. (org.) *Informação: agentes e intermediação*. Brasília, DF: IBICT, p. 21-40, 2017.

SANZ CASADO, E. *Manual de estudios de usuarios*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Pirámide, 1994. 279 p.

SHNEIDERMAN, B. *O laptop de Leonardo: como o novo Renascimento já está mudando sua vida*. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

TARGINO, M. G.; TORRES, N. H.; ALVES, C. A. Informação e cidadania: relação construída via biblioterapia no âmbito da biblioteca pública. *CRB8 Digital*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 33-40, 2012. Disponible en: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/10106>. Acceso en: 18 ago. 2022.

NOTAS FINALES

¹ Traducción: "[...] posibilita al ciudadano la expansión del conocimiento, la producción de contenidos, la identidad cultural y la organización de ideas que inevitablemente resultan en cambios profundos en la forma de pensar, estudiar, trabajar y comunicarse. Todo ciudadano es merecedor de un nivel de participación y apropiación del significado de la información, dentro de una línea de acción individual o colectiva, que lo haga más informado en la sociedad en la que está inserto" (Targino; Torres; Alves, 2012, p. 35, traducción editorial).

² Traducción: "[...] tratamiento de documentos [...] desde el punto de vista de su descripción, clasificación, circulación y mediación" (Araújo, 2015, p. 119, traducción editorial).

³ En este estudio, se ha optado por utilizar el término "usuario de la información" (o simplemente "usuario") para mantener la compatibilidad con la terminología presente en la mayor parte de la bibliografía utilizada.

⁴ Traducción: "[la] bibliografía sería principalmente un instrumento o vehículo de información que cumple una función positiva o negativa, de acuerdo con la intención de hacer circular o restringir el uso de los libros (mediación positiva o mediación negativa)" (Lara, 2018, p. 132, traducción editorial).

⁵ Traducción: "[la] World Wide Web o WWW o Web se ha presentado como un espacio a explorar considerando el atractivo entre las dimensiones subjetiva y social de la información, especialmente en lo que se refiere a las nuevas formas de interacción e intervención que proporciona este entorno digital y en red" (Rabello, 2017, p. 104, traducción editorial).

⁶ Traducción: "Web se presenta como un espacio virtual que permite diferentes formas de interrelación de contenidos, flujos de información, en canales o fuentes de información en yuxtaposición a través de la interconectividad hipertextual" (Rabello, 2017, p. 104, traducción editorial).

⁷ Traducción: "bibliografías nacionales; bases de datos especializadas; bases de datos de registro (eventos, expertos, otros); catálogos comerciales (de librerías, por ejemplo); sistemas de información ciudadana; bases de datos bibliométricas; sistemas de producción de revistas electrónicas; y portales de información en Internet" (Ortega; Carvalho, 2017, p. 38, traducción editorial).

⁸ Traducción: "Bibliografía es un término polisémico utilizado para nombrar un producto, una actividad, un campo disciplinar" (Lara, 2018, p. 128, traducción editorial).

⁹ Traducción: "cada lector tiene su libro" (Lara, 2018, p. 146, traducción editorial).

¹⁰ Traducción: "cada libro tiene su lector" (Lara, 2018, p. 146, traducción editorial).

¹¹ Traducción: "establecer la relación documentos- públicos, que exige identificar vínculos de sentido a través de los cuales los intercambios entre emisión y recepción puedan darse de manera más aguda" (Lara, 2018, p. 146, traducción editorial).

¹² Traducción: "[...] aquel que se ocupa de referenciar el conocimiento producido a través de sistemas, servicios y otras acciones que posibilitan el uso calificado de la información" (Ortega; Carvalho, 2017, p. 43, traducción editorial).

¹³ Traducción: "[una] bibliografía nacional general pobre da idea de una producción intelectual pobre, pues refleja el estado de la cultura del pueblo que representa" (Kohler, 1977, p. 188, traducción editorial).

¹⁴ Traducción: "[...] en el entorno de la información en red, el control bibliográfico ya no puede considerarse limitado a los catálogos de las bibliotecas o a los servicios de resumen e indización. Esto sugiere que, en el contexto del trabajo bibliográfico, los servicios y productos bibliográficos han pasado a abarcar temas de interés para el campo de la Bibliografía, tales como: sistemas federados de información; búsqueda federada; sistema de recolección de metadatos [...] e inteligencia colectiva [...], preservación digital [...] y arquitectura de la información [...]" (Alentejo, 2015, p. 30, traducción editorial).

¹⁵ Traducción: "[...] la ordenación lógica de la información con vistas a satisfacer las necesidades de una comunidad determinada. Los sistemas de esta naturaleza suelen estructurarse en subsistemas, a través de los cuales se hacen posibles, tras el almacenamiento de la información, los procesos de organización, difusión, acceso y recuperación" (Rabello; González De Gómez, 2017, p. 26, traducción editorial).

¹⁶ Traducción: "[...] el conjunto de actividades sistemáticas, cuya finalidad es posibilitar al usuario, el acceso a fuentes de información, para satisfacer necesidades específicas" (Fujino, 2000, p. 48, traducción editorial).

¹⁷ Traducción: "investigar lo que se sabe sobre un tema determinado y proporcionar al consultante tanta información como sea necesaria para llenar un vacío en su conocimiento" (Foskett, 1969, p. 15, traducción editorial).

¹⁸ Traducción: "[...] instituciones como bibliotecas, museos, archivos, centros de documentación y unidades de información afines pueden

considerarse sistemas infraordinados por subsistemas, tales como colecciones, acervos, fondos archivísticos, exposiciones museográficas; éstos, a su vez, tienen su operacionalización al infraordinarse por subsistemas tecnológicos, tales como bases de datos, catálogos, bibliografías, índices, entre otros instrumentos de organización y recuperación de la información" (Rabello; González De Gómez, 2017, p. 27, traducción editorial).

¹⁹ Traducción: "[El] usuario es un elemento fundamental de todo sistema de información, ya que la única justificación de las actividades de estos sistemas es la transferencia de información entre dos o más interlocutores distantes en el espacio y en el tiempo" (Guinchat; Menou, 1994, p. 481, traducción editorial).

²⁰ Traducción: "[el] usuario debe ser la base de la orientación y el diseño de las unidades y sistemas de información, que debe definirse en función de sus características, sus actitudes, sus necesidades y sus demandas" (Guinchat; Menou, 1994, p. 482, traducción editorial).

²¹ Traducción: "[...] investigaciones que se realizan para conocer qué necesitan los individuos en materia de información, o bien, para saber si las necesidades de información por parte de los usuarios de una biblioteca o de un centro de información están siendo adecuadamente satisfechas" (Figueiredo, 1994, p. 7, traducción editorial).

²² Traducción: "[...] posibilidad y condición de alcance para la utilización, con seguridad y autonomía, de espacios, mobiliario, equipamientos urbanos, edificaciones, transportes, información y comunicación, incluyendo sus sistemas y tecnologías, así como otros servicios e instalaciones abiertos al público, de uso público o privado para uso colectivo, tanto en áreas urbanas como rurales, por personas con discapacidad o movilidad reducida" (Brasil, 2015, p. 1, traducción editorial).

²³ Traducción: "[...] en Ciencia de la Información, la accesibilidad informacional depende del conocimiento de las necesidades de información del potencial usuario, además de los aspectos que involucran la infraestructura de acceso y difusión, condiciones fundamentales para el desarrollo de mediaciones que posibiliten el acceso cognitivo y la apropiación de la información por parte del usuario" (Fujino, 2017, p. 237, traducción editorial).

²⁴ Traducción: "[m]edio en que un producto puede ser utilizado por usuarios específicos para alcanzar objetivos específicos con eficacia, eficiencia y satisfacción en un contexto específico de uso" (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 3, traducción editorial).

²⁵ Traducción: "[ISO 9241-11 subraya que la usabilidad de los ordenadores depende del contexto de uso y que el nivel de usabilidad alcanzado dependerá de las circunstancias específicas en las que se utilice el producto. El contexto de uso está formado por los usuarios, las tareas, los equipos (hardware, software y materiales) y el entorno físico y social, ya que todos ellos pueden influir en la usabilidad de un producto dentro de un sistema de trabajo. Las medidas de rendimiento y satisfacción del usuario evalúan el sistema de trabajo en su conjunto y, cuando un producto es el centro de interés, estas medidas proporcionan información sobre la usabilidad de ese producto en el contexto de uso concreto que proporciona el resto del sistema de trabajo. Los efectos de los cambios en otros componentes del sistema de trabajo, como por ejemplo: el tiempo de formación del usuario o la mejora de la iluminación, también pueden medirse mediante el rendimiento y la satisfacción del usuario" (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 2, traducción editorial).

²⁶ Traducción: "[u]suarios, tareas, equipos (hardware, software y materiales) y el entorno físico y social en el que se utiliza un producto" (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 3, traducción editorial).

²⁷ Traducción: "[p]ersona que interactúa con el producto" (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 3, traducción editorial).

²⁸ Traducción: "[a]usencia de incomodidad y presencia de actitudes positivas hacia el uso de un producto" (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2002, p. 3, traducción editorial).

²⁹ Traducción: "[...] producción y difusión de documentos (instrumentos) de registro, organización, representación, acceso y mediación de la cultura escrita" (Araújo, 2015, p. 120, traducción editorial).

³⁰ Traducción: "dar a cada uno lo que le es debido" (Barzotto, 2003, online, traducción editorial).

³¹ Traducción: "[...] considerar el tipo de relación social que la justicia social se propone regular" (Barzotto, 2003, online, traducción editorial).

³² Traducción: "[...] determinar cuál es el bien que busca la justicia social" (Barzotto, 2003, online, traducción editorial).

³³ Traducción: "[...] cuál es el tipo de actividad en la que se aplica la justicia social" (Barzotto, 2003, online, traducción editorial).

³⁴ Traducción: "[...] explorar cómo se manifiestan en la justicia social los elementos de la justicia de género: alteridad, deber, adecuación" (Barzotto, 2003, online, traducción editorial).

³⁵ Traducción: "[] considerando las prácticas seculares de producción de repertorios bibliográficos y las realizadas en las bibliotecas, podemos decir que los contenidos seleccionados, descritos y ordenados de acuerdo con intereses previamente identificados resultaron ser socialmente relevantes, dando lugar a sus propias composiciones disciplinares" (Ortega; Carvalho, 2017, p. 38-39, traducción editorial).

³⁶ Traducción: "[...] La información, vista como herramienta para la Inclusión Social, sólo tiene sentido si puede contribuir a empoderar a los ciudadanos en la construcción de una sociedad en la que la comunicación, la educación y la cultura se basen en el respeto a la diferencia[s] y en la igualdad de oportunidades para todos" (Fujino, 2017, p. 238, traducción editorial).

³⁷ Traducción: "[...] son más apreciadas cuando los usuarios tienen la sensación de seguridad, dominio y realización." (Shneiderman, 2006, p. 13, traducción editorial).

Artigo de opinião

Versão original

Opinion article / Artículo de opinión

Original version / Versión original

LivrOnça: um conceito de livro na América Indígena

Vinícios Souza de Menezes

Doutor em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) em convênio com a Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil.

Professor Adjunto da Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1035639338519262>

E-mail: menezes.vinicios@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4511-4477>

Submetido em: 24/01/2023. Aprovado em: 08/08/2023. Publicado em: 22/09/2023.

RESUMO

O texto está disposto em quatro momentos dialógicos: i) uma (re)introdução de um devir-América bibliográfico e contracultural, obliterado nas rasuras das escrituras coloniais, ii) uma arqueologia do conceito de livro a partir do advento no mundo grego antigo do *anthropos* como um doador de forma anímico-corporal aos grafismos alfabéticos do Ocidente, iii) a exposição do *LivrOnça* como um livro possível de *Abya Yala*, presente nas semiofagias da diferOnça (*différance*) das gramatologias da América, e, por fim, iv) o último instante textual aborda os encantamentos iniciais, um presente fim como cessação da condição absoluta, desencantada e acabada do livro ocidental que se encanta através do (re)início ancestral, do endeusamento das coisas e da fabricação da vida pelas escrituras ameríndias dos povos da Terra Viva, também conhecida como *Amoxtlapan*, terra dos livros vivos. Diante de uma perspectiva teórica de argumentação, o texto caminha por meio dos agenciamentos terranos da geofilosofia proposta por Deleuze e Guattari e do diferimento espaço-temporal desconstrutivo do livro proposto por Derrida, entretanto, com uma diferença, ambos os métodos são devorados pelas perspectivas multinaturais dos povos ameríndios. Jaguarear o livro, este é o objetivo oncológico do texto.

Palavras-chave: livrOnça; diferOnça; gramatologia indígena – América; filosofia do livro; pensamento ameríndio.

(RE)INTRODUÇÃO: A RELEVÂNCIA DE UM DEVIR-AMÉRICA

É preciso criar um lugar à parte para a América. Claro, ela não está isenta da dominação das árvores e de uma busca das raízes. [...] Diferença entre o livro americano e o livro europeu, inclusive quando o americano se põe na pista das árvores. Diferenças na concepção do livro. ‘*Folhas de relva*’. E, no interior da América, não são sempre as mesmas direções: à leste se faz a busca arborescente e o retorno ao velho mundo. Mas o oeste rizomático, com seus índios sem ascendência, seu limite sempre fugidio, suas fronteiras movediças e deslocadas. Todo um ‘mapa’ americano, no oeste, onde até as árvores fazem rizoma. A América inverteu as direções: ela colocou seu oriente no oeste, como se a terra tivesse devindo redonda precisamente na América; seu oeste é a própria franja do leste. (Não é a Índia, como acreditava Haudricourt, o intermediário entre o Ocidente e o Oriente, é a América que faz Pivô e mecanismo de inversão.) A cantora americana Patti Smith canta a bíblia do dentista americano: não procure a raiz, siga o canal (Deleuze; Guattari, 1995, v. 1, p. 40-41).

Em *Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade*, Antônio Cândido (1977) narra um episódio emblemático que serve de exemplo para o devir-América anunciado por Deleuze e Guattari. Por volta de 1950, Oswald de Andrade se preparava para inscrever-se no concurso para a Cadeira de Filosofia da Universidade de São Paulo e Antônio Cândido insistia para que não concorresse, pois tratava-se de um campo técnico, para o qual não estava preparado (não tinha formação), e isto poderia desgastá-lo. Tateante com as palavras, Antônio Cândido (1977, p. 72) dizia que tinha ouvido um vocabulário arrevesado de “ser-no-outro”, “por-si”, “orifício existencial” e que, ao modo de ilustração, um afamado examinador poderia perguntar-lhe: “Diga-me V. S. qual é a impostação hodierna da problemática ontológica?”, e, sem pestanejar, Oswald respondeu a simulação de Cândido: “V. Excia. está muito atrasado. Em nossa era de devoração universal o problema não é ontológico, é odontológico.” Em outras palavras, os problemas ameríndios não são substanciais, nem se referem ao imaginário da diferença ontológica ocidental de definição exclusiva do Ser.

O anúncio da nova era por Oswald de Andrade provocou um efeito-mundo: o sentido do ser foi devorado. A fera e o fora anunciavam a semiofagia contemporânea e ancestral do pensamento ameríndio, uma *odontologic turn*.

A linguagem ameríndia comeu o real canônico do Ocidente, e a filosofia fez-se antropofagia logológica¹. Dentro da estrutura linguística de significação da filosofia, a sintaxe da língua metamorfoseou-se em anfíbolias, a semântica transfigurou-se em homonímias e a gramática perspectivou-se em usos equívocos provocados pela variação dos corpos selvagens. Outrora, em sua disputa pelo monopólio da significação do real contra os sofistas, Aristóteles (2002, p. 145-147) atribuiu como fora-do-sentido e portador de *logos* de planta (*homoios phutôi*), aquele que fala sem significar algo único, ou, aquele que fala pelo prazer de falar (*logou kharin legousin*). Essa tópica de exclusão da humanidade do outro e de um outro mundo, ou, do mundo do outro, pela via da linguagem, foi rememorada quando das invasões europeias às terras das primeiras nações, onde os povos originários foram classificados (ou desclassificados) do sentido do ser como os sofistas de outrora. Portanto, o que Oswald de Andrade disse a Antônio Cândido na encenação do tribunal da razão é que nós, ameríndios, somos comensais da forma e das prisões do sentido, ou seja, devoramos o universal com sua humanidade e razão.

Ao modo das perspectivas ameríndias, a humanidade é uma condição disseminada entre todas as existências – não há diferença ontológica que demarque o que é o ser e exclua do mundo, sob diversos gradientes, a dimensão ôntica dos entes. Tem ser quem dispõe de ponto de vista, esta é a perspectiva de *Abya Yala*, a Terra Viva². Aos ameríndios, interessa ver e comer conforme as suas humanidades, para assim, na multiplicidade das relações e suas agências, ter no outro um acréscimo de diferenciação e potencialização da vida (encantar-se). A antropofagia é a força (sustância) que nos une, nos diz a primeira sentença do *Manifesto antropófago* (Andrade, 2011).

Nesse mundo todo vivo que vê e come, torna-se pragmaticamente mais relevante a imanência odontológica do regime alimentar e suas semiofagias (deglutições dos sentidos e significações) do que a abstinência imaculada do ser transcendental em suas rememorações da coisa perdida. A escrita e o livro ameríndios encontram-se dimensionados pelo registro jaguar do sentido (*chilam balam*). A cada tentativa de cooptação totalitária do sentido, os comensais da forma o devoram. Trata-se, antes, de ligar pensamentos (*chinā ātinānāi*), como dizem os Marubo, a partir das suas aglutinações semiofágicas, e não de aprisionar no território dogmático da ideia (*eidōs*) e do sentido (*ousia*) as dobras da vida.

Seguir o canal da canção odontológica evoca um tema ancestral e escritural da filosofia ameríndia, esta é a relevância e o escopo deste texto. A aliança bibliográfica do devir-América apresenta-se, por exemplo, nas expressões ameríndias: “seguir o caminho do risco” (*kusiwa*), como falam os povos amazônicos Wayápi a respeito da escrita xamânica (Macedo, 2009), ou, “o caminho do livro” (*amoxohtoca*), como diziam, antes dos europeus, os povos mesoamericanos Nahuas (Léon-Portilla, 2012b). Os livros americanos invertem as direções do livro total europeu, ao abrirem outras percepções bibliográficas obstruídas pelas dizimações coloniais. A semiofagia ou o caminho do livro são canais liminares para pensar de modo descolonizado o conceito de livro e suas possíveis cartografias bibliográficas, resistentes nas brechas da máquina totalitária, genocida e epistemicida do Ocidente.

O rizoma americano é um compósito de associações canibais. Perseguidos, queimados e recompostos pelos diversos agenciamentos indígenas coloniais e pós-coloniais, os livros ancestrais de Abya Yala deslocam-se das metafísicas coloniais do “livro-aparelho de Estado” (Deleuze; Guattari, 1995, v. 1, p. 25) e passam a operar alianças com o mundo através das suas metafísicas canibais (Viveiros de Castro, 2018a). O livro americano é afirmado no devir das peles do mundo, nas circunstâncias dos seus contextos escriturais, na semiofagia dos seus atos e na multiplicidade das suas paisagens texto-visuais.

O objetivo desta pesquisa é reintroduzir o relevo dos elementos do livro, esquecidos nas camadas discursivas ocidentais do campo informacional. Hipoteticamente, pretende-se mostrar como a percepção indígena do livro e da escrita pode alterar os pressupostos gramatológicos dos estudos bibliográficos, do horizonte da morte para o terreno da vida. Por fim, sob as fronteiras movediças e as inversões do devir-América, recoloca-se uma questão ancestral para o futuro: o que é um livro?

CONTEXTUALIZAÇÃO DO LIVRO ANÍMICO-CORPORAL: *ANTHROPOS*, O DOADOR DE FORMA AOS GRAFISMOS OCIDENTAIS

Sócrates – Pero si está solo cuando se hace a sí mismo esas reflexiones, sigue caminando conservándolas en sí a veces bastante tiempo.

Protarco – Totalmente.

Sócrates – ¿Y luego? ¿Piensas lo que yo con respecto a ello?

Protarco – ¿El qué?

Sócrates – En mi opinión nuestra alma se parece en tales casos a un libro.

Protarco – ¿Cómo?

Sócrates – El recuerdo, al coincidir con las sensaciones sobre un mismo objeto, y aquellas reflexiones relativas a ello, me parece que en tales circunstancias vienen a escribir discursos en nuestras almas, y cuando ese escribano que hay en nosotros escribe cosas verdaderas, de ello resultan coincidir en nosotros opinión verdadera y discursos verdaderos, mas cuando escribe cosas falsas, resulta lo contrario de la verdad.

Protarco – Me parece perfecto, y acepto lo que así se ha dicho.

Sócrates – Acepta también que haya al mismo tiempo otro artesano en nuestras almas.

Protarco – ¿Cuál?

Sócrates – Un pintor, que después del escribano traza en las almas las imágenes de lo dicho.

Protarco – ¿Cómo y cuándo decimos que opera éste?

Sócrates – Cuando uno, tras separar de la visión o de alguna otra sensación lo entonces opinado y dicho, ve de algún modo, en sí mismo las imágenes de lo opinado y dicho. ¿O no ocurre esto así en nosotros? (Platão, 1992, p. 74-75, grifo nosso).

De acordo com as primeiras formulações de Aristóteles (2007, p. 414), ler é uma das competências concernentes à “arte da gramática” e aos seus “*tekhnites*” – os gramáticos. Platão (1988, p. 110) chamou de “fazedores ou artífices de nomes”, os gramáticos. Ao lado da leitura, a escrita é o outro componente elementar e formador da gramática-mundo. “*Grammateion*” foi o nome dado por Aristóteles (2010, p. 116) ao livro-pensamento, traduzido pelos comentadores medievais como “*rasum tabulae*” (Agamben, 1993, p. 35) – pura potência – e pelos modernos como “tabula rasa” (Locke, 1999, p. 57) – a mente representada como uma folha em branco, uma faculdade intrínseca do entendimento da natureza humana³. *Grammateion* é o lugar das *grammas* ou das *grammatas*, as letras e suas escritas (*graphê*) – no caso, aristotélico e ocidental, a escrita alfabética. Paul Otlet (1934, p. 12), por exemplo, rememorando a tradição ocidental, usa os termos “*biblion*, *grapho* (*grammata gramme*), *liber* e *documentum*” como sinônimos para a fundamentação da Bibliologia e da Documentação.

Tanto na Antiguidade quanto na Modernidade Ocidental, o livro esteve diretamente associado à questão da alma humana. Enquanto na Antiguidade, o livro oscilava entre as categorias da alma e do corpo, na Modernidade, o livro habitava o pêndulo ontoepistêmico da historicidade e da universalidade seculares. Doador exclusivo das formas gramaticais em seu sentido patriarcal de gênero, o homem (*anthropos*), portador dos discursos no mundo grego antigo, era o artífice do livro, um mediador (*aedo*) entre os desígnios do extra-mundo e o sacramento da humana linguagem.

Marcado pela condição finita e mortal do *anthropos*, o livro é um artefato fabricado sob os dedos imortais da alma. Apesar do flerte com a imortalidade, o livro é maculado pela condição existencial dos humanos – a mortalidade. A dimensão corporal delimita o livro como um suporte ou continente materializador dos atributos anímicos ou do trabalho intelectual, como preferem os modernos. É a partir do espectro sem vida representado pelo vocábulo “*soma*” e pelas figuras cadavéricas de Pátroclo e Heitor, que o corpo se inscreve na cartografia do humano em Homero (Diogo, 2015, p. 358). Na angústia de não perder Pátroclo, Aquiles não o enterra. Pátroclo torna-se um fantasma, uma figura ambígua – um corpo moribundo e visível cuja alma se dá a ver. Somente a partir do rito fúnebre de passagem – o sepultamento –, a alma destaca-se do corpo e é conduzida ao reino das sombras, onde todos os humanos acabarão. A obra humana, o seu livro, é a morte.

Através da morte, o corpo nasce no mundo grego como um fantasma à espera de uma cerimônia fúnebre que o encerre em uma lápide. Essa tradição ritualística era comum em culturas não-ocidentais e, provavelmente, tenha entrado em contato com o mundo grego através dos egípcios, em especial, a partir de *Thoth* (Hermes) e o mito da escrita. Jacques Derrida (2013, p. 276) dizia: “o cadáver oriental está no livro.”⁴ Platão, por exemplo, usa a escrita para tecer os seus argumentos farmacológicos (Derrida, 2005). Inicialmente, a epigrafia era a arte de fabricar lápides e produzir epitáfios. A epigrafia era uma técnica da Epilogia, a ciência das pedras. Há aqui um sentido literal de tratamento artesanal das pedras, por exemplo, para a produção de lápides ou esculturas, mas, também, uma aletria, um sentido figurado atrelado à palavra. Pedra em grego é *herma* e, originariamente, significava a pedra sepulcral. Este sentido de *herma* está associado a Hermes, o deus psicopompo⁵, que conduz as almas na psicostasia⁶ da sua pena (*Qalam*⁷), feita de cauduceu. Hermes é um escrivão poiético de fantasmas: ao escrever transforma o corpo sem vida em fantasma (morto-vivo) e conduz a sua alma.

À esta prática hermenêutica – de Hermes –, Platão (2000, p. 81) associou o retor e o denominou de “logógrafo”, o fabricante de discursos. Em seu diálogo com Fedro, Sócrates (2000, p. 90) pergunta: “não te parece que a retórica é uma psicogogia, uma arte de conduzir as almas através das palavras, mediante o discurso?” À diferença do epitáfio do Rei Midas⁸, uma escrita fantasmática, a dialética moralista socrática dizia: “todo o discurso deve ser formado como um ser vivo” (Platão, 2000, p. 98-99), um organismo próprio, harmonioso e mortal, ou seja, com início (cabeça | nascimento), meio (órgãos internos e externos | vida adulta) e fim (pé | morte).

O *corpus* do discurso epigramático do hermeneuta – retor e sofista – é móvel e espectral, enquanto o discurso socrático é ideal e estático. Enquanto o primeiro é composto por fazedores de nomes (gramáticos) e discursos (logógrafos) e inscreve-se nas performances escriturais dos diferentes grafismos, o segundo é oral, hierático e baseia-se na condição inteligível do vivo enquanto um semelhante, humano e cidadão, capaz de falar na *pólis*. O mundo platônico reúne uma série de distinções ontoepistêmicas: essência e aparência, inteligível e sensível, original e cópia, ideia e imagem. A possibilidade de conhecer a inteligibilidade da coisa é uma condição ontológica da partilha da forma (*eidos*), ou seja, da ontologia do informar⁹. Os inteligíveis dão a forma a algo – informam, imprimem a forma modeladora da ideia na matéria corporal – e os elementos sensíveis, ao receberem a ação da ideia, são apreendidos pela dádiva da fundamentação. Deste modo, conforme a ontologia política platônica, os indivíduos inteligíveis são instituídos politicamente como “boas cópias” (*eidolon*), representantes sensíveis da ideia. Esplêndidas aparências e bem fundamentadas, os seres sensíveis são a imagem e semelhança da Ideia (*eidos*). A tarefa da ontologia informacional platônica é alçar ao sublime a linhagem dos semelhantes (Deleuze, 2006) ao produzi-los assemelhados a um puro livro imaculado pela presença escritural da alma, o pintor-escriba interior da epígrafe desta seção contextualizadora.

Nesta cena do livro-alma, Platão captura o *corpus* escritural fantasmático e purifica-o ao privar os efeitos da agência do corpo na dimensão da alma. A dupla dimensão de veneno e cura da memória associada ao *pharmakon* escritural (*biblion*) que Hermes (*Thoth*) apresentou ao rei Tamuz no mito da escrita (Platão, 2000) é subtraída e a escrita passa a ser associada exclusivamente à dimensão inteligível da alma. Platão funda o livro como um elemento seminal do “palco da interioridade” do ser (Silva, 2022), uma metáfora da alma.

O platonismo demarca um gesto de exclusão ontológica na *pólis*, cujo critério seletivo e fabricado de humanidade entre as boas e as más cópias representa a separação entre os seres que estão habilitados a receber a forma – os seres inteligíveis, também conhecidos como humanos¹⁰, em especial, homens humanos – e aqueles “outros seres”, privados da forma e desterrados à condição corporal de não-humanidade dos fantasmas – macrotermo platônico para todos os seres informes, excluídos da República – mulheres, crianças, escravos, estrangeiros, ciganos, poetas, escribas, artistas, músicos, animais... Este pensamento platônico expressa a vontade ontológica de exorcizar, excluir e reprimir os dessemelhantes¹¹, simulacros da *pólis*. Em outras palavras, o simulacro (ou fantasma) é a diferença, a imagem demoníaca destinada à expiação, o desclassificado não-ser. Entre a ideia (modelo) e as imagens (cópias) estão os fantasmas (*phantasmata*), ou, as “más cópias” – imagens sem semelhança, um puro devir sem medida que escapa da ação da forma. Os fantasmas reaparecem aqui como um estigma do corpo e da diferença. Essas aparências fantasmáticas designadas como imitadoras n’*A República* (Platão, 2017), são classificadas como simulacros malignos, perversos e insinuantes, visto que não respeitam nem o fundamento, nem o fundado. Os fantasmas são informes (*informis*), não suportam a prova da cópia, nem a exigência do modelo.

Reclusos à inexistência ontoepistemológica da “exterioridade” (Silva, 2022), estes elementos residuais permanecem em devir na materialidade dos livros e suas escrituras e na ação dos seus fantasmas – os agentes escriturais: o “artista”, o “escriba” e o “pintor” (Platão, 2017, p. 456-461). Dentro da organização dos mundos platônicos, estes elementos e seres materiais subsistem entre o mundo inteligível e o mundo sensível, ou seja, em um sugestivo e ancestral “terceiro mundo”: “obscuro”, “ilegítimo” e de “inteligibilidade bastarda” (*khóra*), segundo Platão (1992, p. 202-204).

A tarefa do livro-alma platônico é informar a ideia, “dar às coisas um fundamento”, um aspecto e uma forma capaz de ser identificada para assim excluir, eliminar e barrar toda e qualquer pretensão de diferença (Deleuze, 2006, p. 369). O ato de dar a forma a algo é uma relação de força que visa reduzir o pensamento da diferença à identidade, o informe matriarcal ao ideal informacional do patriarca. A ontologia platônica limita o livro aos grafismos alfabéticos desenhados pelo pintor-escriba no interior da alma do patriarca, o homem livre ocidental detentor dos patrimônios culturais.

O livro-alma platônico reaparece sob outras vestes na logologia, a ciência aristotélica do *logos*. No livro *De anima* ou *Da alma*, Aristóteles (2010, p. 116) chama de “*grammateion*” – “a tabuinha de escrever onde nada está escrito” – o livro-pensamento, ou, a potência do pensamento¹² que configura a alma. Em Aristóteles, a substância do *anthropos* reside em dar sentido ao seu pensamento, de modo a dizer algo significativo e único ao seu semelhante¹³. Assim, em Aristóteles, a obra do ser é o seu *grammateion*, dotá-la de sentido – informá-la – é a sua tarefa antrópica. Todos esses elementos conceituais são figuras estruturantes da metafísica aristotélica e o livro é uma reserva a que se destina o pensamento na obra de Aristóteles, “o escrivão da natureza, que molhava a pena no pensamento”¹⁴, como assinala o verbete dedicado a Aristóteles na *Suda*, léxico bizantino tardio e uma das primeiras enciclopédias do mundo.

Antes da cisão da palavra proferida por Aristóteles, o oral e a escrita encontravam-se unidos no ritmo das grafias ou na “oralitura”¹⁵, termo do pensamento de Leda Martins (1997, 2003) para expressar a textualidade das afrografias dos povos de África e dos desenhos e grafismos ameríndios. Em Aristóteles (2013), no livro *Peri hermeneias*, ou, *Da interpretação*, as grafias dos ritmos escriturais são reduzidas à linearidade do sistema fonético da escrita alfabética. O linearismo da escrita alfabética é inseparável do fonologismo, que se impõe como modelo universal da escrita, através da unicidade não-contraditória do sentido. Torna-se uma cadeia de doutrinas exclusivas do ser (humano ocidental): o fonocentrismo, o logocentrismo e o etnocentrismo (Derrida, 2013).

Nas relações fundamentais da *Metafísica*, Aristóteles (2002, p. 25-27) argumenta que o ritmo se faz esquema e o esquema é a forma – radical *informa*-cional –, em sua disposição física, moral e conceitual. Ao mesmo tempo que a forma é aspectual e assemelhada em sua função às letras do alfabeto – exemplo que Aristóteles retira da “hipótese primitiva do átomo” de Demócrito –, é também moral e demarcadora do sentido político do humano. O pretense sentido próprio imposto pela letra alfabética demarca o sentido político do humano – a centralidade do *logos* grego que se fez, no curso da história do Ocidente: homem, livre, cidadão, e, com a Modernidade, branco e europeu.

Sob o ponto de vista aristotélico, que perseverará na máquina antropológica do Ocidente (Agamben, 2011), a forma é um substantivo que caracteriza o sentido do ser, isto é, a ontologia funda o *anthropos* através de uma semiogênese. O sentido define o humano, dado que a sua obra (*ergon*) é significar. Este princípio de reconhecimento e representação por meio do sentido é um princípio de determinação do humano e, através das suas letras, o livro de histórias da humanidade exclusiva foi escrito à revelia dos seres diferentemente humanos, classificados pela escritura linear etnocêntrica, dentre outras coisas, como ágrafos¹⁶.

Ágrafos são os povos não possuidores da escrita alfabética, com especial distinção para os não escrivães do grego – na Antiguidade –, do latim – na Antiguidade Tardia e Medievo – e das línguas indoeuropeias – na Modernidade. Um contraponto que exemplifica o dito encontra-se na fala de André Baniwa (2021, p. 1): “a escrita Baniwa sempre existiu”. Os Baniwa chamam a escrita de *lidana*, que pode ser um grafismo na cestaria, petroglifos nas pedras além de desenhos e grafismos nas peles, índices de acesso ao mundo ancestral do conhecimento tradicional Baniwa.

Fora do ontológico sentido, os “povos ágrafos” foram classificados como *homo alalus*, humanos sem fala articulada, e conduzidos à condição de não-humanidade, como os escravizados, as mulheres, as crianças, os estrangeiros, patrimônios (*patrimonium*) ônticos do déspota patriarca – o homem livre (*anthropos*). Esta afasia não é fisiológica, trata-se de um gesto de exclusão e banimento político à condição ôntica dos seres cujos esquemas classificatórios da linguagem estão atravessados pela diferença e pelo uso em tom menor dos seus corpos. Esse gesto de exclusão, em Aristóteles (2002, p. 10-13), funda a filosofia como “única ciência livre” já que “única que é em vista de si mesma” e faz do “homem livre” seu operador por excelência, posto que o *anthropos* é o único ser “que o é em vista de si mesmo” (*ho hautoù héneka*) à revelia de toda e qualquer alteridade. Nisto reside o aspecto mortiço do livro (pensamento) aristotélico.

Os grafismos alfabéticos do pretenso povo universal (ocidentais) informam o mundo através da condição anímica do sentido próprio (autêntico). Segundo a decisão do sentido de Aristóteles (2002, p. 145-147), informar “não é significar uma infinidade de coisas, deste modo não haveria discurso” (*ouk an eiê logos*). “Não significar uma única coisa é não significar nada absolutamente” (*to gar mê hen sêmainein outhen sêmainen estin*), posto que “não se pode pensar em nada sem pensar em algo único” – o pressuposto do livro total. Se não há uma palavra única ou um livro universal para significar algo, destrói-se a comunicação, visto que “não diz nada (*an de mêthen*), não sustenta discurso algum (*ton mêthenos ekhonta logon*)”.

Sem realização do sentido, “tal homem é semelhante a uma planta” (*homois phutôi*), um não humano privado de *logos* e, por consequência, de livro – a materialidade hilemórfica do pensamento. Ao “falar por falar” (*logou kharin legousin*), sem pretensões de significar e dar forma a algo único, o homem livre cai num impróprio lugar, o da animalidade, ou, segundo um *logos* de planta, vegeta. Privado de razão e discurso (*aneu logon*), o homem aliena-se em uma condição não-humana (*alogon pragma*). Sem obra é informe (*informis* | sem forma). Destituído das letras próprias ao humano, a aletria imprópria dos seres informes se inscreve no corpo da *palavramundo* e no livro da vida, desqualificada (*zoé*) pela repressão patriarcal dos homens demasiadamente humanos. A morte, ou, a tanatologia reside no descarte do corpo politicamente classificado como não-humano, isto é, fora do catálogo dos humanos de sentido único. O livro assim configurado marca com o ferrão da morte aquele que sob os seus olhos totalitários é diferente, dos bárbaros aos pagãos, dos animais às bruxas, das crianças aos monstros, todos usuários da biblioteca libertária de livros menores.

Nos termos da ciência linguística, na história da metafísica ocidental, a língua se desencarnou da voz e o ser humano tornou-se um conceito e uma forma politicamente distinta da do animal. Portador unívoco da ideia (*eidos*) e do sentido (*ousia*), o humano tornou-se política e informacionalmente capaz de configurar o seu próprio mundo de modo substantivo e exclusivo. Os gramáticos passaram a iniciar os seus tratados com a definição classificatória da voz (*phoné*), como *phoné synkechiméne*, a voz confusa dos animais e das plantas e *phoné enarthros*, a voz articulada pelo sentido dos humanos. A expressão latina *vox articulata* significa a *phoné engrámmatos*, ou seja, a voz que se pode escrever e compreender através das letras¹⁷. A voz confusa dos animais e das plantas é “inescrevível”, “irrelata” e sem significação – não sustentam nenhum discurso (*mêthena ekhei logon*) –, enquanto a voz articulada é humana devido à sua possibilidade de ser efetivamente inscrita em uma escritura alfabética.

Fora do coro das vozes animais legadas à agraphia e a aletria, os humanos adentram o sentido da língua, do falar e do pensar. O ritmo feito esquema fez o som da voz desencarnar-se da língua (substancializar-se). Um episódio exemplar e emblemático foi o do mau encontro entre os lusíadas e os Tupinambá no litoral de Pindorama, onde os quinhentistas, cujo patrono era Aristóteles, chegaram em terras ameríndias e logo colocaram em questão a humanidade dos nativos relativos, cuja língua não pronunciava f, r, s, ou seja, sem voz articulada e sem gramática falavam sem significar (Viveiros de Castro, 2017). Desta constatação logocêntrica, os brancos ceticamente colocaram em questão se os nativos possuíam alma ou não, se eram humanos ou não. Como efeito deste “ceticismo misantrópico colonial e racial” (Maldonado-Torres, 2007, p. 136), os livros de *Abya Yala* foram sufocados pela tirania do livro total. A escritura linear funda o livro total e, politicamente¹⁸, transforma em escravizados, os seres informes, sem escritura alfabético-universal (“ágrafos”), logo, sem livros.

A ideia do livro é a ideia de uma totalidade, finita ou infinita, do significante; essa totalidade do significante somente pode ser o que ela é, uma totalidade, se uma totalidade constituída do significante preexistir a ela, vigiando sua inscrição e seus signos, independentemente dela na sua idealidade. A ideia do livro, que remete sempre a uma totalidade natural, é profundamente estranha ao sentido da escritura. É a proteção enciclopédica da teologia e do logocentrismo contra a disrupção da escritura, contra sua energia aforística e, contra a diferença em geral (Derrida, 2013, p. 21).

Fora do sentido humano, a condição colonial dos seres informes é a de não-ser, não-poder e não-saber. Epistemicida, o sentido nega a alteridade e a legitimidade dos sujeitos de conhecimento, das suas maneiras de organização social e dos seus modos de conhecer, expressões simbolizadas de maneira multidimensional em seus livros outros rasurados pela identidade linear do livro total. Partículas negativas do sentido (*informis*) para a máquina antropológica do Ocidente, os povos de *Abya Yala* simbolizam aquilo que ocorre não ser, que absolutamente não é, que não pode e não deve ser, pois não possui um “ai” – trata-se de um nada existencial (*ouk on*).

À diferença do homem ontologicamente significativo, existe o seu simetricamente oposto, o humano sem obra, ou, cujo livro não diz respeito aos caracteres distintivos da humanidade. Este humano outro, em negativo, semelhantes às plantas e aos animais, na estrutura social e política da metafísica da colonialidade está representado na teoria da escravidão natural (Aristóteles, 1988), formadora dos escravizados e seus afins não-humanos – os seres informes. Decaído à condição informe, a obra imperfeita do escravizado é o “uso dos corpos” (*he tou somatos chresis*), seu idioma simbólico é a corporalidade das suas performances. Fora do *nous* (intelecto), a obra do escravizado é não-humana (*ergon doulou*), enquanto a do homem livre, reafirma sua exclusividade senhorial de informar (*ergon anthropou*). A alma comanda o corpo com um comando despótico, enquanto o intelecto comanda o apetite com um comando político. Em outras palavras, o livro-alma está para o corpo-livro assim como o senhor está para o escravo. Neste ente escravizado, o corpo encontra-se em uso, enquanto no homem livre, a alma está em obra segundo a razão.

Derrida (2013, p. 98) afirmava que “o logocentrismo é uma metafísica etnocêntrica.” Claude Lévi-Strauss (1957, p. 318) possuía a seguinte hipótese: “a função primária da comunicação escrita é facilitar a servidão”, i) através da dominação ostensiva de um grupo sobre outro, e ii) da sujeição às leis da *pólis* e do Estado, especialmente o Moderno, com sua manutenção regimentar dos modos de trabalho precarizado. Em *Abya Yala*, segundo os princípios onto-teológicos e racistas, o livro-alma fez do corpo nativo e da diáspora africana, um ente condenado e maculado pelo pecado, pelo trabalho e pela reprodução (Fanon, 1968, 2008).

Excluindo aquilo que o torna possível, o livro do sentido é a primeira entidade que não pode tolerar a contradição (Cassin, 2005) e o não-contraditório é a essência formal do homem (*anthropos*). O sentido é feito de tal modo que algo ou tem sentido ou não é, ou seja, “é da natureza do sentido o fato de ser totalitário, quer dizer, reduzir a si mesmo tudo o que não é ele” (Cassin, 2005, p. 84-85).

O escravizado se define pelo uso do corpo (não do intelecto), fora do sentido, ele é “sem obra, aquele ser vivo que, embora sendo humano, é excluído da humanidade – e, por essa exclusão, incluído nela – para que os homens possam ter uma vida humana, ou seja, política” (Agamben, 2017, p. 41).

A fundamentação ocidental da ontologia informacional revela o informe como a condição de possibilidade e de materialização do ser informacional, ou, nos termos de Sueli Carneiro (2005), o não-ser como fundamento do ser – em referência à condição do negro no Brasil. Em marcos mais expansivos, para além do Brasil, Achille Mbembe (2014) denomina como “devir negro do mundo”, esta condição onde estão circunscritos nos esquemas de classificação do Ocidente, os seres informes, marginais da língua maior (Deleuze; Guattari, 1977).

Distinta da caracterização repulsiva do outro sobressalente na ontologia informacional do livro anímico-corporal e seus atributos classificatórios da negatividade, universalização, exclusividade teleológica e hierárquica do ser humano do Ocidente (Olson, 1999), apresentaremos a perspectiva ameríndia do *LivrOnça*, fundamentada a partir do outro como um vetor de transformação e potencialização da vida. Seguindo a lição de Leda Martins (2003, p. 78): “não existem culturas ágrafas.” Na véspera do livro total e sua teleologia etnocêntrica: a escritura ameríndia e os seus grafismos transformacionais. Segundo Derrida (2013), o passado da escritura fonética está inscrito sobre as tábuas das escrituras não-lineares. Sob as rasuras deste texto privado pelo “povo universal”, lemos e imaginamos conceitualmente o livro ameríndio, inscrito nas dobras da corporalidade humana e nos grafismos dos seus idiomas simbólicos. Comensais da forma e semiófagos do sentido único, os povos de *Abya Yala* devora todo o desencantamento da mortandade Ocidental, e regurgita de modo a transbordar a possibilidade e a multiplicidade dos modos de vida alterantes, como descrito por Oswald de Andrade (2011, p. 70-71) no *Manifesto antropológico*: “perguntei a um homem o que era o Direito.

Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o”, ou, como no início desta citação: “A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais.”

LIVRONÇA: UMA DIFFÉRONCE NA GRAMATOLOGIA DA AMÉRICA

Talvez em meu rosto estivesse escrita a magia, talvez eu mesmo fosse a meta de minha busca. Estava nesse afã quando me lembrei de que o jaguar era um dos atributos do deus. Então minha alma se encheu de piedade. Imaginei a primeira manhã do tempo, imaginei meu deus confiando a mensagem à pele viva dos jaguares, que se amariam e gerariam infindavelmente, em cavernas, em canaviais, em ilhas, para que os últimos homens pudessem receber. Imaginei essa rede de tigres, esse candente labirinto de tigres, causando horror nas pradarias e nos rebanhos para conservar um desenho. [...] Dediquei longos anos a aprender a ordem e a configuração das manchas. Cada cega jornada me concedia um instante de luz, e assim consegui fixar na mente as negras formas que marcavam a pelagem amarela. Algumas incluíam pontos; outras formavam riscas transversais na face interior das pernas; outras, anulares, repetiam-se. Talvez fossem um mesmo som ou uma mesma palavra. Muitas tinham bordas vermelhas (Borges, 2008, p. 106-107).

Leitor das escritas ameríndias, Jorge Luis Borges (2008) em *A escrita do deus* compartilha a aventura de decifração de Tzinacán, sábio Maya, que descobrira as escrituras de Qaholom, seu deus, inscritas sobre a pele do jaguar, aprisionado ao lado de sua cela de pedra. Apagadas as fronteiras entre a linguagem própria (literal) e imprópria (figurativa) construídas pela retórica do Ocidente, na gramatologia da América, o jaguar é um *LivrOnça*. Sua pele ancestral, permanentemente pintada, demarca a escritura viva e ancestral dos povos ameríndios. À esta escritura chamo *LivrOnça* em diálogo com a *diferOnça*, uma diferença gramatológica (ou onçológica) ameríndia proposta por Viveiros de Castro (2018b).

Devorando a *différance* de um livro espaçado no tempo, a partir das escrituras indígenas americanas, Gordon Brotherston (1986) propõe uma *grammarology of America*, fora das circunscrições do fonologismo e dos seus pressupostos etnocêntricos e logocêntricos ocidentais. Por outras vias indigenistas, Eduardo Viveiros de Castro (2018b) apresenta a *diferOnça* (*différence*), grafada com O maiúsculo para semelhar a gOela aberta da onça. A *diferOnça* é uma releitura político antropofágica dos conceitos de diferença presentes em Derrida e em Deleuze. Sob esta perspectiva falamos do LivrOnça, palavra-valise fruto de uma devoração entre a onça (fera) e o livro (fora), um intermezzo rizomático e gramatológico da *diferOnça* (*différence*). Fruto de uma gramatologia americana e sua *diferOnça*, o LivrOnça é uma materialidade escritural dos sentidos dissidentes ameríndios.

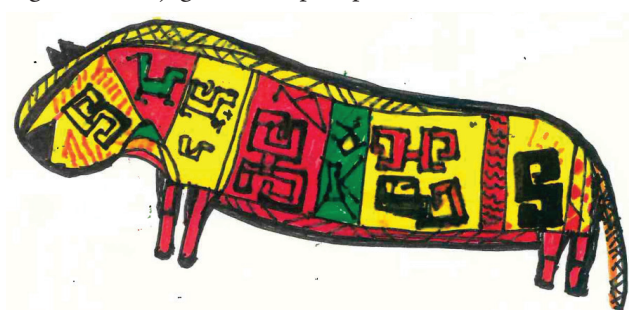
O livrOnça é constituído por um “realismo fantástico” (não exótico) como atribuem as classificações literárias, ou, por um “materialismo mágico” como argumenta filosoficamente Carlos Cardozo Coelho (2020), visto que devorado o elo de necessidade e representação entre as palavras e as coisas, o extraordinário passa a ser um atributo telúrico de descrição e perspetivação do mundo nos livros das cosmologias ameríndias: “o livro [ameríndio] é uma realidade maravilhosa nos universos dos homens e dos deuses” (León-Portilla, 2012a, p. 86). A respeito desta configuração do maravilhoso e do extraordinário nos mundos ameríndios, Nimuendaju (1981, p. 18), por meio da perspectiva dos povos Sipáia, manifesta:

Um bando numeroso de demônios povoa as matas, os rios e o céu da terra Sipáia. [...] Os índios não os consideram como entes sobrenaturais, em nossa acepção do termo, pela simples razão de que para eles não existe nada de sobrenatural. No conceito dos índios, o que conta é a maior ou menor atividade de um poder mágico imanente a todos os seres, e se alguém é capaz de produzir alguma coisa que aos outros pareça prodigioso. Esse extraordinário não tem limites: simplesmente, tudo é possível e natural.

Habilidoso artífice da palavra latino-americana, Borges (2008) através de uma história ficcional (fabricada) relata um modo real e perspectivado da escritura ameríndia: as peles naturais e artificiais do corpo do mundo americano. Gordon Brotherston (2001) em *Meaning in a Bororo jaguar skin* apresenta um conjunto de significados da pele de onça do povo Bororo, tanto do ponto de vista externo e natural da pele – como no caso de Tzinacán – quanto da produção e fabricação feita pelos Bororo na face interna da pele. *Adugo biri* é como os Bororo chamam essas peles de onça e, de modo complementar, as peles pintadas. *Adugo biri* significa também escrita. *Ikuie adugo* é uma expressão específica para pintura de rosto, de olho e da estrela. Estes conjuntos de pinturas e grafismos estão associados ao céu noturno, local da guerra travada entre o Jaguar, o Sol e a Lua que resultou na expulsão do Sol e da Lua para o céu e na libertação da Terra para a fruição das vidas humanas e extra-humanas¹⁹.

Por sua grande capacidade de transitar com destreza entre diversas geografias – telúricas e espirituais –, por caçar habilmente em diferentes ambientes e por possuir uma pele profundamente pintada – marca distintiva do humano –, a onça-jaguar é a imagem por excelência da potência de ser à qual os ameríndios perseguem. Ancestrais indígenas da Mesoamérica (1500 a.C – 400 a.C.), os povos olmecas representavam em suas estelas o humano como um híbrido de gente-onça com gente-humana (Coe, 1972). O humano por excelência é um ser teratomorfo: o belo é a fera (Van Velthem, 1995). Dotar-se de capacidades análogas à da onça é um objetivo almejado em inúmeras sociedades ameríndias (Taylor; Viveiros de Castro, 2019) e esta possibilidade se dá através da pele e sua pintura corporal, uma fronteira imanente entre os distintos mundos e suas vidas.

Figura 1 – O jaguar e sua pele pintada



Fonte: desenhos de Anakari citados por Van Velthem (1995, p. 155).

Comum nas cosmologias ameríndias, a pele é um signo transformacional da vida. A vida é pintada e as pinturas operam uma relação de diferenciação entre os seres deste mundo todo vivo. Enquanto os animais, as plantas, os minerais, os seres ancestrais, os espíritos “têm imagem”, isto é, são permanentemente pintados, os humanos para diferenciarem-se e assumirem um ponto de vista entre os diferentes mundos multinaturais precisam fabricar a sua pele, ou seja, pintá-la. A gente-humana está pintada. A sua alteridade tem pintura.

Nas sociedades ameríndias, o corpo pintado é a medida da humanidade. A inscrição corporal é o que determina a condição de pessoa que está na origem do olhar (Taylor; Viveiros de Castro, 2019). Os grafismos, desenhos ou “padrões” (*yonchi*), como apresentado Peter Gow (1999) a partir do povo Piro do rio Bajo Urubamba, na Amazônia peruana, são a pré-condição para que as pessoas se tornem humanas em meio a tantos humanos, ou seja, habitem um ponto de vista. Pedro Cesarino (2012), acerca do povo Marubo, habitante da bacia do Javari, na Amazônia brasileira, assinala algo similar à Gow. Os Marubo chamam de *kene* esses padrões de desenho (escritura) que descrevem a estória oral-escrita (oralitura) do povo em lugares de memória – os livros configurados pelas peles do mundo. Neste âmbito relacional relata um xamã Marubo: “os riscos [a escrita] são o *chinã-kene* dos *nawa-rasí* [não-índios]. O *nawa-rasí papirí kene* [o *kene* de papel dos não-índios] é a escrita” (Franchetto, 2018, v. 1, p. 94).

De anatomia incerta, os livros ameríndios são feitos nos corpos, colares, cestas, vasos, vestuários, abanadores, peneiras, redes, ou, encontrados nas faunas, floras, ou ainda, nos corpos estrangeiros dos outros povos (Gow, 1999). Perante a humanidade disseminada, os livros da Terra Viva não são exclusivos de um povo, estão presentes na gente-onça, na gente-arara, na gente-cobra, na gente-peixe, na gente-folha, na gente-espírito, enfim, nos infinitos e infinitesimais cidadãos das “florestas de cristais” – “arqui-pólis virtual” dos povos de *Abya Yala* (Viveiros de Castro, 2006, p. 323). Os livros de *Abya Yala* são potencialmente informes, traços virtuais – uma individuação singular.

Em um mundo onde a humanidade é a natureza do sujeito, ou, a condição ontológica comum aos seres, desenhar grafismos no corpo é fabricar e distinguir a humanidade especista aos olhares dos outros – particularizar, perante as variações do corpo selvagem, sobre qual ou com qual humano estamos falando. Deste modo, como argumentam Taylor e Viveiros de Castro (2019), o corpo é feito de olhares e a pele, que os antigos gregos chamavam de *biblion*, é “um invólucro que unifica as partes e confere ao corpo uma identidade específica”, conforme argumentado por Tânia Stolze Lima (2002, p. 12-13): “é ela [a pele] que atua como um princípio de individuação e que fundamenta a transformação interespecífica de que falam os mitos e os discursos xamânicos: é possível um homem transformar-se em onça ou arara na medida em que é possível vestir uma outra pele.”

Estariamos assim diante de uma ‘condensação visual’ [...] Teríamos a condensação de várias ‘vestimentas’ sobre um só suporte, o corpo do homem. Teríamos então um homem (segundo o seu ponto de vista e o de sua sociedade), cuja pele é o suporte de grafismos (de motivos agentivos que são a imagem – ou parte da imagem – de outros seres segundo seus pontos de vista), vendo realizar sobre si o poder agentivo da transformação gráfica, ou seja, a realização do processo de metamorfose feito pela sobreposição e pela condensação das imagens (Macedo, 2009, p. 518).

Estar pintado é uma característica fundamental e contingente na diferenciação do humano para os povos ameríndios. Esta perspectiva foi combatida pelas ações coloniais de evangelização do livro-alma. Seguindo a semelhança platônica entre alma e livro do tópico anterior, uma história do missionário Sanchez-Labrador narrada por Lévi-Strauss (1957) é exemplar. Partindo do princípio neoplatônico cristão que diz que o homem é a imagem e semelhança de Deus, Sanchez-Labrador ao presenciar os corpos indígenas grafados por desenhos anti-figurativos²⁰, incompreensíveis para os olhos da representação do clérigo cristão, demonstrava incômodo e interpretava a ação dos indígenas como um desprezo pela obra do Criador, pois alteravam as suas aparências e fabricavam um corpo dessemelhante à imagem de Deus²¹. O que escapava a Sanchez-Labrador é que a humanidade para os nativos é uma condição disseminada entre todos os seres que podem potencialmente ocupar um ponto de vista – eis a tese do perspectivismo ameríndio²².

Os povos ameríndios não colocam em questão a alma ou a humanidade do Outro, pois esta não é uma propriedade privada de um único ser, ao contrário, consideram que o que difere e nos faz diferentemente humanos são os desenhos corporais que grafam o nosso corpo – um livro indígena – e nos torna distintos dos Outros humanos – animais, plantas, espíritos, mortos...²³, todo e qualquer ser capaz de ocupar um ponto de vista. E conclui Lévi-Strauss (1957) a história do missionário Sanchez-Labrador: para ser humano é preciso estar pintado. Com transformada imagem, no sentido Yanomami (*utupë*), e intensa dessemelhança, o humano ameríndio destina-se a ser onça (Mussa, 2009), ou, como disse João Guimarães Rosa (2017, v. 2, p. 767) em seu conto *Meu tio o Iauaretê* através de uma linguagem transformada pelo jaguar: “de repente, eh, eu oncei...”.

Se “um livro existe apenas pelo fora e no fora” como manifestavam Deleuze e Guattari (1995, v. 1, p. 18), o *livrOnça* aglutina ao fora, a fera. Em *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*, Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015, p. 66) chamam o livro de uma “pele de imagens” (*utupayasiki*). Este *livrOnça* é profundamente vivo, perspectivamente humano e radicalmente transformacional. As peles de imagens das onças são o metonímico livro americano – o *livrOnça*. Todo e qualquer corpo, um livro selvagem na selva culta (Descola, 1988).

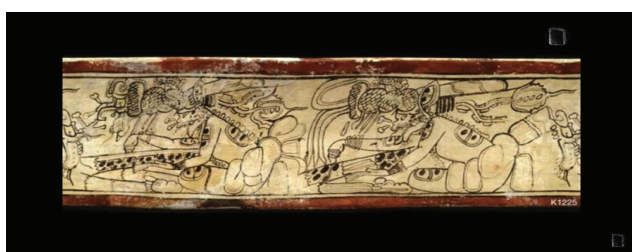
Antes da definição canônica, o livro enquanto pele estava presente na palavra grega *biblion*, a “pele” (*membranae*) ou a “película” (*diphthera*) informe que suporta e possibilita potencialmente toda e qualquer escrita, todo e qualquer possível formato de livro, sem a ele submeter-se, como argumentado na *différance* de Derrida (2004, p. 21). Entre os mundos ocidentais e ameríndios, a palavra livro pode até ser homônima, um conceito ideomórfico, todavia, materialmente, os livros dos povos de *Abya Yala* são outros.

Em seu verbete *Livro* da *Enciclopedia Einaudi*, Alfonso di Nola (2000) rememora o léxico do livro e suas pragmáticas no “Velho Mundo”. Inicialmente, Nola (2000, p. 216-219) assinala a conexão etimológica que associa o livro à folha, à árvore e à madeira. Um elemento de construção do livro é a preparação das tabuinhas de madeira (*tabula*), raspadas e preparadas para receberem a escrita (*graphê*) por riscadura incisa nas tabuinhas com cera (*grammateion epitēdeiôtēs*), ou, com a pena (*stillus*), nas tabuinhas recobertas de verniz branco do mundo latino. Agenciado à série livro-casca-árvore-pele, em outras culturas distintas do mundo greco-romano, a raiz semântica do livro encontra-se associada ao “grafar”, “incisar”, “traçar sinais” como ações essenciais onde o ser humano fixa na matéria o seu pensamento para o transmitir. Por exemplo, em hebreu e em algumas línguas semíticas, o livro é *sēfer*, uma incisão ou sinal, próximo ao significado de *sipporen* “unha”. Valor semelhante tem os termos hebraicos *kēthāv* e *mikhtāv*, que aludem à “ação do escrever”. No hebraico moderno, *mikhtāv* torna-se “letra”, mas já pode ser encontrado em textos antigos com o significado de *mēgillāh* – “rolo” (próximo de *gll* ‘enrolar’) – e *midrāsh* (dado como “sermo” ou “commentarius”), os quais se referem, o primeiro, ao provável uso do material de escrita em pergaminhos, utilizado até o presente na liturgia sinagoga, e o segundo, aos conteúdos da transmissão através do livro, entendida como “investigação da escrita sacra”.

A conexão entre livro, grafar e escrever é aparente. Tal expressão do mundo semítico assemelha-se à ideia de “incisar” no mundo ariófono ou, numa elaboração semântica posterior, às ideias de ‘pintar’, ‘traçar sinais’ presentes em Platão e nas sinonímias gregas para “escrever” – “incisar”, “grafar”, “pintar” –, no latim *scribere* “imprimir”, no inglês antigo *writan* “talhar”, “escrever”, no alemão antigo *rîzan* “desenhar”, “incisar” e no alemão moderno *ritzen* “raspar” e *reissen* “incisar”.

Neste léxico filológico, antropológico e semântico-pragmático do livro, Nola (2000) assinala para elementos concomitantemente presentes nos livros ameríndios. Fazendo uso da etnografia de Lúcia Hussak Van Velthem (1995) entre os Wayana, buscamos de modo breve comparar a rede vocabular de atos que fabricam a conceituação e as técnicas de composição do livro no “Velho” e no “Novo mundo”. “Decoração” é o nome atribuído por Van Velthem (1995, p. 160) para os desenhos das pinturas corporais dos Wayana. O conjunto de elementos aplicados ao corpo para conferir-lhe identidade étnica, social e individual é denominado decoração. Toda decoração é visualizada sobre um suporte material. As técnicas decorativas produtoras das escrituras dos Wayana podem ser classificadas ao menos em três tipologias: i) a técnica da amarração, dita *tipumuhé* – provido de fios –, onde ao envolver em fios arcos, flechas e cestarias (produção masculina), redes e tipoias (produção feminina), os Wayana tecem seus textos, isto é, seus padrões/desenhos e motivos iconográficos vivos, como o *herí ié* (ferrão de formiga); ii) a técnica do entalhe (*tokoi*, cortado), cuja forma de incisar dá aspecto às gravuras (grafismos em baixo relevo sobressalentes numa superfície), trabalhadas, em geral, com pigmentos vermelhos (*piré*) e negros (*tariri*) para dar maior nitidez aos desenhos.

O entalhe é feito com dentes de cutia e cutiaia ou peixe-cachorro, além do uso de elementos alógenos como facas e canivetes industriais. Em geral, os grafismos feitos por entalhe são aplicados em bancos, flechas, bordunas e cuias. A decoração do beiju durante o cozimento da massa, por meio das impressões digitais do dedo, também é considerada um entalhe; iii) a técnica da pintura, caracterizada pela ausência de relevo, é aplicada nos mais diferentes objetos do mundo Wayana: rodas de teto, flechas, bordunas, cestarias, bancos, saiotas para máscaras, cerâmicas, cabaças e no corpo humano. Geralmente, as pinturas são feitas a dedo (*tarpai*, molhado), por proporcionar uma superfície uniforme, em desenhos genéricos, ou, quando na feitura de padrões, a superfície pintada é incisada com as unhas, semelhando-se às marcas das garras da onça pintada (*têwüwüpkai*). Comparados aos *stillus* dos latinos, os pincéis Wayana (*urukhem*) são diversificados: a) taliscas de palmeiras (*tiktikmatop*, pontilhadoras), providas com pontas de algodão, são usadas para a pintura de cerâmica e bancos, b) lascas de taboca (*kurupëetop*, fazedores de jenipapo), são utilizadas exclusivamente para a pintura do corpo humano, c) argila e cabelo humano (da própria artista), são referidos como *umretpë* (outrora cabelo) e *miriktop* (fazedor de padrões), e usados na pintura de cerâmica e roda de teto. Os pincéis são denominados de *urukhem*, aquilo que tem imagem, isto é, feito humano, a faculdade do pincel é ter imagem, trata-se de algo inerente, um *habitus* que lhe faculta a reprodução dos grafismos. Portanto, o livro como inscrição é uma homonímia conceitual entre os mundos ameríndios e ocidentais. O que há é uma variação na natureza do livro, a sua condição intraduzível, ou seja, aquilo que não cessa de se traduzir por poder ser dito em mais de uma língua (Cassin, 2022).

Figura 2 – O livro de cerâmica (*The ceramic codex*)²⁴

Fonte: León-Portilla (2012a, p. 23).

Esta equivocidade entre mundos passa pela questão xamânica da tradução (Cunha, 2017). O xamã é “o geógrafo, o decifrador, o tradutor” dos mundos alternativos em que transita (Cunha, 2017, p. 114). Seu trabalho é o de, através das travessias interespecíficas, estabelecer as íntimas relações entre as diferentes formas de seres para reconstruir os sentidos das múltiplas perspectivas, não como um nomóteta ocidental que nomeia o que vê, mas como um deceptor dos diversos pontos de vista (Cunha, 2017). Os xamãs atuam a partir da aletria de uma fala figurada, com “palavras torcidas” e parciais, aproximando, volteando e remanejando as coisas dos distintos mundos perspectivados pelas relações sociocósmicas das humanidades diferidas. Ao falar e citar os espíritos, o relato xamânico aproxima-se do sentido da fala enquanto *phanai* (Cassin, 2015), posto que, perante a multiplicidade das agências, apaga a sua condição de sujeito falante e o privilégio da intenção significativa e, no esforço de tradução, inscreve o itinerário das falas das alteridades apagando a identidade literal do enunciado.

O xamã faz-se espírito. Eduardo Viveiros de Castro (2006, p. 322) argumenta que “se o conceito de espírito designa essencialmente uma população de afetos moleculares, uma multiplicidade intensiva, então o mesmo se aplica ao xamã” que é “um ser múltiplo, uma micropopulação de agências xamânicas abrigadas em um corpo.”

Os selvagens de *Abya Yala* citam os encantados para xamanizar a escrita (Macedo, 2009; Viveiros de Castro, 2006), convocam a corporalidade da pessoa humana para acionar uma bibliografia cósmica ancestral, seja através de desenhos de escrita materializados nas peles do mundo ou de desenhos invisíveis²⁵ aos olhos não transformados, aplicados como *pharmakon* sobre os doentes a serem curados (Cunha, 2017). Imaginar um grafo bibliocósmico faz parte do trabalho, por fazer, de descolonização do nosso imaginário escritural ocidental.

Eduardo Viveiros de Castro (2006, p. 321) assinala que “o termo *xapiripë* se refere também aos xamãs humanos, e a expressão ‘tornar-se xamã’ é sinônima de ‘tornar-se espírito’, *xapiri-pru*.” Na teoria da multiplicidade do mundo ameríndio, tornar-se xamã é transformar-se em espírito. Acerca dos Wayápi, povo da família tupi-guarani, que se distribui em aldeias na região Noroeste do estado do Amapá (Brasil) e nas margens dos rios Camopi e Oiapoque, na região Sul da Guiana Francesa, Silvia Macedo (2009) relata a aliança interpretativa entre a “escrita e as práticas xamânicas”, através do uso homônimo de um mesmo termo para designar as práticas gráficas e a escrita. Segundo Macedo (2009, p. 512), “escrita e grafismo são denominados pelos mesmos termos: *kusiwa*, *ekosiware*, palavras que descrevem grafismos, desenhos, decorações e escrita. *Kusiwa* significa literalmente um trajeto, uma vereda que se chama ‘caminho do risco’.” Esta coexistência dos planos faz da ação de “pintar a pele” (*o-mongy*) simultaneamente um ato ornamental de “decorar-se” e dos desenhos, um classificador transformacional do estado da pessoa. Desenhar graficamente as falas ancestrais dos encantados constitui um modo de acessar e estabelecer uma comunicação vital com os outros domínios cosmológicos do mundo Wayápi (Macedo, 2009), em um tempo virtual, sem início ou fim.

Figura 3 – Jun B'atz' y Jun Chuwe'n²⁶: deuses escrivães Maya de Mayapán



Fonte: Museo Regional de Antropología Palacio Cantón (2021).

Os grafismos ameríndios são um mapa virtual intensivo, um livro em devir cósmico bi(bli)ográfico, como o mito de formação do mundo do povo Kapon descrito por Abreu e citado por Cesarino (2012, p. 125):

No começo do mundo, havia uma grande pilha de livros e cada povo retirava dali o seu volume específico. Os Kapon foram os últimos a retirar: não havia mais para eles livros inteiros, mas apenas as folhas que caíam dos volumes quando eles foram retirados. A reunião de todas essas folhas dava surgimento ao livro dos Kapon.

Estudar a multiplicidade dos livros ameríndios provoca um colapso na conceituação clássica do livro ocidental. Precisamos nos ligar ao vento que fala nas folhas para ouvir as diferentes histórias que não são de ninguém, mas que são minhas, suas e dos Kapon também.

ENCANTAMENTOS FINICIAIS PARA UM FUTURO ANCESTRAL: ENDEUSAR AS COISAS PARA FABRICAR A VIDA

Com flores, Doador da Vida, com cantos das cores, com cantos sombrios aos que hão de viver na terra. Depois porás fim a águia e jaguares. Só em teu livro de pinturas vivemos aqui sobre a terra. Com tinta negra apagarás o que foi a irmandade, a comunidade, a nobreza. Tu sombreia aos que hão de viver na terra. Só em teu livro de pintura vivemos, aqui sobre a terra²⁷ (León-Portilla, 2012a, p. 87).

E ainda assim, diante da opressão, do saque e do abandono, nossa resposta [latino-americana] é a vida. Nem os dilúvios, nem as pestes, nem a fome, nem os cataclismos, nem mesmo as guerras eternas através dos séculos e séculos conseguiram reduzir a vantagem tenaz da vida sobre a morte (García Márquez, 2019, p. 34).

Finício é uma palavra-valise para a devoração do fim pelo início. O fim a que se dirige a semiofagia americana é o da teleologia logocêntrica, o fim do livro como a cessação da sua condição absoluta e acabada. O *livrOnça* é o fim do livro como fim da escritura linear e o começo da escritura ameríndia, sua origem, seu novo e seu antigo começo, uma possibilidade aberta uma vez mais pelos povos extramodernos da Terra Viva. Neste ponto, este texto é uma escritura encantada pela possibilidade material de um futuro ancestral para o território do livro – suas demarcações ontoepistêmicas e limiares polimorfos –, um contributo antigo e contemporâneo de relevo geofilosófico e relevância transformacional para os estudos da arte da Bibliografia, da Biblioteconomia, da Ciência da Informação e outras paisagens epistêmicas que com o pensamento indígena desejem fazer alianças em favor do bem-viver.

Antes do mau encontro com os povos universais, os povos mesoamericanos já possuíam os seus livros. Classificados como “livros idolátricos”²⁸ e, genericamente, como “coisas do demônio”, grande parte dos livros ameríndios pré-hispânicos foram brutalmente queimados²⁹ pela empresa colonial e suas atrocidades modernas.

Todavia, grafado nas superfícies fronteiriças dos mundos, o *LivrOnça* persistiu e apresenta-se no contemporâneo ancestral em diferentes suportes: pedras (estelas), murais, ossos, madeiras, cerâmicas, papel *maguety* e *amate* (feito de figueira), peles específicas – em geral, de veado, mas também as peles de onça (para textos de formação) e dos corpos vivos dos humanos –, além de uma série de outros artefatos que atravessam as formas de vida ameríndias (Batalla Rosado; Luis de Rojas, 1995).

Figura 4 – *Quetzalcóatl*, o *tlacuilo* originário



Fonte: Códice Vindobonense citado por León Portilla (2012a, p. 257).

Deus comum em diversos panteões mesoamericanos, Quetzalcóatl é o primeiro *tlacuilo* (pintor escriba), doador da vida e da cultura, e inventor dos livros. Em algumas representações míticas de Quetzalcóatl³⁰, o deus encontra-se vestido com peles de onça em seu exercício retórico indígena de plasmar figuras e caracteres para sombrear o mundo, em suas cores, nos livros de palavras floridas (Beristáin; Ramirez Vidal, 2004). Os Nahuas mexicanos chamavam o livro de *amoxtli* e as bibliotecas de *amoxcalli*. O *tlahcuilo*³¹ (pintor escriba) fazia-se *tlamatini* (sábio) a partir das tintas negras e vermelhas (*tlilli*, *tlapalli*) dos livros (*amoxtli*)³²: “Él mismo es escritura y sabiduría” (León-Portilla, 2012b, p. 148). Os sábios bibliotecários (*amoxcalmatini*) de *Abya Yala*, a terra dos livros vivos (*amoxtlapan*), atuavam como *tlayoltehuiani*, um endeusador das coisas. *Chilam balam* em tradução direta, sacerdote onça-jaguar, era a expressão homônima para o pintor escriba onça-jaguar e para o “livro dos livros” de alguns povos Mayas.

Através dos grafismos das peles pintadas, os pintores-escribas despertavam a agência das coisas, como dizia-nos Gabriel García Márquez (2006, p. 7-8) em sua realística obra fantástica: “as coisas têm vida própria, tudo é questão de despertar a sua alma”. Para despertar a alma é preciso inscrevê-la no coração do povo (*teyolí*). Entre os Nahuas, *teyolí* é o “coração do povo”, uma alma coletiva que comunitariamente se ramifica através dos povos³³. Elemento constituinte da árvore-rizoma da humanidade, *teyolí* faz agência com os múltiplos povos, das mais diferidas existências que compõem os mundos minerais, vegetais, animais e culturais (Pavón-Cuellar, 2022). Quetzalcóatl é o deus protetor da humanidade, um “corazón endiosado” que sabiamente através dos seus desenhos dialoga com o coração do povo (*teyolí*). O corpo e a alma ameríndia, reunidos nos corações dos povos, encontram-se grafados e endeusados no livro: “él son los códices, de él son los códices... en sí mismo es como un libro de pinturas” (León-Portilla, 2012b, p. 148). Como observou Brotherson (1997) em *La América indígena* em su literatura: los libros del cuarto mundo, o fato das escrituras ameríndias não estarem ligadas foneticamente a uma escritura alfabética específica, amplia a capilaridade conceitual dos desenhos e possibilita a utilização das pinturas por diferentes povos. Segue uma breve lista bibliográfica de alguns livros ameríndios (*livrOnças*): *Xiuhámatl*: Livros dos anos, *Tonalámatl*: Livros dos dias e dos destinos, *Temicámatl*: Livros dos sonhos, *Cuicámatl*: Livros dos cantos ancestrais, *Tlacamecayoámatl*: Livros genealógicos, *Tlalámatl*: Livros de terras, *Huehuehtlahtolli*: Livros das antigas palavras, *Teoamatl*: Livros dos deuses, *Titici*: Livros médicos, *Amoxmachiotl*: Livros sobre livros (León-Portilla, 2012a).

Figura 5 – Fac-símile do pré-hispânico Códice Bórgia



Fonte: Samantha Gerritse (2013, p. 8).

Sonhar à maneira dos povos ameríndios com outros livros e outras grafias é um modo de estudá-los, de preencher-se de lembranças, longamente mutiladas pelos empreendimentos coloniais. Neste exercício pragmático de imaginação conceitual, o sonho não é um modo de alienação do mundo real, nem uma renúncia da vida prática. Trata-se de um modo concreto e presente de conceber as questões da vida prática como possibilidades. E essas garantias de possibilidades, como ensinou Oswald de Andrade (2011): devoramos. Ailton Krenak (2019) argumenta que seguir os sonhos é ser informado por eles, dar sentido a vida através da experiência onírica, trata-se de um caminho de aprendizado. Neste onirismo especulativo, que talvez atravessasse toda a filosofia amazônica, encontra-se a força revitalizadora do conceito de livro. Por meio dos sentidos das mensagens ameríndias, esta pesquisa preenche-se de vivacidade e busca transferi-la para os estudos informacionais e bibliológicos.

O *livrOnça* é um informe da selva culta. A imagem ameríndia do tempo é ancestral e abundante, faz do passado um excesso imprevisível que não para de atualizar-se, sempre e a cada vez de um modo outro. O passado não cessa de passar. A visão do futuro é uma mirada de um ontem que virá, ainda e mais uma vez. Outro mundo possível já existe. Desta maneira, sendo a *diferOnça* uma formulação ameríndia do tempo virtual, encaracola-se no presente a antiga pergunta: afinal, o que é um livro?

AGRADECIMENTOS

Agradeço à pessoa de Gustavo Saldanha e ao coletivo *Ecce Liber*, aliados da travessia.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- AGAMBEN, Giorgio. *A potência do pensamento*. Lisboa: Relógio D'água, 2013.
- AGAMBEN, Giorgio. *Bartleby, escrita da potência: Bartleby, ou Da contingência*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.
- AGAMBEN, Giorgio. *O aberto: o homem e o animal*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- AGAMBEN, Giorgio. *O uso dos corpos*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- ANDRADE, Oswald. Manifesto antropófago. In: ANDRADE, Oswald. *A utopia antropofágica*. Rio de Janeiro: Globo, 2011. p. 67-74.
- ARISTÓTELES. *Da alma*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.
- ARISTÓTELES. *Da interpretação*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Loyola, 2002.
- ARISTÓTELES. *Política*. Madrid: Gredos, 1988.
- ARISTÓTELES. *Tópicos*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

- BANIWA, André. A escrita Baniwa sempre existiu. *Uol*, São Paulo, 12 de maio de 2021. Coluna da Julie Dorrico. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/julie-dorrico/2021/05/12/a-escrita-baniwa-sempre-existiu.htm>. Acesso em: 15 dez. 2021.
- BARACAT JÚNIOR, José Carlos. *Plotino, Eneadas I, II e III*; Porfírio, vida de Plotino: introdução, tradução e notas. 2006. 2 v. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2006.
- BARATIN, M. Da biblioteca à gramática: o paradigma da acumulação. In: BARATIN, M.; JACOB, C. (ed.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 227-233.
- BATALLA ROSADO, Juan José; LUIS DE ROJAS, José. Soportes de la escritura mesoamericana. *Estudios de Historia social y económica de América*, Madrid, v. 12, p. 639-650, 1995.
- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BERISTÁIN, Helena; RAMÍREZ VIDAL, Gerardo (ed.). *La palabra florida: la tradición retórica indígena y novohispana*. Ciudad de México: UNAM, 2004.
- BORGES, Jorge Luis. A escrita do deus. In: BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 104-110.
- BROTHERSTON, Gordon. *La América Indígena en su literatura: los libros del Cuarto Mundo*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- BROTHERSTON, Gordon. Meaning in a Bororo jaguar skin. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 11, p. 243-260, 2001.
- BROTHERSTON, Gordon. Towards a Grammar of America: Lévi-Strauss, Derrida and the Native New World Text. In: BARKER, Francis; HULME, Peter; IVERSEN, Margaret; LOXLEY, Diana (org.). *Literature, Politics and Theory: papers from the Essex Conference 1976–84*. London: Methuen, 1986. p. 190-209.
- CÂNDIDO, Antônio. Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade. In: CÂNDIDO, Antônio. *Vários escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977. p. 57-87.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, 2005.
- CASSIN, Barbara. *Elogio da tradução: complicar o universal*. São Paulo: Martins Fontes, 2022.
- CASSIN, Barbara. *Jacques, o sofista: Lacan, logos e psicanálise*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- CASSIN, Barbara. *O efeito sofisticado*. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- CASSIN, Barbara. *Se Parmênides: o tratado anônimo De Melisso Xenophane Gorgia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- CESARINO, Pedro de Niemeyer. A escrita e os corpos desenhados: transformações do conhecimento xamanístico entre os Marubo. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 75-137, 2012.
- COE, M. D. Olmec Jaguars and Olmec Kings. In: BENSON, Elizabeth P. (ed.) *The cult of the feline*. Washington: Dumbarton Oaks, 1972. p. 1-12.
- COELHO, Carlos Cardozo. *Ontofagia: um materialismo mágico*. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2020.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Cultura com aspas*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago editora, 1977.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 1995. v. 1
- DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- DERRIDA, Jacques. *Papel-máquina*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- DESCOLA, Philippe. *La selva culta: simbolismo y praxis en la ecología de los Achuar*. Quito: Ediciones Abya Yala, 1988.
- DIOGO, João Emanuel. Cartografia da humanidade: o corpo em Homero. *Revista Filosófica de Coimbra*, Coimbra, v. 48, p. 355-366, 2015.
- DUSCHINSKY, Robert. Tabula Rasa and Human Nature. *Philosophy*, Londres, v. 87, n. 4, p. 509-529, 2012.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008.
- FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. São Paulo: Civilização brasileira, 1968.
- FRANCHETTO, Bruna. Brasil de muitas línguas. In: CASSIN, Bárbara (coord.). *Dicionários dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias: volume um: línguas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 77-100.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Eu não vim fazer um discurso*. Rio de Janeiro: Record, 2019.

- GERRITSE, Samantha. *Narrative and Ritual in the Codex Borgia: a structural analysis of pages 29 to 46 of this Postclassic Mexican manuscript*. 2013. Thesis (Doctorate in Religion and Society) – Faculty of Archaeology of Universiteit Leiden, Universiteit Leiden, 2013.
- GOW, Peter. A geometria do corpo. In: NOVAES, Adauto (ed.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- KOPENAWA, David; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LAGROU, Els. Podem os grafismos ameríndios ser considerados quimeras abstratas? Uma reflexão sobre uma arte perspectivista. In: SEVERI, Carlo; LAGROU, Els (ed.). *Quimeras em diálogo: grafismo e figuração nas artes indígenas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. p. 67-110.
- LEÓN-PORTILHA, Miguel. *Códices: os antigos livros do Novo Mundo*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2012a.
- LEÓN-PORTILHA, Miguel. La riqueza semántica de los códices mesoamericanos. *Estudios de Cultura Náhuatl*, Ciudad de México, v. 43, p. 139-160, 2012b.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1957.
- LIMA, Tânia Stolze. O que é um corpo? *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 9-20, 2002.
- LOCKE, John. *Ensaio sobre o entendimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MACEDO, Silvia Lopes da Silva. Xamanizando a escrita: aspectos comunicativos da escrita ameríndia. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 509-528, 2009.
- MALDONADO-TORRES, Nelson, 2007. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (ed.). *El giro decolonial*. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2007. p. 127-167.
- MALLARMÉ, Stéphane. *Divagações*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2010.
- MARTINS, Leda. *Afrofotografias da memória, o reinado do rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras*, Santa Maria, v. 26, p. 63-81, 2003.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.
- MUSEO REGIONAL DE ANTROPOLOGÍA PALACIO CANTÓN. La palabra visible, escritura jeroglífica maya. [Exposición temporal]. Mérida: Instituto Nacional de Antropología e Historia, [2021].
- MUSSA, Alberto. *Meu destino é ser onça*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- NIMUENDAJU, Curt. Fragmentos de religião e tradição dos índios Sipáia. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 7, p. 3-47, jul. 1981.
- NOLA, Alfonso di. Livro. In: *ENCICLOPEDIA Einaudi*. v. 12. Mythos\Logos. Porto: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000. p. 215-242.
- OLSON, Hope A. Exclusivity, Teleology and Hierarchy: our Aristotelean Legacy. *Knowledge Organization*, Baden-Baden, v. 26, n. 2, p. 65-73, 1999.
- OTLET, Paul. *Traité de documentatation: le livre sur le livre: théorie et pratique*. Bruxelas: Editiones Mundaneum, 1934.
- PAVÓN-CUÉLLAR, David. *Além da psicologia indígena: concepções mesoamericanas da subjetividade*. São Paulo: Perspectiva, 2022.
- PLATÃO. *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.
- PLATÃO. *Fedro ou Da Beleza*. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.
- PLATÃO. *Filebo, Timeo, Critias*. Madrid: Grecos, 1992.
- PLATÃO. *Teeteto e Crátilo*. Belém: Ed. UFPA, 1988.
- POMAR, Juan Bautista. *Relación de Texcoco y varias relaciones antiguas*. México: Salvador Chávez Hayhoe, 1964.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Abya Yala. In: SADER, Emir; JINKINGS, Ivana; NOBILE, Rodrigo; MARTINS, Carlos Eduardo (coord.). *Latinoamericana: enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Boitempo, 2006. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>. Acesso em: 19 abr. 2023.
- ROSA, João Guimarães. Meu tio o Iauaretê. In: ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. v. 2, p. 744-769.
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. Os sistemas mesoamericanos de escritura. In: SANTOS, Eduardo Natalino dos; MARTINS, Cristiane B.; FRANÇA, Leila Maria. (org.). *História e arqueologia da América indígena: tempos pré-colombianos e coloniais*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2017. p. 73-96.
- SILVA, Denise Ferreira da. *Homo modernus: para uma ideia global de raça*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.
- TAYLOR, Anne Christine; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Um corpo feito de olhares (Amazônia). *Revista de Antropologia*, São Paulo, [online], v. 62, n. 3, p. 769-818, 2019.
- VAN VELTHEM, Lúcia Hussak. *O belo é a fera: a estética da produção e da predação entre os Wayana*. 1995. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, 1995.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A floresta de cristal: notas sobre a ontologia dos espíritos amazônicos. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 14/15, p. 319-338, 2006.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu Editora, 2018a.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. *O que nos faz pensar*, Rio de Janeiro, v. 18, p. 225-254, 2004.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Rosa e Clarice: a fera e o fora. *Revista Letras*, Curitiba, v. 98, p. 9-30, jul/dez. 2018b.

ENDNOTES

1 Barbara Cassin (2017, p. 168) a respeito das contraposições sofisticas ao sentido filosófico do real, propõe um pressuposto logológico, avistado na contemporânea psicanálise lacaniana, que diz: “a linguagem come o real”. Desta formulação semiofágica da logologia, retiro a expressão conceitual: antropofagia logológica.

2 Abya Yala significa Terra madura, Terra em florescimento ou Terra Viva. Trata-se de uma expressão de autodesignação do povo Kuna para o continente americano, cujo uso vem sendo cada vez mais abrangente para contrapor à designação ocidental de América, uma expressão simbólica desassociada do imaginário dos povos originários (Porto-Gonçalves, 2006).

3 As traduções da expressão aristotélica *grammateion* são notabilizadas por Alberto Magno, em sua tradução do *De Anima*, mas também na *Summa Theologica* de Tomás de Aquino (questão 79), no *Recherche de vérité* de Descartes e nos *Novos Ensaio sobre o Entendimento Humano* de Leibniz, conforme apresenta Duschinsky (2012).

4 Esta ideia encontra-se em Plotino (2006, p. 405) quando diz que a matéria, logo o livro, é “um cadáver adornado.” O “cadáver como emblema” está nos maneirismos alegóricos do Barroco (Benjamin, 1984, p. 239-243) e, também, no simbolismo livresco de Mallarmé (2010, p. 181): “a dobradura [livro] é um minúsculo túmulo da alma.”

5 Psicopompo é a palavra que tem origem no grego *psychopompós*, junção de *psyche* (alma) e *pompós* (guia). No caso de Hermes, ele é o deus que guia para o(s) outro(s) plano(s) a alma do morto.

6 Thoth – o Hermes grego – era o escrivão da psicostasia no julgamento dos mortos no paraíso de Osíris.

7 “Na tradição árabe, a criação foi, por isto, assimilada a um acto de escrita e o intelecto agente ou poético, que ilumina o passivo e o faz passar ao acto, veio, por isto, a ser identificado com um anjo cujo nome é Pena (Qalam)” (Agamben, 2008, p. 15).

8 “Sócrates – O seu teor [do epitáfio] é este: ‘Virgem de bronze jazo, no sepulcro de Midas / Enquanto correr a água e as grandes árvores renovarem as folhas / De pé, sobre este túmulo onde faço meu pranto / Direi a todos os que passam: Aqui repousa Midas.’ Já terás notado que qualquer um destes versos pode ocupar, indiferentemente, o primeiro e o último lugar?” (Platão, 2000, p. 99).

9 Com a modernidade, esta condição epistemológica de conhecer a inteligibilidade da coisa denominou-se teoria do conhecimento e a aquisição do conhecimento, por exemplo, a partir da teoria empirista da tabula rasa de John Locke (1999), será movida pela mente e o corpus de experiências adquiridas a partir das impressões informacionais capturadas pela percepção do mundo externo ao sujeito.

10 No contexto histórico-social platônico, os humanos da pólis eram os homens livres. Em Platão, são humanos plenos, os aristocratas e, sob condições específicas, os metecos – classe de artesãos, comerciantes, estrangeiros admitidos na pólis, dentre outros grupos incluídos entre a classe aristocrática e os escravizados. Desta maneira, dentro do gradiente de humanidade formulado pela democracia grega, os cidadãos eram os humanos plenos, uma parcela diminuta de homens livres, autorizados a conduzir as transações da pólis. Para uma consideração a respeito, conferir Platão (2017, p. 394).

11 Em Atenas, os humanos inteligíveis ao serem convencidos ou persuadidos por educadores e sofistas, indivíduos classificados socialmente como dessemelhantes, poderiam ser castigados com a morte ou com a atimia, um dispositivo “republicano” de privação total ou parcial dos direitos de cidadão (Platão, 2017, p. 280).

12 Giorgio Agamben tem uma interpretação dissidente do cânone ocidental a respeito do *grammateion*. À esta interpretação este texto se associa. Diz Agamben (2008, p. 13): “A mente é, então, não uma coisa, mas um ser de pura potência e a imagem da tabuinha de escrever, sobre a qual nada está ainda escrito, serve precisamente para representar o modo de ser uma pura potência. Toda a potência de ser ou de fazer qualquer coisa é, de facto, para Aristóteles, sempre também potência de não ser ou de não fazer (*dinamis mê einai, mê energéin*), sem a qual a potência passaria já sempre ao ato e se confundiria com ele. [...] O pensamento existe como uma potência de pensar e de não pensar, como uma tabuinha encerrada sobre a qual nada ainda está escrito (o intelecto possível dos filósofos medievais). E, assim como o estrato de cera sensível é num instante grafada pelo estilete do escriba, assim a potência do pensamento, que em si não é coisa alguma, deixa que advenha o ato da inteligência.”

13 Barbara Cassin (2005) denominou esse princípio aristotélico de decisão do sentido. A formulação aristotélica completa encontra-se no livro *Metafísica* (2002).

14 A Suda (séc. X d.C.), no verbete dedicado a Aristóteles, escreveu: *Aristotéles tês phýseos grammateüs ên, tôn kálamon apobréchon eis nouñ*. Na tradução de Giorgio Agamben (2013, p. 23): “Aristóteles era o escrivão da natureza, que molhava a pena no pensamento”.

15 “As inscrições e palimpsestos performáticos, grafados pela voz e pelo corpo, denominei oralitura, matizando na noção deste termo a singular inscrição cultural que, como letra (*littera*) cliva a enunciação do sujeito e de sua coletividade, sublinhando ainda no termo seu valor de litura, rasura da linguagem, alteração significativa, constitutiva da alteridade dos sujeitos, das culturas e de suas representações simbólicas” (Martins, 2003, p. 77).

16 “Se se deixa de entender a escritura em seu sentido estrito de notação linear e fonética, deve-se poder dizer que toda sociedade capaz de produzir, isto é, de obliterar seus nomes próprios e de jogar com a diferença classificatória, pratica a escritura em geral. A expressão de ‘sociedade sem escritura’ não corresponderia, pois, nenhuma realidade nem nenhum conceito. Esta expressão provém do onirismo etnocêntrico, abusando do conceito vulgar, isto é, etnocêntrico, da escritura. O desprezo pela escritura, notemos de passagem, acomoda-se muito bem com este etnocentrismo. Aí há apenas um paradoxo aparente, uma destas contradições onde se profere e se efetiva um desejo perfeitamente coerente. Num único e mesmo gesto, despreza-se a escritura (alfabética), instrumento servil de uma fala que sonha com sua plenitude e com sua presença a si, e recusa-se a dignidade de escritura aos signos não-alfabéticos” (Derrida, 2013, p. 136).

17 Para a relação umbilical entre as práticas biblioteconômicas e a arte gramatical, conferir o texto *Da biblioteca à gramática: o paradigma da acumulação*, de Marc Baratin (2000).

18 “Que o acesso ao signo escrito garanta o poder sagrado de fazer perseverar a existência no rastro e de conhecer a estrutura geral do universo; que todos os cleros, exercendo ou não um poder político, se tenham constituído ao mesmo tempo que a escritura e pela disposição da potência gráfica; que a estratégia, a balística, a diplomacia, a agricultura, a fiscalidade, o direito penal, se liguem em sua história e na sua estrutura à constituição da escritura; que a origem atribuída à escritura o tenha sido segundo esquemas ou cadeias de mitemas sempre análogos nas mais diversas culturas e que tenha comunicado, de maneira complexa mas regulada, com a distribuição do poder político assim como com a estrutura familiar; que a possibilidade da capitalização e da organização político-administrativa tenha sempre passado pela mão dos escribas que anotaram o que esteve em jogo em numerosas guerras e cuja função foi sempre irredutível, qualquer que fosse o desfile das delegações nas quais se pôde vê-la à obra; que, através das defasagens, das desigualdades de desenvolvimento, do jogo das permanências, dos atrasos, das difusões etc., permaneça irredutível a solidariedade entre os sistemas ideológico, religioso, científico-técnico etc., e os sistemas de escritura que foram, portanto, mais que, e outra coisa que, ‘meios de comunicação’ ou veículos do significado; que o sentido mesmo do poder e da eficácia em geral, que não pôde aparecer enquanto tal, enquanto sentido e dominação (por idealização), senão com o poder dito ‘simbólico’, tenha sido sempre ligado à disposição da escritura; que a economia monetária ou pré-monetária, e o cálculo gráfico sejam co-origenários, que não haja direito sem possibilidade de rastro” (Derrida, 2013, p. 117).

19 “Hence, the Aduro biri come to epitomise a whole philosophy of origins and social practice, in which the jaguar features large as both founding father and the sky spirit embattled with sun and moon” (Brotherson, 2001, p. 246-247).

20 Entre os ameríndios, os sistemas gráficos são sistematicamente associados à escrita antes do que à figuração. As figuras que se escondem nos grafismos parecem antes efeitos secundários de uma lógica gráfica própria que tem por principal interesse as relações entre as linhas do que um fim em si (Lagrou, 2013).

21 Relação similar foi narrada por Derrida (2013, p. 99) ao descrever o encontro dos europeus etnocêntricos com a escritura chinesa, classificada como “uma espécie de alucinação”.

22 “Trata-se da concepção, comum a muitos povos do continente, segundo a qual o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não-humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos. [...] Tipicamente, os humanos, em condições normais, veem os humanos como humanos e os animais como animais; quanto aos espíritos, ver estes seres usualmente invisíveis é um signo seguro de que as ‘condições’ não são normais. Os animais predadores e os espíritos, entretanto, veem os humanos como animais de presa, ao passo que os animais de presa veem os humanos como espíritos ou como animais predadores. [...] Vendo-nos como não-humanos, é a si mesmos que os animais e espíritos veem como humanos. Eles se apreendem como, ou se tornam, antropomorfos quando estão em suas próprias casas ou aldeias, e experimentam seus próprios hábitos e características sob a espécie da cultura: veem seu alimento como alimento humano (os jaguares veem o sangue como cauim, os mortos veem os grilos como peixes, os urubus veem os vermes da carne podre como peixe assado etc.), seus atributos corporais (pelagem, plumas, garras, bicos etc.) como adornos ou instrumentos culturais, seu sistema social como organizado identicamente às instituições humanas (com chefes, xamãs, ritos, regras de casamento etc.). Esse ‘ver como’ refere-se literalmente a perceptos, e não analogicamente a conceitos, ainda que, em alguns casos, a ênfase seja mais no aspecto categorial que sensorial do fenômeno; de qualquer modo, os xamãs, mestres do esquematismo cósmico dedicados a comunicar e administrar as perspectivas cruzadas, estão sempre aí para tornar sensíveis os conceitos ou inteligíveis as intuições. Em suma, os animais são gente, ou se veem como pessoas” (Viveiros de Castro, 2004, p. 225-227).

23 “Em resumo, pessoas, carniça, vermes, urubus, mas também rio, pedra e assim por diante, existem antes de tudo como perspectivas humanas e, enquanto tais, são corpos fundamentalmente distintos em outras perspectivas” (Lima, 2002, p. 13-14). Um relato indígena multinaturalista, complementar a este sentido outro, é o de Ailton Krenak (2019) quando diz que tudo é natureza, tudo o que consegue pensar é natureza: as paisagens têm sentido – o rio canta, dança e se alegra com os seres que com ele compartilham vida. O rio é o avô Krenak.

24 Vaso Maya policromado, Período Clássico tardio (750-800 d.C.). No códice de cerâmica está representado um ah ts’ib, pintor-escriba Maya, com um livro, ensinando aos seus discípulos a arte da escrita.

25 Outros modos relacionais dos desenhos corporais são a ausência ou o excesso deles, como índices de reclusão. Não pintar ou pintar em demasia os corpos é um modo de torna-se invisíveis aos olhos do outro, como assinalado por Anne Christine Taylor e Eduardo Viveiros de Castro (2019).

26 Na mão direita sustenta um pincel. Na mão esquerda segura uma concha que servia como tinteiro para as tintas pretas e vermelhas que grafavam os livros. O papel feito de amate (espécie de figueira) sai pela língua, que simboliza simultaneamente a capacidade oral e escrita (oralitura) de sombrear e endeusar as coisas do mundo.

27 Este é um poema oral fabricado por um histórico forjador de cantos anônimo (poeta Nahua) para o deus Quetzalcóatl e registrado através dos símbolos ocidentais por Miguel León-Portilla.

28 “Os índios antigos esconderam esses papéis para que não lhes tirassem os espanhóis, quando entraram na cidade e nas terras e ficaram perdidos [os livros], pela morte dos que os esconderam, ou porque os religiosos e o bispo primeiro, Don Juan de Zumárraga, os queimaram, com outros muitos, de muita importância para saber as coisas antigas desta terra, porque como todas elas [as pinturas] eram figuras e caracteres que representavam animais racionais ou irracionais, ervas, árvores, pedras, montes, água, serras e outras coisas desse tom, entenderam que era demonstração de superstição idolátrica; e assim queimaram quantos puderam ter nas mãos que, se não tivessem sido diligentes alguns índios curiosos em esconder parte desses papéis e histórias, não teria, agora, deles ainda a informação que temos” (Torquemada, 1975 apud León-Portilla, 2012a, p. 65).

29 “Faltam suas pinturas, nas que tinham suas histórias, porque, no tempo em que o Marquês do Vale, Dom Hernando Cortés, com os demais conquistadores entraram por primeira vez nela [em Tezcoco], as queimaram nas casas reais de Nezahualpilli, em um grande aposento que era o arquivo geral de seus papéis, no qual estavam pintadas todas as suas coisas antigas, pelo que, hoje em dia, choram seus descendentes, com muito sentimento, por terem ficado às escuras, sem notícia nem memória dos fatos de seus antepassados” (Pomar, 1964, p. 153).

30 “Os amoxtlí eram, na verdade, tllilli, tlapalli, ou tinta negra, tinta vermelha, isto é, símbolos do poder. O sacerdote Quetzalcóatl quis, enfim, alcançar essa sabedoria quando desapareceu, encaminhando-se a Tlillan, Tlapallan, o Lugar das Cores Negra e Vermelha, uma primordial Amoxtlapan, situada no Oriente, para além das águas imensas” (León-Portilla, 2012a, p. 60).

31 Os pintores escribas eram chamados pelos Mayas de dz’ibob (assim como os livros), os Mixtecos denominavam ah ts’ib, os Quiché atribuem a palavra vuh (ou wuj) para livro e os Yucateco chamavam de huun, o papel amate – feito com fibra de figueira – e o livro (Santos, 2017).

32 “Cuida de la tinta negra y roja, los libros, las pinturas, colócate, junto y al lado del que es prudente, del que es sabio. [...] El sabio: una luz, una tea, una gruesa tea que no ahuma. Un espejo horadado, un espejo agujerado por ambos lados. Suya es la tinta negra y roja, de él son los códices, de él son los códices. Él mismo es escritura y sabiduría” (León-Portilla, 2012b, p. 146-148).

33 Conceitos assemelhados ao teyolía são yolo, dos Nahuas contemporâneos, mintsita, da cultura P’urhépecha de Michoacán, e ool, da cultura Maya de Yucatán (Pavón-Cuéllar, 2022).

Artigo de opinião

Versão inglês

Opinion article / Artículo de opinión

English version / Versión inglesa

BookOunce: a book concept in Indigenous America

Vinícios Souza de Menezes

Ph.D. in Information Science, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) in partnership with the School of Communication at Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil.

Associate Professor at the Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1035639338519262>

E-mail: menezes.vinicios@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4511-4477>

Submission date: 24/01/2023. Approval date: 08/08/2023. Publication date: 22/09/2023.

ABSTRACT

The text is arranged in four dialogical moments: i) a (re)introduction of a bibliographic and countercultural becoming-America, obliterated in the erasures of colonial scriptures, ii) an archeology of the concept of book from the advent in the ancient Greek world of the anthropos as a giver of psychic-corporal form to the alphabetic graphics of the West, iii) the exposition of bookOunce as a possible book by Abya Yala, present in the semiophagias of difference (différOunce) of American grammatologies, and, finally, iv) the last textual moment addresses the finical enchantments, a present end as the cessation of the absolute, disenchanted and finished condition of the Western book that is enchanted through the ancestral (re)beginning, the deification of things and the fabrication of life by the Amerindian writings of the peoples of Terra Viva, also known as Amoxtlapan, land of living books. Faced with a theoretical perspective of argumentation, the text walks through the terran assemblages of geophilosophy proposed by Deleuze and Guattari and the deconstructive space-time deferral of the book proposed by Derrida, however, with a difference, both methods are devoured by multinatural perspectives of the Amerindian peoples. To jaguarize the book, this is the ounceological objective of the text.

Keywords: bookOunce; différOunce; indigenous grammatology – America; philosophy of the book; amerindian thought.

(RE)INTRODUCTION: THE RELEVANCE OF A BECOMING-AMERICA

É preciso criar um lugar à parte para a América. Claro, ela não está isenta da dominação das árvores e de uma busca das raízes. [...] Diferença entre o livro americano e o livro europeu, inclusive quando o americano se põe na pista das árvores. Diferenças na concepção do livro. ‘*Folhas de relva*’. E, no interior da América, não são sempre as mesmas direções: à leste se faz a busca arborecente e o retorno ao velho mundo. Mas o oeste rizomático, com seus índios sem ascendência, seu limite sempre fugidio, suas fronteiras movediças e deslocadas. Todo um ‘mapa’ americano, no oeste, onde até as árvores fazem rizoma. A América inverteu as direções: ela colocou seu oriente no oeste, como se a terra tivesse devindo redonda precisamente na América; seu oeste é a própria franja do leste. (Não é a Índia, como acreditava Haudricourt, o intermediário entre o Ocidente e o Oriente, é a América que faz Pivô e mecanismo de inversão.) A cantora americana Patti Smith canta a bíblia do dentista americano: não procure a raiz, siga o canal (Deleuze; Guattari, 1995, v. 1, p. 40-41)¹.

In Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade, Antônio Cândido (1977) narrates a telling episode that exemplifies the “becoming-America” proposed by Deleuze and Guattari. Around 1950, Oswald de Andrade was preparing to apply for the Philosophy Chair at the Universidade de São Paulo. Antônio Cândido, however, insisted that he should not apply, arguing that it was a technical field for which he was unprepared for (lacking formal training), and the endeavor might wear him down. Searching for the right words, Antônio Cândido (1977, p. 72)² recalls hearing convoluted vocabulary like “ser-no-outro,” “por-si,” “orifício existencial,” and, to illustrate his point, mentioned what a renowned scholar in the selection committee could ask him: “Diga-me V. S. qual é a impoção hodierna da problemática ontológica?” And, without batting an eye, Oswald responded to Cândido’s simulation: “V. Excia. está muito atrasado. Em nossa era de devoração universal o problema não é ontológico, é odontológico.” In other words, Amerindian issues are not substantial, nor do they refer to the Western imaginary of an exclusive definition of Being.

Oswald de Andrade’s announcement of a new era sparked a world-effect: the meaning of being was devoured by the beast of the outside. The beast and the outside heralded the contemporary and ancestral consumption of symbols (semiofagy) of Amerindian thought, an odontological turn.

Amerindian language devoured the canonical reality of the West, and philosophy became logological anthropophagy³. Within the linguistic structure of philosophy’s signification, syntax transformed from amphibolies, semantics transfigured from homonyms, and grammar took perspective in equivocal usages provoked by the variation of wild bodies. Formerly, in his dispute for the monopoly of reality’s signification against the sophists, Aristotle (Aristóteles, 2002, p. 145-147) attributed the status of being senseless and the bearer of plant logos (*homoios phutôi*) to those who spoke without signifying something unique or those who spoke for the pleasure of speaking (*logou kharin legousin*). This topical exclusion of the other’s humanity and of another world – the world of the other – through language, was recalled during the European invasions of the lands of the First Nations. Here, the indigenous peoples were classified or dehumanized from the sense of being adopted by the ancient sophists. Hence, as Oswald de Andrade stated to Antonio Cândido in the staging of the court of reason, we, Amerindians, are dinner guests to form and the prisons of meaning; we devour the universal and its exclusive pretensions of humanity and reason.

From the Amerindian perspectives, humanity is a condition disseminated among all existences - there is no ontological distinction that outlines what being is and excludes from the world, under various gradients, the ontic dimension of beings. To be is to have a point of view, this is the perspective of Abya Yala, the Living Earth⁴. Amerindians are interested in seeing and eating according to their humanities, so that in the multiplicity of relationships and their agencies, they find in the other an enhancement of differentiation and vital potential.

Anthropophagy is the force (substance) that unites us, as stated in the first sentence of the *Manifesto antropófago* (Andrade, 2011, p. 67). In this world, every living being who sees and eats becomes pragmatically more relevant to the immanence of the odontological dietary regime and its semiofagies (swallowing of senses and meanings) than the immaculate abstinence of the transcendental being in its remembrances of the lost thing. The Amerindian book and writing are dimensioned by the jaguar record of meaning (*chilam balam*). With each attempt at totalitarian co-optation of meaning, the dinner guests to the form devour it. The objective is to connect thoughts (*chinā ātinānāi*), as the Marubo say, from their semiofagic agglutinations, not to imprison the folds of life in the dogmatic territory of the idea (*eidos*) and meaning (*ousia*).

In keeping with the tune of the odontological song, it evokes an ancestral and scriptural theme of Amerindian philosophy. Such bibliographic alliance of becoming-America becomes visible, for example, in Amerindian expressions: “to follow the path of risk” (*kusiwa*), used by the Amazonian Wayāpi peoples to talk about shamanic writing (Macedo, 2009), or “the path of the book” (*amoxhtoca*), used by the Mesoamerican Nahua peoples before European arrival (Léon-Portilla, 2012b). American books invert the directions of the European total book by opening other bibliographic perceptions obstructed by colonial decimation. Semiofagy, or the path of the book, represents liminal channels through which we can contemplate the concept of the book in a decolonized manner. This includes considering potential bibliographic cartographies that have resisted the genocidal and epistemicidal onslaught of the West’s totalitarian machine.

The American rhizome is a composite of cannibal associations. Pursued, burned, and recomposed by various colonial and post-colonial indigenous agencies, the ancestral books of Abya Yala move away from the colonial metaphysics of the “livro-aparelho de Estado” (Deleuze; Guattari, 1995, v. 1, p. 25)⁵ and begin to forge alliances with the world through their cannibal metaphysics (Viveiros de Castro, 2018).

The American book asserts itself in the becoming of the world’s skins, in the circumstances of its scriptural contexts, in the semiofagy of its acts, and in the multiplicity of its text-visual landscapes. The goal of this research is to reintroduce the elements of the *bookOunce*, forgotten in the discursive layers of the Western informational field. Hypothetically, the intention is to demonstrate how the American perception of the book and writing can alter the grammatological assumptions of bibliographic studies. Finally, under the shifting borders and inversions of becoming-America, the question is reposed: what is a book?

THE ANIMO-CORPOREAL BOOK: ANTHROPOS, THE GIVER OF FORM TO WESTERN GRAPHISMS

Sócrates – Pero si está solo cuando se hace a sí mismo esas reflexiones, sigue caminando conservándolas en sí a veces bastante tiempo.

Protarco – Totalmente.

Sócrates – ¿Y luego? ¿Piensas lo que yo con respecto a ello?

Protarco – ¿El qué?

Sócrates – **En mi opinión nuestra alma se parece en tales casos a un libro.**

Protarco – ¿Cómo?

Sócrates – **El recuerdo, al coincidir con las sensaciones sobre un mismo objeto, y aquellas reflexiones relativas a ello, me parece que en tales circunstancias vienen a escribir discursos en nuestras almas, y cuando ese escribano que hay en nosotros escribe cosas verdaderas, de ello resultan coincidir en nosotros opinión verdadera y discursos verdaderos, mas cuando escribe cosas falsas, resulta lo contrario de la verdad.**

Protarco – Me parece perfecto, y acepto lo que así se ha dicho.

Sócrates – Acepta también que haya al mismo tiempo otro artesano en nuestras almas.

Protarco – ¿Cuál?

Sócrates – **Un pintor, que después del escribano traza en las almas las imágenes de lo dicho.**

Protarco – ¿Cómo y cuándo decimos que opera éste?

Sócrates – Cuando uno, tras separar de la visión o de alguna otra sensación lo entonces opinado y dicho, ve de algún modo, en sí mismo las imágenes de lo opinado y dicho. ¿O no ocurre esto así en nosotros? (Platão, 1992, p. 74-75, grifo nosso)⁶.

According to Aristotle's earliest formulations (2007, p. 414), reading is one of the skills pertinent to the "art of grammar" and its *tekhnites* – grammarians – which Plato (1988, p. 110) referred to as makers or artisans of names. Alongside reading, writing is the other elemental and formative component of the grammar-word. "*Grammateion* was the term given by Aristotle (2010, p. 116) to the book-thought, translated by medieval commentators as *rasum tabulae* (Agamben, 1993, p. 35) – pure potency – and by modern ones as *tabula rasa* (Locke, 1999, p. 57) – the mind represented as a blank slate, an inherent faculty of understanding human nature⁷. *Grammateion* is the place of *grammas* or *grammatas*, the letters and their writings (*graphé*) – in the Aristotelian and Western case, alphabetical writing. Paul Otlet (1934, p. 12), for example, recalling the Western tradition, uses the terms *biblion*, *grapho* (*grammata gramme*), *liber* and *documentum* as synonyms for the foundation of Bibliology and Documentation.

Both in Antiquity and in Western Modernity, the book was directly associated with the animic question peculiar to the human species. While in Antiquity, the book oscillated between the categories of soul and body, in Modernity, the book inhabited the onto-epistemic pendulum of secular historicity and universality. As the sole giver of grammatical forms, man (anthropos), in his patriarchal sense of gender that shaped the carrier of discourses in the ancient Greek world, was the artisan of the book, a mediator (aedo) between the designs of the extra-world and the sacrament of human language.

Marked by the finite and mortal condition of the *anthropos*, the book is an artifact crafted under the immortal fingers of the soul. Despite its flirtation with immortality, the book is tainted by the speciesist condition of humans.

The corporeal dimension delimits the book, not only as a support or materializing container of the soulful attributes or intellectual labor, as the moderns say, but under the soulful figure of mortality. It is from the lifeless specter represented by the term "*soma*" and the cadaverous figures of Patroclus and Hector, that the body inscribes itself in the cartography of the Homeric human (Diogo, 2015, p. 358). In the anguish of not losing Patroclus, Achilles does not bury him. Patroclus becomes a ghost, an ambiguous figure – a dying and visible body whose soul allows itself to be seen. Only from the funerary rite of passage – the burial –, does the soul detach itself from the body and is led to the realm of shadows, where all humans will end up. The human work, their book, is death.

Through death, the body is born in the Greek world as a ghost awaiting a funerary ceremony that will enclose it in a tombstone. This ritualistic tradition was common in non-Western cultures and, probably, came into contact with the Greek world through the Egyptians, especially from *Thoth* (Hermes) and the myth of writing. Jacques Derrida (2013, p. 276)⁸ already told us: "o cadáver oriental está no livro."⁹ Plato leaves a series of traces in this direction and uses writing to weave his pharmacological arguments (Derrida, 2005). Initially, epigraphy is defined as the art of crafting tombstones and creating epitaphs, a facet of Epilogue, the science of stones. This implies a literal sense of artisanal treatment of stones, such as in the production of tombstones or sculptures. Furthermore, a figurative sense is attached to the term, influenced by its Greek roots. The Greek term for stone, *herma*, initially referred to sepulchral stones. This connotation of *herma* is linked with Hermes, the psychopomp god¹⁰, renowned for guiding souls during their *psychostasy*¹¹ using his caduceus-crafted feather (Qalam¹²). Hermes is a poietic scribe of phantoms: in writing, he transforms the lifeless body into a ghost (the living-dead) and guides its soul.

This hermeneutic practice, associated with Hermes, was associated by Plato (2000, p. 81) to the rhetorician, whom he named a “logographer,” the maker of discourses. In his dialogue with Phaedrus, Socrates (2000, p. 90)¹³ inquires, “não te parece que a retórica é uma psicogogia, uma arte de conduzir as almas através das palavras, mediante o discurso?” Contrary to the epitaph of King Midas¹⁴, a phantasmal script, the moralistic Socratic dialectic professed: “todo o discurso deve ser formado como um ser vivo” (Plato, 2000, p. 98-99)¹⁵, a distinct organism, harmonious and mortal, meaning, with a beginning (head | birth), middle (internal and external organs | adulthood), and end (feet | death).

The discourse *corpus* of the hermeneutic epigrammatist – rhetorician and sophist – is fluid and spectral, whereas the Socratic discourse is ideal and static. While the former is made up of namemakers (grammarians) and discourse crafters (logographers) and is inscribed in the scriptural performances of various graphisms, the latter is oral, hieratic, and relies on the intelligible condition of the living as a like entity—human and civic, capable of speaking within the polis. The Platonic world comprises a series of onto-epistemic distinctions: essence and appearance, intelligible and tangible, original and copy, idea and image. The ability to discern the intelligibility of a thing is an ontological condition of sharing the form (eidos), that is, the ontology of informing¹⁶. The intelligibles give form to something – they inform, they imprint the mold of the idea onto the corporeal matter – and the tangible elements, upon receiving the action of the idea, they are grasped by the gift of grounding. Thus, according to Platonic political ontology, intelligible individuals are politically instituted as “good copies” (*eidolon*), tangible representatives of the idea. Splendid appearances and well-founded, these tangible beings are made in the image and likeness of the Idea (*eidos*). The task of Platonic informational ontology is to elevate to the sublime the lineage of the likeminded (Deleuze, 2006), rendering them akin to a pure book untainted by the scriptural presence of the soul, the inner scribe-painter of the epigraph of this contextualizing section.

In the scene featuring the book-soul, Plato takes the phantasmatic scriptural corpus and purifies it, thus minimizing the impact of the body’s agency on the soul. The dual aspect of the scriptural *pharmakon* (*biblion*) – memory’s poison and cure – that Hermes (*Thoth*) provided to King Tamuz in the myth of writing (Platão, 2000, p. 121, §274e), is removed. Consequently, writing becomes solely associated with the soul’s intelligible dimension. Plato establishes the book as a crucial element of the being’s “stage of interiority” (Silva, 2022), a metaphor for the soul.

Platonism introduces an ontological exclusion in the polis, a process of distinguishing between “good” and “bad” copies – a clear division between beings capable of receiving form – the intelligible beings or humans¹⁷, particularly male – and “other beings” devoid of form and reduced to the non-human state of phantoms. The latter is a macro-term Plato employs for all formless beings excluded from the Republic – women, children, slaves, foreigners, gypsies, poets, scribes, artists, musicians, animals, among others. Platonic thought aims to expel, exclude, and suppress the dissimilar¹⁸, the *polis*’ simulacra. In essence, the simulacrum (or phantom) represents difference— a demonic image destined for atonement and deemed as non-being. Between the idea (model) and the images (copies) reside the phantoms (*phantasmatas*), the “bad copies” – images without resemblance, a pure becoming without measure that eludes the influence of form. Phantoms, thus, symbolize the stigma of the body and difference. These phantasmatic appearances, labeled as imitators in *A República* (Platão, 2017, p. 456-461), are considered malignant, perverse, and insidious simulacra, disrespecting both foundation and the founded. The phantoms, being formless (*informis*), fail to meet the standards of copying and the expectations of the model.

Banished to the ontoepistemological non-existence of “exteriority” (Silva, 2022), these residual elements persist in a state of becoming, found in the materiality of books and their scriptures, and in the actions of their phantoms – the scriptural agents: the artist, the scribe, and the painter (Platão, 2017, p. 456-461).

Within Plato's world order, these elements and material beings exist between the intelligible world and the sensible world. In other words, they dwell in an intriguing third world of murky, illegitimate, and hybrid intelligibility (*khóra*), as per Plato's conception (1992, p. 202-204).

Plato's book-soul aims to imprint an idea, to provide a foundation, a characteristic, and a form that can be identified. This is done to dismiss, eradicate, and prohibit all manifestations of difference (Deleuze, 2006, p. 369). The act of assigning form to something involves a power relation intent on suppressing the concept of difference in favor of identity, reducing the matriarchal formlessness to the patriarchal informational ideal. Platonic ontology relegates the book to alphabetic symbols, which are crafted by the painter-scribe within the soul of the western free man, the custodian of cultural heritage.

The Platonic book-soul resurfaces in Aristotle's logology, the science of logos. In the book *De Anima* or *Da Alma*, Aristotle (2010, p. 116, §430a)¹⁹ refers to the book-thought, the potency for thought²⁰ that shapes the soul – *grammateion* – “a tabuinha de escrever onde nada está escrito”. For Aristotle, the essence of *anthropos* resides in attributing meaning to its thoughts, to express something substantial and unique to its fellow man²¹. Thus, in Aristotle, the essence of being is its *grammateion*; to endow it with meaning – to inform it – is its anthropic task. All these conceptual elements are structuring figures of Aristotelian metaphysics, and the book is a reserve to which thought is destined in Aristotle's work. He is “[...] o escrivão da natureza, que molhava a pena no pensamento”²² (Agamben, 2013, p. 23)²³, as noted in the entry dedicated to Aristotle in the *Suda*, a late Byzantine lexicon and one of the world's earliest encyclopedias.

Before the spoken was divided, as mentioned by Aristotle, the oral and the written were unified in the rhythm of graphemes, or “oraliture”.²⁴ This term was coined by Leda Martins (1997, 2003) to denote

the textuality of the African peoples' afrographies and the drawings and symbols of Amerindians. In Aristotle's book *Peri Hermeneias*, or *Da Interpretação*, (2013), the rhythms of scriptural graphemes are condensed into the linearity of alphabetic writing's phonetic system. The linear nature of alphabetic writing is inextricable from phonologism, which asserts itself as a universal writing model through the non-contradictory singularity of meaning. This model results in a series of doctrines exclusive to the being (Western human): phonocentrism, logocentrism, and ethnocentrism (Derrida, 2013).

In the foundational relationships of *Metafísica*, Aristotle (2002, p. 25-27, §985, b14-20) argues that rhythm evolves into a scheme and a scheme becomes form – fundamentally in *forma*-tional – in its physical, moral, and conceptual manifestations. The form is not only aspectual and similar in its function to the letters of the alphabet – an example Aristotle borrowed from Democritus's “primitive hypothesis of the atom” – but also moral, indicating the political meaning of humanity. The seemingly inherent meaning enforced by the alphabetic letter establishes the political significance of humanity – the centrality of the Greek logos that transformed, over the course of Western history, into man, citizen, and ultimately, with modernity, into the white European.

From the Aristotelian perspective, which will persist in the anthropological machinery of the West (Agamben, 2011), form is a noun characterizing the meaning of being, that is, ontology establishes the *anthropos* through a semiogenesis. Meaning defines the human, since its function (*ergon*) is to signify. This principle of recognition and representation through meaning is a defining factor of humanity, and through its letters, the unique human history book was written, overlooking differently human beings, categorized by ethnocentric linear writing, among other things as *agraphou*.²⁵ Agraphous refers to peoples without alphabetic writing, specifically those who could not write in Greek during Antiquity, Latin during Late Antiquity and the Middle Ages, and Indo-European languages during

Modernity. A good counterpoint example is found in the words of André Baniwa (2021, p. 1)²⁶: “a escrita Baniwa sempre existiu”. The Baniwa refer to writing as *lidana*, which can incorporate graphism in basketry, petroglyphs in stones, and relates to drawings, graphisms, letters, and words. These are gateways to the ancestral realm of traditional Baniwa knowledge.

Beyond the ontological sense, the so-called “*agraphous* peoples” were classified as *homo alalus*, humans without articulated speech. As such, they were marginalized to a state of non-humanity, akin to slaves, women, children, and foreigners — ontic assets (*patrimonium*) of the patriarchal despot — the free man (*anthropos*). This aphasia isn’t physiological or related to speech-language; it’s an act of exclusion and political ostracism towards individuals whose language classification schemes are marked by difference and minor-tone usage of their bodies. Found in Aristotle (Aristóteles, 2002, p. 10-13)²⁷, this exclusionary act establishes philosophy as the “única ciência livre,” as it is the “única que é em vista de si mesma,” positioning the “homem livre” as its quintessential operator. This is because *anthropos* is the only being “that is for himself” (*ho hautoû héneka*), irrespective of all alterity. This unveils the somber facet of Aristotelian thought (the book).

The alphanumeric codes used by the so-called universal population (Western civilization) define the world through a unique spiritual lens. Aristotle’s interpretation of meaning (Aristóteles, 2002, p. 145-147)²⁸ posits that “não é significar uma infinidade de coisas, deste modo não haveria discurso” (*ouk an eiê logos*). “Não significar uma única coisa é não significar nada absolutamente” (*to gar mê hen sêmainein outhen sêmainen estin*). Because “não se pode pensar em nada sem pensar em algo único” — the total book. Without a distinct word or a comprehensive book to represent “something,” communication collapses, “não diz nada (*an de mêthen*), não sustenta discurso algum (*ton mêthenos ekhonta logon*)”. If the meaning is not understood, “tal homem é semelhante a uma planta” (*homois*

phutôi), a non-human entity devoid of logos, and hence, the book — the physical embodiment of thought. If one “falar por falar” (*logou kharin legousin*) without aiming to symbolize or give form to something distinct, they risk descending into the domain of non-human animals. Alternatively, adopting the logos of a plant, they merely vegetate. Devoid of rationality and discourse (*aneu logon*), such a person can become alienated, transitioning into a state of non-humanity (*alogon pragma*). Absent a body of work, such a person remains formless. Lacking the letters specific to humans, the unsuitable letter-less state of formless beings is inscribed in the body of *wordworld* (*palavramundo*) and in the book of existence, left uncharacterized (*zoê*) by the patriarchal suppression of exceedingly human males. The element of death, or thanatology, lies in the exclusion of the body politically defined as non-human — that is, a body lying outside the single-meaning human inventory. Thus configured, the book stamps the mark of death on those viewed as different under its authoritarian gaze — from foreigners to heathens, animals to witches, children to mythical creatures, all custodians of the minor books in the libertarian library.

In terms of linguistic science, within the history of Western metaphysics, language has disembodied itself from the voice, and the human being has become a concept and a political form distinct from that of the animal. As the unambiguous bearer of idea (*eidos*) and meaning (*ousía*), humans have become politically and informatively capable of substantively and exclusively shaping their own world. Grammarians began their treatises with the classificatory definition of voice (*phonê*), as *phonê synkechiméne*, the confused voice of animals and plants, and *phonê enarthros*, the voice articulated by human meaning. The Latin expression *vox articulata* equates to *phonê engrámmatos*, that is, the voice that can be written and understood through letters²⁹. The confused voice of animals and plants is “unwritable,” “unrelatable,” and without signification — they do not sustain any discourse (*mêthena ekhei logon*) —, whereas the articulated voice is human due to its potential to be effectively

inscribed in alphabetic script. Outside the chorus of animal voices relegated to agraphia and aletria, humans enter the meaning of language, of speaking and thinking. The rhythm made schematic caused the sound of the voice to disembodied itself from language (to substantiate itself). An emblematic episode was the ill-fated encounter between the Lusitanians and the Tupinambá on the coast of Pindorama, where the quincentenaries, whose patron was Aristotle, landed on Amerindian lands and promptly questioned the humanity of the natives, whose language did not pronounce f, r, s, that is, they spoke without articulation and grammar, therefore without signifying (Viveiros de Castro, 2017). From this logocentric observation, the white settlers skeptically questioned whether the peoples of Abya Yala possessed a soul or not, if they were human or not. As a result of this “ceticismo misantrópico colonial e racial” (Maldonado-Torres, 2007, p. 136)³⁰, the books of Abya Yala were smothered by the tyranny of the total book. The linear script founds the total book and, politically³¹, turns those formless beings without universal-alphabetic script (“*agraphos*”), therefore without books, into enslaved ones.

A ideia do livro é a ideia de uma totalidade, finita ou infinita, do significante; essa totalidade do significante somente pode ser o que ela é, uma totalidade, se uma totalidade constituída do significante preexistir a ela, vigiando sua inscrição e seus signos, independentemente dela na sua idealidade. A ideia do livro, que remete sempre a uma totalidade natural, é profundamente estranha ao sentido da escritura. É a proteção enciclopédica da teologia e do logocentrismo contra a disrupção da escritura, contra sua energia aforística e, contra a diferença em geral (Derrida, 2013, p. 21).³²

Situated outside of human meaning, the colonial condition of formless beings is characterized by non-existence, incapability, and ignorance. This epistemicidal meaning denies the distinctiveness and legitimacy of knowledge-bearers, their social organization methods, and their modes of understanding. These aspects are symbolically represented in a multi-dimensional fashion in their other books, which are erased by the linear identity of the total book. To the anthropological machinery of the West, the peoples of Abya Yala are negative particles of meaning (*informis*), representing that which seems not to exist, that which is absolutely non-existent, and that which cannot and should not exist, for it lacks an “here” - it signifies existential nothingness (*ouk on*).

Contrary to the ontologically significant man, there exists its symmetrical opposite: the human without work, or whose book does not pertain to the distinctive characters of humanity. This other, negatively depicted human, akin to plants and animals in the social and political structure of the metaphysics of coloniality, is represented in the theory of natural slavery (Aristotle, 1988), which shaped the enslaved and their non-human counterparts – the formless beings. Reduced to a formless condition, the imperfect work of the enslaved is the “use of bodies” (*he tou somatos chresis*); their symbolic language is the corporeality of their performances. Outside of the *nous* (intellect), the work of the enslaved is non-human (*ergon doulou*), while that of the free man reaffirms its exclusive lordly capacity to inform (*ergon anthropou*). The soul commands the body with a despotic order, while the intellect commands the appetite with a political mandate. In other words, the soul-book stands to the body-book just as the master stands to the slave. In this enslaved entity, the body is in use, while in the free man, the soul is at work according to reason.

Derrida (2013, p. 98)³³ posited that “o logocentrismo é uma metafísica etnocêntrica.” Claude Lévi-Strauss (1957, p. 318)³⁴ hypothesized that “a função primária da comunicação escrita é facilitar a servidão,” either i) through overt domination of one group over another, or ii) through subjugation to the laws of the polis and the state, particularly the modern one, with its consistent regulation of precarious labor modes. In Abya Yala, based on onto-theological and racist principles, the soul-book marked the native body and the African diaspora as entities damned and stained by sin, labor, and reproduction, as highlighted by Frantz Fanon (1968, 2008).

Excluding that which makes it possible, the book of meaning is the primary entity that cannot tolerate contradiction (Cassin, 2005), and the non-contradictory is the formal essence of man (*anthropos*). Meaning is constructed in such a way that something either has meaning or it does not, that is, “[...] é da natureza do sentido o fato de ser totalitário, quer dizer, reduzir a si mesmo tudo o que não é ele” (Cassin, 2005, p. 84-85)³⁵.

The enslaved is defined by the use of the body (not the intellect), outside of meaning – a person “[...] sem obra, aquele ser vivo que, embora sendo humano, é excluído da humanidade – e, por essa exclusão, incluído nela – para que os homens possam ter uma vida humana, ou seja, política” (Agamben, 2017, p. 41)³⁶.

The Western foundation of informational ontology reveals the formless as the condition of possibility and materialization of the informational being, or, in the terms of Sueli Carneiro (2005), the non-being as the foundation of being – referencing the condition of Black people in Brazil. In a broader context, beyond Brazil, Achille Mbembe (2014) describes this state as the “becoming-black of the world,” where those considered formless and peripheral to the major language (Deleuze; Guattari, 1977) are circumscribed in the Western classification schemes.

Distinct from the repulsive characterization of the other that emerges in the informational ontology of the soulful-corporeal book and its classificatory attributes of negativity, universalization, teleological and hierarchical exclusivity of the Western human (Olson, 1999), we introduce the Amerindian perspective of *bookOunce*, grounded in the other as a vector of transformation and enhancement of life. Heeding Leda Martins’ (2003, p. 78)³⁷ lesson: “não existem culturas ágrafas.” On the eve of the total book and its ethnocentric teleology: the Amerindian writing and its transformational graphisms. According to Derrida (2013), the past of phonetic writing is inscribed on the tablets of non-linear scriptures. Beneath the erasures of this text deprived by the “universal people,” we read and conceptually envision the Amerindian book, inscribed in the folds of human corporeality and in the graphisms of its symbolic languages. Sharing meals of form and semiovorous of singular meaning, the peoples of Abya Yala devour all the disenchantment of Western mortality and regurgitate in a manner overflowing with the possibility and multiplicity of altering ways of life, as described by Oswald de Andrade (2011, p. 70-71)³⁸ in the *Manifesto Antropofágico*: “perguntei a um homem o que era o Direito.

Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o,” or, as at the beginning of this quote: “A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais.”

BOOKOUNCE: A DIFFÉRONCE IN THE AMERICAN GRAMMATOLOGY

Talvez em meu rosto estivesse escrita a magia, talvez eu mesmo fosse a meta de minha busca. Estava nesse afã quando me lembrei de que o jaguar era um dos atributos do deus. Então minha alma se encheu de piedade. Imaginei a primeira manhã do tempo, imaginei meu deus confiando a mensagem à pele viva dos jaguares, que se amariam e gerariam infundavelmente, em cavernas, em canaviais, em ilhas, para que os últimos homens pudessem receber. Imaginei essa rede de tigres, esse candente labirinto de tigres, causando horror nas pradarias e nos rebanhos para conservar um desenho. [...] Dediquei longos anos a aprender a ordem e a configuração das manchas. Cada cega jornada me concedia um instante de luz, e assim consegui fixar na mente as negras formas que marcavam a pelagem amarela. Algumas incluíam pontos; outras formavam riscas transversais na face interior das pernas; outras, anulares, repetiam-se. Talvez fossem um mesmo som ou uma mesma palavra. Muitas tinham bordas vermelhas (Borges, 2008, p. 106-107)³⁹.

Reader of Amerindian writings, Jorge Luis Borges (2008) in “The God’s Script” shares the adventure of deciphering lived by Tzinacán, a Mayan sage, who discovered the scriptures of Qaholom, his god, inscribed on the skin of a jaguar that was imprisoned beside his stone cell. With the boundaries between literal (own) and figurative (improper) language as constructed by Western rhetoric erased, in the grammarology of America, the jaguar becomes a *bookOunce*. Its ancestral skin, perpetually painted, marks the living and ancestral scripture of the Amerindian peoples. To this scripture, I refer to as *bookOunce*, in dialogue with *diferOnça*, an Amerindian grammatological (or oncological) difference proposed by Viveiros de Castro (2018b).

Consuming the *différance* of a book spaced over time, from the indigenous American scriptures, Gordon Brotherston (1986) proposes a grammatology of America, outside the boundaries of phonologism and its ethnocentric and logocentric Western presuppositions. Through other indigenous paths, Eduardo Viveiros de Castro (2018b) introduces *diferOnça* (*différance*), spelled with a capital O to resemble the open maw of the jaguar. *DiferOnça* is a politically anthropophagic reinterpretation of concepts of difference found in Derrida and Deleuze. From this perspective, we discuss *bookOunce*, a portmanteau born from a devouring union between the jaguar (beast) and the book (outside), a rhizomatic and grammatological *intermezzo* of *diferOnça* (*différance*). Born from an American grammatology and its *diferOnça*, the *bookOunce* is a scriptural materiality of dissident Amerindian senses.

The *bookOunce* is characterized by a “fantastic realism” (not exotic) as designated by literary classifications, or by a “magical materialism” as philosophically argued by Carlos Cardozo Coelho (2020). Once the link of necessity and representation between words and things is devoured, the extraordinary becomes a telluric attribute of description and perspective in the books of Amerindian cosmologies: “o livro [ameríndio] é uma realidade maravilhosa nos universos dos homens e dos deuses” (León-Portilla, 2012a, p. 86)⁴⁰. Regarding this configuration of the marvelous and the extraordinary in Amerindian worlds, Nimuendaju (1981, p. 18)⁴¹, from the perspective of the Sipáia peoples, states:

Um bando numeroso de demônios povoa as matas, os rios e o céu da terra Sipáia. [...] Os índios não os consideram como entes sobrenaturais, em nossa acepção do termo, pela simples razão de que para eles não existe nada de sobrenatural. No conceito dos índios, o que conta é a maior ou menor atividade de um poder mágico imanente a todos os seres, e se alguém é capaz de produzir alguma coisa que aos outros pareça prodigioso. Esse extraordinário não tem limites: simplesmente, tudo é possível e natural.

A skilled craftsman of Latin American prose, Borges (2008) through a fictional (fabricated) tale, conveys a real and perspectival manner of Amerindian writing: the natural and artificial skins of the American world’s body. Gordon Brotherston (2001) in *Meaning in a Bororo jaguar skin* unveils a set of meanings attached to the jaguar skin of the Bororo people, both from the external and natural standpoint of the skin – as in the case of Tzinacán – and from the production and crafting done by the Bororo on the skin’s inner face. *Adugo biri* is how the Bororo refer to these jaguar skins and, complementarily, the painted skins. *Adugo biri* also signifies writing. *Ikuie adugo* is a specific expression for face painting, of the eye and of the star. These arrays of paintings and graphics are associated with the night sky, the site of the battle between the Jaguar, the Sun, and the Moon that culminated in the banishment of the Sun and Moon to the sky and the emancipation of Earth for the enjoyment of human and extra-human lives.⁴².

Owing to its remarkable ability to adeptly navigate various geographies – both terrestrial and spiritual –, its skill in hunting across diverse environments, and its deeply painted skin – a defining hallmark of the human – the jaguar is the quintessential image of the vital potency that Amerindians pursue. Indigenous ancestors from Mesoamerica (1500 B.C. – 400 B.C.), the Olmec people, depicted in their stelae humans as a hybrid of jaguar-person with human-person (Coe, 1972). The human par excellence is a teratomorphic being: the beautiful is the beast (Van Velthem, 1995). Emulating capacities akin to that of the jaguar is a sought-after aspiration in numerous Amerindian societies (Taylor; Viveiros de Castro, 2019), and this possibility manifests through the skin and its body paint, an immanent boundary between various worlds and their inhabitants.

Figure 1 – The jaguar and his painted skin



Source: Anakari drawings cited by Van Velthem (1995, p. 155).

In Amerindian cosmologies, skin serves as a transformative sign of life. Life is painted, and these paintings facilitate differentiation amongst the entities of this all-living world. While animals, plants, minerals, ancestral beings, and spirits “have an image” meaning they are permanently painted, humans, to differentiate themselves and to assume a viewpoint amidst various multi-natural worlds, need to craft their skin – that is, paint it. Human-folk are painted. Their otherness is colored.

In Amerindian societies, the painted body is the yardstick of humanity. Bodily inscriptions dictate the condition of a person, serving as the genesis of their perspective (Taylor; Viveiros de Castro, 2019). Graphics, designs or “patterns” (*yonchi*), as discussed by Peter Gow (1999) with reference to the Piro people of the Bajo Urubamba River in the Peruvian Amazon, are prerequisites for individuals to become human amongst many humans, essentially, to inhabit a vantage point. Pedro Cesarino (2012) noted a similar concept regarding the Marubo people, inhabitants of the Javari basin in the Brazilian Amazon.

The Marubo refer to these design patterns (writings) as *kene*, which chronicle the oral-written (oraliture) history of the people in memory places – the books configured by the world’s skins. A Marubo shaman narrates: “os riscos [a escrita] são o *chinã-kene* dos *nawa-rasî* [não-índios]. O *nawa-rasî papirî kene* [o *kene* de papel dos não-índios] é a escrita” (Franchetto, 2018, v. 1, p. 94)⁴³.

Of uncertain anatomy, Amerindian books are crafted on bodies, necklaces, baskets, pots, clothing, fans, sieves, nets, or found in fauna, flora, or even in the foreign bodies of other peoples (Gow, 1999). Facing dispersed humanity, the books of the Living Earth aren’t confined to a single tribe but are present in jaguar-folk, parrot-folk, snake-folk, fish-folk, leaf-folk, spirit-folk, and, ultimately, in the infinite and infinitesimal citizens of the “florestas de cristais” – the “archi-polis virtual” of the Abya Yala peoples (Viveiros de Castro, 2006, p. 323)⁴⁴. Abya Yala’s books are potentially formless, virtual traces – a unique individuation.

In a world where humanity is the nature of the subject, or the ontological condition common to beings, drawing designs on the body is to fabricate and distinguish the specist humanity in the eyes of others – to specify, among the variations of the wild body, which or with which human we refer to. Thus, as Taylor and Viveiros de Castro (2019) contend, the body is composed of perspectives, and the skin, which the ancient Greeks referred to as *biblion*, is “a casing that binds the parts and gives the body a specific identity” (Lima, 2002, p. 12-13)⁴⁵, as articulated by Tânia Stolze Lima (2002, p. 12-13)⁴⁶: “é ela [a pele] que atua como um princípio de individuação e que fundamenta a transformação interespecífica de que falam os mitos e os discursos xamânicos: é possível um homem transformar-se em onça ou arara na medida em que é possível vestir uma outra pele.”

Estariamos assim diante de uma ‘condensação visual’ [...] Teríamos a condensação de várias ‘vestimentas’ sobre um só suporte, o corpo do homem. Teríamos então um homem (segundo o seu ponto de vista e o de sua sociedade), cuja pele é o suporte de grafismos (de motivos agentivos que são a imagem – ou parte da imagem – de outros seres segundo seus pontos de vista), vendo realizar sobre si o poder agentivo da transformação gráfica, ou seja, a realização do processo de metamorfose feito pela sobreposição e pela condensação das imagens (Macedo, 2009, p. 518)⁴⁷.

To be painted is a pivotal and contingent characteristic in differentiating the human among Amerindian peoples. This perspective was challenged by the colonial evangelization efforts that revolved around the concept of the soul-book. Following the Platonic resemblance between soul and book as discussed earlier, a story of the missionary Sanchez-Labrador recounted by Lévi-Strauss (1957) stands out. Rooted in the Christian Neoplatonic principle that man is made in the image and likeness of God, Sanchez-Labrador, upon witnessing the indigenous bodies inscribed with non-representational drawings⁴⁸, enigmatic to the cleric’s representation, felt disconcerted. He perceived the indigenous people’s act as disdainful towards the Creator’s work, as they altered their appearances, thus crafting a body unlike God’s image⁴⁹. What eluded Sanchez-Labrador was that humanity, for the natives, is a condition spread amongst all beings capable of holding a viewpoint – this being the thesis of Amerindian perspectivism⁵⁰.

Amerindian peoples do not contest the soul or humanity of the Other. This is not the sole property of any being. Instead, they believe that what sets us apart and makes us distinctively human are the body designs that mark our flesh – an indigenous book – differentiating us from Other humans – animals, plants, spirits, the dead...⁵¹, or any entity capable of holding a viewpoint. Lévi-Strauss (1957) concludes the tale of missionary Sanchez-Labrador by stating: to be human, one must be painted. With its transformed image, in the Yanomami sense (*utupè*), and pronounced dissimilarity, the Amerindian human is destined to become a jaguar (Mussa, 2009). Or, as João Guimarães Rosa (2017, v. 2, p. 767)⁵² stated in his tale “Meu tio o Iauaretê”, through jaguar-transformed language: “de repente, eh, eu oncei...”

If “um livro existe apenas pelo fora e no fora” as posited by Deleuze and Guattari (1995, v. 1, p. 18)⁵³, the book *Ounce* melds with the beast of the outside. In “A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami”, Davi Kopenawa and Bruce Albert (2015, p. 66)⁵⁴ refer to the book as a “pele de imagens” (*utupayasiki*). This book *Ounce* is profoundly alive, perspectively human, and radically transformative. The image skins of the jaguars represent the metonymic American book – the *bookOunce*. Every body is a wild book in the cultured jungle (Descola, 1988).

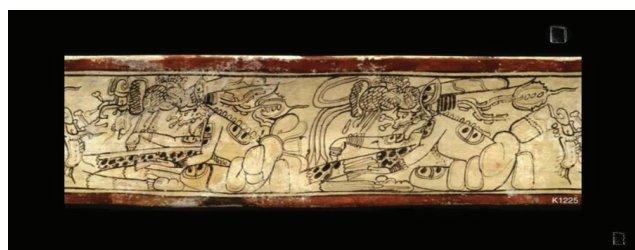
Prior to its canonical definition, the book as skin was evident in the Greek word *biblion*, the “skin” (*membranae*) or the “film” (*diphthera*) that potentially supports and facilitates any and all writings, every possible book format, without being constrained by it, as argued in Derrida’s *différance* (2004, p. 21). Between the Western and Amerindian worlds, the term “book” might be homonymous, an ideomorphic concept. However, materially, the books of the Abya Yala peoples are distinct.

In the entry titled “Book” from the *Einaudi Encyclopedia*, Alfonso di Nola (2000) recalls the lexicon of the book and its pragmatics in the “Old World.” Initially, Nola (2000, p. 216-219) points out the etymological connection associating the book with leaf, tree, and wood. An integral step in constructing a book involves preparing wooden tablets (*tabula*), scraped and readied to receive writing (*graphé*) through incised scratching on wax-coated tablets (*grammateion epitēdeiôtēs*), or, with a feather (*stillus*), on wooden tablets (*tabula*) covered in the white lacquer of the Latin world. Aligning with the series book-bark-tree-skin, in cultures distinct from the Greco-Roman world, the semantic root of the book is associated with “engraving,” “incising,” and “marking” as fundamental actions where humans inscribe their thoughts onto a medium for transmission. For instance, in Hebrew and certain Semitic languages, the word for book is *sēfer*, an incision or mark, closely related to *sipporen*, meaning “nail.”

Similarly, the Hebrew terms *kěthāv* and *mikhtāv* pertain to the “act of writing.” In modern Hebrew, *mikhtāv* translates to “letter,” but it can be found in ancient texts meaning *měgillāh* – “scroll” (akin to *gll* ‘to roll up’) – and *midrāsh* (interpreted as “sermon” or “commentary”), the former likely referring to the use of parchment for writing, which is still employed in synagogue liturgy, and the latter addressing the contents conveyed through the book, understood as an “examination of sacred writing.” The relationship between a book, engraving, and writing is evident. Such expressions from the Semitic world resonate with the notion of “incising” in the Indo-European languages or, in a later semantic development, the ideas of ‘painting’ and ‘marking’ present in Plato and the Greek synonyms for “writing” – “incising,” “engraving,” “painting” –, in Latin *scribere* “to imprint,” in Old English *writan* “to carve,” “to write,” in Old German *rīzan* “to draw,” “to incise” and in Modern German *ritzen* “to scrape” and *reissen* “to incise.”

Within this philological, anthropological, and semantic-pragmatic lexicon of the book, Nola (2000) draws attention to elements simultaneously present in Amerindian books. Employing the ethnography of Lúcia Hussak Van Velthem (1995) among the Wayana, we aim to briefly compare the vocabulary network of actions that form the conceptualization and composition techniques of the book in the “Old” and “New” worlds. “Decoração” is the term ascribed by Van Velthem (1995, p. 160)⁵⁵ to the body paintings of the Wayana. The assembly of elements applied to the body to grant it ethnic, social, and individual identity is termed decoration. Every decoration is visualized on a material base. The decorative techniques that produce the Wayana’s inscriptions can be grouped into at least three typologies: i) the binding technique, termed *tipumuhé* – furnished with threads – where, by wrapping threads around bows, arrows, and baskets (male-produced), nets, and hammocks (female-produced), the Wayana weave their texts, their patterns/drawings, and live iconographic motifs, like the *herí ié* (ant sting); ii) the carving technique (*tokoi*, sliced) whose method of incising provides an appearance to the engravings (bas-relief designs on a surface), generally adorned with red (*piré*) and black (*tariri*) pigments to enhance the drawings’ clarity.

The carving is performed using agouti and agouti fish, or god-fish, teeth, as well as allochthonous tools like knives and pocketknives. Generally, carvings are applied to benches, arrows, clubs, and gourds. The decoration of cassava bread during its baking, made using finger imprints, is also deemed carving; iii) the painting technique, distinguished by its absence of relief, is applied to a wide range of Wayana objects: ceiling wheels, arrows, clubs, baskets, benches, skirts for masks, ceramics, gourds, and the human body. Typically, these paintings are finger-painted (*tarpai*, *dampened*), offering a uniform surface in generic designs, or, when making patterns, the painted surface is scratched with nails, resembling the marks of jaguar claws (*têwüwüpkai*). Compared to the Latin stillus, Wayana brushes (*urukhem*) vary: a) palm slivers (*tiktikmatop*, dot-makers) equipped with cotton tips are used for ceramic and bench painting; b) bamboo slivers (*kurupëetop*, jenipapo-makers) are exclusively used for human body painting; c) clay and human hair (of the artist herself) are termed *umretpë* (formerly hair) and *miriktop* (pattern-maker), used in ceramic and ceiling wheel painting. The brushes are named *urukhem*, embodying an image, a human creation. The brush’s innate quality is to capture an image, an inherent habitus that enables the reproduction of designs. Thus, the book as an inscription is a conceptual homonym between Amerindian and Western worlds. The variance lies in the book’s nature, its untranslatable condition, meaning it perpetually translates since it can be articulated in more than one language (Cassin, 2022).

Figure 2 – The ceramic book (*The ceramic codex*)⁵⁶

Source: León-Portilla (2012a, p. 23).

The ambiguity between worlds is intertwined with the shamanic issue of translation (Cunha, 2017). The shaman is “o geógrafo, o decifrador, o tradutor” of the alternate worlds they navigate (Cunha, 2017, p. 114)⁵⁷. Their role involves journeying between species to discern the profound connections among different forms of beings, aiming to reconstruct the meanings from multiple perspectives. Not as a Western lawnmower naming what they see, but as an interpreter of diverse viewpoints (Cunha, 2017). Shamans operate through the aleatory nature of metaphorical speech, using “twisted words” that are both selective and partial, weaving closer the entities from various worlds as perceived through the socio-cosmic relations of diverging humanities. In speaking of and quoting spirits, shamanic narration aligns with the essence of speech as *phanai* (Cassin, 2015). Given the multitude of agencies, it effaces its status as a speaking subject and the privilege of intentional meaning.

Through the effort of translation, it traces the journeys of voices from otherness, obliterating the literal identity of the statement. The shaman becomes a spirit. As Eduardo Viveiros de Castro (2006, p. 322)⁵⁸ contends, “se o conceito de espírito designa essencialmente uma população de afetos moleculares, uma multiplicidade intensiva, então o mesmo se aplica ao xamã” who is “um ser múltiplo, uma micropopulação de agências xamânicas abrigadas em um corpo.”

The “wild” inhabitants of Abya Yala evoke the enchanted to shamanize their writings (Macedo, 2009; Viveiros de Castro, 2006). They summon the corporeality of the human persona to activate an ancestral cosmic bibliography, be it through written patterns materialized on the world’s skin or through invisible patterns⁵⁹ to untransformed eyes, applied as a *pharmakon* on the ill awaiting healing (Cunha, 2017). Envisioning a cosmic bibliographical graph is part of the yet-to-be-done labor of decolonizing our Western scriptural imagination.

Eduardo Viveiros de Castro (2006, p. 321)⁶⁰ notes that “o termo *xapiripë* se refere também aos xamãs humanos, e a expressão ‘tornar-se xamã’ é sinônima de ‘tornar-se espírito’, *xapiri-pru*.” In Amerindian world multiplicity theory, to become a shaman is to metamorphose into a spirit. Regarding the Wayãpi, a Tupi-Guarani family tribe found in villages in the Northwest region of Amapá (Brazil) and along the Camopi and Oiapoque rivers in Southern French Guiana, Silvia Macedo (2009) narrates the interpretative alliance between “writing and shamanic practices”. They use the same term to denote both graphic practices and writing. As Macedo (2009, p. 512)⁶¹ states, “escrita e grafismo são denominados pelos mesmos termos: *kusiwa*, *ekosiware*, palavras que descrevem grafismos, desenhos, decorações e escrita. *Kusiwa* significa literalmente um trajeto, uma vereda que se chama ‘caminho do risco’.”

This plane coexistence turns the act of “painting the skin” (*o-mongy*) into a simultaneous ornamental act of “decorating oneself”, and the patterns into transformative classifiers of the individual’s state. Graphically drawing the ancestral voices of the enchanted offers a means to access and establish vital communication with the other cosmological realms of the Wayâpi world (Macedo, 2009), in a timeless continuum without a beginning or end.

Figuea 3 – Jun Ba’tz’ y Jun Chuwe’n⁶²: Maya de Mayapán scribing gods



Source: Museo Regional de Antropología Palacio Cantón (2021).

Amerindian graphic designs are an intensive virtual map, a cosmic bi(bli)ographical book in becoming, much like the world creation myth of the Kapon people described by Abreu and cited by Cesarino (2012, p. 125)⁶³:

No começo do mundo, havia uma grande pilha de livros e cada povo retirava dali o seu volume específico. Os Kapon foram os últimos a retirar: não havia mais para eles livros inteiros, mas apenas as folhas que caíam dos volumes quando eles foram retirados. A reunião de todas essas folhas dava surgimento ao livro dos Kapon.

Studying the multiplicity of Amerindian books prompts a collapse in the classic Western conceptualization of the book. We need to connect with the wind that speaks through the leaves to hear the varied tales that belong to no one in particular, but which are mine, yours, and the Kapon’s as well.

FINICIAL ENCHANTMENTS FOR AN ANCESTRAL FUTURE: DEIFYING THINGS TO FABRICATE LIFE

Com flores, Doador da Vida,\com cantos das cor,\com cantos sombreias\aos que hão de viver na terra.\Depois porás fim a águias e jaguares.\Só em teu livro de pinturas vivemos\aquí sobre a terra.\Com tinta negra apagarás\o que foi a irmandade,\a comunidade, a nobreza \Tu sombreia aos que hão de viver na terra.\Só em teu livro de pintura vivemos,\aquí sobre a terra⁶⁴ (León-Portilla, 2012a, p. 87)⁶⁵.

E ainda assim, diante da opressão, do saque e do abandono, nossa resposta [latino-americana] é a vida. Nem os dilúvios, nem as pestes, nem a fome, nem os cataclismos, nem mesmo as guerras eternas através dos séculos e séculos conseguiram reduzir a vantagem tenaz da vida sobre a morte. (García Márquez, 2019, p. 34)⁶⁶.

Finício is a portmanteau for the devouring of the end by the beginning. The end towards which American consumption of signs (semiofagia) points is that of logocentric teleology, the end of the book as the cessation of its absolute and completed condition. The bookOunce” is the end of the book as the end of linear writing and the beginning of Amerindian writing, its origin, its new and old beginning, a possibility reopened once more by the extramodern peoples of the Living Earth. At this juncture, this text is a writing enchanted by the material possibility of an ancestral future for the territory of the book – its ontoepistemic demarcations and polymorphic thresholds –, an ancient and contemporary contribution of geophilosophical significance and transformational relevance to the studies of Bibliography, Library Science, Information Science, and other epistemic landscapes that wish to form alliances with indigenous thought in favor of good living.

Before the unfortunate encounter with the universal peoples, the Mesoamerican peoples already had their books. Classified as “idolatrous books”⁶⁷ and, generically, as “things of the devil”, a large portion of the pre-Hispanic Amerindian books were brutally burned⁶⁸ by the colonial enterprise and its modern atrocities. However, inscribed on the border surfaces of worlds, the “bookOunce” persisted and presents itself in the ancestral contemporary on different supports: stones (stelae), murals, bones, wood, ceramics, maguey and amate paper (made from fig tree), specific skins – generally deer, but also jaguar skins (for formation texts) and the living bodies of humans –, as well as a series of other artifacts that permeate Amerindian forms of life (Batalla Rosado; Luis de Rojas, 1995).

Figure 4 – *Quetzalcóatl*, the original *tlacuilo*



Source: Vindobonense Codex cited by León Portilla (2012a, p. 257).

A common deity in various Mesoamerican pantheons, Quetzalcóatl is the first *tlacuilo* (scribe painter), giver of life and culture, and inventor of books. In some mythical representations of Quetzalcóatl⁶⁹, the god is dressed in jaguar skins in his indigenous rhetorical exercise of shaping figures and characters to shade the world in its colors, in books of florid words (Beristáin; Ramirez Vidal, 2004). The Nahua Mexicans called the book “*amoxtli*” and the libraries “*amoxcalli*”. The *tlacuilo*⁷⁰ (scribe painter) became *tlatmatini* (wise) from the black and red inks (*tlilli*, *tlapalli*) of the books (*amoxtli*)⁷¹: “*Él mismo es escritura y sabiduría*” (León-Portilla, 2012b, p. 148)⁷².

The wise librarians (*amoxcalmatini*) of Abya Yala, the land of the living books (*amoxtlapan*), acted as *tlayoltehuiani*, a deifier of things. *Chilam balam* in direct translation, jaguar priest, was the homonymous expression for the jaguar scribe painter and for the “book of books” of some Maya peoples.

Through the graphisms of painted skins, scribe painters awakened the agency of things, as Gabriel García Márquez (2006, p. 7-8)⁷³ told us in his realistic fantastic work: “*as coisas têm vida própria, tudo é questão de despertar a sua alma.*” To awaken the soul, it must be inscribed in the heart of the people (*teyolía*). Among the Nahuas, *teyolía* is the “heart of the people”, a collective soul that communally branches out through the peoples⁷⁴. Constituent element of the rhizome-tree of humanity, *teyolía* makes agency with multiple peoples, from the most differed existences that compose the mineral, vegetable, animal, and cultural worlds (Pavón-Cuéllar, 2022). Quetzalcóatl is the protector god of humanity, a “deified heart” that wisely through his drawings dialogues with the heart of the people (*teyolía*). The Amerindian body and soul, gathered in the hearts of the peoples, are written and deified in the book: “*él son los códices, de él son los códices... en sí mismo es como un libro de pinturas*” (León-Portilla, 2012b, p. 148)⁷⁵. As observed by Brotherson (1997) in *La América indígena en su literatura: los libros del cuarto mundo*, the fact that Amerindian writings are not phonetically linked to a specific alphabetic script broadens the conceptual capillarity of the designs and allows the use of paintings by different peoples. Here is a brief bibliographic list of some Amerindian books (BookOunce): *Xiuhámatl*: Books of the years, *Tonalámatl*: Books of days and destinies, *Temicámatl*: Dream books, *Cuicámatl*: Ancestral songbooks, *Tlacamecayoámatl*: Genealogical books, *Tlalámatl*: Land books, *Huehuehtlahtolli*: Books of old words, *Teoamatl*: Books of gods, *Titici*: Medical books, *Amoxmachiotl*: Books on books (León-Portilla, 2012a).

Figure 5 – Fac-símile of pre-hispanic Bórgia Codex



Source: Samantha Gerritse (2013, p. 8).

Dreaming in the manner of Amerindian peoples about other books and other writings is a way of studying them, filling oneself with memories long mutilated by colonial ventures. In this pragmatic exercise of conceptual imagination, dreaming is not a mode of alienation from the real world, nor a renunciation of practical life. It is a concrete and present way of conceiving practical life issues as possibilities. And these guarantees of possibilities, as taught by Oswald de Andrade (2011): we devour. Ailton Krenak (2019) argues that to follow dreams is to be informed by them, to give meaning to life through the dream experience; it is a path of learning. In this speculative dreaminess, which perhaps runs through all Amazonian philosophy, lies the revitalizing force of the book concept. Through the senses of Amerindian messages, this research is filled with vitality and seeks to transfer it to informational and bibliological studies.

The *bookOunce* is a report from the cultured jungle. The Amerindian image of time is ancestral and abundant, making the past an unpredictable excess that keeps updating, always and every time in a different way. The past never stops passing. The vision of the future is a gaze of a yesterday that will come, yet and once more. Another possible world already exists. In this way, with *differOnça* being an Amerindian formulation of virtual time, the ancient question curls up in the present: after all, what is a book?

ACKNOWLEDGMENTS

I thank Gustavo Saldanha and the Ecce Liber collective, allies of the journey.

BIBLIOGRAPHY

AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

AGAMBEN, Giorgio. *A potência do pensamento*. Lisboa: Relógio D'água, 2013.

AGAMBEN, Giorgio. *Bartleby, escrita da potência*: Bartleby, ou Da contingência. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.

AGAMBEN, Giorgio. *O aberto: o homem e o animal*. Lisboa: Edições 70, 2011.

AGAMBEN, Giorgio. *O uso dos corpos*. São Paulo: Boitempo, 2017.

ANDRADE, Oswald. Manifesto antropófago. In: ANDRADE, Oswald. *A utopia antropofágica*. Rio de Janeiro: Globo, 2011. p. 67-74.

ARISTÓTELES. *Da alma*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.

ARISTÓTELES. *Da interpretação*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Loyola, 2002.

ARISTÓTELES. *Política*. Madrid: Gredos, 1988.

ARISTÓTELES. *Tópicos*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

BANIWA, André. A escrita Baniwa sempre existiu. *Uol*, São Paulo, 12 de maio de 2021. Coluna da Julie Dorrico. Available at: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/julie-dorrico/2021/05/12/a-escrita-baniwa-sempre-existiu.htm>. Access on: 15 Dec. 2021.

BARACAT JÚNIOR, José Carlos. *Plotino, Eneadas I, II e III*; Porfírio, vida de Plotino: introdução, tradução e notas. 2006. 2 v. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2006.

BARATIN, M. Da biblioteca à gramática: o paradigma da acumulação. In: BARATIN, M.; JACOB, C. (ed.). *O poder das bibliotecas*: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 227-233.

BATALLA ROSADO, Juan José; LUIS DE ROJAS, José. Soportes de la escritura mesoamericana. *Estudios de Historia social y económica de América*, Madrid, v. 12, p. 639-650, 1995.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BERISTÁIN, Helena; RAMÍREZ VIDAL, Gerardo (ed.). *La palabra florida*: la tradición retórica indígena y novohispana. Ciudad de México: UNAM, 2004.

BORGES, Jorge Luis. A escrita do deus. In: BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 104-110.

BORGES, Jorge Luis. *Labyrinths: selected stories & other writings*. Princeton, N.J.: Recording for the Blind & Dyslexic, 2006.

BROTHERSTON, Gordon. *La América Indígena en su literatura*: los libros del Cuarto Mundo. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

BROTHERSTON, Gordon. Meaning in a Bororo jaguar skin. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 11, p. 243-260, 2001.

BROTHERSTON, Gordon. Towards a Grammatology of America: Lévi-Strauss, Derrida and the Native New World Text. In: BARKER, Francis; HULME, Peter; IVERSEN, Margaret; LOXLEY, Diana (org.). *Literature, Politics and Theory*: papers from the Essex Conference 1976–84. London: Methuen, 1986. p. 190-209.

CÂNDIDO, Antônio. Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade. In: CÂNDIDO, Antônio. *Vários escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977. p. 57-87.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, 2005.

CASSIN, Barbara. *Elogio da tradução*: complicar o universal. São Paulo: Martins Fontes, 2022.

CASSIN, Barbara. *Jacques, o sofista*: Lacan, logos e psicanálise. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CASSIN, Barbara. *O efeito sofisticado*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

CASSIN, Barbara. *Se Parmênides*: o tratado anônimo De Melisso Xenophane Gorgia. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CESARINO, Pedro de Niemeyer. A escrita e os corpos desenhados: transformações do conhecimento xamanístico entre os Marubo. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 75-137, 2012.

COE, M. D. Olmec Jaguars and Olmec Kings. In: BENSON, Elizabeth P. (ed.) *The cult of the feline*. Washington: Dumbarton Oaks, 1972. p. 1-12.

COELHO, Carlos Cardozo. *Ontofagia*: um materialismo mágico. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2020.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Cultura com aspas*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka*: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago editora, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 1995. v. 1.

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: toward a minor literature*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986.
- DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- DERRIDA, Jacques. *Of grammatology*. Tradução: Gayatri Chakravorty Spivak. Baltimore & London: Johns Hopkins University Press, 1976.
- DERRIDA, Jacques. *Papel-máquina*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- DESCOLA, Philippe. *La selva culta: simbolismo y praxis en la ecología de los Achuar*. Quito: Ediciones Abya Yala, 1988.
- DIOGO, João Emanuel. Cartografia da humanidade: o corpo em Homero. *Revista Filosófica de Coimbra*, Coimbra, v. 48, p. 355-366, 2015.
- DUSCHINSKY, Robert. *Tabula Rasa and Human Nature*. *Philosophy*, Londres, v. 87, n. 4, p. 509-529, 2012.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufa, 2008.
- FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. São Paulo: Civilização brasileira, 1968.
- FRANCHETTO, Bruna. Brasil de muitas línguas. In: CASSIN, Bárbara (coord.). *Dicionários dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias: volume um: línguas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 77-100.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Eu não vim fazer um discurso*. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- GERRITSE, Samantha. *Narrative and Ritual in the Codex Borgia: a structural analysis of pages 29 to 46 of this Postclassic Mexican manuscript*. 2013. Thesis (Doctorate in Religion and Society) – Faculty of Archaeology of Universiteit Leiden, Universiteit Leiden, 2013.
- GOW, Peter. A geometria do corpo. In: NOVAES, Adauto (ed.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- KOPENAWA, David; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LAGROU, Els. Podem os grafismos ameríndios ser considerados quimeras abstratas? Uma reflexão sobre uma arte perspectivista. In: SEVERI, Carlo; LAGROU, Els (ed.). *Quimeras em diálogo: grafismo e figuração nas artes indígenas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. p. 67-110.
- LEÓN-PORTILHA, Miguel. *Códices: os antigos livros do Novo Mundo*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2012a.
- LEÓN-PORTILHA, Miguel. La riqueza semântica de los códices mesoamericanos. *Estudios de Cultura Náhuatl*, Ciudad de México, v. 43, p. 139-160, 2012b.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1957.
- LIMA, Tânia Stolze. O que é um corpo? *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 9-20, 2002.
- LOCKE, John. *Ensaio sobre o entendimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MACEDO, Silvia Lopes da Silva. Xamanizando a escrita: aspectos comunicativos da escrita ameríndia. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 509-528, 2009.
- MALDONADO-TORRES, Nelson, 2007. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (ed.). *El giro decolonial*. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2007. p. 127-167.
- MALLARMÉ, Stéphane. *Divagações*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2010.
- MARTINS, Leda. *Afrografias da memória, o reinado do rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras*, Santa Maria, v. 26, p. 63-81, 2003.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.
- MUSEO REGIONAL DE ANTROPOLOGÍA PALACIO CANTÓN. La palabra visible, escritura jeroglífica maya. [Exposición temporal]. Mérida: Instituto Nacional de Antropología e Historia, [2021].
- MUSSA, Alberto. *Meu destino é ser onça*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- NIMUENDAJU, Curt. Fragmentos de religião e tradição dos índios Sipáia. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 7, p. 3-47, jul. 1981.
- NOLA, Alfonso di. Livro. In: *ENCICLOPEDIA Einaudi*. v. 12. Mythos\Logos. Porto: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000. p. 215-242.
- OLSON, Hope A. Exclusivity, Teleology and Hierarchy: our Aristotelean Legacy. *Knowledge Organization*, Baden-Baden, v. 26, n. 2, p. 65-73, 1999.
- OTLET, Paul. *Traité de documentatation: le livre sur le livre: théorie et pratique*. Bruxelas: Editiones Mundaneum, 1934.
- PAVÓN-CUÉLLAR, David. *Além da psicologia indígena: concepções mesoamericanas da subjetividade*. São Paulo: Perspectiva, 2022.

PLATÃO. *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.

PLATÃO. *Fedro ou Da Beleza*. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

PLATÃO. *Filebo, Timeo, Critias*. Madrid: Grecos, 1992.

PLATÃO. *Teeteto e Crátilo*. Belém: Ed. UFPA, 1988.

POMAR, Juan Bautista. *Relación de Texcoco y varias relaciones antiguas*. México: Salvador Chávez Hayhoe, 1964.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Abya Yala. In: SADER, Emir; JINKINGS, Ivana; NOBILE, Rodrigo; MARTINS, Carlos Eduardo (coord.). *Latinoamericana: enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Boitempo, 2006. Available at: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>. Access on: 19 Apr. 2023.

ROSA, João Guimarães. Meu tio o Iauaretê. In: ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. v. 2, p. 744-769.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. Os sistemas mesoamericanos de escritura. In: SANTOS, Eduardo Natalino dos; MARTINS, Cristiane B.; FRANÇA, Leila Maria. (org.). *História e arqueologia da América indígena: tempos pré-colombianos e coloniais*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2017. p. 73-96.

SILVA, Denise Ferreira da. *Homo modernus: para uma ideia global de raça*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

TAYLOR, Anne Christine; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Um corpo feito de olhares (Amazônia). *Revista de Antropologia*, São Paulo, [online], v. 62, n. 3, p. 769-818, 2019.

VAN VELTHEM, Lúcia Hussak. *O belo é a fera: a estética da produção e da predação entre os Wayana*. 1995. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, 1995.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A floresta de cristal: notas sobre a ontologia dos espíritos amazônicos. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 14/15, p. 319-338, 2006.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu Editora, 2018a.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. *O que nos faz pensar*, Rio de Janeiro, v. 18, p. 225-254, 2004.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Rosa e Clarice: a fera e o fora. *Revista Letras*, Curitiba, v. 98, p. 9-30, jul/dez. 2018b.

ENDNOTES

1 Translation: “America is a special case. Of course it is not immune from domination by trees or the search for roots. [...] The conception of the book is different. Leaves of Grass. And directions in America are different: the search for arborescence and the return to the Old World occur in the East. But there is the rhizomatic West, with its Indians without ancestry, its ever-receding limit, its shifting and displaced frontiers. There is a whole American “map” in the West, where even the trees form rhizomes. America reversed the directions: it put its Orient in the West, as if it were precisely in America that the earth came full circle; its West is the edge of the East. (India is not the intermediary between the Occident and the Orient, as Haudricourt believed: America is the pivot point and mechanism of reversal.) The American singer Partti Smith sings the bible of the American dentist: Don’t go for the root, follow the canal...” (Deleuze, Guatarri, 1986, p. 10).

2 Translation: “being-in-the-other”/ “for-itself”/ “existential orifice”/ “Can you tell me, sir, what is the present posture of the ontological problem?”/ “Your honor, you are way behind. In our age of universal devouring, the problem is not ontological, it’s odontological.” (Cândido, 1977, p. 72, editorial translation).

3 Barbara Cassin (2017, p. 168), regarding the sophist contradictions to the philosophical sense of reality, proposes a logological presupposition, as glimpsed in contemporary Lacanian psychoanalysis, which states: “a linguagem come o real”. From this semiofagic formulation of logology, I derive the conceptual expression: logological anthropophagy. Translation: “language eats reality.” (Cassin, 2017, p. 168, editorial translation).

4 Abya Yala means Mature Earth, Blooming Earth, or Living Earth. It’s an expression of self-designation from the Kuna people for the American continent, the use of which has been becoming increasingly widespread as a counter to the Western designation of America, a symbolic expression dissociated from the imagination of the original peoples. (Porto-Gonçalves, 2006).

5 Translation: “State-apparatus book” (Deleuze; Guatarri, 1995, v. 1, p. 25, editorial translation).

6 Translation: Socrates: But when one is alone, reflecting on these things, does he not continue walking, holding onto these thoughts, sometimes for quite some time? / Protarchus: Absolutely. / Socrates: What then? Do you think as I do about it? / Protarchus: What do you mean? / Socrates: It seems to me that in such moments our soul is much like a book. / Protarchus: How so? / Socrates: Memory, when it coincides with sensations about a particular object, and the subsequent reflections about it, seem to me to be like writings inscribed in our souls. When the inner scribe of our being writes truths, the result is a harmony of true belief and true discourse within us. But when what is written is false, the opposite of the truth emerges. / Protarchus: That seems right to me, and I concur with what has been said. / Socrates: Will you also accept that there exists another craftsman within our souls at the same time? / Protarchus: Who might that be / Socrates: A painter, who, following the scribe, sketches in our souls the images of what has been said. / Protarchus: How and when do we say this artist works? / Socrates: It’s when, after separating what was believed and spoken from the vision or other sensation, one somehow sees within oneself the images of the beliefs and utterances. Does this not happen within us? (Plato, 1992, p. 74-75, translation and emphasis ours, editorial translation).

7 The translations of the Aristotelian expression *grammateíon* are made notable by Albertus Magnus, in his translation of *De Anima*, but also in the *Summa Theologica* by Thomas Aquinas (question 79), in Descartes’ *Recherche de vérité*, and in Leibniz’s *Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano*, as Duschinsky presents (2012).

8 Translation: “the oriental corpse is in the book.” (Derrida, 2013, p. 276, editorial translation).

9 This idea is found in Baracat Júnior (2006, p. 405) when he says that the material, therefore the book, is “[...] um cadáver adornado.” The “cadáver como emblema” is in the allegorical mannerisms of the Baroque (Benjamin, 1984, p. 239-243) and also in the symbolism of Mallarmé (2010, p. 181): “[...] a dobradura [livro] é um minúsculo túmulo da alma”. Translation: is “[...] a decorated corpse”; “corpse as emblem” (Baracat Júnior, 2006, p. 405, editorial translation) / [...] the fold [book] is a tiny tomb of the soul.” (Mallarmé, 2010, p. 181, editorial translation).

10 Psychopomp is a word that originates from the Greek *psychopompós*, a combination of *psyche* (soul) and *pompós* (guide). In the case of Hermes, he is the god who guides the soul of the dead to other dimension(s).

11 Thoth – the Greek Hermes –, the scribe of the psychostasy in the judgment of the dead in Osiris’ paradise.

12 “Na tradição árabe, a criação foi, por isto, assimilada a um acto de escrita e o intelecto agente ou poético, que ilumina o passivo e o faz passar ao acto, veio, por isto, a ser identificado com um anjo cujo nome é Pena (Qalam)” (Agamben, 2008, p. 15). Translation: “In the Arab tradition, creation was therefore assimilated to an act of writing and the active or poetic intellect, which illuminates the passive and makes it pass to the act, came to be identified with an angel whose name is Pen (Qalam).” (Agamben, 2008, p. 15, editorial translation).

13 Translation: “Do you not think that rhetoric is a psychagogic art, a craft of guiding souls through words, via discourse?” (Socrates, 2000, p. 90, editorial translation).

14 “Sócrates – O seu teor [do epitáfio] é este: ‘Virgem de bronze jazo, no sepulcro de Midas / Enquanto correr a água e as grandes árvores renovarem as folhas / De pé, sobre este túmulo onde faço meu pranto / Direi a todos os que passam: Aqui repousa Midas.’ Já terás notado que qualquer um destes versos pode ocupar, indiferentemente, o primeiro e o último lugar?” (Platão, 2000, p. 99). “Socrates – Its content [of the epitaph] is this: ‘Bronze maiden, I lie in the tomb of Midas / As long as water runs and large trees renew their leaves / Standing on this tomb where I make my weeping / I will tell all passers-by: Here rests Midas.’ Have you noticed that any one of these verses can indifferently occupy the first and last place?” (Platão, 2000, p. 99, editorial translation).

15 Translation: “every discourse should be composed as a living being” (Plato, 2000, p. 98-99, editorial translation).

16 With modernity, this epistemological condition of knowing the intelligibility of the thing was named as theory of knowledge and the acquisition of knowledge, for example, from John Locke’s (1999) empiricist theory of *tabula rasa*, will be moved by the mind and the corpus of experiences acquired from the informational impressions captured by the perception of the world external to the subject.

17 In the historical-social context of Plato, the human denizens of the polis were free men. According to Plato, full-fledged humans were the aristocrats and, under specific conditions, the metics – a class comprising artisans, traders, foreigners admitted into the polis, among other groups included between the aristocratic class and those enslaved. Thus, within the gradient of humanity formulated by Greek democracy, the citizens were the full-fledged humans, a small fraction of free men, authorized to conduct the affairs of the polis. For further consideration, see Plato (2017, p. 394).

18 In Athens, intelligible humans, when convinced or persuaded by educators and sophists – individuals socially classified as dissimilar – could face punishment by death or *atimia*. The latter was a ‘republican’ mechanism for total or partial deprivation of citizen rights (Platão, 2017, p. 280).

19 Translation: “as a writing tablet on which nothing is written” (Aristotle, 2010, p. 116, §430a, editorial translation).

20 Giorgio Agamben provides a dissenting interpretation of the Western canon with respect to the *grammateion*, an interpretation that this text aligns with. Agamben argues (2008, p. 13, editorial translation): “The mind, thus, is not a thing, but exists as pure potentiality. The image of a blank writing tablet, onto which nothing is inscribed, serves to aptly represent this state of being – pure potentiality. According to Aristotle, any potentiality to be or to do something is also invariably a potentiality of not being or not doing (*dinamis mê einai, mê energên*). Without this aspect, the potentiality would inevitably transition into action and become indistinguishable from it. [...] This ‘potentiality of not’ constitutes the fundamental secret of the Aristotelian doctrine of potentiality, rendering all potentiality, in essence, an impotence. [...] Thought exists as a potentiality to think or not to think, akin to a waxed tablet on which nothing is yet inscribed (as proposed by the possible intellect of medieval philosophers). And, just as the sensitive layer of wax is immediately engraved by the stylus of the scribe, so too does the potentiality of thought, which in itself is nothing, permit the act of intelligence to materialize.”

21 Barbara Cassin (2005) called this Aristotelian principle of sense decision

22 The Suda, in the entry dedicated to Aristotle, wrote: *Aristotélēs tēs phýseos grammateüs ên, tôn kálamon apobréchon eis noûn*. Translated by Giorgio Agamben (2013, p. 23, editorial translation): “Aristotle was the scribe of nature, who dipped the pen in thought.”

23 Translation: “[...] the scribe of nature, who dipped his quill in thought” (Agamben, 2013, p. 23, editorial translation).

24 “I referred to these inscriptions and performative palimpsests, engraved by voice and body, as ‘oralitura,’ tinting the notion of this term with the singular cultural inscription that, like a letter (*littera*), cleaves the enunciation of the subject and his collectivity, while also underscoring in the term its value of *litura*, erasure of language, constitutive signifying alteration, of the alterity of subjects, of cultures and their symbolic representations.” (Martins, 2003, p. 77, editorial translation).

25 “Se se deixa de entender a escritura em seu sentido estrito de notação linear e fonética, deve-se poder dizer que toda sociedade capaz de produzir, isto é, de obliterar seus nomes próprios e de jogar com a diferença classificatória, pratica a escritura em geral. A expressão de ‘sociedade sem escritura’ não corresponderia, pois, nenhuma realidade nem nenhum conceito. Esta expressão provém do onirismo etnocêntrico, abusando do conceito vulgar, isto é, etnocêntrico, da escritura. O desprezo pela escritura, notemos de passagem, acomoda-se muito bem com este etnocentrismo. Aí há apenas um paradoxo aparente, uma destas contradições onde se profere e se efetiva um desejo perfeitamente coerente. Num único e mesmo gesto, despreza-se a escritura (alfabética), instrumento servil de uma fala que sonha com sua plenitude e com sua presença a si, e recusa-se a dignidade de escritura aos signos não-alfabéticos” (Derrida, 2013, p. 136). Translation: “If writing is no longer understood in the narrow sense of linear and phonetic notation, it should be possible to say that all societies capable of producing, that is to say of obliterating, their proper names, and of bringing classificatory difference into play, practice writing in general. No reality or concept would therefore correspond to the expression ‘society without writing.’ This expression is dependent on ethnocentric oneirism, upon the vulgar, that is to say ethnocentric, misconception of writing. The scorn for writing, let us note in passing, accords quite happily with this ethnocentrism. The paradox is only apparent, one of those contradictions where a perfectly coherent desire is uttered and accomplished. By one and the same gesture, (alphabetic) writing, servile instrument of a speech dreaming of its plenitude and its self-presence, is scorned and the dignity of writing is refused to nonalphabetic signs” (Derrida, 2013, p. 136, editorial translation).

26 Translation: “Baniwa writing has always existed” (Baniwa, 2021, p. 1, editorial translation).

27 Translation: “only free science” / “only one that is for itself” / “free man” (Aristotle, 2002, p. 10-13, editorial translation).

28 Translation: “communication does not imply limitless interpretations; if it did, the discourse would be unattainable” / “The concept of not specifying one exact thing equates to signifying nothing”. / “one cannot conceptualize emptiness without considering something distinct” / “as it conveys emptiness and lacks the basis for conversation” / “an individual morphs into a plant-like creature” / “speaks merely for the act of speaking” / “as it conveys emptiness (an de mêthen) and lacks the basis for conversation (ton mêthenos ekhonta logon)” (Aristóteles, 2002, p. 145-147, editorial translation).

29 For the umbilical relationship between library practices and the art of grammar, refer to the text *From the library to grammar: the paradigm of accumulation*, by Marc Baratin (2000).

30 Translation: “colonial and racial misanthropic skepticism” (Maldonado-Torres, 2007, p. 136, editorial translation).

31 “The fact that access to the written sign assures the sacred power of keeping existence operative within the trace and of knowing the general structure of the universe; that all clergies, exercising political power or not, were constituted at the same time as writing and by the disposition of graphic power; that strategy, ballistics, diplomacy, agriculture, fiscality, and penal law are linked in their history and in their structure to the constitution of writing; that the origin assigned to writing had been-according to the chains and my themes-always analogous in the most diverse cultures and that it communicated in a complex but regulated manner with the distribution of political power as with familial structure; that the possibility of capitalization and of politico-administrative organization had always passed through the hands of scribes who laid down the terms of many wars and whose function was always irreducible, whoever the contending parties might be; that through discrepancies, inequalities of development, the play of permanencies, of delays of diffusions, etc., the solidarity among ideological, religious, scientific-technical systems, and the systems of writing which were therefore more and other than ‘means of communication’ or vehicles of the signified, remains indestructible; that the very sense of power and effectiveness in general, which could appear as such, as meaning and mastery (by idealization), only with so-called “symbolic” power, was always linked with the disposition of writing; that economy, monetary or premonetary, and graphic calculation were co-originary, that there could be no law without the possibility of trace.” (Derrida, 1976, p. 92-93).

32 Translation: “The idea of the book is the idea of a totality, finite or infinite, of the signifier; this totality of the signifier cannot be a totality, unless a totality constituted by the signified preexists it, supervises its inscriptions and its signs, and is independent of it in its ideality. The idea of the book, which always refers to a natural totality, is profoundly alien to the sense of writing. It is the encyclopedic protection of theology and of logocentrism against the disruption of writing, against its aphoristic energy, and, as I shall specify later, against difference in general” (Derrida, 1976, p. 18).

33 Translation: “[...] logocentrism is an ethnocentric metaphysics” (Derrida, 2013, p. 98, editorial translation).

34 Translation: “[...] the primary function of written communication is to facilitate servitude [...]” (Claude Lévi-Strauss 1957, p. 318, editorial translation).

35 Translation: “[...] it is in the nature of meaning to be totalitarian, that is, to reduce to itself everything that is not meaning” (Cassin, 2005, p. 84-85, editorial translation).

36 Translation: “without work, that living being who, while being human, is excluded from humanity – and, through this exclusion, included in it – so that men can have a human life, that is, a political one” (Agamben, 2017, p. 41, editorial translation)..

37 Translation: “There are no non-literate cultures.” (Martins, 2003, p. 78, editorial translation).

38 Translation: “I asked a man what was Right. He told me it was the guarantee of the exercise of possibility. This man’s name was Galli Mathias. I ate him,” / “Magic and life. We had the relation and distribution of physical goods, moral goods, dignitary goods. And we knew how to transcend mystery and death with the help of some grammatical forms.” (Andrade, 2011, p. 70-71, editorial translation)

39 Translation: “Perhaps the magic would be written on my face, perhaps I myself was the end of my search. That anxiety was consuming me when I remembered the jaguar was one of the attributes of the god. Then my soul filled with pity. I imagined the first morning of time; I imagined my god confiding his message to the living skin of the jaguars, who would love and reproduce without end, in caverns, in cane fields, on islands, in order that the last men might receive it. I imagined that net of tigers, that teeming labyrinth of tigers, inflicting horror upon pastures and flocks in order to perpetuate a design. [...] I devoted long years to learning the order and the configuration of the spots. Each period of darkness conceded an instant of light, and I was able thus to fix in my mind the black forms running through the yellow fur. Some of them included points, others formed cross lines on the inner side of the legs; others, ring-shaped, were repeated. Perhaps they were a single sound or a single word. Many of them had red edges” (Borges, 2006, p. 167, editorial translation).

40 Translation: “the [Amerindian] book is a marvelous reality in the universes of men and gods” (León-Portilla, 2012a, p. 86, editorial translation).

41 Translation: A numerous band of demons inhabits the forests, rivers, and skies of the Sipáia land. [...] The indigenous people do not regard them as supernatural beings, in our sense of the term, for the simple reason that, for them, nothing is supernatural. In the indigenous worldview, what matters is the greater or lesser activity of a magical power inherent to all beings, and whether someone is capable of producing something that appears wondrous to others. This extraordinary has no bounds: simply put, everything is possible and natural (Nimuendaju, 1981, p. 18, editorial translation).

42 “Hence, the Adugo biri come to epitomise a whole philosophy of origins and social practice, in which the jaguar features large as both founding father and the sky spirit embattled with sun and moon” (Brotherson, 2001, p. 246-247, editorial translation).

43 Translation: “the lines [the writing] are the chiná-kene of the nawa-rasí [non-indigenous]. The nawa-rasí papirí kene [the paper kene of the non-indigenous] is writing” (Franchetto, 2018, v. 1, p. 94, editorial translation).

44 Translation: “crystal forests” / “virtual archi-polis” (Viveiros de Castro, 2006, p. 323, editorial translation).

45 Translation: “a casing that binds the parts and gives the body a specific identity” (Lima, 2002, p. 12-13, editorial translation).

46 Translation: “It is the skin that serves as a principle of individuation and underpins the interspecific transformation spoken of in myths and shamanic discourses: a man can become a jaguar or a parrot to the extent that it is possible to don another skin” (Lima, 2002, p. 12-13, editorial translation).

47 Translation: “We may thus be facing a form of ‘visual condensation’ [...] We witness a layering of various ‘attires’ on a single canvas, the human body. We then observe a man (from his perspective and that of his society), whose skin serves as a canvas for graphics (of agentive motifs that are the image – or part of the image – of other beings from their viewpoints), experiencing the agentive power of graphic transformation. In other words, he undergoes the metamorphic process driven by overlaying and condensing these images” (Macedo, 2009, p. 518, editorial translation).

48 Among the Amerindians, graphic systems are systematically associated with writing rather than representation. The figures that lurk within these graphics seem more like secondary effects of an inherent graphic logic, primarily interested in the relationships between the lines rather than an end in itself (Lagrou, 2013).

49 A similar relation was narrated by Derrida (2013, p. 99) when describing the encounter of ethnocentric Europeans with Chinese script, which they classified as “a kind of hallucination.”

50 “Trata-se da concepção, comum a muitos povos do continente, segundo a qual o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não-humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos. [...] Tipicamente, os humanos, em condições normais, veem os humanos como humanos e os animais como animais; quanto aos espíritos, ver estes seres usualmente invisíveis é um signo seguro de que as ‘condições’ não são normais. Os animais predadores e os espíritos, entretanto, veem os humanos como animais de presa, ao passo que os animais de presa veem os humanos como espíritos ou como animais predadores. [...] Vendo-nos como não-humanos, é a si mesmos que os animais e espíritos veem como humanos. Eles se apreendem como, ou se tornam, antropomorfos quando estão em suas próprias casas ou aldeias, e experimentam seus próprios hábitos e características sob a espécie da cultura: veem seu alimento como alimento humano (os jaguares veem o sangue como cauim, os mortos veem os grilos como peixes, os urubus veem os vermes da carne podre como peixe assado etc.), seus atributos corporais (pelagem, plumas, garras, bicos etc.) como adornos ou instrumentos culturais, seu sistema social como organizado idênticamente às instituições humanas (com chefes, xamãs, ritos, regras de casamento etc.). Esse ‘ver como’ refere-se literalmente a perceptos, e não analogicamente a conceitos, ainda que, em alguns casos, a ênfase seja mais no aspecto categorial que sensorial do fenômeno; de qualquer modo, os xamãs, mestres do esquematismo cósmico dedicados a comunicar e administrar as perspectivas cruzadas, estão sempre aí para tornar sensíveis os conceitos ou inteligíveis as intuições. Em suma, os animais são gente, ou se veem como pessoas” (Viveiros de Castro, 2004, p. 225-227). Translation: “This reflects the conception, common to many peoples of the continent, that the world is inhabited by various types of subjects or persons, human and non-human, each perceiving it from distinct viewpoints. [...] Typically, humans, under normal circumstances, see humans as humans and animals as animals; when it comes to spirits, seeing these usually invisible beings is a sure sign that ‘conditions’ aren’t normal. Predator animals and spirits, however, view humans as prey, while prey animals see humans as spirits or as predatory animals. [...] By seeing us as non-humans, it is themselves that animals and spirits view as human. They perceive themselves as, or become, anthropomorphic when in their own homes or villages, experiencing their own habits and traits in the mold of culture: they view their food as human food (jaguars see blood as cauim, the dead see crickets as fish, vultures view the worms of rotting flesh as roasted fish, etc.), their bodily attributes (fur, feathers, claws, beaks, etc.) as cultural adornments or instruments, and their social systems as organized identically to human institutions (with leaders, shamans, rituals, marriage rules, etc.). This ‘seeing as’ pertains literally to perceptos, not analogously to concepts, although in some instances, the emphasis is more on the categorial aspect than the sensory aspect of the phenomenon; in any case, shamans, masters of cosmic schematism dedicated to communicating and managing the intersecting perspectives, are always there to make concepts perceivable or intuitions intelligible. In summary, animals are people, or they see themselves as people” (Viveiros de Castro, 2004, p. 225-227, editorial translation).

51 “Em resumo, pessoas, carniça, vermes, urubus, mas também rio, pedra e assim por diante, existem antes de tudo como perspectivas humanas e, enquanto tais, são corpos fundamentalmente distintos em outras perspectivas” (Lima, 2002, p. 13-14). An indigenous multi-naturalistic account complementary to this other sense is that of Ailton Krenak (2019) who says everything is nature, everything that manages to think is nature: landscapes have meaning – the river sings, dances, and rejoices with the beings who share life with it. The river is the grandfather Krenak. Translation: “In short, people, carrion, worms, vultures, but also rivers, stones, and so on, exist primarily as human perspectives and, as such, are fundamentally distinct bodies in other perspectives” (Lima, 2002, p. 13-14, editorial translation).

52 Translation: “suddenly, eh, I jaguar-ed...” (Guimarães Rosa, 2017, v. 2, p. 767, editorial translation).

53 Translation: “a book exists solely by the outside and in the outside” (Deleuze; Guattari, 1995, v. 1, p. 18, editorial translation.)

54 Translation: “skin of images” (Deleuze; Guattari, 1995, v. 1, p. 18, editorial translation).

55 Translation: “Decoration” (Van Velthem, 1995, p. 160, editorial translation).

56 Polychrome Maya vase, Late Classic Period (750-800 A.D.). On the ceramic codex, an ah ts’ib, a Maya painter-scribe, is depicted with a book, teaching his disciples the art of writing.

57 Translation: “the geographer, the decoder, the translator” (Cunha, 2017, p. 114, editorial translation).

58 Translation: “if the concept of spirit essentially designates a population of molecular affections, an intensive multiplicity, the same applies to the shaman”/ “a multifaceted being, a micro-population of shamanic agencies harbored in a body.” (Castro, 2006, p. 322, editorial translation)

59 Other relational modes of body drawings are their absence or their excess, as markers of seclusion. Not painting or over-painting bodies is a way of becoming invisible to the eyes of the other, as noted by Anne Christine Taylor and Eduardo Viveiros de Castro (2019).

60 Translation: “the term xapiripë also pertains to human shamans, and the phrase ‘becoming a shaman’ is synonymous with ‘becoming a spirit’, xapiri-pru” (Castro, 2006, p. 321, editorial translation).

61 Translation: “writing and graphic design are named by the same terms: kusiwa, ekosiware, words that describe patterns, drawings, decorations, and writing. Kusiwa literally means a path, a trail called ‘path of the risk’” (Macedo, 2009, p. 512, editorial translation).

62 In the right hand, one holds a brush. In the left, a shell, which was used as an inkwell for the black and red inks that penned the books. Paper, made from amate (a type of fig tree), emerges from the tongue, symbolizing simultaneously the oral and written (oralitura) capacity to shade and deify worldly matters.

63 Translation: “In the beginning of the world, there was a large stack of books, and each people took their specific volume from it. The Kapon were the last to take: there were no longer whole books for them, but only the leaves that had fallen when the volumes were removed. The gathering of all these leaves gave rise to the Kapon’s book” (Cesarino 2012, p. 125, editorial translation).

64 Este é um poema oral fabricado por um histórico forjador de cantos anônimo (poeta Nahua) para o deus Quetzalcóatl e registrado através dos símbolos ocidentais por Miguel León-Portilla.

65 Translation: “With flowers, Giver of Life,\nwith songs you give color,\nwith songs you shade\those who are to live on earth.\nThen you will end eagles and jaguars.\nOnly in your painted book we live\here on the earth.\nWith black ink you will erase\what was the brotherhood,\nthe community, the nobility\nYou shade those who are to live on earth.\nOnly in your book of painting we live,\nhere on earth” (León-Portilla, 2012a, p. 87, editorial translation).

66 Translation: “And yet, in the face of oppression, pillage, and abandonment, our response is life. Neither floods nor plagues nor famines nor cataclysms, not even eternal wars lasting centuries and centuries, have succeeded in reducing the tenacious advantage of life over death.” (García Márquez, 2019, p. 34, editorial translation).

67 The ancient Indians hid these papers so that the Spaniards would not take them away when they entered the city and lands. They became lost, either due to the deaths of those who hid them or because religious figures and the first bishop, Don Juan de Zumárraga, burned them, along with many others. These were crucial for understanding the ancient matters of this land. Since all these [paintings] were images and characters representing either rational or irrational animals, plants, trees, stones, mountains, water, ridges, and other such matters, they believed it was a display of idolatrous superstition. They burned as many as they could lay their hands on. If not for some curious Indians diligently hiding parts of these papers and stories, we would not have the knowledge of them that we now possess” (Torquemada, 1975 cited in León-Portilla, 2012a, p. 65).

68 “Faltam suas pinturas, nas que tinham suas histórias, porque, no tempo em que o Marquês do Vale, Dom Hernando Cortés, com os demais conquistadores entraram por primeira vez nela [em Tezcoco], as queimaram nas casas reais de Nezahualpilli, em um grande aposento que era o arquivo geral de seus papéis, no qual estavam pintadas todas as suas coisas antigas, pelo que, hoje em dia, choram seus descendentes, com muito sentimento, por terem ficado às escuras, sem notícia nem memória dos fatos de seus antepassados” (Pomar, 1964, p. 153). Translation: “Their paintings, in which they had their histories, are missing because, at the time when the Marquis of the Valley, Don Hernando Cortés, along with other conquerors, first entered it [Tezcoco], they burned them in the royal houses of Nezahualpilli, in a grand chamber which was the general archive of their papers, where all their ancient matters were painted. Today, their descendants mourn deeply, left in the dark, with no knowledge or memory of the deeds of their ancestors” (Pomar, 1964, p. 153, editorial translation).

69 “Os amoxtli eram, na verdade, tllili, tlapalli, ou tinta negra, tinta vermelha, isto é, símbolos do poder. O sacerdote Quetzalcóatl quis, enfim, alcançar essa sabedoria quando desapareceu, encaminhando-se a Tlillan, Tlapallan, o Lugar das Cores Negra e Vermelha, uma primordial Amoxtlapan, situada no Oriente, para além das águas imensas” (León-Portilla, 2012a, p. 60). Translation: “The amoxtli were, in reality, tllili, tlapalli, or black ink, red ink, that is, symbols of power. The priest Quetzalcóatl sought to attain this wisdom when he vanished, heading to Tlillan, Tlapallan, the Place of Black and Red Colors, a primordial Amoxtlapan, located in the East, beyond the vast waters” (León-Portilla, 2012a, p. 60, editorial translation).

70 The scribe painters were referred to by the Mayas as dz’ibob (just as the books were), the Mixtecos called them ah ts’ib, the Quiché used the word vuh (or wuj) for book, and the Yucateco named both the amate paper – made from fig tree fiber – and the book as huun (Santos, 2017).

71 “Cuida de la tinta negra y roja, los libros, las pinturas, colócate, junto y al lado del que es prudente, del que es sabio. [...] El sabio: una luz, una tea, una gruesa tea que no ahuma. Un espejo horadado, un espejo agujerado por ambos lados. Suya es la tinta negra y roja, de él son los códices, de él son los códices. Él mismo es escritura y sabiduría” (León-Portilla, 2012b, p. 146-148).

72 Translation: “He himself is writing and wisdom” (León-Portilla, 2012b, p. 148, editorial translation).

73 Translation: “things have a life of their own, it’s simply a matter of waking up their souls.” (Márquez, 2006, p. 7-8, editorial translation)

74 Concepts similar to teyolía are yolo, from contemporary Nahuas, mintsita, from the P’urhépecha culture of Michoacán, and ool, from the Maya culture of Yucatán (Pavón-Cuéllar, 2022).

75 Translation: “he is the codices, from him are the codices... in himself he is like a painted book” (León-Portilla, 2012b, p. 148, editorial translation)

Artigo de opinião

Versão espanhol

Opinion article / Artículo de opinión
Spanish version / Versión en español

LibrOnça: una concepción del libro en la América Indígena

Vinícios Souza de Menezes

Doctor en Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) en colaboración con la Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil.

Profesor adjunto en la Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1035639338519262>

Correo electrónico: menezes.vinicios@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4511-4477>

Presentado el: 24/01/2023. Aprobado el: 08/08/2023. Publicado el: 22/09/2023.

RESUMEN

El texto se organiza en cuatro momentos dialógicos: i) una (re)introducción de un devenir bibliográfico y devenir-América, desdibujado en los borrones de las escrituras coloniales, ii) una arqueología del concepto de libro desde el advenimiento del *anthropos* en la antigüedad del mundo griego como dador de una forma anímica-corpórea hasta la imprenta alfabética de Occidente, iii) la exposición de LibrOnça como posible libro de Abya Yala, presente en las semiofagias de diferencia (*différOnce*) de las gramáticas americanas, y finalmente, iv) el último momento textual trata de los encantamientos *finiciais*, un final que está presente como cancelación de la condición absoluta, desencantada y acabada del libro occidental que es encantado a través del (re) comienzo ancestral, el enamoramiento de las cosas y la fabricación de la vida por las escrituras amerindias de los pueblos de Terra Viva, también conocida como Amoxtlapan, la tierra de los libros vivos. Desde una perspectiva teórica de argumentación, el texto transita por los conjuntos terrestres de la geofilosofía propuesta por Deleuze y Guattari y la postergación espacio-temporal deconstructiva del libro propuesta por Derrida, pero con una diferencia, ambos métodos son devorados por las perspectivas multinaturales de los pueblos amerindios. Jaguarear el libro, este es el objetivo onçológico del texto.

Palabras clave: librOnça; diferOnça; gramatología indígena - América; filosofía del libro; pensamiento amerindio.

(RE)INTRODUCCIÓN: LA RELEVANCIA DE UNA DEVENIR-AMÉRICA

É preciso criar um lugar à parte para a América. Claro, ela não está isenta da dominação das árvores e de uma busca das raízes. [...] Diferença entre o livro americano e o livro europeu, inclusive quando o americano se põe na pista das árvores. Diferenças na concepção do livro. ‘*Folhas de relva*’. E, no interior da América, não são sempre as mesmas direções: à leste se faz a busca arborescente e o retorno ao velho mundo. Mas o oeste rizomático, com seus índios sem ascendência, seu limite sempre fugidio, suas fronteiras movediças e deslocadas. Todo um ‘mapa’ americano, no oeste, onde até as árvores fazem rizoma. A América inverteu as direções: ela colocou seu oriente no oeste, como se a terra tivesse devindo redonda precisamente na América; seu oeste é a própria franja do leste. (Não é a Índia, como acreditava Haudricourt, o intermediário entre o Ocidente e o Oriente, é a América que faz Pivô e mecanismo de inversão.) A cantora americana Patti Smith canta a bíblia do dentista americano: não procure a raiz, siga o canal (Deleuze; Guattari, 1995, v. 1, p. 40-41)¹.

En *Digressão sentimental* sobre *Oswald de Andrade*, Antônio Cândido (1977) relata un episodio emblemático que sirve de ejemplo del devenir-América anunciado por Deleuze y Guattari. Alrededor de 1950, Oswald de Andrade se preparaba para presentarse a las oposiciones a la cátedra de Filosofía de la Universidade de São Paulo y Antônio Cândido le insistió en que no lo hiciera, porque se trataba de un campo técnico para el que no estaba preparado (no tenía formación) y eso podría agotarle. Buscando a tientas las palabras, Antônio Cândido (1977, p. 72)² decía que había oído un vocabulario lleno de “ser-no-otro”, “por-si”, “orificio existencial” y que, a modo de ilustración, un famoso examinador podría preguntarle: “Diga-me V. S. qual é a impoção hodierna da problemática ontológica?” Y, sin pestañear, Oswald respondió al símil de Cândido: “V. Excia. está muito atrasado. Em nossa era de devoração universal o problema não é ontológico, é odontológico.” En otras palabras, los problemas amerindios no son sustanciales, ni se refieren a la imaginaria diferencia ontológica occidental de la definición exclusiva del Ser. El anuncio de la nueva era por Oswald de Andrade provocó un efecto-mundo: el sentido del ser fue devorado. La bestia y el afuera anunciaron la semiofagia contemporánea y ancestral del pensamiento amerindio, un *odontologic turn*.

La lengua amerindia se comió lo real canónico de Occidente, y la filosofía se convirtió en antropofagia logológica³. Dentro de la estructura lingüística de significación de la filosofía, la sintaxis de la lengua se metamorfoseó en anfibolias, su semántica se transfiguró en homónimos y su gramática se perspectivizó en usos equívocos provocados por la variación de los cuerpos salvajes. En el pasado, en su disputa sobre el monopolio de la significación de la realidad contra los sofistas, Aristóteles (2002, p. 145-147) atribuyó como fuera del significado y portador del *logos* vegetal (*homoios phutôi*), al que habla sin significar algo único, o al que habla por el placer de hablar (*logou kharin legousin*). Este tópico de excluir a la humanidad del otro y del otro mundo, o del mundo del otro, a través del lenguaje, recordaba las invasiones europeas de las tierras de las primeras naciones, donde los pueblos originarios fueron clasificados (o desclasificados) del sentido de ser como los sofistas de antaño. Por lo tanto, lo que Oswald de Andrade le dijo a Antônio Cândido en la escenificación del tribunal de la razón es que nosotros, los amerindios, somos comensales de la forma y prisiones del sentido, es decir, devoramos lo universal con su humanidad y su razón.

Según las perspectivas amerindias, la humanidad es una condición diseminada entre todas las existencias - no hay diferencia ontológica que delimite lo que es el ser y excluya la dimensión óntica de los seres del mundo, de diferentes maneras. Tiene el ser que tiene un punto de vista, esta es la perspectiva de *Abya Yala*, la Tierra Viva⁴. A los amerindios les interesa ver y comer según sus humanidades, para que, en la multiplicidad de relaciones y sus agencias, puedan ver en el otro un aumento de la diferenciación y la potencialización de la vida (ser encantado). *La antropofagia* es la fuerza (sustento) que nos une, como nos dice la primera frase del *Manifiesto antropófago* (Andrade, 2011). En este mundo todo viviente que ve y come, la inmanencia odontológica de la dieta y sus semiofagias (deglución de sentidos y significados) se vuelve más pragmáticamente relevante que la abstinencia inmaculada del ser trascendental en sus remembranzas de lo perdido.

La escritura y los libros amerindios están dimensionados por el registro jaguar del sentido (*chilam balam*). A cada intento de cooptar el sentido, los comensales de la forma lo devoran. Se trata más bien de conectar pensamientos (*chinā ātinānāi*), como dicen los marubo, a partir de sus aglutinaciones semiofágicas, y no de aprisionar los pliegues de la vida en el territorio dogmático de las ideas (*eidos*) y del sentido (*ousía*).

Seguir el cauce del canto dental evoca un tema ancestral y escritural de la filosofía amerindia, que es la relevancia y el alcance de este texto. La alianza bibliográfica del devenir-américa puede verse, por ejemplo, en expresiones amerindias: “seguir el camino del riesgo” (*kusiwa*), como dicen los pueblos amazónicos wayāpi sobre la escritura chamánica (Macedo, 2009), o “el camino del libro” (*amoxohtoca*), como decían los pueblos nahuas mesoamericanos antes de los europeos (Léon-Portilla, 2012b). Los libros americanos invierten las direcciones del libro total europeo abriendo otras percepciones bibliográficas obstruidas por las diezmaciones coloniales. La semiofagia o el camino del libro son canales liminares para pensar de manera descolonizada el concepto de libro y sus posibles cartografías bibliográficas, resistentes en los vacíos de la máquina totalitaria, genocida y epistemicida de Occidente.

El rizoma americano es un compuesto de asociaciones caníbales. Perseguidos, quemados y recompuestos por las diversas agencias indígenas coloniales y poscoloniales, los libros ancestrales de *Abya Yala* se dislocan de la metafísica colonial del “livro-aparelho de Estado” (Deleuze; Guattari, 1995, v. 1, p. 25)⁵ y comienzan a operar alianzas con el mundo a través de su metafísica caníbal (Viveiros de Castro, 2018a). El libro americano se afirma en el devenir de las pieles del mundo, en las circunstancias de sus contextos de escritura, en la semiofagia de sus actos y en la multiplicidad de sus paisajes texto-visuales. El objetivo de esta investigación es reintroducir el protagonismo de los elementos del *librOnça*, olvidados en las capas discursivas occidentales del campo informativo.

Hipotéticamente, pretende mostrar cómo la percepción indígena del libro y la escritura puede cambiar los supuestos gramaticales de los estudios bibliográficos, desde el horizonte de la muerte al terreno de la vida. Finalmente, bajo las cambiantes fronteras e inversiones del devenir-América, se plantea una pregunta ancestral para el futuro: ¿qué es un libro?

CONTEXTUALIZANDO EL LIBRO ALMA-CUERPO: *ANTHROPOS*, DADOR DE FORMA A LA GRÁFICA OCCIDENTAL

Sócrates – Pero si está solo cuando se hace a sí mismo esas reflexiones, sigue caminando conservándolas en sí a veces bastante tiempo.

Protarco – Totalmente.

Sócrates – ¿Y luego? ¿Piensas lo que yo con respecto a ello?

Protarco – ¿El qué?

Sócrates – En mi opinión nuestra alma se parece en tales casos a un libro.

Protarco – ¿Cómo?

Sócrates – El recuerdo, al coincidir con las sensaciones sobre un mismo objeto, y aquellas reflexiones relativas a ello, me parece que en tales circunstancias vienen a escribir discursos en nuestras almas, y cuando ese escribano que hay en nosotros escribe cosas verdaderas, de ello resultan coincidir en nosotros opinión verdadera y discursos verdaderos, mas cuando escribe cosas falsas, resulta lo contrario de la verdad.

Protarco – Me parece perfecto, y acepto lo que así se ha dicho.

Sócrates – Acepta también que haya al mismo tiempo otro artesano en nuestras almas.

Protarco – ¿Cuál?

Sócrates – Un pintor, que después del escribano traza en las almas las imágenes de lo dicho.

Protarco – ¿Cómo y cuándo decimos que opera éste?

Sócrates – Cuando uno, tras separar de la visión o de alguna otra sensación lo entonces opinado y dicho, ve de algún modo, en sí mismo las imágenes de lo opinado y dicho. ¿O no ocurre esto así en nosotros? (Platão, 1992, p. 74-75, grifo nosso).

Según las primeras formulaciones de Aristóteles (2007, p. 414)⁶, la lectura es una de las competencias relativas al “arte da gramática” y a sus “tekhnités”, los gramáticos. Platón (Platão, 1988, p. 110)⁷ llamó a los gramáticos “fazedores ou artífices de nomes”. Junto a la lectura, la escritura es el otro componente elemental y formativo de la gramática mundial. “*Grammateion*” fue el nombre dado por Aristóteles (2010, p. 116) al libro-pensamiento, traducido por los comentaristas medievales como “*rasum tabulae*” (Agamben, 1993, p. 35) - pura potencia- y por los comentaristas modernos como “tabula rasa” (Locke, 1999, p. 57) – la mente representada como una hoja de papel en blanco, una facultad intrínseca del entendimiento en la naturaleza humana⁸. *Grammateion* es el lugar de los *grammas* o *grammatas*, las letras y su escritura (*graphé*) - en el caso aristotélico y occidental, la escritura alfabética. Paul Otlet (1934, p. 12), por ejemplo, recordando la tradición occidental, utiliza los términos “*biblion*, *grapho* (*grammata gramme*), *liber* y *documentum*” como sinónimos del fundamento de la Bibliología y la Documentación.

Tanto en la Antigüedad como en la Modernidad Occidental, el libro estuvo directamente asociado a la cuestión del alma humana. Mientras que en la Antigüedad, el libro oscilaba entre las categorías del alma y el cuerpo, en la Modernidad, el libro habitaba el péndulo onto-epistémico de la historicidad y la universalidad seculares. Dador exclusivo de las formas gramaticales en su sentido patriarcal de género, el hombre (*anthropos*), portador del discurso en el mundo griego antiguo, fue el hacedor del libro, mediador (*aedo*) entre los designios del extramundo y el sacramento del lenguaje humano.

Marcado por la condición finita y mortal del *anthropos*, el libro es un artefacto fabricado bajo los dedos inmortales del alma. A pesar de su coqueteo con la inmortalidad, el libro está contaminado por la condición existencial de los humanos: la mortalidad.

La dimensión corporal delimita el libro como soporte o continente que materializa los atributos del alma o el trabajo intelectual, como prefieren los modernos. Es a partir del espectro sin vida representado por la palabra “*soma*” y de las figuras cadavéricas de Patroclo y Héctor que el cuerpo se inscribe en la cartografía del humano en Homero (Diogo, 2015, p. 358). En su angustia por no perder a Patroclo, Aquiles no lo entierra. Patroclo se convierte en un fantasma, una figura ambigua - un cuerpo moribundo y visible cuya alma puede ser vista. Sólo después del rito funerario -el entierro- el alma se desprende del cuerpo y es llevada al reino de las sombras, donde acabarán todos los humanos. La obra humana, su libro, es la muerte.

Con la muerte, el cuerpo nacía en el mundo griego como un fantasma a la espera de una ceremonia funeraria que lo encerrara en una lápida. Esta tradición ritualista era común en las culturas no occidentales y probablemente entró en contacto con el mundo griego a través de los egipcios, especialmente *Thoth* (Hermes) y el mito de la escritura. Jacques Derrida (2013, p. 276)⁹ dijo: “o cadáver oriental está no livro”¹⁰. Platón, por ejemplo, utiliza la escritura para tejer sus argumentos farmacológicos (Derrida, 2005). Inicialmente, la epigrafía era el arte de hacer lápidas y producir epitafios. La epigrafía era una técnica de la epilografía, la ciencia de las piedras. Hay aquí un sentido literal del tratamiento artesanal de las piedras, por ejemplo, para la producción de lápidas o esculturas, pero también hay un sentido figurado unido a la palabra. Piedra en griego es *herma* y originalmente significaba lápida. Este significado de *herma* se asocia con Hermes, el dios psicopompo¹¹, que guía a las almas en la psicoestasis¹² con su pluma (*Qalam*¹³), hecha de cauduceu. Hermes es un escriba poiético de fantasmas: al escribir, transforma el cuerpo sin vida en fantasma (no muerto) y conduce su alma. Platón (2000, p. 81) asoció al retórico con esta práctica hermenéutica -la de Hermes- y lo llamó el “logógrafo”, el hacedor de discursos. En su diálogo con Fedro, Sócrates (2000, p. 90)¹⁴ le pregunta: “não te parece que a retórica é uma psicogogia, uma arte de conduzir as almas através das palavras, mediante o discurso?”.

A diferencia del epitafio del rey Midas¹⁵, una escritura fantasmática, la dialéctica moralista socrática decía: “todo o discurso deve ser formado como um ser vivo” (Platão, 2000, p. 98-99)¹⁶ un organismo propio, armonioso y mortal, es decir, con un principio (cabeza | nacimiento), un medio (órganos internos y externos | edad adulta) y un final (pie | muerte).

El *corpus* del discurso epigramático del hermeneuta -retórico y sofista- es móvil y espectral, mientras que el discurso socrático es ideal y estático. Mientras que el primero está formado por hacedores de nombres (gramáticos) y discursos (logógrafos) y se inscribe en las actuaciones escriturales de los distintos grafismos, el segundo es oral, hierático y se basa en la condición inteligible del viviente como semejante y habitante de la ciudad, capaz de hablar en la *polis*. El mundo platónico reúne una serie de distinciones onto-epistémicas: esencia y apariencia, inteligible y sensible, original y copia, idea e imagen. La posibilidad de conocer la inteligibilidad de la cosa es una condición ontológica de la participación de la forma (*eidos*), es decir, de la ontología del informar¹⁷. Los inteligibles dan forma a algo -informan, imprimen la forma modeladora de la idea en la materia corpórea- y los elementos sensibles, al recibir la acción de la idea, son aprehendidos por el don del fundamento. Así, según la ontología política platónica, los individuos inteligibles son instituidos políticamente como “buenas copias” (*eidolon*), representantes sensibles de la idea. Las apariencias espléndidas y bien fundadas, los seres sensibles son imagen y semejanza de la Idea (*eidos*). La tarea de la ontología informacional platónica es elevar el linaje de los similares a lo sublime (Deleuze, 2006) produciéndolos semejantes a un libro puro inmaculado por la presencia escrituraria del alma, el pintor-escritor interior del epígrafe de esta sección contextualizadora.

En esta escena del alma-libro, Platón captura el fantasmático *corpus* escritural y lo purifica privándolo de los efectos de la agencia del cuerpo en la dimensión del alma. La doble dimensión de veneno y cura de memoria asociada al *pharmakon* escritural (*biblion*) que Hermes (*Thot*) presentó al rey Tamuz en el mito de la escritura (Platão, 2000) se sustrae y la escritura pasa a asociarse exclusivamente con la dimensión inteligible del alma. Platón establece el libro como elemento seminal “estadio de la interioridad” del ser (Silva, 2022), metáfora del alma.

El platonismo demarca un gesto de exclusión ontológica en la *polis*, cuyo criterio selectivo y fabricado de humanidad entre buenos y malos ejemplares representa la separación entre los seres capacitados para recibir forma -los seres inteligibles, también llamados humanos¹⁸, en particular, los hombres humanos- y aquellos “otros seres”, privados de forma y desterrados a la condición corporal de no-humanidad de los fantasmas -macrotérmino platónico para todos los seres no formados, excluidos de la República- mujeres, niños, esclavos, extranjeros, gitanos, poetas, escribas, artistas, músicos, animales... Este pensamiento platónico expresa la voluntad ontológica de exorcizar, excluir y reprimir a los disímiles¹⁹, simulacros de la *polis*. En otras palabras, el simulacro (o fantasma) es la diferencia, la imagen demoníaca destinada a la expiación, el no-ser descalificado. Entre la idea (modelo) y las imágenes (copias) están *los fantasmas* (*phantasmatas*), o las “malas copias”, imágenes sin semejanza, un puro devenir sin medida que escapa a la acción de la forma. Los fantasmas reaparecen aquí como estigma del cuerpo y de la diferencia. Estas apariciones fantasmales, designadas como imitadores en *La República* (Platão, 2017), son clasificadas como simulacros malignos, perversos e insinuantes, ya que no respetan ni el fundamento ni lo fundado. Los fantasmas son delatores (*informis*), *no* resisten la prueba de una copia ni las exigencias de un modelo.

Confinados a la inexistencia onto-epistemológica de la “exterioridad” (Silva, 2022), estos elementos residuales permanecen en devenir en la materialidad de los libros y sus escrituras y en la acción de sus fantasmas - los agentes escriturales: el “artista”, el “escriba” y el “pintor” (Platão, 2017, p. 456-461). Dentro de la organización de los mundos platónicos, estos elementos y seres materiales subsisten entre el mundo inteligible y el mundo sensible, es decir, en un sugerente y ancestral “terceiro mundo”: “oscuro”, “ilegítimo” y de “inteligibilidad bastarda” (*khóra*), según Platón (1992, p. 202-204)²⁰.

La tarea del alma-libro platónico es informar la idea, “dar às coisas um fundamento”, un aspecto y una forma identificables para excluir, eliminar y prohibir cualquier pretensión de diferencia (Deleuze, 2006, p. 369)²¹. El acto de dar forma a algo es una relación de fuerza que pretende reducir el pensamiento de la diferencia a la identidad, la falta de forma matriarcal al ideal informativo del patriarca. La ontología platónica limita el libro a los gráficos alfabéticos dibujados por el pintor-escritor dentro del alma del patriarca, el hombre libre occidental que posee el patrimonio cultural.

El alma-libro platónico reaparece bajo otras apariencias en la logología, la ciencia aristotélica del *logos*. En el libro *De anima* o *Sobre el alma*, Aristóteles (2010, p. 116)²² llama al pensamiento-libro “grammateîon” - “a tabuinha de escrever onde nada está escrito” - o la potencia de pensamiento²³ que configura el alma. En Aristóteles, la sustancia del *anthropos* reside en dar sentido a su pensamiento, para decir algo significativo y único a sus semejantes²⁴. Así, en Aristóteles, la obra del ser es su *grammateîon*, *darle sentido* -informarlo- es su tarea antrópica. Todos estos elementos conceptuales son figuras estructurantes de la metafísica aristotélica y el libro es una reserva para el pensamiento en la obra de Aristóteles, “o escrivão da natureza, que molhava a pena no pensamento”²⁵, como señala la entrada dedicada a Aristóteles en *la Suda*, léxico bizantino tardío y una de las primeras enciclopedias del mundo.

Antes de que Aristóteles dividiera la palabra, lo oral y lo escrito estaban unidos en el ritmo de las grafías o en la “oralitura”²⁶, término acuñado por Leda Martins (1997, 2003) para expresar la textualidad de las afrografías de los pueblos de África y de los dibujos y grafismos amerindios. En el libro de Aristóteles (2013) *Peri hermeneias*, o *Sobre la interpretación*, los ritmos de escritura se reducen a la linealidad del sistema fonético de la escritura alfabética. La linealidad de la escritura alfabética es inseparable del fonologismo, que se impone como modelo universal de escritura a través de la unicidad no contradictoria del significado. Se convierte en una cadena de doctrinas exclusivas del ser humano (occidental): fonocentrismo, logocentrismo y etnocentrismo (Derrida, 2013).

En las relaciones fundamentales de la *Metafísica*, Aristóteles (2002, p. 25-27) sostiene que el ritmo se convierte en esquema y el esquema es forma -*informacional* radical- en su disposición física, moral y conceptual. Al mismo tiempo que la forma es aspectual y similar en su función a las letras del alfabeto-ejemplo que Aristóteles toma de la “hipótesis primitiva del átomo” de Demócrito - es también moral y demarca el sentido político de lo humano. El supuesto significado impuesto por la letra alfabética demarca el sentido político de lo humano -la centralidad del *logos* griego que se ha convertido, en el curso de la historia occidental: hombre, libre, ciudadano y, con la Modernidad, blanco y europeo.

Desde el punto de vista aristotélico, que perseverará en la máquina antropológica de Occidente (Agamben, 2011), la forma es un sustantivo que caracteriza el sentido del ser, es decir, la ontología funda el *anthropos* a través de una semiogénesis. El sentido define al ser humano, ya que su obra (*ergon*) es significar. Este principio de reconocimiento y representación a través del significado es un principio de determinación humana y, a través de sus letras, se escribió el libro exclusivo de la historia de la humanidad ignorando a los seres humanos diferentes, clasificados por la escritura lineal etnocéntrica, entre otras cosas, como ágrafos²⁷.

Los ágrafos son pueblos que no tienen escritura alfabética, con especial distinción para los no escritores del griego -en la Antigüedad-, del latín -en la Antigüedad Tardía y la Edad Media- y de las lenguas indoeuropeas -en la Modernidad-. Un contrapunto que ejemplifica lo dicho lo encontramos en las palabras de André Baniwa (2021, p. 1)²⁸: “a escrita Baniwa sempre existiu”. Los Baniwa llaman *lidana* a la escritura, que puede ser un gráfico en cestería, petroglifos en piedras, así como dibujos y gráficos en pieles, índices de acceso al mundo ancestral del conocimiento tradicional Baniwa.

Fuera del sentido ontológico, los “pueblos ágrafos” fueron clasificados como *homo alalus*, humanos sin habla articulada, y conducidos a la condición de no-humanidad, como los esclavizados, las mujeres, los niños, los extranjeros, *patrimonios* ónticos (*patrimonium*) del déspota patriarcal - el hombre libre (*anthropos*). Esta afasia no es fisiológica, es un gesto de exclusión y destierro político a la condición óntica de seres cuyos esquemas clasificatorios del lenguaje están atravesados por la diferencia y el uso de sus cuerpos en menor grado. Este gesto de exclusión, en Aristóteles (2002, p. 10-13), funda la filosofía como la “única ciencia libre” ya que es “la única que está en vista de sí misma” y hace del “hombre libre” su operador por excelencia, ya que el *anthropos* es el único ser “que está en vista de sí mismo” (*ho hautoû héneka*) sin ninguna alteridad. He aquí el aspecto mortífero del libro (pensamiento) aristotélico.

La grafía alfabética de los llamados pueblos universales (occidentales) informa al mundo a través de la condición anímica del sentido propio (auténtico). Según la decisión de Aristóteles sobre el significado (2002, p. 145-147)²⁹, informar “não é significar uma infinidade de coisas, deste modo não haveria discurso” (*ouk an eiê logos*). “Não significar uma única coisa é não significar nada absolutamente” (*to gar mê hen sêmainein outhen sêmainen estin*), ya que “não se pode pensar em nada sem pensar em algo único” - el presupuesto del libro total.

Si no hay una palabra única o un libro universal que signifique algo, la comunicación se destruye, ya que “não diz nada (*an de mêthen*), não sustenta discurso algum (*ton mêthenos ekhonta logon*)”. Sin la realización del sentido, “tal homem é semelhante a uma planta” (*homois phutôi*), un no-humano privado de *logos* y, en consecuencia, de libro - la materialidad hilemórfica del pensamiento. Al “falar por falar” (*logou kharin legousin*), sin pretensión de sentido y dando forma a algo único, el hombre libre cae en un lugar inapropiado, el de la animalidad o, según un *logos* vegetal, la vegetación. Privado de razón y de discurso (*aneu logon*), el hombre se aliena en una condición no humana (*alogon pragma*). Sin trabajo, carece de forma (*informis* | sin forma). Privado de las letras propias del ser humano, el vermicelli impropio de los seres informales se inscribe en el cuerpo del *mundo-palabra* y en el libro de la vida, descalificado (*zoé*) por la represión patriarcal de los hombres demasiado humanos. La muerte, o tanatología, reside en el descarte del cuerpo políticamente clasificado como no humano, es decir, fuera del catálogo de los humanos unidireccionales. El libro así configurado marca con el agujón de la muerte a quienes, bajo sus ojos totalitarios, son diferentes, desde los bárbaros a los paganos, desde los animales a las brujas, desde los niños a los monstruos, todos usuarios de la biblioteca libertaria de los libros menores.

En los términos de la ciencia lingüística, en la historia de la metafísica occidental, el lenguaje se desencarnó de la voz y el ser humano se convirtió en un concepto y una forma políticamente distintos de los del animal. Portador unívoco de idea (*eidos*) y significado (*ousía*), el ser humano se hizo política e informativamente capaz de configurar su propio mundo de forma sustantiva y exclusiva. Los gramáticos comenzaron sus tratados con una definición clasificatoria de la voz (*phonê*), como *phonê synkechiméne*, la voz confusa de animales y plantas, y *phonê enarthros*, la voz articulada por el sentido de los humanos. La expresión latina *vox articulata* significa la *phonê engrámmatos*, es decir, la voz que puede escribirse y entenderse a través de las letras³⁰.

La voz confusa de los animales y las plantas es “no escribible”, “irrelatable” y carente de sentido -no sostienen ningún discurso (*mèthena ekhei logon*)-, mientras que la voz articulada es humana por su posibilidad de inscribirse efectivamente en la escritura alfabética. Fuera del coro de voces animales legado a la agrafía y a los fideos, los humanos entran en el sentido del lenguaje, del habla y del pensamiento. El ritmo convertido en esquema hizo que el sonido de la voz se desencarnara del lenguaje (sustancializado). Un episodio ejemplar y emblemático fue el mal encuentro entre los lusíadas y los tupinambá en la costa de Pindorama, donde los siglos XVI, cuyo patrón era Aristóteles, llegaron a tierras amerindias e inmediatamente cuestionaron la humanidad de los nativos relativos, cuya lengua no pronunciaba f, r, s, es decir, sin voz articulada y sin gramática, hablaban sin sentido (Viveiros de Castro, 2017). A partir de esta observación logocéntrica, los blancos cuestionaban escépticamente si los nativos tenían alma o no, si eran humanos o no. Como efecto de este “ceticismo misantrópico colonial e racial” (Maldonado-Torres, 2007, p. 136)³¹, los libros de *Abya Yala* fueron sofocados por la tiranía del libro total. La escritura lineal es el fundamento del libro total y, políticamente³², convierte en esclavizados a los seres sin información, sin escritura alfabético-universal (“ágrafos”) y, por tanto, sin libros.

A ideia do livro é a ideia de uma totalidade, finita ou infinita, do significante; essa totalidade do significante somente pode ser o que ela é, uma totalidade, se uma totalidade constituída do significante preexistir a ela, vigiando sua inscrição e seus signos, independentemente dela na sua idealidade. A ideia do livro, que remete sempre a uma totalidade natural, é profundamente estranha ao sentido da escritura. É a proteção enciclopédica da teologia e do logocentrismo contra a disrupção da escritura, contra sua energia aforística e, contra a diferença em geral (Derrida, 2013, p. 21)³³.

Fuera del sentido humano, la condición colonial de los seres desinformados es la del no-ser, el no-poder y el no-saber. Epistemicidio, el sentido niega la alteridad y legitimidad de los sujetos de conocimiento, sus formas de organización social y sus formas de conocer, expresiones simbolizadas de forma multidimensional en sus otros libros borrados por la identidad lineal del libro total.

Partículas negativas de sentido (*informis*) para la máquina antropológica de Occidente, los pueblos de *Abya Yala* simbolizan lo que resulta no ser, lo que absolutamente no es, lo que no puede ni debe ser, porque no tiene un “ahí” - es una nada existencial (*ouk on*).

Frente al hombre ontológicamente significativo, existe su opuesto simétrico, el humano sin trabajo, o cuyo libro no concierne a los caracteres distintivos de la humanidad. Este otro humano, en negativo, semejante a las plantas y los animales, en la estructura social y política de la metafísica de la colonialidad está representado en la teoría de la esclavitud natural (Aristóteles, 1988), que forman los esclavizados y sus parientes no humanos: los seres informes. Decaido a la condición informe, el trabajo imperfecto de los esclavizados es el “uso de los cuerpos” (*he tou somatos chresis*), su lenguaje simbólico es la corporeidad de sus actuaciones. Fuera del *nous* (intelecto), el trabajo del esclavizado es no humano (*ergon doulou*), mientras que el del hombre libre reafirma su exclusividad señorial de informar (*ergon anthropou*). El alma manda al cuerpo con un mando despótico, mientras que el intelecto manda al apetito con un mando político. En otras palabras, el alma-libro es para el cuerpo-libro lo que el amo es para el esclavo. En este ser esclavizado, el cuerpo está en uso, mientras que en el hombre libre, el alma trabaja según la razón.

Derrida (2013, p. 98)³⁴ afirmó que “o logocentrismo é uma metafísica etnocêntrica.” Claude Lévi-Strauss (1957, p. 318)³⁵ tenía la siguiente hipótesis: “a função primária da comunicação escrita é facilitar a servidão”, i) mediante la dominación ostensible de un grupo sobre otro, y ii) el sometimiento a las leyes de la *polis* y del Estado, especialmente el moderno, con su mantenimiento regimentado de modos de trabajo precarios. En *Abya Yala*, según los principios ontoteológicos y racistas, el libro de almas convirtió el cuerpo nativo y el de la diáspora africana en una entidad condenada y manchada por el pecado, el trabajo y la reproducción (Fanon, 1968, 2008).

Excluyendo lo que lo hace posible, el libro del sentido es la primera entidad que no tolera la contradicción (Cassin, 2005) y la no contradicción es la esencia formal del hombre (*anthropos*). El sentido está hecho de tal manera que algo o tiene sentido o no lo tiene, en otras palabras, “é da natureza do sentido o fato de ser totalitário, quer dizer, reduzir a si mesmo tudo o que não é” (Cassin, 2005, p. 84-85)³⁶. El esclavizado se define por el uso del cuerpo (no del intelecto), fuera del sentido, es “sem obra, aquele ser vivo que, embora sendo humano, é excluído da humanidade – e, por essa exclusão, incluído nela – para que os homens possam ter uma vida humana, ou seja, política” (Agamben, 2017, p. 41)³⁷.

El fundamento occidental de la ontología informacional revela el informar como condición de posibilidad y materialización del ser informacional, o, en los términos de Sueli Carneiro (2005), el no-ser como fundamento del ser -en referencia a la condición de los negros en Brasil. En marcos más expansivos, más allá de Brasil, Achille Mbembe (2014) llama a esta condición, circunscrita en los esquemas clasificatorios de Occidente, “el devenir negro del mundo”, los seres informales, marginales, del lenguaje mayor (Deleuze; Guattari, 1977).

A diferencia de la caracterización repulsiva del otro en la ontología informacional del libro anímico-corporal y sus atributos clasificatorios de negatividad, universalización, exclusividad teleológica y jerárquica del ser humano en Occidente (Olson, 1999), presentaremos la perspectiva amerindia de *LibrOnça*, basada en el otro como vector de transformación y potenciación de la vida. Siguiendo la lección de Leda Martins (2003, p. 78)³⁸: “não existem culturas ágrafas.” En vísperas del libro total y su teleología etnocéntrica: la escritura amerindia y sus grafismos transformadores. Según Derrida (2013), el pasado de la escritura fonética está inscrito en las tablillas de la escritura no lineal. Bajo las borraduras de este texto privado por el “pueblo universal”, leemos e imaginamos conceptualmente el libro amerindio, inscrito en los pliegues de la corporalidad humana y en los grafismos de sus lenguajes simbólicos.

Comensales de la forma y semiófagos del sentido único, los pueblos de *Abya Yala* devoran todo el desencanto de la mortalidad occidental, y lo regurgitan de tal manera que desbordan la posibilidad y la multiplicidad de alterar los modos de vida, como describe Oswald de Andrade (2011, p. 70-71)³⁹ en el *Manifesto Antropofágico*: “perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o”, o, como al principio de esta cita: “A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais.”

LIBRONÇA: UNA DIFFÉRENCE EN LA GRAMATOLOGÍA DE AMÉRICA

Talvez em meu rosto estivesse escrita a magia, talvez eu mesmo fosse a meta de minha busca. Estava nesse afã quando me lembrei de que o jaguar era um dos atributos do deus. Então minha alma se encheu de piedade. Imaginei a primeira manhã do tempo, imaginei meu deus confiando a mensagem à pele viva dos jaguares, que se amariam e gerariam infindavelmente, em cavernas, em canaviais, em ilhas, para que os últimos homens pudessem receber. Imaginei essa rede de tigres, esse candente labirinto de tigres, causando horror nas pradarias e nos rebanhos para conservar um desenho. [...] Dediquei longos anos a aprender a ordem e a configuração das manchas. Cada cega jornada me concedia um instante de luz, e assim consegui fixar na mente as negras formas que marcavam a pelagem amarela. Algumas incluíam pontos; outras formavam riscas transversais na face interior das pernas; outras, anulares, repetiam-se. Talvez fossem um mesmo som ou uma mesma palavra. Muitas tinham bordas vermelhas (Borges, 2008, p. 106-107)⁴⁰.

Lector de escritos amerindios, Jorge Luis Borges (2008) en *A escrita do deus* comparte la aventura de descifrar a Tzinacán, un sabio maya, que había descubierto los escritos de Qaholom, su dios, inscritos en la piel del jaguar, encarcelado junto a su celda de piedra. Habiendo borrado las fronteras entre lenguaje propio (literal) e impropio (figurado) construidas por la retórica occidental, en la gramatología de América, el jaguar es un *librOnça*. Su piel ancestral, permanentemente pintada, demarca la escritura viva y ancestral de los pueblos amerindios.

Llamo a esta escritura *LibrOnça* en diálogo con *diferOnça*, una diferencia grammatológica (u oncológica) amerindia propuesta por Viveiros de Castro (2018b). Al devorar la *différance* de un libro espaciado en el tiempo, basado en escritos nativos americanos, Gordon Brotherston (1986) propone una *grammatology of America*, fuera de las circunscripciones del fonologismo y de sus presupuestos etnocéntricos y logocéntricos occidentales. Por otras vías indigenistas, Eduardo Viveiros de Castro (2018b) presenta la *diferOnça* (*différance*), deletreada con O mayúscula para asemejarse a la gOela abierta del jaguar. La *diferOnça* es una relectura política antropofágica de los conceptos de diferencia encontrados en Derrida y Deleuze. Desde esta perspectiva, hablamos de *LibrOnça*, una palabra-valija que es el resultado de una devoración entre el jaguar (bestia) y el libro (afuera), un *intermezzo* rizomático y gramatológico de *diferOnça* (*différance*). Fruto de una gramatología americana y de su *diferOnça*, *LibrOnça* es una materialidad escritural de significados amerindios disidentes.

LibrOnça está hecha de “realismo fantástico” (no de exotismo), como dicen las clasificaciones literarias, o de “materialismo mágico”, como sostiene filosóficamente Carlos Cardozo Coelho (2020), pues una vez devorado el vínculo de necesidad y representación entre las palabras y las cosas, lo extraordinario se convierte en atributo telúrico de descripción y perspectivización del mundo en los libros de las cosmologías amerindias: “o livro [ameríndio] é uma realidade maravilhosa nos universos dos homens e dos deuses” (León-Portilla, 2012a, p. 86)⁴¹. Sobre esta configuración de lo maravilloso y lo extraordinario en los mundos amerindios, Nimuendaju (1981, p. 18)⁴², desde la perspectiva de los pueblos Sipáia, afirma:

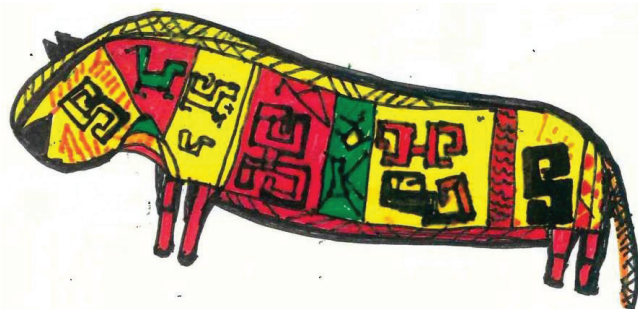
Um bando numeroso de demônios povoa as matas, os rios e o céu da terra Sipáia. [...] Os índios não os consideram como entes sobrenaturais, em nossa acepção do termo, pela simples razão de que para eles não existe nada de sobrenatural. No conceito dos índios, o que conta é a maior ou menor atividade de um poder mágico imanente a todos os seres, e se alguém é capaz de produzir alguma coisa que aos outros pareça prodigioso. Esse extraordinário não tem limites: simplesmente, tudo é possível e natural.

Hábil artesano de la palabra latinoamericana, Borges (2008), a través de una historia ficcionalizada (fabricada), relata un modo real y perspectivo de escritura amerindia: las pieles naturales y artificiales del cuerpo del mundo americano. Gordon Brotherston (2001) en *Meaning in a Bororo jaguar skin* presenta un conjunto de significados de la piel de *jaguar del* pueblo bororo, tanto desde el punto de vista externo y natural de la piel -como en el caso de Tzinacán- como desde la producción y manufactura que realizan los bororo en el interior de la piel. Adugo *biri* es como llaman los bororo a estas pieles de jaguar y, de forma complementaria, a las pieles pintadas. Adugo *biri* también significa escritura. *Ikuie adugo* es una expresión específica para la pintura de la cara, los ojos y las estrellas. Estos conjuntos de pinturas y grafismos se asocian al cielo nocturno, escenario de la guerra librada entre el Jaguar, el Sol y la Luna, que tuvo como resultado la expulsión del Sol y la Luna al cielo y la liberación de la Tierra para la fructificación de la vida humana y extrahumana⁴³.

Por su gran habilidad para moverse con destreza entre distintas geografías -telúricas y espirituales-, porque caza con destreza en distintos entornos y porque tiene la piel profundamente pintada -marca distintiva de lo humano-, el jaguar es la imagen por excelencia del poder de ser que persiguen los amerindios. Los antepasados indígenas de Mesoamérica (1500 a.C.-400 a.C.), los pueblos olmecas, representaban al humano en sus estelas como un híbrido de jaguar y humano (Coe, 1972). El humano por excelencia es un teratomorfo: lo bello es la bestia (Van Velthem, 1995).

Dotarse de capacidades similares a las del jaguar es una meta deseada en innumerables sociedades amerindias (Taylor; Viveiros de Castro, 2019) y esta posibilidad ocurre a través de la piel y su pintura corporal, una frontera inmanente entre los diferentes mundos y sus vidas.

Figura 1 - El jaguar y su piel pintada



Fuente: Dibujos anakari citados por Van Velthem (1995, p. 155).

Común en las cosmologías amerindias, la piel es un signo transformador de la vida. La vida está pintada y las pinturas operan una relación de diferenciación entre los seres de todo este mundo viviente. Mientras que los animales, las plantas, los minerales, los seres ancestrales y los espíritus “tienen una imagen”, es decir, están permanentemente pintados, los humanos, para diferenciarse y asumir un punto de vista entre los diferentes mundos multinaturales, necesitan hacer su piel, es decir, pintarla. Los seres humanos están pintados. Su alteridad está pintada.

En las sociedades amerindias, el cuerpo pintado es la medida de la humanidad. La inscripción corporal es lo que determina el estatus de la persona que está en el origen de la mirada (Taylor; Viveiros de Castro, 2019). Los grafitis, dibujos o “patrones” (*yonchi*), como los presenta Peter Gow (1999) del pueblo Piro del río Bajo Urubamba en la Amazonía peruana, son la precondition para que las personas se humanicen en medio de tantos humanos, es decir, para habitar un punto de vista. Pedro Cesarino (2012), sobre el pueblo Marubo, habitantes de la cuenca del Javari en la Amazonia brasileña, señala algo parecido a Gow.

Los Marubo llaman *kene* a estos patrones de dibujo (escritura) que describen la historia oral-escrita (lectura oral) de las personas en lugares de memoria - los libros configurados por las pieles del mundo. En este contexto relacional, un chamán marubo dice: “os riscos [a escrita] são o *chinã-kene* dos *nawa-rasî* [não-índios]. O *nawa-rasî papirî kene* [o *kene* de papel dos não-índios] é a escrita” (Franchetto, 2018, v. 1, p. 94)⁴⁴.

De anatomía incierta, los libros amerindios están hechos en los cuerpos, collares, cestos, vasijas, ropas, agitadores, tamices, redes, o se encuentran en la fauna y la flora, o incluso en los cuerpos extraños de otros pueblos (Gow, 1999). Frente a la humanidad generalizada, los libros de la Tierra Viva no son exclusivos de un pueblo; están presentes en el pueblo onça, en el pueblo arara, en el pueblo serpiente, en el pueblo pez, en el pueblo hoja, en el pueblo espíritu, en fin, en los infinitos e infinitesimales ciudadanos de las “selvas de cristal” - la “archipolis virtual” de los pueblos de *Abya Yala* (Viveiros de Castro, 2006, p. 323). Los libros de *Abya Yala* son potencialmente informales, huellas virtuales - una individuación singular.

En un mundo donde la humanidad es la naturaleza del sujeto, o la condición ontológica común a todos los seres, dibujar grafitis en el cuerpo es fabricar y distinguir la humanidad especista a los ojos de los demás - particularizar, frente a las variaciones del cuerpo salvaje, de qué humano estamos hablando. De este modo, como sostienen Taylor y Viveiros de Castro (2019), el cuerpo está hecho de miradas y la piel, que los antiguos griegos llamaban *biblôn*, es “una envoltura que unifica las partes y da al cuerpo una identidad específica”, como argumenta Tânia Stolze Lima (2002, p. 12-13)⁴⁵: “é ela [a pele] que atua como um princípio de individuação e que fundamenta a transformação interespecífica de que falam os mitos e os discursos xamânicos: é possível um homem transformar-se em onça ou arara na medida em que é possível vestir uma outra pele.”

Estariamos assim diante de uma ‘condensação visual’ [...] Teríamos a condensação de várias ‘vestimentas’ sobre um só suporte, o corpo do homem. Teríamos então um homem (segundo o seu ponto de vista e o de sua sociedade), cuja pele é o suporte de grafismos (de motivos agentivos que são a imagem – ou parte da imagem – de outros seres segundo seus pontos de vista), vendo realizar sobre si o poder agentivo da transformação gráfica, ou seja, a realização do processo de metamorfose feito pela sobreposição e pela condensação das imagens (Macedo, 2009, p. 518)⁴⁶.

Ser pintado es una característica fundamental y contingente en la diferenciación de lo humano para los pueblos amerindios. Esta perspectiva fue combatida por las acciones coloniales de evangelización del alma-libro. Siguiendo la semejanza platónica entre alma y libro del tema anterior, es ejemplar la historia del misionero Sánchez-Labrador narrada por Lévi-Strauss (1957). Partiendo del principio neoplatónico cristiano de que el hombre es imagen y semejanza de Dios, cuando Sánchez-Labrador vio los cuerpos indígenas grabados con dibujos antfigurativos⁴⁷, incomprensibles a los ojos del clérigo cristiano, se molestó e interpretó las acciones de los indígenas como un desprecio a la obra del Creador, porque estaban alterando su apariencia y haciendo un cuerpo que se parecía a la imagen de Dios⁴⁸. Lo que se le escapaba a Sánchez-Labrador es que la humanidad para los indígenas es una condición extendida entre todos los seres que potencialmente pueden ocupar un punto de vista - esta es la tesis del perspectivismo amerindio⁴⁹.

Los pueblos amerindios no cuestionan el alma o la humanidad del Otro, porque ésta no es propiedad privada de un solo ser; al contrario, consideran que lo que nos hace diferentes y humanos son los dibujos corporales que marcan nuestros cuerpos -un libro indígena- y nos distinguen de los Otros humanos -animales, plantas, espíritus, muertos...⁵⁰, todos y cada uno de los seres capaces de ocupar un punto de vista. Y Lévi-Strauss (1957) concluye la historia del misionero Sánchez-Labrador: para ser humano hay que ser pintado.

Con una imagen transformada, en el sentido yanomami (*utupè*), y una intensa disimilitud, el humano amerindio está destinado a ser jaguar (Mussa, 2009), o, como dijo João Guimarães Rosa (2017, v. 2, p. 767)⁵¹ en su cuento *Meu tio o Iauaretê* a través del lenguaje transformado por el jaguar: “de repente, eh, eu onicei...”.

Si “un libro existe apenas pelo fora e no fora”, como dicen Deleuze y Guattari (1995, v. 1, p. 18)⁵², el *librOnça* reúne el exterior, la bestia. En *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*, Davi Kopenawa y Bruce Albert (2015, p. 66)⁵³ llaman al libro una “pele de imagens” (*utupayasiki*). Este *librOnça* es profundamente vivo, perspectivamente humano y radicalmente transformador. La piel de imágenes de los jaguares es el libro americano metonímico - la *librOnça*. Todos y cada uno de los cuerpos, un libro salvaje en la selva culta (Descola, 1988).

Antes de la definición canónica, el libro como piel estaba presente en la palabra griega *biblion*, la “piel” (*membranae*) o “película” (*diphthera*) informe que soporta y posibilita potencialmente todas y cada una de las escrituras, todos y cada uno de los formatos posibles del libro, sin someterse a él, como se argumenta en la *différance* de Derrida (2004, p. 21). Entre el mundo occidental y el amerindio, la palabra libro puede ser incluso homónima, un concepto ideomórfico, pero materialmente, los libros de los pueblos de *Abya Yala* son diferentes.

En su entrada *Libro* de la *Enciclopedia Einaudi*, Alfonso di Nola (2000) repasa el léxico del libro y su pragmática en el “Viejo Mundo”. Inicialmente, Nola (2000, p. 216-219) señala la conexión etimológica que asocia el libro con la hoja, el árbol y la madera. Un elemento de la construcción del libro es la preparación de las tablillas de madera (*tabula*), que se raspan y se preparan para recibir la escritura (*graphé*) mediante el rayado inciso en las tablillas con cera (*grammateion epitēdeiōtēs*), o con la pluma (*stillus*), en las tablillas recubiertas de barniz blanco del mundo latino. Vinculada a la serie libro-corteza-piel de árbol, en culturas distintas del mundo grecorromano, la raíz semántica del libro se asocia a “escribir”, “incisar”, “trazar signos” como acciones esenciales en las que el ser humano fija sus pensamientos en la materia para transmitirlos.

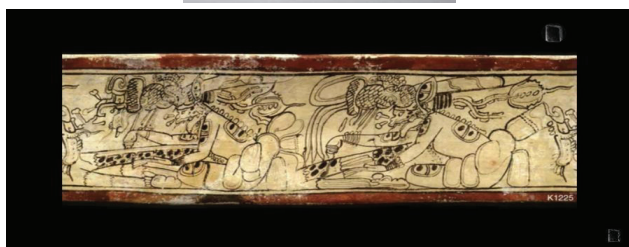
Por ejemplo, en hebreo y en algunas lenguas semíticas, el libro es *sēfer*, una incisión o signo, cercano al significado de *sipporen* “clavo”. Los términos hebreos *kēthāv* y *mikhtāv*, que aluden a la “acción de escribir”, tienen un valor similar. En hebreo moderno, *mikhtāv* viene a ser “letra”, pero ya se encuentra en textos antiguos con el significado de *mēgillāh* - “rollo” (cercano a *gll* ‘enrollar’- y *midrāsh* (dado como “sermo” o “*commentarius*”), que se refieren, el primero, al probable uso de material de escritura sobre pergaminos, utilizado hasta hoy en la liturgia sinagoga, y el segundo, al contenido de la transmisión a través del libro, entendido como “investigación de la escritura sagrada”. La conexión entre libro, escritura y escritura es evidente. Esta expresión del mundo semítico se asemeja a la idea de “incisión” en el mundo ariohablante o, en una elaboración semántica posterior, a las ideas de “pintar”, “trazar signos” presentes en Platón y en los sinónimos griegos de “escritura” - “incisión”, “graphar”, “pintar” -, en latín *scribere* “imprimir”, en inglés antiguo *writan* “tallar”, “escribir”, en alemán antiguo *rīzan* “dibujar”, “hacer incisiones” y en alemán moderno *ritzen* “raspar” y *reissen* “hacer incisiones”.

En este léxico filológico, antropológico y semántico-pragmático del libro, Nola (2000) señala elementos concomitantemente presentes en los libros amerindios. A partir de la etnografía de Lúcia Hussak Van Velthem (1995) entre los wayana, comparamos brevemente los vocabularios de actos que componen las técnicas de conceptualización y composición del libro en el “Viejo” y en el “Nuevo Mundo”. “Decoración” es el nombre dado por Van Velthem (1995, p. 160) a los diseños de pintura corporal de los Wayana. Se llama decoración al conjunto de elementos aplicados al cuerpo para darle identidad étnica, social e individual. Toda decoración se visualiza sobre un soporte material. Las técnicas decorativas que producen las escrituras de los Wayana se pueden clasificar en al menos tres tipos: i) la técnica de atado, conocida como *tipumuhé* -provisto de hilos-, en la que envolviendo en hilos arcos, flechas y canastos (producción masculina),

hamacas y tipoias (producción femenina), los wayana tejen sus textos, es decir, sus patrones/dibujos y motivos iconográficos vívidos, como el *herí ié* (aguijón de hormiga); ii) la técnica de la talla (*tokoi*, corte), cuya forma incisa da a los grabados su aspecto (gráficos en bajorrelieve dejados sobre una superficie), generalmente trabajada con pigmentos rojos (*piré*) y negros (*tariri*) para dar mayor claridad a los dibujos. La talla se realiza con los dientes del agutí y el agutí o cazón, así como con el uso de elementos ajenos como cuchillos y navajas industriales. En general, las tallas se aplican a taburetes, flechas, bordunas y calabazas. La decoración del beiju durante el proceso de cocción, mediante huellas dactilares, también se considera una talla; iii) la técnica pictórica, caracterizada por la ausencia de relieve, se aplica a los más diversos objetos del mundo wayana: ruedas de tejado, flechas, bordunas, cestas, taburetes, enaguas para máscaras, cerámicas, calabazas y el cuerpo humano. Generalmente, las pinturas se hacen con el dedo (*tarpai*, mojado), ya que proporciona una superficie uniforme, en diseños genéricos, o, cuando se hacen patrones, la superficie pintada se incide con las uñas, asemejándose a las marcas de las garras del jaguar (*têwüwüpkai*). En comparación con los *stillus* de los latinos, los pinceles wayana (*urukhem*) son diversos: a) férulas de palma (*tiktikmatop*, pontilladores), provistas de puntas de algodón, se utilizan para pintar cerámica y taburetes, b) fichas de taboca (*kurupëetop*, jenipapo makers), se utilizan exclusivamente para pintar el cuerpo humano, c) arcilla y cabello humano (del propio artista), se denominan *umretpë* (antiguamente cabello) y *miriktop* (modelador), y se utilizan para pintar cerámica y ruedas de techo. Los pinceles se denominan *urukhem*, lo que tiene una imagen, es decir, hecho por el hombre, la capacidad del pincel es tener una imagen, es algo inherente, un *habitus* que le permite reproducir los grafismos. Por lo tanto, el libro como inscripción es una homonimia conceptual entre el mundo amerindio y el occidental.

Lo que hay es una variación en la naturaleza del libro, su condición intraducible, es decir, aquello que nunca deja de traducirse porque puede decirse en más de una lengua (Cassin, 2022).

Figura 2 - El código de cerámica (*The ceramic codex*)⁵⁴



Fuente: León-Portilla (2012a, p. 23).

Esta equivocidad entre mundos implica la cuestión chamánica de la traducción (Cunha, 2017). El chamán es “o geógrafo, o decifrador, o tradutor” de los mundos alternativos por los que transita (Cunha, 2017, p. 114)⁵⁵. Su trabajo consiste en establecer las relaciones íntimas entre diferentes formas de ser a través de cruces interespecíficos para reconstruir los significados de múltiples perspectivas, no como un nomotético occidental que nombra lo que ve, sino como un deceptor de diferentes puntos de vista (Cunha, 2017). Los chamanes actúan a partir de los fideos de un discurso figurado, con palabras “torcidas” y parciales, juntando, dando vuelta y reordenando las cosas de los diferentes mundos vistos a través de las relaciones sociocósmicas de diferentes humanidades.

Al hablar y citar a los espíritus, el relato chamánico se aproxima al sentido del habla como *phanai* (Cassin, 2015), ya que, frente a la multiplicidad de agenciamientos, borra su condición de sujeto hablante y el privilegio de la intención significativa y, en el empeño de la traducción, inscribe el itinerario de los discursos ajenos, borrando la identidad literal de la enunciación. El chamán se convierte en espíritu. Eduardo Viveiros de Castro (2006, p. 322)⁵⁶ sostiene que “se o conceito de espírito designa essencialmente uma população de afetos moleculares, uma multiplicidade intensiva, então o mesmo se aplica ao xamã”, que es “um ser múltiplo, uma micropopulação de agências xamânicas abrigadas em um corpo.”

Los salvajes de *Abya Yala* citan lo encantado para chamanizar la escritura (Macedo, 2009; Viveiros de Castro, 2006), convocando la corporeidad de la persona humana para desencadenar una bibliografía cósmica ancestral, ya sea a través de dibujos de escritura materializados en las pieles del mundo o dibujos invisibles⁵⁷ al ojo no transformado, aplicados como *el pharmakon* en los enfermos para ser curados (Cunha, 2017). Imaginar un gráfico bibliocósmico forma parte del trabajo en curso de descolonización de nuestro imaginario de escritura occidental.

Eduardo Viveiros de Castro (2006, p. 321)⁵⁸ señala que “o termo *xapiripë* se refere também aos xamãs humanos, e a expressão ‘tornar-se xamã’ é sinônima de ‘tornar-se espírito’, *xapiri-pru*”. En la teoría de la multiplicidad del mundo amerindio, convertirse en chamán es convertirse en espíritu. Con relación a los wayápi, pueblo de la familia tupí-guaraní, que se distribuye en aldeas de la región noroeste del estado de Amapá (Brasil) y en las márgenes de los ríos Camopi y Oiapoque, en la región sur de la Guayana Francesa, Silvia Macedo (2009) da cuenta de la alianza interpretativa entre “escritura y prácticas chamánicas”, a través del uso homónimo del mismo término para designar prácticas gráficas y escritura. Según Macedo (2009, p. 512)⁵⁹, “escrita e grafismo são denominados pelos mesmos termos: *kusiwa*, *ekosiware*, palavras que descrevem grafismos, desenhos, decorações e escrita.

Kusiwa significa literalmente um trajeto, uma vereda que se chama ‘caminho do risco’. Esta coexistencia de los planos hace que la acción de “pintarse la piel” (*o-mongy*) sea simultáneamente un acto ornamental de “decorarse” y los dibujos, un clasificador transformacional del estado de la persona. Dibujar gráficamente las palabras ancestrales de los encantados es una forma de acceder y establecer una comunicación vital con los demás dominios cosmológicos del mundo wayápi (Macedo, 2009), en un tiempo virtual sin principio ni fin.

Figura 3 - Jun Ba'tz' y Jun Chuwe'n⁶⁰: dioses escribas mayas de Mayapán



Fuente: Museo Regional de Antropología Palacio Cantón (2021).

La gráfica amerindia es un mapa virtual intensivo, un libro en devenir cósmico bi(bli)ográfico, como el mito de la formación del mundo del pueblo Kapón descrito por Abreu y citado por Cesarino (2012, p. 125)⁶¹:

No começo do mundo, havia uma grande pilha de livros e cada povo retirava dali o seu volume específico. Os Kapon foram os últimos a retirar: não havia mais para eles livros inteiros, mas apenas as folhas que caíam dos volumes quando eles foram retirados. A reunião de todas essas folhas dava surgimento ao livro dos Kapon.

Estudiar la multiplicidad de los libros amerindios provoca un colapso en la conceptualización clásica del libro occidental. Necesitamos conectar con el viento que habla a través de las hojas para escuchar las diferentes historias que no pertenecen a nadie, sino que son mías, tuyas y también del Kapon.

ENCANTAMIENTOS FINICIAIS PARA UN FUTURO ANCESTRAL: ENDIOSAR LAS COSAS PARA FABRICAR LA VIDA

Com flores, Doador da Vida,\com cantos das cor,\com cantos sombreias\aos que hão de viver na terra.\Depois porás fim a águias e jaguares.\Só em teu livro de pinturas vivemos\aquí sobre a terra.\Com tinta negra apagarás\o que foi a irmandade,\a comunidade, a nobreza \Tu sombreia aos que hão de viver na terra.\Só em teu livro de pintura vivemos,\aquí sobre a terra⁶² (León-Portilla, 2012a, p. 87)⁶³.

E ainda assim, diante da opressão, do saque e do abandono, nossa resposta [latino-americana] é a vida. Nem os dilúvios, nem as pestes, nem a fome, nem os cataclismos, nem mesmo as guerras eternas através dos séculos e séculos conseguiram reduzir a vantagem tenaz da vida sobre a morte (García Márquez, 2019, p. 34)⁶⁴.

Finício es una palabra-valija para la devoración del fin por el principio. El fin al que se dirige la semiofagia americana es el de la teleología logocéntrica, el fin del libro como cese de su condición absoluta y acabada. *LibrOnça* es el fin del libro como fin de la escritura lineal y principio de la escritura amerindia, su origen, sus nuevos y viejos comienzos, posibilidad abierta de nuevo por los pueblos extramodernos de la Tierra Viva. En este punto, este texto es una escritura encantada por la posibilidad material de un futuro ancestral para el territorio del libro - sus demarcaciones onto-epistémicas y umbrales polimorfos - una contribución antigua y contemporánea de relevancia geofilosófica y relevancia transformadora para los estudios del arte de la Bibliografía, Bibliotecología, Ciencia de la Información y otros paisajes epistémicos que deseen hacer alianzas con el pensamiento indígena a favor del buen vivir.

Antes del mal encuentro con los pueblos universales, los pueblos mesoamericanos ya tenían sus propios libros. Catalogados como “libros idolátricos”⁶⁵ y genéricamente como “cosas del diablo”, un gran número de libros amerindios prehispánicos fueron brutalmente quemados⁶⁶ por la empresa colonial y sus modernas atrocidades. Sin embargo, inscrita en las superficies fronterizas de los mundos, *la LibrOnça* ha persistido y se presenta en la contemporaneidad ancestral en diferentes soportes: piedras (estelas), murales, huesos, madera, cerámica, papel de *maguey* y de *amate* (hecho de higueras), pieles específicas -generalmente de venado, pero también de jaguar (para textos de entrenamiento) y de cuerpos humanos vivos-, así como un sinfín de otros artefactos que atraviesan las formas de vida amerindias (Batalla Rosado; Luis de Rojas, 1995).

Figura 4 - *Quetzalcóatl*, el *tlacuilo* original



Fuente: Códice Vindobonense citado por León Portilla (2012a, p. 257).

Dios común en varios panteones mesoamericanos, *Quetzalcóatl* es el primer *tlacuilo* (pintor escriba), dador de vida y cultura, e inventor de los libros. En algunas representaciones míticas de *Quetzalcóatl*⁶⁷, el dios aparece vestido con pieles de jaguar en su ejercicio retórico indígena de plasmar figuras y personajes para sombrear el mundo con sus colores en floridos libros de palabras (Beristáin; Ramírez Vidal, 2004). Los nahuas mexicanos llamaban *amoxxtli* al libro y *amoxcalli* a las bibliotecas. El *tlahcuilo*⁶⁸ (pintor escriba) se hacía *tlamatini* (sabio) con las tintas negra y roja (*tlilli*, *tlapalli*) de los libros (*amoxxtli*)⁶⁹: “Él mismo es escritura y sabiduría” (León-Portilla, 2012b, p. 148).

Los sabios bibliotecarios (*amoxcalmatini*) de *Abya Yala*, la tierra de los libros vivos (*amoxtlapan*), actuaban como *tlayoltehuiani*, deificador de las cosas. *Chilam balam* en traducción directa, sacerdote jaguar, era la expresión homónima del pintor escriba jaguar y del “libro de los libros” de algunos pueblos mayas.

A través de los grafismos de las pieles pintadas, los escribanos-pintores despertaban el albedrío de las cosas, como nos decía Gabriel García Márquez (2006, p. 7-8)⁷⁰ en su obra realista fantástica: “as coisas têm vida própria, tudo é questão de despertar a sua alma”. Para despertar el alma, hay que inscribirla en el corazón del pueblo (*teyolía*). Entre los nahuas, *la teyolía* es el “corazón del pueblo”, un alma colectiva que se ramifica comunitariamente a través de los pueblos⁷¹. Elemento constitutivo del rizoma-árbol de la humanidad, *la teyolía* actúa como agencia con los múltiples pueblos de las más diversas existencias que conforman los mundos mineral, vegetal, animal y cultural (Pavón-Cuéllar, 2022). *Quetzalcóatl* es el dios guardián de la humanidad, un “corazón endiosado” que dialoga sabiamente con el corazón del pueblo (*teyolía*) a través de sus dibujos. El cuerpo y el alma amerindios, recogidos en el corazón de los pueblos, están escritos y divinizados en el libro: “él son los códigos, de él son los códigos... en sí mismo es como un libro de pinturas” (León-Portilla, 2012b, p. 148). Como observó Brotherson (1997) en *La América indígena en su literatura: los libros del cuarto mundo*, el hecho de que las escrituras amerindias no estén ligadas fonéticamente a una escritura alfabética específica amplía la capilaridad conceptual de los dibujos y posibilita que las pinturas sean utilizadas por diferentes pueblos. He aquí una breve lista bibliográfica de algunos libros amerindios (*LibrOnças*): *Xiuhámatl*: Libros de los años, *Tonalámatl*: Libros de los días y destinos, *Temicámatl*: Libros de los sueños, *Cuicámatl*: Libros de cantos ancestrales, *Tlacamecayoámatl*: Libros genealógicos, *Tlalámatl*: Libros de tierras, *Huehuehtlahtolli*: Libros de palabras antiguas, *Téomatl*: Libros de los dioses, *Titici*: Libros médicos, *Amoxmachiotl*: Libros sobre libros (León-Portilla, 2012a).

Figura 5 - Facsímil del Códice Borgia prehispánico



Fuente: Samantha Gerritse (2013, p. 8).

Soñar a la manera de los pueblos amerindios con otros libros y otras grafías es una forma de estudiarlos, de rellenar memorias largamente mutiladas por el empeño colonial. En este ejercicio pragmático de imaginación conceptual, soñar no es una forma de alienarse del mundo real, ni una renuncia a la vida práctica. Es una forma concreta y presente de concebir los asuntos de la vida práctica como posibilidades. Y esas garantías de posibilidad, como nos enseñó Oswald de Andrade (2011): las devoramos. Ailton Krenak (2019) sostiene que seguir los sueños es ser informado por ellos, dar sentido a la vida a través de la experiencia onírica, es un camino de aprendizaje. En este onirismo especulativo, que tal vez atraviesa toda la filosofía amazónica, reside la fuerza revitalizadora del concepto de libro. A través de los significados de los mensajes amerindios, esta investigación se llena de vivacidad y pretende transferirla a los estudios informativos y bibliológicos.

El *librOnça* es un reportaje desde la selva culta. La imagen amerindia del tiempo es ancestral y abundante, convierte el pasado en un exceso imprevisible que no deja de actualizarse, siempre y cada vez de forma diferente.

El pasado nunca deja de pasar. La visión del futuro es un atisbo de un ayer que vendrá una y otra vez. Otro mundo posible ya existe. De este modo, puesto que la *diferOnça* es una formulación amerindia del tiempo virtual, la vieja pregunta se enrosca en el presente: ¿qué es un libro?

AGRADECIMIENTOS

Me gustaría dar las gracias a Gustavo Saldanha y al colectivo *Ecce Liber*, aliados en este viaje.

REFERENCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- AGAMBEN, Giorgio. *A potência do pensamento*. Lisboa: Relógio D'água, 2013.
- AGAMBEN, Giorgio. *Bartleby, escrita da potência*: Bartleby, ou Da contingência. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.
- AGAMBEN, Giorgio. *O aberto: o homem e o animal*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- AGAMBEN, Giorgio. *O uso dos corpos*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- ANDRADE, Oswald. Manifesto antropológico. In: ANDRADE, Oswald. *A utopia antropológica*. Rio de Janeiro: Globo, 2011. p. 67-74.

- ARISTÓTELES. *Da alma*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.
- ARISTÓTELES. *Da interpretação*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Loyola, 2002.
- ARISTÓTELES. *Política*. Madrid: Gredos, 1988.
- ARISTÓTELES. *Tópicos*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.
- BANIWA, André. A escrita Baniwa sempre existiu. *Uol*, São Paulo, 12 de maio de 2021. Coluna da Julie Dorrico. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/julie-dorrico/2021/05/12/a-escrita-baniwa-sempre-existiu.htm>. Acesso em: 15 dic. 2021.
- BARACAT JÚNIOR, José Carlos. *Plotino, Eneadas I, II e III*; Porfírio, vida de Plotino: introdução, tradução e notas. 2 v. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2006.
- BARATIN, M. Da biblioteca à gramática: o paradigma da acumulação. In: BARATIN, M.; JACOB, C. (ed.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 227-233.
- BATALLA ROSADO, Juan José; LUIS DE ROJAS, José. Soportes de la escritura mesoamericana. *Estudios de Historia social y económica de América*, Madrid, v. 12, p. 639-650, 1995.
- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BERISTÁIN, Helena; RAMÍREZ VIDAL, Gerardo (ed.). *La palabra florida: la tradición retórica indígena y novohispana*. Ciudad de México: UNAM, 2004.
- BORGES, Jorge Luis. A escrita do deus. In: BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 104-110.
- BROTHERSTON, Gordon. *La América Indígena en su literatura: los libros del Cuarto Mundo*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- BROTHERSTON, Gordon. Meaning in a Bororo jaguar skin. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 11, p. 243-260, 2001.
- BROTHERSTON, Gordon. Towards a Grammar of America: Lévi-Strauss, Derrida and the Native New World Text. In: BARKER, Francis; HULME, Peter; IVERSEN, Margaret; LOXLEY, Diana (org.). *Literature, Politics and Theory: papers from the Essex Conference 1976–84*. London: Methuen, 1986. p. 190-209.
- CÂNDIDO, Antônio. Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade. In: CÂNDIDO, Antônio. *Vários escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977. p. 57-87.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, 2005.
- CASSIN, Barbara. *Elogio da tradução: complicar o universal*. São Paulo: Martins Fontes, 2022.
- CASSIN, Barbara. *Jacques, o sofista: Lacan, logos e psicanálise*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- CASSIN, Barbara. *O efeito sofístico*. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- CASSIN, Barbara. *Se Parmênides: o tratado anônimo De Melisso* Xenophane Gorgia. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- CESARINO, Pedro de Niemeyer. A escrita e os corpos desenhados: transformações do conhecimento xamanístico entre os Marubo. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 75-137, 2012.
- COE, M. D. Olmec Jaguars and Olmec Kings. In: BENSON, Elizabeth P. (ed.) *The cult of the feline*. Washington: Dumbarton Oaks, 1972. p. 1-12.
- COELHO, Carlos Cardozo. *Ontofagia: um materialismo mágico*. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2020.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Cultura com aspas*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago editora, 1977.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 1995. v. 1
- DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- DERRIDA, Jacques. *Papel-máquina*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- DESCOLA, Philippe. *La selva culta: simbolismo y praxis en la ecología de los Achuar*. Quito: Ediciones Abya Yala, 1988.
- DIOGO, João Emanuel. Cartografia da humanidade: o corpo em Homero. *Revista Filosófica de Coimbra*, Coimbra, v. 48, p. 355-366, 2015.
- DUSCHINSKY, Robert. Tabula Rasa and Human Nature. *Philosophy*, Londres, v. 87, n. 4, p. 509-529, 2012.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008.
- FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. São Paulo: Civilização brasileira, 1968.

- FRANCHETTO, Bruna. Brasil de muitas línguas. In: CASSIN, Bárbara (coord.). *Dicionários dos intraduzíveis*: um vocabulário das filosofias: volume um: línguas. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 77-100.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Eu não vim fazer um discurso*. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- GERRITSE, Samantha. *Narrative and Ritual in the Codex Borgia*: a structural analysis of pages 29 to 46 of this Postclassic Mexican manuscript. 2013. Thesis (Doctorate in Religion and Society) – Faculty of Archaeology of Universiteit Leiden, Universiteit Leiden, 2013.
- GOW, Peter. A geometria do corpo. In: NOVAES, Adauto (ed.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- KOPENAWA, David; ALBERT, Bruce. *A queda do céu*: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LAGROU, Els. Podem os grafismos ameríndios ser considerados quimeras abstratas? Uma reflexão sobre uma arte perspectivista. In: SEVERI, Carlo; LAGROU, Els (ed.). *Quimeras em diálogo*: grafismo e figuração nas artes indígenas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. p. 67-110.
- LEÓN-PORTILHA, Miguel. *Códices*: os antigos livros do Novo Mundo. Florianópolis: Ed. UFSC, 2012a.
- LEÓN-PORTILHA, Miguel. La riqueza semântica de los códices mesoamericanos. *Estudios de Cultura Náhuatl*, Ciudad de México, v. 43, p. 139-160, 2012b.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1957.
- LIMA, Tânia Stolze. O que é um corpo? *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 9-20, 2002.
- LOCKE, John. *Ensaio sobre o entendimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MACEDO, Silvia Lopes da Silva. Xamanizando a escrita: aspectos comunicativos da escrita ameríndia. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 509-528, 2009.
- MALDONADO-TORRES, Nelson, 2007. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (ed.). *El giro decolonial*. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2007. p. 127-167.
- MALLARMÉ, Stéphane. *Divagações*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2010.
- MARTINS, Leda. *Afrografias da memória, o reinado do rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras*, Santa Maria, v. 26, p. 63-81, 2003.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.
- MUSEO REGIONAL DE ANTROPOLOGÍA PALACIO CANTÓN. La palabra visible, escritura jeroglífica maya. [Exposición temporal]. Mérida: Instituto Nacional de Antropología e Historia, [2021].
- MUSSA, Alberto. *Meu destino é ser onça*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- NIMUENDAJU, Curt. Fragmentos de religião e tradição dos índios Sipáia. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 7, p. 3-47, jul. 1981.
- NOLA, Alfonso di. Livro. In: *ENCICLOPEDIA Einaudi*. v. 12. Mythos\Logos. Porto: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000. p. 215-242.
- OLSON, Hope A. Exclusivity, Teleology and Hierarchy: our Aristotelean Legacy. *Knowledge Organization*, Baden-Baden, v. 26, n. 2, p. 65-73, 1999.
- OTLET, Paul. *Traité de documentatation*: le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelas: Editiones Mundaneum, 1934.
- PAVÓN-CUÉLLAR, David. *Além da psicologia indígena*: concepções mesoamericanas da subjetividade. São Paulo: Perspectiva, 2022.
- PLATÃO. *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.
- PLATÃO. *Fedro ou Da Beleza*. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.
- PLATÃO. *Filebo, Timeo, Critias*. Madrid: Grecos, 1992.
- PLATÃO. *Teeteto e Crátilo*. Belém: Ed. UFPA, 1988.
- POMAR, Juan Bautista. *Relación de Texcoco y varias relaciones antiguas*. México: Salvador Chávez Hayhoe, 1964.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Abya Yala. In: SADER, Emir; JINKINGS, Ivana; NOBILE, Rodrigo; MARTINS, Carlos Eduardo (coord.). *Latinoamericana*: enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe. São Paulo: Boitempo, 2006. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>. Acesso em: 19 abr. 2023.
- ROSA, João Guimarães. Meu tio o Iauaretê. In: ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. v. 2, p. 744-769.
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. Os sistemas mesoamericanos de escritura. In: SANTOS, Eduardo Natalino dos; MARTINS, Cristiane B.; FRANÇA, Leila Maria. (org.). *História e arqueologia da América indígena*: tempos pré-colombianos e coloniais. Florianópolis: Ed. UFSC, 2017. p. 73-96.

SILVA, Denise Ferreira da. *Homo modernus*: para uma ideia global de raça. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

TAYLOR, Anne Christine; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Um corpo feito de olhares (Amazônia). *Revista de Antropologia*, São Paulo, [online], v. 62, n. 3, p. 769-818, 2019.

VAN VELTHEM, Lúcia Hussak. *O belo é a fera*: a estética da produção e da predação entre os Wayana. 1995. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, 1995.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A floresta de cristal: notas sobre a ontologia dos espíritos amazônicos. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 14/15, p. 319-338, 2006.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais*: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Ubu Editora, 2018a.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. *O que nos faz pensar*, Rio de Janeiro, v. 18, p. 225-254, 2004.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Rosa e Clarice: a fera e o fora. *Revista Letras*, Curitiba, v. 98, p. 9-30, jul/dez. 2018b.

NOTAS FINALES

1 Traducción: “Tenemos que crear un lugar aparte para América. Por supuesto, no está exenta de la dominación de los árboles y de la búsqueda de raíces. [...] Hay una diferencia entre el libro americano y el libro europeo, incluso cuando el libro americano sigue el ejemplo de los árboles. Diferencias en la concepción del libro: ‘Hojas de hierba’. Y dentro de América, no son siempre las mismas direcciones: al este está la búsqueda arborescente y el retorno al viejo mundo. Pero también el rizomático oeste, con sus indios sin abolengo, sus límites siempre esquivos, sus fronteras movilizadas y desplazadas. Todo un “mapa” americano en el oeste, donde hasta los árboles hacen rizomas. América ha invertido las direcciones: ha colocado su este en el oeste, como si la tierra se hubiera vuelto redonda precisamente en América; su oeste es la franja misma del este. (No es la India, como creía Haudricourt, el intermediario entre el oeste y el este, es América el pivote y el mecanismo de la inversión). La cantante americana Patti Smith canta la biblia del dentista americano: no busques la raíz, sigue el canal” (Deleuze; Guattari, 1995, v. 1, p. 40-41, traducción editorial).

2 Traducción: “ser-en-otro” / “para-sí” / “orificio existencial” / “Dígame, Señoría, ¿cuál es la impostación de la palabra? S. ¿cuál es la posición actual del problema ontológico?” / “Llegas muy tarde. Llegas demasiado tarde. En nuestra era de devoración universal, el problema no es ontológico, es odontológico” (Cândido, 1977, p. 72, traducción editorial).

3 Barbara Cassin (2017, p. 168), a propósito de las contraposiciones sofistas al sentido filosófico de lo real, propone un presupuesto logológico, visto en el psicoanálisis lacaniano contemporáneo, que dice: “a linguagem come o real”. De esta formulación semiofágica de la logología, como la expresión conceptual: antropofagia logológica. Traducción: “el lenguaje se come lo real” (Cassin, 2017, p. 168, traducción editorial).

4 Abya Yala significa Tierra Madura, Tierra Floreciente o Tierra Viva. Es una expresión de autodenominación del pueblo kuna para el continente americano, que se utiliza cada vez más para contrarrestar la denominación occidental de América, una expresión simbólica disociada del imaginario de los pueblos originarios (Porto-Gonçalves, 2006).

5 Traducción: “aparato libro-estado” (Deleuze; Guattari, 1995, v. 1, p. 25, traducción editorial).

6 Traducción: “arte de la gramática” (Aristóteles, 2007, p. 414, traducción editorial).

7 Traducción: “hacedores o artesanos de nombres” (Platão, 1988, p. 110, traducción editorial).

8 Las traducciones de la expresión aristotélica *grammateion* son señaladas por Alberto Magno en su traducción de *De Anima*, pero también en la *Summa Theologica* de Tomás de Aquino (cuestión 79), en la *Recherche de vérité* de Descartes y en los *Nuevos ensayos sobre el entendimiento humano* de Leibniz, como muestra Duschinsky (2012).

9 Traducción: “el cadáver oriental está en el libro” (Derrida, 2013, p. 276, traducción editorial).

10 Esta idea puede encontrarse en Plotino (2006, p. 405) cuando dice que la materia, y por tanto el libro, es “un cadáver adornado”. El “cadáver como emblema” puede encontrarse en los manierismos alegóricos del Barroco (Benjamin, 1984, p. 239-243) y también en el simbolismo libresco de Mallarmé (2010, p. 181): “a dobradura [livro] é um minúsculo túmulo da alma”. Traducción: “un cadáver adornado” (Plotino, 2006, p. 405, traducción editorial) / “cadáver como emblema” (Benjamin, 1984, p. 239-243, traducción editorial) / “el pliegue [libro] es una pequeña tumba del alma” (Mallarmé, 2010, p. 181, traducción editorial).

11 Psicopompo es una palabra que procede del griego *psychopompós*, una combinación de *psyche* (alma) y *pompós* (guía). En el caso de Hermes, es el dios que guía el alma de los muertos al otro(s) plano(s).

12 Thoth -el Hermes griego- era el escriba de la psicosis en el juicio de los muertos en el paraíso de Osiris.

13 “Na tradição árabe, a criação foi, por isto, assimilada a um acto de escrita e o intelecto agente ou poético, que ilumina o passivo e o faz passar ao acto, veio, por isto, a ser identificado com um anjo cujo nome é Pena (Qalam)” (Agamben, 2008, p. 15). Traducción: “En la tradición árabe, la creación se asimilaba así a un acto de escritura, y el agente o intelecto poético, que ilumina lo pasivo y lo hace pasar al acto, llegó así a identificarse con un ángel cuyo nombre es Pena (Qalam)” (Agamben, 2008, p. 15, traducción editorial).

14 Traducción: “¿No crees que la retórica es una psicagogía, un arte de conducir almas a través de la palabra, del discurso?” (Sócrates, 2000, p. 90, traducción editorial).

15 “Sócrates – O seu teor [do epitáfio] é este: ‘Virgem de bronze jazo, no sepulcro de Midas / Enquanto correr a água e as grandes árvores renovarem as folhas / De pé, sobre este túmulo onde faço meu pranto / Direi a todos os que passam: Aqui repousa Midas.’ Já terás notado que qualquer um destes versos pode ocupar, indiferentemente, o primeiro e o último lugar?” (Platão, 2000, p. 99). Traducción: “Sócrates - El contenido [del epitafio] es éste: ‘Virgen de bronce yazgo, en la tumba de Midas / Mientras corra el agua y los grandes árboles renueven sus hojas / De pie sobre esta tumba donde hago mi lamento / Diré a todos los que pasen: Aquí yace Midas. ¿Te has dado cuenta de que cualquiera de estos versos puede ocupar indiferentemente el primer o el último lugar?’ (Platón, 2000, p. 99, traducción editorial).

16 Traducción: “todo discurso debe formarse como un ser vivo” (Platão, 2000, p. 98- 99, traducción editorial).

17 Con la modernidad, esta condición epistemológica de conocer la inteligibilidad de la cosa se denominó teoría del conocimiento y la adquisición del conocimiento, por ejemplo, a partir de la teoría empirista de la tabula rasa de John Locke (1999), será impulsada por la mente y el corpus de experiencias adquiridas a partir de las impresiones informativas captadas por la percepción del mundo externo al sujeto.

18 En el contexto histórico y social platónico, los humanos de la polis eran los hombres libres. Para Platón, los humanos plenos son los aristócratas y, en determinadas condiciones, los metecos -una clase de artesanos, comerciantes, extranjeros admitidos en la polis, entre otros grupos incluidos entre la clase aristocrática y los esclavizados-. De este modo, dentro del gradiente de humanidad formulado por la democracia griega, los ciudadanos eran humanos de pleno derecho, un grupo minúsculo de hombres libres autorizados a realizar las transacciones de la polis. Para más información, véase Platón (Platão, 2017, p. 394).

19 En Atenas, los humanos inteligentes que eran convencidos o persuadidos por educadores y sofistas, individuos socialmente categorizados como disímiles, podían ser castigados con la muerte o la atimia, un dispositivo “republicano” de privación total o parcial de los derechos de los ciudadanos (Platão, 2017, p. 280).

20 Traducción: “tercer mundo”/ “oscuro”/ “ilegítimo”/ “inteligibilidad bastarda” (Platão, 1992, p. 202-204, traducción editorial).

21 Traducción: “dar a las cosas un fundamento” (Deleuze, 2006, p. 369, traducción editorial).

22 Traducción: “la tabla de escritura en la que nada está escrito” (Aristóteles, 2010, p. 116, traducción editorial).

23 Giorgio Agamben tiene una interpretación disidente del grammateion del canon occidental. Este texto se asocia a esta interpretación. Agamben dice (2008, p. 13): “A mente é, então, não uma coisa, mas um ser de pura potência e a imagem da tabuinha de escrever, sobre a qual nada está ainda escrito, serve precisamente para representar o modo de ser uma pura potência. Toda a potência de ser ou de fazer qualquer coisa é, de facto, para Aristóteles, sempre também potência de não ser ou de não fazer (dynamis mê einai, mê energêin), sem a qual a potência passaria já sempre ao ato e se confundiría com ele. [...] O pensamento existe como uma potência de pensar e de não pensar, como uma tabuinha encerada sobre a qual nada ainda está escrito (o intelecto possível dos filósofos medievais). E, assim como o estrato de cera sensível é num instante grafada pelo estilete do escriba, assim a potência do pensamento, que em si não é coisa alguma, deixa que advenha o ato da inteligência.” Traducción: “La mente, pues, no es una cosa, sino un ser de pura potencia, y la imagen de la tablilla de escritura, en la que todavía no se ha escrito nada, sirve precisamente para representar el modo de ser de una pura potencia. Para Aristóteles, toda potencia de ser o de hacer algo es siempre también una potencia de no ser o de no hacer (dynamis mê einai, mê energêin), sin la cual la potencia pasaría siempre al acto y se confundiría con él. [...] El pensamiento existe como potencia de pensar y de no pensar, como una tablilla encerada en la que aún no se ha escrito nada (el intelecto posible de los filósofos medievales). Y así como la capa de cera sensible es grabada en un instante por el estilete del escriba, así el poder del pensamiento, que en sí mismo no es nada, permite que surja el acto de la inteligencia.” (Agamben, 2008, p. 13, traducción editorial).

24 Barbara Cassin (2005) llamó a este principio aristotélico la decisión de sentido. La formulación aristotélica completa puede encontrarse en el libro *Metaphysics* (2002).

25 La Suda (siglo X d.C.), en la entrada dedicada a Aristóteles, escribió: *Aristotles tês physeos grammateüs ên, tôn kálamon apobréchon eis noûn*. En la traducción de Giorgio Agamben (2013, p. 23): “Aristóteles era o escrivão da natureza, que molhava a pena no pensamento”. Traducción: “Aristóteles fue el escriba de la naturaleza, que mojó su pluma en el pensamiento” (Agamben, 2013, p. 23, traducción editorial).

26 “A essas inscrições e palimpsestos performáticos, grafados pela voz e pelo corpo, denominei oralitura, matizando na noção deste termo a singular inscrição cultural que, como letra (littera) cliva a enunciação do sujeito e de sua coletividade, sublinhando ainda no termo seu valor de litura, rasura da linguagem, alteração significante, constitutiva da alteridade dos sujeitos, das culturas e de suas representações simbólicas” (Martins, 2003, p. 77). Traducción: “Llamé a estas inscripciones y palimpsestos performativos, escritos por la voz y el cuerpo, oralitura [lectura oral], destacando en la noción de este término la inscripción cultural singular que, como letra (littera), hiende la enunciación del sujeto y su colectividad, subrayando también en el término su valor de litura, borradura del lenguaje, alteración significativa, constitutiva de la alteridad de los sujetos, de las culturas y de sus representaciones simbólicas” (Martins, 2003, p. 77, traducción editorial).

27 “Se se deixa de entender a escritura em seu sentido estrito de notação linear e fonética, deve-se poder dizer que toda sociedade capaz de produzir, isto é, de obliterar seus nomes próprios e de jogar com a diferença classificatória, pratica a escritura em geral. A expressão de ‘sociedade sem escritura’ não corresponderia, pois, nenhuma realidade nem nenhum conceito. Esta expressão provém do onirismo etnocêntrico, abusando do conceito vulgar, isto é, etnocêntrico, da escritura. O desprezo pela escritura, notemos de passagem, acomoda-se muito bem com este etnocentrismo. Aí há apenas um paradoxo aparente, uma destas contradições onde se profere e se efetiva um desejo perfeitamente coerente. Num único e mesmo gesto, despreza-se a escritura (alfabética), instrumento servil de uma fala que sonha com sua plenitude e com sua presença a si, e recusa-se a dignidade de escritura aos signos não-alfabéticos” (Derrida, 2013, p. 136). Traducción: “Si dejamos de entender la escritura en su sentido estricto de notación lineal y fonética, deberíamos poder decir que toda sociedad capaz

de producir, es decir, de borrar sus propios nombres y jugar con la diferencia clasificatoria, practica la escritura en general. Por lo tanto, la expresión “sociedad sin escritura” no correspondería a ninguna realidad ni concepto. Esta expresión procede del onirismo etnocéntrico, abusando del concepto vulgar, es decir, etnocéntrico, de escritura. El desprecio de la escritura, observémoslo de paso, encaja muy bien con este etnocentrismo. No hay aquí más que una paradoja aparente, una de esas contradicciones en las que se expresa y se realiza un deseo perfectamente coherente. En un mismo gesto, se desprecia la escritura (alfabética), instrumento servil de un habla que sueña con su plenitud y su presencia para sí, y se niega la dignidad de la escritura a los signos no alfabéticos” (Derrida, 2013, p. 136, traducción editorial).

28 Traducción: “La escritura Baniwa siempre ha existido” (Baniwa, 2021, p. 1, traducción editorial).

29 Traducción: “no es significar una infinidad de cosas, de lo contrario no habría discurso” / “No significar una sola cosa es no significar nada en absoluto” / “no se puede pensar en nada sin pensar en algo único” / “no dice nada (an de mēthen), no sostiene ningún discurso (ton mēthenos ekhonta logon)” / “tal hombre es como una planta” / “hablar por hablar” (Aristóteles, 2002, p. 145-147, traducción editorial).

30 Sobre la relación umbilical entre las prácticas bibliotecarias y el arte de la gramática, véase el texto *De la biblioteca a la gramática: el paradigma de la acumulación*, de Marc Baratin (2000).

31 Traducción: “misántropo escepticismo colonial y racial” (Maldonado-Torres, 2007, p. 136, traducción editorial).

32 “Que o acesso ao signo escrito garanta o poder sagrado de fazer perseverar a existência no rastro e de conhecer a estrutura geral do universo; que todos os cleros, exercendo ou não um poder político, se tenham constituído ao mesmo tempo que a escritura e pela disposição da potência gráfica; que a estratégia, a balística, a diplomacia, a agricultura, a fiscalidade, o direito penal, se liguem em sua história e na sua estrutura à constituição da escritura; que a origem atribuída à escritura o tenha sido segundo esquemas ou cadeias de mitemas sempre análogos nas mais diversas culturas e que tenha comunicado, de maneira complexa mas regulada, com a distribuição do poder político assim como com a estrutura familiar; que a possibilidade da capitalização e da organização político-administrativa tenha sempre passado pela mão dos escribas que anotaram o que esteve em jogo em numerosas guerras e cuja função foi sempre irredutível, qualquer que fosse o desfile das delegações nas quais se pôde vê-la à obra; que, através das defasagens, das desigualdades de desenvolvimento, do jogo das permanências, dos atrasos, das difusões etc., permaneça irredutível a solidariedade entre os sistemas ideológico, religioso, científico-técnico etc., e os sistemas de escritura que foram, portanto, mais que, e outra coisa que, ‘meios de comunicação’ ou veículos do significado; que o sentido mesmo do poder e da eficácia em geral, que não pôde aparecer enquanto tal, enquanto sentido e dominação (por idealização), senão com o poder dito ‘simbólico’, tenha sido sempre ligado à disposição da escritura; que a economia monetária ou pré-monetária, e o cálculo gráfico sejam co-originaários, que não haja direito sem possibilidade de rastro” (Derrida, 2013, p. 117). Traducción: “Que el acceso al signo escrito garantiza el poder sagrado de hacer perseverar la existencia en el trazo y de conocer la estructura general del universo; que todo el clero, ejerza o no el poder político, se constituyó al mismo tiempo que la escritura y por la disposición del poder gráfico; que la estrategia, la balística, la diplomacia, la agricultura, la fiscalidad, el derecho penal, están ligados en su historia y estructura a la constitución de la escritura; que el origen atribuido a la escritura ha sido según esquemas o cadenas de mitemas siempre similares en las más diversas culturas y que se ha comunicado, de forma compleja pero regulada, con la distribución del poder político así como con la estructura familiar; que la posibilidad de capitalización y de organización político-administrativa ha pasado siempre por las manos de escribas que escribían lo que estaba en juego en numerosas guerras y cuyo papel era siempre irreductible, cualquiera que fuera el desfile de delegaciones en las que se les pudiera ver trabajar; que, a través de los desfases, las desigualdades en el desarrollo, el juego de permanencias, retrasos, difusiones, etc., la solidaridad entre los sistemas ideológicos, religiosos, científico-técnicos, etc. sigue siendo irreductible, y los sistemas de escritura que, por lo tanto, eran más que, y otra cosa que, ‘medios de comunicación’ o vehículos de sentido; que el sentido mismo del poder y de la eficacia en general, que no podía aparecer como tal, como sentido y dominación (por idealización), sino con el llamado poder ‘simbólico’, ha estado siempre ligado a la disposición de la escritura; que la economía monetaria o pre-monetaria y el cálculo gráfico son co-originaários, que no hay derecho sin posibilidad de huella” (Derrida, 2013, p. 117, traducción editorial).

33 Traducción: “La idea del libro es la idea de una totalidad, finita o infinita, del significante; esta totalidad del significante sólo puede ser lo que es, una totalidad, si una totalidad constituida del significante la preexiste, velando por su inscripción y sus signos, independientemente de ella en su idealidad. La idea del libro, que remite siempre a una totalidad natural, es profundamente ajena al sentido de la escritura. Es la protección enciclopédica de la teología y del logocentrismo contra el trastorno de la escritura, contra su energía aforística y contra la diferencia en general” (Derrida, 2013, p. 21, traducción editorial).

34 Traducción: “el logocentrismo es una metafísica etnocéntrica” (Derrida, 2013, p. 98, traducción editorial).

35 Traducción: “la función primordial de la comunicación escrita es facilitar la servidumbre” (Claude Lévi-Strauss, 1957, p. 318, traducción editorial).

36 Traducción: “la naturaleza del sentido es ser totalitario, es decir, reducir a sí mismo todo lo que no es él” (Cassin, 2005, p. 84-85, traducción editorial).

37 Traducción: “sin trabajo, ese ser vivo que, aunque humano, está excluido de la humanidad -y, por esta exclusión, incluido en ella- para que los hombres puedan tener una vida humana, es decir, política” (Agamben, 2017, p. 41, traducción editorial).

38 Traducción: “no hay culturas ágrafas” (Martins, 2003, p. 78, traducción editorial).

39 Traducción: “Le pregunté a un hombre qué era la Ley. Me respondió que era la garantía del ejercicio de la posibilidad. Ese hombre se llamaba Galli Mathias. Me lo comí” / “Magia y vida. Teníamos la relación y la distribución de los bienes físicos, de los bienes morales y de los bienes dignos. Y sabíamos superar el misterio y la muerte con la ayuda de unas cuantas formas gramaticales” (Andrade, 2011, p. 70-71, traducción editorial).

40 Traducción: “Tal vez la magia estaba escrita en mi rostro, tal vez yo mismo era el objetivo de mi búsqueda. Estaba en esta búsqueda cuando recordé que el jaguar era uno de los atributos del dios. Entonces mi alma se llenó de piedad. Imaginé la primera mañana del tiempo, imaginé a mi dios confiando el mensaje a la piel viva de los jaguares, que se amarían y darían a luz sin cesar, en cuevas, en juncos, en islas, para que los últimos hombres pudieran recibirlo. Imaginé esta red de tigres, este laberinto ardiente de tigres, causando el horror en las praderas y en los rebaños para preservar un dibujo. [...] Pasé muchos años aprendiendo el orden y la configuración de las manchas. Cada viaje a ciegas me proporcionaba un instante de luz, y así conseguí fijar en mi mente las formas negras que marcaban el pelaje amarillo. Algunas incluían puntos; otras formaban rayas transversales en el interior de las patas; otras, anulares, se repetían. Tal vez fueran el mismo sonido o la misma palabra. Muchas tenían bordes rojos” (Borges, 2008, p. 106-107, traducción editorial).

41 Traducción: “el libro [amerindio] es una realidad maravillosa en los universos de los hombres y de los dioses” (León-Portilla, 2012a, p. 86, traducción editorial).

42 Traducción: “Una numerosa banda de demonios puebla los bosques, ríos y cielos de la tierra de Sipáia. [...] Los indios no los consideran seres sobrenaturales, en nuestro sentido del término, por la sencilla razón de que para ellos no hay nada sobrenatural. Para los indios, lo que cuenta es la mayor o menor actividad de un poder mágico inmanente a todos los seres, y si alguien es capaz de producir algo que a los demás les parece prodigioso. Lo extraordinario no tiene límites: todo es sencillamente posible y natural.” (Nimuedaju, 1981, p. 18, traducción editorial).

43 “Hence, the Adujo biri come to epitomise a whole philosophy of origins and social practice, in which the jaguar features large as both founding father and the sky spirit embattled with sun and moon” (Brotherson, 2001, p. 246-247). / Traducción: “De ahí que los biri de Adujo lleguen a personificar toda una filosofía de los orígenes y la práctica social, en la que el jaguar ocupa un lugar destacado como padre fundador y espíritu del cielo en lucha con el sol y la luna” (Brotherson, 2001, p. 246-247, traducción editorial).

44 Traducción: “los arañazos [escritura] son los chiná-kene de los nawa-rasí [no indios]. El nawa-rasí papirí kene [el papel kene de los no indios] es la escritura” (Franchetto, 2018, v. 1, p. 94, traducción editorial).

45 Traducción: “es ella [la piel] la que actúa como principio de individuación y la que subyace a la transformación interespecífica de la que hablan los mitos y los discursos chamánicos: es posible que un hombre se transforme en jaguar o en guacamayo en la medida en que es posible ponerse otra piel” (Lima, 2002, p. 12-13, traducción editorial).

46 Traducción: “Estaríamos pues ante una “condensación visual” [...] Tendríamos la condensación de diversos “ropajes” sobre un único soporte, el cuerpo del hombre. Tendríamos entonces un hombre (según su punto de vista y el de su sociedad), cuya piel es el soporte de grafismos (de motivos agentivos que son la imagen -o parte de la imagen- de otros seres según sus puntos de vista), viendo realizado en él el poder agentivo de la transformación gráfica, es decir, la realización del proceso de metamorfosis a través de la superposición y condensación de imágenes” (Macedo, 2009, p. 518, traducción editorial).

47 Entre los amerindios, los sistemas gráficos se asocian sistemáticamente a la escritura más que a la figuración. Las figuras ocultas en los grafismos parecen ser efectos secundarios de una lógica gráfica propia, cuyo principal interés son las relaciones entre las líneas, más que un fin en sí mismo (Lagrou, 2013).

48 Una relación similar fue narrada por Derrida (2013, p. 99) cuando describió el encuentro entre los europeos etnocéntricos y la escritura china, clasificada como “uma espécie de alucinação”. Traducción: “una especie de alucinación” (Derrida, 2013, p. 99, traducción editorial).

49 “Trata-se da concepção, comum a muitos povos do continente, segundo a qual o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não-humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos. [...] Tipicamente, os humanos, em condições normais, veem os humanos como humanos e os animais como animais; quanto aos espíritos, ver estes seres usualmente invisíveis é um signo seguro de que as ‘condições’ não são normais. Os animais predadores e os espíritos, entretanto, veem os humanos como animais de presa, ao passo que os animais de presa veem os humanos como espíritos ou como animais predadores. [...] Vendo-nos como não-humanos, é a si mesmos que os animais e espíritos veem como humanos. Eles se apreendem como, ou se tornam, antropomorfos quando estão em suas próprias casas ou aldeias, e experimentam seus próprios hábitos e características sob a espécie da cultura: veem seu alimento como alimento humano (os jaguares veem o sangue como cauí, os mortos veem os grilos como peixes, os urubus veem os vermes da carne podre como peixe assado etc.), seus atributos corporais (pelagem, plumas, garras, bicos etc.) como adornos ou instrumentos culturais, seu sistema social como organizado idênticamente às instituições humanas (com chefes, xamãs, ritos, regras de casamento etc.). Esse ‘ver como’ refere-se literalmente a perceptos, e não analogicamente a conceitos, ainda que, em alguns casos, a ênfase seja mais no aspecto categorial que sensorial do fenômeno; de qualquer modo, os xamãs, mestres do esquematismo cósmico dedicados a comunicar e administrar as perspectivas cruzadas, estão sempre

aí para tornar sensíveis os conceitos ou inteligíveis as intuições. Em suma, os animais são gente, ou se veem como pessoas” (Viveiros de Castro, 2004, p.225-227). Traducción: “Se trata de la concepción, común a muchos pueblos del continente, según la cual el mundo está habitado por diferentes tipos de sujetos o personas, humanas y no humanas, que lo aprehenden desde diferentes puntos de vista. [...] Normalmente, los humanos, en condiciones normales, ven a los humanos como humanos y a los animales como animales; en cuanto a los espíritus, ver a estos seres, normalmente invisibles, es una señal segura de que las «condiciones» no son normales. Los animales depredadores y los espíritus, sin embargo, ven a los humanos como animales de presa, mientras que los animales de presa ven a los humanos como espíritus o como animales depredadores. [...] Al vernos como no humanos, son ellos mismos los que los animales y los espíritus ven como humanos. Se aprehenden a sí mismos como, o se convierten en, antropomorfos cuando están en sus propias casas o aldeas, y experimentan sus propios hábitos y características bajo las especies de la cultura: ven su comida como comida humana (los jaguares ven la sangre como cauim, los muertos ven los grillos como pescado, los buitres ven los gusanos de carne podrida como pescado asado, etc.), sus atributos corporales (pelaje, pelo, etc.) como comida humana, sus atributos corporales (pelaje, plumas, garras, picos, etc.) como adornos o instrumentos culturales, su sistema social como organizado de forma idéntica a las instituciones humanas (con jefes, chamanes, ritos, reglas matrimoniales, etc.). Este «ver como» se refiere literalmente a las percepciones, y no analógicamente a los conceptos, aunque en algunos casos se haga más hincapié en el aspecto categórico que en el sensorial del fenómeno; en cualquier caso, los chamanes, maestros del esquematismo cósmico dedicados a comunicar y gestionar perspectivas cruzadas, siempre están ahí para hacer sensatos los conceptos o inteligibles las intuciones. En resumen, los animales son personas, o se ven a sí mismos como personas” (Viveiros de Castro, 2004, p. 225- 227, traducción editorial).

50 “Em resumo, pessoas, carniça, vermes, urubus, mas também rio, pedra e assim por diante, existem antes de tudo como perspectivas humanas e, enquanto tais, são corpos fundamentalmente distintos em outras perspectivas” (Lima, 2002, p. 13-14). Traducción: “En resumen, la gente, la carroña, los gusanos, los buitres, pero también el río, la piedra, etcétera, existen ante todo como perspectivas humanas y, como tales, son cuerpos fundamentalmente distintos de otras perspectivas” (Lima, 2002, p. 13-14, traducción editorial). Un relato indígena multinaturalista, complementario a este otro sentido, es el de Ailton Krenak (2019) cuando dice que todo es naturaleza, todo lo que puede pensar es naturaleza: los paisajes tienen sentido - el río canta, baila y se alegra con los seres que comparten la vida con él. El río es el abuelo Krenak.

51 Traducción: “de repente, eh, yo oncei...” (Guimarães Rosa, 2017, v. 2, p. 767, traducción editorial).

52 Traducción: “un libro solo existe para el exterior y en el exterior” (Deleuze; Guattari, 1995, v. 1, p. 18, traducción editorial).

53 Traducción: “piel de imágenes” (Kopenawa; Albert, 2015, p. 66, traducción editorial).

54 Vaso maya policromo, período Clásico Tardío (750-800 d.C.). El códice de cerámica representa a un ah ts’ib, pintor-escritor maya, con un libro en la mano, enseñando a sus discípulos el arte de la escritura.

55 Traducción: “el geógrafo, el descifrador, el traductor” (Cunha, 2017, p. 114, traducción editorial).

56 Traducción: “si el concepto de espíritu designa esencialmente una población de afectos moleculares, una multiplicidad intensiva, lo mismo se aplica al chamán” / “un ser múltiple, una micropoblación de agencias chamánicas alojadas en un cuerpo” (Viveiros de Castro, 2006, p. 322, traducción editorial).

57 Otros modos relacionales de los dibujos corporales son su ausencia o exceso, como índices de reclusión. No pintar o pintar en exceso los cuerpos es una forma de volverse invisible a los ojos de los demás, como señalan Anne Christine Taylor y Eduardo Viveiros de Castro (2019).

58 Traducción: “el término xapiripë también se refiere a los chamanes humanos, y la expresión «convertirse en chamán» es sinónimo de «convertirse en espíritu», xapiri-pru” (Viveiros de Castro, 2006, p. 321, traducción editorial).

59 Traducción: “escritura y grafismo se denominan con los mismos términos: kusiwa, ekosiware, palabras que describen grafismos, dibujos, decoraciones y escritura. Kusiwa significa literalmente camino, un camino que se llama «el camino del riesgo» (Macedo, 2009, p. 512, traducción editorial).

60 En la mano derecha sostiene un pincel. En la izquierda sostiene un cucharón que servía de tintero para las tintas negra y roja que deletreaban los libros. El papel de amate (una especie de higuera) sale por la lengua, que simboliza tanto la capacidad oral como la escrita (lectura oral) de matizar y divinizar las cosas del mundo.

61 Traducción: “Al principio del mundo, había una gran pila de libros y cada pueblo sacaba su volumen específico. Los Kapon fueron los últimos en sacarlo: ya no tenían libros enteros, sino sólo las hojas que caían de los volúmenes al retirarlos. La reunión de todas estas hojas dio lugar al libro Kapon” (Cesarino, 2012, p. 125, traducción editorial).

62 Se trata de un poema oral realizado por un forjador anónimo de cantos históricos (poeta nahua) para el dios Quetzalcóatl y registrado en símbolos occidentales por Miguel León-Portilla.

63 Traducción: “Con flores, dador de vida, \ con cantos das color, \ con cantos sombras \ a los que vivirán en la tierra.\ Entonces acabas con águilas y jaguares. \ Sólo en tu libro de pinturas vivimos \ en la tierra. \ Con tinta negra borrarás \ lo que fue hermandad, \ comunidad, nobleza. \ Sombras a los que vivirán en la tierra. \ Sólo en tu libro de pinturas vivimos, \ aquí en la tierra” (León-Portilla, 2012a, p. 87, traducción editorial).

64 Traducción: “Y sin embargo, frente a la opresión, el saqueo y el abandono, nuestra respuesta [latinoamericana] es la vida. Ni los diluvios, ni las pestes, ni las hambrunas, ni los cataclismos, ni siquiera las guerras eternas a través de siglos y siglos han podido reducir la tenaz ventaja de la vida sobre la muerte” (García Márquez, 2019, p. 34, traducción editorial).

65 “Os índios antigos esconderam esses papéis para que não lhes tirassem os espanhóis, quando entraram na cidade e nas terras e ficaram perdidos [os livros], pela morte dos que os esconderam, ou porque os religiosos e o bispo primeiro, Don Juan de Zumárraga, os queimaram, com outros muitos, de muita importância para saber as coisas antigas desta terra, porque como todas elas [as pinturas] eram figuras e caracteres que representavam animais racionais ou irracionais, ervas, árvores, pedras, montes, água, serras e outras coisas desse tom, entenderam que era demonstração de superstição idólatrica; e assim queimaram quantos puderam ter nas mãos que, se não tivessem sido diligentes alguns índios curiosos em esconder parte desses papéis e histórias, não teria, agora, deles ainda a informação que temos” (Torquemada, 1975 apud León-Portilla, 2012a, p. 65). Traducción: “Los indios antiguos escondieron estos papeles para que los españoles no se los quitaran cuando entraron en la ciudad y en las tierras, y se perdieron [los libros] por la muerte de los que los escondieron, o porque los religiosos y el primer obispo, don Juan de Zumárraga, los quemaron, junto con otros muchos, Como todas ellas [las pinturas] eran figuras y personajes que representaban animales racionales o irracionales, hierbas, árboles, rocas, montañas, aguas, montes y otras cosas de esa naturaleza, entendieron que era una demostración de superstición idólatrica; Y así quemaron cuantos cayeron en sus manos, y si no hubiera sido por la diligencia de algunos indios curiosos en esconder algunos de estos papeles e historias, no tendríamos aún la información que ahora tenemos sobre ellos” (Torquemada, 1975 apud León-Portilla, 2012a, p. 65, traducción editorial).

66 “Faltam suas pinturas, nas que tinham suas histórias, porque, no tempo em que o Marquês do Vale, Dom Hernando Cortés, com os demais conquistadores entraram por primeira vez nela [em Tezcoco], as queimaram nas casas reais de Nezahualpilli, em um grande aposento que era o arquivo geral de seus papéis, no qual estavam pintadas todas as suas coisas antigas, pelo que, hoje em dia, choram seus descendentes, com muito sentimento, por terem ficado às escuras, sem notícia nem memória dos fatos de seus antepassados” (Pomar, 1964, p. 153). Traducción: “Faltan sus pinturas, las que tenían sus historias, porque en la época en que el Marqués del Valle, Don Hernando Cortés, con los demás conquistadores entraron por primera vez en ella [Tezcoco], las quemaron en las casas reales de Nezahualpilli, en un gran cuarto que era el archivo general de sus papeles, en el cual estaban pintadas todas sus cosas antiguas, por lo cual, hoy lloran sus descendentes, con gran sentimiento, por haber quedado en la oscuridad, sin noticia ni memoria de los hechos de sus antepasados” (Pomar, 1964, p. 153, traducción editorial).

67 “Os amoxtlí eram, na verdade, tlilli, tlapalli, ou tinta negra, tinta vermelha, isto é, símbolos do poder. O sacerdote Quetzalcóatl quis, enfim, alcançar essa sabedoria quando desapareceu, encaminhando-se a Tlillan, Tlapallan, o Lugar das Cores Negra e Vermelha, uma primordial Amoxtlapan, situada no Oriente, para além das águas imensas” (León-Portilla, 2012a, p. 60). Traducción: “Los amoxtlí eran, en realidad, tlilli, tlapalli, o tinta negra, tinta roja, es decir, símbolos de poder. El sacerdote Quetzalcóatl quiso finalmente alcanzar esta sabiduría cuando desapareció y se dirigió a Tlillan, Tlapallan, el Lugar de los Colores Negro y Rojo, un Amoxtlapan primordial, situado en el Oriente, más allá de las inmensas aguas” (León-Portilla, 2012a, p. 60, traducción editorial).

68 Los mayas llamaban a los escribas pintores dzibob (como los libros), los mixtecos los llamaban ah ts'ib, los quichés usan la palabra vuh (o wuj) para libro y los yucatecos llamaban amate al papel -hecho de fibra de higuera- y huun al libro (Santos, 2017).

69 “Cuida de la tinta negra y roja, los libros, las pinturas, colócate, junto y al lado del que es prudente, del que es sabio. [...] El sabio: una luz, una tea, una gruesa tea que no ahuma. Un espejo horadado, un espejo agujerado por ambos lados. Suya es la tinta negra y roja, de él son los códices, de él son los códices. Él mismo es escritura y sabiduría” (León-Portilla, 2012b, p. 146-148, traducción editorial).

70 Traducción: “las cosas tienen vida propia, todo es cuestión de despertarles el alma” (García Márquez, 2006, p. 7-8, traducción editorial).

71 Conceptos similares a teyolía son yolo, de los nahuas contemporáneos, mintsita, de la cultura p'urhépecha de Michoacán, y ool, de la cultura maya de Yucatán (Pavón-Cuéllar, 2022).